



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

MARIA DE FÁTIMA SOPAS ROCHA

**“A CADA CANTO SEU ESPRITO SANTO” – DIVERSIDADE E UNIDADE NA
TERMINOLOGIA DA FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO**

Fortaleza

2013

MARIA DE FÁTIMA SOPAS ROCHA

**“A CADA CANTO SEU ESPRITO SANTO” – DIVERSIDADE E UNIDADE NA
TERMINOLOGIA DA FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Linguística.
Área de concentração: Linguística

Orientador: Prof^a. Dr^a. Maria do Socorro Silva
de Aragão

FORTALEZA

2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências Humanas

-
- R574a Rocha, Maria de Fátima Sopas.
 “A cada canto seu espírito santo” – diversidade e unidade na terminologia da festa do Divino Espírito Santo / Maria de Fátima Sopas Rocha. – 2013.
 425 f. : il. color., enc. ; 30 cm.
- Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2013.
 Área de Concentração: Linguística.
 Orientação: Profa. Dra. Maria do Socorro Silva de Aragão.
- 1.Festa do Divino – Maranhão – Terminologia. 2.Festa do Divino – Portugal – Terminologia.
 3.Festas religiosas – Igreja católica. 4.Festas religiosas – Maranhão. 5.Festas religiosas – Portugal.
 6.Festas folclóricas – Maranhão. 7.Festas folclóricas – Portugal. 8.Língua portuguesa – Vocabulários, glossários, etc. I.Título.
-

CDD 394.26603

MARIA DE FÁTIMA SOPAS ROCHA

**“A CADA CANTO SEU ESPRITO SANTO” – DIVERSIDADE E UNIDADE NA
TERMINOLOGIA DA FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Linguística. Área de concentração: Linguística.

Aprovada em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Maria do Socorro Silva de Aragão
Orientadora/Presidente

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^a. Dr^a. Maria Aparecida Barbosa
Universidade de São Paulo (USP)

Prof. Dr. Antônio Luciano Pontes
Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN)

Prof^a. Dr^a. Aluiza Alves de Araújo
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Prof^a. Dr^a. Maria Elias Soares
Universidade Federal do Ceará (UFC)

*Pela água do rio
Que é sem fim
E é nunca mais.*

Chico Buarque e Dominginhos



Aos meus pais

Ao meu pai, cujos piparotes prometidos e nunca concretizados (afinal, como seria um piparote?) me fizeram alçar voos que nunca imaginei possíveis. Vejo-o rodeado de livros, ouvindo música e planejando como multiplicar os jardins celestes.

À minha mãe, exemplo de coragem e ternura, que imagino no céu, rodeada de anjos, adoçando-lhes a boquinha com seus bolos confeitados, e bordando nuvens com flores em cores delicadas e refinadas, como *bois de rose* e azul *pervenche*.

A eles devo, além do amor incondicional, o prazer de ler, o gosto pelas coisas bem feitas, o amor a bichos e plantas e o sentido pleno do que é ser e manter unida uma FAMÍLIA.

*He was my North, my South, my East and West,
My working week and my Sunday rest,
My noon, my midnight, my talk, my song;
I thought that love would last forever: I was wrong.*
(Funeral Blues) W. H. Auden

A Júnior, meu amor, marido, amigo e companheiro

Desde o começo, foi por ti e para ti que iniciei tão tardiamente esta caminhada. Seria uma forma de te agradecer tudo o que me deste: um novo país onde entrelaçamos nossas vidas e onde me fizeste fincar raízes, a mim, a estrangeira, que se sentiu finalmente em porto seguro, depois de tantas e atribuladas viagens; uma cidade, que me garantiste, muito tempo antes, que esperava por mim, e onde reencontrei a minha própria cidade; uma casa, que construístes ao meu jeito, e que me ajudaste a transformar no nosso lar e em referência de alegria para a infância dos nossos filhos, sobrinhos e netos; a árvore, que nos simboliza, com a copa imensa para abrigar quem precisou de nós e raízes e tronco fortes, inabaláveis e perenes, como a história de amor que construímos; o maior de todos os presentes, uma família, ao fazeres de mim mãe e avó.

Agradeço-te até esta saudade dolorosa que me deixaste, que não tenho palavras que exprimam, mas que prova que tudo o que vivemos, como repetíamos, brincando, a cada aniversário de casamento, valeu a pena.

Nas minhas leituras, encontro a cada instante, frases que dizem, melhor do que eu saberia, o que sinto agora. Depois de mais de quarenta anos de vida juntos, vivendo a *desumanidade de perder quem não se pode perder (valter hugo mãe)*, entendi o que significava a frase que sempre me impressionou: *Si tu es mort, c'est douleur que je vive (Tristan et Yseut)*.

Mas é em Paul McCartney, que marcou a nossa juventude, que encontro o que melhor traduz o que me sustenta agora:

*And when I go away
I know my heart can stay with my love
It's understood.
(My Love) Paul McCartne*

AOS MEUS MENINOS

Durante muito tempo acreditei que os meus meninos eram três, ou seis, mas eram mais...

Os meus meninos são muitos, pertencem a muitas gerações diferentes – alguns têm quase a minha idade – mas são e serão sempre os meus meninos: irmãos, filhos, netos, sobrinhos e sobrinhos-netos.

Os meus meninos são os meus irmãos, Olga (e Alexandre), Lúcia, Sérgio (e Célia), Charmene (e Wagner), que não me cobram nada, mas me veem tão melhor do que sou, que me obrigam a melhorar para tentar corresponder a essa imagem.

Os meus meninos são os meus filhos – Rochinha, Luciana e Carolina e os que eles me deram - Adrienne e Rodrigo - e são também Cláudia, Alexandre e Luísa e Rodrigo, Manuela e Luís; os meus filhos multiplicam-se, e com eles os netos, e meu amor por eles parece aumentar a cada dia, apesar das eventuais caras feias, respostas tortas e resmungos da velhice e do cansaço. As conquistas deles são motivo de orgulho e alegria e, vaidosamente, quero acreditar que o meu exemplo de estudante idosa ajudou a decisão de continuarem também os seus estudos.

Os meus meninos são os meus netos, os legítimos e os nem tanto. Davi, meu primeiro neto, que veio pra me ensinar, mesmo de longe, a substituir o insubstituível: uma avó pós-graduada em amor; Gabriel e Rafael, generosamente partilhados, João, neto por opção e sempre solidário e preocupado com a solidão desta avó, e as maiores razões do meu viver - Clara, a minha princesinha/monstrinha carinhosa, de sorriso que aquece a minha alma e me faz esquecer tudo o que não é belo e puro como ela, Tino, o meu guerreiro estelar querido que, sempre que convocado – Terra para Tino – me enche de beijos e abraços e agora Alice e suas dobrinhas e covinhas, sempre de sorriso radiante de dois dentinhos e bracinhos estirados, quando vê a vovó. Tantos sorrisos rasgados, tantos pedidos de colo, tantos dedinhos estendidos para pedir um pouco de glacê. Eles vêm adoçando a minha vida, uma geração após a outra.

Os meus meninos são os meus sobrinhos, muitos sobrinhos, e seus filhos, outros tantos netos, com seus sorrisos, seus carinhos, seus pedidos de pratos e gulodices, suas saudades da infância aqui em casa, seus bilhetinhos deixados pela casa, na minha ausência, suas mensagens carinhosas em datas dolorosas. Para eles fui tia Sápa, tia Sáta, tia Batman, tia Fáma, tia Pata. E à medida que vão crescendo, em todos os bons sentidos, vão substituindo os

apelidos que me deram, passei a Fatófolis, Mãedrinha e Papa-capim, mas continuam confiando em mim, com outros pedidos: a companhia no nascimento dos filhos, a leitura de um plano de trabalho de mestrado, um roteiro de viagem, a tradução de uma frase. E desculpam-se por me darem trabalho sem acreditarem que só me dão prazer.

Mas não é só. Tenho ainda outros meninos, meninos do ALiMA, alunos e ex-alunos que me mandam mensagens carinhosas ou fazem chegar aos meus ouvidos que se lembram de mim com saudade, que marquei, de alguma forma, as suas vidas.

E diante de tanto carinho que não sei se mereço, reconheço que devo a vocês todos ter chegado ao fim deste caminho. É para vocês também esta tese, porque vocês, meus muitos meninos, fizeram tudo valer a pena...

AGRADECIMENTOS

Ao Divino Espírito Santo, que parece acreditar que os meus limites – de tempo, de competência, de tolerância, de paciência – sempre podem ser ampliados e me emprestou suas asas para transpor obstáculos e sua paz para suportar desafios.

À minha família, que certamente foi a mais prejudicada com os meus isolamentos e viagens, mas para quem e por quem assumi esta empreitada: pela presença, mesmo na ausência, e pela certeza de sua incondicional confiança em mim, de Junior; pela companhia, pelas conversas, bilhetes carinhosos e apoio técnico de Carol; pelos conselhos, preocupações e revisões de Lulu e Rodrigo; pelos sorrisos, preocupações e prazer declarado com a minha presença ao lado deles de Rochinha e Adrienne; pelos sorrisos amorosos, conversas divertidas e carinhos de Clara; pelo enorme bico beijoqueiro e o sorriso rasgado de bem-querer de Tino e pela carinha de lua-cheia, tapinhas carinhosos da mãozinha rechonchuda e sorrisos abertos, quando me vê, de Alice.

À minha orientadora, Professora Doutora Maria do Socorro Silva de Aragão, mestra e amiga. O período de elaboração desta tese foi, para ela e para mim, um período de provas e desgastes, mas também de alegrias que nos ajudaram a seguir em frente. Além da orientação segura, do estímulo constante, das mensagens carinhosas, o seu exemplo de superação, fé inabalável e alegria foram fundamentais para mim e não há palavras que expressem a minha gratidão.

Às muitas mulheres que, coincidentemente, apostaram em mim profissionalmente, em momentos diversos da minha vida: Maria Tereza Sobral, minha professora do primário, que me fez professora aos dez anos de idade; Manuela Camolino de Souza, professora de piano; Annik Ducoin, que me deu o primeiro emprego oficial como professora na Aliança Francesa; Paula Frassinetti da Silva e Souza, que me apresentou a Universidade fora da sala de aula e com quem aprendi muito sobre a Instituição que sirvo; Rosária de Fátima Silva, minha chefe, que aceita, compreende e apoia as minhas necessidades de única professora da Assessoria que ela dirige.

Aos amigos que me estimularam a continuar, mas em especial aos meus amigos, mestres e parceiros Conceição e Mendes, responsáveis pelo início da caminhada e sempre presentes em todo o percurso; a Graça Faria, a minha amiga “espalha-brasas” com sua alegria e espalhafato absolutamente necessários para “animar as artes”; a Mônica Magalhães Cavalcante, sobre quem repito o que já disse antes: exemplo de competência e humanidade,

que sempre me honrou com sua atenção e carinho e a quem reafirmo meu desejo de ter como modelo; a Helena Eiche, cujo generoso presente de uma biblioteca maravilhosa foi essencial para a tese.

Aos meus meninos queridos do ALiMA, passados e presentes, que deixo de nomear, receando cometer a injustiça de esquecer algum, que me encham de carinho e dos quais me orgulho muito, pelo que já realizaram e pelo que estão realizando.

A Mundicarmo e Ferretti, pelos livros emprestados e pela fundamental leitura final do texto sobre o Divino no Maranhão.

A Eldon, Roberto e Selma, sempre disponíveis para me ajudar a conciliar trabalho e estudo e pela reordenação final do caos.

À UFMA, na pessoa do seu reitor, professor doutor Natalino Salgado Filho, pelo apoio e compreensão na aceitação de um horário flexível que me permitiu pesquisar e escrever.

À UFC, pela oportunidade, e a todos os professores que, sem deixar de lado o rigor e a exigência que se espera de um curso de pós-graduação, abrem espaço em seus comentários e correções para um elogio pontual, um comentário positivo, fazendo crer que teremos capacidade de melhorar, e à secretaria, em especial a D. Antônia e a Eduardo, sempre carinhoso, atencioso e prestativo.

À FAPEMA, pela bolsa concedida durante parte do período do doutorado.

Aos meus queridos anjos trigêmeos de Fortaleza – Henriqueta, Dos Anjos e Dolores (e a Cícera e Elian) – pelo carinho, disponibilidade e paciência com uma hóspede mais ausente do que presente.

Ao povo do Espírito Santo d'aquém e d'além-mar.

“Nós não somos do século de inventar palavras. As palavras já foram inventadas. Nós somos do século de inventar outra vez as palavras que já foram inventadas”.

Almada Negreiros.

RESUMO

Este trabalho é o resultado de pesquisa bibliográfica e documental realizada sobre a festa do Divino Espírito Santo, com o objetivo de comparar a terminologia da festa em diferentes locais e épocas e, dessa forma, identificar a variação existente, essencialmente sob as perspectivas diatópica e diacrônica, mas também variações decorrentes das influências social e cultural. Coletou-se em vinte e duas obras – livros e trabalhos acadêmicos – termos utilizados nas descrições das festas, de diferentes épocas, em dois grandes macroespaços, Portugal e Brasil. O primeiro, compreendendo, em Portugal Continental, a região das Beiras – com ênfase em Eiras, Monsanto, Ladoeiro e Tomar e, mais ao sul, em Penedo e Alenquer – e as nove ilhas do arquipélago dos Açores, especialmente as ilhas Terceira e Santa Maria; o segundo no Maranhão, compreendendo a festa de Alcântara e, em São Luís, as dos terreiros da Fé em Deus, Casa Fanti- Ashanti e Casa das Minas. Os termos foram depois pesquisados em dez dicionários: gerais, regionais e etimológicos. O trabalho está fundamentado nos estudos sobre língua, cultura e identidade (Lévi-Strauss, 1975; Antunes, 2007); na Lexicologia e suas vertentes – a Terminologia (Vilela, 1994; Barbosa, 1981, 1990; Cabré, 1993)e, principalmente a Socioterminologia – para a constituição e classificação do *corpus* e análise da variação (Gaudin, 1993; Faulstich, 1995, 1996, 1998, 1998/1999, 2006; Cabré, 2005). Levantou-se e comparou-se 574 termos da festa em Portugal e 181 termos da festa no Maranhão, organizados em nove campos conceituais e analisou-se aqueles que ocorreram nos dois macroespaços ou apresentaram equivalência. Apenas 40 termos coincidentes foram encontrados, totalizando, com suas variantes, 240 termos comparados. Os resultados da pesquisa comprovaram que a terminologia das festas nos diferentes locais pesquisados apresenta diferenças que as individualizam. Essas diferenças estão predominantemente relacionadas aos espaços geográficos. Não foi possível identificar a presença ou influência de línguas africanas ou de religiões afro-brasileiras na terminologia da festa.

Palavras-chave: Festa do Divino. Portugal - Açores e Região das Beiras. Maranhão. Lexicologia e Socioterminologia.

RÉSUMÉ

Ce travail est le résultat d'une recherche bibliographique et documentaire réalisée à propos de la fête du Divino Espírito Santo, avec l'objectif de comparer la terminologie de la fête en différents endroits et époques et, de cette manière, identifier la variation existante, essentiellement sous les perspectives diatopique et diachronique, mais aussi les variations en conséquence des influences sociales et culturelles. On a recueilli, dans vingt-deux oeuvres – livres et travaux académiques – les termes utilisés dans les descriptions des fêtes, de différentes époques, dans deux grands macro-espaces, Portugal et Brésil. Le premier comprenant, au Portugal Continental, la région des Beiras – en spécial Eiras, Monsanto, Ladoeiro et Tomar et, plus au sud, Penedo et Alenquer – et les neuf îles de l'archipel des Açores, spécialement les îles Terceira et Santa Maria; le deuxième, au Maranhão, comprenant la fête à Alcântara et, à São Luís, celles des “terreiros” de Fé em Deus, Casa Fanti- Ashanti et Casa das Minas. Les termes ont été, ensuite, recherchés dans dix dictionnaires, généraux, régionaux et étymologiques. Le travail a comme support scientifique les études sur langue, culture et identité (Lévi-Strauss, 1975; Antunes, 2007); la Lexicologie et ses branches – la Terminologie (Vilela, 1994; Barbosa, 1981, 1990; Cabré, 1993) et, surtout, la Socioterminologie – pour la constitution et classification du *corpus* et l'analyse de la variation (Gaudin, 1993; Faulstich, 1995, 1996, 1998, 1998/1999, 2006; Cabré, 2005). On a recueilli et comparé 574 termes de la fête au Portugal et 181 termes de la fête au Maranhão, organisés en neuf champs conceptuels et on a analysé ceux qui sont apparus dans les deux macro-espaces ou qui ont présenté une équivalence sémantique. Seulement 40 termes coïncidents ont été trouvés, ce qui totalise, avec les variantes, 240 termes comparés. Les résultats de la recherche ont prouvé que la terminologie des fêtes dans les différents espaces recherchés présente des différences qui les individualisent. Ces différences sont dues, surtout, aux espaces géographiques. Il n'a pas été possible d'identifier la présence ou l'influence de langues africaines ou de religions afro-brésiliennes dans la terminologie de la fête.

Mots-clés: Fête du Divino. Portugal – Açores et Région des Beiras. Maranhão. Lexicologie et Socioterminologie.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Excerto da Chancelaria de D. Manuel. Liv.11, fl. 67 e Liv. 7 de Guadiana, fl. 167	81
Figura 2 – “Degolação de mulheres e crianças pelo abade João e companheiros”	83
Figura 3 – Mapa do Arquipélago dos Açores de Luís Teixeira -1584 (P.M.C. vol. III est. 362 A) reproduzida da obra <i>Os Descobrimentos Portugueses</i> , de Luís de Albuquerque, pág. 27.....	84
Figura 4 – Mapa dos Açores.....	84
Figura 5 – Mapa 20 – Distribuição das festas do Espírito Santo no Continente	92
Figura 6 – Cortejo do Espírito Santo em Tentúgal.....	94
Figura 7 – Medalha.....	104
Figura 8 – Cortejo dos Tabuleiros em Tomar.....	107
Figura 9 – Tabuleiro	108
Figura 10 – Saloias	111
Figura 11 – Bodo	117
Figura 12 – Mapa do Maranhão	122
Figura 13 – Casa do Divino em Alcântara	126
Figura 14 – Imperador	127
Figura 15 – Pães na despensa	181
Figura 16 – Preparação das Sopas do Espírito Santo	198
Figura 17 – Cozido	198
Figura 18 – Vinho de cheiro	202
Figura 19 – Capotes ou mantos	205
Figura 20 – Opas e Mitras	205
Figura 21 – Casola.....	213
Figura 22 – Insígnias	214
Figura 23 – Caixas.....	221
Figuras 24, 25, 26 – Decoração das ruas em Tomar.....	242
Figura 27 – Foliões na Ilha Terceira.....	264
Figura 28 – Império no Maranhão	268
Figura 29 – Imperador saindo da igreja.....	269
Figura 30 – Bandeira	273
Figura 31 – Coroa	274

Figura 32 – Mastro	277
Figura 33 – Pomba.....	281
Figura 34 – Bezerro enfeitado com flores de papel ou Bonas.....	298
Figura 35 – Coroação	300
Figura 36 – Cortejo em Alcântara	308
Figura 37 – Cortejo em Tomar	308
Figura 38 – Peloiro	315
Figura 39 – Alcatra açoriana	319
Figura 40 – Alfenim	321
Figura 41 – Doce de espécie maranhense.....	323
Figura 42 – Império de São Sebastião – Ilha Terceira	342
Figura 43 – Altar no Maranhão	346
Figura 44 – Altar nos Açores.....	347
Figura 45 – Tribuna ou tribunal.....	352
Figura 46 – Carro de toldo.....	359
Figura 47 – Caixeiras.....	373
Figura 48 – Mordomo.....	384

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Modelo de Quadro de classificação.....	69
Quadro 2 – Modelo de Quadro explicativo	69
Quadro 3 – Modelo de Quadro de comparação	70
Quadro 4 – Modelo de Quadro de análise	71
Quadro 5 – Lista de autores, obras e siglas	72
Quadro 6 – Lista de dicionários e siglas.....	73
Quadro 7 – Localidades brasileiras onde se realiza a festa do Divino	87
Quadro 8 – Registro das últimas festas realizadas em Portugal	93
Quadro 9 – Versões erudita e popular de cânticos	99
Quadro 10 – Cânticos	137
Quadro 11 – Danças	144
Quadro 12 – Provérbios e expressões populares	149
Quadro 13 – Orações e saudações	150
Quadro 14 – Ciclo da festa	164
Quadro 15 – Pães sob várias perspectivas	181
Quadro 16 – Pães.....	182
Quadro 17 – Brindeiros e variantes	185
Quadro 18 – Biscoitos e variantes	187
Quadro 19 – Bolos e variantes.....	188
Quadro 20 – Rosquilhas e variantes	189
Quadro 21 – Outros doces	190
Quadro 22 – Prestações alimentares	193
Quadro 23 – Pratos de carne.....	198
Quadro 24 – Queijo	201
Quadro 25 – Vinho	202
Quadro 26 – Vestuário.....	206
Quadro 27 – Insígnias.....	208
Quadro 28 – Instrumentos musicais	216
Quadro 29 – Locais da festa	222
Quadro 30 – Tempos do Espírito Santo.....	231
Quadro 31 – Objetos acessórios	237
Quadro 32 – Decoração	243

Quadro 33 – Participantes e funções	245
Quadro 34 – Espírito Santo	270
Quadro 35 – Símbolos: Bandeira.....	271
Quadro 36 – Símbolos: Coroa	275
Quadro 37 – Símbolos: Mastro.....	279
Quadro 38 – Símbolos: Pomba.....	281
Quadro 39 – Termos em comparação - Cânticos	284
Quadro 40 – Alvoradas.....	286
Quadro 41 – Benditos	289
Quadro 42 – Termos para comparação - Danças.....	291
Quadro 43 – Termos para comparação – Ciclo da festa.....	295
Quadro 44 – Bezerrada e variantes.....	298
Quadro 45 – Coroação.....	301
Quadro 46 – Esmola e variantes	303
Quadro 47 – Correr impérios e variantes.....	307
Quadro 48 – Cortejos e Procissões	309
Quadro 49 – Descorinação.....	311
Quadro 50 – Matação do gado e variantes	312
Quadro 51 – Missa da coroação	314
Quadro 52 – Peloiro e variantes	315
Quadro 53 – Alcatra	319
Quadro 54 – Alfenim.....	322
Quadro 55 – Espécie e variantes.....	323
Quadro 56 – Termos para comparação – vestuário e insígnias	327
Quadro 57 – Cetro e variantes	329
Quadro 58 – Coroa	331
Quadro 59 – Espada e variantes	333
Quadro 60 – Insígnias e variantes.....	335
Quadro 61 – Salva e variantes	336
Quadro 62 – Termos para comparação – instrumentos musicais	338
Quadro 63 – Tambores e Caixas.....	339
Quadro 64 – Baquetas e vaquetas.....	340
Quadro 65 – Termos para comparação – Locais da festa.....	345
Quadro 66 – Altar e variantes.....	347

Quadro 67 – Casa da função e Casa do Divino	349
Quadro 68 – Salão e variantes	350
Quadro 69 – Termos para comparação – Tempos do Espírito Santo	353
Quadro 70 – Domingo da festa ou de Pentecostes	355
Quadro 71 – Festa do Espírito Santo e variantes.....	356
Quadro 72 – Termos para comparação - Corte e Folia.....	361
Quadro 73 – Alferes da bandeira, Bandeireiro e variantes.....	365
Quadro 74 – Cabeça, Festeiro e variantes	367
Quadro 75 – Folia e variantes.....	370
Quadro 76 – Foliões e Caixeiras	371
Quadro 77 – Imperador e variantes	374
Quadro 78 – Imperatriz e variantes	376
Quadro 79 – Império e variantes	378
Quadro 80 – Mestre-sala.....	380
Quadro 81 – Mordoma	382
Quadro 82 – Mordomo e variantes	384
Quadro 83 – Termos para comparação - Bandeira	390
Quadro 84 – Bandeira e variantes.....	391
Quadro 85 – Termos para comparação - Coroa.....	393
Quadro 86 – Coroa e variantes	393
Quadro 87 – Termos para comparação - Mastro	396
Quadro 88 – Mastro e variantes.....	396
Quadro 89 – Pomba	398

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALiMA	Atlas Linguístico do Maranhão
CD	Compact Disc
Chanc.	Chancelaria
DVD	Digital Video Disc
Est.	Estante
Fig.	Figura
Fl.	Folha
H	Homem
Liv.	Livro
M	Mulher
Obs.	Observação
p.	Página
s. n.	Sine nomine – sem indicação de editora
TDRF	Termo dicionarizado referente à festa
TDSD	Termo dicionarizado com significado diferente
TDSE	Termo dicionarizado com significado equivalente
TND	Termo não dicionarizado
Vol.	Volume

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	24
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	29
2.1 Língua, Cultura e Identidade	29
2.2 Lexicologia e Terminologia.....	33
2.3 Socioterminologia	44
3 METODOLOGIA DA PESQUISA.....	53
3.1 O universo da pesquisa	54
3.1.1 O tempo do Divino	54
3.1.2 Os espaços geográficos do Divino	55
3.1.3 Os senhores das festas	56
3.2 O universo documental – as fontes da pesquisa.....	57
3.2.1 Os livros.....	58
3.2.2 Os DVDs.....	63
3.2.3 Os CDs.....	63
3.2.4 Outros materiais	63
3.2.5 Dicionários.....	64
3.2.5.1 Dicionários gerais	64
3.2.5.2 Dicionários especializados.....	65
3.2.5.3 Dicionários etimológicos.....	65
3.3 Etapas da pesquisa	65
3.3.1 Pesquisa bibliográfica e documental	66
3.3.2 Levantamento dos termos	66
3.3.3 Constituição do corpus	67
3.3.4 Organização dos dados	67
3.3.4.1 Quadros de classificação.....	68
3.3.4.2 Quadros explicativos	69
3.3.4.3 Quadros de comparação	69
3.3.4.4 Quadros de análise.....	70
3.3.5 Identificação das fontes.....	71
4 A FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO	75
4.1 Origem e expansão da Festa do Divino.....	75

4.2 O ritual da festa em Portugal Continental – “Cada terra com seu uso, cada roca com seu fuso”	90
4.2.1 A festa em Alcabideche.....	94
4.2.2 A festa em Alenquer.....	95
4.2.3 A festa em Eiras	96
4.2.4 A festa no Ladoeiro.....	98
4.2.5 A festa em Marmeleite	101
4.2.6 A festa em Monsanto	102
4.2.7 A festa em Penedo.....	103
4.2.8 A festa em Reguengo do Fetal	105
4.2.9 A festa em Santiago do Cacém	105
4.2.10 A festa em Tomar.....	106
4.2.11 A festa na Zebreira	108
4.3 A festa nos Açores e na Madeira: A cada canto seu Espírito Santo	111
4.3.1 O ritual da festa na Ilha da Madeira	111
4.3.2. O ritual da festa nos Açores	112
4.4 Dos Açores para o Novo Mundo – o ritual das festas no Brasil	120
4.4.1 As festas no Maranhão: São Luís e Alcântara.....	121
4.4.2 O ritual da festa do Divino Espírito Santo no Maranhão.....	124
4.4.2.1 A festa em Alcântara	126
4.4.2.2 A festa na Casa das Minas	129
4.4.2.3 A festa na Casa Fanti-Ashanti.....	132
4.4.2.4 A festa no Terreiro da Fé em Deus	133
5 ANÁLISE DO CORPUS.....	136
5.1 Termos Coletados – Criatividade na Variação.....	136
5.1.1 Cânticos, Danças, Saudações, Provérbios e Expressões Populares	136
5.1.1.1 Cânticos.....	136
5.1.1.2 Danças.....	143
5.1.1.2.1 Um balho na Terceira em 1842	147
5.1.1.3 Provérbios e expressões populares	147
5.1.1.4 Orações e saudações	150
5.1.2 Ciclo da festa.....	151
5.1.2.1 Os termos do ritual da festa – complexidade na alegria e na obrigação	164
5.1.3 Culinária	178

5.1.3.1 <i>Três ingredientes básicos – pão, carne e vinho</i>	180
5.1.3.1.1 O pão nas festas do Espírito Santo	182
5.1.3.1.2 Biscoitos, bolos e rosquilhas	185
5.1.3.1.3 Brindeiros, brindeiras, brindeirinhos	185
5.1.3.1.4 Biscoitos	187
5.1.3.1.5 Bolos.....	188
5.1.3.1.6 Rosquilhas	189
5.1.3.1.7 Outros doces	190
5.1.3.2 <i>Prestações alimentares da festa do Espírito Santo nos Açores e em Portugal Continental</i>	192
5.1.3.3 <i>Além do pão... carne, queijo e vinho</i>	197
5.1.3.3.1 A carne, elemento essencial.....	197
5.1.3.3.2 O queijo	201
5.1.3.3.3 O vinho	201
5.1.3.4 <i>As prestações alimentares no Maranhão</i>	202
5.1.4 <i>Insígnias e vestuário</i>	204
5.1.4.1 O vestuário	204
5.1.4.1.1 Luxo nas vestes, entre o sagrado e o profano	206
5.1.4.2 <i>As Insígnias</i>	208
5.1.5 <i>Instrumentos e outras referências musicais</i>	215
5.1.5.1 <i>Tambores e Caixas marcam o ritmo da festa</i>	220
5.1.6 <i>Locais e Tempos da festa</i>	221
5.1.6.1 <i>Locais da festa – das Alcofas aos Impérios</i>	222
5.1.6.2 <i>Tempos do Espírito Santo</i>	229
5.1.6.2.1 Uma festa em muitos momentos	230
5.1.7 <i>Outros objetos acessórios e de decoração</i>	236
5.1.7.1 <i>Objetos acessórios</i>	236
5.1.7.2 <i>Elementos de decoração</i>	242
5.1.8 <i>Participantes e/ou funções</i>	244
5.1.8.1 <i>Multiplicidade de participantes, diversidade de funções</i>	244
5.1.8.2 <i>A Folia e o Império</i>	262
5.1.8.2.1 A Folia – a brincadeira e o conjunto dos brincantes.....	262
5.1.8.2.2 Foliões, Foliãs e Caixeiras folioas.....	264
5.1.8.2.3 O Império – uma corte numerosa e variada.....	266

5.1.9 O Espírito Santo e seus símbolos	270
5.1.9.1 O Espírito Santo	270
5.1.9.2 Símbolos	271
5.1.9.2.1 A Bandeira	271
5.1.9.2.2 A Coroa	274
5.1.9.2.3 O Mastro	276
5.1.9.2.4 A Pomba	280
5.2 Diversidade e Unidade dos Termos Comparados – Análise Socioterminológica	282
5.2.1 Cânticos, Danças, Saudações, Provérbios e Expressões Populares	283
5.2.1.1 Termos para comparação: muitos cânticos, poucas designações em comum	283
5.2.1.1.1 Alvoradas do amanhecer ao entardecer	285
5.2.1.1.2 Benditos	289
5.2.1.2 Danças	291
5.2.1.2.1. Termos para comparação: dança-se no Maranhão, balha-se nos Açores	291
5.2.2 Ciclo da festa	294
5.2.2.1 A diversidade e a unidade na comparação dos termos do ciclo da festa	294
5.2.2.1.1 Festa de bois, bezerros ou gueixos	297
5.2.2.1.2 A coroação, momento culminante da festa	299
5.2.2.1.3 Da “esmola” ao “tirar jóia”, a arrecadação de bens para a festa	303
5.2.2.1.4 A troca de cortesias entre os membros do Império	306
5.2.2.1.5 Cortejos e procissões	307
5.2.2.1.6 “Descoruação”, a festa chega ao fim	310
5.2.2.1.7 A cerimônia de abate dos bois	312
5.2.2.1.8 A missa, momento maior da vertente sagrada da festa	313
5.2.2.1.9 A festa acabou, viva a festa	314
5.2.3 Culinária	317
5.2.3.1 Alcatra, Alfenim e Espécie – termos comuns da culinária das festas	318
5.2.3.1.1 Alcatra	318
5.2.3.1.2 Alfenim	320
5.2.3.1.3 Espécie, espécia ou doce de espécie	323
5.2.4 Insígnias e vestuário	327
5.2.4.1 Cetro, Coroa, Espada, Insígnias e Salva – termos comuns das insígnias da festa ...	327
5.2.4.1.1 O Cetro	328
5.2.4.1.2 A Coroa	330

5.2.4.1.3 A Espada.....	332
5.2.4.1.4 Insígnias.....	335
5.2.4.1.5 A Salva	336
5.2.5 Instrumentos e outras referências musicais	337
5.2.5.1 Tambores e Caixas	338
5.2.5.2 Para os Tambores, Baquetas, para as Caixas, vaquetas	340
5.2.6 Locais e Tempos da festa	342
5.2.6.1 Os Impérios açorianos	342
5.2.6.2 Altares, Casas de função/do Divino, Casa-do-meio/Salão e suas variantes – termos comuns	344
5.2.6.2.1 Altares, Tronos, Trabanacles – mais uma vez entre o sagrado e o profano	346
5.2.6.2.2 Casa de Função/Casa do Divino.....	349
5.2.6.2.3 Casa-do-meio e Salão e suas variantes	350
5.2.6.3 Tempos do Espírito Santo.....	352
5.2.6.3.1 Festa do Divino Espírito Santo e seu dia principal – termos para comparação.....	353
5.2.6.3.2 O Domingo, dia da festa	354
5.2.6.3.3 A Festa do Divino Espírito Santo	355
5.2.7 Outros objetos acessórios e de decoração	358
5.2.8 Participantes e/ou funções	359
5.2.8.1 Termos em comparação: da corte e da folia	360
5.2.8.1.1 Do alferes civil ao imperador que vem do povo – subversão de valores em uma corte imperial	364
5.2.8.1.2 Múltiplas designações para o que leva a bandeira.....	364
5.2.8.1.3 O dono da festa – cabeça ou festeiro	366
5.2.8.1.4 A Folia ou Barulho do Divino	369
5.2.8.1.5 Foliões e Caixeiras comandam a festa.....	371
5.2.8.1.6 Imperador ou Rei(s).....	374
5.2.8.1.7 Imperatriz.....	376
5.2.8.1.8 O Império.....	377
5.2.8.1.9 No comando da festa – o Mestre Sala	380
5.2.8.1.10 Mordoma – do trono à cozinha.....	381
5.2.8.1.11 Mordomo – o longo percurso para ser Imperador	383
5.2.8.1.12 Trinchantes, passarinhos, múltiplos irmãos, tesoureiros e tesoureiros também fazem a festa do Divino	387

5.2.9 O Espírito Santo e seus símbolos	388
5.2.9.1 A Bandeira	390
5.2.9.2 A coroa	392
5.2.9.3 O Mastro	395
5.2.9.4 A Pomba	398
CONCLUSÃO.....	401
REFERÊNCIAS	408
APÊNDICE A – UM BALHO NA TERCEIRA EM 1842	419
ANEXO A – POEMA SATÍRICO DE FR. JOSÉ DE SANTA RITA DURÃO	425

1 INTRODUÇÃO

*Vem chegando Espírito Santo
Voando daquela altura
Entrando no tribunal
Para abrir sua tribuna
Caixeiros do Divino*

Em 2007, São Luís sediou o Encontro Internacional *O Divino: ontem, hoje e amanhã, dos Açores ao Maranhão*, promovido pelo SESC e realizado de 16 a 20 de maio. A programação compreendia uma série de palestras sobre a festa do Divino, sob múltiplas perspectivas, além de oficinas, visitas guiadas e acompanhamento das festas que se realizavam nas Casas das Minas e de Nagô.

Os palestrantes eram portugueses, alguns radicados nos Estados Unidos e Canadá, e maranhenses. Havia a participação não só de professores e de pesquisadores como de chefes de terreiro e de experientes organizadores da festa. Dentre os pesquisadores, encontravam-se historiadores, padres, comunicólogos e antropólogos.

Não havia linguistas entre os palestrantes e muito poucos na plateia. No entanto, as conversas nos intervalos das palestras eram frequentemente sobre termos que haviam sido utilizados e que haviam sido reconhecidos por pesquisadores de outros locais ou sobre os quais, por serem desconhecidos, se buscava esclarecimento. A similitude da festa nos vários lugares apresentados era evidente nos cartazes de diferentes origens e épocas que decoravam os espaços e nos diversos slides que acompanhavam e ilustravam as palestras, mas a terminologia utilizada para descrevê-la demonstrava aspectos diferenciados.

A motivação para a realização desta pesquisa começou nesse Congresso. Além disso, a minha condição de portuguesa oriunda da região das Beiras e com ascendentes açorianos, radicada no Brasil e, mais especificamente, no Maranhão, onde a festa é das mais importantes do calendário popular, determinou o foco da pesquisa, que é comparar os termos para identificar semelhanças e diferenças, buscando explicações para a unidade da festa e diversidade da sua terminologia. Inicialmente, a intenção era realizá-la para a dissertação de mestrado, mas a inexistência de pesquisas sobre o assunto, no Maranhão, exigia uma prévia seleção e classificação dos termos para comparação, o que determinou a necessidade de elaboração de um glossário que, afinal, foi apresentado como dissertação de mestrado.

Sobre os termos nos Açores, já havia um roteiro lexical, embora não elaborado por um linguista e restrito ao termo, sua definição e, eventualmente, à contextualização ou abonação.

As palavras são elemento essencial e justificativo da Festa do Divino Espírito Santo, que tem origem no episódio bíblico da descida de línguas de fogo sobre as cabeças dos apóstolos, iluminando-os. O Espírito Santo faz assim uma primeira doação, o dom da palavra, que permitirá a esses apóstolos cumprir a missão de evangelizar os povos, nas línguas desses povos, milagrosamente aprendidas por intervenção desse mesmo Espírito Santo, terceira pessoa da Santíssima Trindade. É assim que o Paráclito, como é denominado, marca o início de um período de afirmação do cristianismo, que se dá pela força da palavra.

É a palavra dos foliões, nos Açores e nas Beiras, transmitida na forma de cânticos, que organiza e mantém a tradição da festa. São os cânticos das caixeiros, no Maranhão, que cumprem a mesma missão, conduzem o ritual e garantem a permanência da festa, a preservação da tradição e o respeito ao ritual, tudo pelo poder que lhes dá o conhecimento herdado e a criatividade na improvisação de cânticos que orientam, com precisão, as ações de todos. Dom da palavra, dom recebido por obra e graça do Espírito Santo e retribuído pela doação de alimentos e de si próprio.

A festa do Divino Espírito Santo, que protege, ampara, inspira, é também e essencialmente uma festa de fartura e doação.

Ferretti afirma:

Encontramos, na Festa do Divino, aspirações de fartura, de prosperidade, de abundância, de redistribuição de bens e de alimentos. A utopia do luxo do império que mitiga a pobreza, a visita do santo imperador, o banquete ritual, o pagamento de promessas, idéias como estas estão implicitamente carregadas de conotações messiânicas e milenaristas. Diversos autores (Queiroz, 1957, p.238; Brandão, 1978, p. 143; Desroches, 1978, p.81) associam a festa do Divino à mensagem joaquinista apocalíptica, messiânica ou sebastianista de inspiração jesuítica, com a utopia de um reino harmonioso (1995, p. 186).

Motivo recorrente nas memórias dos mais velhos, que lamentam as tradições perdidas, e razão de ansiedade para crianças e jovens que sonham com a experiência de conduzir simbolicamente um império, a festa do Divino tem sido objeto de vários estudos acadêmicos, mas de poucos estudos linguísticos, especialmente no Maranhão, apesar de sua presença marcante no cotidiano e no imaginário popular maranhense. Até bem pouco tempo, no Maranhão, uma expressão popular para *conversar*, *bater papo*, era *bater caixa*, uma possível associação com o barulho do rufar das caixas e o “matraquear” das conversas.

Para este trabalho, alguns questionamentos se apresentavam e serviram de orientação para a condução da pesquisa. O primeiro deles apontava para o interesse de verificar se a terminologia da festa do Divino Espírito Santo em Portugal – Açores e região das Beiras – e no Maranhão – São Luís e Alcântara – apresentava diferenças que as

individualizassem. Em consequência, se as possíveis diferenças entre a terminologia da festa em Portugal e no Maranhão estariam relacionadas aos espaços geográficos ou à orientação religiosa decorrente da presença africana na festa realizada no Maranhão.

Parti da hipótese de que há, predominantemente, semelhanças na linguagem da Festa do Divino em Portugal – nos Açores e nas Beiras – e no Maranhão – São Luís e Alcântara, e de que as diferenças entre as terminologias decorrem dos espaços geográficos e culturais diferentes. Além disso, de que há uma presença africana na linguagem da Festa do Divino no Maranhão, em relação de importância assimétrica, mais forte para o rito do que para a terminologia da festa.

Os objetivos deste trabalho foram comparar a terminologia da festa do Divino Espírito Santo em Portugal – Açores e região das Beiras – e no Maranhão – São Luís e Alcântara – e, para isso, coletar dados da terminologia da festa do Divino Espírito Santo nesses locais; selecionar, organizar e classificar, em campos conceituais, esses termos e analisar as possíveis semelhanças e diferenças entre os termos que designam os mesmos elementos da festa em espaços diferentes.

A tese aqui apresentada está estruturada da seguinte forma:

Após a **INTRODUÇÃO**, desenvolvem-se quatro capítulos.

O capítulo de **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**, que apresenta o percurso investigativo que fundamentou o trabalho e subdivide-se nas seguintes partes:

Língua, cultura e identidade: apresenta as relações inquestionáveis entre esses três fatores, evidenciadas em trabalhos como este, em que se identificam e analisam as influências de culturas diversas na língua, as quais contribuem para afirmação da identidade de cada comunidade de falantes;

Lexicologia, Terminologia: apresenta a contribuição dos estudos lexicológicos e terminológicos. Considerando que o estudo comparativo se dá no nível do léxico específico da festa, ou melhor dizendo, na sua terminologia, é fundamental a contribuição da Lexicologia e da Terminologia, com suas diferenças teóricas e metodológicas e as imbricações entre as duas disciplinas;

Socioterminologia: derivação mais recente da terminologia, a Socioterminologia caracteriza-se essencialmente por admitir e investigar a variação terminológica, levando em conta a língua real. É esta abordagem que fundamenta o trabalho aqui apresentado, para explicar as implicações sociais que determinam a diversidade terminológica das festas, apesar da sua evidente unidade conceitual;

O capítulo seguinte, intitulado **METODOLOGIA DA PESQUISA**, apresenta o desenvolvimento e estrutura do trabalho e as opções metodológicas tomadas, fundamentando-as, e subdivide-se em quatro partes:

3.1 O universo da pesquisa: apresenta o percurso feito para defini-lo e os critérios de seleção do *corpus*, levando em conta o tempo do Divino, os espaços geográficos em que a festa ocorre e os participantes responsáveis pela realização e condução da festa, os senhores da festa;

3.2 O universo documental – as fontes da pesquisa: por se tratar essencialmente de uma pesquisa bibliográfica, esta parte compreende uma breve síntese do material consultado: livros, DVDs, CDs, Dicionários – gerais, específicos e etimológicos – e outros materiais, que possibilitaram a constituição do *corpus*.

3.3 Etapas da pesquisa – esta parte trata dos diferentes momentos que permitem acompanhar a evolução da pesquisa e esclarecer as decisões tomadas quanto à estrutura do trabalho, partindo da pesquisa bibliográfica, procedendo ao levantamento dos termos e à constituição do *corpus* para, em seguida, organizar os dados, utilizando, para tanto, diferentes tipos de quadros, de acordo com os objetivos a alcançar. Por último, apresenta Quadro para identificação das fontes.

O capítulo intitulado **A FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO** subdivide-se em quatro partes:

Origem e expansão da Festa do Divino: nesta parte, apresento as origens remotas da festa, sua implantação em Portugal e o percurso da festa de Portugal Continental aos Açores e de lá, levada pelos imigrantes, ao Brasil, aos Estados Unidos e ao Canadá;

O ritual da festa em Portugal Continental – “Cada terra com seu uso, cada roca com seu fuso”: nesta parte há uma breve descrição da festa em 11 localidades diferentes, principalmente do interior das Beiras – Alcabideche, Eiras, Ladoeiro, Marmeleite, Monsanto, Reguengo do Fetal, Santiago do Cacém, Tomar e Zebreira – e em regiões próximas a Lisboa – Penedo e Alenquer –, em momentos diferentes, enfatizando alguns aspectos peculiares de cada festa que a particularizem, embora se mantenham seus elementos essenciais;

A festa nos Açores e na Madeira: “A cada canto seu Espírito Santo”: nesta parte, faço uma breve descrição da festa na Ilha da Madeira e descrição mais detalhada das festas que se realizam nas nove Ilhas do arquipélago dos Açores, com ênfase nas Ilhas Terceira e Santa Maria;

Dos Açores para o Novo Mundo – o ritual das festas no Brasil: esta parte trata do histórico e da descrição das etapas da festa do Divino, como é conhecida popularmente no

Maranhão, contextualizando as informações com trechos de depoimentos de estudiosos, de participantes, de devotos e, principalmente, das caixeiras, as maiores responsáveis pela manutenção e desenvolvimento da festa, utilizando, sempre que possível, trechos dos cânticos rituais que ilustrem os aspectos descritos. Selecionei a festa realizada em Alcântara e as realizadas em São Luís, em casas de culto afro-religioso – Casa das Minas, Casa Fanti-Ashanti e Terreiro da Fé em Deus.

O capítulo seguinte é o de **ANÁLISE DO CORPUS**, que se subdivide em duas partes: a primeira trata dos **Termos Coletados – Criatividade e Variação**, que apresenta, em quadros comentados, os termos coletados, sua significação e outras informações que contextualizem ou favoreçam a compreensão do significado, privilegiando-se, para isto, trechos de cânticos. Embora, nesta parte, já estejam identificadas as variantes, na coluna referente à significação, a organização dos termos nos quadros obedece a ordem alfabética, tendo sido deixada para um outro momento a organização conjunta do termo e de suas variantes, e apenas para aqueles que apresentam igualdade ou equivalência nos dois macroespaços. Os quadros estão organizados em nove campos conceituais, de extensão variável: **Cânticos, Danças, Saudações, Provérbios e Expressões Populares; Ciclo da festa; Culinária; Insígnias e vestuário; Instrumentos e outras referências musicais; Locais e Tempos da festa; Outros objetos acessórios e de decoração; Participantes e/ou funções; O Espírito Santo e seus símbolos.**

Em seguida, a segunda parte, **Diversidade e Unidade dos Termos Comparados – Análise Socioterminológica** traz os dados sistematicamente organizados em quadros diferentes, de acordo com o objetivo da análise e está subdividida nos mesmos nove campos conceituais, - **Cânticos, Danças, Saudações, Provérbios e Expressões Populares; Ciclo da festa; Culinária; Insígnias e vestuário; Instrumentos e outras referências musicais; Locais e Tempos da festa; Outros objetos acessórios e de decoração; Participantes e/ou funções; O Espírito Santo e seus símbolos.** Cada um destes campos é apresentado e comentado por partes, inicialmente colocando, em paralelo, os termos levantados, para então serem comentados aqueles que se apresentarem iguais ou equivalentes. De um total de 574 termos encontrados nas regiões portuguesas e 181 no Maranhão, apenas 40 termos, com suas variantes, apresentaram equivalência ou igualdade.

Por último, a **CONCLUSÃO**, em que são retomadas algumas ideias essenciais, com o objetivo de relacionar as várias partes do estudo.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Os homens fazem a língua e não a língua os homens

Fernão de Oliveira

Uma língua é o lugar de onde se vê o Mundo e em que se traçam os limites do nosso pensar e sentir. Da minha língua vê-se o mar. Da minha língua ouve-se o seu rumor; como de outras se ouvirá o da floresta ou o silêncio do deserto. Por isso a voz do mar foi a da nossa inquietação

Vergílio Ferreira

2.1 Língua, Cultura e Identidade

Identidade, língua, marcas culturais: são três fantasmas partilhando a mesma cama. E quando se entra no quarto, acreditando surpreendê-los em flagrante delito eis que descobrimos que não há cama, nem quarto, nem amantes.

Mia Couto

As estreitas relações entre língua e cultura, como fatores determinantes na construção de uma identidade, são constatações a todo o momento repetidas e têm sido objeto de estudos permanentes, que reafirmam a importância inquestionável desta relação. Fernão de Oliveira, em 1536, já afirmava: “cada um fala como quem é” (1933, p. 17).

Sem ser linguista, mas com a percepção que caracteriza uma alma de poeta, Mia Couto, em epígrafe deste capítulo, ressalta a natureza por vezes abstrata dos conceitos, como fantasmas de contornos indefinidos, bem como menciona metaforicamente – ao constatar a inexistência de cama, quarto e amantes – as dificuldades para definir os limites, os espaços, as interseções entre eles.

Cultura é entendida, neste trabalho, como a define Santos (2003, p. 50): “[...] dimensão da sociedade que inclui todo o conhecimento num sentido ampliado e todas as maneiras como o conhecimento é expresso”. O mesmo autor apresenta duas concepções não excludentes, a primeira referindo-se a tudo o que caracteriza a existência social de um povo ou comunidade e a segunda ao conhecimento, ideias e crenças e seu modo de existência na vida social (SANTOS, 2003, p. 24). É principalmente esta segunda concepção a tomada por este trabalho que busca identificar, na terminologia de uma festa comum a várias comunidades, distribuídas em dois grandes grupos – o de Portugal e o do Maranhão – o que as caracteriza e identifica ou diferencia.

A natureza imbricada das relações entre língua, cultura e identidade é o que comenta Câmara Júnior ao afirmar que

1. A língua é parte da cultura. 2. É, porém, parte autônoma, que se opõe ao resto da cultura. 3. Explica-se até certo ponto pela cultura e até certo ponto explica a cultura. 4. Tem não obstante uma individualidade própria, que deve ser estudada em si. 5. Apresenta um progresso que é seu reajustamento incessante com a cultura. 6. É uma estrutura cultural modelo, que nos permite ver a estrutura menos nítida, imanente em outros aspectos da cultura. (2004, p. 293).

Lévi-Strauss comenta as complexas relações entre língua e cultura, ampliando-as e lembrando que é possível, também,

[...] tratar a linguagem como um *produto* da cultura: uma língua, em uso numa sociedade, reflete a cultura geral de uma população. Mas num outro sentido, a linguagem é *parte* da cultura: constitui um de seus elementos, dentre outros. Recordemos Tylor, para quem a cultura é um conjunto complexo que compreende as ferramentas, as instituições, as crenças, os costumes e também, bem entendido, a língua. (1975, p. 86).

Na verdade, não há como deixar de considerar que a língua, como fenômeno social que vive e se desenvolve como uma elaboração coletiva (LÉVI-STRAUSS, 1975, p.73), não só faz parte da cultura como é o meio que nos permite a apropriação da própria cultura, seu conhecimento, preservação e divulgação. “Língua, sociedade e cultura são indissociáveis, interagem continuamente, constituem, na verdade, um único processo complexo” (BARBOSA, 1981, p. 158).

Pagliaro afirma o mesmo, quando associa a unidade da língua à consciência de pertencimento a uma nação:

Todas as solidariedades sociais e históricas que se reúnem no indivíduo: a família, a cidade, a espécie de trabalho, a região ou o país, dão lugar a solidariedades expressivas de índole particular, que vão de algumas características idiomáticas à gíria, ao dialeto e à língua [...] a existência de uma língua comum, capaz de se elevar acima de todos os particularismos dialetais, é indício certo de que surgiu aquela consciência unitária, aquele sentimento e desejo de participar num destino comum que, de um povo, faz uma nação (1983, p. 135).

Lévi-Strauss (1975) acrescenta que, além de produto e parte da cultura, a língua é condição da cultura por motivo duplo, diacrônico: por um lado, é pela língua que o indivíduo, desde a infância, adquire a cultura do grupo a que pertence; por outro, a língua e a cultura se assemelham na arquitetura, já que se constroem a partir de relações lógicas de correlação e oposição, além de compartilharem uma evolução paralela de vários milênios.

Dessa forma, afirma-se a legitimidade das variedades da língua e a “estrita interdependência entre variedade cultural e variedade linguística”, e justifica-se assim que “territórios com visíveis diferenças geográficas, étnicas, históricas e sócio-culturais”, como são Portugal e Brasil, apresentem diversidade linguística “sobretudo naqueles aspectos mais

acidentais, que não afetam propriamente o cerne de sua identidade como sistema único” (ANTUNES, 2007, p. 96), materializando-se esta ideia no foco deste trabalho, a terminologia da festa do Senhor Espírito Santo português ou Divino Espírito Santo maranhense.

E retomo assim a circularidade dos conceitos, voltando à questão da identidade, evidenciada pela cultura. E é pela língua que esse sentimento se expressa. Segundo a mesma autora: “[...] nossa língua nos deixa ver de onde somos. De certa forma, ela nos apresenta aos outros. Mostra a que grupo pertencemos. É uma espécie de atestado de nossas identidades” (ANTUNES, 2007, p. 96).

Estabelecido o que se entende como cultura e identidade, justifica-se a intenção deste trabalho, que trata exatamente de como a língua, usada em manifestações culturais basicamente idênticas, é o fator determinante para fazer dessas manifestações culturais aspectos diversificados, originais e reveladores da identidade das comunidades que a realizam. A fé é a mesma, como também o é a entidade cultuada, a festa tem etapas, personagens e outros elementos comuns, mas são evidentes, em cada festa, as marcas identitárias, o que se usa designar atualmente como açorianidade e maranhensidade. Estas marcas são mais evidentes na forma como são designados esses mesmos personagens, etapas, entidades, ou seja, é a língua o fator mais determinante na afirmação dessa diversidade cultural e identitária, apesar da unidade de uma mesma festa.

Como afirma Antunes:

É nesse âmbito que podemos surpreender as raízes do processo de construção e expressão de nossa *identidade* ou, melhor dizendo, de nossa pluralidade de identidades. É nesse âmbito que podemos ainda experimentar o sentimento de partilhamento, de pertença, de ser *gente de algum lugar*, de ser pessoa que faz parte de um determinado grupo. Quer dizer, temos território; não somos *sem pátria*. Recobramos uma *identidade* (2007, p. 96).

Inicialmente, considerando que para este trabalho foram utilizados, como material para constituição do *corpus*, documentos escritos – livros, revistas, material de propaganda –, muitos deles, no entanto, transcrição da fala dos participantes ou estudiosos, é importante estabelecer desde logo a diferença entre linguagem, língua e fala, entendidas neste trabalho a linguagem como a capacidade que o homem tem de emitir signos verbais duplamente articulados, a língua como código, sistema, fenômeno social de caráter coletivo e que presume uma relativa estabilidade e a fala como codificação dessa linguagem com um caráter de fenômeno individual e essencialmente dinâmico. Em cada um desses conceitos repete-se um aspecto que não pode ser desconsiderado, o aspecto social.

Língua e sociedade não se concebem sem interrelação, uma vez que dela depende a comunicação. A língua é um sistema abstrato de signos de oposição funcional e social que serve de instrumento de comunicação, suporte de pensamento e meio de expressão. A fala é a concretização da língua, admitindo na sua realização a variação, seja ela individual – os idioletos – ou regional – os dialetos - e múltiplas facetas: diacrônicas, diafásicas, diastráticas, diageracionais (ARAGÃO, 1990 *apud* COSTA, 2004, p. 21).

Essa dinamicidade da linguagem caracteriza a língua viva, como afirma Bechara:

Uma língua viva não está feita, isto é, não só estrutura seus atos por modelos precedentes, mas faz-se e refaz-se constantemente, encerra formas feitas e tem potencialidade para criar formas novas, e está sempre a serviço das necessidades expressivas de qualquer falante (2000, p. 43).

Para Vilela (2002), a língua, criação coletiva, é ao mesmo tempo produto e veículo da cultura de um povo, representando a sua forma original e própria de ver o mundo e possibilitando-lhe transmitir essa visão da realidade. “A língua é a mediadora entre a identidade de uma cultura e a sua alteridade. Pela sua própria natureza a língua é idêntica a todas as línguas e é diferente de todas as outras línguas” (VILELA, 2002, p. 372).

Ou como afirma Bally, utilizando uma imagem particularmente bem sucedida:

Assim cada língua, por seu sistema de conceitos e de relações entre os conceitos, recobre o mundo real com uma espécie de manto caprichosamente quadriculado, que vela os contornos dos objetos mais sensíveis, até o ponto que não somente cada língua deforma de uma maneira diferente a realidade percebida se não nos obriga a perceber essa realidade por meio de seu prisma deformador (1935, p. 204-205 *apud* CARDOSO, 2004, p.10).¹

As peculiaridades deste trabalho exigiram que sua fundamentação se ancorasse em duas vertentes dos estudos linguísticos. Para a constituição do *corpus*, sua identificação e classificação buscamos apoio na Lexicologia e suas vertentes – a Terminologia e, principalmente a Socioterminologia – já que o estudo comparativo se dá no nível do léxico específico da festa, ou melhor dizendo, na sua terminologia. Mais exatamente, por se tratar do estudo da variação terminológica decorrente dos diferentes espaços geográficos e agentes sociais, tendo como foco as variantes regionais de cada termo pertencente ao universo vocabular da festa, mas levando em conta as variantes em desuso ou recentemente incorporadas a esse universo.

¹ Así cada lengua, por su sistema de conceptos y relaciones entre los conceptos, recubre el mundo real con una especie de manto caprichosamente cuadriculado, que nos vela los contornos de los objetos más sensibles, hasta al punto que no solamente cada lengua deforma de una manera diferente la realidad percibida, sino que nos obliga a percibir esa realidad a través de su prisma deformador. (BALLY, 1935, p. 204-205).

2.2 Lexicologia e Terminologia

O ato de nomear constitui, em si só, uma apropriação da cultura. Muitos são os exemplos que se poderia arrolar sobre a nomeação como ato de apropriação pela linguagem, mas dois são evidentes. Em Gênesis, a criação do mundo faz-se pela palavra, pela nomeação de cada uma das partes criadas para a constituição desse mundo. Outro exemplo revelador é o da aquisição da linguagem pelas crianças. A necessidade da comunicação, associada à limitada dominação da língua, determina escolhas, relegando a um segundo momento a aquisição e o domínio de estruturas complexas e centrando o esforço de comunicação na nomeação do mundo que as cerca. Posteriormente, as escolhas lexicais serão reveladoras dos valores que cultuam, das influências sofridas, da história pessoal e coletiva.

Avanços e recuos civilizacionais, descobertas e inventos, encontros entre povos e culturas, mitos e crenças, afinal quase tudo, antes de passar para a língua e para a cultura dos povos, tem um nome e esse nome faz parte do léxico. O léxico é o repositório do saber linguístico e é ainda a janela através da qual um povo vê o mundo. Um saber partilhado que apenas existe na consciência dos falantes duma comunidade. (VILELA, 1994, p. 6).

Muitas vezes essas escolhas serão consideradas marcas pessoais do discurso ou do estilo literário de um autor, mas podem, também, revelar origens, processos migratórios mais marcantes, antiguidade, tipos de atividades, influências políticas e religiosas, entre outras possibilidades.

Segundo Vilela, para

[...] encontrar a memória genuína de um povo só podemos procurá-la na língua. Por exemplo, as normas morais e éticas, as normas de comportamento, as rotinas de representação e de vivências espelham-se nos seus provérbios, nas suas expressões idiomáticas, nas suas anedotas, nos seus jeitos de categorizar o mundo; [...] (2002, p. 373).

Na realidade, o ato de nomear é também, e concomitantemente, uma forma de manifestar valores e ideologia. Bakhtin (1992, p. 31), a esse respeito, afirma que “tudo que é ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia” (grifos originais) e acrescenta: “por sua onipresença social a palavra é o indicador mais sensível de todas as transformações sociais”.

O conjunto dos sistemas de valores traduz-se no léxico de uma língua, ou seja, encontra no léxico o espaço privilegiado para os seus processos de produção, acumulação, transformação e diferenciação (BARBOSA, 1981, p. 158).

São as unidades lexicais e suas relações em contexto que possibilitam compreender, descrever e explicar a visão de mundo – ideologia, sistemas de valores, práticas socioculturais – de comunidades humanas, de especialistas ou de profissionais, ou seja, de um grupo sócio-linguístico-cultural. (ARAGÃO, 2000, p. 54). É no léxico que a língua se atualiza, adequando-se às novas necessidades de nomeação impostas pelas inovações tecnológicas, ao desenvolvimento dos sistemas de comunicação, que aproxima e integra povos e culturas. O processo de ampliação lexical, seja ele feito pela lógica da língua, com base nos seus próprios padrões lexicais, ou por empréstimos linguísticos, é dinâmico e constante. “É o léxico o único domínio da língua que constitui um sistema aberto, diversamente dos demais, fonologia, morfologia e sintaxe, que constituem sistemas fechados” (BIDERMAN, 2001, p. 15) ou, segundo Correia; Lemos:

[...] mudança é fundamentalmente visível ao nível do léxico. Tal facto acontece por duas razões fundamentais:

- por um lado, porque, não sendo a componente lexical uma componente tão estruturada como, por exemplo, as componentes fonológica ou sintáctica, e sendo o conhecimento lexical mais consciente, porque constituído não só por regras, mas, sobretudo, por itens, a mudança pode ocorrer de modo mais ‘livre e rápido, afectando unidades e não tanto a estrutura do léxico;
- por outro lado, sendo através das unidades lexicais que designamos os itens da realidade envolvente e que traduzimos o conhecimento que temos dessa realidade, é natural que a componente lexical reflita de forma mais directa todas as alterações, toda a evolução que o meio vai sofrendo (2009, p. 11).’

Ainda Biderman (1978 *apud* ARAGÃO, 2000, p. 55) afirma que “O universo semântico se estrutura em dois planos: o indivíduo e a sociedade, e da tensão entre ambos se origina o léxico”.

Realizar estudos do léxico de uma atividade cultural em comunidades que falam a mesma língua, mas que ocupam espaços diferentes, pode revelar a influência de fatores de natureza geográfica, sociocultural e histórica sobre as escolhas lexicais.

Como afirma Silva Neto:

As tradições são testemunho da história de um país, que devem respeitar-se como qualquer documento histórico de valor. Daí a necessidade e, mais do que isso, a urgência da recolha dos traços culturais que são, a bem dizer, o retrato de um povo, a sua memória coletiva (1977, p. 177-178 *apud* CARDOSO, 2004, p. 14).

É importante ressaltar que se reconhece que o ambiente, por si só, não é determinante. Concorde-se com Sapir (1961, p. 45) quando afirma que “fatores físicos só se refletem na língua, à medida que atuarem sobre ela fatores sociais”. Entretanto é o mesmo autor quem reconhece que a complexidade lexical é proporcional à complexidade cultural e consequente necessidade de distinção de fenômenos. Ou, como se afirmou em estudo anterior,

“A variedade, na busca da precisão [do ato de nomear], está intimamente associada à complexidade da atividade a que se refere” (ROCHA, 2006, p. 35).

Falar de Lexicologia e Terminologia requer um esclarecimento inicial do conceito de léxico, frequentemente confundido, no uso corrente, com vocabulário, para então estabelecer o conceito de termo e, paralelamente, o de língua de especialidade ou tecnoleto. Léxico, do grego “lexis” (palavra), é entendido como o conjunto do que alguns dicionários especializados, como o de Lewandowski (1986, p. 208) denominem de unidades lexicais, lexemas ou vocábulos, embora outros, como o de Trask (2004, p. 155), o apresentem como sinônimo de vocabulário, ativo ou passivo, composto por palavras. Lexias, palavras, lexemas ou vocábulos são frequentemente empregados indistintamente, havendo divergências quanto ao seu maior ou menor grau de sinonímia.

Barthes entende lexia como “o melhor espaço possível em que se pode observar os sentidos” (1970). Outros autores, entre eles Pottier, denominam de lexia a unidade de comportamento léxico, opondo-a a morfema, subdividindo essa unidade em léxica, ou lexema, e gramatical ou gramema. (DUBOIS *et al.*, 2001, p. 360-361). O mesmo autor propõe o emprego de lexia em substituição a palavra para evitar a ambiguidade deste último termo.

Léxico e vocabulário, no âmbito deste trabalho, foram considerados como distinguindo-se, à medida que se distinguem também os conceitos saussurianos de língua e fala. Para Muller (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 494), o léxico está para a língua como o vocabulário para a fala, ou o discurso. Para Wagner (1967, p. 17), o léxico “é o conjunto de palavras por meio das quais os membros de uma comunidade linguística se comunicam entre si”, enquanto que o vocabulário é “um domínio do léxico que se presta a um inventário e a uma descrição”. Picoche simplifica a distinção, ao propor “chamar de léxico o conjunto de palavras que uma língua coloca à disposição dos locutores, e vocabulário o conjunto de palavras utilizadas por um dado locutor em dadas circunstâncias” (1977, p. 44)².

Mas é Barbosa quem, associando os conceitos de língua/sistema, norma e fala, a lexema, vocábulo e palavra esclarece, conseqüentemente, as diferenças entre dicionário, vocabulário e glossário:

[...] ao nível do **sistema** corresponde a unidade-padrão lexical chamada **lexema** (Muller); o **dicionário de língua** tende a reunir o **universo dos lexemas**, apresentando, para cada um deles, os vocábulos que representam suas diferentes acepções. Os **vocabulários técnico-científicos e especializados** buscam situar-se ao nível de uma **norma** linguística e sociocultural, têm como unidade padrão o **vocábulo** (Muller), constituindo-se como **conjuntos-vocabulários**; o vocabulário fundamental, por sua vez, busca reunir aos elementos constitutivos da intersecção

² “[...] Appeler lexique l’ensemble des mots qu’une langue met à la disposition des locuteurs, et vocabulaire l’ensemble des mots utilisés par un locuteur donné dans des circonstances données”, (PICOCHÉ, 1977, p.44).

dos conjuntos-vocabulários de uma comunidade, ou de um segmento social, elementos esses que são selecionados pelo duplo critério de alta frequência e distribuição regular entre os sujeitos falantes-ouvintes envolvidos; o **glossário** resulta do levantamento das **palavras-ocorrência** e das acepções que têm num texto manifestado (grifos da autora) (BARBOSA, 1994, p. 289).

A autora apresenta um esquema dessas relações que compreende, entre outros critérios, os Níveis de atualização; os Conjuntos de unidades lexicais; as Unidades-padrão e o Tipo de obras lexicográficas de que resulta, seguindo essa ordem :

Sistema – Universo léxico – Lexema – Dicionários de língua;

Norma – Conjuntos Vocabulários ou Conjuntos terminológicos –
Vocábulo/Termo - Vocabulários fundamentais, Vocabulários técnico-científicos e Vocabulários especializados;

Fala – Conjuntos-ocorrência – Palavra – Glossário.

Quanto a termo,

[...] chamado também de unidade terminológica, é uma unidade lexical, com função denominativa, que se encontra definida em relação com outras unidades do mesmo tipo no interior de um domínio de atividade estreitamente delimitada. (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 465).

O léxico de uma língua pode ser entendido, então, como um conjunto complexo, que compreende não só vários subconjuntos, de conhecimento geral por parte dos falantes da língua, como ainda os chamados léxicos de especialidade, relacionados com os domínios das ciências, tecnologias, profissões e atividades específicas.

Esses léxicos de especialidade são o objeto de estudo da Terminologia. Inicialmente proposta como interessada estritamente nos vocabulários das ciências e tecnologias, sua abrangência vem sendo progressivamente ampliada.

A respeito da formação terminológica, Diki-Kidiri afirma:

O homem é essencialmente um ser cultural, tanto individual quanto coletivamente. Por isso, segue o mesmo processo de apropriação do conhecimento tanto no âmbito individual como no comunitário. Este processo que vai da apreensão do novo até à sua denominação é a base do crescimento do homem no conhecimento e na construção do seu universo. A análise desse processo revela a importância da percepção cultural na reconceitualização da nova realidade, a partir da sua integração em um ambiente cultural diferente da sua origem. A denominação terminológica que reveste tais realidades, desde o princípio, serve-se desta reconceitualização condicionada pela cultura receptora. E nesta condição um termo bem formado denominará uma realidade bem integrada. (2008, p.1).³

³ El hombre es esencialmente un ser cultural, tanto individual como colectivamente. Por eso, sigue el mismo proceso de apropiación del conocimiento tanto en el ámbito individual como en el comunitario. Este proceso que va de la aprehensión de lo nuevo hasta su denominación es la base del crecimiento del hombre en el conocimiento y la construcción de su universo. El análisis de este proceso revela la importancia de la percepción cultural en la reconceitualización de la nueva realidad, desde su integración en un ambiente cultural, diferente de

Assim, Dubuc refere-se ao vocabulário técnico, afirmando:

Estranha à língua corrente, a terminologia concerne ao vocabulário técnico. Entendida nesse sentido, a palavra “técnica” recobre a quase totalidade da atividade produtora do agir humano. Engloba as artes, as ciências e as profissões, este último termo compreendendo os diversos ramos da indústria, da atividade econômica, e da exploração dos recursos naturais. (1978, p. 16).⁴

As línguas em geral, e cada língua em particular, devem ser vistas sob dois aspectos – o de conjunto de estruturas abstratas, de possibilidades, de virtualidades, e o de fato sócio-histórico (AUBERT, 1996, p. 13). Só admitindo esses dois aspectos, pode-se compreender a criação neológica e a adequação linguística, diante das necessidades de usuários da língua que podem, ainda que num mesmo campo de conhecimento, ter exigências diferenciadas.

Aos conjuntos de léxicos de especialidade usa-se chamar, também, línguas de especialidade,

[...] expressão tomada emprestada do germanista Müller e definida por Galisson e Coste (...) como uma “expressão genérica para designar as línguas utilizadas em situações de comunicação (orais e escritas) que implicam a transmissão de uma informação relativa a um campo de experiência particular”. (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 206).

Sobre essa denominação dividem-se os estudiosos. Para os terminólogos, a língua de especialidade é “qualquer produção languageira realizada por um especialista no meio profissional, sobre o tema de sua especialidade” (HUMBLEY; CANDEL, 1994, p.133), excluídas aquelas que se refiram a campos de experiência não profissionais. Os defensores da denominação *língua de especialidade* apóiam-se na afirmação de Saussure de que “um grau avançado de civilização favorece o desenvolvimento de certas línguas especiais (língua jurídica, terminologia científica etc.)” (SAUSSURE, 1995, p. 30), mas os que a ela se opõem baseiam-se justamente na definição saussuriana de língua como um sistema de signos de natureza verbal, cujo funcionamento está alicerçado por um conjunto de normas e regras, o que implicaria em um sistema diferenciado para cada uma das línguas de especialidade. A comunidade técnica e científica considera a língua de especialidade como “um subsistema

su origen. La denominación terminológica que reviste tales realidades, desde el principio, se sirve de esta reconceptualización condicionada por la cultura receptora. Y en esta condición, un término bien formado denominará una realidad bien integrada. (DIKI-KIDIRI, 2002, p.1)

⁴ Étrangère à la langue courante, la terminologie concerne le vocabulaire technique. Entendu en ce sens, le mot “technique” recouvre presque la totalité de l’activité productrice de l’agir humain. Il englobe les arts, les sciences et les métiers, ce dernier terme comprenant les diverses branches de l’industrie, de l’activité économique, et de l’exploitation des ressources naturelles. (DUBUC, 1978, p. 16).

linguístico que utiliza uma terminologia e outros meios terminológicos que visam à não-ambiguidade da comunicação em um domínio particular” (ISO, *International Standardization Organization*, 1990). Para os lexicólogos, é inadequado o emprego de designações que incluam a palavra *língua*, devendo-se substituí-la por vocabulário, ou por discurso especializado.

Krieger e Finatto mencionam comunicações especializadas, caracterizadas pela precisão, objetividade e uso sistemático de termos científicos, afirmando que “costuma também ser identificada com língua para fins específicos (Language for Specific Purposes, LSP), tecnoleto, língua de especialidade, entre outras denominações.” (2004, p. 16).

Ainda outros autores, como Alves, utilizam a denominação de tecnoletos, ao apresentar as acepções do termo terminologia e comentar sua polissemia. Segundo eles, o termo terminologia

[...] costuma ser utilizado segundo três acepções (Cabré, 1993, p. 82; Sager, 1990, p. 3): conjunto dos termos de uma área de especialidade; conjunto dos princípios e dos métodos utilizados em um trabalho terminológico; conjunto dos princípios e das bases conceituais que determinam o estudo dos termos. De acordo com a primeira acepção, terminologia denomina o conjunto dos termos referentes a cada tecnoleto (1998, p. 95-96).

Para este trabalho optei pela designação de terminologia, entendida na forma apresentada como primeira acepção do termo por Alves (1998) e defendida por Biderman (2001, p. 13-22), segundo a qual terminologia é “um subconjunto especializado do léxico de uma língua, a saber, cada área específica do conhecimento humano”.

Os estudos do léxico estão, assim, divididos em dois grandes campos: o da Lexicologia e o da Terminologia, este mais recente e decorrente do avanço e popularização das ciências, das tecnologias, dos meios de comunicação, apresentando ambos um aspecto prático em complementação ao teórico, a Lexicografia no primeiro caso e a Terminografia no segundo.

A Lexicologia é definida geralmente como a ciência do léxico, entendido este como:

o conjunto virtual de todas as palavras de uma língua, isto é, o conjunto de todas as palavras da língua, as neológicas e as que caíram em desuso, as atestradas e aquelas que são possíveis tendo em conta os processos de construção de palavras disponíveis na língua (CORREIA; LEMOS, 2009, p. 9).

A Lexicologia pode estudar as palavras sob aspectos diferenciados como: a etimologia, a formação de palavras, a morfologia, a sintaxe, a fonologia e, sobretudo, a semântica com a qual mantém uma relação especial (VILELA, 1994, p. 10).

Tem como tarefas, entre outras,

[...] definir conjuntos e subconjuntos lexicais; examinar as relações do léxico de uma língua com o universo natural, social e cultural; conceituar e delimitar a unidade lexical de base – a lexia –, bem como elaborar os modelos teóricos subjacentes às suas diferentes denominações; abordar a palavra como um instrumento de construção de detecção de uma “visão de mundo”, de uma ideologia, de um sistema de valores, como geradora e reflexo de sistemas culturais; analisar e descrever as relações entre a expressão e o conteúdo das palavras e os fenômenos daí decorrentes. (BARBOSA, 1990).

Autores como Ullman (1987, p. 114) justificam a Lexicologia, disciplina específica para o estudo do léxico, pela importância da palavra na estrutura da língua. Para esse autor, a Lexicologia seria a segunda divisão da Linguística, depois da Fonologia e estaria subdividida em Morfologia e Semântica.

Também Haensch *et al.* (1982, p. 93) consideram a Lexicologia como objetivando a descrição do léxico a partir de suas estruturas e regularidades morfológicas e semânticas, subdividindo-se no que eles chamam de Morfologia Léxica e Semântica Léxica. Quanto às tarefas da Lexicologia, Barbosa (1990, p.153) propõe que as fundamentais seriam a definição de conjuntos e subconjuntos lexicais e a sistematização de criação e renovação lexicais. Para a autora, todas as questões poderiam ter abordagens descritivas ou aplicadas, de que decorreriam uma Lexicologia Descritiva e uma Lexicologia Aplicada.

Os limites entre Lexicologia e Lexicografia e entre Terminologia e Terminografia estão bem delimitados. A Lexicografia estuda a descrição da língua feita pelos dicionários ou os elabora a partir dos dados da lexicologia. A Terminografia tem os mesmos objetivos, mas para a elaboração de dicionários de especialidade e reflexão sobre eles. É o que explica Barbosa:

Terminografia é a ciência aplicada à qual cabe a elaboração de modelos que permitam a produção de obras terminológicas/terminográficas, no que diz respeito à sua macroestrutura, à sua microestrutura, ao seu sistema de remissivas. A Terminologia, por sua vez, tem um objeto que contempla as questões precedentes mas ultrapassa os seus limites, de vez que lhe cabem estudos como os das relações de significações - entre expressão e conteúdo - do signo terminológico, os que concernem à complexa dinâmica da criação desse mesmo signo (neonímia), da renovação e ampliação dos universos de discurso terminológicos, dentre outros. Nesse sentido, as tarefas de uma e de outra são, na verdade, complementares (1990).

São os limites entre Lexicologia e Terminologia que não são consensuais entre os estudiosos. As dificuldades de estabelecer esses limites devem-se ao fato de que o léxico geral

de uma língua e os léxicos de especialidade frequentemente se interpenetram, ocorrendo muitas vezes migrações entre eles, com derivações de um domínio a outro por fatores diatópicos, diastráticos ou diacrônicos, dentre outros. Assim, os termos jurídicos, econômicos ou científicos, por exemplo, têm sido incorporados ao léxico geral ou comum em razão do momento vivido pela comunidade que os utiliza. É o que se vem verificando no atual momento político brasileiro. Muitos termos, anteriormente de domínio especializado, foram incorporados pelo falante comum, com conotações às vezes mais amplas do que as iniciais.

Barbosa, citando Malmberg, lembra que:

A ciência, enquanto processo de busca da verdade e construção do conhecimento, é una e suas questões básicas são idênticas, nas diversas áreas do saber, uma vez postas de lado diferenças superficiais. Ao abordar essa questão, Malmberg [1] a complementa com importantes ponderações sobre a interdisciplinaridade e a multidisciplinaridade, procurando mostrar que a ciência não tem fronteiras, ou seja, que as disciplinas e os setores de pesquisa superpõem-se e necessitam umas das outras (1990).⁵

No âmbito deste trabalho, em resumo, optou-se por entender como léxico, o conjunto de palavras que compõem a língua e que a ela se integraram em momentos e por razões diversas.

Desse conjunto amplo destaca-se o léxico de determinados domínios do saber ou de um setor de atividade, a terminologia, entendida como o conjunto das palavras específicas de um determinado domínio bem como as que representam os conceitos desse domínio – os termos – dispostos num sistema conceitual, e criados muitas vezes a partir de palavras do léxico geral, a que foi atribuído um valor específico para esse domínio.

Esse campo específico é o objeto de estudo da Terminologia, que tem as mesmas tarefas da Lexicologia, às quais se soma

[...] o estudo das relações de significação (expressão e conteúdo) do signo terminológico, o que inclui a complexa dinâmica da criação desse signo (neonímia), e da renovação e ampliação dos universos de discursos terminológicos. (BARBOSA, 1990).

Dubuc comenta as concepções divergentes da Terminologia, relacionando três tipos diferentes: para alguns técnicos sua função seria essencialmente normatizadora, cabendo-lhe “dirigir o uso, prescrever a utilização de certos termos e abolir outros (1978, p. 13)⁶; para o meio universitário a terminologia resumir-se-ia a uma lexicografia técnica e para

⁵ Obra citada: MALMBERG, B. **A língua e o homem**: introdução aos problemas gerais da lingüística. Rio de Janeiro: Nórdica, 1970.

⁶ “diriger l’usage, prescrire l’utilisation de certains termes et en proscrire d’autres” (DUBUC, 1978, p. 13)

algumas “escolas” de terminologia sua função seria a de organizar nomenclaturas da forma mais exhaustiva possível. O autor comenta que a evolução da terminologia acrescentou ao seu sentido inicial, que designava os conjuntos de termos próprios de cada atividade, por extensão, o procedimento que permita agrupar e estruturar esses conjuntos, diferenciando-a de disciplinas afins por sua estreita relação com as funções de expressão e comunicação.

Para o *Vocabulaire Systématique de la terminologie*, a ciência terminológica é definida como o “estudo sistemático da denominação das noções que pertencem a domínios especializados da experiência humana e considerados no seu funcionamento social” (BOUTIN-QUESNEL, R. *et al.*, 1990, p.17).

Para Cabré,

A terminologia é, antes de tudo, um estudo do conceito e dos sistemas conceptuais que descrevem cada matéria especializada; o trabalho terminológico consiste em representar esse campo conceptual, e estabelecer as denominações precisas que garantirão uma comunicação profissional rigorosa. (1993, p. 52).⁷

Vale lembrar que, em Terminologia, “os conceitos são tidos como unidades pré-linguísticas de conhecimento, isto é, conceitos podem existir sem símbolos ou signos linguísticos que lhes correspondam previamente” (FINATTO, 2001, p. 212).

A Terminologia, na acepção da primeira orientação mencionada e tal como considerada atualmente, teve seu marco inicial nos estudos de Eugen Wüster, engenheiro austríaco, admirador do esperanto como língua universal e defensor “das linguagens técnico-científicas sem ambiguidades” (FINATO, 2004, p. 342). Wüster, representante da Escola de Viena, que reunia um grupo de importantes estudiosos, defendeu tese de Doutorado intitulada *A normalização internacional da terminologia técnica*. Fundador da chamada Teoria Geral da Terminologia – TGT, Wüster criou as bases da teoria e defendeu uma orientação de normatização das terminologias, em busca de um ideal de padronização que permitisse a perfeita intercomunicação internacional das ciências e técnicas. Com base nesse ideal surgiram organismos internacionais e comitês, principalmente no Québec e na Catalunha.

As primeiras escolas, a de Viena, a de Praga e a Russa, são consideradas como escolas clássicas e apresentaram alguns pontos comuns dos quais os mais relevantes são:

[...] a valorização da dimensão cognitiva dos termos e o delineamento de diretrizes para a sistematização dos métodos de trabalho terminológico, visando, com isso, a padronização dos termos técnicos e, por vezes, o aparelhamento das línguas para

⁷ La terminologia es ante todo um estudio del concepto y de los sistemas conceptuales que describen cada materia especializada; el trabajo terminológico consiste en representar esse campo conceptual, y establecer las denominaciones precisas que garantizarán una comunicación profesional rigurosa. (CABRÉ, 1993, p. 52).

responderem às exigências de uma comunicação profissional eficiente. (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 31).

Para a Escola de Viena, a terminologia foi sempre considerada uma ciência e assim uma das acepções do termo terminologia é exatamente a ciência da terminologia. No entanto, outros autores consideram-na uma arte ou uma prática.

Inicialmente, Dubuc afirma:

No seu estado atual, a terminologia aparece como uma arte, uma prática mais do que uma ciência. Se ela oferece um objeto bem definido, que é o de responder às necessidades de expressão dos usuários, seus métodos são ainda amplamente empíricos e carecem do rigor que apraz reconhecer nos métodos científicos. (1978, p. 15).⁸

O mesmo autor, no entanto, reformula seu ponto de vista em edição posterior dessa mesma obra, incluindo-a entre as disciplinas que se propõem coletar sistematicamente, analisar e, se necessário, criar e normatizar o vocabulário de uma determinada técnica “numa situação concreta de funcionamento de modo a responder às necessidades de expressão do usuário” (DUBUC, 1992, p. 3).⁹

O autor define também os métodos de base do trabalho terminológico: a identificação dos termos, ou seja, o trabalho de repertoriar todos os meios de expressão de uma dada técnica, compreendendo um nível conceitual, reunindo a nomenclatura das noções específicas dessa área de conhecimento e um nível funcional que identifique as expressões típicas dessa técnica (DUBUC, 1978).

É também como disciplina que a ela se referem Krieger; Finatto (2004).

Ao fundar-se como disciplina, foram estabelecidas suas dicotomias fundamentais: *linguagem e conhecimento, palavras e termos, conceitos e significados*. A fase inicial da Terminologia, conhecida como fase clássica ou tradicional, na década de 80, mantinha pouca ligação com a linguística, já que se acreditava que lidava com termos e não com palavras e ocupava-se de conceitos e não de significados (FINATTO, 2004, p. 342). O interesse dos linguistas surgiu a partir dessa década, quando a Terminologia passa da dimensão normativa à dimensão descritiva e seu objetivo passa a ser compreender a competência linguística do usuário da língua de especialidade.

⁸Dans son état actuel, la terminologie apparaît comme un art, une pratique plutôt qu’une science. Si elle offre un objet bien défini, qui est de répondre aux besoins d’expression des usagers, ses méthodes sont encore largement empiriques et manquent de la rigueur qu’on se plaît à reconnaître aux méthodes scientifiques. (DUBUC, 1978, p. 15).

⁹ “dans une situation concrète de fonctionnement de façon a répondre aux besoins d’expression de l’usager.” (DUBUC, 1992, p. 3).

As fronteiras entre palavra e termo, entendido este como unidade de significação especializada, são bastante permeáveis. A linguagem técnica pode ser usada não só no contexto em que predomina a língua de especialidade, mas por qualquer falante da língua, mesmo quando não está usando a língua de especialidade correspondente e em contextos diversificados.

Três características distinguem os termos em relação às palavras da língua em geral: como os termos são específicos de um determinado campo de conhecimento, exigem um aprendizado específico e o acesso ao conhecimento se processa pela apropriação desses termos; os termos mantêm uma relação estreita com os conceitos que denominam, por serem, em geral, criados de forma mais consciente, o que os torna, conseqüentemente, mais monossêmicos que as palavras da língua comum; há uma orientação internacional da Terminologia, não só em razão do conhecimento partilhado, por força do desenvolvimento das comunicações, como de uma origem greco-latina comum para a maioria desses termos, sobretudo aqueles que designam as ciências e as tecnologias (HUMBLEY, 1998, p. 23).

Assim, os termos, em que pese a articulação frequente entre a língua do dia-a-dia e as terminologias – quando o domínio do conhecimento se populariza, como acontece com a terminologia da informática –, não seriam plenamente acessíveis ao homem comum.

No intuito de estabelecer os limites entre a Lexicologia e a Terminologia, Barbosa, cuja opinião compartilho, observou que, do ponto de vista das práticas lexicográfica e terminográfica, o elemento diferenciador é o percurso de investigação. Assim, enquanto a obra lexicográfica

[...] recupera, compila, armazena as unidades lexicais, com vistas a resgatar os seus significados, explicando-os com uma metalinguagem definitória, a obra terminológica/terminográfica visa à recuperação, compilação e armazenagem das denominações dos ‘recortes’ científicos e tecnológicos. (BARBOSA, 1990).

A Lexicologia parte da forma para o conteúdo, da denominação, de uma lista de palavras para descrevê-las semanticamente, tendo como fim a definição, enquanto a Terminologia faz o percurso inverso: a partir de uma lista de conceitos, busca o “reconhecimento e compreensão da forma sîgnica para a denominação” (ANDRADE, 2001, p. 193).

Também Clas comenta que,

Em terminologia, o sentido vai opor, certamente, a palavra ao termo, especificando que a palavra está, de forma ampla, ligada ao seu ambiente textual, mas que o termo depende de seu ambiente pragmático. Como se vê, isso provoca uma outra oposição: a lexicologia, que parte do sentido, da análise das palavras em contexto, logo, o

método de análise é semasiológico, enquanto a terminologia parte do conceito e tange à onomasiologia. (2004, p. 225).

Para Cabré (1995), as duas disciplinas apresentam diferenças em pontos metodológicos, como os dados que compilam, o método de compilação, o tratamento dos dados e a apresentação destes em forma de glossários. A autora estabelece três pontos de diferença: o método de trabalho, tanto no processo como na orientação desse processo; os objetivos do trabalho – já que a Terminologia busca a normalização dos termos relativos a um domínio especializado para uma comunicação profissional precisa, atual e unívoca – e os aspectos linguísticos dos elementos resultantes, ressaltando que o fenômeno da polissemia é menos frequente no âmbito da Terminologia, além de que os dados são apresentados de forma mais sistemática e simples.

Cabré considera que os aspectos pragmáticos são os que diferenciam mais concretamente os termos. O usuário, as situações de comunicação, a temática divulgada e os tipos de discurso são os elementos capazes de determinar a que designação se referir.

Alguns aspectos diferenciadores da Terminologia em relação à Lexicologia são irrefutáveis: o caráter mais objetivo e menos informal da Terminologia, uma predominância de substantivos sobre os verbos e os adjetivos, objetivos diferenciados – no caso da Terminologia o de estabelecer formas de referência – um caráter mais prescritivo, e uma tarefa básica, a de nomear e não de definir, tarefa esta da Lexicografia.

Admite-se, modernamente, que três acepções caracterizam o campo de estudo da Terminologia:

- o conjunto de práticas e métodos usados para a coleta, descrição e apresentação de termos;
- o conjunto de princípios necessários à explicação das relações entre os conceitos e termos;
- o vocabulário de um campo de conhecimento especial.

2.3 Socioterminologia

Ao longo dos anos 90 do século XX, um novo rumo orienta os estudos terminológicos, atualizando-os. Sager é um dos primeiros estudiosos a formular hipóteses e reconhecer a existência e uso de variantes léxico-terminológicas, contrapondo-se, assim, à afirmação teórica de univocidade de referência. Como afirma Alves:

[...] o neologismo terminológico deve ser, segundo o ideal de Wüster, denotativo e desprovido de relações sinonímicas ou polissêmicas. No entanto, a prática terminológica tem mostrado que essa posição rígida do pesquisador austríaco e dos seguidores da Escola de Viena não condiz com a realidade. Em uma língua, um mesmo conceito é, em muitos casos, representado por diferentes termos que expressam variações de caráter regional e socioprofissional. Como consequência, o trabalho terminológico tende a tornar-se menos normativo e mais descritivo. A prática terminológica transforma-se, assim, numa socioterminologia, termo que marca a relação que a terminologia estabelece com a sociolinguística [...] (1998, p. 103).

O primeiro autor a usar a designação de Socioterminologia para essa nova orientação de estudos foi Jean-Claude Boulanger, em artigo datado de 1991 e intitulado “Une lecture socio-culturelle de la terminologie”, em que afirma que a perspectiva socioterminológica “vem atenuar os efeitos prescritivos exagerados de algumas proposições normativas” (1991, p. 25). A Socioterminologia significava então uma abordagem da terminologia para o estudo do uso linguístico.

O autor defende que houve uma evolução natural e cronológica:

[...] da prática isolada e mais frequentemente individual e para fins pessoais (a terminografia) à teorização estruturante e muitas vezes institucionalizada (a terminologia) depois à inserção comunitária tendo objetivos identitários (a socioterminologia). (BOULANGER, 1991, p. 18).¹⁰

Também Auger defende essa nova orientação socioterminológica, em conferência realizada em 1993, quando afirma que:

[...] uma nova corrente chamada socioterminologia, em reação às escolas hipernormalizadoras desconectadas de situações linguísticas próprias a cada país; essa corrente busca suas origens no cruzamento da sociologia da linguagem e da harmonização linguística (AUGER, 1994, p.53).

Como se percebe, há uma confluência de opiniões e insatisfações com os rumos da terminologia, que se centram essencialmente no caráter prescritivo que ela assume e na desconsideração pelos fatos reais da língua. Auger defende então a aceitação da variação linguística:

Concretamente é na gestão da sinonímia e da polissemia, dois fenômenos considerados tradicionalmente como nocivos aos sistemas terminológicos, que vai manifestar-se a aceitação da variação linguística. Rebatendo a ideologia das terminologias como conjuntos de termos unívocos e monoreferenciais, esses fenômenos interferentes vêm perturbar as idéias geralmente recebidas sobre o

¹⁰ [...] de la pratique isolée et le plus souvent individuelle et à des fins personnelles (la terminographie) à la théorisation structurante et souvent institutionnalisée (la terminologie) puis à l’insertion communautaire ayant des objectifs identitaires (la socioterminologie). (BOULANGER, 1991, p. 18).

assunto que confirmam geralmente as normas terminológicas dos organismos de normalização. (AUGER, 1994, p. 55).¹¹

É principalmente François Gaudin (2003) quem vai discutir e propor uma terminologia voltada para o social, inicialmente com tese defendida sobre o assunto, de que resultou o livro “Pour une socioterminologie – des problèmes sémantiques aux pratiques institutionnelles”. O autor adota como definição do termo socioterminologia, aquela proposta por Mario Barité, em dicionário eletrônico divulgado no ano 2000:

Socioterminologia. Ramo da terminologia que se ocupa da análise dos termos (surgimento, formação, consolidação e interrelações) considerando-as a partir de uma perspectiva linguística na interação social. //2. Disciplina eminentemente prática do trabalho terminológico, que se fundamenta na análise das condições sociais e linguísticas de circulação dos termos. (BARITÉ, 2000).¹²

Gaudin defende que o mesmo percurso que levou a linguística estrutural à sociolinguística conduziu a terminologia à socioterminologia, recuperando assim a dimensão social das práticas languageiras e levando em conta o real funcionamento da língua. (GAUDIN, 1993, p. 16).

Gaudin apresenta em sua obra as linhas fundamentais do percurso histórico da terminologia moderna, critica alguns dos postulados mais importantes da terminologia tradicional, apresenta orientações e pistas para uma nova orientação de planejamento socioterminológico, com base na sociolinguística e em disciplinas próximas como a epistemologia comparada, a sociologia das ciências, a análise da interação verbal, a pragmática e a glotopolítica. (AYMERICH, 2002, p. 37)

As reflexões de Gaudin, defendendo o exame do contexto de produção do léxico especializado e um diálogo interdisciplinar entre áreas de conhecimento que tenham parte na constituição da terminologia, encontrou resultados concretos no desenvolvimento da Terminologia no Québec, que tem um objetivo concreto, a preservação do francês.

Gaudin afirma que

¹¹ Concrètement c'est dans la gestion de la synonymie et de la polysémie, deux phénomènes considérés traditionnellement comme nuisibles aux systèmes terminologiques, que va se manifester l'acceptation de la variation linguistique. Repoussant l'idéologie des terminologies comme ensembles de termes univoques et monoréférentiels, ces phénomènes interférants viennent perturber les idées généralement recues en la matière que confirment généralement les normes terminologiques des organismes de normalisation. (AUGER, 1994, p. 55).

¹² Socioterminología. Rama de la Terminología que se ocupa del análisis de los términos (surgimiento, formación, consolidación e interrelaciones), considerándolos desde una perspectiva lingüística en la interacción social. //2. disciplina eminentemente práctica del trabajo terminológico, que se fundamenta en el análisis de las condiciones sociales y lingüísticas de circulación de los términos. (BARITÉ, 2000).

[...] a socioterminologia, com o suposto de que deseja ultrapassar os limites de uma “terminologia de escrivão”, deve localizar a gênese dos termos, sua recepção, sua aceitação, mas também as causas do insucesso e as do sucesso, no âmbito das práticas linguísticas e sociais concretas dos homens que empregam tais termos. Essas práticas são essencialmente aquelas que se exercem nas esferas de atividade. Eis porque a socioterminologia devia reencontrar as reflexões nos laços que se criam entre trabalho e linguagem (1993, p. 216).

Também Rey, no contexto francês, se interessou pela terminologia, principalmente nas questões referentes à sinonímia:

Assim, a harmonização das designações, a redução das sinonímias e das ambigüidades designativas, esse aspecto da normalização que eu proponho nomear ortonímia deve não somente levar em conta os fatores habitualmente considerados e as finalidades clássicas (um termo para uma noção, etc.) da terminologia, mas também da natureza dos sistemas concernentes, de sua produção e de seu funcionamento, muito diverso e às vezes oposto (REY, 1983, p. 301 *apud* AYMERICH, 2002, p.43).¹³

Como Rey, Sager tem contribuído para que se delineie “o desenvolvimento de uma teoria da terminologia que efetivamente leve em conta os fatos da linguagem em toda a sua abrangência pragmática” (KRIEGER, 2000, p.224). Para Aymerich, a contribuição mais importante de Sager para o tratamento da variação em terminologia é o fato de distinguir diferentes usos terminológicos e saber dar um espaço diferente à variação, em função do uso. A autora comenta ter sido Sager um dos primeiros autores a defender a observação dos usos terminológicos orais e que reflete sobre as causas da sinonímia planejada como uma estratégia comunicativa. (AYMERICH, 2002, p. 43).

Segundo Faulstich (2006), a abordagem que privilegiava o enfoque descritivo e propunha outros caminhos de estudo dos textos técnico-científicos, justificava-se em razão de fatores como o caráter essencialmente prescritivo da Terminologia e o fato de que a situação de comunicação privilegiada para estudo desconsiderava a situação real.

De fato, Cabré assinala que:

A observação do uso real que os profissionais fazem dos termos revela que uma noção pode ser expressa (e de fato quase sempre o é) por várias denominações, que variam em função dos parâmetros dialetais, comunicativos e estilísticos que, em maior ou menor grau que na comunicação geral, regem também a comunicação especializada. Neste sentido, os dicionários especializados na temática [...] dão

¹³ Ainsi, l’harmonisation des désignations, la réduction des synonymies et des ambigüités désignatives, cet aspect de la normalisation que je propose de nommer ortonhymie doit non seulement tenir compte des facteurs habituellement envisagés et des finalités classiques (un terme pour une notion, etc.) de la terminologie, mais aussi de la nature des systèmes concernés, de leur production et de leur fonctionnement, très divers et parfois opposés. (REY, 1983, p. 301 *apud* AYMERICH, 2002, p.43).

mostra também de variação dialetal, se bem que em muitíssimo menos grau que os dicionários gerais. (CABRÉ, 2005).¹⁴

Cabré recorda que, em 2001, G. Budin faz uma análise comparativa das várias propostas teóricas surgidas como alternativas à Terminologia tradicional, apresentando três grandes grupos que, segundo a autora, não refletem ainda a realidade das tendências dos estudos terminológicos, mas que incluem, além da terminologia computacional e de um paradigma independente, a Socioterminologia. Para Budin, incluem-se nesta proposta teórica as do grupo de Rouen, a terminologia de base e enfoque social escandinava, a socioterminologia cognitiva e alguns aportes individuais (CABRÉ, 2005).

Essa nova orientação, que leva em conta a diversidade da língua, é defendida pela própria autora, que propôs, no entanto, uma outra teoria, a Teoria Comunicativa da Terminologia – TCT.

Segundo Faulstich, a socioterminologia adquiriu fundamentos teóricos, o que lhe possibilita reivindicar a posição de disciplina e não apenas de método de pesquisa, apresentando duas abordagens: como prática do trabalho terminológico, quando deve levar em conta as condições de circulação dos termos no funcionamento da linguagem; e como disciplina descritiva, em que o termo é considerado sob a perspectiva linguística da interação social (FAULSTICH, 1995).

A Socioterminologia, assim, ocupa-se “da *variação terminológica* tendo como princípio de sua pesquisa o registro e análise de *variantes terminológicas*, levando em consideração os contextos social, situacional, espacial e linguístico em que os termos circulam” (VASCONCELOS, 2003, p. 144).

Segundo Faulstich:

Socioterminologia é a disciplina que se ocupa da identificação e da categorização das variantes linguísticas dos termos, em diferentes tipos de situação de uso da língua [...] é preciso levar em conta critérios básicos de variação terminológica no meio social, bem como critérios etnográficos porque as comunicações entre membros da comunidade em estudo podem gerar termos diferentes para um mesmo conceito ou mais de um conceito para um mesmo termo (1995).

Faulstich defende que a teoria da variação em terminologia deve levar em consideração os diferentes valores que pode assumir um termo, segundo a função e o contexto

¹⁴ La observación del uso real que los profesionales hacen de los términos revela que una noción puede ser expresada (y de hecho casi siempre lo es) por varias denominaciones, que varían en función de los parámetros dialectales, comunicativos y estilísticos que, en menor grado que en la comunicación general, rige también la comunicación especializada. En este sentido, los diccionarios especializados por la temática, [...] dan muestra también de variación dialectal, si bien en muchísimo menor grado que los diccionarios generales. (CABRÉ, 2005).¹⁴

em que ele se encontra, e apresenta os seguintes postulados relativos à variação em terminologia:

a) dissociação entre estrutura terminológica e homogeneidade, univocidade e monoreferencialidade, e associação da noção de heterogeneidade ordenada à estrutura terminológica; b) abandono do isomorfismo categórico entre termo-conceito-significado; c) aceitação do fato que, uma vez que a terminologia é um fato de língua, ela contém elementos que variam; d) aceitação do fato que a terminologia varia e que essa variação pode indicar uma mudança em curso; e) análise da terminologia em co-textos linguísticos e em contextos discursivos da língua escrita e da língua oral. (1998/1999, p. 93-103).¹⁵

Faulstich propõe uma classificação das variantes em dois grandes grupos, conforme o processo de variação tenha razões eminentemente linguísticas ou decorram do ambiente em que ocorrem, apresentando exemplos. Essas variantes podem ser:

VARIANTES LINGUÍSTICAS, que podem ser: 1. Variante terminológica morfossintática – “apresenta alternância de estrutura de ordem morfológica e sintática na constituição do termo [...] como em *lombo d’acém* e *lombinho do acém*”; 2. Variante terminológica lexical – “a forma do item lexical sofre comutação, mas o conceito do termo se mantém intato [...] como *pressão seletiva* e *pressão de seleção*”; 3. Variante terminológica gráfica – “se apresenta sob a forma gráfica diversificada de acordo com as convenções da língua [...] como *pólen* e *polem*” (FAULSTICH, 1996).

VARIANTES DE REGISTRO 1. Variante terminológica geográfica que, como o nome indica, “ocorre no plano horizontal de diferentes regiões em que se fala a mesma língua”, tendo como exemplos *caxumba* e *papeira*; 2. Variante terminológica de discurso, “que decorre da sintonia que se estabelece entre elaborador e usuários de textos mais formais ou menos formais”, como em *parotidite epidêmica* para *papeira*; 3. Variante terminológica temporal, “em que duas formas (X e Y) concorrem durante um tempo, até que uma se fixe como forma preferida” como em *gameta masculino* substituindo *macrogameta* (FAULSTICH, 1996).

Em 1998, em conferência magistral proferida em Havana, Faulstich comenta que a socioterminologia tem dois percursos temporais possíveis para a análise dos termos no discurso: sincronia e diacronia. Apresenta uma proposta ampliada de variantes linguísticas, admitindo o cruzamento entre elas. Nessa proposta a autora divide a variante morfossintática

¹⁵ a) dissociation entre structure terminologique et homogénéité, univocité ou monoréférentialité, et association de la notion d’hétérogénéité ordonnée à la structure terminologique; b) abandon de l’isomorphisme catégorique entre terme-concept-signifié; c) acceptation du fait que, puisque la terminologie est un fait de langue, elle contient des éléments qui varient; d) acceptation du fait que la terminologie varie et que cette variation peut indiquer un changement en cours; analyse de la terminologie dans les co-textes linguistiques et en contextes discursifs de la langue écrite et de la langue orale.

em variante morfológica, como em *porrada* e *porreta*, ambos originados de comidas com alhos porros; e variante sintática, que se caracteriza pela alternância de construções sintagmáticas, como em *agua de frol co almísquer* e *agua de cheiro almisclada*, do português arcaico da culinária, sempre em exemplos retirados do texto. Faulstich acrescenta ainda a variante terminológica fonológica, como em *agoa de frol* e *água de flor*.

Todas essas categorias de variantes incluem-se no grande grupo que a autora denomina de variantes concorrentes. Propõe ainda duas outras categorias, a das variantes co-ocorrentes, em que se inserem os sinônimos e as variantes competitivas, que compreendem os empréstimos, termos híbridos, decalcados ou estrangeirismos.

A autora acrescenta “A socioterminologia é a disciplina que abriga o movimento do termo nas linguagens de especialidade” (FAULSTICH, 1998), movimento este que a autora já afirmara ser gradual, no tempo e no espaço, e justificar a variação.

É ainda a mesma autora que defende que a Socioterminologia tem como tarefa sistematizar essas variantes, adotando a abordagem do funcionalismo linguístico “que orienta a interpretação dos fenômenos linguísticos para si próprios”, considerando os três planos em que se manifesta a diversidade de uma língua:

- i) toda língua é historicamente diversificada e, dada a mudança linguística, um estado de língua no tempo 1 é diferente de um estado de língua no tempo 2. ii) toda língua é socialmente diversificada tanto pela origem geográfica quanto pela origem social dos locutores. iii) toda língua é estilisticamente diversificada; os locutores vão modificando sua maneira de falar de acordo com as situações sociais em que se encontram (VERMES; BOULET *apud* FAULSTICH, 2006, p.5)

O desenvolvimento da socioterminologia minimiza o relativo afastamento em relação à linguística, como afirma Gambier:

[...] terminologia não mais trabalhando a priori sobre termos-etiquetas, objetos para “pregar com alfinete”, mas fundamentada na emergência e na circulação das noções e suas transformações incessantes, no coração do real contraditório, das atividades concretas, aceitando o retorno da linguística – a da variação (sociolinguística, pragmalinguística) –, procurando dar conta das diferenças entre as práticas das ciências (exatas e sociais), a das técnicas, a das indústrias [...]. (1991, p. 51).¹⁶

Faulstich (1995) apresenta como auxiliares da pesquisa socioterminológica os princípios da sociolinguística, dos quais destaca os critérios de variação e de perspectiva de

¹⁶ /.../ terminologie non plus d’a priori travaillant sur des termes-étiquettes, des ‘objets à épingle’ mais fondée sur l’émergence et la circulation des notions et leurs transformations incessantes, au coeur du réel contradictoire, des activités concrètes, acceptant le retour de la linguistique – celle de la variation (sociolinguistique, pragmalinguistique) –, cherchant à rendre compte des différences entre les pratiques des sciences (exactes et sociales), celle des techniques, celles des industries /.../. (GAMBIER, 1993, p. 51).

mudança, e os princípios da etnografia, principalmente no que se refere à capacidade de gerar “conceitos interacionais de um mesmo termo ou de gerar termos diferentes para um mesmo conceito”

A mesma autora defende, como tarefas do pesquisador variacionista aquelas propostas por Scherre (1996),¹⁷ deixando clara, no entanto, a diferença entre sociolinguística e socioterminologia. Desse modo, segundo Faulstich, são tarefas da socioterminologia:

entre outras, identificar os fenômenos linguísticos variáveis de uma dada língua, inventariar suas variantes, levantar hipóteses que dêem conta das tendências sistemáticas da variação linguística [...], identificar, levantar e codificar os dados relevantes [...] socioterminologia não é sociolinguística. A primeira se ocupa da variação social que o termo sofre nos diversos níveis e planos hierárquicos do discurso científico e técnico. A sociolinguística, por sua vez, trata da variação social por que passa a língua geral, no decorrer de sua sincronia, em vista da mudança que poderá vir a ocorrer. (1998)

Além disso, estabelece como posturas para validação do trabalho socioterminológico: identificar o usuário da terminologia a ser descrita; adotar atitude descritiva; consultar especialista da área; delimitar o *corpus*; selecionar documentação bibliográfica pertinente; precisar as condições de produção e de recepção do texto científico e técnico; conceder, na análise do funcionamento dos termos, estatuto principal à sintaxe e à semântica; registrar o termo e a(s) variante(s) do termo e redigir repertórios terminológicos. (FAULSTICH, 1995).

Para Borbujo, a Socioterminologia é parte de uma linguística crítica, que deve receber os aportes da Sociologia, da Sociolinguística, da Semântica Cognitiva, da Etnografia da Palavra, da Lexicometria, da Editologia e da Semiótica Narrativa, para cumprir seus objetivos que o autor resume em funções e atribuições, como a criativa, a cognitiva, a heurística, a comunicativa, a linguística e a sócio-histórica. (BORBUJO, 2001).

Faulstich conclui artigo em que defende o status de disciplina para a Socioterminologia, dizendo:

A socioterminologia focaliza o dado terminológico de maneira contrária à postura normativizadora da terminologia da década de 30. Nenhuma língua é um bloco homogêneo e uniforme, mas um sistema plural, constituído de normas que evidenciam os usos reais em variação. Nesse contexto, instauram-se, também, os estudos da terminologia contemporânea (1995, p. 287).

¹⁷ Obra citada: SILVA, Giselle M. de O.; SCHERRE, Maria Marta P. (Orgs.). **Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro : Tempo Brasileiro, UFRJ, 1996.

Em síntese, o que se pretende, em Socioterminologia, é levar em conta os diversificados discursos especializados, neles incluídos os contextos orais, admitindo as variações dos termos e que essas variações devem estar incluídas na elaboração de produtos terminográficos.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

A Festa do Divino Espírito Santo, das mais importantes no arquipélago dos Açores e no Maranhão, ocorre em todas as ilhas do arquipélago português e em todo o Estado brasileiro, com muitos pontos comuns no desenvolvimento do ritual que, no entanto, embora tenha, nessas localidades, origem e fundamentos da religião católica, é realizado também por terreiros maranhenses de religiões africanas. Busquei, então, identificar se a semelhança no ritual se revelava na terminologia da festa e, ainda, se a forte presença da cultura africana tinha influenciado esta mesma terminologia, buscando comprovar a ocorrência dos fenômenos preditos nas hipóteses:

- Há, predominantemente, semelhanças na linguagem da Festa do Divino nos Açores e no Maranhão – ilha de São Luís e Alcântara.
- As diferenças entre as terminologias decorrem dos espaços geográficos e culturais diferentes.
- Há uma presença africana na linguagem da Festa do Divino no Maranhão, em relação de importância assimétrica, mais forte para o rito do que para a terminologia da festa.

Apesar do amplo universo terminológico da festa, os estudos linguísticos sobre a festa inexistiam ou eram insuficientes se levados em conta aspectos como a antiguidade da festa ou a amplitude dos espaços geográficos em que ela ocorre, e que compreende regiões lusófonas mas também anglófonas, como os Estados Unidos da América e o Canadá.

Esta pesquisa partiu também da percepção de inexistência de estudos linguísticos comparativos sobre o tema.

A pesquisa foi feita em fontes documentais, em razão das especificidades dos espaços geográficos considerados e da disponibilidade dos registros existentes. Procurei obter um *corpus* com formas de constituição homogêneas, evitando fontes de pesquisa diferenciadas. No entanto, fiz também observação sistemática, *in loco*, dos rituais de festas realizadas no Maranhão – São Luís e Alcântara –, nos Açores – Ilha Terceira – e em Portugal Continental – Tentúgal e Tomar – e entrevistas informais com participantes. Essa contribuição foi valiosa, uma vez que possibilitou, ao acompanhar o desenvolvimento da festa e suas etapas, identificar os termos que eram utilizados para designar os diversos momentos e rituais da festa, a diversidade na designação de seus participantes e dos objetos rituais e seus diferentes valores no ritual e, principalmente, contribuiu para a confirmação do emprego dos termos selecionados a partir das fontes documentais.

3.1 O universo da pesquisa

Para a realização da pesquisa foi necessário estabelecer a delimitação do objeto de estudo, levando em conta as peculiaridades da festa, sua abrangência geográfica e temporal e as fontes de pesquisa.

Em Portugal Continental, além de consultar registros documentais, observei as festas de Tentúgal e de Tomar, ambas na região das Beiras.

Nos Açores, obtive registros documentais sobre as festas realizadas em todas as ilhas, com ênfase na Ilha de Santa Maria e, na Ilha Terceira, observei as festas nas freguesias de São Sebastião e do Raminho.

No Maranhão, considerei a festa realizada em Alcântara e, em São Luís, as festas realizadas nas seguintes casas de culto: Casa das Minas, Casa Fanti-Ashanti e Terreiro da Fé em Deus, por serem as mais amplamente documentadas. Mas observei ainda as festas do Terreiro de Iemanjá e da Irmandade do Espírito Santo em Paço do Lumiar.

3.1.1 O tempo do Divino

A festa, em princípio, tem período de realização definido no calendário católico, com início no domingo de Páscoa e término no Domingo de Pentecostes, mas essas datas vêm sendo alteradas por circunstâncias variadas. Nos Açores, os principais financiadores da festa são, em geral, os emigrantes, principalmente os residentes nos Estados Unidos da América ou no Canadá. Como as maiores facilidades de obtenção de recursos e de participação popular ocorrem no período em que os emigrados retornam às ilhas para passar férias, o que corresponde, em geral, aos meses de julho e agosto, muitas festas são realizadas nas ilhas nesse período.

No Maranhão, as mudanças de datas também ocorrem, em geral, pela associação da festa às datas comemorativas de outros santos, cultuados pelos terreiros, e ainda pela necessidade de evitar a realização de festas em datas coincidentes, em razão das limitações impostas pelo número cada vez mais reduzido de caixeiros, essenciais para a realização da festa. A grande maioria das caixeiros participa de mais de uma festa – uma das caixeiros com que mantive contato enumerou 25 festas em que toca caixa, em muitas delas exercendo a função de caixa-régia, responsável pela condução do ritual.

A festa do Divino, assim, em que pese sua natural associação com o Domingo de Pentecostes, é realizada, no Maranhão, em todo o Estado e durante o ano inteiro, apenas com

uma concentração maior no período que vai da Quarta-Feira de Ascensão ao Domingo de Pentecostes. Em 2005, o cadastro do Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho registrou 150 festas em 23 municípios do Maranhão, 66 na capital, conforme foi divulgado no material publicitário do Projeto de Apoio do Governo do Estado do Maranhão, DIVINO MARANHÃO.

3.1.2 Os espaços geográficos do Divino

Observar um número muito elevado de festas revelou-se impraticável, por múltiplos fatores: o extenso calendário da festa, a coincidência de datas e as dimensões geográficas dos espaços que constituem o *locus* da festa, disperso por dois continentes – o europeu e o sul-americano – e um arquipélago distante dos dois mencionados continentes, além das dificuldades resultantes dos custos elevados para realizar pesquisas nesse arquipélago, constituído por nove ilhas distantes também entre si. Optei por realizar o levantamento dos termos a partir de fontes documentais, com ênfase em obras publicadas sobre as festas, o que permitiu uma maior uniformidade nos critérios de constituição do *corpus*. Dessa forma, foi possível incluir, no universo das localidades pesquisadas, as festas realizadas em Portugal Continental, principalmente na região das Beiras, e especialmente na denominada Beira Interior, onde ainda é possível encontrar reminiscências de festas e onde a recorrência de capelas, igrejas e ruas do Espírito Santo comprova a importância do culto. A decisão de incluir essa região de Portugal Continental justifica-se pela coincidência de alguns rituais e termos a eles referentes encontrados nessa região e no Maranhão, sem registro equivalente nos documentos consultados sobre os Açores. Sobre os termos referentes às festas em Portugal Continental não foi possível obter material de pesquisa de cunho linguístico, embora haja registro da intenção manifestada, por Manuel Breda Simões, na Introdução à 1ª edição do *Roteiro Lexical do Culto e das Festas do Espírito Santo nos Açores*, de 1984, de realizar o levantamento da terminologia continental.

No Maranhão, as mesmas razões de dificuldade de acesso e da amplitude do número de festas no Estado, determinaram as decisões de levantamento de termos por meio de pesquisa documental e ainda de dar ênfase à pesquisa na Ilha de São Luís e no município de Alcântara que, apesar da proximidade geográfica, apresentam orientações diferentes: em Alcântara, a festa é essencialmente realizada pela comunidade, enquanto que em São Luís é predominantemente realizada por terreiros.

Por outro lado, além da consulta a documentos sobre a festa, foram observadas dez festas, uma em Alcântara, três em São Luís e uma em Paço do Lumiar, outro município da Ilha de São Luís, duas na Ilha Terceira, nas freguesias do Raminho e de São Sebastião, e duas em Portugal Continental, em Tentúgal e em Tomar, quando acompanhei e registrei, em fotos, o desenvolvimento do ritual, para identificar possíveis diferenças na sua condução, nas etapas e na denominação dos participantes das festas.

Na Ilha de São Luís, realizei o levantamento dos termos em livros, dissertações e teses que descrevem, principalmente, as festas realizadas pela Casa das Minas, pelo Terreiro da Fé em Deus e pela Casa Fanti-Ashanti, sobre as quais existem estudos etnográficos, mas observei, além destas, a festa do terreiro de Iemanjá, em São Luís, no bairro da Liberdade, e a festa da irmandade do Espírito Santo, no município de Paço do Lumiar, na Ilha de São Luís, e visitei os terreiros do Anjo da Guarda e a Casa de Nagô.

3.1.3 Os senhores das festas

Em São Luís e Alcântara foram realizadas também entrevistas com participantes com funções definidas na festa, sem restrições de faixa etária ou de sexo. Priorizei, para essas entrevistas, contactar os festeiros, os mestres-salas e as caixeiras das festas por, reconhecidamente, serem estes os maiores conhecedores de todos os rituais.

a) Os festeiros são os responsáveis pela realização da festa. Em São Luís são, em geral, os responsáveis pelos terreiros, encarregados de definir datas, cores das vestimentas, angariar fundos, definir responsabilidades, reunir as caixeiras, coordenar a decoração.

b) Os mestres-salas são os responsáveis pela condução do ritual e de prover a que todas as etapas, anunciadas pelas caixeiras, sejam rigorosamente cumpridas. São conhecedores profundos do ritual e dominam o seu desenvolvimento, nem sempre fácil de cumprir, uma vez que a corte imperial é constituída por crianças.

c) Finalmente as caixeiras, ditas as sacerdotisas do ritual da festa, são as responsáveis pela condução das etapas, conhecem cada momento e sequência da festa e orientam minuciosamente, com seus cânticos acompanhados pela batida das caixas, as ações do mestre-sala.

O nome dos entrevistados aparece no texto quando se trata de retomada ou citação das obras consultadas, em que a identificação foi feita, e foi respeitada a forma nelas utilizada e dado o devido crédito.

Apesar do profundo conhecimento da festa e da responsabilidade de cumprir o ritual em seus menores detalhes, por parte dos entrevistados, as entrevistas não acrescentaram termos àqueles já levantados em fontes documentais, embora tenham sido úteis na confirmação de seu uso. As festas observadas nos Açores e em Portugal tiveram a mesma utilidade, mas a impossibilidade de prolongamento da estadia no local reduziu as possibilidades de entrevistar os participantes, já que a minha permanência nos locais coincidia com as datas das festas, o que mantinha os participantes ocupados com o seu desenvolvimento.

3.2 O universo documental – as fontes da pesquisa

De forma geral, são raros os trabalhos linguísticos sobre esse tema. No que diz respeito à terminologia da festa do Divino nos Açores, dispus de material sistematizado sobre os termos da festa: o livro *Roteiro Lexical do Culto e das Festas do Espírito Santo nos Açores*, ilustrado, elaborado por Manuel Breda Simões em 1987, e constituído por 271 verbetes, relacionados com a festa nas diferentes ilhas do arquipélago e organizados em ordem alfabética, compreendendo o termo-entrada, a definição, abonações e registro de informações que designarei de enciclopédicas, por serem de teor variado, abrangendo receitas, citações de cunho histórico-cultural, trechos de cânticos. O livro fornece uma chave das siglas e das abreviaturas e as fontes das citações. As ilhas em que os termos ou cânticos ocorrem e o nome em código dos colaboradores que coletaram esses dados estão indicados. No entanto, em que pese o título da obra, ela não está restrita aos termos referentes à festa do Divino, mas inclui termos referentes às festas de Carnaval, São Marcos e São Pedro, que o autor considera constituírem um mesmo ciclo.

O *Roteiro Lexical do Culto e das Festas do Espírito Santo nos Açores* foi utilizado como fonte de consulta, mas optei por realizar o levantamento dos termos em obras, bastante numerosas, de estudos etnográficos, antropológicos e sociológicos que resultaram em teses, dissertações e monografias, fontes de pesquisa que possibilitaram comparar os termos da festa em momentos e locais diferentes. No entanto, há que ter em mente que são estudos que apresentam perspectivas, fundamentações e objetivos diferentes, sem preocupação com os aspectos linguísticos. Dei prioridade àqueles que decorrem do registro da fala dos participantes da festa.

No caso do Maranhão, constatada a inexistência de estudos linguísticos e considerando que o levantamento organizado dos termos limitava-se a raras e reduzidas listas

de termos, em finais de livros sobre o tema, para apoio e facilitação da leitura, fez-se necessário elaborar um glossário dos termos da festa no Maranhão, que foi apresentado como objeto de minha dissertação de mestrado com o nome de *A terminologia da festa do Divino Espírito Santo nos Açores e no Maranhão – São Luís e Alcântara: uma proposta de glossário*.

O glossário dos termos da Festa do Divino Espírito Santo está constituído por 159 termos, na sua maioria substantivos ou sintagmas nominais.

Vale ressaltar que, além do material levantado nos livros selecionados, contei com CDs que compreendem a descrição das festas, nos Açores e no Maranhão, e com a transcrição de depoimentos de caixeiros e de cânticos rituais da festa do Divino, no Maranhão. Utilizei ainda filmes sobre as festas em Portugal e em Alcântara e registros filmados de festas em todo o estado do Maranhão, incluindo entrevistas com participantes, em DVDs, o que faz com o que o *corpus* da pesquisa seja composto por unidades terminológicas coletadas em registros da língua escrita e da língua oral.

3.2.1 Os livros

Para a constituição do *corpus* da festa do Divino nos Açores e em Portugal Continental foram consultadas, além do já mencionado *Roteiro Lexical do Culto e das Festas do Espírito Santo nos Açores*, as seguintes obras:

a) A Festa do Espírito Santo no Ladoeiro e no Sul da Beira Interior de Francisco Henriques, publicado em 1997 como primeiro número da *Açafa*, publicação da Associação de Estudos do Alto Alentejo, com 364 páginas. A obra está constituída por uma introdução e 4 capítulos, o primeiro dos quais descreve minuciosamente a festa do Espírito Santo no Ladoeiro, uma das dezessete freguesias do Concelho de Idanha-a-Nova. O capítulo seguinte faz um inventário comentado das manifestações festivas sob esse tema em 29 localidades do Sul da Beira Interior, em Portugal Continental e os capítulos seguintes ampliam o estudo sobre as festividades e culto com ênfase sobre as capelas, imagens, insígnias e hábitos recorrentes e comentam a necessidade de ampliação dos estudos sobre a festa. A obra compreende ainda figuras, quadros e fotografias.

b) A festa do Imperador de Eiras e o Culto do Espírito Santo de Dina Fernanda Ferreira de Sousa, publicado em 1994. Após curta nota introdutória, breve resenha histórica e comentários sobre a prática do culto em Portugal, descreve a festa realizada em Eiras, povoação e freguesia do concelho de Coimbra, até 1832 e as ressurgências dessa festa depois dessa data. O livro, de 39 páginas, apresenta algumas fotografias.

c) As Festas do Espírito Santo nos Açores: um estudo de antropologia social, de João Leal, publicado em 1984, é o resultado de tese de doutorado do autor. O livro possui 319 páginas e está constituído por uma apresentação, três partes, conclusões e apêndices. A primeira parte descreve aos Impérios na freguesia de Santa Bárbara, na Ilha de Santa Maria no arquipélago dos Açores, o segundo capítulo descreve e comenta o que o autor define como diversidade e unidade das festas nas outras ilhas, com ênfase nas freguesias de Santo Antão, na Ilha de São Jorge e na freguesia da Piedade, na Ilha do Pico e, por último, apresenta romarias quaresmais e festas do Divino na Ilha de São Miguel. A obra apresenta ainda dois apêndices, o primeiro dos quais comenta a relação entre povo e clero, nas festas, e o segundo descreve sumariamente as festas no continente e na Ilha da Madeira. A obra possui quadros, mapas, figuras, diagramas e fotografias.

d) Espírito Santo em festa de Aurélia Armas Fernandes e Manuel Fernandes, publicado em 2006, com 592 páginas, é uma obra que reúne impressões pessoais e estudos sobre a origem e história da festa, a simbologia das insígnias, lendas, milagres, sinais, contos e orações, entre outros assuntos. Apresenta uma descrição detalhada da festa na Ilha das Flores e uma breve descrição da festa nas outras ilhas do arquipélago dos Açores, em Portugal Continental, no Brasil, nos Estados Unidos e no Canadá. Embora bastante ampla, apresenta problemas para sua utilização em razão de um sistema pouco confiável e incompleto de referências. Possui um grande número de fotos coloridas de boa qualidade de diversos locais onde a festa é realizada.

e) Etnografia dos Impérios de Santa Bárbara (Santa Maria, Açores), de João Leal é um livro de 104 páginas, publicado em 1984, pelo Instituto Português do Patrimônio Cultural. Em nota prévia, o autor afirma que o texto tem intenções exclusivamente etnográficas e propõe-se descrever os Impérios do Espírito Santo na freguesia de Santa Bárbara, a partir de pesquisa de campo. A obra possui, em apêndice, amostras dos cantares tradicionais, algumas acompanhadas de partituras, e grande número de fotografias.

f) Festa dos tabuleiros de João M. O. Victal e outros é uma publicação de 2011 com 77 páginas, que compreende seis estudos e 27 aquarelas sobre aspectos da Festa dos Tabuleiros. Alguns desses estudos descrevem a festa tal como era antigamente e como ocorre agora.

g) Instrumentos Musicais Populares dos Açores, de Ernesto Veiga de Oliveira, publicado em 1986, é o resultado de pesquisas de campo realizadas nos Açores em 1963, para complementar a coleção e estudo dos instrumentos populares portugueses. A obra, com 69 páginas, historia o surgimento dos instrumentos e descreve-os, reservando um capítulo

especial para os instrumentos cerimoniais em que se incluem os instrumentos das folias. Conta com grande número de fotografias e com a transcrição de letras de cânticos, acompanhados da pauta musical.

h) Monsanto: etnografia e linguagem de Maria Leonor Carvalhão Buescu, obra publicada inicialmente em 1958, e reeditada em 1984, e elaborada como dissertação de licenciatura da autora, acrescida, posteriormente, de outras informações. De fundo etnográfico-linguístico, a obra sobre a vila de Monsanto, na Beira Baixa, em Portugal Continental, compreende 326 páginas e está constituída por uma introdução, quatro partes, subdivididas em capítulos e apêndices. A primeira parte possui 5 capítulos que tratam, nesta ordem, do espaço doméstico, do quotidiano, das fainas domésticas, das fainas agrícolas, das indústrias e do sagrado e profano. Neste último capítulo há uma descrição dos Jantares do Espírito Santo, com destaque em *itálico* para os termos que caracterizam a festa. O livro possui fotos e desenhos ilustrativos.

i) O culto do Espírito Santo de Antonieta Costa, publicado em 2008, ilustrado, com 240 páginas, é apresentado em formato bilíngue, português/inglês. A obra está organizada em uma introdução e 4 capítulos que tratam de: Cultos pagãos; o ritual; o culto católico; descrição e apresenta ainda em apêndice o texto *O bezerro do Espírito Santo*. Além disso, compreende grande número de transcrições de entrevistas realizadas para coleta de depoimentos sobre as promessas feitas e os milagres atribuídos ao Espírito Santo por intermédio do pão, dos símbolos da divindade, entre outros elementos.

j) Roteiro Lexical do Culto e das Festas do Espírito Santo nos Açores, de Manuel Breda Simões, descrito anteriormente.

k) Os Impérios populares de Maria Micaela Soares, estudo sobre a festa em Penedo, Portugal Continental, com 113 páginas, publicado no Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa em 1982. A autora realiza um detalhado levantamento histórico da festa, comprovado pela transcrição de trechos de documentos, e descreve a festa e sua evolução, estabelecendo paralelos com festas realizadas em outros tempos e outras localidades, como Cascais, Tomar, Alenquer, Marmeleite, Santiago do Cacém, para citar apenas algumas, e apresentando curiosidades e transcrição de cânticos, orações, regulamentos e receitas culinárias. Apresenta fotografias e desenhos, principalmente, mas não exclusivamente, da festa em Penedo.

Para a obtenção do *corpus* da pesquisa sobre a festa no Maranhão – Ilha de São Luís e Alcântara – além do glossário constante da dissertação já referida, *A terminologia da*

festa do Divino Espírito Santo nos Açores e no Maranhão – São Luís e Alcântara: uma proposta de glossário, foram consultadas as seguintes obras:

a) Querebentan de Zomadonu: etnografia da Casa das Minas, de Sérgio Figueiredo Ferretti, tese de doutoramento do autor, publicada em 1985 e reeditada em 2009; a obra faz um estudo etnográfico da casa das Minas, o mais antigo e tradicional terreiro de Mina de São Luís e, no capítulo III, – Os rituais da Casa das Minas – apresenta, nas páginas 161 a 175, a descrição da Festa do Divino Espírito Santo realizada por essa casa de culto.

b) Repensando o sincretismo, de Sérgio Figueiredo Ferretti – obra publicada em 1995, que se propõe repensar o fenômeno do sincretismo religioso afro-brasileiro, aplicando os estudos ao caso específico da Casa das Minas; dedica o capítulo dez, das páginas 167 a 187, à descrição da Festa do Divino Espírito Santo, bem como a comentários sobre o ritual.

c) Umas mulheres que dão no couro, de Marise Barbosa, trabalho publicado em 2006, com 220 páginas, é decorrente de pesquisa realizada para elaboração da dissertação de mestrado da autora e descreve as festas realizadas em vários lugares do Estado do Maranhão: Fleixeiras, Caxias, Santa Rosa dos Pretos ou Santa Rosa do Barão, Peria, São Simão, Pindaí, Penalva, Alcântara, Rio Grande, Maracanã, Rosário, Providência, São José de Ribamar, Igarau e São Luís. Na capital, a autora esteve em diferentes terreiros: Casa de Dona Nilza, no Goiabal, Terreiro das Portas Verdes, Casa das Minas, Casa de Nagô, Casa Fanti-Ashanti e Terreiro da Fé em Deus. A obra tem enfoque especial sobre o papel das mulheres e principalmente das caixeiras no ritual da festa; registra e transcreve depoimentos destas caixeiras e 62 cânticos do ritual da festa, além de dois carimbós de caixeiras, o primeiro constituído por 26 canções e cantigas e o segundo por 5 cantigas. Vem acompanhada por um CD, com esses registros.

d) Caixeiras do Divino Espírito Santo de São Luís do Maranhão de Gustavo Pacheco, Cláudia Gouveia e Maria Clara Abreu – obra publicada em 2005, com 96 páginas, nascida do desejo de registrar e divulgar o que os autores consideram uma das mais antigas, difundidas e importantes tradições populares do Maranhão. O livro foi realizado a partir de gravações realizadas nos seguintes terreiros e casas de festeiros, em São Luís: Casa das Minas, Casa de Nagô, Casa Fanti-Ashanti, Terreiro Fé em Deus, Terreiro das Portas Verdes, Casa de Dona Nilza, Casa De Dona Fausta e Casa de Dona Aída. Vem acompanhado de dois CDs, o primeiro com 26 cânticos e o segundo com 15. A obra faz a descrição da festa e registra comentários de 15 caixeiras que participaram das gravações, além de apresentar a transcrição dos cânticos gravados.

e) Folclore brasileiro: Maranhão – Publicação do Ministério da Educação e Cultura, Departamento de Assuntos Culturais e fundação Nacional da Arte publicado em 1977, com 81 páginas e ilustrações, é o resultado de pesquisa realizada em 1972, promovida por uma Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro. A obra é de autoria de Domingos Vieira Filho, pesquisador e folclorista maranhense, que descreve a Festa do Divino Espírito Santo e registra trechos de cânticos, no item Outras Manifestações, da página 47 à página 49.

f) A Festa do Divino Espírito Santo – também de Domingos Vieira Filho, datado de 1954, e publicado como separata, com 10 páginas, da Revista da Academia Maranhense de Letras, volume IX, descreve uma festa realizada em 1948, na casa de D. Elsa Sousa, na Vila Passos, em São Luís. Apresenta fotos de participantes da festa e as letras de vários cânticos.

g) A Festa do Divino Espírito Santo em Alcântara (Maranhão) – de Carlos de Lima, publicado em 1972 por iniciativa do Ministério da Cultura, descreve uma Festa do Divino Espírito Santo em Alcântara. O capítulo inicial trata da história de Alcântara e descreve a cidade tal como se apresentava na década de 80 do século passado, ou seja, quando começaram as primeiras iniciativas de restauração de prédios históricos. O segundo capítulo, ilustrado com fotos, trata da festa, historiando sua origem, descrevendo-a de forma bem humorada e transcrevendo trechos de cânticos e falas dos populares. A obra conta com prefácio de Luís da Câmara Cascudo, que elucida aspectos da origem da festa e de seu valor simbólico.

h) As esposas do Divino: poder e prestígio feminino nas festas do Divino Espírito Santo em terreiros de tambor de Mina em São Luís do Maranhão, de Cláudia Rejane Martins Gouveia, dissertação de Mestrado, defendida na Universidade Federal de Pernambuco, em 2001, com 146 páginas e anexos – fotos e reprodução de material de divulgação das festas. Trata do papel das mulheres no festejo, em quatro terreiros de Mina de São Luís – Casa das Minas, Casa de Nagô, Casa Fanti-Ashanti e Terreiro Fé em Deus – e na casa de D. Nilza, no Goiabal, descrevendo as festas e registrando depoimentos e cânticos.

i) Memórias de Velhos – vols. I e IV – iniciativa do Governo do Estado do Maranhão apresenta-se como “uma contribuição à memória oral da cultura popular maranhense” e configura-se como uma série de coletâneas de depoimentos de idosos ilustres por seu conhecimento e sua contribuição à cultura popular. No volume I da página 89 à página 164, está registrado o depoimento de D. Celeste Santos, falecida em 2011 e responsável durante muitos anos pela festa do Divino Espírito Santo na Casa das Minas. D. Celeste participava da festa desde os dez anos de idade, começou como festeira em 1958 e

realizava a festa desde 1970; no volume IV estão os depoimentos de alcantarenses, como Ricardo Leitão, da página 55 a 78, mestre-sala da Festa do Divino e artesão, Diógenes Alberto Lemos Ribeiro, da página 81 a 107, santeiro e decorador do Altar das Festas do Divino e Heidimar Guimarães Marques, da página 109 a 182, descendente de família da nobreza alcantarense e que foi Imperador da Festa do Divino;

Considere fundamental a consulta a obras que registram os cânticos e os depoimentos de caixeiras e participantes da festa, dessa forma foi possível conhecer duas visões da festa: a dos estudiosos de folclore e de terreiros de São Luís, o discurso acadêmico, que se pretende imparcial, e a dos devotos e dos que fazem e vivem a festa.

3.2.2 Os DVDs

Obtive os seguintes DVDs, para consulta e comprovação dos dados coletados em livros e outros documentos:

- a) **Divino de Alcântara**, de Murilo Santos;
- b) **Em nome do Divino** – Brasil, de Carlos Brandão Lucas;
- c) **Em nome do Espírito Santo**, de Carlos Brandão Lucas.

3.2.3 Os CDs

Contei ainda com os registros dos cânticos, em CDs, que acompanham livros:

- a) **Um as mulheres que dão no couro**, de Marise Barbosa – dois CDs;
- b) **Caixeiras do Divino Espírito Santo de São Luís do Maranhão**, de Gustavo Pacheco, Cláudia Gouveia e Maria Clara Abreu – um CD
- c) **O Divino Som**: caixeiras da família Menezes – produzido pela associação Cultural Cachuera! – 1 CD

3.2.4 Outros materiais

Utilizei também o material iconográfico de propaganda da festa, calendários, convites, abanos, cartazes e uma revista sobre a Festa dos Tabuleiros em Tomar que, mencionando as datas de realização das diferentes etapas do ritual da festa, utilizam termos referentes às atividades características e a seus participantes, oferecendo, assim, a oportunidade de confirmação do emprego desses termos.

Some-se a isso, a oportunidade de participação no *III Congresso Internacional sobre as festas do Divino Espírito Santo*, o que me possibilitou conhecer algumas das festas dos Açores, na Ilha Terceira: a da freguesia do Raminho e a da freguesia de São Sebastião. E em Portugal Continental, em 2009, observei o cortejo da festa em Tentúgal, na Beira Litoral, uma tentativa de retomada da festa promovida por uma Confraria de produtores de doces conventuais. Em 2011, acompanhei a festa em Tomar, conhecida como Festa dos Tabuleiros.

A observação dessas festas foi fundamental para a seleção dos termos que são utilizados no decorrer da festa, distinguindo-os do léxico geral da língua.

3.2.5 Dicionários

Para os termos comparados foi feito um levantamento em dicionários gerais da língua portuguesa, nas suas variantes europeia e brasileira e em dicionários regionais, mas não específicos sobre a festa. Consultei ainda dicionários etimológicos. Os dicionários consultados estão relacionados a seguir:

3.2.5.1 Dicionários gerais

a) Novo Dicionário Aurélio de Aurélio Buarque de Hollanda Ferreira em sua primeira edição e terceira impressão, de 1975, que compreende, conforme informação do autor, bem mais de cem mil verbetes e subverbetes, e registra a língua dos escritores modernos e clássicos, dos jornais e revistas, do teatro, do rádio e da televisão, do falar do povo e os linguajares diversos, regionais, jocosos, depreciativos, profissionais e gíriescos.

b) Dicionário Houaiss Eletrônico da Língua Portuguesa de Antônio Houaiss, em sua edição de 2009, que compreende 146.000 entradas, com a etimologia, datação e abonações retiradas de obras literárias, técnicas e didáticas e de periódicos. Compreende vocábulos da língua antiga ou arcaica e apresenta-se com vocação lusófona, ou seja, leva em conta dialetismos brasileiros e portugueses e registra e define palavras e locuções dos crioulos orientais e africanos de origem portuguesa e vocábulos de outros idiomas incorporados ao português.

c) Dicionário da Língua Portuguesa de Antonio de Moraes Silva, em dois volumes, de 1890, em sua oitava edição, revista e melhorada como anuncia o autor.

d) Dicionário Prático Ilustrado: novo dicionário encyclopédico luso-brasileiro, publicado em 1931, em sua terceira edição revista, sob direção de Jayme de

Séguier. O dicionário está dividido em três partes: Língua Portuguesa, Locuções latinas e estrangeiras; História e geografia e compreende ainda 6.000 gravuras, 110 quadros enciclopédicos, 1000 retratos de personalidades e 90 mapas geográficos.

e) Dicionário da língua portuguesa da Porto Editora, publicado em 2008.

3.2.5.2 Dicionários especializados

a) A Linguagem popular do Maranhão, de Domingos Vieira Filho, em sua segunda edição publicada em 1958, como encarte da Revista de Geografia e História.

b) Dicionário da Língua Portuguesa Medieval de Joaquim Carvalho Silva, publicado em 2007, que compreende 17.000 verbetes;

c) Dicionário de Falares dos Açores: vocabulário regional de todas as ilhas, de J. M. Soares de Barcelos, publicado em 2008.

d) Dicionário de Falares das Beiras de Vítor Fernando Barros, publicado em 2010.

e) Dicionário do Folclore de Luís da Câmara Cascudo, em edição ilustrada de 2001.

3.2.5.3 Dicionários etimológicos

a) Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa, de José Pedro Machado, cinco volumes, em sua quinta edição, publicada em 1989;

b) Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa de Antenor Nascentes, em dois volumes, publicado em 1955, em segunda tiragem da primeira edição do Tomo I;

c) Dicionário Etimológico Nova Fronteira de Antônio Geraldo da Cunha, em sua 2ª edição revista e acrescida de um suplemento, publicado em 1986.

3.3 Etapas da pesquisa

Para a realização da pesquisa foram cumpridas as seguintes etapas:

3.3.1 Pesquisa bibliográfica e documental

Foram consultadas obras de linguística, obras de lexicologia, terminologia e socioterminologia; obras de História de Portugal e dos Açores, do Maranhão e, mais especificamente, de São Luís e Alcântara; obras sobre a história da Festa do Divino e sobre sua realização em Portugal Continental, nos Açores e no Maranhão; dicionários. Para a constituição do *corpus*, integraram esta pesquisa documentos diversos, como vídeos e DVDs, folhetos, fotografias e artigos de revistas e jornais que, ao descreverem a festa, divulguem programações ou anunciarem as diferentes festas, oferecem dados sobre a nomeação dos elementos dessas festas.

3.3.2 Levantamento dos termos

Para o levantamento dos termos foram consideradas as festas realizadas nos Açores nas localidades em que a festa tinha sido estudada e sido objeto de pesquisa etnográfica mais expressiva, como é o caso das ilhas de Santa Maria, São Miguel e Terceira. Em Portugal Continental, seguindo o mesmo critério, considerei as festas realizadas em Eiras, localidade próxima a Coimbra, Penedo, Tomar e na região das Beiras. No Maranhão, foram consideradas, principalmente, as festas realizadas na ilha de São Luís e em Alcântara, neste caso a realizada na sede do município. Na ilha de São Luís, das festas realizadas por terreiros, selecionei a Casa das Minas, o terreiro mais antigo de São Luís, a Casa Fanti-Ashanti e o terreiro da Fé em Deus. Em todas as localidades, no entanto foi possível ampliar a recolha dos dados incluindo outros terreiros, municípios e freguesias, uma vez que o material bibliográfico consultado, embora tivesse como foco principal uma localidade específica, incluía observações sobre semelhanças e diferenças com festas realizadas em localidades próximas. Nos locais visitados no Maranhão, pude entrevistar os participantes. Assim foram ouvidos dois festeiros, dois mestres-salas, uma ajudante e um grupo de seis caixeiras, em conversa na Casa de Nagô, outro terreiro de Mina que realiza a festa nas mesmas datas da Casa das Minas. Vale mencionar que, em razão do número cada vez mais reduzido de caixeiras, muitas delas participam de mais de uma festa.

Além desses depoimentos, contei com aqueles registrados na coleção Memória de Velhos, onde estão transcritas entrevistas com uma festeira, um mestre-sala, um decorador de altar e um antigo Imperador da festa.

3.3.3 Constituição do corpus

O *corpus* da pesquisa está constituído por:

- 180 termos que designam os elementos da festa no Maranhão, classificados e organizados nos seguintes campos conceituais: cânticos, ciclo da festa, insígnias, personagens, símbolos e outros, que constituem o Glossário.

- 574 termos que designam os elementos da festa em Portugal, mais precisamente nos Açores e em Portugal Continental, com ênfase, neste último caso, na região da Beira Interior. Para este trabalho, reorganizei os campos conceituais utilizados para o glossário da festa no Maranhão para acrescentar outros campos, que se haviam revelado pouco produtivos no levantamento para esse glossário e que haviam, por essa razão, sido classificados em um campo genérico denominado *Outros*.

A organização final dos campos para este trabalho permite que se faça a comparação dos termos em Portugal e no Maranhão.

3.3.4 Organização dos dados

Inicialmente foi feito um levantamento das palavras e expressões usadas para descrever a festa. Analisando-se o material já existente sobre a festa, em geral registro da fala dos seus participantes, observei que as unidades lexicais utilizadas para a descrição e caracterização da festa, mesmo quando existentes no léxico geral da língua portuguesa, assumiam um valor específico e inconfundível ou novos significados, equivalentes, diferentes ou complementares, no âmbito do ritual da Festa do Divino, o que configuraria tratar-se de uma terminologia específica, entendido termo na perspectiva de Charaudeau e Maingueneau (2004), como uma unidade lexical definida em relação com outras unidades do mesmo tipo no interior de um domínio de atividade estreitamente delimitada.

Levei em conta que determinados objetos do ritual – como a espada, o almofadão, a faixa ou fita, o manto ou capote, entre outros – têm um significado diferente, em razão do valor simbólico de que se revestem, como observou Lima (2002), que afirma que não só a coroa e o cetro mas também a farda, a espada, a faixa e o manto conferem autoridade ao imperador, da mesma forma que a força do sagrado faz de uma coroa e pomba, a Santa Croa, símbolo do Divino e atribui poderes reais, sagrados e de guardiões do saber a crianças e adolescentes, e a caixeiras e a mestres-salas, respectivamente.

Procedi à leitura sistemática de obras que descrevem as festas nas localidades já mencionadas e realizei o levantamento dos termos referentes às festas, com indicação dos livros em que foram encontrados. Organizei esta lista inicial por ordem alfabética, para evitar a repetição de termos. Em seguida, organizei os termos em campos conceituais definidos de acordo com os elementos mais importantes da festa, tendo chegado à seguinte relação: Cânticos, Danças, Orações, Saudações, Provérbios e Expressões Populares; Ciclo da Festa; Culinária; Insígnias e Vestuário; Instrumentos e Outras Referências Musicais; Locais e Tempo da Festa; Objetos Acessórios e Decoração; Participantes e/ou Funções; Espírito Santo e Símbolos.

Em alguns casos raros um mesmo termo pode ocorrer em mais de um campo diferente, o que foi deliberadamente respeitado, uma vez que contribui para um melhor entendimento da riqueza terminológica da festa.

Na consulta a dicionários, em alguns casos a definição do termo acontecia no texto definitório de outro termo. Nesses casos, indiquei o termo em pauta pelo seu número nos Quadros e iniciei a definição indicando em que verbete havia sido encontrada, colocando o termo em caixa alta, entre parênteses, desta forma:

Ex: 3 – (DIVINO) [...] bando precatório pedindo e recebendo auxílios de toda a espécie. A Folia constituía-se de músicos e cantores, com a Bandeira do Divino, ilustrada pela pomba simbólica, recepcionada devocionalmente por toda a parte (LCC, 2001, p. 198).

O número 3 corresponde, no Quadro, ao termo FOLIA DO DIVINO.

Para melhor visualização no trabalho de comparação, os termos foram apresentados em Quadros de diferentes configurações.

3.3.4.1 Quadros de classificação

Utilizado apenas em situações em que o termo apresenta múltiplas variedades, com pequenas variações nas designações, o Quadro de classificação (Quadro 1) tem como objetivo facilitar a compreensão do processo de significação ou a motivação da designação e compreende duas colunas, a da classificação, com os diversos tipos do elemento estudado e a da descrição simplificada de cada um desses tipos, como neste exemplo:

Quadro 1 – Modelo de Quadro de classificação

FORMA/ASPECTO	DESCRIÇÃO
Pão-de-fatias	Pão distribuído em fatias
Pão-alvo	Pão feito com farinha passada em peneira fina
Pão-de-tranca ou de tronco	Pão de forma alongada

3.3.4.2 Quadros explicativos

Com os termos e suas significações ou descrições e aspectos culturais que contribuem para melhor compreensão do significado ou para contextualizar o seu emprego; o Quadro explicativo (Quadro 2) compreende três colunas: a dos tipos – com a designação e as variantes encontradas e identificadas com base na descrição ou definição obtida nos livros e dicionários regionais ou específicos consultados –, a das descrições ou definições correspondentes, com indicação, sempre que possível da localidade específica em que ocorrem, e a dos aspectos culturais e contexto de utilização, sempre que foi possível registrá-los:

Quadro 2 – Modelo de Quadro explicativo

TERMO	DEFINIÇÃO	OUTRAS INFORMAÇÕES
ALVORADA	1. Momento do ritual, que se repete por vários dias, às seis horas, ao meio-dia, às 18 horas. 2. Toque de caixa que acompanha o ritual da alvorada.	“Alvorada nova, novas alvoradas/ De manhã bem cedo, sobre a madrugada/ Alecrim cheiroso, angerca dobrada/ Ao sair da estrela, ela foi croada.” (PGA, p. 51).

3.3.4.3 Quadros de comparação

Compreendem as seguintes informações: termo e variantes em Portugal, nos locais considerados para a pesquisa, e seus equivalentes no Maranhão. Quando o termo for específico para a festa em apenas um dos locais apenas este foi indicado. Neste quadro também levei em conta os termos estruturalmente iguais ou semelhantes, com significados iguais ou diferentes e ainda aqueles que, embora estruturalmente diferentes, referem-se a um mesmo objeto, ação, função ou outro aspecto da festa. O Quadro de comparação (Quadro 3) é constituído por apenas duas colunas, uma que se refere a Portugal e outra ao Maranhão:

Quadro 3 – Modelo de Quadro de comparação

PORTUGAL	MARANHÃO
TAMBOR TAMBOR DA FOLIA TAMBOR DO ESPÍRITO SANTO	CAIXA

3.3.4.4 Quadros de análise

Estes Quadros (Quadro 4) são utilizados apenas para os campos do Quadro anterior que apresentam correspondência, ou seja, termos estruturalmente iguais ou semelhantes, com significados iguais ou diferentes e termos que, embora estruturalmente diferentes, se referem a um mesmo objeto, ação, função ou outro aspecto da festa. Estes Quadros compreendem o termo e suas variantes; a presença em dicionários gerais e específicos – este campo tem como primeira informação as definições encontradas apenas nos documentos que serviram de base à seleção dos termos, (o glossário dos termos da festa no Maranhão – São Luís e Alcântara, identificado pelas iniciais FSR e o Roteiro Lexical das festas dos Açores, identificado pelas iniciais MBS) e as fontes documentais estão identificadas por siglas, tal como indicado na Identificação das fontes, e pelo número de página; a etimologia do termo, quando sua origem e formação não forem evidentes; os significados encontrados em dicionários portugueses e brasileiros de diferentes épocas, cuja relação está mencionada em outra parte deste capítulo, em acepções que tenham relação com a festa; outras informações, como aspectos histórico-culturais, provérbios e expressões idiomáticas construídas com o termo

Quando o termo estruturalmente igual ocorre nos dois campos, está destacado em negrito. Os termos e suas variantes, quando houver, estão numerados, repetindo-se o número quando ocorrer nos dois espaços geográficos, para economia de espaço, e as informações encontradas nos dicionários seguirão essa numeração, como forma de identificação da variante a que se referem:

Quadro 4 – Modelo de Quadro de análise

AÇORES E PORTUGAL CONTINENTAL					MARANHÃO – ILHA DE SÃO LUÍS E ALCÂNTARA				
PRESENÇA EM DICIONÁRIOS									
GERAIS					ESPECÍFICOS				
ABH	AMS	AH	JS	DPE	JCS	DVF	JSB	VFB	LCC
ETIMOLOGIA									
JPM –									
AN –									
AGC –									
SIGNIFICADOS DICIONÁRIOS GERAIS									
PORTUGUESES					BRASILEIROS				
DICIONÁRIOS ESPECIALIZADOS									
OUTRAS INFORMAÇÕES									

Tendo em vista o número grande de variantes que alguns termos apresentam, muitos dos quais dificilmente identificáveis fora de contexto, optei por organizar os Quadros respeitando a ordem alfabética dos termos de cada campo, identificando cada item com o termo mais comum e mais facilmente reconhecível, como no caso dos símbolos, cuja ordem leva em conta os termos *bandeira*, *coroa*, *mastro* e *pomba* e não variantes como *santo-véu*, *divina santa croa*, *oliveira* ou *alva pomba*, que determinariam uma nova organização alfabética. Assim, identificados os itens, retomei, para cada um, o critério de organização em ordem alfabética das variantes.

3.3.5 Identificação das fontes

Para melhor visualização dos Quadros e para evitar repetições e facilitar a leitura, identifiquei as obras que constituíram a fonte de recolha dos termos por siglas constituídas pelas iniciais dos nomes dos autores, em maiúsculas, até o máximo de três letras, seguidas do número da página, em algarismos arábicos. Quando mais de uma obra do mesmo autor for mencionada, acrescentei uma numeração, que leva em conta a ordem de publicação da obra.

Quando se tratar de mais um autor, a sigla será constituída apenas pelas iniciais do primeiro autor. No caso da Coleção Memória de Velhos, publicação da Comissão Maranhense de Folclore, além da numeração acima explicada, coloquei o número do volume da coleção, em algarismos romanos. Em todos os casos a sigla está seguida do número da página, em algarismos arábicos.

Quadro 5 – Lista de autores, obras e siglas

NOME DO AUTOR	NOME DA OBRA	SIGLA
BARBOSA, Marise	Umas mulheres que dão no couro	MB
BUESCU, Maria Leonor Carvalhão	Monsanto: etnografia e linguagem	MLB
COSTA, Antonieta	O culto do Espírito Santo	AC
FERNANDES, Aurélia Armas; FERNANDES, Manuel	Espírito Santo em festa	AAF
FERRETTI, Sérgio Figueiredo	Querebentan de Zomadonu: etnografia da Casa das Minas	SFF1
FERRETTI, Sérgio Figueiredo	Repensando o sincretismo	SFF2
GOUVEIA, Cláudia Rejane Martins	As esposas do Divino	CMG
HENRIQUES, Francisco	A Festa do Espírito Santo no Ladoeiro e no Sul da Beira Interior	FH
LEAL, João	Etnografia dos Impérios de Santa Bárbara (Santa Maria, Açores),	JL1
LEAL, João	As Festas do Espírito Santo nos Açores: um estudo de antropologia social	JL2
LIMA, Carlos de	Festa do Divino Espírito Santo em Alcântara (Maranhão).	CL
MARANHÃO (Estado). Secretaria de estado da cultura. Comissão Maranhense de Folclore	Memórias de Velhos – vol. I	CMFI
MARANHÃO (Estado). Secretaria de estado da cultura. Comissão Maranhense de Folclore	Memórias de Velhos – vol. IV	CMFIV
OLIVEIRA, Ernesto Veiga de	Instrumentos Musicais Populares dos Açores	EVO
PACHECO, Gustavo; GOUVEIA, Cláudia; ABREU, Maria Clara	Caixeiros do Divino Espírito Santo de São Luís do Maranhão	PGA
ROCHA, Maria de Fátima Sopas (2010b)	A terminologia da festa do Divino Espírito Santo nos Açores e no Maranhão – São Luís e Alcântara: uma proposta de glossário	FSR
SIMÕES, Manuel Breda	Roteiro Lexical do Culto e das Festas do Espírito Santo nos Açores	MBS
SOARES, Maria Micaela	Os Impérios populares	MMS
SOUSA, Dina Fernanda Ferreira de	A festa do Imperador de Eiras e o Culto do Espírito Santo	DFS
VICTAL, João M. O.	Festa dos tabuleiros	JMV
VIEIRA FILHO, Domingos	Folclore do Maranhão	DVF1
VIEIRA FILHO, Domingos	A Festa do Divino Espírito Santo	DVF2

Da mesma forma, para registro da presença do termo em dicionários, identifiquei o dicionário por uma sigla constituída pelas iniciais do autor ou do primeiro autor, quando

houver mais de um. Da mesma forma, foram identificados os dicionários etimológicos, consultados quando a origem ou motivação do termo não for evidente, como é o caso de cadafalso, uma das variantes encontradas para a construção que abriga as insígnias e objetos rituais da festa, nos Açores. Para consulta, os dicionários e as siglas correspondentes estão arrolados no Quadro seguinte:

Quadro 6 – Lista de dicionários e siglas

DICIONÁRIO	SIGLA
Novo Dicionário Aurélio de Aurélio Buarque de Hollanda	ABH
Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa de Antônio Houaiss	AH
Dicionário da Língua Portuguesa de Antonio de Moraes Silva	AMS
Dicionário Prático Ilustrado: novo dicionário encyclopédico luso-brasileiro de Jayme de Séguier.	JS
Dicionário da língua portuguesa da Porto Editora	DPE
Dicionário da Língua Portuguesa Medieval de Joaquim Carvalho Silva	JCS
Dicionário de Falares dos Açores: vocabulário regional de todas as ilhas , de J. M. Soares de Barcelos	JSB
Dicionário de Falares das Beiras de Vítor Fernando Barros	VFB
A linguagem popular do Maranhão de Domingos Vieira Filho	DVF
Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa de Antenor Nascentes	AN
Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa , de José Pedro Machado	JPM
Dicionário Etimológico Nova Fronteira de Antônio Geraldo da Cunha	AGC

Para registro da presença em dicionários, utilizei ainda as seguintes siglas:

TND – termo não dicionarizado;

TDSE – termo dicionarizado com significado equivalente, em que pode ser estabelecida uma relação com o seu uso na festa;

TDSD – termo dicionarizado com significado diferente

TDRF – termo dicionarizado referente à festa.

Constituído o *corpus*, e organizado em campos, procedi à análise comparativa dos termos coletados, buscando identificar as possíveis semelhanças e diferenças de significado entre os termos utilizados para a realização da festa em Portugal e no Maranhão, nas localidades já mencionadas, bem como a eventual existência de marcas da influência religiosa africana nos rituais da festa realizada nos terreiros em São Luís. O trabalho tem figuras exclusivamente ilustrativas. Os Quadros organizados estão acompanhados de comentários

sobre as semelhanças, equivalências e diferenças, e complementados, sempre que possível, com transcrição da fala de participantes da festa sobre o emprego do termo em questão.

4 A FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO

*Não há festa mais bonita
Que a festa do Espírito Santo:
Tocam-se os tambores todos,
Saem bandeiras a campo.*
Cântico da Ilha Graciosa-Açores

4.1 Origem e expansão da Festa do Divino

O Espírito Santo é a terceira pessoa da Santíssima Trindade, – Pai, Filho e Espírito Santo – princípio dogmático da unidade na trindade, cultuado em festas instituídas pela Igreja: as festas de Pentecostes, da Trindade ou das Pessoas Divinas. Mas a compreensão deste dogma nem sempre se verifica, muito embora a prática ritual do culto o mencione. Segundo Espírito Santo,

Em todas as religiões, e particularmente no meio rural, é apenas a observância ritual que conta; o símbolo é o mesmo mas age diferentemente sobre cada um. Uma religião de massas, como é a dos Portugueses, é sempre uma religião em que a compreensão teológica é mais empobrecida. Os mais assíduos podem ignorar em absoluto qual a diferença entre Deus-Pai e o Filho; a Santíssima Trindade pode não passar de “uma santa mais forte do que as outras” e o Espírito Santo será também um santo como os outros, mas “menos forte” porque não goza de um culto particular (exceto nos Açores, onde é venerado como um santo local ou como um antepassado, titular da maior festa do arquipélago) (1990, p. 196).

O mesmo autor registra episódios em que é manifesta a incompreensão desse dogma. É o caso do exemplo – mencionado com desgosto por Frei Bartolomeu dos Mártires – dos Minhotos que, acreditando assim agradecer o bispo, gritavam “Viva a Santíssima Trindade, que é irmã de Nossa Senhora” ou ainda, na Batalha, lugar em que o culto foi importante desde o século XV, onde se acreditava que a Santíssima Trindade é “uma santa mais importante do que as outras” em razão do superlativo e do nome feminino.

Ao que tudo indica, também não é do domínio popular a associação ao Paráclito, ou seja, à descida sobre os apóstolos, no Pentecostes, sob a forma de línguas de fogo, de um princípio inspirador de ordem intelectual ou espiritual, um “princípio vital proveniente de Deus que anima homens, animais, plantas e as coisas de que esses seres se alimentam, como a água” (ESPÍRITO SANTO, 1988, p. 109).

Soares (1982, p. 251) sugere que a festa surgiu para “cristianizar e nacionalizar ritos pagãos”.

Para Espírito Santo,

O culto do Espírito Santo associa-se igualmente à água e aos rios: é o espírito da vegetação. No judaísmo popular, o Espírito Santo é sobretudo a água. O culto do Espírito Santo foi antes de mais judaico, passando depois a cripto-judaico. Todas as capelas em honra do Espírito Santo se encontram perto de rios [...].

O rio Zêzere, onde existe um santuário célebre da senhora do Pranto, em Dornes, foi classificado por Jaime Cortesão como “o rio do Espírito Santo”. Desconhecemos as razões que levaram Cortesão a intitulá-lo assim; não temos dúvida de que o rio Zêzere seja, de facto, o rio do Espírito Santo, mas do Espírito Santo semita; ao longo do seu curso deparamos com um culto particularmente intenso ao Espírito Santo. O nome do pequeno rio, afluente do Zêzere onde existe o santuário, chama-se Dornes, derivado de Adonis; o santuário constitui o ponto de concentração de dezenas de “círios”, no domingo de Pentecostes que é hoje a festa do Espírito Santo, como já o era no II milénio a. C., entre os Fenícios e os Hebreus.

O culto do “espírito da água” fecundante encontra-se finalmente em duas personagens com nomes cristãos, São Facundo e São Frutuoso. Estão muito presentes nas Beiras interiores; as suas capelas situam-se à beira dos rios, nas nascentes de riachos e até sob uma cascata, como no Caramulo, em Barreiro de Besteiros. São festejados no domingo de Pentecostes: Facundo e Frutuoso são heterónimos e atributos de Thamuze, ou do Espírito Santo: “o que fecunda”, “o que frutifica” (1988, p. 18).

Tradicionalmente, atribui-se a origem da festa em Portugal à intervenção da Rainha Santa Isabel, por volta do século XIII ou XIV.

Contra esta crença contrapõe-se Espírito Santo (1988). Segundo este autor, a atribuição da festa à Rainha Santa foi uma invenção do cronista franciscano Frei Manuel da Esperança. Para reforçar essa afirmação, o autor afirma a impossibilidade de instituir um culto por decisão individual, ainda que de uma rainha, e reforça sua tese lembrando outras interpretações equivocadas sobre fatos associados a essa presumida origem da festa. Entre eles a confusão entre os significados de “círio” que pode ser definido como uma “deslocação de uma povoação, atrás de um pendão, a um lugar santo em obediência a um voto antigo, podendo tomar a forma de uma procissão; o círio de Alenquer dava a volta à vila a partir da capela” (ESPÍRITO SANTO, 1988, p. 114); esta aceção ainda hoje é assim entendida, como se pode ver no Círio de Nazaré, em Belém do Pará, que designa a procissão. A outra aceção de “círio”, como um tipo de vela, é, no entanto a que aparentemente foi utilizada para a descrição de ter sido cercada a vila de Alenquer, a partir da capela do Espírito Santo, no dia da fundação da festa, por um pavio de cera a arder, ou seja, uma vela. O autor afirma, ainda, que há registros de capelas do Espírito Santo, nas Beiras, anteriores ao nascimento da Rainha.

A festa de Pentecostes, uma das quatro festas bíblicas impostas pela Lei judaica, – Páscoa, Omer, Pentecostes e Colheitas – é também denominada de festa “das Ceifas, das Semanas, dos Juramentos, do Dom da Lei, da Renovação da Aliança, Chavouot (“juramentos”) e Atséret (“fecho” do ciclo da Páscoa) (ESPÍRITO SANTO, 1988, p. 110). Primitivamente uma festa agrária cananeia, desde sua origem é uma festa de promessa e juramentos, de banquetes e fartura, de nobreza – Festa da Realeza para os judeus, da Coroa

para a região de Tomar – e de oportunidade de reunião – é o momento em que os emigrantes açorianos retornam para participar da festa, por exemplo.

Ainda quanto à atribuição da origem da festa à Rainha Santa Isabel, embora não haja comprovação da intervenção da Rainha, alguns fatores corroboram a sua possível ligação com o culto do Divino. Um deles é a ligação entre os festejos e as confrarias do Espírito Santo, que se ocupavam de hospitais e albergarias, instituições que a Rainha habitualmente protegia. Outro aspecto a ser considerado é a evidente fundamentação da festa nos princípios difundidos por Joaquim de Flora, da teatralização do tempo.

Joaquim de Flora, abade de Cister (também conhecido como Joaquim de Fiore, Gioacchino da Fiore, Joaquim de Fiori, Joaquim, abade de Fiore), defendia a ideia de que a história do gênero humano se dividia em três períodos, correspondentes às três pessoas da Santíssima Trindade: a Idade do Pai, sediada em Jerusalém e iniciada por Moisés, seria o período do poder absoluto e corresponderia ao tempo anterior à vinda de Cristo; a do Filho e do Novo Testamento, sediada em Roma, teria sido iniciada com o profeta Eliseu e teria atingido seu apogeu com a Encarnação, período contemporâneo a Joaquim de Flora; o terceiro período, a Idade do Espírito Santo, anunciado pelo abade, seria o tempo da confraternização universal, quando seria devolvido ao homem o paraíso perdido, a liberdade e a abundância. Para Joaquim de Flora, a vinda dessa terceira idade aconteceria após um cataclismo e duraria até o fim dos tempos, com a segunda vinda de Jesus à Terra.

Outro fator que pode ser considerado para confirmar a ligação da Rainha Santa com as festas do Divino está na popularização das ideias franciscanistas de fraternidade e valorização da pobreza e humildade, muito difundidas durante a Baixa Idade Média e propagadas desde o início do século XIII, como a “Heresia dos Irmãos Espirituais”, designação pela qual ficou conhecida a retomada das ideias adotadas pela irmandade de São Francisco, cujas regras tinham como ponto central o voto de pobreza.

O período de expansão da ordem franciscana e de seus ideais coincide com o período do reinado de D. Diniz, marido da Rainha Santa Isabel, ela própria admiradora desses ideais e protetora dos pobres, o que se verifica em episódios que se tornaram lendários, como o milagre da transformação do pão retirado, contra a vontade do rei, das despensas do palácio e transformado em rosas para evitar a recriminação do seu esposo, lenda esta registrada em textos literários de diferentes épocas. É admissível, assim, que tenham sido os franciscanos os introdutores do culto do Espírito Santo em Portugal, possivelmente com a realização do Bodo, ou distribuição de alimentos, ampliada depois pela Rainha com a da Coroação Imperial. Isto explicaria também a maior ocorrência de capelas, festas, topônimos relacionados ao culto, nas

Beiras, principalmente a Beira Baixa, uma vez que foi nesta região que a ação e a influência dos franciscanos se fizeram mais fortes.

Também é admissível que tenham sido os franciscanos espiritualistas os responsáveis pela introdução do culto nos Açores, uma vez que foram os primeiros religiosos a se instalarem nas ilhas, juntamente com os primeiros povoadores,

Segundo Câmara Cascudo, em prefácio à obra de Lima (1988, p. 6) “no tempo da Rainha Santa até o derradeiro Borgonha tratava-se de um simples ‘Bodo’ aos pobres, alegria caridosa e não bailarina”. Há ainda quem defenda, segundo Lima, que a festa teria surgido em Coimbra e por iniciativa de D. Diniz, rei de Portugal e esposo da Rainha Santa que “fez sentar no trono real um mendigo e ‘coroou-o’, servindo-lhe o próprio rei de condestável e os cavaleiros da corte de pajens e escudeiros, cerimônia presidida pelo Bispo de Coimbra” [2008].

Sabe-se hoje que a festa do Divino remonta a tradições muito antigas. Há registros de tradições europeias anteriores, como na Alemanha e na França, associadas também à tradição do “Bispo Inocente”, ritual tradicionalmente praticado em São Martinho, Tours, mas de que há também registros de realização em Lisboa, na Sé, na véspera do dia dos Santos Inocentes. Consistia em vestir uma criança com roupas e insígnias episcopais para que, durante um dia, esta criança agisse como se fosse o prelado da diocese, visitando os fiéis, abençoando-os (SOARES, 1982, p. 264).

Também Mendes (2006) registra que a tradição de coroação de um imperador escolhido entre membros do povo, tanto quanto a da doação de alimentos aos necessitados, em tempos de penúria, bases da Festa do Divino, fundamentam-se ambas em tradições europeias anteriores, históricas ou lendárias. Mencionam-se, entre estas, segundo Marcelino Lima nos Anais do Município da Horta, associações de beneficência, criadas na Alemanha, durante a dinastia dos Othon (Othon IV, o Soberbo, no século XIII – 1209-1218), sob a invocação do Espírito Santo, para socorrer os indigentes em ocasiões de penúria. O início dessa associação teria sido marcado pelo gesto simbólico de coroação da criança mais pobre presente à cerimônia da Eucaristia, a quem o imperador cedera previamente o trono.

Na França, há estudos que asseguram a existência ainda no período carolíngio – séculos VIII e IX – de ações que anunciavam as futuras confrarias, com peditórios, matança de animais, preparação de banquete, partilha de gêneros, realizados de forma comunitária, que se realizavam em espaços como celeiros e salas ditos do Espírito Santo e que culminavam numa refeição coletiva depois de cortejo processional, acompanhado de música, quando se servia a sopa do Espírito Santo (FERNANDES e FERNANDES, 2006, p. 30). Também “Em

França, no ano de 1160, fundou-se a Ordem do Espírito Santo, que se dedicava ao exercício da caridade para com os pobres e doentes” (LIMA, 2008). É ainda na França que se registram, no século XIV, os “royaumes” ou “reynages”, festas em que reis e rainhas, mecenas da festa, entronizados com sua corte, tinham soberania sobre os outros membros da Irmandade e realizavam bailes e banquetes (ABREU, 1999, p. 40).

É conhecido, por exemplo, o caso da comunidade de Romans, na França, onde

“um ‘reynage’ ou reino é organizado, isto é, a eleição de um rei, chamado rei do Carneiro porque era vencedor de uma corrida a pé, cujo prêmio era um carneiro, este rei era acompanhado do seu chanceler, do seu prior...” (ROMANS, 2012).¹⁸

De todo o modo, a tradição reza que a Rainha teria mandado edificar uma igreja do Espírito Santo na vila de Alenquer, possivelmente em 1296. Aí foi erigida uma confraria em louvor do Espírito Santo e, nesse mesmo ano, foi realizada a primeira solenidade de coroação do imperador do Divino.

A própria construção da igreja do Espírito Santo está também envolta em lendas. A decisão de construí-la e a localização teriam sido determinadas por Deus em sonhos à Rainha Santa. Logo ao amanhecer a Rainha dirigiu-se ao local para aguardar os operários que fizera convocar. Os operários, chamados a conversar com a Rainha, encontraram os alicerces delineados e abertos e a traça definida. Por último, o salário de cada trabalhador foi pago com uma rosa de um ramalhete transportado por uma moça desconhecida. Ao chegarem a casa, depois do pôr-do-sol, os operários encontraram o pagamento transformado em “dobras”, moedas de ouro da época.

Na Península Ibérica, segundo Câmara Cascudo, no prefácio já mencionado (LIMA, 1988, p. 6), o título de “imperador” parece ter sido popularizado por Carlos V, Imperador do Sacro Império Romano (24-2-1500 a 21-9-1558), genro de D. Manuel, o Venturoso, à época, portanto, do descobrimento do Brasil.

Nessa época, as festas do Pentecostes e do *Corpus Christi*, principalmente as procissões e cortejos, foram institucionalizadas, com regimentos adequados que previam

[...] o ordenamento do préstito, os deveres de cada grupo de oficiais mecânicos, os jogos, danças de espadas, folias (a de fora e a de intramuros) e demais divertimentos obrigatórios, bem como a louçania dos trajes e adereços dos participantes, os instrumentos musicais que tocariam [...] (SOARES, 1982, p. 254).

¹⁸ un ‘reynage’, ou royaume est organisé, c’est-à-dire l’élection d’un roi, appelé roi du Mouton car c’était le vainqueur d’une course à pied dont le prix était un mouton, ce roi était accompagné de son chancelier, son prieur ... (ROMANS, 2012).

Além disso, estipulavam as multas para as infrações. Essas cerimônias, que tinham como objetivo alegrar e deslumbrar as camadas populares, incluíam “jogos, danças e folgares profanos e, até libertinos, mesmo com filiação noutros credos, como as *mouriscas* e as *judengas*” (SOARES, 1982, p. 254).

Um documento emanado da Câmara de Coimbra, nas primeiras décadas do século XVI, para a procissão de *Corpus Christi*, relaciona, entre outros, barqueiros, regateiras, vendedeiras de pescado e de fruta, alfaiates, sapateiros, padeiros, cordoeiros, pedreiros e regedores, estabelecendo suas obrigações e as multas pelo descumprimento.

Destaquei, desse texto, mantendo a grafia original, a parte referente aos alfaiates, por comprovar que a figura de um imperador e de uma corte imperial não estava restrita à festa de Pentecostes:

Os alfaates, e alfaatas, e tecedeiras de tear baixo da cidade e termo, sam obrigados a fazer um Emperador com huma Emperatriz, com oito Damas, em tal maneira que com a Emperatriz sejam nove Mossas, e o Juiz do dito Ofício sera avizado. Que não sejam menos moças, sob pena dele Juiz pagar quinhentos reais pera as obras da Camera, as quaes seram todas mossas onestas, e gentis molheres, e bem ataviadas, e doutra maneira as não recebera áquellas pessoas, que as ouverem de dar, per seu mandado, e se essas Pessoas forem obrigadas de dar as ditas moças por mandado dele dito Juiz, as nom derem taes, como dito he, encorrerão em pena de trezentos réis para a Camera da dita Cidade. (FORTUNATO DE ALMEIDA *apud* SOARES, 1982, p. 255).

Azevedo (1896) transcreve cartas encontradas na Chancelaria de D. Manuel I (Fig.1), no período que vai de 1495 a 1521, em que se faz menção à festa e, muitas vezes, a documentos anteriores em que a festa é também mencionada. São cartas de confirmação de festas em lugares como Portalegre, Marvão, Nisa e Sintra, que já vinham sendo realizadas com autorização dos reis precedentes. A mais antiga referência é de 1454, em carta de D. Afonso V, autorizando e regulamentando sua realização, depois citada e confirmada por D. João II, em 1486 e por D. Manuel em 1514 (Fig 1). A carta de D. Afonso já menciona que se trata de tradição antiga. Nesse mesmo trabalho há confirmação de uma festa de S. João, na vila da Amieira, povoação do Alto Alentejo, em que se verifica a existência de um imperador:

Figura 1 – Excerto da Chancelaria de D. Manuel. Liv.11, fl. 67 e Liv. 7 de Guadiana, fl. 167

tall he: «dom joão, per graça de deus, Rey de portugual e dos al-»
 «garues daquê e dalê maar em africa, senhor de guinee, A quantos»
 «esta nosa carta virê, fazemos saber que por parte dos mãcebos»
 «solteiros da villa damyeyra nos foy apresentada hua carta delRey,»
 «meu senhor e padre que deus aja, de que o teor tall he»: dom afonso,
 por graça de deus, Rey de portugual e do allgarue, senhor de
 cepta e allcaçere em africa, A quantos esta nosa carta virê fazemos
 saber que nos, querendo fazer graça e merçee aos mãcebos solteiros
 damyeyra por homRa e llouvor da festa do bẽ avêturado apostollo
 sam joam bautista que custumam fazer na dita villa, Temos por bem
 e queremos que daquy em diamte nos dias em que a dita festa se fe-
 zer, em quamto durar, os emperadores e oficiaes que pera ello forẽ
 ordenados, segundo seu custume, posam comstramger quaees quer
 mãcebos solteiros da dita villa e termo, que nã quyserem aqeytar os
 ofiços e êcaReguos da dita festa compridoyra, a fazerem as outras
 cousas que lhes per os ditos emperadores e oficiaes forem mãdados
 pera ello; e os que asy nam fezerẽ seus mãdados e forem desobydiẽ-
 tes posam põer pena a todos ou cada hũ delles que o cõtraíro fezerẽ
 atee comtia de cem rs. brameos e os posam por eles demãdar e pe-
 nhorar e vemder seus penhores atee a dita comtya. A quall pena seja
 apropyada pera a despesa da dita festa e nã pera outra allgũa cousa

[...]

**(Chanc. de D. Manuel. Liv. 11, fl. 67
 e Liv. 7 de Guadiana, fl. 167).**

Fonte: AZEVEDO, (1896, p. 141).

De Alenquer a festa expandiu-se para outras localidades em Portugal Continental. Dos séculos XV e XVI não se conhecem descrições da festa, mas há registros indiretos de sua realização, em documentos como as cartas de perdão enviadas ao rei ou dele recebidas, em razão de ordenação de Bodos, folias, ornamentações, coroação de imperador ou, mais frequentemente, pela formação de “aroydos”, ou seja, tumultos e confusões, como o que aqui se transcreve:

Dom Sebastião, etc. Faço saber que Gaspar Fernâdes, morador na cidade de portallegre me emvyou dizer por sua petição que elle ffora preso e acusado pella justiça da dita cidade por se dizer que nas festas do espyto Santo que se na dita çidade fazião e fizerão anno passado elle suplicante co outros em desprezo das festas tomarão hum Joane omem ensensato e o despirão nu e lhe poserão em suas vergonhas huas nespras e andarão co elle pella cidade de que ouvera escandallo pello qual caso per sentença da Rellação saira cõdenado em hum ano de degredo para a afryqua co pregão na audiencia etc. Dada na cidade devora aos xxbij dias do mês e janeiro de [...] (Liv. 9 de Legitimações de D. Sebastião e D. Henrique, fl. 17) (Azevedo, 1912, p. 14)

Posteriormente, acompanhando o ciclo dos descobrimentos, a festa é levada para os Açores, onde há registros de sua presença desde o século XVI.

Câmara Cascudo, no prefácio à obra de Lima (1988), comenta:

O século XVI, e mais exatamente quando se acentua o ciclo da navegação caraveleira no Atlântico, dobrado o Cabo Não e firmada a *conhecença* do Senegal, *afluente do rio Nilo* na espantosa geografia do Assombro, é o clima em que voará a pomba do Espírito Santo. Jayme Cortezão afirmava-me a devoção do Divino um índice do impulso expansionista de Portugal, ainda na dinastia de Aviz. É um Deus alado, vencedor das distâncias, leve, poderoso, mudo, sem a limitação física do cansaço. (LIMA, 1988, p. 5).

Também Cortesão (1966, p.98) afirma:

O auge do culto do Espírito Santo coincide no país com o período mais intenso da expansão portuguesa no Planeta. Não se nos afigura excessivo, por consequência, crer que a cerimônia da coroação do Imperador tenha significado aos olhos de muitos portugueses, e quando menos daqueles, frades ou leigos, iniciados na doutrina dos espirituais, a investidura simbólica da Nação pelo Espírito Santo – espécie de Pentecostes nacional, na missão de propagar a fé a todo o mundo.

Segundo Sousa (1994), o culto do Espírito Santo nos Açores teve início na ilha de S. Miguel, no século XVII, por iniciativa do Conde da Ribeira Grande, D. Manuel da Câmara, como pagamento de promessa feita para alcançar a graça de deixar um sucessor para seu título. Assim, o Conde:

manifesta a Deus toda a gratidão da sua alma reconhecida, e, ao regressar a Ponta Delgada, propõe-se impulsionar a instituição da irmandade do Espírito Santo, instituindo o Império com coroação do Imperador, e mais doze mesas para os pobres, e em cada uma, doze pobres, indicando-se, por sortes, o Imperador, mordomos para as sete domingas, mesas e mais oficiais que deveriam servir e assistir ao Imperador (ATAÍDE, 1973, p. 254).

Em 15 de novembro de 1665 é oficializada a criação desta Irmandade, para funcionar na Santa Casa de Ponta Delgada, sob o comando do Conde da Ribeira Grande.

A implantação da festa dá-se sempre associada a milagres que a favorecessem, como já acontecera em Alenquer, em que os alicerces da igreja do Espírito Santo foram feitos por anjos, no espaço de menos de uma noite.

Nos Açores conta-se que um dos seus primeiros governadores, Pedro Soares de Sousa, benemérito da festa, socorreu os mordomos que se encontravam sem carne para o Bodo, oferecendo-lhes alguns carneiros. Mortos os carneiros, preparada a carne e consumida no Bodo, pelos pobres da região, os mesmos carneiros foram encontrados vivos no curral, no dia seguinte, mas com a marca da faca no pescoço, que foi transmitida aos filhotes que geraram a partir dessa data.

Vale mencionar, a título de curiosidade pela sua similitude, a lenda dos degolados de Montemor-o-Velho (Fig. 2), velhos, mulheres e crianças sacrificados pelos seus chefes de família, que temiam sofrimentos maiores, caso a batalha, ocorrida nos idos de 848, contra os

mouros, que se preparavam para enfrentar, lhes fosse desfavorável. Era grande a desproporção entre os dois exércitos, mas os cristãos venceram e, apesar da vitória, desesperavam-se pelo sacrifício inútil de suas famílias quando foram surpreendidos pelo milagre. Todos haviam ressuscitado, mas, em algumas versões, mantiveram a marca do cutelo na garganta, marca esta transmitida a seus descendentes; em outra versão a marca está no pescoço da imagem de Nossa Senhora da Vitória, na forma de um traço vermelho (A LENDA dos degolados de Montemor-o-Velho, 2012).

Figura 2 – “Degolação de mulheres e crianças pelo abade João e companheiros”



Fonte - <http://mosteirodeseica.com/artigos/>

Outra lenda, ainda, conta que, não havendo carne para o Bodo, havia grande desânimo entre os festeiros, quando surgiu um boi no lugar onde tradicionalmente eram sacrificados os animais e ali caiu morto, permitindo a realização da festa. (SOARES, 1982).

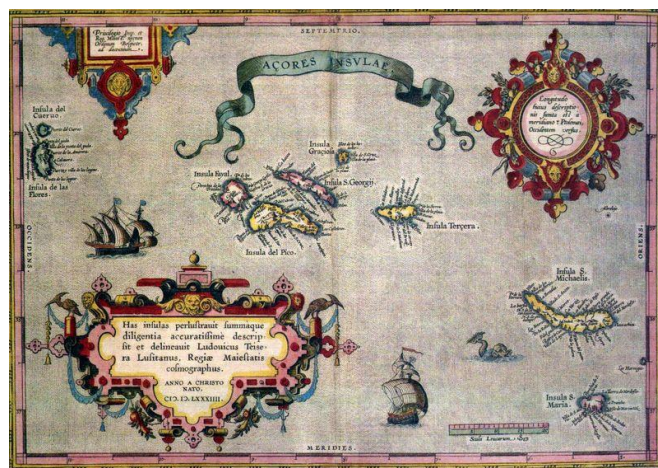
Episódios milagrosos são recorrentes nas localidades onde ocorre a festa: são animais que surgem do nada, são outros, prometidos ao Espírito Santo, que morrem inexplicavelmente quando substituídos, outros ainda são milagrosamente protegidos de terremotos ou erupções vulcânicas, por estarem prometidos ao Divino.

O arquipélago dos Açores, um conjunto de nove ilhas vulcânicas no Oceano Atlântico, a 1.300 quilômetros de Portugal Continental, mantém, até hoje, a tradição da Festa do Divino Espírito Santo que, no entanto, teve origem no continente. As ilhas foram descobertas, oficialmente, a partir do século XV. Acredita-se que contingências como o relativo isolamento em que o arquipélago se manteve por muito tempo, dificuldades e catástrofes naturais a que as ilhas sempre estiveram expostas – terremotos, erupções vulcânicas e surtos de peste – contribuíram para que a tradição fosse mantida. Do ponto de

vista geográfico, as ilhas estão distribuídas em três grupos, como se pode observar nos mapas que seguem, o primeiro dos quais, embora muito antigo, pois data do século XVI (Fig. 3), já apresenta claramente os distintos agrupamentos de ilhas:

Figura 3 – Mapa do Arquipélago dos Açores de Luís Teixeira -1584 (P.M.C. vol. III est.. 362

A) reproduzida da obra *Os Descobrimentos Portugueses*, de Luís de Albuquerque, pág. 27.



Fonte: <http://cvc.instituto-camoes.pt/navegaport/d09.html>

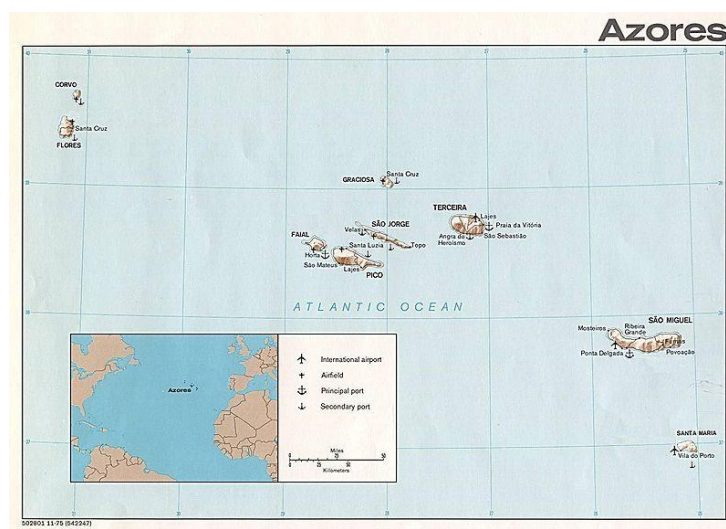
No segundo mapa (Fig. 4), atual e mais preciso, pode ser observada a disposição dos três grupos de ilhas:

Grupo Oriental: São Miguel e Santa Maria;

Grupo Central: Terceira, Graciosa, São Jorge, Pico e Faial;

Grupo Ocidental: Flores e Corvo.

Figura 4 – Mapa dos Açores



Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Azores_CIA.jpg

As ilhas, ao longo do tempo, tiveram inúmeras designações e apelidos, tanto em seu conjunto, quanto separadamente.

O Arquipélago foi conhecido como Ilhas Terceiras, Ilhas de Bruma, Ilhas Imaginárias, Ilhas da Graça ou Ilhas de Santa Cruz.

Separadamente, cada ilha recebeu designações várias, como se pode observar na lista a seguir:

- **Ilha de Santa Maria** - Ilha Amarelo-claro; Ilha de Gonçalo Velho; Ilha de lu Ova; Ilha do Barro; Ilha do Lobo; Ilha do Ovo; Ilha dos Lobos; Ilha Dourada; Ilha Nova;

- **Ilha do Faial** - Ilha Azul; Ilha da Ventura; Ilha de São Luís;

- **Ilha Graciosa** - Ilha Branca;

- **Ilha Terceira** - Ilha Brasil; Ilha de Jesus Cristo; Ilha Histórica; Ilha Lilás;

- **Ilha de São Jorge** - Ilha Castanha; Ilha das Fajãs; Ilha de San Zorze; Ilha Dragão;

- **Ilha do Pico** - Ilha Cinzenta; Ilha de São Dinis; Ilha dos Pombos; Ilha Montanha;

- **Ilha do Corvo** - Ilha Cor-de-rosa; Ilha da Estátua; Ilha de Santa Iria; Ilha do Farol; Ilha do Marco; Ilha dos Corvos Marinhos; Ilhéu das Flores;

- **Ilha de S. Miguel** - Ilha das Cabras; Ilha do Arcanjo; Ilha dos Amores; Ilha Maior; Ilha Verde;

- **Ilha das Flores** - Ilha Amarelo-torrado; Ilha de São Tomás; Ilha dos Coelhos.

Muitas das designações explicam-se naturalmente pelas circunstâncias histórico-geográficas, pela fauna ou flora predominantes. É particularmente curiosa a atribuição de cores a cada uma das ilhas.

Algumas associações de ilhas mereceram também, pelos mesmos motivos, designações específicas, como:

- **Corvo e Flores** – Ilhas das Floreiras; Ilhas Foreiras;

- **Corvo, Flores, Terceira, Graciosa, Pico, S. Jorge, Faial** – Ilhas-de-baixo;

- **Terceira, Graciosa, Pico, S. Jorge, Faial** – Ilhas Flamengas.

O descobrimento do arquipélago é uma questão controversa, mas o que se sabe de concreto é a chegada de Gonçalo Velho à Ilha de Santa Maria em 1431, embora se acredite que já eram conhecidas em 1351, a partir da análise de alguns mapas genoveses dessa época, e do fato de terem sido encontrados templos escavados na rocha, datados do século IV a.C., possivelmente cartagineses. As outras ilhas foram descobertas em seguida, no sentido leste-oeste. A primeira referência às ilhas está em carta do dia 2 de julho de 1439, escrita pelo

Infante D. Henrique a seu irmão D. Pedro, quando as duas últimas ilhas do arquipélago ainda não eram conhecidas. Por volta de 1450, Diogo de Teive descobriu as ilhas das Flores e do Corvo. O povoamento das ilhas começou por volta de 1432, pela Ilha de Santa Maria, por iniciativa do Infante D. Henrique com o apoio de sua irmã, D. Isabel de Portugal, Duquesa da Borgonha, e contou, principalmente, com algarvios, alentejanos e minhotos e ainda com número considerável de flamengos e bretões, com forte presença de cristãos-novos.

A presença de ordens religiosas foi também importante, destacando-se a ordem de Cristo, responsável pela administração e pela assistência espiritual e os Franciscanos, principalmente em Santa Maria e na Terceira, desde a década de 1490.

Dos Açores, a festa foi levada por emigrantes, ainda hoje responsáveis pela realização da festa em muitos dos lugares onde está implantada, não só ao Brasil como aos Estados Unidos e ao Canadá.

No Brasil, a festa é adotada pelos negros, que a incorporam às festas realizadas pelos terreiros ou a associam a outras manifestações culturais e religiosas. Não se conhece, no entanto, uma tradição africana de coroação e, em Portugal, tendo D. João IV oferecido a coroa real à Imaculada Conceição de Maria, a partir de 1646 os reis portugueses deixam de usá-la. O modelo deve ter sido, então, buscado nos reis coroados da antiga dinastia portuguesa de Aviz. Como afirma Câmara Cascudo, no prefácio já referido:

A Festa do Divino, com imperador, mordomos, damas, açafatas, guardas, guerreiros, pajens, música e antes a “folia” agenciadora ou complementar dos recursos, era orgulho reinol e conquistou o negro escravo, num desejo puro de sublimação e alívio compensadores. [...] Todo o ciclo dos Reisados, Congos, Congadas e Congados, coroação do Rei dos Congos, o mirabolante Maracatu, receberam a poderosa influência do Divino no plano da indumentária e, notadamente, no uso da suprema insígnia real. Nenhum soberano da África Negra, antes da presença continental do português, conheceu coroa de Rei! (LIMA, 1988, p.6).

Câmara Cascudo, ainda nesse prefácio, também afirma que a popularidade da Festa do Divino foi determinante na sugestão de escolha, por José Bonifácio, do título de Imperador e não de Rei para D. Pedro I, o que contribuiu também para a separação, no julgamento popular, do “Rei de Portugal do Imperador do Brasil, ligado este, ideal e amorosamente, ao Divino que ostentava o mesmo título”(LIMA, 1988, p.7).

Abreu comenta a respeito das comemorações paralelas da Coroação de D. Pedro I e da Festa do Divino:

A superposição das comemorações pelo Imperador com as barracas do Divino, na mesma época e local, certamente facilitava a aproximação e a troca de significados entre os dois eventos. [...] em função do prestígio do Divino na cidade, que a

liberalização talvez representasse uma estratégia de tornar a maioria ao mesmo tempo abençoada e simpática entre os setores populares, depois dos conturbados anos de 1830. Festa e regime político iniciavam juntos um novo tempo (2005, p.15).

A mesma autora comenta a simbologia comum aos dois imperadores: a cor vermelha predominante, a presença da Ordem de Cristo nas armas imperiais e nos símbolos do Divino, a juventude do Imperador e o costume de coroar crianças, o título de imperador. (ABREU, 2005, p.21).

A presença da festa é tanto mais forte quanto mais marcante seja a emigração, como uma marca de açorianidade de que se orgulham os descendentes daqueles que a trouxeram e implantaram no Novo Mundo.

A festa é realizada com maior frequência nos estados do Sul e Centro-Oeste, mas Fernandes e Fernandes (2006) mencionam a sua realização no Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Bahia, com maior ou menor semelhança com as festas dos Açores, mantendo por vezes a culinária da festa ou as quadras e cânticos, preservando todas o espírito da festa, a associação do sagrado e do profano, com a manutenção das bênçãos, das insígnias e símbolos, dos cortejos, das refeições rituais e das ofertas de alimentos, sob designações muitas vezes diferentes das primitivas, mas mantendo a devoção ao Divino.

No Portal do Divino, disponível na Internet, estão relacionadas as seguintes localidades brasileiras onde se realiza a festa:

Quadro 7 – Localidades brasileiras onde se realiza a festa do Divino

AMAPÁ	
BAHIA	Andaraí, Bom Jesus da Lapa, Brotas de Macaúbas, Itabapoana, Vale do São Francisco
DISTRITO FEDERAL	Luziânia, Planaltina
ESPIRITO SANTO	
GOIÁS	Formosa, Pirenópolis, Posse, Trindade
MARANHÃO	Alcântara, São Luís
MINAS GERAIS	Diamantina, Jaboticatubas, Sabará, São João del Rei, Varginha,
PIAUI	Amarante
RIO DE JANEIRO	Angra dos Reis, Arraial do Cabo, Cabo Frio, Paraty, Saquarema
RIO GRANDE DO SUL	Caçapava do Sul, Caxias, Criuva, Flores da Cunha, Gravataí, Jaguarão, Osório, Porto Alegre, Santo Antônio da Patrulha, Vacaria
RORAIMA	Guaporé, Pimenteiras, Porto Velho

SANTA CATARINA	Florianópolis, Imbituba, Penha, Santo Antônio da Imperatriz
SÃO PAULO	Bairro da Bela Vista, Campinas, Cunha, Freguesia do Ó, Itanhaém, Itápolis, Itatiba, Itu, Nazaré Paulista, Piracicaba, Salesópolis, São Paulo, São Luís do Paraitinga, Tietê, Ubatuba
SERGIPE	Indiaroba
TOCANTINS	Monte do Carmo, Tocantins, Jalapão

O mesmo portal registra ainda a realização da festa por Irmandades em localidades como Vila Isabel, Encantado, Olinda (Nilópolis), Catumbi, Outeiro e Maracanã, todas no Rio de Janeiro. Fernandes; Fernandes registram ainda a presença da festa, a partir de contribuições de vários autores, no Espírito Santo, na Bahia – em Salvador, Andaraí, Jacobina e Carinhanha e, em São Paulo, em:

Angatuba, Anhembi, Araçoiaba da Serra, Arandu, Biritiba-Mirim, Buri, Cananéia, Capão Bonito, Caraguatatuba, Conchas, Cotia, Cunha, Divinolândia, Iguape, Itu, Jacupiranga, Laranjal Paulista, Lagoinha, Mogi das Cruzes, Nazaré Paulista, Nuporanga, Paraibuna, Pereiras, Piedade, Piracaia, Piracicaba, Porongaba, Porto Feliz, Ragoinha, Santa Branca, Salesópolis, São Luís do Paraitinga, Silveiras, Susano, Tietê, Ubatuba, Ubirajara (2006, p. 432).

Do Maranhão, embora elas ocorram em todo o Estado, o Portal registra apenas as duas localidades cujas festas são mais divulgadas: São Luís e Alcântara.

São Luís, capital do Estado do Maranhão, localizada na Ilha de São Luís que compreende ainda os municípios de São José de Ribamar, Paço do Lumiar e Raposa, é uma cidade que festejou, em 2012, 400 anos de fundação. Distingue-se de outras capitais da mesma época pela sua arquitetura colonial peculiar e adaptada ao clima de calor e chuvas intensas, com áreas ainda bem preservadas, e por suas tradições populares, em múltiplos aspectos: culinária, música, festas populares.

Orgulha-se de ter sido fundada por franceses, questão polêmica que não é consenso entre os historiadores¹⁹, mas apresenta uma arquitetura colonial essencialmente portuguesa, com grandes casarões e sobrados, encimados por mirantes – de onde se descortina a baía de São Marcos – com fachadas rasgadas por sacadas de pedra de cantaria e grades de ferro de desenhos rebuscados. O seu maior patrimônio arquitetônico é o que apresenta como característica mais marcante as fachadas de azulejos, predominantemente portuguesas, mas incluindo outras origens.

¹⁹ LACROIX, Maria de Lourdes Lauande. **A Fundação Francesa de São Luís e seus Mitos**. São Luís: Lithograf, 2002.

Upaon-Açu, nome pelo qual a conheciam os índios que a habitavam primitivamente, recebeu inúmeros navegadores portugueses, espanhóis e franceses, mas nenhuma iniciativa foi tomada para ocupá-la até que, em 1616, correndo o risco de perdê-la para os franceses, a corte portuguesa decidiu colonizá-la, sob o comando de Jerônimo de Albuquerque.

Berço possível do sonho francês da implantação de uma França Equinocial, invadida posteriormente por holandeses, a curta permanência desses povos e a longa dominação portuguesa associada à presença maciça de africanos trazidos, como escravos, para as culturas do arroz, algodão e cana de açúcar, deram-lhe as feições que a caracterizaram e que marcam costumes, hábitos alimentares e manifestações culturais admirados pela beleza, riqueza e originalidade.

A Festa do Divino chegou ao Maranhão trazida, provavelmente, pelas levas de imigrantes cuja chegada ficou registrada pela história, famílias oriundas dos Açores, trazidas para o incremento da lavoura local e atraídas pelas promessas de uma vida menos insegura e mais promissora. Atualmente as festas são realizadas, no entanto, predominantemente, pelos terreiros de mina, de origem africana.

Quanto a Alcântara, nascida da aldeia de índios tupinambás, que expulsaram os tapuias, teve como primeiro nome Tapuitapera (lugar onde existiu a taba ou tapera dos tapuias) e foi explorada inicialmente pelos franceses, à época da tentativa de estabelecimento da França Equinocial. Claude d'Abbeville, em sua História da Missão dos Padres Capuchinhos na Ilha do Maranhão (1975), um dos primeiros documentos informativos sobre a região, registrou a presença de muitas aldeias e uma estimativa de mais de 10.000 índios. Depois da expulsão dos franceses, as terras foram doadas, como recompensa, a Jerônimo de Albuquerque.

No século XVII, foi criada a Capitania de Tapuitapera. Somente três décadas depois foi erigida em vila, com o nome de Vila de Santo Antônio de Alcântara, consagrada a São Matias e contou, a partir de 1648, com Câmara e pelourinho. Eram famosos o seu algodão, considerado o melhor da província, e o seu arroz, tido como a principal riqueza de seus moradores. O desenvolvimento, no entanto, foi lento, com uma média de apenas 300 habitantes entre 1637 e 1720. Já então havia sido construído o Forte de Santo Antônio e existia um porto, o Porto dos Barcos.

Em 1663 chegaram novos colonos, para repor os braços perdidos após grave epidemia. Com a decadência das lavouras e dos engenhos, a Coroa comprou a Capitania de Cumã, de que fazia parte Alcântara. Seguiu-se um período de maior prosperidade, resultado

da ação da Companhia de Comércio do Maranhão e Grão-Pará, quando o porto mudou para o outro lado da vila – Porto do Jacaré – e foi construído o Forte de São Sebastião; Alcântara estava colocada entre as oito vilas mais importantes, economicamente, para o Estado do Maranhão.

No início do século XIX foram construídos solares, palacetes e casas nobres, cujas ruínas são, atualmente, um dos atrativos da cidade. Em 1836, foi elevada à categoria de cidade, mas começou então a derrocada, provocada, entre outros fatores, pela queda dos preços de algodão nos mercados internacionais, pelo surgimento de outros portos com maiores facilidades de acesso em outras regiões do estado, pela libertação dos escravos e pelo despreparo dos herdeiros das propriedades, geração instruída e culta, mas sem interesse pelo campo ou os engenhos. Desde então, somente a Festa do Divino parecia despertar a cidade, dando-lhe alma, brilho. Uma tradição local atribui o início da festa ao período em que foram frustradas as expectativas da visita de D. Pedro II à cidade. Conta-se que os negros, insatisfeitos, teriam organizado e levado à igreja um cortejo e coroado um imperador, criando a festa (LIMA, 1988, p. 21).

Em 2012, quando se comemoraram 400 anos de fundação da cidade de São Luís, um projeto da Secretaria de Cultura, denominado “Quatrocentos Toques para o Rei Menino”, apoiou 190 festeiros em 29 municípios maranhenses: Anajatuba, Aldeias Altas, Bacabeira, Bequimão, Cantanhede, Caxias, Cajapió, Cajari, Cedral, Codó, Guimarães, Humberto de Campos, Icatu, Itapecuru-Mirim, Matinha, Miranda do Norte, Mirinzal, Paço do Lumiar, Palmeirândia, Penalva, Pinheiro, Pindaré-Mirim, São Bento, São João Batista, São José de Ribamar, Rosário, Viana, São Luís e Alcântara (FERREIRA, 2012).

As festas do Divino, qualquer que seja a sua origem e local de realização estão, no entanto, sempre em concordância com os ideais de confraternização e abundância, na medida em que se subvertem as relações de poder e se compartilham os bens, concretizados em alimentos.

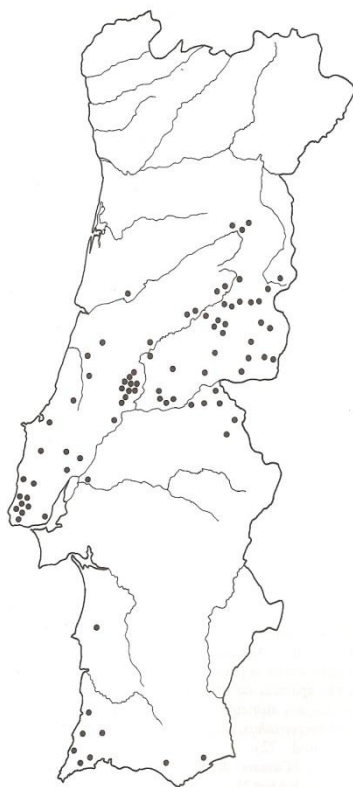
4.2 O ritual da festa em Portugal Continental – “Cada terra com seu uso, cada roca com seu fuso”

Inicialmente, não havia intenção de incluir informações sobre a festa em Portugal Continental, uma vez que os autores consultados sempre afirmavam o desaparecimento dessa tradição no continente para permanecer apenas nos Açores, de onde se teria dado a expansão. No entanto, o aprofundamento da pesquisa começou a revelar a semelhança entre aspectos da

festa encontrados no Maranhão e tidos como originalidades maranhenses e algumas curiosidades das festas do continente português. É o caso, por exemplo, da existência de um *juiz*, que aparece, embora raramente, em terreiros de São Luís; a cobrança de multas por quebra do ritual, que ocorre na Zebreira e em Alcântara, para citar apenas duas localidades; os passos de dança que podem acompanhar alguns momentos do ritual, como no Ladoeiro e no bailado ritual de apresentação de um pão de 100 X 50cm, colocado ao ombro sobre um pano bordado, na ilha de São Jorge (COSTA, 2008, p. 145) e as evoluções de caixeiras e bandeirinhas na Casa das Minas de São Luís; o imperador criança, muito frequente em todo o Maranhão e em Penedo; a obediência a princípios hierárquicos rígidos para atingir a função maior da festa, de que decorre o longo período de participação obrigatória, como ocorre no Ladoeiro – de *juiz* a *secretário* – e na Casa das Minas – *mordomo*, *mordomo-régio*, *imperador*.

Sabe-se que, de Alenquer, a festa espalhou-se por todo o território continental português, com incidência maior na região das Beiras e principalmente na Beira Baixa. O levantamento realizado por Leal (1994) revela a distribuição das festas sobre as quais existe algum registro, incluindo aquelas dadas como extintas (Fig. 5). Não há registro de festas no norte do país. A maior concentração dá-se numa linha diagonal, que atravessa o país no sentido noroeste-sudeste, e que se prolonga para o sul atravessando Estremadura, Alentejo e Algarve, mas acompanhando o litoral, como se pode ver no mapa a seguir:

Figura 5 – Mapa 20 – Distribuição das festas do Espírito Santo no Continente



Fonte: LEAL, 1994, p.289

Leal (1994) regista 7 festas no Algarve, 6 no Alentejo, 18 no Ribatejo, 19 na Estremadura e 33 na Beira Baixa. Vale mencionar que estes números referem-se, em geral, a festas já mencionadas ou anteriormente estudadas por autores diversos.

O apogeu das festividades do Espírito Santo ocorre do século XIV à primeira metade do século XVII. A partir da segunda metade do oitocentos observa-se o desaparecimento progressivo da festa em Portugal Continental, até seu quase completo desaparecimento no século XX. Permanecem ainda algumas festas relacionadas ao culto inicial, como as Festas dos Tabuleiros em Tomar, a Festa do Pão em Reguengo do Fetal, Batalha e cerimônias da Zebreira, na Beira Baixa, guardando parte do ritual ou adaptações desse ritual. Apenas em Penedo, concelho de Sintra, aparentemente se mantém a festa regularmente e sem grandes alterações (SOUSA, 1994).

Estão registradas, principalmente por Leal (1994), as datas das últimas realizações da festa, em diferentes localidades.

Quadro 8 – Registro das últimas festas realizadas em Portugal

ÚLTIMAS FESTAS REGISTRADAS	
SÉCULO XVI	PORTALEGRE, MARVÃO, NIZA
SÉCULO XVIII OU ANTES	ALENQUER, LISBOA, CASCAIS, SINTRA, ALMOÇAGEME, COLARES, MERCÊS, MONTELAVAR, SÃO JOÃO DAS LAMPAS, TORRES VEDRAS
FIM DO XIX	ÓBIDOS, TURQUEL, LEIRIA, EIRAS
FIM DO XIX, INÍCIO DO XX	NIZA, AMIEIRA, MONTALVÃO, PÓVOAS E MEADA
INÍCIO DO SÉCULO XX	ALTE, BENSFRIM, BARÃO DE SÃO JOÃO, ALCABIDECHÉ, ALDEGALEGA DA MERCEANA
1903	MARMELETE
1920-1960	BEIRA BAIXA
1926	VERMOIL
1984	REGUENGO DO FETAL
1994	EIRAS
2010	EIRAS, REGUENGO DO FETAL
ATUALMENTE	PENEDO, TOMAR

Como se pode observar, o número de festas é ainda elevado até o início do século XX, em localidades tomadas individualmente. O desaparecimento das festas na Beira Baixa ocorre progressivamente, desde a década de 20 do século passado até à década de 60 do mesmo século. As festas registradas em Eiras, em 1994 e 2010, e Reguengo do Fetal, em 2010, constituem-se em tentativas de retomada da tradição, cujo efeito só futuramente se poderá avaliar. Nesse contexto, foi possível observar um cortejo do Divino em Tentúgal, em 2008, (Fig. 6) uma tentativa de reconstituição de uma tradição local, promovida pela Confraria da Doçaria Conventual de Tentúgal, uma associação de profissionais fabricantes de doces conventuais, no decorrer de um festival de degustação desses doces.

Figura 6 – Cortejo do Espírito Santo em Tentúgal



Fonte: Acervo da autora

Algumas das festas acima relacionadas foram objeto de estudo minucioso por parte de antropólogos e estudiosos de folclore. Esses estudos representam um material de consulta valioso, principalmente para a observação das diferenças entre as festas, o que implica, consequentemente, em produtiva variação terminológica.

Selecionei, para este trabalho, algumas das festas realizadas em Portugal Continental, escolhidas em função de sua importância ou de suas peculiaridades e originalidade.

4.2.1 A festa em Alcabideche

Uma das descrições desta festa, transcrita por Soares (1982, p. 285) está curiosamente marcada por forte preconceito, quanto às vestimentas e ritual. Refere-se ao ano de 1873, mas há registros de que ela se realizou ainda em 1899, 1904, 1926, 1929 e 1930. A festa apresentava algumas peculiaridades, embora estivesse mantida a presença de um *Imperador*, pagando promessa, cortejos, missa, a matança de uma vaca, arraial e o oferecimento de bode aos pobres. Mas o Imperador chegava a cavalo e vestia-se com roupas de épocas antigas – calções, meias altas, blusão, capa, sapatos de cetim, cabeleira postiça e chapéu de dois bicos, substituído depois pela coroa. O luxo da vestimenta estendia-se a outros

elementos, como cordões de ouro usados pelos festeiros que seguravam uma cana decorada com fitas e tule e com as folhas verdes do topo também decoradas; bandejas de prata com pétalas de rosa e confeitos para serem jogados sobre o Imperador. O bodo destinava-se aos pobres, que se sentavam no chão, com pano sobre os joelhos. Pão de trigo bento era oferecido a quem quisesse recebê-lo.

4.2.2 A festa em Alenquer

Sobre a festa em Alenquer há muitos registros, de documentos formais que permitem atestar sua antiguidade a descrições de variadas épocas. D. Rodrigo da Cunha, em texto datado de 1642, e depois mencionado por Soares (1982), refere-se à Rainha Santa e a D. Dinis, seu marido, como os “autores da festa”, comenta sua expansão e descreve a festa tal como se praticava, à época, em Alenquer:

[...] eleger-se e constituir-se um *emperador* que na primeira oitava do Espírito Santo, com majestade real, assistisse aos ofícios divinos, andasse na procissão, condecorasse com sua presença, as mesas, honrasse as festas e invenções com que o povo procurava alegrar-se. Aqui em Alenquer, se celebra ainda esta acção, que chamam do império, com grande aparato [...] (CUNHA, 1642, p. 122).

Soares transcreve também a descrição minuciosa da festa, feita por Frei Manuel da Esperança, em 1656, em que é mencionada a coroação, na igreja, do *Imperador* e de dois *reis*, acompanhados por três *pajens*. Uma das coroas teria sido ofertada pela própria Rainha. Os *pajens* transportavam a *coroa* e o *estoque da justiça*, em procissão que se dirigia ao Convento onde eram distribuídos “ramalhetes” aos nobres do acompanhamento. Seguiam-se danças com Damas do acompanhamento do Imperador. As jovens que acompanhavam, dançando, o imperador, durante o cortejo, recebiam parte do dote para seu casamento (SOARES, 1982, p. 262).

Do Convento, após nova coroação, retornava-se à igreja do Espírito Santo, onde a coroa era oferecida no altar e depois retomada, para permanecer com o *Imperador*, enquanto este, sentado em seu trono, debaixo de um dossel, recebia as homenagens de todos os presentes.

Este ritual era repetido, todos os domingos, do “Dia da Ressurreição de Christo Senhor Nosso” até o dia do Espírito Santo. O autor acrescenta que, na véspera desse dia, o imperador saía com toda a pompa, acompanhado por um homem que levava “duas madeixas de cera benta” que tinham uma das pontas acesas no altar-mor da igreja do Espírito Santo e a outra no altar da Igreja de Nossa Senhora da Triana, onde deveria queimar o ano inteiro. O

cortejo, que levava todas as cruzes das igrejas e dos conventos locais seguia até à *Casa do Espírito Santo*, onde eram benzidos o pão e carne que seriam consumidos no *vodo*, no dia seguinte (SOARES, 1982, p. 262-263).

4.2.3 A festa em Eiras

A povoação e freguesia de Eiras pertence ao concelho de Coimbra, e está situada a 5 km dessa cidade. Há registros de sua existência desde o século XII, no reinado de D. Afonso Henriques, primeiro rei de Portugal.

A origem da festa em Eiras é atribuída também à Rainha Santa Isabel, que teria sido a doadora de coroa de prata e terçado usados pelo Imperador e ainda de 25\$000 réis, 56 alqueires de trigo e 8 almudes de vinho, para o Bodo e a festa.

Também em Eiras a festa ocorreu inicialmente para pagamento de promessa, feita pelos moradores para serem poupados de um surto de peste que assolava a região. A tradição registra, na região, a existência de três cruzes que marcariam, desde então, os limites de proteção contra a peste. Protegida pelo Espírito Santo, a povoação acreditava que a peste não ultrapassaria os limites marcados por essas cruzes. A proteção estendia-se à peste das ovelhas. Sousa registra:

Em anos de peste, os donos de rebanhos da zona faziam uma promessa de comparecer com os animais no dia da festa, caso estes não fossem atingidos pelo mal. Segundo o testemunho local, ainda há poucos anos um pastor trouxe as suas ovelhas, devidamente enfeitadas de chocalhos e pintadas às riscas com cores vivas e com elas deu umas voltas à capela do Espírito Santo (1994, p. 16).

Sobre a festa há uma descrição detalhada datada de 1734, realizada por Fabião Soares de Paredes, vigário da freguesia e um estudo histórico-etnográfico elaborado por Dina Fernandes Ferreira de Sousa, em 1994.

Até 1832, a festa era realizada regularmente, com início na primeira oitava do Espírito Santo, e envolvendo a Igreja Matriz, onde o *Imperador* era coroado pelo pároco e de onde saía em cortejo para a capela de Santo Cristo. Em “cavalgadas”, o cortejo seguia para o Mosteiro de Celas, onde o *Imperador* era novamente coroado pelo sacristão. O cortejo seguia para a capela do Espírito Santo, para uma missa, e então retornava a Eiras, onde eram oferecidos um grande banquete e esmolas em pão, vinho, tremoços, fartes e bolos. Lutas de homens e corridas de éguas encerravam o dia. Na segunda oitava havia missa na Igreja do Sacramento e banquete demorado oferecido pelo *Imperador*. O dia principal era o domingo

do Espírito Santo, com missa cantada na Igreja do Sacramento e a repetição das etapas do dia da posse.

Uma curiosidade da festa era, oito dias antes de Pentecostes, a saída das “donzelas” da povoação, acompanhadas de “um honesto e honrado varão tocando algum instrumento tendo todos grande fé que com este publico festejo alcançarão do Divino Espírito Santo a melhor acomodação para o seu estado” (CAMPOS, 1879, p. 141).

Em outras localidades da Beira Baixa o Espírito Santo também é cultuado pelas jovens que almejam um bom casamento.

Outra peculiaridade da festa em Eiras é a presença concomitante do sagrado e do profano, com possível predominância deste último. As donzelas cantavam canções sagradas e profanas, o Imperador era ridicularizado pelas freiras de Celas, com “pilhérias e dichotes” e a popularização desse hábito deu origem a poema burlesco de Santa Rita Durão (ANEXO A), transcrito por Sousa (1994, p. 21). Esta transformação da festa teve como consequência a intervenção da Igreja, determinando, em 1728, a suspensão das “danças, cantigas e mais obscenidades por terem degenerado na prática de muitos actos indecentes” (SOUSA, 1994, p. 23). O bispo de Coimbra, José Freire de Faria emitiu uma pastoral proibindo os desregramentos verificados, sob pena de excomunhão e multa, e precisa a que atos se refere:

Havendo antes e depois da procissão, e ainda na mesma procissão e capela, muitas danças de mulheres e homens, vestindo-se muitos deles em trajes de mulheres, e as que o são vestindo-se em trajes de homens, cantando trovas e cantigas inonestas e indecentes, mandando vir para o pecaminoso festejo a dança de Tentugal, com mulheres saltatrizes e ainda nas casas públicas da câmara, com acções e palavras obscenas e tocamentos libidinosos [...] (O CONIMBRICENSE, 1866, *apud* SOARES, 1982, p.284).

Não há notícia de realização de festa de 1832 ao início do século XX, quando, por iniciativa do vigário local, é retomada, mas com alterações no seu desenvolvimento, cujo principal ponto é o desaparecimento da figura do *Imperador*. Suas funções foram, de certa forma, assumidas por uma personalidade importante da povoação, cujo falecimento acarretou nova interrupção da realização da festa. Mantinham-se, nessa época, os cortejos, missa, oferta de alimentos, baile e a devoção das moças solteiras, como se pode ver nestas quadras mencionadas em Sousa:

Divino Espírito Santo/ Da Igreja de Eiras,/ Que é o Imperador/ Das moças solteiras// Ora viva quem há-de reinar,/ O Divino Espírito Santo/ Nos há-de acompanhar,/ Em todas as nossas coisas/ Quando por ele eu chamar (1994, p. 26).

Uma particularidade interessante da festa é a forma dos andores de Casais e Eiras, um barco e um hidroavião, a que se juntou posteriormente o lugar da Redonda com um andor em forma de foguete ou foguetão. Não se conhece a razão da escolha desses temas para os andores.

Segundo informações obtidas na Internet:

Há alguns anos a esta parte, o Cortejo foi recuperado, com o apoio de várias organizações e particulares, que têm conseguido manter a tradição, que há tantos anos estava extinta. A recriação é o mais possível fiel às origens, com os romeiros a pé e a cavalo, trajados a rigor, com indumentárias idênticas às usadas antigamente. Os farnéis são levados em cestos à cabeça, tal qual se fazia no início, e o trajeto mantém-se praticamente o mesmo de sempre (MONTEIRO, 2012).

4.2.4 A festa no Ladoeiro

Ladoeiro é uma das freguesias do concelho de Idanha-a-Nova, cuja fundação remonta a 1541. A freguesia possui uma capela e uma imagem do Espírito Santo, mas as procissões contam apenas com a representação do Espírito Santo pela coroa, pomba e estandarte. Estas insígnias, no Ladoeiro como em outros locais em que se realiza a festa, não estão ligadas à igreja, não há adoração, orações ou iluminação. São guardadas pelos *coroeiros* e pertencem, no dizer do povo, estritamente ao Espírito Santo. Há, no entanto, demonstração de sua sacralidade em atitudes como as proibições de as tocarem com as mãos diretamente ou de permanecerem em casa em que haja casais não oficialmente casados ou em quartos onde haja possibilidade de se manter relações sexuais.

A festa no Ladoeiro começa na verdade com outra festa, a dos Madeiros, que consiste na seleção, corte e transporte dos madeiros que serão queimados nas fogueiras do Natal e que são responsabilidade dos *festeiros* do Espírito Santo. Destes *festeiros*, em número de oito, destacam-se o *coroeiro*, que é o portador da coroa, e o *alferes*, que leva a bandeira. Os outros *festeiros* não têm designação própria. A realização da festa obedece a uma ordem fixa, que tem início com o convite aos *festeiros* do ano seguinte, feito pelos *mordomos*; o primeiro encontro dos *festeiros* ocorre na sexta-feira santa, quando o *coroeiro* faz a primeira distribuição de tremoços. Estão, em geral, excluídos solteiros, viúvos ou casais idosos. O convite, feito porta-a-porta, parte das casas do adro da Igreja e segue a linha da rua, no sentido ocidente para oriente, a partir da casa do último festeiro do ano anterior. Dessa forma, são necessários 45 a 50 anos para percorrer toda a povoação.

A distribuição dos tremoços, iniciada pelo *coroeiro*, é seguida pela distribuição de cada *festeiro*, sempre na sexta-feira que antecede seu dia de servir. A distribuição é feita entre

os *festeiros* desse ano, os do ano anterior e os do ano seguinte, além de incluir familiares, amigos ou pessoas a quem se deve favores.

A preparação da festa compreende a decoração da capela, a preparação das comidas, o ensaio dos cânticos – *Bendito* e *Glória* – e o convite aos amigos.

A cada domingo um festeiro oferece um pequeno-almoço. Os *festeiros* são identificados por um cravo vermelho na lapela e o *alferes* por um cravo branco, já que ele é o único solteiro. Começa então a folia com a saída ritual da bandeira, sempre por uma janela decorada para esse fim, com colchas vermelhas e uma toalha “cercada”, ou seja, com rendas em toda a volta, que é a única que pode ser tocada pela bandeira.

A cada saída da bandeira é preciso fazê-la voar e são jogadas pétalas de flores. O cortejo segue então até à capela, há a celebração da palavra e as insígnias depois ficam depositadas na igreja matriz. O cortejo é sempre acompanhado pelos cânticos – *Bendito* quando está em marcha e *Glória* quando há paradas – e por chuvas de pétalas de flores e arroz.

Henriques (1996, p. 69) registra as versões erudita e popular dos cânticos:

Quadro 9 – Versões erudita e popular de cânticos

Versão entregue aos festeiros	Versão erudita
<i>Bendito e Louvado</i> Bendito e Louvado seja O Santíssimo Sacramento Toda a Eucaristia Fruto do Ventre Sagrado Em virgem puríssima Se mais Santa a Maria	<i>Bendito e Louvado</i> Bendito e Louvado seja O Santíssimo Sacramento da Eucaristia Fruto do Ventre Sagrado Da Virgem Puríssima Santa Maria
<i>Glória</i> Glória ao Pai e ao Filho E ao Espírito Santo Ena é de Princípio É de nunca é de Sempre é É de Sempre Seclório Amém	<i>Glória</i> Glória, Patri et Filio et Spiritui Santo Sicut erat in principio et nune Et semper et in saeculorum Saeculorum. Amém

A cada domingo há um jantar, ponto alto da festa, feito pelo *festeiro* que oferecerá o pequeno-almoço no domingo seguinte. As mesas são caprichosamente decoradas com flores, os lugares rigidamente definidos e a comida é farta.

Além destas refeições rituais há ainda um almoço convívio, oferecido às mulheres em agradecimento pelo trabalho que tiveram na realização da festa.

A festa termina com o *passar a bandeira*, ritual de entrega das insígnias aos *festeiros* do ano seguinte. Depois da missa e da procissão, vão até à casa do novo *coroeiro* e o *alferes* faz *dançar a bandeira* antes de a entregar ao novo *alferes*. Depois cada um dos *festeiros* entrega a sua insígnia. Na entrega, o velho e o novo *festeiro* ajoelham-se, beijam a insígnia e pronunciam quadrinhas, em geral improvisadas, abraçam-se; até pouco tempo atrás, dançavam duas ou três voltas.

Henriques registrou algumas dessas quadrinhas, como a que segue, pronunciada na entrega da coroa, em que são expressas as funções essenciais do novo coroeiro: *Toma lá esta coroa/ Símbolo do Ladoeiro/ És o chefe do Espírito Santo/ E também o dos madeiros* (1996, p. 87).

Em cada quadrinha há a menção à insígnia que está sendo entregue e votos de que sejam mantidos os sentimentos de estima, devoção, amor e perenidade.

O ritual deve ser seguido e sua quebra é prenúncio de desgraças. Assim, não se pode perder o cravo colocado na lapela, ou haverá uma punição que consiste em pagar 5 litros de vinho aos outros festeiros, não se pode tocar as insígnias diretamente com as mãos, é preciso saber retirar a bandeira e fazê-la dançar.

Em outras localidades, como em Segura, as proibições eram formalmente lidas aos festeiros e compreendiam a obrigação de estarem todos engravatados, bem preparados, limpos e muito bem engraxados, cumprirem horários definidos, não dar as costas à bandeira, não se levantar ou sentar sem ordem do *juiz*, não comer antes do *juiz* e não derramar vinho ou deixar cair migalhas (HENRIQUES, 1996, p. 211).

Apesar da rigidez do ritual e das punições para as infrações, há momentos de descontração decorrentes, muitas vezes, de excessos na bebida. Henriques coletou a seguinte anedota, contada durante um almoço:

Os santos estavam todos lá no céu numa grande masmorra e disseram para São Pedro:
 - Oh São Pedro arranja-nos lá um distraimento, estamos fartos de aqui estar.
 Bem, lá combinaram fazer uma caçada. Mas disse São Pedro:
 -Vão fazer a caçada mas quando ouvirem as 12 badaladas baixem as armas. Não atirem um tiro.
 Andavam na caçada e deram as 12 badaladas. Tudo baixou as armas e nisto passou uma pomba. Ouviu-se um tiro.
 Quem foi? Quem não foi? E São Pedro viu que tinha sido São José e chamou-o e disse-lhe:
 - Oh São José o que é que tu fizeste? Então eu tanto pedi...
 Resposta do São José:

- Sabe São Pedro essa estava cá atravessada há muito. E indica com o dedo para o pescoço.
É que Nossa Senhora, mulher do São José, engravidou por obra e graça do Espírito Santo (1996, p. 113).

A festa do Ladoeiro pode ser considerada um paradigma das festas da Beira Baixa; as variações registradas pelos estudiosos em relação a outras festas da mesma região são, em geral, pouco relevantes.

4.2.5 A festa em Marmeleite

Em Marmeleite, freguesia portuguesa do concelho de Monchique, ao sul de Portugal, a festa do Espírito Santo, cujo último registro data de 1903, apresentava algumas características não mencionadas em outras festas, como o *peditório* realizado do Domingo de Páscoa ao Domingo de Pentecostes, sempre acompanhado por seis *foliões* que cantavam *alvoradas* desde antes do amanhecer até tarde da noite.

Reproduzem-se aqui os versos de uma *alvorada* coletada por Guerreiro Gascon e transcrita por Soares (1982, p. 274):

Levanti-me esta manhana, Fui colhê'la hortelana; levanti-me esta manhana, manhanita do Natal, fui colhê'la hortelana; que 'stava no mé quintal; levanti-me esta manhana, manhanita de flores fui colhê'la hortelana; ô quintal dos mê's amores. Alevanta-te, Zabèla, Que manhanita é; levanta-te Zabèla, desse té doce dormir, que manhanita é; quer sol relumbrir. alevanta-te, Zabèla, desse té doce folgar, que manhanita é; quer o sol relumbrar.	Alevanta-te, graçala, pois el-rê vai à la caça; alevanta-te, graçala, pois el-rê bêra do rio, pois el-rê vai à caça; de falcões levava cinco. Levanta-te, graçala, pois el-rê bêra do alto; pois el-rê vai à la caça; de falcões levava quatro. Selá-m'este cavalo, pra mé senhor el-rê: Quem no levará? Selá-m'este cavalo, ponde-le frêo, pra mé senhor el-rê: que vai a passêo: Quem no levará? Selá-m'este cavalo, Ponde-l'a sela, pra mé senhor el-rê: que vai à guerra: Quem no levará?

Em vez de *Imperador*, os participantes mais importantes da festa eram denominados *Rainha* e *Rei*, este vestido com *opa* encarnada e com um bastão de madeira pintado de vermelho e decorado com folhas, tendo no topo, espetada, uma queijada. Os participantes da festa depositavam dinheiro – moedas de ouro ou de prata, nunca de cobre – no bastão que lhes era apresentado pelo *Rei*, cabendo à *Rainha* retribuir com uma queijada de tamanho proporcional ao valor da oferenda em dinheiro. Todo este ritual era acompanhado por cantigas que faziam referência ao momento desse ritual.

No dia principal da festa, o bodo era servido a todos e cantava-se e jogavam-se as *encerradas*, que consistiam em jogo de adivinhação do que estaria encerrado entre dois pratos. Para fechar a festa, uma tradição curiosa: “[...] era depois *enforcado* o rei deposto que, mercê de um subterfúgio e com a ajuda de um gabão que levava vestido, se livrava do nó corredio de uma corda pendente de um mastro muito alto” (SOARES, 1982, p.277).

4.2.6 A festa em Monsanto

Da festa como foi descrita por Jaime Lopes Dias e Maria Leonor Carvalhão Buescu, nada resta a não ser a missa e a procissão. Não há mais *mordomos* nem o uso das *opas* vermelhas que os identificavam. Buescu menciona que a escolha dos *mordomos* era feita no ano anterior, mas o dia de cada um oferecer o jantar era decidido posteriormente, por sorteio: “Os mordomos *deitam bilhetes* (sorteiam) para fixarem o dia *que le partence* o jantar (1984, p.61). Algumas peculiaridades marcam a tradição em Monsanto, como a chamada *pedra de honra*, comum nas casas da aldeia – uma pedra incrustada na parede da casa, em lugar de evidência, própria para receber a coroa– e os jantares demorados, atualmente realizados apenas para pagamento de promessas. O jantar era constituído por cinco pratos: o primeiro uma sopa seca, couves e carne cozidas sobre fatias de pão, o segundo prato era

[...] o sangue do animal preparado, para o efeito, com fressura e brulhões. Os brulhões são um alimento com aspecto semelhante aos maranhos. São feitos a partir de pedaços do estômago do animal morto onde se colocam pequenos pedaços de tripa e pontas de carne que noutras condições seriam desprezadas. Não levam arroz como os maranhos. Os animais mortos eram ovinos e caprinos (HENRIQUES, 1996, p. 167).

Maranhos é o nome dado a um prato da culinária portuguesa, constituído de arroz, pedaços de galinha e miúdos de carneiro, condimentados com hortelã.

O terceiro prato era carne cozida de ovino ou caprino, sem acompanhamento, o quarto era ensopado de borrego ou cabrito, sobremesa de queijo e azeitonas e vinho à vontade, embora fosse proibido o excesso, que poderia ser penalizado com multa. No intervalo entre cada prato cantava-se o *Bendito e Louvado*, exceto antes do último prato, uma surpresa em travessa coberta com outra, onde estavam flores ou raminhos de flores para serem distribuídos. No entanto não eram usados como identificação e não havia multa para quem os perdesse.

4.2.7 A festa em Penedo

Penedo, na encosta da Serra de Sintra, está situada entre Colares e Almoçageme, e é conhecida como a Aldeia do Espírito Santo. É um dos poucos lugares, no Continente, em que ainda subsistem as celebrações do Império e são mantidas as antigas tradições da Festa. Uma das atividades da festa é a *Tourada à corda*, realizada nas principais ruas da aldeia. O animal é posteriormente sacrificado e sua carne, preparada pelos homens da aldeia, servida, no dia seguinte, a toda a comunidade, durante o *Bodo*. São mantidas ainda as tradições dos cortejos que acompanham o *Imperador*, uma criança, a coroação realizada pelo pároco na Igreja do Penedo e o sorteio de prêmios (PENEDO, 2012).

Em material obtido na internet aparecem fotos do cortejo, em que se veem os participantes vestidos com trajes de época.

Segundo tradição oral recolhida em Penedo, o Imperador seria uma espécie de regedor da aldeia durante um ano, o que parece estar relacionado com antiquíssimas tradições comunitárias. No mesmo site, é mencionada a antiga tradição da festa e é referida a particularidade de ser uma das últimas a serem realizadas no continente português, mas incentiva-se a participação afirmando que a festa não se realizava há dez anos passados (FESTA na aldeia de Penedo, 2012).

Uma curiosidade é a presença, em tempos idos, de um *mastro* – elemento imprescindível nas festas do Maranhão – fincado à porta do *Imperador*, com uma bandeirola de folha, recortada em feitio de pomba.

Outro aspecto que lembra as festas maranhenses é a presença garantida de um mesmo participante em três festas, resguardando-se a hierarquia e a ordem de participação. Na verdade o *imperador* é acompanhado pelo imperador do ano anterior e pelo *condestável*, que será *imperador* no ano subsequente. Como explica Soares (1982, p. 327): “No primeiro ano é *coroadado*; no segundo, *imperador*; e, no terceiro, *vai entregar a bandeira*”.

As roupas são luxuosas, mantidas pelas famílias devotas, ou alugadas, com muito veludo, rendas e fitas. Também o pavimento é ricamente decorado com flores e pétalas.

Durante a missa, o prior benze as *medalhas* (Fig. 7).

Figura 7 – Medalha



Fonte: SOUSA, 1982, p. 353

Este ornamento era usado pelos membros mais importantes da festa e oferecido àqueles que para esta contribuíssem:

Há-as com pequenas pérolas, filamentos dourados ou prateados, finíssimos fios anelados de cores variegadas e grandes lações de fita pendentes [...]. Hoje é mais vulgar a laçada azul-celeste para os *imperadores*; pode ser branca nas restantes. [...]. Com a *palheta*, dourada e prateada, o *canotilho*, papel de seda frisado, lantejoulas, contas, pequenas e grandes, laços de fita e um minúsculo registo do Espírito santo, como matéria-prima, os dedos ágeis, tesoura e arame como utensilagem, as deslumbrantes *medalhas*, depois de muita aplicação, perícia de mãos, paciência e bom gosto, ficam aptas a figurar no ombro esquerdo de qualquer majestade. Os motivos são quase sempre fitomórficos e, para o *imperador*, executa-se também uma pequena coroa para o centro da *medalha*” (SOARES, 1982, p. 331).

Este ornamento só foi mencionado na descrição da festa em Penedo, como também apenas nessa localidade encontrei a designação de *bodo* por *bodivo*.

Casos interessantes são o dote de “dois pintos presos” destinado às noivas do lugar, costume antigo e já desaparecido e o costume de comer com os *irmãozinhos*, designação dada aos pobres da região, gesto de humildade e de humanidade que congrega todos em uma mesma mesa, ricos e pobres, preservando assim o espírito da festa.

Da culinária, destacam-se os *bolos da festa*, semelhantes a pequenos pães, feitos com farinha, mel canela, açúcar, tendidos sobre folhas de limoeiro e assados em fornos de lenha. Esta tradição, como outras, tende a simplificar-se e o capricho de antes, de fazê-los em casa, artesanalmente, foi substituído pela praticidade da encomenda a quem os faça comercialmente.

4.2.8 A festa em Reguengo do Fetal

Em Reguengo do Fetal, Leiria, a festa é também conhecida pelo nome de Festa do Pão. Realizada desde o século XV, oito semanas depois do Domingo de Páscoa, atribui-se seu início ao pagamento de promessas em razão de uma invasão de formigas nos celeiros dos frades dominicanos. Reza a tradição que devem ser lançadas *merendeiras* bentas no local chamado Carvalho do Outeiro, durante a procissão ou cortejo da festa. Estas *merendeiras*, guardadas o ano inteiro, adquirem assim o poder de afastar traças e outros insetos:

Estes festejos constituem uma interessante manifestação religiosa, cujo responsável pelo cortejo é o "Imperador" que encabeça a procissão de ofertas com tabuleiros ricamente decorados e recheados de bolos de "ferradura". (FESTAS, 2012).

As *ofertas*, como são chamados os cestos levados à cabeça pelas mulheres, durante o cortejo, são compostos pelos *bolos de perna*, *bolos de palma* e *cavacas* (FERNANDES; FERNANDES, 2006, p. 370). O prestígio da festa é tão grande que há disputa pelos cargos, ao ponto de estarem estes distribuídos com muitos anos de antecedência.

4.2.9 A festa em Santiago do Cacém

Em Santiago do Cacém, a festa era denominada Bodo do Espírito Santo. A festa acontecia do domingo de Pentecostes e compreendia um cortejo ou procissão e distribuição de alimentos a doentes, presos e pobres da localidade.

Uma das particularidades da festa era que a procissão que precedia o bodo contava com uma jovem solteira de 20 a 23 anos, coroada na igreja e vestida com roupas vistosas, a Imperatriz, que desfilava acompanhada por um pajem. Essa jovem recebia um dote de dez mil reis (PIRES, 1914, p. 190).

Outra particularidade é assim descrita por Pires:

[...] no local que serve para matadouro das vacas destinadas ao bodo do Divino Espírito Santo, reúne-se quase toda a gente que tem qualquer sofrimento, munido da sua tigela, panela, púcaro, etc., etc., para encher do sangue das vacas e logo que o obtêm começam a untar o lugar onde existe o padecimento, e mesmo outros onde não existe, com o fim de não aparecer no sítio untado mal algum (1908, p.71).

Assim mantém-se, embora de forma diferente, a crença no poder milagroso e curativo associado a elementos da festa.

4.2.10 A festa em Tomar

A cidade de Tomar tem origem muito antiga, sabendo-se ter sido entreposto comercial e rodoviário romano, 2.000 anos atrás, com o nome de Sellium, a que os godos cristianizados deram posteriormente o nome de Nabância. Ocupada pelos mouros, depois da Reconquista foi doada, em 1143, ao mestre templário Gualdim Pais, que fez construir o castelo. Os templários marcaram definitivamente o caráter do local.

A festa do Divino Espírito Santo em Tomar, conhecida como Festa dos Tabuleiros, é realizada de quatro em quatro anos e constitui, atualmente, a mais espetacular festividade do Divino no continente. Os primeiros registros da festa datam de 1879, mas só a partir da década de cinquenta, do século XX, fixou-se a forma atual.

Realiza-se, geralmente, no verão – a última festa realizada ocorreu de 2 a 11 de julho de 2011 – embora sejam realizados cortejos semanais a partir da Páscoa.

Compreende várias etapas, mas a principal atração está nos diversos cortejos, das Coroas, do Mordomo, dos Rapazes – este último constituído por crianças, vestidas de branco e transportando pequenos tabuleiros e cestos de flores – e, no dia principal da festa, o Desfile ou Procissão dos Tabuleiros, constituído por um número variável de casais, representando as dezesseis freguesias do Concelho.

A festa começa com uma reunião pública, convocada pelo Presidente da Câmara no Salão Nobre dos Paços do Concelho, no ano anterior ao da realização da festa, para confirmar a festa e escolher o mordomo, o que é anunciado por três foguetes. Uma comissão central e várias comissões específicas são formadas, para garantir o sucesso da festa que compreende, além dos cortejos principais, já mencionados, a ornamentação das ruas, os cortejos parciais, jogos populares, a Pêza.

O primeiro dia da festa é o Domingo de Páscoa, com o primeiro de sete cortejos da Coroa, que se realizam também no Domingo de Pascoela e depois de quinze em quinze dias. Participam do cortejo o Pendão do Espírito Santo, as três coroas da cidade de Tomar e um pendão e uma coroa de cada uma das dezesseis Juntas de Freguesia.

De 1892 a 1991, o Cortejo dos Rapazes não foi realizado. Revitalizado, ele é formado por crianças, mas desenvolve-se como o dos adultos. As crianças usam as roupas tradicionais e carregam, à cabeça, os tabuleiros.

O cortejo dos Mordomos, que se realiza na sexta-feira da última semana da festa é, na verdade, o desfile dos Bois do Sacrifício. Além dos bois, com colares e brincos de flores de papel, participam do desfile fogueteiros, gaiteiros, banda de música, cavaleiros e charretes.

Nesse mesmo dia é feita a inauguração da ornamentação das ruas populares, recobertas de flores de papel, com motivos referentes à festa, em arcos sobre as ruas, recobrindo fachadas ou portas e janelas e em tapetes de flores. No sábado, realizam-se os Cortejos Parciais, que se constituem na chegada dos tabuleiros das diferentes freguesias do concelho de Tomar, para se concentrarem em lugar definido, de onde sairão para o Cortejo final.

No sábado à tarde são realizados os jogos tradicionais: corrida de burros, de carroças, de cântaros, de sacos, de pipas e de púcaros, chinquilha, luta de tração, corte de troncos a machado e subida de mastro.

O dia da grande festa é o Domingo, que começa com o Cortejo das Coroas, a que se segue a missa. À tarde realiza-se o ponto alto da festa, com o Cortejo dos Tabuleiros (Fig. 8).

Figura 8 – Cortejo dos Tabuleiros em Tomar



Fonte: Acervo da autora

Os tabuleiros (Fig. 9) são cestas de vime ou verga, cobertas com panos rendados, com cinco ou seis longas hastes ou canas, que partem do tabuleiro. Nessas hastes são espetados trinta pães, que formam colunas enfileiradas, alternadas com outras colunas de flores coloridas de papel. São encimados por uma coroa, em cujo topo fica uma pomba ou a Cruz de Cristo manuelina. O tabuleiro deve ter a altura da jovem que o transporta e que vai vestida de branco com um fita colorida na cintura e atravessada sobre o tronco. O número de pães é fixo e, para adequar a altura à da responsável pelo transporte, o número de canas varia de cinco a seis. A moça é acompanhada por um rapaz vestido com calças pretas e camisa

branca, com gravata na cor da fita da jovem que acompanha e com um barrete dobrado sobre o ombro. O rapaz deve auxiliar a jovem a levantar o tabuleiro e, nos momentos de extremo cansaço ou de trajeto mais difícil, ajudar a manter o equilíbrio.

Figura 9 – Tabuleiro



Fonte: Acervo da autora

Depois de uma primeira parada, para a benção, na Praça da República, a principal da cidade, ao som de três foguetes – o primeiro para preparar, o segundo para baixar e o terceiro para levantar o tabuleiro – todos os tabuleiros se erguem e o Cortejo segue um percurso definido de perto de 5 km.

No último dia realiza-se o Cortejo do Bodo ou Peza, que consiste na distribuição de pão, carne e vinho, transportados em carros puxados por bois.

No programa geral, divulgado na revista oficial da festa, em 2011, são anunciadas alvoradas e a Coroação do Espírito Santo Imperador, mas não se encontrou menção a essas etapas da festa nas descrições que se pode obter.

4.2.11 A festa na Zebreira

Na Zebreira há uma capela do Espírito Santo, situada no largo de mesmo nome, onde ficam abrigados a imagem e o estandarte do Espírito Santo. A festa, constituída essencialmente pelos mesmos momentos e etapas de outras festas da mesma região, apresenta,

no entanto, algumas peculiaridades que a distinguem e originalizam, assim resumidas por Dias:

O ritual da confraria, a boda, as merendas de mel, filhós, tremoços e vinho, o segredo, a Noite do Vitó e as touradas, no que foram e ainda são, constituem, e constituíram, sem dúvida alguma um dos mais interessantes capítulos do culto do Espírito Santo (1953, p. 85).

A confraria é constituída por 15 membros ou *mordomos* e ainda um *tesoureiro*. Os *mordomos* entre si escolhem o *juiz*, o *secretário* e o *alferes* de cada ano, podendo repetir-se no cargo indefinidamente. É o *juiz* a autoridade máxima, que vela pela integralidade do ritual e determina a expulsão de quem não cumprir as normas.

Há uma hierarquia rigorosa, no que diz respeito à ocupação dos cargos: o *secretário* é obrigatoriamente o *juiz* da festa anterior, o que prolonga a sua participação na festa.

A festa tem início na Quinta-feira de Ascensão, com a missa, o que exige o cumprimento de algumas obrigações rituais, como retirar a bandeira da casa onde estiver alojada, sem que toque o chão, para seguir para a igreja onde ocorrerá a missa.

O cortejo entoa o *Bendito e Louvado* durante o percurso e o *Glória* ao aproximar-se da igreja. Depois da missa, a bandeira é devolvida à casa do *tesoureiro*, com um ritual preciso e detalhado para entrar na casa e para ser embalada adequadamente em lençóis brancos, sem dobras.

Cada gesto é determinado pelas ordens do *juiz*, que são utilizadas também para embalar as fitas, retirar a pombinha, dá-la a beijar a todos os presentes depois de se benzerem e guardá-la, para depois participarem da merenda. Também este momento perde em convivialidade, pela necessidade da rigorosa observância do ritual orientado pelas ordens do *juiz*.

Lugares marcados, o *juiz* autoriza *deitar a mão* para se servirem de tremoços e procede-se em seguida ao *encruzamento* dos copos de vinho, ou seja, a troca, em gestos precisos realizados com as duas mãos, simultaneamente, dos copos do *juiz* e do *alferes* e depois do *alferes* e do *secretário*, de maneira a que os copos retornem a seus donos originais. Autorizados, dá-se vivas aos participantes, todos bebem e nova ordem do *juiz* – *quem tem na mão, coma* – determina o fim do serviço de tremoços, só se podendo comer os que se tem na mão; e o mesmo ritual se segue para os filhós, polvilhados de açúcar e servidos com mel.

Seguem-se orações, nova rodada de tremoços e vinho, mais orações e tabaco para concluir. Tudo sempre comandado e observado com rigor e atentamente, pois um pinga de

vinho ou uma gota de mel na mesa, bem como a não observância das ordens dadas ou o atraso no seu cumprimento, resultam em multas. A merenda não pode ter participação de mulheres e só pode ser servida pela *tesoureira* e seus familiares.

Na tarde do primeiro dia da festa, há tourada à vara larga, no largo da capela, vedado de forma improvisada para esse fim.

No Domingo do Espírito Santo há a boda, lauto jantar, sem ritualização, que antecede a devolução da bandeira ao *tesoureiro* que, por sua vez, a entrega ao *alferes*. Desta cerimônia participam as duas confrarias, a que termina seu mandato e a que o inicia nesse momento.

A transmissão de poderes, a que estarão presentes apenas os *juízes*, os *alferes* e os *secretários*, implica na transmissão de um *segredo* revelado apenas, por parte do *juiz* velho, ao *juiz* novo.

Outra marca original da festa na Zebreira é a *noite do Vitó* ou da *filhota*, festa animada e barulhenta, com muita comida, bebida e cantorias pelas ruas, em que todos da confraria eram obrigados a cantar uma quadra que seguia a mesma estrutura: o segundo verso e a quadra propriamente dita, acompanhada sempre por muitos vivas aos elementos da confraria.

Nos versos coletados por Henriques encontrou-se uma menção a hortelã, que dá nome a um dos cânticos mais populares das festas no Maranhão, o Bendito de Hortelã, e sobre o qual não há registros que esclareçam a motivação.

Ora na folha da amoreira:/ Ai hei-de escrever o meu nome/ Ora, na folha da amoreira./ Oh! viva o juiz e o alferes/ Oh! Viva a nossa tesoureira/ Vivó!// Ora na folha do craveiro/ Ai hei-de escrever uma carta/ Ora na folha do craveiro/ Oh! Viva o juiz e o alferes/ Oh! Viva a nossa tesoureira/ Vivó!// [...]// Ora, meu raminho de hortelã:/ Ai, divino Espírito Santo/ Ora meu raminho de hortelã./ Oh! Viva o juiz e o alferes/ Oh! Vivam quantos aqui estão./ Vivó!// [...] (1996, p. 247).

A festa pode prolongar-se até o amanhecer, sempre regada a muito vinho; o que sobra é derramado no adro, para mostrar a fartura da festa.

Existem registros e descrições da festa, mais concisos, sobre outros lugares, mas percebe-se uma retomada de aspectos de outras festas aqui descritas, sem particularidades maiores. É o caso de Alpedrinha, de Sintra, de Mação – onde a festa começava na Quarta-Feira de Ascensão, com os primeiros preparativos para ao pão a ser consumido e distribuído no *bodo*, feitos por jovens solteiras, depois assessoradas por rapazes quando se dava a distribuição aos pobres. Estes rapazes executavam uma dança à porta dos *mordomos*, “com pífaro e tambor [...] comandada por um folião que exibia um ceptro revestido, de fitas, flores e

guizos” (SOARES, 1982, p. 278). Não há, no entanto referência à coroação, o que também se verifica em outras localidades da Beira Baixa.

4.3 A festa nos Açores e na Madeira: *A cada canto seu Espírito Santo*

4.3.1 O ritual da festa na Ilha da Madeira

Na Ilha da Madeira, a festa remonta ao período do povoamento, no século XV, mas tem diminuída, gradativamente, a importância. Nas freguesias em que ainda ocorre, vem perdendo o caráter original. Mantêm-se cortejos e *visitas do Espírito Santo*, com a presença do *imperador* e dos *mordomos*, estes transportando as insígnias – *coroa*, *ceptro*, *pendão* e *bandeira* – e vestindo *opas* vermelhas, mas não há registro de ser feita, ainda, a *coroação*.

As prestações alimentares compreendem a oferta de vinho e doces aos *mordomos* e *cantadeiras* durante as *visitas*, que têm como objetivo a recolha de alimentos. No domingo de Pentecostes, ponto alto da festa, os alimentos recolhidos são distribuídos entre doze pobres selecionados, a quem podia ser oferecido também um almoço, pelo *Imperador*. Por último são distribuídas, àqueles que contribuíram para a festa, *pães-bentos*, cerimonialmente repartidos pelos elementos da família, que comiam uma parte e guardavam cuidadosamente outra, já que a estes pães eram atribuídos poderes miraculosos. (LEAL, 1994, p. 296).

São características originais a presença das *saloias* (Fig. 10), crianças vestidas com antigos trajes típicos de festa, rebordados, e portando múltiplos cordões de ouro, brincos, pulseiras e anéis.

Figura 10 – Saloias



Fonte: FERNANDES; FERNANDES, 2006, p. 547

São também da Madeira as *cantadeiras*, que entoam cantigas de saudação e agradecimento durante as *visitas*.

Os acompanhamentos musicais são feitos por instrumentos típicos: *machete*, “instrumento de origem portuguesa, maior que o cavaquinho e menor que a viola, com quatro ou cinco cordas duplas e dedilháveis, afinadas em quintas” (HOUAISS, 2007), rabeca, viola e *rajão*, um outro tipo de cavaquinho.

4.3.2. O ritual da festa nos Açores

A festa nos Açores está presente em todas as ilhas, com fortes marcas comuns e particularidades que podem ser específicas de uma das ilhas ou de apenas uma das freguesias dessa ilha.

A implantação da festa data do início do povoamento, mas há registros que particularizam e explicam os primórdios da festa e as designações ou manifestações variadas que podem assumir. É o caso do Império dos Nobres, antiga festa realizada a expensas das casas nobres e ricas ou do Império de S. João, realizado no dia do santo, apenas para as crianças, ambos na Ilha de Santa Maria, onde se realizam anualmente cerca de trinta *Impérios*.

O *Império*, nos Açores, pode ter múltiplos significados, entre eles a designação da própria festa, de cunho religioso, mas que associa cerimônias litúrgicas a cerimônias populares. Mas pode receber outras denominações como *Festa da Pombinha*, em São Miguel, em razão de milagre ocorrido no século XVII, quando uma pomba apareceu e assistiu a todas as cerimônias, realizadas para agradecer o fim de grave epidemia.

Na Terceira, em 1643, foi construída uma ermida do Espírito Santo, o que atesta a devoção já existente, e que se fortaleceu com os cataclismos que a têm assolado. Em 1886 foram registrados trinta e quatro *Impérios*.

Na Graciosa, a presença de velhos e rústicos *alpendres* de pedra, denominados *Impérios*, atesta a antiguidade da devoção ao Espírito Santo.

Em São Jorge, os primeiros registros sobre o culto datam de 15 de abril de 1523, quando foi formalmente criada uma *irmandade*, mas reunida em casa já existente, dita Casa do Espírito Santo.

No Pico, a festa data do século XV, mas os primeiros registros associam a festa a pagamento de promessas relativas à peste que grassou em 1523, à erupção vulcânica de 1572 e que se intensificaram com os terremotos de 1718, que foram seguidos de violenta erupção vulcânica.

No Faial, acredita-se que a festa tenha a mesma antiguidade, ainda mais porque em 1523 a ilha foi atingida pela peste, mas no período seguinte parece ter caído em

decadência, razão pela qual atribuiu-se valor de punição à erupção vulcânica de 1672, quando foi criado o *Império dos Nobres*, na Horta, para retomada da festa. Realizada em *ramada* ou *arramada* armada a cada ano, só em 1700 foi construído o *império* ou *teatro* de pedra.

Uma curiosidade da festa no Faial é ter sido também realizada pelas freiras, nos conventos, com *coroação*, *impanatriz* e *serviço* de doces, oferecido pelas grades, ao som de cravo e guitarra.

Nas Flores há poucos estudos e registos históricos sobre a festa, mas sabe-se da existência de uma antiga capela dedicada ao Espírito Santo. As festas são feitas a expensas das irmandades.

A festa nos Açores manteve hábitos e tradições perdidas em Portugal Continental. Mas adaptou-se também às novas circunstâncias, principalmente no que diz respeito ao período de realização e à duração dos preparativos. Estas mudanças estão diretamente relacionadas à forte emigração ocorrida nas ilhas nos últimos anos, principalmente em direção aos Estados Unidos e ao Canadá. Para contar com a presença desses emigrantes, principais financiadores, foi-se ampliando o período da festa, que tradicionalmente ocorria em três dias – o domingo do Espírito Santo, o sétimo após a Páscoa; a segunda-feira seguinte, a Oitava e o domingo seguinte, o da Trindade. Atualmente as festas ocorrem com frequência nos meses de veraneio. Também foi alterado e reduzido o período de preparação, pelas mesmas razões.

A festa é realizada, como em outras localidades, para pagamento de uma promessa e sua figura essencial é o *Imperador*, detentor das insígnias que o identificam – *coroa*, *ceptro* e *salva* – e responsável pelo provimento das prestações alimentares, refeições rituais, seja como financiador seja como distribuidor de bens recebidos.

A festa em Santa Bárbara, da ilha de Santa Maria, descrita por Leal (1994) está constituída por ritos religiosos e por oferta de refeições e prestações alimentares e estende-se, em geral, pelas oito semanas que vão do domingo de Páscoa ao domingo da Trindade, tendo como pontos culminantes os dois últimos domingos, o de Pentecostes, uma semana antes, e o da Trindade, além da segunda-feira de Pentecostes. As manifestações religiosas que precedem os grandes dias realizam-se, geralmente, na casa do Imperador, em divisão da casa preparada para esse fim, com um altar decorado com flores e velas onde ficam expostas as insígnias – o *quarto do Espírito Santo*.

Nesse espaço são realizadas as *alumiações*, que consistem em cantares das *folias* em honra do Espírito Santo e onde se rezam terços.

O ponto mais importante da festa é a coroação, no *dia de Império*, ato solene que ocorre na igreja, durante a missa dita da *coroação*.

Há também um número grande de cortejos, que marcam os momentos essenciais da festa: a instalação da *coroa* na casa do *Imperador*, a transferência para a igreja no dia principal, entre outros. A organização desses cortejos é semelhante à das procissões e obedece a um ritual e a uma disposição fixa de seus participantes.

O segundo ponto, de importância equivalente, é a oferta das diversas doações de alimentos, dos quais se destacam as *sopas do Espírito Santo*. Para as ofertas, a tradição antiga previa a realização de peditórios, para o trigo, em um *condesso* forrado de chita, e para o milho, na época das colheitas, e depois para o vinho na época das vindimas. Todo o processo seguia um ritual próprio, em que os participantes da festa iam de porta em porta, com o ceptro ou a pomba. A escolha dos cereais e o transporte aos moinhos era mais uma oportunidade de festejos. Atualmente as doações são essencialmente em dinheiro e, por essa razão, encurtou-se o período de preparação da festa.

As primeiras doações são feitas aos ajudantes e consistem em distribuição de *escaldadas* de porta em porta, na véspera da instalação da coroa na casa do Imperador, e na *Ceia dos ajudantes*, no dia. Na madrugada desse mesmo dia podem ser oferecidas *sopas*, em *caboucas*, um recipiente de barro, aos ajudantes, aos vizinhos e aos doentes e idosos, que não podem deslocar-se. Durante as *alumiações* são oferecidos *biscoitos de orelha*, aguardente e vinho. No fim da festa faz-se a retribuição das ofertas recebidas, as *irmandades*, compreendendo pão e carne, eventualmente vinho, e que se destina a todas as casas que fizeram doações, aos ajudantes, ao padre e ao sacristão, e ainda de um número determinado de *esmolos* aos pobres da localidade.

Outras formas de doações podem ocorrer ainda, dependendo da localidade, assim como podem, mais raramente, deixar de ocorrer, nos denominados *Impérios secos*.

O *imperador* conta com grande número de *ajudantes*, com obrigações específicas e cargos com denominação correspondente.

Em Santa Bárbara, Ilha de Santa Maria, um primeiro grupo ocupa-se das questões culinárias e é composto por dois cozinheiros, uma *mestra*, um *escarrilhador* e um *aqueiro*, grupo este reforçado pelos familiares desses integrantes.

Um segundo grupo atua na esfera cerimonial e é composto pelo *trinchante*, o *mestre-sala* ou *mestre-sá* e dois *vereadores* ou *briadores*. Todos são identificáveis pelas insígnias que portam – um lenço amarrado no pescoço, um *fruteiro* enrolado no braço, uma vara de 2 metros. Os dois primeiros usam ainda uma toalha branca sobre os ombros. Estes componentes acompanham o imperador em todo o cerimonial e são responsáveis pela distribuição de alguns alimentos. O número de ajudantes é grande e compreende *ajudantes do*

trinchante, de copeira, de portais, de porta-da-igreja, de porta da copeira, copeiro do vinho e foguista, todos comandados pelo *copeiro*.

Um terceiro grupo é a corte imperial constituída pelo próprio imperador, a imperatriz ou *impenatriz*, os *pás da mesa* (possivelmente uma derivação de pagens) e o *ajudante do imperador*. Estes componentes são em geral de uma mesma família e sua função é ritualmente pouco importante.

Por último a *folia*, composta pelo mestre, que toca tambor, e mais dois foliões, um que leva o estandarte e outro que toca testos. A *folia* comanda as principais sequências rituais dos *Impérios*, com cânticos conhecidos como *alvoradas*, que podem ter uma conotação religiosa mais ou menos forte e, mais raramente, canções de cunho lúdico, os *falsetes*. Passa-se assim da predominância de cantos litúrgicos – o *Bendito e Louvado* e o *Glória* –, em Portugal Continental, para os cantos populares – as *alvoradas* e *falsetes*. Veremos depois que no Maranhão coexistem os dois tipos de cânticos, com denominações múltiplas, de acordo com o momento e as condições de uso.

Leal registra um aspecto interessante da festa em Santa Bárbara, hoje perdido, e que anuncia a prática das caixeiros, no Maranhão:

Essa preparação [das diversas variedades de pães e biscoitos] envolve sobretudo duas operações distintas: o peneirar da farinha – única operação que resta de um conjunto, *nalgum tempo* diversificado de operações, envolvendo a passagem do grão à farinha – e a cozedura propriamente dita. Era sobretudo nestas ocasiões que *nalgum tempo* se exprimia um *aspecto* hoje quase esquecido dos *Impérios*: o seu “cancioneiro” feminino.

Este “cancioneiro” feminino compreende sobretudo canções de trabalho e canções de recorte fundamentalmente religioso. Tal como no caso das canções entoadas pela *folia*, algumas delas assinalam cerimonialmente o início de uma determinada tarefa.

Embora de acento sobretudo vocal, era frequente estas canções fazerem-se acompanhar pelo rufar do tambor da *folia* tocado por uma mulher.

Era esse o caso das canções entoadas no decorrer das entrevistas mais ou menos cerimoniais que as mulheres se faziam umas às outras quando o pão era cozido em várias casas (1984, p.17).

Na Graciosa, o *Império* tem os seguintes componentes: *imperador* e *imperatriz*, *trinchante* ou *presidente*, *foliões*, *briadores* (bereadores, vereadores), *menino da mesa*, *copeiro*, cozinheiro e cozinheiras, serventes e *aguadeiro* (FERNANDES; FERNANDES, 2006, p. 287). Em São Miguel há o *depositário*, o *alferes*, o *vedor* ou *vaidor*, *foliões* e *criadores* (FERNANDES; FERNANDES, 2006, p. 302). Em São Jorge, *mordomos*, *condestável*, *andadores*, *passeadores*, *cavaleiros*, *folia*, *cabeça de peloiro*, *alferes da bandeira*, *portador da coroa*, *Sr. Juiz Conservador*, este último responsável pela distribuição das *vésperas*, outra forma de doação de alimentos (FERNANDES; FERNANDES, 2006, p.

311). No Pico o responsável por fazer a festa é o *mordomo*, mas quem a dirige é o *Cabeça do Peloiro*.

Para Leal (1994), há cinco grandes variantes da festa, no arquipélago, caracterizadas por diferenças na estruturação genérica do ritual, na vertente alimentar, nas cerimônias religiosas, na composição das *folias* e na arquitetura religiosa: a variante de Santa Maria, a de São Miguel, a das ilhas do Grupo Central – Terceira, Graciosa, São Jorge e Pico –, a do Faial e a do Grupo constituído pelas ilhas das Flores e do Corvo.

Quanto à folia, a composição é a seguinte, em cada uma das cinco variantes: Em Santa Maria há um *Mestre* – que toca tambor e dirige a *folia*, um *folião* que transporta o *estandarte* e outro que toca os *testos*: em São Miguel predomina um tocador de tambor, um de pandeiro (ou outro tambor) e um porta-bandeira, mas na parte oriental da ilha pode haver pandeiro, rabeca, viola e ferrinhos; no Grupo Central – Terceira, Graciosa, São Jorge e Pico um tocador de tambor, um de pandeiro (ou outro tambor) e um porta-bandeira, mas em São Jorge pode ser só um cantador e um tambor e no Pico há dois tambores; no Faial também um tocador de tambor, um de pandeiro (ou outro tambor) e um porta-bandeira e no Grupo Flores e Corvo, um tocador de tambor, um de *testos*, dois cantadores, um dos quais é porta-bandeira (o pandeiro caiu em desuso); nas Flores um dos pratos dos *testos* é menor.

A arquitetura religiosa compreende dois espaços principais, o primeiro dos quais é aquele onde ficam expostas as insígnias no dia da festa. A destinação desse espaço é a mesma em todo o arquipélago, mas as designações podem mudar. Em Santa Maria e São Miguel é *teatro*, no grupo central de ilhas *império*, mas no Pico é *capela*, construída geralmente junto a um largo arborizado que chamam de *ramada*, e nas Flores e no Corvo é *Casa do Espírito Santo*. Esta construção pode ser retangular ou quadrada, à maneira de pequena capela ou semelhar-se a um alpendre. Pode ter escadaria fixa ou removível e ter um ou mais anexos, que variam de designação. Em Santa Maria há uma *copeira*, denominada *Casa do Espírito Santo* em São Jorge, onde também é conhecida por *copeira*, *teatro* ou *cadafalso* (FERNANDES; FERNANDES, 2006, p. 315), mas com as mesmas funções, no Faial há uma *copeira* e uma cozinha.

Na Terceira a festa compreende o que se designa como *Funções* e *bodos*. As *Funções* designam as diversas obrigações rituais dos festejos: *terços*, *coroação*, cortejos – da *coroação* e das mudanças das insígnias entre as casas dos imperadores, antigamente acompanhados pelas *folias* e hoje preferencialmente pelas filarmônicas – e prestações alimentares, das quais a principal é o *Jantar do Espírito Santo*, constituído por *sopas do Espírito Santo*, *cozido*, *alcatra* e diversas variedades de pão e compreende ainda as *esmolas*

de mesa, ofertas de sopas de carne cozida e pão às casas mais pobres do lugar e a distribuição do *pão dos inocentes* a crianças.

Os *Bodos* (Fig. 11) são distribuições de alimentos – em geral pães variados e vinho que podem ser acompanhadas por outras manifestações populares como arraiais, bailes, arrematações ou leilões, apresentações de filarmônicas .

Figura 11 – Bodo



Fonte: Acervo da autora

Este modelo, característico da Terceira, repete-se em quase todas as ilhas, mas as designações podem também variar. Assim, em São Jorge são conhecidas como *Jantares* e *Festas*, respectivamente; no Pico por *Coroação* e *Império*, na Graciosa por *Coroação* e *Bodo*, e nas Flores e no Corvo *Domingas* ou *Semanas* e *Impérios*.

No Faial, no entanto, as festas concentram-se no domingo do Espírito Santo, e na 2ª e 3ª feiras seguintes, podendo continuar até o domingo da Trindade e consistem na *Coroação* e no *Jantar*, embora possam ser oferecidas *esmolas* de *massa sovada* para as crianças.

Em São Miguel, os festejos anteriores ao dia principal são designados por *Domingas* e os do dia *Impérios*. As *Domingas* são constituídas por refeições, a principal delas conhecida como *Ceia dos Criadores*, e a eles destinada principalmente, associada a arraiais e arrematações e a ofertas de alimentos, designadas por *pensões* e compreendendo carne crua, pães e vinho.

Nas Flores e no Corvo o modelo assemelha-se ao de São Miguel. As *Domingas* ou *Semanas* consistem em *alvoradas* e deslocamentos da *coroa* entre a igreja e as casas do *Imperador* ou do *Espírito Santo*. O que diferencia mais fortemente a cerimônia daquelas realizadas nas outras ilhas é a ausência de *coroação*. As *Domingas* podem ter ainda prestações

alimentares, por promessa, consistindo em *Jantares cozidos* – Sopas do Espírito Santo, massa sovada e vinho, em geral restrita a convidados, mas podendo ser ampliadas para a freguesia ou para pessoas de fora e os *Jantares crus*, carne crua e pão para alguns moradores selecionados.

Nos *Impérios*, a estrutura é semelhante à das *Domingas* com *Alvoradas* e *Cortejos*, mas um aspecto original da festa é a participação de meninas vestidas de branco para o transporte das coroas no cortejo até à Igreja, algumas das quais serão escolhidas *Rainhas da Festa*. Além disso, é feita também uma oferta de carne crua aos membros da irmandade; esta oferta recebe designações diversas segundo a freguesia: *Enfiadas*, *Oitavas*, *Mordomos*, entre outros.

No Pico, há distribuição de bolos grandes de trigo, com enfeites em relevo, as *Vésperas*, que são conduzidos à *Ramada* em *Açafates* transportados por jovens vestidas de branco, como em Tomar. As *Vésperas* eram responsabilidade dos membros da irmandade. Na freguesia da Piedade os irmãos do Espírito Santo ofereciam uma *Conta de rosquilhas*, compreendendo 50 *Rosquilhas*, mas os números eram variáveis em cada freguesia, podendo ir de 30 a 65.

As *Insígnias* também podem variar, incluindo eventualmente um *Espadim*, mas são os *Altares* que mais se distinguem, pela

utilização profusa de todo o tipo de elementos decorativos – flores naturais e artificiais, rendas e toalhas, decorações natalícias, “bibelots” de todo o gênero [...] dispositivos de iluminação e, por vezes, há mesmo casas que instalam mecanismos que permitem que o *altar* rode sobre si próprio (LEAL, 1994, p. 184).

No que diz respeito ao promotor das festividades, a designação mais comum é a de *Imperador*, mas pode ser também *Mordomo*, em São Jorge e no Pico, *Mordomo*, *Irmão da coroa* ou *Imperador*, em São Miguel e *Cabeças da irmandade*, nas freguesias do sul, nas Flores. Os critérios de seleção, em geral por sorteio, podem incluir toda a comunidade ou um grupo específico, uma *Irmandade*, como em São Jorge, no Pico e em São Miguel. Os *Mordomos*, em graus diferenciados de importância e de funções exercidas, são uma constante, mas há diferenças entre as ilhas quanto ao número e designações, com casos raros de participantes diferenciados, como os *Cavaleiros*, em São Jorge; o *Condestável* ou *Pagem do estoque* e o *Pagem do coxim*, encarregados, respectivamente, de transportar o *Espadim* e a *Almofada* para o imperador ajoelhar, ou os *Senhores das varas*, que formavam o *Quadrado De Varas* no cortejo, em São Miguel; nas Flores, a festa é comandada por dois membros da *Irmandade*, os *Cabeças*, um dos quais será designado por *Mordomo* e o outro por *Tesoureiro*;

há um *Imperador* para cada semana e as mudanças são feitas em *Cortejos*, com a participação do *Rei da Coroa* e do *Alferes da Bandeira*, que transportam essas respectivas insígnias, e da *Folia*, constituída por quatro *Foliões*. O cortejo ainda conta com a *Rainha da festa* e suas *Damas de honor*.

Os tipos de alimentos distribuídos nos *Bodos* também são diversificados:

Graciosa – uma ou duas distribuições de *Rosquilhas* e vinho, financiadas por um conjunto de *Irmãos* que oferecem dinheiro e organizadas por uma comissão encarregada de preparar as *Rosquilhas* e comprar o vinho;

São Jorge – duas ou três distribuições de *Bolos* ou *Vésperas* e vinho, podendo incluir ainda tremoços e fatias de queijo, ou um *Bodo de leite*. As casas da freguesia contribuem com gêneros ou um número definido de bolos.

Pico – duas ou três distribuições de *Bolos* ou *Rosquilhas*, denominadas de *argolas*, e vinho.

A ilha do Faial apresenta alguns aspectos diferentes do padrão comum às ilhas centrais, principalmente na existência de um *Imperador* para cada dia da festa, o que também ocorre nas Flores. A festa compreende a *Coroação* e o *Jantar*, com os cortejos rituais habituais.

Nas Flores, além do jantar oferecido pelo imperador, depois da coroação são distribuídas as carnes das reses abatidas, os *Arreliques*, aos irmãos que, nesse momento entregam a sua contribuição de pão e massa e oferecem vinho, aguardente e *Farelórios*, nome genérico para bolos, suspiros e *Massa sovada*..

As peculiaridades da festa não estão restritas aos espaços individuais das ilhas, mas podem ocorrer dentro de uma mesma ilha, de freguesia para freguesia. Leal (1994) registra algumas variantes da festa, na freguesia de Santo Antão, na Ilha de São Jorge, e na freguesia da Piedade, na Ilha do Pico. Em Santo Antão, a Festa compreende dois tipos de festejos, os *Jantares* e os *Gastos*, equivalentes às funções, e as *Festas*. Os *Jantares* são realizados durante oito semanas e designados pela ordem em que ocorrem: *primeiro Jantar*, *segundo Jantar* etc. Os *Gastos* ocorrem nos domingos do Espírito Santo e da Trindade, juntamente com as Festas, *velha* e *nova* respectivamente. As coroações e ofertas de refeições e alimentos são múltiplos e estendem-se pelas oito semanas da festa. São oferecidos *jantares*, *esmolos*, distribuição de *pão de cabeça*, almoço, distribuição porta-a-porta de *sopas do Espírito Santo*, de presentes em *massa sovada*, ofertas de carne crua para as *amassadeiras*, de brindes de *massa sovada* e vinho à filarmônica, de prato de doces, o chamado *serviço da*

coroa – espécies, rosquilhas brancas, esquecidos, caramelos, suspiros e pão leve – aos membros da irmandade, bolos, bolos mancebos e coscorões e bodo de leite nos Gastos.

Na freguesia da Piedade, no Pico, há dois tipos de festejos, as *Coroações*, ou *Gastos de Coroa* ou *Jantares* e os *Impérios*. Estes últimos têm como ponto central a distribuição de alimentos, realizada por irmandades distribuídas em *pontos*, de acordo com os dias de realização da festa.

Como se pode avaliar, é a associação da diversidade à unidade que caracteriza a festa nas nove ilhas do arquipélago dos Açores, festa que é marca de açorianidade e orgulho de seu povo.

4.4 Dos Açores para o Novo Mundo – o ritual das festas no Brasil

No Brasil, as primeiras notícias sobre a Festa do Divino localizam-na na Bahia, onde desde a fundação da cidade de Salvador era realizada uma procissão em louvor ao Divino Espírito Santo, realizada pela Igreja de Santo Antônio Além do Carmo.

São nacionalmente conhecidas as festas em Santa Catarina, cujo povoamento teve forte contribuição açoriana. No século XVIII, entre 1748 e 1756, cerca de seis mil açorianos, procedentes de todas as ilhas, fixaram-se, lutando contra grandes dificuldades, no litoral catarinense, e trouxeram com eles a tradição da festa, ainda hoje manifestação cultural importante e com forte ligação com o modelo açoriano.

Em Pirenópolis, Goiás, a festa religiosa – novenas, procissões, missas – e a festa profana têm igual importância, com as Revistas de Pastorinhas e as Cavalladas, com mascarados a cavalo que fazem a representação de combates e disputas entre doze cavaleiros cristãos e doze cavaleiros mouros, e que representam um atrativo, pela sua originalidade. Vale lembrar que em Eiras, perto de Coimbra, a festa compreendia também cortejos a cavalo e lutas e jogos entre os participantes.

Os encargos da festa são atribuídos por sorteio aos participantes, com denominações em geral reveladoras de suas funções e do tipo de contribuição prestada: Imperador do Divino, Foliões, nove Mordomos da novena, Mordomo das Velas, Mordomo da Bandeira, Mordomo do Mastro, Mordomo da Fogueira.

São também conhecidas e estão estudadas outras festas, que associam o culto, comum a todas, ao Divino Espírito Santo e acrescentam peculiaridades locais, na música, na dança, na culinária, como o prato típico da festa em Mogi das Cruzes, o *afogado*, cozido de carne e legumes preparado exclusivamente por homens; as Congadas e Moçambiques em São

Luís do Paraitinga, ambas em São Paulo; a Folia do Divino como bando precatório em Paraty, no Rio de Janeiro; ou as danças da *catira* e da *curraleira*, que consistem em palmas e sapateados acompanhados por viola, em Formosa, Goiás, onde a festa é coordenada pelo Imperador ou Imperatriz e pelo Folião. Outra associação curiosa da tradição açoriana à cultura local foi registrada em Carinhanha, na Bahia. É a dança dos Caboclos, um bailado de rua realizado por um grupo constituído apenas por homens, vestidos com elementos que relembram costumes indígenas e portando arco e flecha. Este grupo acompanha o cortejo do Imperador do Divino, no domingo de Pentecostes (FERNANDES: FERNANDES, 12006, p. 449).

4.4.1 As festas no Maranhão: São Luís e Alcântara

As Festas nos Açores e no Maranhão mantêm muitos pontos em comum, no que diz respeito principalmente à essência da festa, realizada como pagamento de promessas e concretizada por atos de doação. Esta doação não se restringe aos bens materiais, que por si só são de grande vulto, como alimentos, material de decoração, mas também da doação de si mesmo, na forma de dedicação de tempo e esforço para garantir que a beleza e a importância de cada festa suplantem as anteriores. Além disso, particularmente nos Açores e em Alcântara, lugares que se ressentem da forte tendência migratória, a Festa é um momento de afirmação de identidade com a terra natal, momento de reencontro com parentes e ancestrais, de rememorar histórias vividas em outras festas, de reatar laços e se sentir parte de um todo.

A importância da Festa, nos Açores como no Maranhão, é patente pelo atrativo turístico que representa e, conseqüentemente, pela importância socioeconômica de que se reveste para as comunidades que a organizam, uma vez que implica na oferta de alimentos, mas provoca grande movimentação de público que consome outros bens, além daqueles oferecidos. Tem ainda grande importância para as comunidades que a realizam, sejam estas entendidas como comunidades que ocupam um mesmo espaço geográfico ou como as que mantêm interesses comuns, como é o caso dos terreiros de mina em São Luís. Esta importância revela-se, também, pela frequência com que a Festa tem sido objeto de estudos etnográficos, antropológicos e sociológicos que resultaram em teses, dissertações e monografias, fontes de pesquisa que possibilitam comparar os termos da festa em momentos e locais diferentes. No entanto, insisto em lembrar que são estudos que apresentam perspectivas, fundamentações e objetivos diferentes, sem preocupação com os aspectos linguísticos.

A festa do Divino Espírito Santo é parte de um conjunto de rituais do catolicismo popular, cuja importância, em termos de participação da comunidade, no Maranhão (Fig. 12), só pode ser comparada à da Festa de São João e ao Carnaval. Realizada em todo o estado com maior ou menor importância, em São Luís e, principalmente, em Alcântara, a festa toma proporções que a destacam das outras comemorações de cunho religioso e popular.

Figura 12 – Mapa do Maranhão



Fonte: <http://www.guianet.com.br/ma/mapama.htm>

Em 2008, Carvalho afirmava que o Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho, órgão da Superintendência de Cultura Popular da Secretaria de Estado da Cultura já tinha

[...] cadastradas 150 festas do Divino do Maranhão, sendo 66 da capital e 84 do interior do Estado, num total de 23 municípios: São Luís, Alcântara, Anajatuba, Bacantuba, Bequimão, Cajari, Caxias, Cedral, Codó, Humberto de Campos, Icatu, Itapecuru-Mirim, Matinha, Marinzal, Paço do Lumiar, Palmeirândia, Penalva, Pinheiro, São Bento, Santa Helena, São José de Ribamar, Rosário e Viana (2008, p. 6).

Embora em outros lugares do Brasil seja festa de brancos ou festa de quem tem posses, no Maranhão é festa de negros, como afirma e explica Vieira Filho:

A festa do Divino Espírito Santo tem ainda, como antigamente, uma alta significação na vida dos pretos de São Luís e Alcântara [...]. Os devotos do Divino contam-se às centenas e, em sua maioria, descendem dos velhos africanos que vieram para o Brasil nas rotas sinistras do tráfico. Velhas de carapinha de algodão e

rosto pregueado, cafusas esbeltas, esplêndidas vênus hotentotes, negras robustas da robustez dos Minas, mulatas sagicas e lestras, crioulos possantes, vária e profusa multidão que conserva carinhosamente a tradição do Divino (1954, p. 3).

Também as caixeiras reafirmam essa condição particular do Divino maranhense: *“A coroa do Divino/ Não é de ouro nem de prata/ Quem festeja Espírito Santo/ Não é branco, é mulato”*.

Em Alcântara, a festa mobiliza toda a comunidade e transforma o aspecto da cidade, que é decorada para o evento e recebe um fluxo intenso de visitantes, tanto turistas quanto devotos. A comunidade recebe apoio financeiro significativo do governo, por meio da Secretaria de Cultura, o que garante o custeio da festa. Há residências em Alcântara, cujos proprietários residem em outras localidades e que só são utilizadas durante esse período – o que antecede de poucos dias a festa e os dias da festa – pelos proprietários ou cedidas a amigos. A festa exige grande dedicação, de tempo e de recursos financeiros, além de habilidades específicas para os elementos decorativos, em geral cortinas e lanternas de papel de seda e lembrancinhas temáticas em papel, tecido, rendas e brilhos, e para os alimentos típicos, principalmente o doce de espécie e os licores e chocolate quente. Há uma disputa velada para que o doce de cada grupo familiar ou ligado a um dos mordomos ou ao imperador/ à imperatriz seja o melhor de todos, o mais saboroso e o mais farto.

Em São Luís e nos municípios vizinhos, a festa está associada aos terreiros de tambor-de-mina, como esclarece Ferretti:

Quase todos os terreiros de mina organizam, uma vez por ano, uma festa do Divino em homenagem à entidade mais significativa para a comunidade religiosa[...] Algumas poucas pessoas também organizam a festa em suas casas, em geral pessoas relacionadas com o tambor-de-mina e que, por algum motivo, fazem a festa fora do local de culto, mas sempre em homenagem a entidades cultuadas nos terreiros (2005, p. 9).

O pedido de graças e consequente pagamento de promessas, evidenciado nos cânticos das caixeiras, corresponde ao afirmado por Mauss (1981):

[...] neste sistema não somente jurídico e político, mas também econômico e religioso, os clãs, as famílias e os indivíduos ligam-se por meio de prestações e de contraprestações perpétuas e de todos os tipos, comumente empenhados sob forma de dons e serviços, religiosos ou outros; [...] Essas trocas e esses dons de coisas que ligam as pessoas se efetuam a partir de um fundo comum de ideias: a coisa recebida como dom, a coisa recebida em geral compromete, liga mágica, religiosa, moral e juridicamente o doador e o donatário.

Em São Luís, como se disse, a festa é realizada principalmente pelos terreiros de Mina da cidade, também como forma de pagamento de promessas ou como uma festa de obrigação, em atendimento a determinação ou pedido de um *vodum*. Como afirma Ferretti:

Constitui-se em momento de lazer religioso, de divertimento, de devoção e ritual de pagamento de promessas. Através dele o povo da mina se orgulha e demonstra sua capacidade de organizar uma festa rica e bonita. [...] Representa uma esperança de prosperidade, de fartura, de abundância de alimentos. Afirma a alegria, o agradecimento e a solidariedade comunitária. Expressa capacidade de organização, de liderança, de criatividade em torno de aspirações populares. (1995, p. 187).

A influência africana no ritual da festa – tanto em São Luís como em Alcântara - é facilmente perceptível, e está de acordo com a predominância da população africana no Estado. É marcante a presença do ritmo dos toques das caixas, instrumentos de percussão que, acompanhando os cânticos entoados pelas caixeiras, conduzem o ritual. Segundo Gouveia “na maioria dessas casas ela [a festa do Divino] é considerada a maior e mais importante do calendário e dura de 10 a 15 dias” (1997, p. 40).

A Festa do Divino chegou ao Maranhão, provavelmente, trazida por emigrantes açorianos. A imigração em grupos numerosos teve início no decorrer do século XVII, quando um grupo de duzentos “casais” – que devem ser entendidos como famílias – veio para o Maranhão, em decorrência de fatores como dificuldades de sobrevivência em seus lugares de origem e da necessidade de incremento das atividades agrícolas no estado brasileiro. O historiador e pesquisador Carlos de Lima comenta:

É lícito supor que o culto ao Divino Espírito Santo tenha sido trazido ao Maranhão pelos primeiros açorianos que aqui chegaram, em duas levadas: a primeira em 1620, trazida por Manuel Correa de Melo, por conta de Jorge de Lemos Bittencourt, e a segunda por Antônio Ferreira Bittencourt, no ano seguinte, partes da imigração de 200 casais que vieram construir dois engenhos de açúcar, plano do provedor-mor do Brasil Antônio Muniz Barreiros. (LIMA, 2008).

A presença da Festa em outros lugares do Brasil também está relacionada à vinda de grupos de açorianos, como é o caso no estado de Santa Catarina. No Maranhão, outras levadas de açorianos continuaram a chegar até o séc. XIX.

4.4.2 O ritual da festa do Divino Espírito Santo no Maranhão

A festa do Divino Espírito Santo mantém como já afirmei, muitos pontos de convergência entre o modelo dos Açores e os do Maranhão. Como nos Açores, há uma

vertente sagrada, cujo ponto mais importante é a coroação solene, pelo padre, na igreja, e uma vertente profana, representada pelos almoços e jantares e pelas danças, no final da festa.

Também como nos Açores, as etapas da festa do Divino, no Maranhão, seguem um ritual minucioso e preciso, com ordem determinada, que não pode ser alterada, pois haverá consequências graves e punições aos infratores, impostas pelo próprio Divino. A quebra dos protocolos pode indicar morte próxima, problemas graves de doenças e/ou financeiros.

As alterações, quando ocorrem, devem-se em geral às dificuldades financeiras cada vez maiores e às restrições impostas pela idade avançada da maioria das caixeiras, responsáveis pela condução do ritual.

Também a duração da festa vem sendo reduzida, pelas mesmas razões. No passado, a abertura da tribuna, que marca o início oficial da festa, acontecia no Domingo da Ressurreição ou de Páscoa; atualmente, algumas festas têm início apenas quinze dias antes da missa dos Impérios. As datas de realização da festa, assim, podem variar, mas geralmente esta ocorre no Domingo de Pentecostes. Há rituais que se repetem em todas as festas e que são considerados indispensáveis como a Abertura e o Fechamento da Tribuna, ou o Buscamento, o Levantamento e a Derrubada do mastro, os Cortejos e a Coroação, a oferta de refeições cerimoniais. Outros mantêm-se apenas em algumas festas, como o Roubo do Império e o Carimbó das caixeiras. Outros ainda acontecem eventualmente e já são dados como desaparecidos, como é o caso da Prisão que pôde ser ainda observada em Alcântara no ano de 2008, mas já havia sido dada como extinta por Pacheco, Gouveia e Abreu (2005, p. 40).

Carvalho (2008, p. 7) divide as etapas essenciais em três grandes grupos: as etapas preparatórias, que compreendem as reuniões e encontros preparatórios, a *Abertura da Tribuna* e a *Busca do Mastro*; as etapas da festa propriamente dita, que são o *Levantamento do Mastro*, a *Visita dos Impérios* e a *Missa Solene e Cerimônia dos Impérios* e as etapas de finalização, ou seja, a *Derrubada do Mastro*, o *Repasse das Posses* e o *Fechamento da Tribuna*.

Descreverei sucintamente a festa em Alcântara e em três importantes terreiros de São Luís: Casa das Minas, Casa Fanti-Ashanti e Terreiro da Fé em Deus, por serem aqueles mais fartamente documentados.

4.4.2.1 A festa em Alcântara

A festa do Divino em Alcântara distingue-se de outras realizadas no estado por não estar ligada a terreiros, uma vez que estes não existem na cidade. No entanto, o seu desenvolvimento difere pouco e é conduzida, como em São Luís, essencialmente pelas caixeiras, embora o sotaque ou batida das caixas seja diferente, um pouco mais lento.

A festa espalha-se pela cidade inteira. Como somente o Imperador tem casa assegurada – a Casa do Divino, sede do Império durante a realização dos festejos, adquirida para esse fim e para o registro e preservação da memória das tradições locais pela Empresa Maranhense de Turismo – MARATUR, em 1980 (Fig.13) – os outros festeiros usam suas próprias casas ou casas cedidas por amigos e parentes, para a festa.

Figura 13 – Casa do Divino em Alcântara



Fonte: Acervo do Projeto ALiMA

Segundo Lima (2008), no tempo da nobreza imperial alcantareense o grupo de festeiros chegava a treze pessoas, que disputavam para realizar a melhor festa. Ainda segundo Lima (1988), o Império é composto por 13 pessoas: Imperador (Fig. 14) ou Imperatriz, que se alternam a cada ano, um Mordomo-Régio ou Mordoma-Régia, cinco Mordomos-baixos e seis Mordomas-baixas, além de mestres-salas, caixeiras, bandeireiras, que formam a vassalagem. O mestre-sala-mor tem cargo vitalício, cabendo-lhe escolher seu sucessor. Atualmente este número tem sido reduzido, de acordo com o interesse dos participantes.

Figura 14 – Imperador



Fonte: Acervo do Projeto ALiMA

Um dos aspectos originais da festa em Alcântara é a alternância, a cada ano, entre Imperador e Imperatriz, escolhidos por sorteio, denominado de *pelouro*, realizado no encerramento da festa anterior e anunciado pelo pároco. Continuam sendo indispensáveis os Mordomos. Imperador/Imperatriz-festeiros e Mordomo-régio são representados por crianças, denominados Imperador/Imperatriz do Trono e Mordomo-Régio do Trono. Há cores previamente definidas, de acordo com a função – vermelho para o Imperador ou Imperatriz, verde para o Mordomo-Régio e azul, branco ou rosa para os outros.

Segundo Ferreira (1998, p. 44), a festa dura por volta de duas semanas, a partir da quarta-feira de Ascensão, com o cortejo e o levantamento do mastro, que é fincado em praça pública.

No dia seguinte há alvorada, com caixeiras e bandeireiros, ao lado do mastro. Em seguida o Império reúne-se na igreja, para a missa de Ascensão, quando ocorre a coroação solene, e depois, em cortejo, vão até a casa do Imperador onde são servidos doces e bebidas quentes. Ainda na igreja, solta-se uma pombinha branca “ para que todos visualizem nesse ícone vivo a presença do Espírito Santo” (SANTOS, 1980, p. 26). Neste mesmo dia acontecem as *prisões* dos Mordomos, junto ao mastro, da qual só serão liberados após o pagamento de uma prenda. A prisão, desta vez nas salas onde se encontrem os mordomos, por exemplo, pode ocorrer também para qualquer participante ou observador que quebre as regras de decoro, fumando, cruzando pernas ou braços ou usando trajes considerados impróprios. Uma fita vermelha no braço identifica o infrator, impedindo-o de sair do recinto sem pagar a multa.

No terceiro dia da festa ocorre o levantamento do mastro do Mordomo-Régio, nas proximidades de sua casa, seguido de música, bebidas e foguetes.

No quarto dia da festa, os Mordomos e seus séquitos visitam o Imperador e vários cortejos se cruzam na cidade, enquanto são rezadas as ladainhas. Durante o dia, mocinhas e crianças, acompanhadas pelas caixeiras, saem em “ciganagem” ou recolhimento de pequenas oferendas, verduras, temperos, bebidas.

No Domingo do meio, quinto dia da festa, há missa e visita do Imperador aos Mordomos. O Mordomo-Régio oferece danças, doces e bebidas. Nos quatro dias seguintes há ladainhas em todas as casas de festeiros.

No décimo dia os Mordomos visitam o Imperador e há a brincadeira da subida do boi, quando um boi que será sacrificado no dia seguinte, é solto e controlado apenas por cordas, para subir a ladeira do Jacaré, assustando os populares que o provocam e correm para fugir.

No sábado seguinte ocorre a distribuição de *esmolas* aos pobres da cidade, previamente relacionados por cada festeiro. Esta *esmola* consiste em porções de bens de primeira necessidade – carne, farinha, verdura, ovos, carvão etc. – em quantidades determinadas segundo a função na festa: 24 pelo/a Imperador/Imperatriz, 18 pelo/a Mordomo/a Régio/a e 12 por cada um dos Mordomos Baixos.

No décimo primeiro dia há novas visitas dos Mordomos ao Imperador, uma passeata para distribuição de esmolas aos pobres com a presença de todos os festeiros e, à noite, uma procissão que percorre a cidade até o amanhecer do dia. O hábito de transportar lanternas de papel celofane colorido, penduradas em arcos, nessa procissão, é um fator a mais de beleza e criatividade.

No décimo segundo dia há missa, ao término da qual é lida pelo pároco a relação dos festeiros sorteados para o ano seguinte, recepção oferecida pelo Imperador/Imperatriz e ladainhas de encerramento.

No último dia são entregues os postos aos festeiros do ano seguinte e o Imperador vai de casa em casa para investi-los nas funções.

Algumas tradições antigas foram abandonadas, como a Folia do Divino, um grupo constituído por 3 caixeiras, 3 bandeireiras, 1 bandeireiro, 2 ajudantes de confiança para carregar as ofertas e o “Vicente”, assim designado qualquer que fosse o seu nome, para receber as ofertas em dinheiro. Esses grupos começavam a percorrer a região a partir do dia de São Bartolomeu, dia 24 de agosto. Praticavam o que se chamava “tirar jóia”, ou seja, iam de casa em casa solicitar ajuda que se concretizava em gêneros alimentícios ou em dinheiro.

Em cada casa entoavam cânticos para entrada e saída, davam a Santa Coroa a beijar à pessoa mais velha, que a punha sobre a cabeça das crianças invocando proteção e benção.

As dificuldades impostas pela idade das caixeiras e pela falta de segurança altearam esse e outros hábitos, mas a festa em Alcântara ainda é uma das mais importantes realizadas no Maranhão.

4.4.2.2 *A festa na Casa das Minas*

A Casa das Minas é muito antiga, não havendo registro preciso de quando começou a ser organizada. Os registros mais antigos da festa datam da década de 40 do século passado, mas Ferretti (1995, p. 169) acredita que ela venha sendo feita regularmente desde as duas ou três últimas décadas do século XIX. Embora organizada por adultos, são as crianças que compõem o Império e, para isso, ascendem de posição a cada ano, de anjo ou pajem a mordomos, mor e régio e, finalmente, a imperador/imperatriz.

A festa é realizada em razão da devoção de uma entidade diferente em cada terreiro – no caso da Casa das Minas de Nochê Sepazim, princesa real, e organizada, em geral, pelo pai ou mãe-de-santo. Em determinados momentos da festa – buscamento, levantamento, dia da festa e encerramento - alguns participantes podem entrar em transe e receber entidades, padrinhos da festa, encarregados de protegê-la, mas isso acontece com discrição e apenas os conhecedores sabem identificar, por uma toalha que é usada na cintura ou no busto, variando em cada casa. Na Casa das Minas, a cada ano um vodum assume essa função e sua filha deve dar uma colaboração especial (FERRETTI, 1995, p. 171). Apesar disso, a festa é eminentemente católica em seus rituais.

O Império, como em outros terreiros, é composto por três casais de crianças – Imperador/imperatriz, mordomos-régio e mor. Participam ainda os anjos Fé, Esperança e Caridade, bandeireiro e bandeireiras, e pode haver vassalos e aias ou damas, geralmente adolescentes, mas podem ser criados ainda outros cargos complementares, para agradar a todos os que desejam participar mais diretamente.

Além destes componentes há um grande número de ajudantes, costureiras, decoradores, cozinheiras, músicos, que podem ser de uma banda, mas não excluem as caixeiras, principais condutoras do ritual, em número variado, mas nunca inferior a três.

As caixeiras podem ou não usar roupas do mesmo tecido e costumam enfeitar o cabelo com flor-de-estrela, uma espécie de jasmim, grande e perfumado, que floresce na época da festa.

As despesas e encargos são de responsabilidade do organizador, pessoa do terreiro, e dos festeiros, pais das crianças. A festa é onerosa, compreende despesas com roupas, decoração, refeições e mesas com bolos e lembrancinhas temáticas, que serão oferecidas aos participantes. Além disso, nessa época faz-se, quando possível, limpeza, reparos e pintura da casa. A decoração da casa, que por vezes é mantida o ano inteiro na varanda de danças, é substituída para a festa do Divino. Os recursos para a festa são obtidos pela colaboração de várias pessoas, solicitada por meio de carta-convite, mas por vezes a casa conta também com apoio governamental, para reformas mais dispendiosas.

A festa do Divino compreende seis etapas rituais, segundo Ferretti (2009, p. 168): a Abertura da tribuna, o Buscamento e o Levantamento do mastro, o Dia da festa, a Derrubada do mastro e o Encerramento. O Levantamento do Mastro ocorre na quarta-feira, véspera de Ascensão e o dia principal é o Domingo de Pentecostes.

Cada uma destas etapas obedece a um ritual preciso. A Abertura da Tribuna é um ritual acompanhado por poucas pessoas, mas a partir do Buscamento do Mastro, ritual essencialmente masculino, acompanhado por bebidas alcoólicas e brincadeiras de conotação erótica, as etapas da festa são acompanhadas por muita gente. Entre o Buscamento e o Levantamento do mastro, por exemplo, acontece o cortejo para trazê-lo até o terreiro, acompanhado pelos cânticos das caixeiros e o ritmo das caixas. No quintal, onde fica apoiado em bancos, é reverenciado com danças e cânticos pelas caixeiros que se retiram depois e aguardam, sempre tocando e cantando, na sala. O mastro, depois de seco, é descascado e pintado em branco e vermelho ou branco e azul, tem algumas vezes o nome – Manuel da Vera Cruz, em maio, ou João da Vera Cruz, em junho – pintado e é colocado o mastaréu e um bolo de tapioca na ponta. Na véspera da Ascensão há alvorada, fogos e o batismo das caixas e do mastro, que começa com cortejo em torno do mastro, com o mastaréu, um fogareiro de incenso, garrafas de bebida, um copo de água e um ramo de folhas. As bebidas e a água são derramadas sobre o mastro. Os padrinhos seguram uma toalha rendada sobre o mastro e outros levam velas acesas. O mastro é erguido sob o rufar das caixas e dele pendem guirlandas de flores e bandeirinhas de plástico ou papel. Na Sala Grande ou Sala de Altar católico, segue-se a ladainha e é servido um lanche farto.

No dia seguinte há missa e no domingo seguinte, o domingo do meio, há toque de caixa diante do altar e do mastro. No dia anterior ao dia principal da festa é preciso fazer comidas e doces e concluir as arrumações e a decoração das mesas.

No domingo da festa há alvorada e missa solene e retorno da igreja à Casa, em cortejo a pé. Aguardam o cortejo 12 pobres que recebem alimentos e dinheiro. Segue-se

saudação ao mastro, colocação das crianças no trono, onde são também saudadas pelas caixeiros e depois vão para a mesa de doces, tomar o café ou chocolate, e retornam para o trono, para aguardar o almoço. Depois do almoço há uma pausa para descanso e à noite a ladainha e depois o jantar, acompanhado por uma banda de música, alternadamente com as caixeiros, com refinamento na mesa e atenção de todos os presentes.

Na segunda-feira há outro jantar, desta vez acompanhado apenas pelo toque das caixeiros e o Império vai para a sala do trono, de onde segue para o Derrubamento do mastro. Pode ocorrer a visita do Império da Casa de Nagô, também em festa nessa época, o que se chama de *buscar a Santa Crôa*, previamente levada para a casa. Ferretti descreve essa visita: “Quando chegam, os dois Impérios se confraternizam e desfilam juntos em cortejo por toda a casa, indo até o mastro, acompanhados pelas caixeiros, que fazem evoluções à sua frente e depois os acompanham até a porta da rua” (2009, p. 180).

O mastro é então derrubado e simbolicamente cortado com pequenos golpes de uma machadinha dados pelas filhas da casa, pelo Império e pelas caixeiros. O mastaréu, a pomba e a bandeira são entregues ao padrinho do ano seguinte e, de volta à Sala Grande, há ladainha e a cerimônia da *Entrega das posses do Império*, quando os objetos imperiais simbólicos são entregues ao Império do ano seguinte.

No dia seguinte, terça-feira, distribui-se o que resta dos bolos e das lembranças, lava-se louça e comenta-se a festa. É o chamado *lava-pratos*.

Há ainda o *serra-toco* e o *carimbó de velha*, momento de confraternização em que todos estão à vontade, para dançar e brincar. Na Casa das Minas serra-se o mastro em dois pedaços, que são usados para segurar o canteiro em volta da cajazeira, árvore sagrada.

Algumas tradições já deixaram de ser realizadas nesta casa, como o Roubo do Império, o hábito de guardar o mastro para a fogueira de São João, o tambor de mina realizado no sábado depois da festa e o almoço para *arrancar o toco* no domingo seguinte.

A festa do Divino é tradição do catolicismo popular e, ao mesmo tempo, parte do ritual dos terreiros, constituindo obrigação, no caso da Casa das Minas. Hoje é uma das poucas festas que ainda é realizada na Casa das Minas, pelo seu caráter de festa popular católica. O ritual é preciso e minucioso. Como afirma Ferretti: “Na Casa das Minas, esse ‘ritualismo barroco’ de certa forma contrasta com a sobriedade ‘quase protestante’ típica de outros aspectos do comportamento do grupo” (2009, p. 181). É também uma festa aberta, com participação de pessoas que não costumam frequentar terreiros. Levando em conta que a ascensão ao posto de imperador é progressiva, sendo exigido que as crianças passem de

mordomos a mordomos-régios e só então a imperador/imperatriz, a festa cumpre um ciclo a cada três anos.

4.4.2.3 A festa na Casa Fanti-Ashanti

Na casa Fanti-Ashanti, algumas vezes a festa começa no segundo domingo de julho e dura duas semanas, sob responsabilidade de Pai Euclides e de seu caboclo Corre-Beirada, mas conta com o apoio de várias pessoas. O Império, representado por crianças, é composto por Imperador e Imperatriz, Mordomo-Mor e Mordoma-Mor e Mordomo e Mordoma- Régios. Como em outros terreiros, os participantes do Império ascendem progressivamente de uma posição a outra, até chegarem a Imperador/Imperatriz. A festa começa na escolha do sucessor no final de cada festa, quando as posses ou insígnias são repassadas aos membros do Império do ano seguinte. Ao aproximar-se a época da festa as atividades são retomadas.

A Abertura da Tribuna acontece no Sábado de Aleluia e coincide com o Batismo do Boi de Corre-Beirada, o mesmo encantado de Pai Euclides, que comanda a festa do Divino. Há toque de caixa todos os domingos, a partir desse dia, e todos os dias da semana da festa.

Uma semana antes do dia principal da festa, realiza-se o Buscamento e o Levantamento do Mastro, seguido de Ladainha, Toque de caixa e, à noite, Tambor de Crioula e baile de radiola ou roda de samba, para atrair e animar o público. Nos dois dias seguintes, há apenas toque de caixa, mas na quinta, sexta e sábado da semana principal acontecem as visitas às casas dos Mordomos, do Imperador e da Imperatriz. No sábado antes da Procissão de bandeiras, sacrifica-se um boi para Oxalá e prepara-se o altar, o trono e as mesas de doces. O sacrifício do boi não é da tradição, mas tem sido realizado desde a introdução do candomblé, no início da década de 80 do século passado. O domingo da festa começa com a Alvorada e depois Missa e cortejo do Império e seu Assentamento ou entronização. Há Salvas às 12 e 18 horas e Ladainha e Samba de roda. No dia seguinte faz-se o Buscamento do Roubo, a Derrubada do Mastro e a Transferência de Posses. No décimo primeiro e último dia da festa, o Fechamento da Tribuna, seguido de Brincadeira de Bumba-Boi, Bambaê de Caixa e divisão dos bolos confeitados (FERRETTI, M. 1993, p. 369).

A Derrubada do Mastro e o Fechamento da Tribuna são rituais que demandam atenção e rigor, pois acredita-se que qualquer erro ou falha é sinal de desgraça para o ano seguinte.

Neste terreiro, os caboclos eventualmente podem compor o Império, por meio de representantes. Ferretti, M. registra:

“Em 1986 o Imperador da Festa do Espírito Santo da Casa Fanti-Ashanti foi Peninha, caboclo de uma dançante da casa, e aquela preparou um de seus filhos para sentar no trono, como Imperador (em substituição ao seu encantado). Em ano anterior a cabocla Mariana foi a Imperatriz” (FERRETTI, M., 1993, p. 366, Nota de rodapé 41).

O ritual, em linhas gerais, mantém, no entanto, forte conotação católica.

4.4.2.4 A festa no Terreiro da Fé em Deus

O Terreiro da Fé em Deus, está localizado no Sacavém, bairro de periferia, e a festa é dedicada ao Espírito Santo e a Nossa Senhora Sant'Anna e frequentada principalmente por pessoas do bairro. Além disso, os membros principais nem sempre são denominados Imperador/Imperatriz, mas Reis e Rainha, dependendo das orientações da entidade. Apesar dessas particularidades e de não seguir o calendário usual da festa, as etapas são semelhantes: Abertura da Tribuna; Buscamento, Levantamento e Derrubada do Mastro, com as mesmas conotações sagrada – com o batismo – e profana – com as brincadeiras de cunho erótico e palavreado chulo; Missa e Cerimônia dos Impérios.

A ligação da festa católica com as entidades espirituais cultuadas nos terreiros é muito forte e assim explicada por Mãe Elzita, em entrevista concedida em 26/10/96 a Gouveia (1997, p. 47):

A festa do Divino é uma festa de católicos, por isso tem missa, tem ladainha onde se louva os santos, agora o reinado aqui 'pra' nós é de Vó Missã, muita gente diz que é das origens da festa, de onde ela veio, mas pra nós que fazemos pelo astro, esse reinado marca as entidades, porque aqui nós temos entidades princesas, nobres, então eles é que sentam no trono. Nós fazemos a ligação das duas coisas: o católico e ao astral.

Em entrevista anterior (14/09/95) a mesma Mãe Elzita afirmou: “A festa é de Sant'Anna, mas também é do Divino, porque tem caixa, tem império e tem mastro e, a partir daí, já é Divino, agora, o lado certo mesmo é Sant'Anna”. Vale explicar que a festa é realizada a pedido da principal entidade recebida no terreiro – Vó Missã ou Nanã – sincretizada no tambor de mina como Nossa Senhora Sant'Anna. Foi Surrupirinha, entidade de mãe Elzita e mensageiro da casa, quem ordenou que a festa fosse iniciada, o que ocorre desde 26 de julho de 1969.

A Abertura da Tribuna acontece no Domingo de Páscoa, com almoço para os participantes, como padrinhos e madrinhas do mastro e da tribuna, as crianças do reinado, os pais dessas crianças e as caixeiras. Mãe Elzita incorpora Surrupirinha que, sob orientação de Vó Missã, define todos os detalhes da festa.

Uma semana antes do Dia de Sant'Anna é feito o Buscamento e Levantamento do mastro, que neste terreiro não é pintado, é enfeitado com galhos de murta e frutas e garrafas de vinho e de cachaça. Neste terreiro há a figura do Alferes da Bandeira que acompanha os cortejos que vão buscar o mastro e trazê-lo para o terreiro, sempre com muita alegria e música e grande participação popular. O mastaréu pode ter pintada a imagem da Senhora Sant'Anna, em vez da pomba tradicional. Tanto o mastaréu como o mastro são defumados e batizados com os padrinhos usando velas, toalhas brancas e galhos de arruda e só então o mastro é erguido debaixo de grande tensão. Depois das três voltas rituais das caixeiras em torno do mastro erguido, Mãe Elzita, na porta do terreiro, recebe a imagem de Sant'Anna da madrinha da tribuna e todos entram para a ladainha, seguida de feijoada e de festa dançante com radiola de reggae. Estas festas dançantes repetem-se por doze noites.

No dia 26 de julho acontece a missa e depois, já no terreiro, a colocação da imagem na tribuna, batizado da tribuna e toque de caixa, ladainha e salva de músicas, bem como distribuição de almoço e jantar. À missa comparecem, ricamente vestidos, a *Rainha*, a *Dama*, o *Rei*, o *Vassalo*, o *Juiz* e o *Bandeireiro* real, além de seis *Bandeirinhas*, anjinhos e os três anjos que representam a Fé, a Esperança e a Caridade, vestidas de branco, verde e rosa, respectivamente.

Apenas parte do trajeto da igreja de Sant'Anna ao terreiro é feita a pé, em cortejo, porque a distância é grande.

No dia seguinte acontece o *Roubo do Império* e, no retorno ao terreiro, é feita a derrubada do *Mastro* e depois, diante da *Tribuna*, a ladainha. Segue-se o jantar e, em seguida, o *Repassé das Posses* para o reinado do ano seguinte. À medida em que as *Insígnias* são entregues, as crianças do reinado vão sendo substituídas na *Tribuna*. É feito então o *Fechamento da Tribuna* e são distribuídos pedaços de bolo e lembrancinhas. No último dia, dia 28, acontece o *Carimbó das caixeiras*, momento de descontração, alegria e muita comida e bebida para as caixeiras, em agradecimento pela ajuda por elas dispensada.

Em linhas gerais, outros terreiros observados apresentam a mesma sequência ritualística, com pequenas variações. Da mesma forma, o sincretismo religioso, nunca negado, pode ser mais ou menos evidente, conforme a orientação da casa. Em todas, a preocupação com o cumprimento rigoroso do ritual é uma constante, uma vez que, como afirma Ferretti:

“A festa do Divino no Maranhão é também encarada como um oráculo do futuro nos terreiros” (1995, p. 185), na medida em que o descumprimento de qualquer dos componentes rituais pode prenunciar consequências negativas.

As variações mais evidentes são a do número de componentes da corte imperial, as cores escolhidas para o vestuário e a ligação do Divino a outros santos do panteão católico, como Sant’Anna ou São Luís.

Mencionei algumas das festas cadastradas na Secretaria de Cultura, mas há notícias de mais de uma centena de festas realizadas, na Ilha de São Luís, por terreiros, por irmandades ou por devotos isoladamente, e mais de trezentas no estado, o que evidencia sua importância.

5 ANÁLISE DO CORPUS

*Les mots que j'emploie,
Sont les mots de tous les jours, et ce ne sont point les mêmes!*
Paul Claudel

5.1 Termos Coletados – Criatividade na Variação

Organizei os termos em nove campos conceituais, alguns dos quais com subdivisões, apresentados em ordem alfabética. Em todos os campos há um grande número de termos específicos da festa, para designar elementos, etapas e participantes. É de ressaltar e observar a criatividade na denominação desses diversos elementos.

5.1.1 *Cânticos, Danças, Saudações, Provérbios e Expressões Populares*

5.1.1.1 *Cânticos*

Os cânticos são elementos fundamentais para a festa do Divino Espírito Santo, em Portugal como no Maranhão. Sob a designação genérica de Alvoradas, nos Açores e em Portugal Continental, ou sob designações diversas, que incluem também a de Alvoradas, no Maranhão; entoadas pelos foliões açorianos ou pelas caixeiras maranhenses; sempre acompanhados pela forte marcação rítmica dos tambores açorianos a que correspondem as caixas maranhenses; complementados ou não por outros instrumentos, em geral também de percussão, como os pandeiros, os ferrinhos e os testos dos Açores, os cânticos orientam de forma categórica e inquestionável cada um dos atos e gestos dos participantes.

Funcionam ora como cânticos religiosos, ora como “enunciados reguladores das diversas sequências rituais de um Império” (LEAL, 1984, p. 14), de forma a tal ponto minuciosa que podem ter quadras específicas para cada um dos objetos simbólicos que um Imperador transmite a outro, no final da festa, no momento do chamado, no Maranhão, Repasse ou Trespasse das Posses, para citar apenas um exemplo.

Foi possível levantar os seguintes cânticos, cujas designações são recorrentes em várias festas. Mantive a grafia original, do que decorre que, principalmente no caso dos Açores, *Espírito Santo* será designado preferencialmente por *Esprito Santo*.

Quadro 10 – Cânticos

TERMO	DEFINIÇÃO	OUTRAS INFORMAÇÕES
ALVA POMBA	Nos Açores, nome que também se dá ao Hino do Espírito Santo, por assim iniciar a sua letra (JSB, p. 61).	<i>Alva Pomba, que meiga apareceste/ Ao Messias, no Rio Jordão/ Estendei Vossas asas celestes/ Sobre os povos do orbe cristão</i> (JSB, p. 61).
ALVORADA	1. Nos Açores, cada um do conjunto de cantares das festas do Espírito Santo, versando temas de natureza religiosa, entoados pela Folia à porta da casa do Espírito Santo e depois junto ao altar do Império, compostos por poemas religiosos populares, em forma de quadra (JSB, p. 62). 2. No Maranhão, momento do ritual, que se repete por vários dias, às seis horas, ao meio-dia, às 18 horas. 3. No Maranhão, toque de caixa que acompanha o ritual da <i>Alvorada</i> (FSR, p. 87)	“<Alvorada> nova, novas alvoradas/ De manhã bem cedo, sobre a madrugada/ Alecrim cheiroso, angerca dobrada/ Ao sair da estrela, ela foi croada” (PGA, p. 51). <i>Levanta-te garça/ Do teu doce estar,/Pois el-rei vai à la caça,/Já o sol quer raiar/[...] (JSB, p. 62).</i>
ALVORADA DOBRADA	No Maranhão, cântico com toque semelhante ao de <i>Alvorada</i> , mas em ritmo mais acelerado (FSR, p. 88).	“ <i>O cantar das alvoradas/ É um cantar excelente/ Acorda quem está dormindo/ Alegria quem está doente</i> ” (CMG, p. 75).
ALVORADINHA	No Maranhão, outro termo para o cântico <i>Alvorada Dobrada</i> (FSR, p. 88).	“ <i>Vou cantar as Alvoradas/ Não sei que Alvorada eu canto/ Vou cantar <Alvoradinha>/ Do Divino Espírito Santo</i> ” (PGA, p. 52).
ALVORADA DA DESPEDIDA	Última <i>Alvorada</i> cantada na casa de quem saiu a sorte para a <i>alumiação</i> do Espírito Santo – Flores, nos Açores (JSB, p. 62).	
ALVORADA DA ENTRADA	<i>Alvorada</i> cantada no final da tarde do Domingo de Páscoa, na 1ª casa a quem saiu a sorte de alumiar o Espírito Santo – Flores, nos Açores (JSB, p. 62)	
ALVORADA FOLIADA	<i>Alvorada</i> cantada e <i>balhada</i> pelos foliões, também chamada <i>Alvorada Pulada</i> – Flores, nos Açores (JSB, p. 62).	
ALVORADA	Nos Açores, outro termo para a	

PULADA	<i>Alvorada Foliada.</i>	
BELA AURORA	Nome de <i>Alvorada</i> do Espírito Santo que os Foliões cantam no Levantar da Mesa – Flores, nos Açores (JSB, p. 107)	
BENDITO	No Maranhão, cântico de louvor que pode ter vários objetivos/denominações: dos Martírios de Jesus, de Santo Antônio, da Perpeta. São cantos cristãos que contam histórias, relatam passagens bíblicas e vidas dos santos (MB, p. 69).	<i>“Lá no céu ouvi um barulho/ Madalena o que será/ Tão martirizando Cristo/ Que martírio não será.”</i> (MB, p. 187). <i>“Santo Antônio de Lisboa/ São Luís do Maranhão/ Santo Antônio conta conto/ São Luís conta milhão”</i> (MB, p. 188). <i>“Se a perpeta cheirasse/ Era a rainha da flor/ Era a flor que se enfeitava/ O esquife do senhor”</i> (MB, p. 191).
BENDITO E LOUVADO	Cântico de cunho religioso, entoado durante os cortejos em movimento, nas festas das Beiras em Portugal Continental.	<i>Bendito e Louvado seja/ O Santíssimo Sacramento/ Toda a Eucaristia/ Fruto do Ventre Sagrado/ Em virgem puríssima/ Se mais Santa a Maria</i> (FH, p. 69).
BENDITO DE HORTELÃ	No Maranhão, cântico para o Fechamento da Tribuna, que conta toda a vida de Jesus até a descida do Espírito Santo (FSR, p. 92).	<i>“Deus o salve o <hortelã>/ Salvador da boa fé/ Se por cá não viu passar/ Bom Jesus de Nazaré”</i> (PGA, p. 61).
CANTIGAS DE POMBINHA	Em Portugal Continental, melopeias e letras carregadas de tradição, entoadas pelos <i>foliões</i> nas <i>folias</i> de Pentecostes, acompanhadas de tambor e pandeiretas (MMS, p. 312).	
CANTORIAS	Nos Açores, cantigas ao desafio executadas no âmbito, espacial e temporal, das festas do Império (MBS, p. 51).	
DANÇA DAS CAIXEIRAS	No Maranhão, cântico das caixeiros saudando o mastro e as crianças do Império (FSR, p. 100).	<i>“Caixeira que está dançando/ Passa a mão no teu cabelo/ que do céu já vem caindo/ Pinguinho de água de cheiro”</i> (CMG, p. 76).
ESPÍRITO SANTO COMPASSADO	No Maranhão, variação do cântico <i>Espírito Santo Dobrado</i> , em ritmo mais lento (FSR, p. 105).	<i>“[...] e tem o toque <Compassado>, conforme seja a salva que a gente cantar. Tem que tocar tudo compassado, tudo ali lento [...]”</i> (MB, p. 68).

ESPÍRITO SANTO CORRIDO	No Maranhão, variação do cântico <i>Espírito Santo Dobrado</i> , em ritmo acelerado (FSR, p. 105).	“[...] tem o toque <i>Corrido</i> ” MB, 68. “São dois < <i>Espírito Santo. O Dobrado e Corrido</i> >” (MB, p. 68).
ESPÍRITO SANTO DOBRADO	No Maranhão, designação dada a um cântico dos mais importantes, com ritmo fortemente marcado (FSR, p. 105).	“Nas horas de Deus amém/ Nas horas de Deus será/ Os anjos tão de joelho/ Fazendo bento sinal [...] Meu Divino Espírito Santo/ É meu Pai é meu senhor/ Que desceu do céu à terra/ Pra mostrar o seu valor” (CMG, p. 75).
ESPÍRITO SANTO SINGELO	No Maranhão, outra denominação para o cântico conhecido como <i>Espírito Santo Corrido</i> .	
ESPÍRITO SANTO TRÊS PANCADAS	No Maranhão, outra denominação para o cântico conhecido como <i>Espírito Santo Dobrado</i> .	
FALSETE	Nos Açores, canções de caráter mais lúdico, que fazem parte do repertório da folia (JL1, p. 15).	“Deus é que nos deu o aumento/ Deus é que deu o aumento/ a esta mesa// Deus é que deu o aumento/ e é esta a maior riqueza/ aí está o provimento” (JL1, p. 65).
GLÓRIA	Cântico de cunho religioso, entoado durante os cortejos quando parados, nas festas das Beiras em Portugal Continental.	Glória ao pai e ao Filho/ E ao Espírito Santo/ Ena é de princípio/ É de nunca é de Sempre é/ é de Sempre/ seclório Amém (FH, p. 69).
HINO DA MISSA	No Maranhão, cântico entoado após a missa dos Impérios, para agradecer o padre pela celebração (FSR, p. 107).	“Ai o padre que disse a missa/ Ai em Roma se ordenou/ Ai com três palavras benditas/ Ai no sacrário ele fechou” (CMG, p. 79).
HINO DE LOUVOR AO ESPRITO SANTO	Nos Açores, cantiga de composição invariável cantada pelos Foliões em louvor do Espírito Santo - Terceira (JSB, p. 303).	
HINO DO ESPRITO SANTO	Nos Açores, hino composto em finais do Século XIX, para ser tocado por filarmônicas e cantado durante as coroações, é o mais venerado de todos os hinos (JSB, p. 303).	Veni Creator spiritus/ Mentis tuorum visita/ Imple superna gratia/ quae tu creasti pectora (JSB, p. 303).
NOSSA SENHORA DA	No Maranhão, cântico que acompanha o ritual de	“<Nossa Senhora da Guia>/ Tá com a frente para o mar/ Oi pra

GUIA	levantamento e derrubada do mastro (FSR, p. 117).	<i>ver seu bento filho/ Ai que chegou de Portugal</i> ” (CMG, p. 78).
RAMO-FEITO	Nos Açores, cantiga dos Foliões efectuada no Sábado de Espírito Santo, quando percorrem a freguesia a distribuir as esmolas, apenas executada nas casas de pessoas mais importantes, nomeadamente a do Rei da Coroa ou a do Imperador (JSB, p. 469).	<i>Quem me dera um ramo feito/ Das mãos de Nosso Senhor/ Também dizemos que viva/ o nosso nobre Imperador</i> (JSB, p. 469).
ROMANCE	Nos Açores, cântico preparatório executado pelos Foliões fora da porta da casa onde se canta a Alvorada (JSB, p. 489).	
SALVA	No Maranhão, cântico para saudar o Divino (MB, 68). Cântico para saudar o Divino, que pode estar ou não ligado a um momento específico do ritual (FSR, p. 122).	<i>“A Corte está reunida/ Ai os Império estão sentados/ Eu convido as foliôa/ Os Império nós salvar”</i> (MB, p. 159).
SALVE-RAINHA DOBRADA	Nos Açores, cântico, construído a partir da Salve-Rainha, praticado nas festas do Espírito Santo (JSB, p. 500).	
SENHORA SANTANA	No Maranhão, cântico proferido sempre depois da <i>Alvorada</i> , em louvor a Santana, avó de Jesus, em que se faz menção à sua relação familiar (FSR, p. 124).	<i>“<Santana> é a maior santa/ Que no mundo tenho visto/ Ela é mãe de Deus/ É a avó de Jesus Cristo”</i> (PGA, p. 55).
TOQUE DE SUSPENDER O MASTRO	No Maranhão, cântico também designado por <i>Nossa Senhora da Guia</i> .	<i>“<Senhora Santana>/ Preparai cueiro/ Que já é nascido/ Jesus verdadeiro”</i> (PGA, p. 55).
TOQUE DE REZA	No Maranhão, cântico realizado depois de rezar a ladainha (FSR, p. 126).	<i>“Quem rezou a ladainha/ Lá no céu tem seu assento/ Uma cadeira de ouro/ Ao redor do cálice bento”</i> (CMG, p. 79).
TOQUE DO TRESPASSE OU REPASSE DAS POSSES	No Maranhão, cântico que acompanha a entrega das insígnias, uma a uma, ao Império do ano seguinte.	<i>Alegrai-me mãe de Deus/ Que já é chegada a hora/ Para entregar as posses/ Deste Império Real</i> (MB, p. 171).
TRÊS PANCADAS	No Maranhão, outro termo para o cântico conhecido como <i>Espírito Santo Dobrado</i> (FSR, p. 127).	<i>“Na igreja da matriz/ Três pancadas deu o sino/ Agora estamos abrindo/ A Tribuna do Divino”</i> (MB, p. 136).

VIVA O HINO	No Maranhão, cântico de agradecimento ao padre pela missa celebrada (FSR, p. 129).	“<Viva o hino>, <viva o hino>/<Viva o hino> brasileiro/ <i>Também viva Espírito Santo/Com seu retrato na bandeira</i> ” (PGA, p. 58).

Barbosa (2006, p. 68) registra depoimento de Dona Celeste, festeira e caixeira da Casa das Minas, falecida recentemente, que afirma serem oito os cânticos considerados indispensáveis: Alvorada, Senhora Santana, Espírito Santo Dobrado, Espírito Santo Corrido, Toque da Missa, Toque de suspender o Mastro (Nossa Senhora da Guia), Toque do Repasse das Posses e a Dança das Caixeiras. A mesma autora, no entanto, apresenta outros cânticos, com denominação específica, recorrentes em várias festas e ainda outros mais, que, isoladamente, são designados por sua destinação, como:

Para tirar joia “pelos interiores”;
Pedindo pouso para a Folia do Divino;
Abertura da tribuna;
Versos para o Pombo Branco;
Versos para o Espírito Santo;
Versos para ir buscar o mastro;
Para levantar ou derrubar o mastro;
Levando os Impérios para a Missa;
Agradecimento da missa;
Para cantar nas procissões;
Chegando da Missa;
Chegando da missa e pedindo licença para entrar na casa;
Sentamento dos Impérios;
Cantos para a Mesa das refeições do Império;
Matança ou matutagem;
Versos para esmolar;
Fechamento da tribuna;
Despedida das caixeiras;
Para pedir e receber licença para cantar;
Versos de amizade;
Para pedir comida ou bebida;
Prisão do passarinho;

Para sair da roda e parar de cantar.

No momento da Abertura da Tribuna, ato inicial do ritual, alternam-se os versos da caixeira e do(a) dono(a) da festa, para que o comando do ritual passe à responsabilidade da caixeira-régia (ou mor, conforme a casa que promove a festa), quando é tocado o cântico *Espírito Santo Dobrado* para invocar o Divino e dar espaço para que cada caixeira cante um verso:

Vinde meu Espírito Santo/ Que por vós estou chamando/ A tribuna está aberta/ E por vós está esperando/ [...] As portas do céu se abriram/ O pombo branco avoou/ Sentou pra ser festejado/ Na festa do imperador (PACHECO, GOUVEIA, ABREU, 2005, p.19-20).

Embora muitos versos da festa sejam improvisados e a habilidade de improvisação da caixeira seja extremamente valorizada, os versos de abertura da tribuna, por sua importância, são, em geral, conhecidos e transmitidos de geração em geração e obedecem a uma ordem definida: primeiro a invocação ao Divino, depois o cântico para São Pedro, guardião das chaves do céu e também da chave da tribuna.

A maior parte das designações dos cânticos deixa evidente a motivação, como no caso do *Hino da Missa*, dos *Toques para Subida do Mastro* ou para *Trespasse das Posses*, aqueles em louvor de uma santa em especial como *Nossa Senhora da Guia* ou *Santana*, ou os que fazem alusão ao ritmo como *Espírito Santo Corrido*, *Dobrado* ou *Três pancadas*.

O cântico próprio do momento do levantamento do mastro é o denominado *Nossa Senhora da Guia*:

Sobe alto, Oliveira/ Vai subindo devagar/ Sobe meu Espírito Santo/ Que perto de Deus vai ficar (PACHECO, GOUVEIA, ABREU, 2005, p. 24).

Nos cânticos denominados *Nossa Senhora da Guia* há invocações à sua proteção, como este de Dona Celeste:

Nossa Senhora da Guia/ Tá com a frente para o mar/ Para ver seu bento filho/ Que chegou de Portugal (PACHECO, GOUVEIA, ABREU, 2005, p.56).

Ou descrições do mastro, como nestes versos:

Que bonito pé de árvore/ Que a natureza criou/ Pra servir de mastarel/ Na festa do imperador (PACHECO, GOUVEIA, ABREU, 2005, p.57).

No entanto, não foi possível identificar a motivação do Bendito de Hortelã, longo cântico para Fechamento da Tribuna, muitas vezes em forma de diálogo, em que se conta a saga de Cristo na Terra. O emprego do termo *Hortelã*, nos versos, leva a crer inicialmente que

seria uma designação do próprio Cristo, como se pode observar neste trecho do cântico: *Deus o salve o Hortelã/ Salvador da boa fé*. No entanto, a continuação dos versos, *Se por cá não viu passar/ Bom Jesus de Nazaré*, transforma o Hortelã em interlocutor a quem se pergunta o paradeiro de Cristo.

Soares transcreve uma Alvorada coletada por Guerreiro Gascon em Marmeleite, Portugal Continental, na década de 20 do século passado, cujos versos evoluem em torno do termo *Hortelã – Hortelana* – desta feita entendida como planta, sem nenhum aparente valor simbólico, e da qual reproduzo aqui a estrofe inicial, mantida a grafia original:

Levanti-me esta manhana,/ fui colhê'la hortelana;/ levanti-me esta manhana/manhanita do Natal,/fui colhê'la hortelana;/que 'stava no mé quintal;/levanti-me esta manhana,/manhanita de flores/fui colhê'la hortelana;/ó quintal dos mês amores (SOARES, 1982, p. 274) .

No Ladoeiro, Portugal Continental, Henriques (1996, p. 247) registrou versos de cantiga “[...] arrastada e dolente [...]” que era habitualmente entoada na denominada *Noite do Vitó*, tradição antiga e que ocorria na noite de sábado para domingo seguinte ao do Espírito Santo. A cantiga, como a própria noite, era conhecida também por *filhota*. Com estrofes de cinco versos e um refrão – Vivó! – menciona a folha da amoreira, do craveiro, da Alexandria e da roseira, em que se vai escrever o nome ou uma carta, para então mencionar a folha de hortelã, conforme segue: *Ora, meu raminho de hortelã/ ai, divino Espírito Santo/ Ora meu raminho de hortelã./ Oh! viva o juiz e o alferes/ oh! Vivam quantos aqui estão./ Vivó!* A cantiga continua com mais quatro estrofes, mas apenas nesta e na seguinte, em que fala da folha da oliveira, há uma aparente associação com o Divino, tal como ocorre no cântico maranhense.

5.1.1.2 Danças

A festa do Divino Espírito Santo não tem como marca importante a realização de danças, em geral as danças são parte da festa profana, um complemento que ocorre no final da festa, em comemoração ao sucesso da empreitada e como uma espécie de catarse para as caixeiras, por exemplo, responsáveis pelo ritual. Em alguns momentos, porém, os cânticos são acompanhados por evoluções marcadas que lembram uma dança cerimonial. Ao rigor, lentidão e seriedade dessas evoluções contrapõe-se a liberdade, alegria e espontaneidade da *Dança das Caixeiras* e do *Carimbó das Caixeiras*, também conhecido como *Carimbó de Velho* ou *de Velhas*.

Dona Luzia descreve a *Dança das Caixeiros*:

Bem, sobre a Dança das Caixeiros, quando nós chegamos da missa, e depois que faz a obrigação na tribuna, aí a gente faz o ritual da dança. Primeiro sai a caixeira-régia, aí vai tirando as outras, tira a mor, se tiver mor na sala, aí vai tirando as outras até tirar a última. A gente dança, e depois em volta todas juntas, e depois dança o cruzeiro. É a gente dançando de duas a duas, trocando (PACHECO, GOUVEIA, ABREU, 2005, p.59).

No Maranhão, além da dança ritual acompanhada pelo ressoar das caixas e que obedece a preceitos rígidos, registra-se ainda o já mencionado *carimbó das caixeiros* (ou *carimbó de velho* ou *de velhas*), momento de descontração depois de cumprida a missão da festa, assim descrito por Dona Celeste da Casa das Minas: “[...] Carimbó de Velho, é cantando cantigas de Carimbó e elas [as caixeiros] dançando, se requebrando, uma dando punha na outra [...]”.

Nos Açores, o *balho* compreende um número considerável de cantigas acompanhadas de danças, cada uma das quais com um tipo de evolução determinado.

O Balho Direito era normalmente dividido em duas partes: na 1ª dançava-se a Charamba, sempre a primeira, o S. Miguel ou Virar do Balho, a Tirana, o S. Macaio e a Chamarrita; a segunda parte era iniciada pelo Pezinho, seguindo-se a Praia, a Saudade, o Bravo, o Meu Bem, a Lira, os Olhos Pretos, os Braços, o Casaco ou Cá Sei e, sempre à despedida, a Sapateia (BARCELOS, 2008, p. 96).

Dos Açores foi possível levantar um número considerável de tipos de danças. No entanto, em geral, essas danças ocorrem em momentos comemorativos paralelos às festas e não fazem parte do ritual obrigatório. Diferentemente, as evoluções das caixeiros não se apresentam de forma aleatória, obedecendo, portanto a uma coreografia realizada em momentos determinados, mas não recebem uma denominação específica.

Quadro 11 – Danças

TERMO	DEFINIÇÃO	OUTRAS INFORMAÇÕES
ALVORADA PULADA	Nos Açores, uma espécie de dança pulada num só pé, alternando a elevação dos pés (AAF, p. 123).	
BAMBAÊ	No Maranhão, tipo de dança semelhante ao carimbó das caixeiros.	“O carimbó de caixeiros de São Luís é aparentado a diversas manifestações semelhantes [...] conhecidas como <bambaê> [...]” (PGA, p. 38). Trecho de cantiga de Bambaê: “Periquitinho que vem da Holanda/ Óis que bamba/

		<i>Bamba, <bamba ê>/ Por cima do seu reinado/ óis que bamba, bamba ê/ [...]</i> ” (MB, p. 203).
BALHO	Nos Açores, baile, dança (JSB, p. 95).	
BAILHO	Nos Açores, outra designação para <i>Balho</i> (AAF, p. 287).	
BALHO DIREITO	Nos Açores, o balho que se armava quase sempre nas casas onde havia terços do Espírito Santo (JSB, p. 96).	
BALHO À ANTIGA	Nos Açores, outra designação para <i>Balho Direito</i> (JSB, p. 96).	
BALHO ANTIGO	Nos Açores, outra designação para <i>Balho Direito</i> (JSB, p. 96).	
BRAVO	Nos Açores, moda tradicional, cantada nas ilhas do grupo central (JSB, p. 122).	<i>Eu fui à terra do Bravo/ Para ver se embravecia/ Cada vez fiquei mais bravo/ Com a tua companhia</i> (JSB, p. 122).
CARIMBÓ DAS CAIXEIRAS	No Maranhão, dança sensual e de divertimento, em ritmo de carimbó, e com versos satíricos e de duplo sentido, realizada depois do encerramento da festa, sem caráter de obrigação (FSR, p. 95).	Trecho de carimbó das caixeiras: “Este lindo <carimbó>/ Ele veio do estrangeiro/ Veio para essas caixeiras/ Do Espírito Santo verdadeiro” (PGA, p. 62).
CARIMBÓ DE VELHA	No Maranhão, outro termo pra carimbó das caixeiras (FSR, p. 95).	
CARIMBÓ DE VELHO	No Maranhão, outro termo para carimbó das caixeiras (FSR, p. 95).	
CASACO	Nos Açores, moda tradicional da Terceira, noutras ilhas conhecida por “ <i>Cá sei</i> ” (JSB, p. 161).	<i>Abana, abana o casaco/ Lá prá banda da Serreta;/ todos abanam o casaco,/ Só eu abano a jaqueta</i> (JSB, p. 161).
CHARAMBA	Nos Açores, o primeiro dos balhos tradicionais da ilha Terceira (JSB, p. 173).	<i>Esta é a primeira vez/que neste auditório canto/ em nome de Deus começo:/ Pai, Filho e Espírito Santo</i> (JSB, p. 173).
CHAMARRITA	Nos Açores, dança, acompanhada por violão, banjolim, violino e palmas dos dançadores.	“ <i>O piquei-me num silvado/ fui ao Pico piquei-me/ piquei-me lá num silvado/ não quero tornar ao Pico/ sem o pico ser mudado</i> ” (EVO, p. 59).
CHAMARRITA ZARAGATEIRA	Nos Açores, uma variação da <i>Chamarrita</i> .	“ <i>Chamarrita, Rita, Rita/ eu venho contradizer/ eu hei-te dar um jeitinho/ com outro não há-de querer</i> ” (EVO, p. 43).
DANÇA DAS CAIXEIRAS	Dança ritual das caixeiras, de saudação ao mastro e ao Império.	“ <i>Bem, sobre a <Dança das Caixeiras>, quando nós chegamos da missa, e depois que faz a obrigação na tribuna, aí a</i>

		gente faz o ritual da dança” (PGA, p. 59). “[...] a gente faz o ritual da dança. Primeiro sai a caixeira-régia, [...] tira a mor, [...] vai tirando as outras até tirar a última. A gente dança, depois a gente dança em volta todas juntas, e depois dança o cruzeiro. É a gente dançando de duas a duas, trocando” (PGA, p. 59). Cântico para a dança das caixeiros: “Caixeira que está dançando/ dança bem, não dança mal/ o defeito que ela tem/ é dançar não me puxar” (CMG, p. 76).
FOLGAS	Nos Açores, bailes realizados em casa do <i>Imperador</i> , na sala onde se encontra exposta a <i>coroa</i> (MBS, p. 94).	
FOLIAR	Nos Açores, dança que os Foliões faziam dentro da Casa de Espírito Santo em frente ao altar, após as <i>Alvoradas</i> (JSB, p. 281).	
LIRA	Nos Açores, moda tradicional das <i>ilhas-de-baixo</i> , nunca cantada no grupo de ilhas orientais, também chamada <i>Líria</i> (JSB, p. 332).	
MEU BEM	Nos Açores, moda tradicional cantada nas <i>ilhas-de-baixo</i> (JSB, p. 364).	Ó meu bem se tu te fores/ Como dizes que te vais/ Deixa-me o teu nome escrito/ Numa pedrinha do cais (JSB, p. 364).
OLHOS PRETOS	Nos Açores, moda tradicional da Terceira, talvez de origem erudita (JSB, p. 394).	Olhos pretos são gentios, / são gentios da Guiné,/ Da Guiné por serem negros/ Gentios por não ter fé (JSB, p. 394).
PEZINHO	Nos Açores, balho regional, com vozes masculinas e femininas cantando quadras de sete pés [...] (JSB, p. 431).	
PEZINHO DO BALHO	Nos Açores, outro termo para <i>Pezinho</i> , na ilha Terceira.	
PEZINHO DOS BEZERROS	Nos Açores, variação do <i>Pezinho</i> , na Terceira, tocada e cantada na sexta-feira da matança do gado (JSB, p. 431).	Quando oiço o Pezinho/ Lembra-me uma bezerrada/ Faz lembrar o pão e o vinho,/ a carne e a massa sovada (JSB, p. 431).
PRAIA	Nos Açores, balho regional das ilhas do grupo ocidental e de S. Miguel (JSB, p. 448).	Olha a praia, olha a praia,/ olha a praia, onde ela fica/ fica na Ribeira Grande/ Presa com

		<i>laços de fita</i> (JSB, p. 448).
SAPATEIA	Nos Açores, o último da sequência dos balhos regionais terceirenses (JSB, p. 503).	<i>Aqui vai a sapateia/ Para o balho se acabar;/ Senhora com quem balhei/ Bem me queira desculpar</i> (JSB, p. 503).
SAUDADE	Nos Açores, cantiga tradicional açoriana, cantada em todas as ilhas [...] (JSB, p. 506).	<i>A palavra saudade/ quem seria que a inventou?/ o primeiro que a disse/ com certeza que chorou</i> (JSB, p. 506).
TIRANA	Nos Açores, balho regional açoriano (JSB, p. 545).	<i>Tirana, atira Tirana,/ Tirana, olé, olé/ Casar com mulher sem dote/ É remar contra a maré</i> (JSB, p. 545).
VACAS	Nos Açores, <i>balho</i> possivelmente de origem flamenga, dançado antigamente no Pico, com os braços levantados, que representavam os galhos das vacas; também conhecido no Faial e nas Flores, onde era dançado pelos Foliões em frente da Coroa, nos Impérios do Espírito Santo (JSB, p. 571).	<i>Ai, ai, que venho das vacas/ Ai, ai que das vacas venho/ Ai, ai , que venho sem leite/ Ai, ai, que sem leite venho. Para findar o Balho o Mandador gritava: Tirolé ou Chega ao palheiro</i> (JSB, p. 571).

5.1.1.2.1 Um balho na Terceira em 1842

Simões (1987, p. 201) transcreve em apêndice um *balho* na Terceira (APÊNDICE A), descrito por António Moniz Corte-Real, publicado em O Annunciador da Terceira, nº 5 a 12, em 1842. Optei por organizar em quadro os nomes, descrições e exemplos das danças que compuseram o *balho* observado pelo autor, na ordem em que se apresentaram e que confirmam a composição do *balho* encontrada em outros livros. O autor descreve as danças comparando-as ao desenvolvimento de uma relação entre namorados, que começa timidamente e depois alterna alegria, tristeza, rugas, reconciliações, recriminações e ameaças. Mantive a grafia original.

5.1.1.3 Provérbios e expressões populares

Os provérbios e expressões populares sobre a festa do Espírito Santo são especialmente frequentes nos Açores e revelam um pouco do pensamento popular sobre a festa. A utilização de elementos da festa para definir comportamentos, pensamentos e atitudes do cotidiano revela a sua importância e sua presença efetiva na vida dos açorianos, ou essas expressões não seriam aceitas, difundidas e entendidas. A festa é vista como: de longa

duração – *Longo como um jantar do Espírito Santo*; um tempo de paz – *Em dia de bodo não há querela*; e como marco de identidade regional – *A cada canto seu Espírito Santo*. A festa serve para: excluir – *Aqui não se dá bodo*; para ironizar – *Em boa mão está o Senhor Espírito Santo*; para identificar – *Em casa de mordomo, feno à porta*; ou para ameaçar – *Quem do Espírito Santo troça, o inferno roça*, mas é a mesma festa quem define o ideal da comunhão entre casais – *Juntar o Espírito Santo com a Trindade*.

Quadro 12 – Provérbios e expressões populares

FRASEOLOGIA	SIGNIFICADO
A CADA CANTO, SEU ESPRITO SANTO	Utilizado nos Açores, por ser o Espírito Santo a festa mais característica das ilhas (JSB, p. 40).
AQUI NÃO SE DÁ BODO	Expressão utilizada para dar a entender a alguém que sua presença não é desejada (JSB, p. 75).
BRANQUINHO COMO POMBA DE ALFENIM	Diz-se do que é muito branco (JSB, p. 55).
COM DINHEIRO NA MÃO, EM TODA A PARTE HÁ FUNÇÃO	Quem tem dinheiro tudo pode fazer – Terceira (JSB, p. 185).
EM BOA MÃO ESTÁ O SENHOR ESPRITO SANTO	Expressão usada ironicamente, quando uma tarefa não está a ser desempenhada por pessoa de confiança (JSB, p. 230).
EM CASA DE MORDOMO, FENO À PORTA	Expressão com o mesmo sentido de pelo andar da carruagem se conhece quem vem lá dentro’ (JSB, p. 231).
EM DIA DE BODO NÃO HÁ QUERELA	Em dia de festa ignoram-se as desavenças (JSB, p. 231).
FICAR NO PRATO	Diz-se da Coroa do Espírito Santo quando não se faz a festa (JSB, p. 275).
JUNTAR-SE O ESPRITO SANTO COM A TRINDADE	Diz-se quando se casam duas pessoas que têm gostos parecidos (JSB, p. 319).
LONGO COMO UM JANTAR DO ESPÍRITO SANTO	Diz-se de alguma coisa que demore muito e refere-se ao longo tempo de duração que caracterizava os jantares do Espírito Santo.
SAIR O ESPRITO SANTO TODO O ANO	Diz-se do marido enganado pela mulher – Terceira: - <i>O testinha de osso de Jesé Sarnalha saiu-le o Esprito Santo todo o ano!;</i> - <i>Home, diz que sim, parece que ela le pôs um chapéu de vaca!</i> (JSB, p. 498).
QUEM DO ESPÍRITO SANTO TROÇA, O INFERNO ROÇA	Admoestação a quem não respeita ou teme o poder do Espírito Santo (AAF, p. 194).
SOGRA, NEM DE ALFENIM É GOSTOSA	Provérbio jocoso sobre o tradicional mau relacionamento com as sogras (JSB, p. 55).
TER EM CADA CANTO UM ESPRITO SANTO	Diz-se do rapaz que é leviano e tem várias namoradas ao mesmo tempo (JSB, p. 540).
TER ESPRITO SANTO DE ORELHA	Encontrar quem diga as coisas por linhas travessas (JSB, p. 540).
TER O SENHOR ESPRITO SANTO EM CASA	Ter a <i>Coroa</i> e as outras insígnias do Espírito Santo em casa, geralmente durante uma semana (JSB, p. 540).
TER VIDA DE FOLIÃO	[...] viver à grande e à francesa (JSB, p. 540).

Apesar da popularidade da festa do Divino no Maranhão, não obtive nenhum registro de provérbio ou expressão relacionada à festa.

5.1.1.4 Orações e saudações

Também no caso das orações e saudações, o número é mais expressivo em Portugal, especialmente nos Açores, do que no Maranhão.

Quadro 13 – Orações e saudações

TERMO	DEFINIÇÃO	OUTRAS INFORMAÇÕES
AILHOU	Nos Açores, palavra repetidamente usada no início das quadras das <i>Alvoradas</i> de certas freguesias das Flores. (JSB, p. 49).	<i>Ailhou, casa tão linda/ Ailhou, casa tão bela,/ Ailhou, o Espírito Santo/ Vai voando por ela</i> (JSB, p. 49).
BIL-RÓ.	Nos Açores, grito que antigamente os rapazes de S. Jorge faziam nas festas do Espírito Santo, quando o <i>Senhor Trinchante</i> trazia para o assar o cabrito assado. (JSB, p. 111). Significa ‘Bravo! Até que enfim!’	<i>[...] os rapazes levavam como em triunfo gritando por várias vezes: bil-ró... bil-ró... bil-ró... (CUNHA apud JSB, p. 111).</i>
ESPÍRITO SANTO DO PAÇO	No Maranhão, saudação feita pelo mestre-sala, em Alcântara, quando o cortejo passa pela casa dos mordomos.	<i>“Grita o Mestre-Sala – Viva o <Espírito Santo do Paço>!”</i> (CL, p. 30).
ÉS UM ALFENIM, BOCA DA MINH’ALMA	Dito dos rapazes nas preliminares do namoro, nos Açores.	
HAJA REMOLHO	Nos Açores, expressão usada pela festa do Espírito Santo, com o sentido de ‘haja sossego’. (JSB, p. 306).	<i>“Meus senhores! Vão-se tirar as sortes! Haja remolho!”</i> . (JSB, p. 306).
NOSSO SENHOR ACEITE POR ESMOLA	Nos Açores, expressão dita em certas freguesias, por altura dos peditórios para o Espírito Santo, quando se recebia a esmola – Terceira. (JSB, p. 387).	<i>“– Nosso Senhor aceite por esmola! – E a vossemecê as suas passadas!”</i> (JS B, p. 387).
O ESPÍRITO SANTO TE ACRESCENTE	Nos Açores, fala das mulheres quando acabavam de amassar o pão. (JSB, p. 392)	O mesmo que <i>“Deus te acrescente!”</i> (JSB, p. 392).
ÓLÓLÓLÓLÓLÓLÓIS ON	Nos Açores, final de cantoria dos Foliões – Faial. (JSB, p. 394).	
O SENHOR ESPRITO SANTO FIQUE	Nos Açores, expressão sempre dita pelo <i>Rei da Coroa</i> ou pelos <i>Foliões</i> quando saem de uma casa, pelas festas do Espírito	<i>“ – O Senhor Esprito Santo fique! – E vá consigo, também!”</i> . (JSB, p. 395).

	Santo – Flores. (JSB, p. 395).	
VIVA O MORDOMO NOVO	Nos Açores, expressão de saudação quando é eleito o <i>Mordomo</i> nas <i>sortes</i> das festas do Espírito Santo – Terceira. (JSB, p. 590).	Geralmente alguém aclama também: – <i>E viva o velho!</i> (JSB, p. 590).
VIVA O NOVO	Nos Açores, aclamação do povo nas festas do Espírito Santo aquando da eleição do <i>Despenseiro</i> ou <i>Depositário</i> , pela primeira vez eleito – São Miguel. (JSB, p. 590).	
VIVA O VELHO	Nos Açores, aclamação do povo nas festas do Espírito Santo aquando da eleição do <i>Despenseiro</i> ou <i>Depositário</i> , quando é eleito para mais um mandato – São Miguel. (JSB, p. 590).	

No Maranhão encontrei apenas uma saudação, feita pelo mestre-sala, em Alcântara, quando o cortejo passa pela casa dos mordomos.

Encontrei ainda, registrada por Zelinda Lima, pesquisadora maranhense, sob o nome de *Oração para ter um bom dia*, uma oração muito popular e de que há variantes que excluem alguns versos ou lhes alteram a ordem. Mantive a grafia original:

*Com Deus me deito,/ Com Deus me levanto,/ Com a graça de Deus/ E do Divino
Espírito (Espírito) Santo./ Cobri-me, Nossa senhora/ Com o vosso divino manto./ Se
bem coberta for/ Não terei medo nem pavor* (LIMA, Z. 2008, p. 28).

5.1.2 Ciclo da festa

Um dos aspectos mais importantes da festa, em Portugal como no Maranhão, é a sua realização estar condicionada ao pagamento de promessas, individuais ou coletivas.

Nos Açores, especificamente, onde a festa tem proporções muito grandes tanto em relação ao número de festas quanto à estrutura dessas mesmas festas, que envolve a população de todas as ilhas, estende-se por todo o ano e ocupa espaços próprios, as promessas são muitas vezes resultado de agradecimento em situações de perigo, alguns de grandes proporções, uma vez que o arquipélago, por sua situação geográfica, está sujeito a terremotos, maremotos e erupções vulcânicas. Muitas dessas catástrofes estão ainda presentes na memória dos habitantes, que se referem a elas como uma forma alternativa de marcação do tempo:

- Ano da caída – nome que a gente do Pico dava ao ano de 1757, altura em que ocorreu um violento sismo na vizinha Ilha de S. Jorge, que vitimou cerca de 20% da população desta Ilha (BARCELOS, 2008, p. 69);

- Ano da fome – ano a seguir ao ciclone de 1893 (BARCELOS, 2008, p. 69);

- Ano do barulho – para a gente do Pico, é o ano de 1862, ano em que deflagrou um violento terramoto no Faial que chegou a durar meses, obrigando os Faialenses a fazer barracas em madeira para dormirem, pelo medo que tinham das casas caírem (BARCELOS, 2008, p. 69);

- Ano do ciclone – nome que dão no Pico ao ano de 1893 (BARCELOS, 2008, p. 70).

Da mesma forma, a promessa pode tomar o nome da comunidade que a fez e cumpre, como acontece com o Voto da Câmara, que designa duas circunstâncias diferentes, com explica Barcelos (2008, p. 592):

No Faial, em 24 de abril de 1672, aquando de um grande terramoto ocorrido entre o Capelo e a Praia do Norte, os nobres, por terem escapado a ele, tiveram a idéia de instituir uma Irmandade em louvor do Espírito Santo. O voto, de que constava missa, sermão e procissão, era participado pelo corpo da Câmara Municipal e deveria repetir-se todos os anos. É o Presidente da Câmara que leva a *Coroa* à igreja no domingo de Espírito Santo e, após a missa, segue-se a coroação. No cortejo incorporam-se todos os funcionários da Câmara e o povo em geral. Actualmente já não há *jantar no Império*. No Faial, também se chamava *Voto da Câmara* ao facto de antigamente todos os funcionários da Câmara Municipal da Horta irem anualmente a pé e descalços à freguesia da Praia do Almoxarife, promessa feita pela Câmara aquando de uma *rebentação de fogo* entre Santa Luzia e Bandeiras, no Pico, em que a lava era tanta que avançava pelo mar fora, vindo já a meio canal em direção à Praia, quando o povo desceu até ao mar com a imagem de Santo Cristo, altura em que subitamente parou o fogo e tudo acalmou.

A festa apresenta, em quaisquer das localidades ou momentos, um ritual minucioso que compreende múltiplas etapas, diferentes muitas vezes, mas obedecendo a uma lógica única para todas as festas. Trata-se, invariavelmente de pagamento de uma promessa, que se faz em duas vertentes: a sagrada, com a coroação como seu ponto culminante ocorrendo invariavelmente na igreja, durante a missa; a profana, com a oferta de alimentos. Estas duas vertentes podem apresentar variações: em alguns lugares, por exemplo, não ocorre mais a *coroação* e o ritual sagrado é substituído pela mudança de responsável pela guarda da *coroa*, sempre com pompa e circunstância e mantendo-se o princípio da reversão de valores, com o poder representado pela coroa exercido por alguém sem título nobiliárquico ou eclesiástico. Também as prestações alimentares podem mudar de nome, de tipos de alimentos e de datas de oferta, mas mantêm-se os princípios da partilha e da abundância.

Além dos já mencionados momentos essenciais e recorrentes – *Abertura e Fechamento da Tribuna, Buscamento, Levantamento e Derrubada do mastro*, daqueles que ocorrem em apenas algumas festas, como o *Roubo do Império* e o *Carimbó das caixeiras* e daqueles que resistem pontualmente em uma ou outra festa, como é o caso da *Prisão*, no Maranhão outras etapas deixaram de ser realizadas e permanecem apenas na memória dos mais antigos. É o caso do *Roubo de Alvorada*, quando as caixeiras buscavam às escondidas o lugar em que estava o mastro da festa de outro terreiro, para cantar Alvorada, o que, em geral, era depois repetido no terreiro que havia promovido o roubo. A dona da casa, tomada de surpresa pelo assalto, tinha que providenciar licores e doces para a ceia das caixeiras. Atualmente, a insegurança do mundo moderno cercou os espaços com muros e portões, impedindo o acesso; além disso, os mastros não são mais fincados todos na mesma época, dificultando essa prática.

Outra tradição hoje quase perdida é a dos pedidos de *Esmola* ou *Tirar jóia*, antigo hábito de saírem as caixeiras, acompanhadas de uma menina que carregava a coroa, de porta em porta, de vilarejo em vilarejo, para pedir a ajuda dos fiéis, em dinheiro ou gêneros alimentícios. As mulheres encarregadas da coleta de donativos são identificadas como mensageiras do Divino Espírito Santo, nos Açores, por um cesto ou açafate forrado com um pano vermelho e contendo uma pequena pomba de madeira pintada de branco (ou por um homem de cabeça descoberta e com um saco às costas e que leva um cetro); no Maranhão, pelo toque das caixas, pelas bandeirinhas brancas ou vermelhas com uma coroa bordada e pela coroa transportada por um “responsável”, contando ainda com a participação do *Vicente*, responsável pelas esmolas em dinheiro,. Em comum, ainda, a variedade de produtos aceitos como contribuição: dinheiro, cereais, frangos, porcos, bois...

Vieira Filho menciona que, meses antes da festa,

[...] percorre as ruas da cidade, principalmente nos subúrbios, o bando do Divino, em algumas áreas brasileiras chamado de *folia*. É uma espécie de bando precatório destinado a angariar recursos para a festa. Compõe-se de duas ou três caixeiras, meninas portando a bandeira do Divino e uma salva de prata com a coroa e a pombinha do Espírito Santo (1977, p. 47).

O mesmo autor havia afirmado anteriormente:

[...] começa com a **folia**, aqui chamada de **barulhos do Espírito Santo**. É uma espécie de bando precatório que percorre as ruas angariando donativos para as festividades. [...] O devoto, ao dar o óbulo, beija respeitosamente a pombinha ou coloca a salva sobre a cabeça para que fique abençoado. As mães fazem o mesmo com os filhos pequenos para que tomem juízo (1974, p. 56, grifos do autor).

Dona Nilza, caixeira do Divino, explica:

A festa do Espírito Santo era feita assim, pedindo esmola, não por necessidade, não por precisão, mas pra ver quem tinha bom coração, porque Deus não tem necessidade, por isso eu lembro quando eu era criança daquelas senhoras indo de porta em porta (PACHECO, GOUVEIA, ABREU, 2005, p. 41).

Também Marques comenta esse costume, dizendo que “Os farranchos percorrem cidades e vilas arrecadando esmola para o dia magno da festa.” (1941, p. 60).

Lima, descrevendo a Festa do Divino em Alcântara, fala dessa

[...] Folia do Divino, constituída de 3 caixeiras (tocadoras de tambor), 3 bandeiras (porta-bandeiras), 1 bandeiro, 2 cidadãos de confiança e carregadores para o transporte das ofertas de toda espécie, e que incluíam galinhas, perus, patos, cofos de farinha, etc. E ainda o “Vicente”, assim chamado o menino que recolhia as esmolas em dinheiro quer fosse Pedro, Paulo ou Simão (LIMA, 1988, p. 22-23).

Os pedidos eram feitos, bem como os agradecimentos pelos bens recebidos, por meio dos versos das caixeiras, como estes:

Espírito Santo pede esmola/ Mas não é por carecer/ É só para experimentar/ Quem seu devoto quer ser
[...]
Senhora dona da casa/ Lhe fiquei muito obrigada/ Quando precisar de nós/ Estaremos a seu lado (PACHECO, GOUVEIA, ABREU, 2005, p. 77).

É ainda Vieira Filho (1954) quem relata uma lenda a respeito do *Barulho do Divino*, que atesta a importância e o misticismo que sustentam a devoção. O autor faz referência ao artigo “Os barulhos do Espírito Santo” de Inácio Raposo, publicado no Diário de São Luís em 15-1-1950. Conta-se que um *Barulho* teve seu pedido de esmolas negado por um fazendeiro rico, mas avarento, que determinou a seus escravos a expulsão do grupo a golpes de pau. A partir de então morre o gado, crestam as plantações de cana e mandioca, secam as cacimbas, racha a terra. Desesperado e arrependido, o fazendeiro manda chamar o grupo, faz os donativos e cessa imediatamente a praga. “É crença arraigada de que aquele que nega uma esmola ao ‘barulho’ sofre duros castigos” (VIEIRA FILHO, 1954, p. 4).

Na Beira, o *Peditório*, feito de porta em porta, também é um dos meios de angariação de fundos (HENRIQUES, 1996, p. 284). Outras formas são o *Ramo*, coleta de produtos para leilão ou arrematação e o *Leilão da perna do andor*, este último recebendo forte oposição por parte da igreja e registrado em apenas uma das localidades beiroas que realizam a festa, Alcafozes, momentos antes de ter início a procissão (HENRIQUES, 1996, p. 285).

Além das formas de angariar fundos definidas acima e que possuem um termo próprio, uma forma menos importante é a cobrança de multas, forma de punição por uma

infração cometida, muitas vezes inadvertidamente, que ocorre em Portugal Continental e no Maranhão – a *Prisão* – não havendo notícia dessa prática nos Açores.

Nas palavras de Dona Fausta:

A prisão era para impor o respeito no tribunal, alguém que estava fumando, pessoas que estavam descompostas, mulheres com o vestido acima do joelho ou com o namorado com a mão no ombro etc... A gente vinha com a bandeira vermelha, cobria aquela pessoa e as caixeiras rufavam as caixas, ou então se prendia com a fita vermelha, o imperador vinha com a imperatriz e amarrava aquela pessoa com uma fita vermelha, então aquelas pessoas que estavam sendo presas recebiam um monte de versos improvisados pelas caixeiras e essa pessoa presa, que eles chamavam de passarinho, teria que dar uma prenda (PACHECO, GOUVEIA, ABREU, 2005, p. 40).

Lima, a esse respeito, menciona dois tipos de *Prisões*: aquela feita pelo descumprimento de alguma regra implícita de respeito à tribuna, como fumar ou cruzar pernas ou braços, assinalada por uma fita no braço e sujeita a multa em dinheiro; há também a *Prisão* dos Mordomos, feita por vassalos por ordem do Imperador, que determina a incorporação dos presos ao cortejo para visitarem o mastro e serem finalmente libertos, não sem antes oferecerem prendas ao Divino (LIMA, 1988, p. 29).

Vieira Filho descreve esse momento da festa, situando-o quando da louvação ao mastro:

Aí ocorre geralmente a **prisão** ou **amarração ao mastro**, que consiste em colocar o convidado escolhido ao lado do mastro e cercá-lo de caixeiras, se não pagar determinada quantia ficará amarrado ao mastro por muito tempo. Paga a carceragem, o herói é louvado pelas caixeiras (1974, p. 58, grifos do autor).

É curioso que os depoimentos sobre esse ritual da festa apresentem interpretações tão divergentes: para um há infratores penalizados; para outro, heróis escolhidos, mas mais importante que o dinheiro arrecadado é a manutenção do ritual, sem alterações, e o respeito a seu caráter sagrado.

Na região das Beiras as multas podem ser por se ter perdido o cravo que enfeitaria a lapela, por se embriagar, por não ser pontual. O pagamento de multas é, em alguns casos, feito em vinho e, em outras localidades, feito em dinheiro que será utilizado para compra de vinho, como em Segura, onde é proibido entrar na sala onde comem os mordomos, voltar as costas à bandeira e utilizar outra cor que não seja o branco para o serviço de mesa – toalhas, pratos e copos.

O hábito de instituir e de cobrar multas pode ser de tal forma importante que exija regulamentação específica, com definição de situações em que deve ser cobrada, anunciadas previamente. É o caso da Zebreira, onde é proibido, sob pena de multa:

- 1 - Tratar por tu qualquer dos confrades. O tratamento durante os actos solenes tem de ser sempre cerimonioso: senhor juiz, senhora tesoureira, etc.
- 2 – Apresentar-se em qualquer acto solene com algum botão desapertado, ponta do lenço à vista, ou alfinete pregado na gola do casaco.
- 3 – Os mordomos devem usar obrigatoriamente gravata no Domingo do Espírito Santo.
[...]
- 4 – Pagam multa todos os que deixarem cair gota de vinho ou pingo de mel sobre a toalha durante as refeições na casa da tesoureira.
- 5 – Pagam igualmente multa os que se enganarem nos vivas que dão no momento de beberem o vinho durante as mesmas refeições (HENRIQUES, 1996, p. 246).

No Maranhão, as multas aplicadas de surpresa, em casos considerados como de desrespeito ao ritual, representam mais uma brincadeira do que uma punição. O responsável pela cobrança das multas, risonho e brincalhão, anuncia a prisão e suas razões, amarrando uma fitinha vermelha no braço do infrator, que fica impedido de sair do espaço onde está até o pagamento da multa, em valores não definidos.

Também pode ser considerado pagamento de multa a *Prenda*, paga pelo *Passarinho* para ser libertado do *Mastro* onde esteve amarrado, como é costume em Alcântara.

A festa do Divino tem início, em termos práticos, no último dia da festa anterior, quando ocorre sorteio dos *Pelouros*, nos Açores e em Alcântara ou o *Repasse* ou *Passamento das Posses*, ou seja, quando o Império entrega as insígnias que caracterizam a função de cada membro aos que exercerão as funções no ano seguinte. No Maranhão, é também o momento em que se agendam as reuniões preparatórias para definição de responsabilidades, reuniões estas que contam com a participação dos pais das crianças que formarão o Império, dos *Padrinhos* – do *Mastro*, do *Mastaréu*, da *Tribuna* – e do dono ou dona da festa. Nos terreiros, é o(a) *Festeiro(a)* quem define: a participação e contribuição de cada um, em dinheiro ou gêneros alimentícios, as cores do vestuário de cada um dos membros do império e da decoração, os dias e horários de cada etapa da festa.

É preciso ter o cuidado de não melindrar os membros do *Império*, mas procurando estabelecer limites para que a hierarquia seja respeitada e não haja, por exemplo, um mordomo mais bem vestido do que o *Imperador*. O mesmo cuidado tem que ser tomado com relação às mesas de doces. Os *Padrinhos do mastro* oferecem bebida.

Os cargos da festa também são definidos em reuniões. Além dos cargos principais de *Imperador* e *Imperatriz*, existem ainda os *Mordomos* e *Mordomas régios(as)* e *mor*.

A ordem hierárquica dos *Mordomos* pode variar; em alguns terreiros os mais importantes são os régios mas podem ser também o *Mordomo* e a *Mordoma-mor*, como pode

ainda multiplicar-se o número de *Mordomos*: celestes, de linha, baixos, segundo e terceiro-mor, por exemplo. Alguns terreiros, embora não sejam os mais numerosos, substituem o *Imperador* e a *Imperatriz* pelo *Rei(s)*²⁰ e a *Rainha*. Além dos cargos principais e essenciais, que compreendem também o *Mestre-sala*, as *Bandeirinhas*, o *Bandeireiro*, o *Juiz*, pode haver ainda crianças vestidas de anjo representando a Fé, a Esperança e a Caridade.

Outro aspecto curioso da festa no Maranhão é a sua eventual associação a outros santos como Nossa Senhora de Fátima, Santana, São Benedito, São Luís. Essa associação pode influenciar a escolha das cores ou o modelo das roupas. Na festa do Divino que homenageia, paralelamente, São Luís, a decoração é predominantemente em azul, vermelho e branco, cores da bandeira francesa, e as roupas do imperador seguem o modelo que se presume ter sido aquele adotado pelo rei francês, enquanto a coroa segue o modelo de coroa real e não o de coroa imperial. A associação da festa do Divino às festas de outros santos pode determinar também uma multiplicação dos Impérios, acrescentando-se um para cada santo homenageado, mas em geral essa associação ocorre para reduzir despesas. Gouveia registra que “[...] é o caso da festa de dona Nilza, onde se festeja ao mesmo tempo Espírito Santo, Nossa Senhora de Fátima e São Benedito, cada um tendo seu império próprio, formando ao todo 27 crianças” (2001, p. 54). Em geral os donos da festa alegam não promover mudanças por terem herdado as orientações para sua realização, não lhes cabendo inventar nada. No entanto, as associações das comemorações dos santos à festa do Divino são exemplos de uma dinâmica social que exige mudanças. Barbosa comenta que “Dona Jacy tem uma compreensão muito feliz desse processo. Ela diz que ‘o Espírito Santo não deixou livro...’” (2005, p.36). Em entrevista concedida a Gouveia em 14/09/95, mãe Elzita descreve como começou a festa de Sant’Anna, associada em seu terreiro, denominado Fé em Deus, à do Divino por determinação de sua entidade, Surrupirinha, mensageiro da casa:

Surrupirinha mandou que eu ficasse esperando na porta com a bandeira dela. Nesse dia foi tanto choro, tanto sentimento, mas começou a festa de Sant’Anna. Teve já a menina de rainha, o menino de reis e aí nós fomos levantando a festa de Sant’Anna aqui na casa. Foi assim... (GOUVEIA, 1997, p. 66).

Mãe Elzita, na mesma entrevista, havia esclarecido que:

A festa é de Sant’Anna, mas também é do Divino, porque tem caixa, tem império e tem mastro e, a partir daí, já é Divino. Agora, o lado certo mesmo é Sant’Anna (GOUVEIA, 1997, p. 63).

²⁰ A respeito da insólita designação no plural para um único indivíduo, vale mencionar que essa mesma designação foi registrada por Meyer (2001) a respeito do imperador Carlos Magno em congadas.

Além da associação a santos do panteão católico, no Maranhão, frequentemente, a festa está diretamente relacionada a entidades espirituais cultuadas no terreiro:

- no terreiro da Fé em Deus, a Vó Missã, vodum recebida pela mãe de santo de D. Elzita;

- na Casa das Minas, a Nochê Sepazim, princesa real, filha do rei Dadarro, casada com o príncipe Daco-Donu, que adora o Espírito Santo;

- na Casa Fanti-Ashanti, ao encantado Corre-Beirada, caboclo nobre, filho de D. Luiz, rei de França;

- na Casa de Nagô, a pedido de D. Sevana, nobre princesa da casa, já idosa, recebida raramente pela dançante Maria Silva ou para homenagear Nanã (GOUVEIA, 2001, p. 42).

O momento inicial da festa é designado pela expressão *Abertura da Tribuna*, momento em que são transportados os principais objetos rituais – a coroa real, a pomba, a bandeira real e as bandeirinhas para o salão principal da casa, a tribuna, luxuosamente decorada e onde ficam o altar do Divino e as cadeiras que serão ocupadas pelos membros do Império. Estas cadeiras ou tronos estão dispostos no topo de degraus, de forma a evidenciar a hierarquia rigorosamente respeitada, colocando-se sempre no lugar mais alto o imperador e a imperatriz, quando a houver, já que algumas festas, como a de Alcântara e a realizada em Paço do Lumiar pela Irmandade do Espírito Santo, alternam imperadores e imperatrizes. As caixeiros e donas de festa mais tradicionalistas lamentam as mudanças de datas e o desrespeito ao ritual, já que muitos terreiros colocam a pomba simbólica no altar sem aguardar os cânticos das caixeiros, chamando o Divino para comparecer à festa. A *Abertura da Tribuna*, antigamente, acontecia no Domingo da Ressurreição ou Domingo de Páscoa, atualmente ocorre dez ou quinze dias antes da missa dos impérios. Alguns terreiros mantêm a *Abertura da Tribuna* na data convencional, mas o festejo só começa muito depois (GOUVEIA, 2001, p. 49).

O momento de *Abertura da Tribuna* é considerado pelas caixeiros como de grande responsabilidade, pois determina e anuncia como a festa decorrerá, como afirma Dona Luzia:

O momento de abrir a tribuna é realmente o que mais me emociona, me faz chorar, porque é muita responsabilidade você chamar Deus para a terra, e nesse momento é isso que nós caixeiros fazemos [...] quer dizer, nós simples mulheres mortais, louvando ao Espírito Santo e ele vindo nos atendendo. (PACHECO, GOUVEIA, ABREU, 2005, p.20).

O segundo momento da festa é o do *Buscamento e Levantamento do mastro*, que a partir de então passa a identificar, mesmo de longe, o lugar onde se realiza a festa. O *Mastro* é

um dos símbolos mais marcantes da festa, e sua importância pode ser avaliada pelo cuidado na escolha – precisa ser um tronco de árvore liso, reto, de 6 a 7 metros de altura. O tronco, dependendo da casa que promove a festa, pode ser pintado de branco e azul ou de branco e vermelho, ou ser recoberto de murta e decorado com frutas e garrafas de bebida. O mastro tem padrinhos que bancam as despesas e o batizam aspergindo água benta com raminhos de arruda, quando recebe o nome de *Manuel da Vera Cruz*, se a festa ocorre em maio, ou de *João da Vera Cruz*, se a festa ocorrer em junho. No momento do batismo, os padrinhos, que podem ser perpétuos ou não, conforme a promessa feita, recebem uma toalha branca e uma vela, bem como galhos de arruda para aspergir o mastro, e são acompanhados pelo canto das caixeiras

Depois de colocar o mastro em pé, é tocada a *Dança das Caixeiras*.

Segue-se, no salão da tribuna, uma ladainha e um jantar, bancado pelos padrinhos do mastro. A partir do levantamento do mastro algumas obrigações terão que ser cumpridas, como é o caso do toque de caixa conhecido como *Alvorada*.

Durante a semana principal da festa ocorrem as *Visitas dos Impérios*, oportunidade em que as crianças que formam o império recebem em suas casas, aos pares ou individualmente, a visita dos outros membros da corte imperial para um lanche de doces, salgadinhos e refrigerantes. As caixeiras também acompanham as visitas, tocando na porta e cantando e dançando no interior das casas visitadas.

Em Alcântara, o *Mestre-Sala do Mordomo-Régio* pede autorização para a *Visita*, que ocorre à noite, quando o cortejo vai à casa de cada *Mordomo* até chegar à casa do *Imperador*, sempre sob fogos de artifício e com as caixeiras.

O momento mais importante da festa do Divino é quando ocorre a *Missa* e a *Cerimônia dos Impérios*, em geral no Domingo de Pentecostes. Vale lembrar que também esta data vem sendo alterada, em função da associação às festas de santos homenageados.

A missa tradicional acontece na igreja católica escolhida e depende da aceitação do pároco. Vieira Filho menciona também uma missa na quinta-feira de Ascensão, além da missa solene do domingo seguinte (1977, p.48). As festas realizadas em São Luís, em sua maioria realizadas por terreiros, nem sempre contaram com aceitação e permissão de entrada nas igrejas, havendo registro até de violência física. Atualmente, algumas igrejas vêm aceitando a presença do império e até que os cânticos sejam acompanhados pelo toque das caixas no interior do templo, como afirma Pai Euclides, da casa Fanti-Ashanti:

Hoje em dia já se faz tudo dentro da igreja, mas isso é recente, até pouco tempo atrás tinha padre que não consentia o império de terreiros nas igrejas. Se ficava do lado de fora, na praça, quando a missa acabava a gente reunia os impérios e cantava para o

cortejo. Comigo aconteceu foi muito, mas teve vez que deu briga mesmo, ia em cima e em baixo, e se você perguntar, muitos chefes de casa vão dizer isso também. Agora, hoje tem alguns, como na igreja de São João, de Santana, que permitem rufar as caixas dentro da igreja. (PACHECO, GOUVEIA, ABREU, 2005, p.29).

Em Alcântara, a festa não tem relação direta com os terreiros e a presença da igreja católica é muito forte, mas também aí a presença das caixeiras é fundamental. Elas iniciam o dia festivo com o toque da alvorada, saudando o mastro, e acompanham o cortejo do império até à igreja. Durante a missa podem ser solicitadas a acompanhar os cânticos religiosos e após o final da missa saúdam e agradecem ao padre, com versos em que pedem graças e proteção ao Divino:

*O padre que disse a missa/ Divino vai lhe ajudar/ Lhe dando anos de vida/
Para na vida passar* (PACHECO, GOUVEIA, ABREU, 2005, p. 59).

Na saída da igreja, em sinal de respeito, as caixeiras recuam sem virar as costas ao altar. Na saída canta-se *Viva o Hino*, cântico de agradecimento e louvor ao Espírito Santo, como este de Dona Jacy:

*Eu olhando para o céu,/ Eu vi uma estrela brilhando/ Da igreja vem saindo/ Divino
Espírito Santo* (GOUVEIA, 2001, p. 53).

O cortejo, que vai até da igreja à casa da festa, tem grande participação popular e é acompanhado por bandas de música e foguetes. Pode ocorrer o encontro dos cortejos de duas casas. O cortejo do Divino da Casa das Minas, frequentemente, encontra-se com o da Casa de Nagô, ocorrendo então a cerimônia de cruzamento das bandeiras. Cruzam-se as bandeiras, “desencruzam-se” e os cortejos separam-se e seguem seus caminhos até às casas. É costume também, em Alcântara, no sábado, como na Casa das Minas, depois da missa, oferecer esmolas aos pobres: “[...] a carne do boi sacrificado, pequenos feixes de lenha, dinheiro, pão, gêneros diversos, tudo acondicionado em pacotes, caixas, cofos, ornamentados sob motivos diversos: barcos, cestas, flores, etc.” (LIMA, 1988, p. 32).

Na chegada à casa, as caixeiras retomam os toques com o *Espírito Santo Dobrado*, para solicitar à dona da casa que receba o Império, como neste exemplo de Dona Jacy:

*Senhora dona da casa,/ com prazer no coração,/ receba Espírito Santo/ que da
missa está chegando* (GOUVEIA, 2001, p. 55).

É antes da entrada que, na Casa das Minas, são distribuídas as esmolas a doze pobres:

“como se fossem os doze apóstolos, como nos disse Dona Celeste [...] Aqui em casa, antes de entrar com a missa para a visita do mastro, eu distribuo uma cesta básica para os pobres, eu mando fazer umas sacolas onde coloco a pombinha e o dizer “Viva o Espírito Santo.” (GOUVEIA, 2001, p. 56).

Então as caixeiras entram, dão três voltas em torno do mastro e dirigem-se todos à tribuna.

As caixeiras orientam, em versos, o mestre-sala, que deve acomodar as crianças que formam a corte nas cadeiras próprias. Todos acompanham então a rezadeira, que profere a ladainha e diversos *Benditos*, cânticos em louvor de santos católicos. Segue-se o toque *Santana*, a salva em agradecimento à rezadeira e as orientações ao bandeireiro para que conduza a comitiva para o almoço:

Bandeireiro, bandeireiro/ Cumpra a sua obrigação/ Chame todos os impérios/ Reúna seu batalhão (PACHECO, GOUVEIA, ABREU, 2005, p. 31).

Durante todo o almoço as caixeiras tocam *Santana*, comentando a refeição servida inicialmente às crianças da corte imperial, acompanham-nas depois ao salão, onde aguardam o convite para o almoço, não sem antes fazerem uma última saudação ao Divino e se despedirem do Império. Depois do almoço das crianças e das caixeiras, quando o Império, despidas as roupas rituais, descansa um pouco, ou brinca no quintal, é servido o almoço a todos os presentes. A mesa é farta e variada – tortas de camarão e carne, frango desfiado, carne de boi e porco, vatapá, macarrão, arroz, farofa, salada e refrigerantes. Em geral o almoço é acompanhado por música animada – pagode ou radiola de reggae – e há consumo de bebidas alcoólicas, vendidas ou oferecidas ao público. Vieira Filho menciona, entretanto, que “Finda a louvação é servida aos presentes que confraternizaram com os impérios farta mesa de ‘doces de espécie, pastilhas e licor de jenipapo’.” (1977, p. 48), o que pode ser explicado pela informação colhida na Casa de Nagô, de que, dependendo da hora de retorno da missa, pode haver um lanche, antes do almoço.

As casas dos festeiros, em São Luís e em Alcântara, são caprichosamente decoradas nas cores adequadas a cada uma das funções do ritual.

À tarde, recomeça o ritual com toques de caixa, convocando o império a retomar seus lugares na tribuna, são feitas saudações ao *Mastro* com a participação do *Império* até às seis da tarde, quando se faz o toque da *Alvorada*, a que se segue a *Dança da Caixeiras*, repetindo-se todo o ritual da manhã. Depois do jantar, enquanto os convidados jantam, todo o império ocupa as suas cadeiras para a recitação da ladainha:

Quem rezou a ladainha/ Lá no céu tem seu valor/ Uma cadeira de ouro/ Do lado de Nosso Senhor (PACHECO, GOUVEIA, ABREU, 2005, p.31).

As atividades do dia encerram-se quando as caixeiros “arreiam” as caixas no chão, após os versos de agradecimento aos que acompanharam a reza, o louvor aos membros da tribuna e o agradecimento ao Divino Espírito Santo. Resta proceder ao derrubamento do mastro, mas algumas casas realizam ainda o chamado “roubo do império”, ritual curioso, hoje caindo em desuso por ser, em geral, demorado e cansativo. Consiste em recuperar peças das vestimentas, objetos rituais – as insígnias – e bandeiras, previamente distribuídas e escondidas nas casas da vizinhança. Ao império cabe sair em cortejo, de casa em casa, usando roupas menos vistosas, mas ainda assim luxuosas, para recuperar os objetos roubados e alguns donativos para a festa. As caixeiros e eventualmente bandas de música alternam-se no acompanhamento do cortejo, mas cabe sempre às caixeiros solicitar, em versos improvisados, a devolução dos objetos.

O *Derrubamento do mastro* marca o encerramento da festa. Antes que se inicie a derrubada acontece, em algumas casas a cerimônia do *Serra-o-pau* ou *Serra-toco*, quando as caixeiros e alguns convidados simulam cortar o mastro dando, cada um, três leves golpes de machado no tronco. Só então começa o processo de *Derrubamento*, cerimônia que exige força e destreza, para evitar a queda brusca do mastro. Usando cordas e tesouras para sustentá-lo, os homens cavam o buraco onde estava fincado o mastro e, lenta e cuidadosamente, deixem que ele se incline progressivamente, enquanto as mulheres acompanham a cerimônia tocando *Nossa Senhora da Guia* e lamentando a derrubada:

Se eu pudesse, Oliveira,/ Tu não ias para o chão/ Mas tu vais ficar guardado/ Dentro do meu coração (PACHECO, GOUVEIA, ABREU, 2005, p. 35).

A queda do mastro é comemorada com palmas, foguetes e com bebidas como vinhos e espumantes, a que se segue uma ladainha e o jantar. Retorna-se então ao salão da festa onde se procede ao *Repasse das posses reais* pela caixeira-régia. É um momento emocionante que frequentemente leva as crianças e os assistentes às lágrimas, emocionados com a despedida.

É uma cerimônia lenta, solene e demorada, já que, depois dos cânticos entoados coletivamente, a caixeira-régia orienta, em versos, a descida da tribuna de cada um dos participantes, e a retirada de cada uma das insígnias, para serem entregues ao participante da mesma função para o ano seguinte. Nesse momento o cântico usual é o *Bendito de Hortelã*, aqui em versão de Dona Dica:

Deus salve o hortelã/ Salvador da boa fé/ Se por cá não viu passar/ Bom Jesus de Nazaré/ [...] / A tribuna estou fechando/ Quem mandou foi o Divino/ Vós me enrole os estandartes/ E também as bandeirinhas (PACHECO, GOUVEIA, ABREU, 2005, p. 61).

A cerimônia termina com o canto da caixeira para os demais festeiros, incluindo os padrinhos do mastro e da tribuna, anunciando a última etapa da festa, o *Fechamento da Tribuna*, quando são guardados todos os objetos da festa, para uso no ano seguinte, como descreve Dona Lalá, caixeira do Divino:

É bonito mas também causa tristeza na gente, porque a festa está terminando e você vai deixar as colegas pra trás. Mas quando você olha pra trás e vê que tudo deu certo, que é mais uma missão cumprida, aí o choro é de alegria, porque você sabe que no próximo ano pode estar ali de novo, junto com suas companheiras. Porque no fundo a festa é nossa diversão, é onde a gente deixa os problemas de lado, e junto com as amigas fazemos a fuzarca, elas são nossa outra família, a família da festa (PACHECO, GOUVEIA, ABREU, 2005, p. 37).

Em geral, o *Fechamento da Tribuna* encerra o ritual de obrigações a cumprir para a realização da festa, mas a festa propriamente dita termina com o *Carimbó das caixeiros*, antecedido pelo *Serramento do mastro*. As caixas podem ou não ser tocadas – na Casa das Minas, por exemplo, o *Serramento do mastro* ocorre ao som de palmas. Antigamente, na casa das Minas, o mastro era serrado em pequenos pedaços depois distribuídos a todos os assistentes, começando pelos membros do Império. Atualmente é serrado em dois grandes pedaços que servem de sustentação à cazeira sagrada que existe no pátio da casa.

Há coincidência entre algumas das etapas da festa que ocorrem no Maranhão e aquelas realizadas nos Açores. Embora se perceba, no arquipélago, uma simplificação do ritual, a festa prolonga-se, em razão da existência frequente de um imperador para cada uma das domingas da festa.

A festa, como no Maranhão, inicia-se no ano anterior, quando se faz a extração dos *Pelouros* que definirá as responsabilidades de cada. Apenas nas Beiras há outra maneira de proceder à escolha, pela *Roda*, que possibilita a participação de todas as famílias a espaços mais ou menos regulares de tempo. Também em Portugal a coleta de oferendas ocupa muitos dos participantes e apresenta várias formas, das quais se destacam as doações e os leilões. Multiplicam-se *Peditórios*, *Esmolas*. *Corre-se migalha* e faz-se até *Leilão da perna do andor*, para garantir a fartura de alimentos que caracteriza a festa.

Como no Maranhão, o momento principal da festa ocorre no domingo, em especial o de Pentecostes, com a *Coroação*. A cerimônia tem em comum com a festa do Maranhão o fato de ser realizada na igreja, durante a missa, e ser precedida e sucedida por

cortejos solenes. Não há, no entanto, nos Açores, em todas as festas a mesma teatralidade que se vê no Maranhão, com o vestuário rebuscado e a multiplicação de membros da corte imperial que ladeiam o imperador e a imperatriz. Nos Açores, as roupas são de festa, mas são geralmente as chamadas roupas de domingo, ternos clássicos e gravata, vestidos de festa, raramente longos ou rebordados. O cortejo tem elementos e disposição originais, com a delimitação de espaços e definição de funções pelas *Varas*. Além disso, há uma frequência maior desses cortejos, que acompanham as mudanças, de bandeira e de coroa, já que cada imperador só exerce essa função durante uma semana.

Outro aspecto comum, além da *Coroação* e dos *Cortejos*, é a distribuição de alimentos, que ocorre de forma mais ritualística e precisa nos Açores, onde há quantidades e tipos de pão definidos para as situações e destinatários, os pratos servidos são típicos da festa e há uma maior variedade de oportunidades de oferta desses alimentos, com distribuição de *Corridas* e *Esmolas* ou *Dispendendo o bodo*.

As visitas recíprocas de *Mordomos* e *Imperador* repetem-se nos Açores, principalmente na visita ao Mordomo, para levar-lhe ajuda no provimento de gêneros para as refeições necessárias, e entre impérios que realizam festas na mesma ilha, no mesmo domingo.

Há atividades que se repetem durante várias noites, como as alumiações, que consistem em acender velas no trono, nas noites de todos os sábados que antecedem as coroações, e outras que ocorrem apenas esporadicamente e não em todas as freguesias, como no caso da *Cerimônia do Pão-da-Vitória* realizada na Ilha das Flores, em razão da crença dos poderes milagrosos do pão, ou o *Noivado*, também nas Flores, quando é permitido que uma jovem proponha noivado ao primeiro rapaz que encontre, festejando ambos e comportando-se como noivos legítimos, caso este aceite a proposta.

A festa acaba com a *Descoroação*, que corresponde ao *Passamento das posses* ao imperador que substituirá o atual.

5.1.2.1 Os termos do ritual da festa – complexidade na alegria e na obrigação

Quadro 14 – Ciclo da festa

TERMO	DEFINIÇÃO	OUTRAS INFORMAÇÕES
ABERTURA DA TRIBUNA	No Maranhão, ritual inicial da festa que consiste em instalar os símbolos no salão decorado, ao	“[...] <a abertura da tribuna> nós botamos tudo que estava guardado: as bandeirinhas,

	toque das caixas (FSR, p. 85).	<i>bandeira, a coroa e ficamos tocando as caixa [...]</i> ” (Dona Celeste - CMFI, p. 119).
ABERTURA DA MESA	Nos Açores, espécie de cerimônia feita pelos <i>Foliões</i> antes do <i>jantar</i> do Espírito Santo (JSB, p. 38).	
ABRIR A BANDEIRA	Nos Açores, ter o Espírito Santo em casa (JSB, p. 40).	
ALMOÇO DOS IMPÉRIOS	No Maranhão, almoço oferecido, pela casa que festeja o Divino, ao império das crianças e depois a todos os presentes (FSR, p. 85).	<i>“Novamente em São Luís , na Casa Fanti Ashanti, gravamos o <Almoço dos Impérios> e o Passamento das Posses”</i> (MB, p. 15).
ALUMIAÇÃO	Nos Açores, costume de acender, à noite, as velas do trono, nos sábados que precedem as sete domingos (MBS, p. 27).	
AMARRAÇÃO AO MASTRO	No Maranhão, ritual em que convidados escolhidos são levados até o mastro onde permanecem até pagarem a prenda (FSR, p. 88).	<i>“Aí ocorre geralmente a prisão ou <amarração ao mastro>, que consiste em colocar o convidado escolhido e cercá-lo de caixeiras”</i> (DVF1, p. 58).
ARMAR CANTIGA	Nos Açores, cantar os versos de uma cantiga, que os outros vão repetindo em coro – Graciosa (JSB, p. 78).	
ARREMATACÃO DAS OFERENDAS	Nos Açores, adjudicação em leilão das ofertas do Império (MBS, p. 31).	Algumas destas ofertas resultam de promessas feitas em momento de doença ou aflição – São Miguel, Flores, Corvo, Pico, Faial (MBS, p. 31).
ASSENTAR A IRMANDADE	Nos Açores, nome que nas Flores se dá ao acto de arrolar a quantidade de carne que cada <i>Irmão do Espírito Santo</i> deseja receber no sábado de Espírito Santo (JSB, p. 83).	
ASSENTAR POR IRMÃO	Nos Açores, registar o nome para ser considerado Irmão de uma Irmandade do Espírito Santo (JSB, p. 83).	
BANDO	Nos Açores, recitação, nos sábados que precedem as domingos do Espírito Santo e da Trindade, de loas que anunciam a festa e satirizam factos e pessoas da freguesia (MBS, p. 38).	O bando é recitado por uma personagem vestida de claro, montada num cavalo, acompanhada de uma segunda personagem, representando um velho andrajoso – o velho do bando – que comenta

		ironicamente as quadras recitadas pelo cavaleiro – São Jorge (MBS, p. 38).
BATISMO DAS CAIXAS	No Maranhão, cerimônia de batismo das caixas, que inclui o uso de toalha, vela, água benta, e a presença de padrinhos; nessa cerimônia, as caixas recebem nomes (FSR, p. 91).	“O <batismo das caixas> costuma ser feito no levantamento do mastro”. “[...] <batismo de novas caixas>, recebendo por exemplo nomes como <i>Saudade e Recordação</i> ” (SFF1, p. 167).
BATISMO DO MASTRO	No Maranhão, cerimônia de batismo do mastro, que consiste em aspergir água benta com ramos de murta, pelos padrinhos (FSR, p. 91).	“Quarta-feira véspera da Ascensão, é o dia do <batismo (e do levantamento) do mastro>” (SFF1, p. 167).
BATIZADO DO MASTRO	No Maranhão, outro termo para <i>Batismo dos Mastros</i> (FSR, p. 92).	Trecho de cântico para o batizado do mastro: “ <i>Te batizo Oliveira/ Com toda a tua formosura/ Não te dou os santos óleos/ Porque não és criatura</i> ” (PGA, p. 24).
BEZERRADA	Nos Açores, [...] passeio dos <i>gueixos</i> que vão ser abatidos. [...] a bezerrada realiza-se na quinta-feira que precede cada coroação (MBS, p. 39).	Os bezerros, antes de serem sacrificados, correm as ruas da freguesia, ao som do Pèzinho dos bezerros, enfeitados com boninas e com flores de papel, coladas ao pelo com alcatrão, levando presa na testa uma coroa ou uma pomba de cartolina branca. Chegados à casa do Imperador, fazem ajoelhar os bezerros e aquele abençoa-os, tocando-os com o ceptro, num movimento de cruz na testa e no lombo; <i>O bezerro enfeitado/ Com boninas amarelas/ e as meninas estão vendo/ Debruçadas às janelas</i> (MBS, p. 39).
BRINDAR A MESA	Nos Açores, ato de fazer brindes com um só copo de vinho ou aguardente, o qual circula, em cima de um prato, ao redor da mesa, para que cada convidado possa levantar um brinde. Após o brinde, cada convidado lança ao prato algum dinheiro destinado aos foliões (MBS, p. 45).	

BUSCAMENTO DO MASTRO	No Maranhão, ritual festivo e processional de transporte do mastro, sobre os ombros de participantes (FSR, p. 92).	Para buscar o mastro, as caixeiras cantam: “ <i>Senhora dona da festa/ Foi agora que eu cheguei, Pra buscar o vosso mastro/ Onde se encontra não sei</i> ” (MB, p. 153).
BUSCAR A SANTA COROA	No Maranhão, ritual de visita entre impérios de casas diferentes (FSR, p. 93).	“ <i>O império da Casa de Nagô vai visitar o da Casa das Minas. Diz-se que vai <buscar a ‘santa coroa’></i> ” (SFF1, p. 172).
BUSCAR O SENHOR ESPRITO SANTO	Nos Açores, buscar a <i>Coroa</i> do Espírito Santo e as Bandeiras onde estão nesse momento, para os levar para outro lugar, geralmente acompanhados pelos cânticos dos Foliões (JSB, p. 27).	
CANTORIA DO TERÇO	Nos Açores, cerimônia em que se reza o terço (AAF, p. 177).	
CERIMÔNIA DO PÃO DA VITÓRIA	Nos Açores, cerimônia que consiste na distribuição de fragmentos de um pão ázimo, o Pão da Vitória, ou Pão-de-Bodo, feito por ocasião das festas do Espírito Santo e benzido pelo pároco. Os fragmentos são beijados e guardados nas casas, junto aos oratórios (JSB, p. 170).	
CIGANAGEM	No Maranhão, tradição que consiste na recolha de pequenas contribuições em dinheiro ou gêneros, durante a festa, realizada por adolescentes e jovens (FSR, p. 97).	“ <i>No sábado seguinte, durante o dia, mocinhas e crianças, sempre acompanhadas das caixeiras, se entregam à <‘ciganagem’>, novo recolhimento de pequenas oferendas: um maço de folhas de vinagreira para o arroz-de-cuxá, dois limões para a batida, uma talhada de jerimum e uma garrafa de cachaça</i> ” (CL, p. 29).
CONTINÊNCIA	Nos Açores, mesura, vênica, que os Cavaleiros fazem sempre à porta do Império (JSB, p. 188).	
COROAÇÃO	Nos Açores, ato no qual a coroa é colocada na cabeça do <i>Imperador</i> ou da criança que o substitui nessa solene ocasião (MBS, p. 71).	<i>Meu nobre Imperador/ já vindes da coroação/ com o mais nobre penhor/ da mais celeste benção</i> (MBS, p. 70).
COROAR, CROAR.	Nos Açores, outra designação para <i>Coroação</i> (MBS, p. 71).	“ <i>Domingo de Espírito Santo/ Teve um grande paladar/ Logo</i>

	No Maranhão, ritual de coroação do Imperador e/ou imperatriz, realizado pelo padre durante a missa (FSR, p. 99).	<i>no entrar da missa/ Quando o padre vai <croar>”</i> (MB, p. 156).
CORRER IMPÉRIOS	Nos Açores, visita a todos os Impérios que, na mesma ilha, se realizam em cada <i>dominga</i> (MBS, p. 72).	
CORRER A MIGALHA	Nos Açores, recolha feita pelos <i>Foliões</i> , constituída por ofertas de frangos, massa, fruta, favas, batatas, morangos, abóboras e outros gêneros que serão depois arrematados para ajudar as despesas do império (MBS, p. 72).	
CORRER OS BODOS	Nos Açores, outra designação para Correr os Impérios – Terceira (MBS, p. 72).	Na Terceira, as visitas realizam-se nos domingos de Pentecostes e da Trindade, num circuito completo que abrange todas as freguesias da ilha (MBS, p. 72).
CORRIDA	Nos Açores, distribuição de bebida e de <i>massa-sovada</i> aos presentes nas festas do Espírito Santo (JSB, p. 192).	
CORTEJO	Nos Açores, marcha processional em direção à igreja ou à ermida onde se realiza a coroação [...] marcha de regresso à casa do Imperador, a qual finaliza com a Descorinação (MBS, p. 73); No Maranhão, percurso, organizado, da igreja à casa da festa, depois da missa, com a presença do Império (FSR, p. 99).	“O <cortejo> é acompanhado pelas caixeiras, pelos parentes das crianças, por pessoas da casa e amigos” (SFF1, p. 170).
CORTEJO DAS COROAS	Em Portugal Continental, [cortejo durante o qual] três coroas de prata “outrora do imperador e dos dois reis”, as quais, em bandejas do mesmo metal ou “salvas cobertas por panos vermelhos adamascados”, são processionalmente conduzidas pelas ruas, em Domingo de Páscoa, [...], anúncio da Festa dos Tabuleiros [em Tomar] (MMS, p. 265).	

DEITAR ALVORADA	Nos Açores, Cantar uma Alvorada, o que é feito pelos foliões, nas festas do Espírito Santo (JSB, p. 208).	
DERRUBADA DO MASTRO	No Maranhão, ritual de retirada do mastro que marca o encerramento da festa (FSR, p. 100).	Cântico para a derrubada do mastro: “ <i>Nas horas de Deus amém/ nas horas de Deus será/ Já está chegando a hora/ do mastro nós derrubar</i> ” (MB, p. 153).
DESCANTAR	Nos Açores, cantar, em honra do Espírito Santo (JSB, p. 212).	
DESCANTAR À COROA	Nos Açores, outra designação para <i>Descantar</i> (JSB, p. 212).	
DESCOROAÇÃO	Nos Açores, cerimônia que consiste na entrega, sob ritual preciso, das insígnias, pelo Imperador, colocando-as sobre o trono (MBS, p. 81).	<i>Meu nobre pagem da coroa/ Bem no podeis descoroar/ Tirai-lhe a Divina Coroa/ Ponde-a no seu lugar</i> (MBS, p. 81).
DESPENDER A SORTE	Nos Açores, cumprir a última parte de uma promessa do Espírito Santo (JSB, p. 216).	
DISPENDER O BODO	Nos Açores, oferecimento formal ao Espírito Santo das promessas recolhidas na véspera, seguido de uma eventual distribuição, entre as pessoas presentes, de fatias de <i>massa-sovada</i> (JSB, p. 223).	
DISPOR A COROA	Nos Açores, colocação da Coroa no altar, no acto da descoroação (MBS, p. 83).	<i>Com gosto vos vou dispor/ Coroa santa e bendita/ e abençoai-nos senhor/ Com a vossa benção infinita</i> (MBS, p. 83).
DISTRIBUIR ESMOLAS	Nos Açores, distribuir as esmolas pelas casas, ou seja, o pão, a carne, nalguns lugares o vinho, pelas festas do Espírito Santo (JSB, p. 223).	
ENTOADA	Nos Açores, outra designação para Cantoria do terço – Pico – (AAF, p. 177).	
ENTERRO DOS OSSOS	No Maranhão, o dia seguinte à festa, quando se faz a limpeza da casa e a distribuição das sobras (FSR, p. 103).	“ <i>Para ser considerada boa, a festa do Divino deve ter alimento em abundância, para todos e que sobre para o ‘lava-pratos’ e para o <‘enterro dos ossos’> nos dias seguintes</i> ” (SFF2, p. 176).
ENFENAR	Nos Açores, hábito antigo de	Desse hábito decorre o provérbio

	juncar de <i>feno</i> (caruma de pinheiro) o chão térreo do <i>meio-da-casa</i> , onde se armava o <i>trono</i> , nas casas onde se festejava o <i>Esprito Santo</i> (JSB, p. 236).	<i>Em casa de Mordomo, feno à porta</i> (JSB, p. 236).
ENTREGA DAS POSSES	No Maranhão, outro termo para <i>Repasse das Posses Reais</i> (FSR, p. 103).	“ <i>Há ainda a cerimônia de <entrega das posses> do império</i> ” (SFF1, p. 172).
ESMOLA	Nos Açores, também chamada <i>pensão</i> , é a oferta dada por ocasião das festas do Espírito Santo (JSB, p. 248); No Maranhão, pedido de colaboração em dinheiro ou gêneros alimentícios para a realização da festa (FSR, p. 104).	“ <i>Espírito Santo pede <esmola>/ Mas não é por carecer/ É só pra experimentar/ Quem seu devoto quer ser</i> ” (PGA, p. 77).
EXTRAÇÃO DOS PELOUROS	Nos Açores, sorteio entre os <i>Irmãos</i> , feito pelas festas do Espírito Santo, para se saber a quem toca realizar a festa no ano seguinte – Terceira (JSB, p. 259).	
FECHAMENTO DA TRIBUNA	No Maranhão, cerimônia de encerramento da festa (FSR, p. 106).	Cântico para fechamento da tribuna: “ <i>Sete cravo e sete rosa/ Formou um raminho de flor/ Meu Divino Espírito Santo/ Sua Tribuna se fechou</i> ” (MB, p. 178).
FOLIA DOS BEZERROS	Nos Açores, também chamada <i>Bezerrada</i> , é uma festa que se faz na sexta-feira – o chamado <i>dia do bezerro</i> –, em que se mata o gado, que chega enfeitado de fitas e flores, em cumprimento de promessa, recebido com a cantoria do <i>Pezinho dos bezerros</i> pelos tocadores de viola e os afamados repentistas (JSB, p. 280).	
FOLIAR	Nos Açores, andar a cantar e/ou a tocar nas <i>Folias</i> do Espírito Santo (JSB, p. 281).	
ILUMINAÇÃO	Nos Açores, outra designação para <i>Alumiação</i> (JSB, p. 308).	
IR AO IMPÉRIO	Nos Açores, o mesmo que ir ao arraial das festas do Espírito	

	Santo (JSB, p. 312).	
IR BUSCAR O REPIQUE	Nos Açores, o <i>Imperador</i> que recebia a <i>coroa</i> para coroar no domingo imediato tinha de [...] passar pela igreja e fazer com que repicassem os sinos antes de entrar em casa (MBS, p. 114).	
JÓIA	No Maranhão, oferta obtida pelas caixeiros, em forma de dinheiro ou gêneros.	“[...] eles tira às vezes melhor <jóia> que quem tá com a caixa” (MB, p. 64).
LAVA-PRATOS	No Maranhão, continuação da festa, para consumo das sobras da refeição do dia anterior.	“No dia seguinte [...] há o <lava-pratos>, que se desdobra em mais festa”. (MB, p. 124). A expressão “lava-pratos”, com o mesmo sentido, é utilizada também para outras festas como, por exemplo, para o carnaval.
LEILÃO DA PERNA DO ANDOR	Na Beira, um dos meios de angariação de fundos, que consiste em garantir um espaço privilegiado no cortejo ou procissão (FH, p. 285).	
LEVANTAR A COROA	Nos Açores, ir buscar e levar a <i>Coroa</i> do Espírito Santo para casa (JSB, p. 330)	
LEVANTAR DA MESA	Nos Açores, cerimônia feita pelos Foliões após o jantar do Espírito Santo e no final das merendas (JSB, p. 330).	
LEVAR DE VISITA	Nos Açores, oferecer. É expressão muito usada em relação às ofertas feitas pelas festas do Espírito Santo (JSB, p. 330).	
MATAÇÃO DO GADO	Nos Açores, abate das reses para a festa do Espírito Santo, sempre ao ar livre e na sexta-feira anterior ao domingo da festa (JSB, p. 356).	
MATANÇA	No Maranhão, brincadeira que consiste em acompanhar, em cortejo pelas ruas da cidade, os bois. Ritual de morte e esquartejamento do boi que será servido como alimento durante a festa; a sequência do ritual é definida pelos cânticos das caixeiros (FSR, p. 113).	“[...] realiza esse ritual, chamado <matança> ou <i>matutagem</i> ” (MB, p. 58).

MATANÇA DOS GUEIXOS	Nos Açores, abate dos gueixos – bezerros – destinados ao bodo (MBS, p. 128).	<i>Vamos nós aqui andando/ aqui com este tesouro/ vamos levar este gado/ ao lugar do matadouro</i> – Flores (MBS, p. 129).
MATUTAGEM	Nos Açores, ritual de morte e esquartejamento do boi que será servido como alimento durante a festa; a sequência do ritual é definida pelos cânticos das caixeiros (MB, 58).	Cântico para orientar a matutagem ou matança: “ <i>O senhor seu magarefe/ Se está com a faca nas mão/ Depois de partir o boi/ tira o bofe e o coração</i> ” (MB, p. 164).
MISSA DA COROAÇÃO	Nos Açores, missa das festas do Espírito Santo, onde há a coroação (JSB, p. 367).	
MISSA DAS SOPAS	Nos Açores, missa cantada que precede a <i>coroação</i> – São Jorge (MBS, p. 132).	
MOSTRA DOS GUEIXOS	Nos Açores, outra designação para <i>Passeio dos gueixos</i> (MBS, p. 133).	
MUDANÇA	Nos Açores, transferência da <i>coroa</i> do <i>Imperador</i> cessante para o <i>Imperador</i> que coroa na semana seguinte (MBS, p. 133).	No Faial são características as mudanças nocturnas (MBS, p. 133).
MUDANÇA DA BANDEIRA	Nos Açores, saída processional de uma bandeira de damasco com uma pomba bordada no centro, a qual vai de casa do <i>Imperador</i> para a <i>despensa</i> (MBS, p. 133).	
MUDANÇA DA COROA	Nos Açores, cortejo em que se faz a mudança da <i>Coroa</i> do Espírito Santo da casa de um <i>Irmão</i> ou do Império para casa de outro <i>Irmão</i> que deve servir no ano seguinte (JSB, p. 378).	É geralmente feita com a presença das Bandeiras mas sem acompanhamento dos Foliões – Faial (JSB, p. 378).
MUDANÇA DO ESPRITO SANTO	Nos Açores, outra designação para <i>Mudança da coroa</i> (JSB, p. 378).	
NOIVADO	Nos Açores, nome que se dá a uma cerimônia tradicional feita pelas festas do Espírito Santo na freguesia da Lomba (Flores), no dia seguinte ao Jantar, na qual uma rapariga sorteada de entre as casadoiras presentes sai pelas ruas até encontrar o primeiro homem que lhe venha ao encontro e que terá de servir de	

	“noivo” (JSB, p. 387).	
PASSAGEM DA COROA	Nos Açores, outra designação para <i>Mudança da coroa</i> (JSB, p. 378).	
PASSAMENTO DAS POSSES	No Maranhão, ritual de entrega das insígnias ao imperador e corte do ano seguinte.	“A cerimônia de <Passamento das Posses> é o momento em que as sagradas insígnias do Divino, em posse do par de Imperadores e seus Mordomos, são transferidas para as crianças que os sucederão no ano seguinte” (MB, p. 21).
PASSEIO DOS GUEIXOS	Nos Açores, cerimônia semelhante à <i>Bezerrada</i> , embora com menos pompa e colorido, que se realiza em São Miguel, na quinta-feira que precede cada <i>coroação</i> (MBS, p. 143).	
PEDITÓRIO	Nos Açores, pedido feito para obter a receita para os impérios, na época da debulha do trigo, nas eiras, por um grupo de mulheres e moças com um pequeno açafate forrado com um pano vermelho e contendo uma pequena pomba de madeira pintada de branco ou por um homem de cabeça descoberta e com um saco às costas e que leva um cetro – Santa Maria (AAF, p. 287). Na Beira, o Peditório, feito de porta em porta, é um dos meios de angariação de fundos (FH, p. 284).	No segundo caso, o dono da eira beija respeitosamente o cetro, dá a beijar aos outros e enterra-o no monte de trigo para invocar a proteção do Espírito Santo (AAF, p. 287).
PELOURO	Nos Açores, bilhete de papel onde é inscrito um nome, enrolado e colocado num saco ou chapéu, destinado à eleição do <i>Mordomo</i> do Espírito Santo (JSB, p. 425); No Maranhão, relação dos nomes dos festeiros do ano seguinte, escolhidos ou sorteados, e divulgados no último dia da festa (FSR, p. 118).	“Todos estão ansiosos pela revelação dos nomes dos festeiros do próximo ano, escritos no ‘<pelouro>’, papeizinhos preparados [...]” (CL, p. 36).
PELOIRO	Nos Açores e no Maranhão,	

	outra designação para <i>Pelouro</i> (JSB, p. 424).	
PENSÃO	Nos Açores, outro termo para <i>Esmola</i> .	
PILOIRO	Nos Açores e no Maranhão, outra designação para <i>Pelouro</i> (MBS, p. 145).	
PILORO	Nos Açores e no Maranhão, outro termo para <i>Pelouro</i> .	
PRENDA	No Maranhão, quantia em dinheiro dada pelo <i>passarinho</i> , para ser libertado da <i>prisão</i> (FSR, p. 120).	
PRISÃO	1. No Maranhão, ritual em que convidados escolhidos são levados até o mastro onde permanecem até pagarem a prenda. 2. No Maranhão, ritual de punição a quem infringe regras de comportamento – fumar, cruzar braços ou pernas – na tribuna, amarrando uma fita vermelha no braço até o pagamento da prenda (FSR, p. 120).	“ <i>Aí ocorre geralmente a <prisão> ou amarração ao mastro, que consiste em colocar o convidado escolhido e cercá-lo de caixeiros</i> ” (DVF1, p. 58). “ <i>Passarinho tu tá preso/ Te livra dessa <prisão>/ Se tu não tiver dinheiro/ Manda chamar teus irmão</i> ” (MB, p. 193).
PROCISSÃO	Nos Açores, outro termo para <i>cortejo</i> .	“ <i>Vamos acompanhar/ Essa <procissão>/ É da Santa Crôa/ Ê Ê á</i> ” (MB, p. 157).
PROCISSÃO DAS ÁGUAS	Nos Açores, procissão que se faz em S. Bento, na ilha Terceira, em que também vão as <i>Coroas</i> do Espírito Santo (JSB, p. 452).	[...] tal como aconteceu antigamente, numa noite tempestuosa – um <i>castigo</i> –, em que a chuva caiu num dilúvio aterrador, motivando a saída das <i>Coroas</i> numa prece angustiosa (JSB, p. 452).
PROCISSÃO DOS ABALOS	Nos Açores, procissão que sai à rua no Raminho, Altares e Serreta (Terceira) todos os anos no dia 31 de maio (JSB, p. 452).	Presta homenagem as violentas crises sísmicas do vulcão da Serreta, acontecidas em 1867. [...] levando [...] as <i>Coroas</i> do Espírito Santo [...] o que torna peculiar esta procissão é que as pessoas vão vestidas com seus trajes de trabalho e não, como nas restantes procissões, com traje domingueiro (JSB, p. 453).
QUEBRAR O IMPÉRIO	Nos Açores, provocar o insucesso da festa pela falta ou insuficiência de algum dos elementos indispensáveis, como	

	pão ou rosquilhas (AAF, p. 239).	
QUEDA DO MASTRO	No Maranhão, outro termo para Derrubada do mastro (FSR, p. 121).	
RAMO	Na Beira, o meio mais comum de angariação de fundos, consiste na recepção de bens para leiloar (FH, p. 284).	
REPASSE DAS POSSES REAIS	No Maranhão, ritual de substituição dos membros do império, pela recolha das insígnias e entrega destas ao império do ano subsequente (FSR, p. 121).	<i>“O <repasse das posses reais> é um momento solene e de profunda emoção”</i> (PGA, p. 36).
ROL DAS CABOUCAS	Nos Açores, outra designação para Rol das Sopas (JSB, p. 488).	
ROL DAS SOPAS	Nos Açores, registo do nome das pessoas da casa onde são distribuídas as sopas do Espírito Santo (JSB, p. 488).	
RODA	Em Portugal Continental, para a escolha dos novos festeiros, sistema de convite, porta-a-porta, sempre seguindo a linha da rua (FH, p. 59).	A roda segue o percurso do padre durante a visita pascal, sempre de ocidente a oriente e leva de quarenta a cinquenta anos a percorrer a povoação, excluídos os solteiros, os viúvos e os casais muito idosos (FH, p. 56).
ROUBAR ALVORADA	No Maranhão, ritual, hoje raramente realizado, de visitar de surpresa outra festa, para cantar alvorada junto ao mastro (FSR, p. 121).	<i>“[...] não se tem mais esse costume de <roubar alvorada> aqui em São Luís”</i> (PGA, p. 40).
ROUBO DO IMPÉRIO	No Maranhão, ritual de distribuição, pelas casas da vizinhança, de objetos rituais, simulando um roubo, e de busca e recolha desses objetos, em cortejo (FSR, p. 122).	<i>“[...] antes do derrubamento do mastro costuma acontecer a cerimônia do <roubo do império>”</i> (PGA, p. 34).
SAIR O ESPRITO SANTO	Nos Açores, ter sido indicado, por sorteio, para ser Imperador das festas do Espírito Santo (JSB, p. 498).	
SALVAR	No Maranhão, saudar, com cânticos e toque de caixas, o Espírito Santo ou o Império (FSR, p. 123).	<i>“Silêncio, povo, silêncio/ Quero <salvar> nosso pai/ Que tá naquelas alturas/ faz balanço mas não cai”</i> (PGA, p. 50).
SERRA O PAU	No Maranhão, brincadeira de	<i>“Eu sou mestre Quirino</i>

	encerramento da festa que consiste em simular serrar o mastro (FSR, p. 124).	<i>serrador/ Eu sou mestre Quirino (serrador)/ <Serra o pau>, Quirino (serrador)/ / <Serra o pau> no meio (serrador)/ / Eu também sei serrar (serrador)/ Eu também quero pau (serrador)/” (PGA, p. 62).</i>
SERRA-TOCO	No Maranhão, outro termo para Serra-o-pau (FSR, p. 125).	<i>“Há ainda o <serra-toco>.” (SFF1, p. 173).</i>
SERVIÇO DO IMPERADOR	Nos Açores, distribuição das esmolas que se fazia debaixo da <i>arramada</i> (JSB, p. 515).	
SERVIR A COROA	Nos Açores, outra designação para Servir o Espírito Santo (JSB, p. 515).	
SERVIR O ESPRITO SANTO	Nos Açores, dar um <i>Jantar e Esmolas</i> em sua honra (JSB, p. 515).	
SOLDADA DO SANTO	Nos Açores, quantidade de peixe que era retirada das pescarias, destinada a determinada devoção (JSB, p. 521).	<i>Ao Espírito Santo era atribuída uma soldada em várias ilhas [...] (JSB, p. 521).</i>
SORTEIO	Nos Açores, tirar as sortes para cada um dos sete Irmãos que, um a cada domingo entre a Páscoa e Pentecostes, terá a sorte de “alumiar” o Divino em sua casa, e levar a coroa à Missa Dominical (AAF, p. 276).	
SORTES	Nos Açores, sorteio dos dirigentes da festa do Espírito Santo ou das pessoas a alumiar a Coroa durante o ano seguinte (JSB, p. 525).	
SORTES DA COROA	Nos Açores, outra designação para Sorteio (AAF, p. 276).	
SUBIDA DO BOI	No Maranhão, brincadeira que consiste em acompanhar, em cortejo pelas ruas da cidade, os bois. Ritual de morte e esquartejamento do boi que será servido como alimento durante a festa; a sequência do ritual é definida pelos cânticos das caixeiras (FSR, p. 125).	
TERÇO	Nos Açores, cerimônia do culto do Espírito Santo que se realiza na casa do <i>Imperador</i> antes do	Esta cerimônia, que parece não ter origem canônica, compõe-se de um conjunto de orações: um

	<i>balho</i> (MBS, 172).	introito, cinco mistérios, a Salvé Rainha em verso cantado, uma oração, ladaíinha de Nossa Senhora, também cantada, uma antífona, o hino do Espírito Santo, terminando com uma jaculatória ao Espírito Santo e à Mãe de Deus, cantada em coro – Terceira (MBS, 172); <i>Boa noite pr’o divino/ E pr’ás flores do seu altar,/ E para todas as pessoas/ Que o terço lhe vem rezar</i> – Terceira (MBS, 173).
TIRAR AS SORTES	Nos Açores, cerimônia semelhante ao <i>Tirar os piloiros</i> , realizada em São Miguel, em frente do <i>teatro</i> (MBS, p. 174).	
TIRAR JÓIA	No Maranhão, prática de percorrer o interior, para solicitar ajuda em dinheiro ou gêneros alimentícios para realizar a festa (FSR, p. 125).	“ <i>Santa Crôa <tira jóia>/ mas não é de pricisão/ pede prá experimentá/ quem tem um bom coração</i> ” (CL, p. 24).
TIRAR LICENÇA	No Maranhão, prática de solicitar autorização ao Imperador para o Mordomo-Régio fazer a visita ao Império (FSR, p. 126).	“ <i>Muito digno Imperador/ <licença venho tirar>/ para que nesta noite eu possa/ Vossa Majestade visitar</i> ” (CL, p. 30).
TIRAR PELOIROS	Nos Açores, outra designação para <i>Tirar as sortes</i> (JSB, p. 546).	
VISITA AO MORDOMO	Nos Açores, visita ao <i>Mordomo</i> do Espírito Santo, que convidou para a sua <i>função</i> , levando-lhe qualquer alimento, geralmente açúcar, manteiga..., para contribuir e aliviar as despesas daquela – Terceira (JSB, p. 589).	
VISITAS DOS IMPÉRIOS	No Maranhão, visitas feitas pelos Mordomos ao Imperador e destes aos Mordomos, com todos os membros do Império e participantes da festa, organizados em cortejo (FSR, p. 129).	“ <i>Nesta semana são organizadas uma ou mais <visitas dos impérios></i> ” (SFF1, p. 169).

5.1.3 Culinária

“As pessoas da Trindade são três: nabo, nabiça e grelo, cada qual com seu tempero: ao grelo azeite, à nabiça unto e ao nabo presunto”

Provérbio português

A festa do Espírito Santo apresenta duas vertentes, uma predominantemente religiosa – constituída por missas, cortejos ou procissões, coroação na igreja – e uma profana, centrada especialmente em diferentes tipos de prestações alimentares, de maior ou menor vulto, de peso ritualístico diferenciado, mas presentes em todas as festas, sejam elas em Portugal ou no Brasil, mais especificamente no Maranhão.

Estas diferentes prestações alimentares podem ser refeições ou ofertas alimentares, e podem ainda associar os dois tipos, em momentos e circunstâncias rituais diferentes. Os pratos típicos da festa são muito numerosos em Portugal e, principalmente, nos Açores – onde alguns contêm na própria identificação a designação [...] *do Espírito Santo*. A festa em São Luís e Alcântara apresenta grande variedade de pratos, alguns regionais, mas, com uma única exceção – o *Doce de espécie* –, não são típicos da festa e nem obrigatórios no cumprimento do ritual. Por essa razão, este campo revelou-se pouco produtivo, se considerarmos os termos para comparação.

A festa compreende merendas, almoços e jantares e distribuição de alimentos, sob designações diversas, alguns deles fechados para um tipo definido de participantes – ajudantes, na *Ceia dos ajudantes*, oferecimento de *Escaldadas* para os ajudantes, convidando-os a integrarem-se à festa, as *Caboucas* do Espírito Santo, oferecidas também aos ajudantes e ainda aos vizinhos e enfermos, os diferentes tipos de *Bodos*, por exemplo. Em Alcafozes, Idanha-a-Nova, Portugal Continental:

Na quarta-feira Santa os mordomos da Misericórdia, com o provedor, o tesoureiro e o secretário dão uma volta pela povoação para receber as ofertas da população. Recebem dinheiro, ovos, ‘o que as pessoas podem dar, até uma fatia de pão’, depois fazem uma ceia entre eles. Nesta ceia não são admitidas mulheres excepto para servirem à mesa. Chama-se a esta ceia ‘comer a parva’ (HENRIQUES, 1996, p. 118).

Outras refeições são abertas a todos os que quiserem participar, como o oferecimento das *Sopas do Espírito Santo*, as *Corridas* de biscoitos e vinho de cheiro, durante as *Alumiações*, os *Bodos de leite*, entre outras. Estas refeições rituais podem multiplicar-se, dependendo da localidade que as realiza e das condições financeiras de quem as promove. Em

casos extremos, nos Açores, não havendo distribuição das sopas, chama-se a festa de *Império seco*.

No continente, especialmente na Beira Interior, onde são mais frequentes as festas reminiscentes ou a memória delas, as prestações alimentares podem ser classificadas em jantares, com pratos de carne, embora possa ser também de carneiro ou cabra, e merendas, quando são frequentes as ofertas de filhós e vinho e, principalmente, de tremoços.

Nos Açores, as prestações alimentares apresentam três componentes essenciais, uma trindade recorrente: carne, pão (cereais) e vinho que, associados ao fato de serem ofertas em pagamento de promessas, evidenciam uma relação com sua origem pagã, como uma forma atualizada da troca das primícias, a oferta aos deuses dos primeiros frutos e dos melhores animais em troca de proteção. O pão, a carne e o vinho são também simbólicos para a religião católica, elementos da Eucaristia, o que pode ser fator importante para a permanência da festa e das tradições antigas.

A presença dominante do pão, com muitas variedades e múltiplas designações e destinações, e a sacralização destes pães – não exclusiva do culto do Espírito Santo, veja-se a tradição portuguesa, e preservada no Brasil, do pão de santo Antônio – reforça sua condição de símbolos do Sagrado, aos quais se atribuem milagres e poderes especiais, assim mencionados por Costa:

- Tem o poder de acalmar tempestades.
 - A sua durabilidade é infinita.
 - As sopas do Espírito Santo, feitas com este pão, são sempre mais saborosas do que as feitas fora deste tempo.
 - Não deve ser dado aos animais, nem deitado fora.
 - Preserva da fome a casa que guardar durante o ano a “cabeça” da brindeira
- (2008, p.41).

Também com o vinho ocorre a ritualização, assim descrita pela mesma autora:

- o transporte do vinho em carros decorados especificamente para esse fim.
- os “carros do vinho” devem fazer um ruído especial, proveniente do chiar exagerado das rodas, de modo a serem reconhecidos ou anunciados por esse processo.
- o seu transporte obedece ao ritual e coreografia do cortejo, devidamente assinalado por vários meios, principalmente sonoros, entre os quais, foguetões.
- o cortejo percorre um itinerário organizado de forma a permitir a distribuição do vinho pelas casas previstas (COSTA, 2008, p. 57).

No caso da carne, o ritual toma a forma de um sacrifício. O animal a ele destinado é enfeitado com flores e fitas de papel colorido, para desfilar, etapa da festa que ocorre também em Alcântara onde é designada por *Subida do boi*. O boi será sacrificado posteriormente e sua carne será consumida ou distribuída crua. A morte do boi pode obedecer

a um ritual complexo, de acordo com o local onde é realizada; pode ser pronunciada uma fórmula ritual no momento do abate – “seja pelo Espírito Santo” – ou pode ocorrer o hábito de “dar roqueiras”, ou seja, soltar foguetes, enquanto o animal é sangrado (LEAL, 1994, p.18) e conhece-se pelo menos um caso em que é atribuído poder curativo ao sangue, segundo descrição da festa que se realizava em Santiago do Cacém (PIRES, 1914, p.190).

As festas do Divino no Maranhão oferecem refeições ricas em quantidade, qualidade e variedade, mas sem receitas específicas para a festa do Espírito Santo, exceção feita ao *Doce de espécie* de Alcântara.

5.1.3.1 Três ingredientes básicos – pão, carne e vinho

Observei uma grande variedade de termos para o pão, nos Açores, em alguns casos designado por *Massa*, termo que pode referir-se ao resultado da mistura de ingredientes do pão antes de ser assado, ou ao próprio pão. Assim, *Massa adubada* pode designar qualquer massa que leve ovos e açúcar, mas *Massa-da-noite* e *Massa-de-São-Miguel* são variedades de pães e *Massa-sovada* designa a mistura e ainda todo um conjunto de pães que são elementos essenciais da festa. Um mesmo tipo de pão pode ter mais de uma designação, como é o caso do *Pão d'água* (Terceira), que é também denominado *Pão-de-bodo* ou *Pão da Vitória* (Flores); a *Massa-sovada* ou *Pão adubado* ou *Massa-de-ovo* (Flores) é o mesmo *Pão-doce*, *Massa-de-leite* (Faial), *Massa adubada* (qualquer tipo de massa sovada), *Massa-da-noite* ou *Massa-de-São-Miguel* (São Jorge), variedades de pão feitos de massa sovada, também conhecida por *Massa sevada* ou *cevada*, que pode ser uma variante fonológica ou ser assim denominada por levar muitas cevas de manteiga (BARCELOS, 2008, p.355 e SIMÕES, 1987, p. 63) e o *Pão-leve* é o *Pão-de-ló* de São Miguel e Santa Maria.

O pão está presente em todos os momentos, é parte componente das *Sopas*, acompanha a *Alcatra* e o *Cozido*, havendo um tipo de pão para cada prato, momento e destinatário. A quantidade de pães produzidos por cada festa exige um depósito próprio, a *Despensa* (Fig. 15), em geral localizada ao lado do *Império*, construção típica das Ilhas, para abrigar as insígnias.

Figura 15 – Pães na despensa



Fonte: Acervo da autora

As diferentes designações dos pães preparados, distribuídos e consumidos durante a festa podem remeter aos ingredientes ou ao aspecto final, à forma de preparação e/ou de distribuição, à destinação ou ao tipo ou função dos destinatários, como se pode observar no quadro seguinte:

Quadro 15 – Pães sob várias perspectivas

FORMA/ASPECTO	DESCRIÇÃO
Pão-de-fatias	Pão distribuído em fatias
Pão-alvo	Pão feito com farinha passada em peneira fina
Pão-de-tranca ou de tronco	Pão de forma alongada
Pão-leve	O mesmo que pão-de-ló, bolo de massa muito leve
INGREDIENTES/PREPARAÇÃO	DESCRIÇÃO
Massa-adubada	Qualquer massa/pão que leve ovos e açúcar
Massa-de-ovo	O mesmo que massa-sovada, nas Flores
Massa-de-leite	O mesmo que massa-sovada, no Faial
Massa-sovada ou cevada	Massa cuja preparação exige ser várias vezes batida ou sovada, com violência, sobre a mesa de preparação
Pão adubado	Qualquer massa/pão que leve ovos e açúcar
Pão-d'água	Pão de trigo sem ovos nem açúcar
Pão-de-leite	Pão feito com massa semelhante à sovada, com mais leite e menos açúcar
Pão-doce	O mesmo que massa-sovada
Pão-d'ovo	Qualquer pão que leve ovos
DESTINAÇÃO	DESCRIÇÃO
Massa-da-noite	Variedade de pão feito de massa sovada, que acompanha o caldo servido na véspera ou na madrugada da festa
Pão-de-bodo	Pão que acompanha as <i>sopas</i> , oferecidas no <i>bodo</i>

Pão de mesa	Pão com 35 a 40cm de diâmetro que acompanha o <i>cozido</i> e a <i>alcatra</i> , no <i>bodo</i>
Pão de esmola	Pão de trigo distribuído pelas casas mais pobres
Pão dos inocentes	Pão de trigo distribuído às crianças no <i>bodo</i>
OUTRAS DESIGNAÇÕES	DESCRIÇÃO
Massa de São Miguel	Variedade de pão de massa-sovada
Pão da Vitória	O mesmo que pão d'água, nas Flores
Pão de cabeça	Pão de trigo, destinado aos membros da Irmandade
Pão de testa	Pão de trigo, em São Jorge
Provimento de mesa	O mesmo que pão de mesa, em Santa Maria

5.1.3.1.1 O pão nas festas do Espírito Santo

No que se refere aos pães relacionados à festa, obtive as seguintes designações com a respectiva descrição e, sempre que possível, o registro de aspectos culturais a eles relacionados:

Quadro 16 – Pães

TERMO	DEFINIÇÃO	OUTRAS INFORMAÇÕES
ESCALDADA	Nos Açores, Pão de massa sovada, de dimensões médias e apenas levemente temperado (JL1, 18); 3 Nos Açores, variedade de pão feito com farinha de milho em água a ferver; variedade de pão adubado das festas do Espírito Santo também chamado <i>brindeiro</i> (JSB, p. 243).	Para 12 maquias de farinha, são necessárias duas dúzias de ovos, 1 kg de açúcar, 1/2 kg de manteiga, lima e fermento de milho. Enfeitadas com um pequeno ramo de alecrim [...] (JL1, p. 18).
MASSA ADUBADA	Nos Açores, outro termo para <i>Massa sovada</i> .	
MASSA CEVADA	Nos Açores, outro termo para <i>Massa sovada</i>	<i>Massa Cevada</i> variante fonológica (JSB, p. 355) ou assim designada por levar muitas cevas de manteiga (MBS, p. 63).
MASSA-DA-NOITE	Nos Açores, outro termo para <i>Massa sovada</i> – São Jorge.	
MASSA-DE-LEITE	Nos Açores, outro termo para <i>Massa sovada</i> – Faial.	
MASSA-DE-OVO	Nos Açores, outro termo para <i>Massa sovada</i> – Flores.	
MASSA-DE-SÃO-MIGUEL	Nos Açores, outro termo para <i>Massa sovada</i> – São Jorge.	

MASSA SOVADA	Nos Açores, pão que leva trigo, leite, ovos, açúcar, banha, manteiga, fermento e por vezes erva santa ou de Nossa Senhora. É assim designada por ser amassada, jogada violentamente sobre a mesa; pode apresentar feitios diversos (MBS, p. 167).	
PÃO ADUBADO	Nos Açores, outro termo para <i>Massa sovada</i> .	
PÃO-ALVO	Nos Açores, pão de trigo feito de farinha passada em peneira fina (JSB, p. 406).	<i>Não há pão como o pão-alvo/ Nem cheiro como o de funcho/ Não há amor como o meu/ Que nunca toma caruncho</i> (JSB, p. 406).
PÃO D'ÁGUA	Nos Açores, pão de trigo sem ovos nem açúcar, de forma mais alongada, conhecida como forma de tranca (JSB, p. 406) ou tronco – Terceira (MBS, p. 142).	<i>Esgalhar pão d'água</i> – discutir acaloradamente.
PÃO DA MESA	Nos Açores, pão confeccionado em Santa Maria.	Pão confeccionado com 8 maquias de trigo, meio quilo de banha, 3 dúzias de ovos e quilo e meio de açúcar (MBS, p. 141).
PÃO DA VITÓRIA	Nos Açores, outro termo para <i>Pão d'água</i> – Flores.	<i>Pão da Vitória</i> – tradição de utilizá-lo esmigalhando-o e jogando-o ao mar para acalmar temporais e para curar doenças graves – (Corvo e Flores). A cerimônia do Pão da Vitória, realizada nas Flores consistia na distribuição de pequenas fatias finas de pão, feito com trigo da terra, colocadas em um balaio erguido à altura da cabeça pelo Mordomo enquanto os foliões cantam a Vitória: <i>Vinde vós, Senhores, Irmãos, todos juntos, nesta hora, que o Divino Espírito Santo nos quer dar a sua Vitória</i> . O Mordomo repete três vezes: <i>Vitória!</i> O pão é então distribuído a todos, que o beijam ao recebê-lo (AAF, p. 279).
PÃO DE BODO	Nos Açores, outro termo para <i>Pão d'água</i> – Terceira.	
PÃO-DE-CABEÇA	Nos Açores, pão de trigo, ligeiramente temperado destinado aos membros da irmandade, nas festas – São	

	Jorge, São Miguel.	
PÃO-DE-ESMOLA	Nos Açores, pão de trigo, ligeiramente temperado, distribuído pelas casas mais pobres, nas festas – São Jorge.	
PÃO-DE-FATIAS	Nos Açores, pão de trigo, distribuído em fatias aos rapazes que se incorporam nas coroações – São Miguel.	
PÃO-DE-LEITE	Nos Açores, pão feito com trigo, leite, ovos, manteiga gordura e sal, parecido com a massa sovada, mas com menos açúcar e mais leite, feito na época das festas – São Miguel.	
PÃO-DE-MESA	Nos Açores, grande pão de trigo com leite, feito na época das festas e que acompanha o cozido e a alcatra – Terceira (MBS, p. 142).	
PÃO-DE-TESTA	Nos Açores, pão de trigo – S. Jorge.	
PÃO DE TRANCA	Nos Açores, pão de trigo sem ovos nem açúcar, de forma mais alongada, conhecido como forma de tranca – Terceira (JSB, p. 406); Pão de tranca, coberto de folhas de repolho temperadas com hortelã (AAF, p. 66).	
PÃO DE TRONCO	Nos Açores, pão de trigo sem ovos nem açúcar, de forma mais alongada, conhecido como forma de tronco – Terceira (MBS, p. 142).	
PÃO DOCE	Nos Açores, outro termo para <i>Massa sovada</i> .	
PÃO DOS INOCENTES	Nos Açores, pão de trigo oferecido às crianças, durante as funções, na Terceira (JL2, p. 174).	
PÃO LEVE	Nos Açores, o mesmo que pão de ló – São Miguel, Santa Maria.	<i>Ora toma, do manjar toma/ O manjar foi de pão leve/ O Senhor Espírito Santo/ Paga bem a quem o serve</i> – Flores (MBS, p. 142).
PROVIMENTO DE MESA	Nos Açores, outro termo para <i>Pão-de-mesa</i> – Santa Maria.	

5.1.3.1.2 Biscoitos, bolos e rosquilhas

Ainda no grupo de alimentos preparados com cereais, mais especificamente com farinha de trigo, estão biscoitos, bolos e rosquilhas. Merecem destaque as *Brindeiras* e/ou *Brindeiros*, definidas como biscoitos, bolos ou como pequenos pães. Embora os dicionários regionais registrem as duas formas, as definições não deixam claro se se trata apenas de variantes ou de designações de alimentos diferentes; assim, as *Brindeiras* são definidas como biscoitos, ou como pequenos pães em uma segunda acepção (BARCELOS, 2008, p.123), mas o mesmo autor registra, também como pão pequeno, as formas *Brindeiro*, feito com restos de *Massa da esfregadura*, e *Brindeiro-bento* sem especificar a massa, mas precisando tratar-se de pequeno pão benzido pelo padre durante as festas. Simões (1987, p.45) define *Brindeira* como pequeno bolo, *Brindeirinho* na mesma acepção de *Brindeiro-bento*, mas especificando que se trata de pequenas esferas de massa ázima, e *Brindeiro* como pequeno pão.

É consenso entre os autores que os termos *Brindeira* ou *Brindeiro* se devem ao fato de se destinarem a ofertas ou brindes aos participantes da festa. Aos brindeirinhos atribui-se valor de proteção à família, razão pela qual devem ser guardados, ano após ano. Simões registra a presença do termo *Brindeira*, na mesma acepção de bolo de massa sovada, nas festas do concelho de Tomar e na Festa dos Tabuleiros de 2012. Em Tomar, os raminhos de flores de papel, distribuídos ou disponíveis para aquisição, tinham também um pequeno pão.

5.1.3.1.3 Brindeiros, brindeiras, brindeirinhos

Quadro 17 – Brindeiros e variantes

TERMO	DEFINIÇÃO	OUTRAS INFORMAÇÕES
FERROMEÇO	Nos Açores, outro termo para Brindeira.	Barcelos registra ferromeco para "pequeno boneco feito com pedaços de massa sovada, que as raparigas tiram às escondidas para oferecerem aos namorados" (JSB, p. 272);
BONECA	Nos Açores, outro termo para Brindeira.	Simões descreve boneca ou bonecra como "[...] pequena brindeira de massa sovada, de intensão antropomórfica, na qual é visível a cabeça" (MBS, p. 42).
BONECRA	Nos Açores, outro termo para Brindeira.	
BRINDEIRA	Nos Açores, espécie de	

	biscoito de massa doce (massa- sovada) que se oferece nos Bodos – Faial, Terceira; pequeno pão de trigo, comprido, que se oferece às crianças, no Pico (JSB, p. 123).	
BRINDEIRINHO	Nos Açores, pequenas esferas de massa ázima, benzidas pelo padre;	Oferecidas depois da coroação devem ser guardados, “de uns anos para os outros, nos oratórios familiares” (MBS, p. 45).
BRINDEIRO	Nos Açores, pequeno pão que se distribui entre os empregados do império e os membros da irmandade (MBS, p. 45).	É o sinal a pombinha/ De toda a empregadagem,/ É a fruta mais miminha,/ Que se obtém na copagem... // Ela é digna de merecer/ a maior galantaria,/ E serve para oferecer/ A quem tem fidalgaria – Santa Maria (MBS, p. 45).
BRINDEIRO- BENTO	Nos Açores, nome que se dá em Santa Maria a um minúsculo pão benzido pelo padre, durante as festas do E. S. – Santa Maria (JSB, p. 123).	
MERENDEIRA	Nos Açores, outro termo para Brindeira.	
MERENDEIRINHO	Nos Açores, outro termo para Brindeirinho.	Soares menciona os merendeirinhos distribuídos em Santiago do Cacém “[...] para preservar do gorgulho o trigo das arcas” (MMS, p. 273).

Os biscoitos, bolos e rosquilhas são mencionados por todos os autores consultados para o levantamento dos termos, mas nem sempre foi possível determinar se as diferentes denominações correspondiam a alimentos diferentes.

A respeito da *Massa da esfregadura*, Barcelos (2008, p.247) explica que se trata de restos de massa de pão e acrescenta que desses restos se fazem pequenos biscoitos para dar às crianças, os *Biscoitos de esfregadura*, denominados na Terceira de *Esfregalhos* e de *Bolas da rapadura* nas Flores, sem mencionar, no entanto, relação com as festas. Aventa-se que a *Massa da esfregadura* e os biscoitos que dela se fazem sejam termos genéricos que tomam uma designação específica para as massas preparadas para a festa.

5.1.3.1.4 Biscoitos

Quadro 18 – Biscoitos e variantes

TERMO	DEFINIÇÃO	OUTRAS INFORMAÇÕES
ARRELIQUES	Nos Açores, espécie de biscoito grande feito à base de farinha, ovos, manteiga, leite, açúcar e raspa de limão – Flores (JSB, p. 81).	Em S, Jorge, nas Flores e no Pico pode ser um pedaço de fita com legendas, de seda, com 6 a 8cm, para pregar em lapelas ou vestidos, durante as festas; na Terceira é relíquia devota (MBS, p. 31); Distribuição de carne aos membros da irmandade, nas Flores e no Corvo (AAF, p. 325).
BISCOITO-BÁCORO	Nos Açores, biscoito que leva muitos ovos e açúcar, feito pelas festas do Espírito Santo – Flores (JSB, p. 111).	
BISCOITOS DE AGUARDENTE	Nos Açores, tipo de biscoitos que tem na composição aguardente.	Uma maquia de farinha, 8 ovos, 1 cálice de aguardente com meia colher de sal misturada, 1 colher de açúcar, 1 colher de manteiga, 1 colher de banha e uma casquinha de limão (JL2, p. 23 e 48).
BISCOITOS DE ORELHA	Nos Açores, tipo de biscoito que, tal como os encanelados, é transportado em bandejas, para consumo no bodo; tem a forma de um triângulo vazado de ângulos arrebitados (JL1, p. 23).	1 maquia de farinha, 4 ovos, 3 ou 4 colheres de açúcar, 2 colheres de banha, 2 de manteiga, fermento.
CAGARRINHO	Nos Açores, outra designação para Biscoito de orelha – Santa Maria (JSB, p. 135).	
ENCANELADOS	Nos Açores, biscoitos cobertos de açúcar, um dos elementos das prestações alimentares, na forma de uma circunferência vazada (JL2, p. 23).	1 maquia de farinha, 4 ovos, 3 ou 4 colheres de açúcar, 2 colheres de banha, 2 de manteiga, fermento.
ESTALADOS	Nos Açores, outro termo para Biscoitos de aguardente.	
VÉSPERAS	Nos Açores, biscoitos feitos com massa muito sovada, no total e depois da divisão em 36 pedaços; eram escolhidas para sová-la as pessoas de mãos mais	3 ovos, 1 chávena de leite, 1 pacote de fermento de padeiro, 1 quilo de farinha, 200 gr. de manteiga, raspa de limão (a gosto) (AAF, p. 256)

	quentes. Cada pedaço era tendido até ficar com 1 cm de espessura e marcado então com o chavão e furado com palito (AAF, p. 235).	

A descrição dos bolos, biscoitos e rosquilhas nem sempre deixa claro se há uma diferença efetiva entre os tipos de alimentos designados por esses termos genéricos.

5.1.3.1.5 Bolos

Quadro 19 – Bolos e variantes

TERMO	DEFINIÇÃO	OUTRAS INFORMAÇÕES
BESPRA	Nos Açores, outro termo para Bolo de véspera.	
BOLOS DA FESTA	Nos Açores, bolos que se faziam em Sintra, semelhantes a pequeno pão, com farinha, mel, canela, açúcar, tendidos sobre folha de limoeiro e cozidos em forno de lenha (MMS, p. 340).	
BOLOS DE PALMA	Nos Açores, bolos que compõem a oferta do Imperador em Reguengo do Fetal (AAF, p. 370).	
BOLOS DE PERNA	Nos Açores, bolos que compõem a oferta do Imperador em Reguengo do Fetal (AAF, p. 370).	
BOLO DE VÉSPERA	Nos Açores, bolo de farinha de trigo feito pelas festas do Espírito Santo. Tem esse nome por ser distribuído nesse tempo (JSB, p. 116).	Bolo de farinha de trigo, ovos, banha, manteiga, açúcar, raspa de limão, leite e água. A massa era sovada e dividida em pedaços, novamente sovados e tendidos. Cada família preparava 36 vésperas. Os pedaços, com espessura de 1cm, eram chavados, isto é marcados com o chavão – uma espécie de carimbo com motivos bíblicos de um lado e do Espírito Santo no outro – Pico (AAF, p. 234).
BOLOS DE VESPRA	Nos Açores, outro termo para Bolo de véspera.	
BOLO DO	Nos Açores, bolo de farinha de	

TIJOLO	milho, farinha de trigo, sal, raspa de batata-doce ou inhame, redondos, assados em forno de lenha ou no tijolo de barro (AAF, p. 235), para acompanhar os molhinhos. De origem mourisca (JSB, p. 116).	
BOLOS MANCEBOS	Nos Açores, variedade de bolo de massa temperada distribuído nas festas do Espírito Santo – São Jorge (JSB, p. 171).	
BOLOS SANTOS	Nos Açores, bolos distribuídos em Cascais (MMS, p. 336).	
MANCEBOS	Nos Açores, outro termo para Bolo de véspera – São Jorge, freguesia de Santo Antão.	
VÉSPERAS	Nos Açores, outro termo para Bolo de véspera.	

5.1.3.1.6 Rosquilhas

Quadro 20 – Rosquilhas e variantes

TERMO	DEFINIÇÃO	OUTRAS INFORMAÇÕES
ARGOLAS	Nos Açores, grande bolo de massa-sovada com o formato de uma rosquilha distribuído pelas festas do Espírito Santo (JSB, p. 78).	“[...] bolos de massa sevada, ditos argolas, de enormes dimensões, que chegavam a atingir o perímetro da roda de uma carruagem e a espessura de uma perna de homem. Esses biscoitos, confeccionados com farinha triga, leite, manteiga e ovos, eram enfeitados com rosas ou cravos quando se destinavam a ofertas, levadas à cabeça em tabuleiros com lindas toalhas bordadas” (MMS, p. 311).
ROSCAS	Nos Açores, bolo de massa-sovada feita pelas festas do Espírito Santo – Santa Maria (JSB, p. 492).	
ROSQUILHAS	Nos Açores, bolo de massa sovada em forma de argola, com espessura de 6 a 10 centímetros (MBS, p. 158).	Ora toma, do manjar toma/ O manjar foi de rosquilha/ Ela estava bem temperada/ Era mesmo uma maravilha – Flores (MBS, p. 158);

		Fui correr bodos contigo/ Troixe a rosquilha no braço/ Pão de cabeça à capota/ alfenim no teu regaço (JSB, p. 492).
ROSQUILHA DE AGUARDENTE	Nos Açores, variedade feita em S. Jorge e na Graciosa, que leva aguardente.	
ROSQUILHA FERVIDA	Nos Açores, variedade de rosquilha feita em S. Jorge, que leva álcool e é fervida em água antes de ir ao forno (JSB, p. 492).	
ROSQUILHA DE QUARTA	Nos Açores, rosquilha feita com uma quarta de trigo – Terceira.	
ROSQUILHAS DE SERVIÇO	Nos Açores, duas rosquilhas, decoradas com flores, de responsabilidade do mordomo ou procurador, que ficam à disposição dos devotos que queiram pagar promessa levando-as à cabeça, de joelhos, até o altar. Depois das festas são cortadas em toros e distribuídas aos vogais da mesa da irmandade.	Encontra-se rosquilha como uma espécie de biscoito redondo de forma retorcida – Ferreira-Figueira da Foz (VFB, p. 331).
ROSQUINHA DE ALQUEIRE	Nos Açores, grande rosquilha – Terceira.	

5.1.3.1.7 Outros doces

Outros doces ainda podem ser encontrados nas festas do Espírito Santo, como os que seguem:

Quadro 21 – Outros doces

TERMO	DEFINIÇÃO	OUTRAS INFORMAÇÕES
ALFENI	Nos Açores, outro termo para <i>Alfenim</i> .	
ALFENIM	Nos Açores, guloseima da Ilha Terceira (JSB, p. 55). Doce que, antigamente, fazia parte das guloseimas oferecidas durante a festa, no Maranhão.	
ALFENIQUE	Outro termo para <i>Alfenim</i> – no Continente.	
ALFINIM	No Maranhão, outro termo para <i>Alfenim</i> .	
ALFIMINO	Nos Açores, outro termo para <i>Alfenim</i> .	
ARROZ DOCE	Nos Açores, outro termo para	Ó meu nobre imperador,/ Isto

	<i>Papas de arroz.</i>	requer muita cautela/ Mandai vir o arroz doce/ Cobertinho de canela (RIBEIRO, 1934, p. 87).
BICHO DOCE	Nos Açores, .outro termo para <i>Espécia</i> .	
CAVACAS	Nos Açores, um dos doces oferecidos em dia de Pentecostes em S. Jorge (MMS, p. 310) e em Reguengo do Fetal, Portugal Continental, compondo a oferta do Imperador (AAF, p. 370).	
COSCORÕES	Nos Açores, espécie de filhó, de massa de trigo temperada e frita em banha de porco ou azeite (JSB, p. 193); Nos Açores, oferecidos no Topo, São Jorge (AAF, p. 317).	
DOCES BRANCOS	Nos Açores, doces cobertos com açúcar, oferecidos pelo mordomo na ilha de São Jorge (MMS, p. 309).	
DOCE DE ESPÉCIE	No Maranhão, doce em forma de animais e plantas, feito com massa de trigo e doce de coco, que é tradicionalmente oferecido a todos os que visitam Alcântara durante a festa do Divino (FSR, p. 102).	“E os célebres <doces de espécie>, especialidade de Alcântara [...]”. (CL, p. 29).
ERVA-DE-NOSSA-SENHORA	Nos Açores, outra designação para <i>Erva-santa</i> (JSB, p. 242).	
ERVA-SANTA	Nos Açores, erva usada para perfumar a <i>Massa-sovada</i> (JSB, p. 242).	
ESPÉCIA	Nos Açores, massa preparada com farelo de trigo escaldado, cozida, esmagada e moída. A essa farinha junta-se melão de cana, canela, pimenta e noz moscada. Com a Espécia confeccionam-se pequenas rosquilhas e pequenos bolos zoomórficos – Faial (MBS, p. 89).	Na ilha de São Jorge, têm forma de ferradura e fazem-se para qualquer festa (JSB, p. 250).
ESPÉCIE	Nos Açores, outro termo para <i>Espécia</i> – São Jorge.	
ESPÉCIES	Nos Açores, outro termo para <i>Espécia</i> .	
FARTES	Nos Açores, outro termo para <i>Fartos</i> .	
FARTOS	Nos Açores, variedade de bolo	

	condimentado com especiarias – São Jorge (JSB, p. 266) ou bolos de farinha e mel, como eram consumidos na festa do E. S. em Portugal Continental em Santiago do Cacém (MMS, p. 309) e em Eiras (MMS, p. 280). Em Portugal Continental, doce recheado de espécie, sem cobertura de açúcar, em forma de ômega e S maiúsculos (MMS, p. 310).	
FENO-DE-CHEIRO	Nos Açores, outra designação para <i>Erva-santa</i> (JSB, p. 277).	
PAPAS DE ARROZ	Nos Açores, doce servido na festa, nos jantares do Espírito Santo – Flores, São Jorge (JSB, p. 408).	

5.1.3.2 Prestações alimentares da festa do Espírito Santo nos Açores e em Portugal Continental

Alguns termos designam conjuntos específicos de alimentos ou refeições com cardápios fixos, específicos da festa, como os que se veem a seguir. As refeições rituais e distribuição de alimentos ocorrem também em Portugal Continental, mas raramente são mencionados nomes específicos dos pratos servidos. À exceção dos *Fartes*, *Bolos da festa* e *Bolos santos*, acima mencionados, não se obteve indicação de pratos específicos da festa.

Os *Bodos* foram criados pela piedade religiosa; frugais inicialmente e depois sem moderação, a ponto de serem proibidos por Dom Manuel. Para serem realizados necessitavam de carta de privilégios, concedida pelo rei em situações particulares que levavam em conta também momentos mais graves de penúria popular. Conhecidos, inicialmente, por *Bodivos*, passaram a ser designados por *Bodos* ou *Jantares* ou mais raramente por “*Reçoens*” (SOARES, 1982, p. 334).

A distribuição de alimentos a membros da irmandade, aos ajudantes, aos vizinhos ou a pobres, presos e doentes, é recorrente e recebe designações muito variadas. Os gêneros distribuídos podem também variar, mas consistem, essencialmente, em carne, pães variados e vinho. Também as quantidades podem ser variadas, livremente calculadas ou obedecendo a critérios específicos de peso e qualidade, em função dos destinatários.

A distribuição podia incluir algum tipo de retribuição, como convite a servirem-se de mesa posta para a ocasião.

Quadro 22 – Prestações alimentares

TERMO	DEFINIÇÃO	OUTRAS INFORMAÇÕES
ARRELIQUES	Nos Açores, distribuição de carne aos membros da irmandade, nas Flores e no Corvo (AAF, p. 325).	Pode designar outros elementos da festa.
BANDEJA	Nos Açores, oferta de uma posta de carne “maiorzinha”, um pão de mesa ou uma rosca pequena, um pão leve e um pires de biscoitos – Santa Maria (JL1, p. 52).	
BODO	Nos Açores, distribuição gratuita de pão, rosquilhas de massa sovada, de carne e de vinho, benzidos pelo padre (JSB, p. 114).	<i>Ora dai o vosso bodo/Dai-o de bom coração./O Senhor Espírito Santo/ Vos dará bom galardão</i> – Flores (MBS, p. 40). Em São Jorge o bodo compreende o jantar, as oblatas e as solenidades a cargo do Imperador (MBS, p. 40).
BODO DA CARNE	Nos Açores, primeiro de quatro bodos realizados em Fontes, na Graciosa, em julho, com carne para os pobres e vinho e rosquilhas para todos. (MMS, p. 309).	
BODO DA TRINDADE	Nos Açores, bodo do domingo da Trindade (JSB, p. 114).	
BODO DAS FATIAS	Nos Açores, distribuição em fatias das sobras do bodo realizado no dia anterior (MBS, p. 40).	
BODO DAS RAPARIGAS	Nos Açores, último dos quatro bodos realizados em Fontes, na Graciosa, com distribuição de rosquilhas (MMS, p. 309).	
BODO DAS SETE MARIAS	Nos Açores, outro termo para <i>Bodo das raparigas</i> .	
BODO DE LEITE	Nos Açores, distribuição gratuita de leite, sendo os animais ordenhados no próprio recinto da festa (JSB, p. 114).	
BODO DO ESPÍRITO SANTO.	Nos Açores, segundo dos quatro bodos realizados em Fontes, na Graciosa, com rosquilhas e vinho para todos (JSB, p. 309).	
BODO DOS RAPAZES	Nos Açores, terceiro dos quatro bodos realizados em Fontes, na Graciosa, entre maio e agosto (JSB, p. 309).	
CASTELO	Nos Açores, designação da	

	rosquilha e dos pães com que se inicia o serviço do Império nos Domingos da festa do Espírito Santo – São Jorge (JSB, p. 164).	
CEIA DOS AJUDANTES	Nos Açores, refeição oferecida aos ajudantes da festa – Santa Maria (JSB, p. 168).	
CEIA DOS CRIADORES	Nos Açores, refeição ritual e obrigatória, oferecida em honra dos lavradores que contribuíram com gado ou ofertas importantes para a festa, e que funciona também para recolha de fundos (JSB, p. 168).	
DISPENDER O BODO	Nos Açores, cerimonial que consiste em oferecer ao Espírito Santo as promessas recolhidas e repartir entre os presentes fatias da massa sovada recebida (JL2, p. 189).	
ENFIADAS	Nos Açores, distribuição de carne crua aos membros da irmandade – Flores (JL2, p. 188).	
ESMOLA-DA-FAVA	Nos Açores, nome de um peditório de gêneros destinados a leilão, que se fazia antigamente, em julho, no Faial, em São Miguel e na Terceira (JSB, p. 426).	
ESMOLA DE MESA	Nos Açores, distribuição de sopa de carne cozida e pão pelas casas mais pobres, durante as funções – Terceira (JL2, p. 174).	
ESMOLA-DE-PORTA	Nos Açores, distribuição pelas portas de pão, vinho e carne crua (JSB, p. 248).	
ESMOLAS	Nos Açores, outro termo para <i>Pensões</i> .	
FARELÓRIOS	Nos Açores, designação genérica de bolos, suspiros e massa sovada – Flores, Pico e Faial (MBS, p. 93).	
FLOR	Nos Açores, oferenda aos criadores dos gueixos do Espírito Santo [...] outra designação para <i>Pensão</i> (JSB, p. 277).	[...] corresponde às pequenas ofertas – pães de mesa, 500\$00-600\$00 em dinheiro – e é integrada por uma <i>posta</i> de carne pequena e um pão <i>temperado</i> – um <i>brindeiro</i> – ou um <i>pão de água</i> (JL1, p. 52).
FLORES DO ESPRITO	Nos Açores, nome que se dá em Santa Maria a um pedaço de pão	

SANTO	ou rosca que o trinchante distribui pelos presentes, na festa do Espírito Santo (JSB, p. 278); Qualquer oferta em honra do Espírito Santo (MBS, p. 94); Outro termo para <i>Pensões</i> .	
FRUTA	Nos Açores, nome que em Santa Maria se dá aos doces e biscoitos do Espírito Santo, nomeadamente aos biscoitos de orelha e aos encanelados (JSB, p. 285).	
FUNÇÃO	Nos Açores, outro termo para <i>Jantar</i> .	
GASTOS	Nos Açores, festejos em Santo Antão, ilha de São Jorge que, com os Jantares, equivalem às funções (JL2, p. 195). Semelhante ao <i>Jantar do Espírito Santo</i> , mas de maior dimensão (JSB, p. 294).	
IRMANDADE	Nos Açores, [...] designa tanto um conjunto de ofertas alimentares feitas pelo Imperador como um conjunto de ofertas sobretudo alimentares feitas ao Imperador (JL1, p. 26).	
JANTAR	Nos Açores, jantar do Espírito Santo dado em forma coletiva (JSB, p. 316), conhecido por <i>Jantar</i> em São Jorge e por <i>Função</i> nas outras ilhas.	<i>Viva o nosso mordomo/ Que tão abundantemente/ Mandou fazer o jantar/ Para toda esta gente – Graciosa</i> (MBS, p. 119).
JANTAR COZIDO	Nos Açores, outro termo para <i>Jantar</i> .	
JANTAR CRU	Nos Açores, distribuição, porta a porta, de carne crua e pão durante as festas – Faial, Flores (JSB, p. 316).	
MEIAS PENSÕES	Nos Açores, outro termo para <i>Pensões</i> .	
MORDOMOS	Nos Açores, outro termo para <i>Enfiadas</i> .	
OITAVOS	Nos Açores, outro termo para <i>Enfiadas</i> .	
PENSÕES	Nos Açores, oferta de pão, carne e vinho dada pela festa do Espírito Santo (JSB, p. 426). Pequena oferta em dinheiro, integrada por uma posta de carne pequena, um pão <i>temperado</i> – um <i>brindeiro</i> – ou um <i>pão d'água</i> – Santa Maria (JL1, p. 52).	<i>Esta pomba vai seguir/ Com prazer e alegria,/ Ela vai distribuir/ Pensões pela freguesia</i> (MBS, p. 144). Oferta de pão, carne e vinho a cada membro da irmandade, entregue em 3 carros de boi decorados com rodas ou estrelas

		de flores, o criador também recebe pensão ou reção – 3kg de carne, 2 pães de trigo, uma argola de massa cevada, um pão-de-ló, um prato de arroz doce, outro de esquecidos e meia canada de vinho – São Miguel e Santa Maria (MBS, p. 143).
PESOS	Nos Açores, lote de carne de 2 kg destinado a oferecer aos Irmãos – Flores (JSB, p. 474). Outro termo para <i>Enfiadas</i> .	
PÊZA	Nos Açores, oferta aos mais necessitados, de 2 kg de carne, vinho e dos pães dos tabuleiros, realizada em Tomar, na segunda-feira após o cortejo de Pentecostes (JSB, p. 429).	
PRESENTES	Nos Açores, outro termo para <i>Pensões</i> – Santa Maria.	
PRIMEIRO BODO	Nos Açores, bodo do domingo de Pentecostes (JSB, p. 451).	
QUINHÃO DE ESMOLA	Nos Açores, porção de carne, pão, rosquilha e vinho oferecida aos pobres em dias de bodo (MBS, p. 151)	
RAMO	Nos Açores, pirâmide de massa sovada (AAF, p. 318).	
REÇÕES	Nos Açores, lote de carne de 2 kg destinado a oferecer aos <i>Irmãos</i> – São Miguel (JSB, p. 474); Outro termo para <i>Pensões</i> .	
SERVIÇO DA COROA	Nos Açores, prato de doces distribuídos pelos cavaleiros, durante os Jantares e Gastos em Santo Antão, freguesia de São Jorge (JL2, p. 203).	
TABULEIRO	Nos Açores, oferta de uma posta de carne grande, um pão de mesa pequeno, uma rosca pequena, um pão leve, e um pires de biscoitos “maiorzinho”, três <i>encanelados</i> e três de <i>orelha</i> – Santa Maria (JL1, p. 52).	
VODO	Nos Açores, outro termo para <i>Bodo</i> .	

5.1.3.3 Além do pão... carne, queijo e vinho

5.1.3.3.1 A carne, elemento essencial

As refeições rituais das festas do Espírito Santo, nos Açores, são constituídas essencialmente por três pratos preparados com carne: as *sopas* (Fig.16), o *cozido* (Fig. 17) e a *alcatra*, nessa sequência. No continente, a carne de boi pode ser substituída por carne de ovelha ou cabra. As referências às refeições no continente que se pôde obter mencionam pratos de carne, com arroz e couve (SOARES, 1982, p.271). A mesma autora, transcrevendo muitas vezes registros de outros autores, menciona “pão vinho, *fartes*, bolos e tremoços” (1982, p. 279) ou carne, pães, laticínios e doçarias oferecidos em Eiras (1982, p.280); “[...] carne em abundância, cozida nos caldeirões [...]” (1982, p.288) “[...] ou arroz com carne e sopas de pão, vinho e pão de trigo” (1982, p.290), em Alcabideche; “sopa, um prato e um quarto de pão [...]. A sopa costuma levar carne do boi sacrificado, alguns legumes e massa e o prato é guisado com idêntico acompanhamento” (1982, p.338), em Penedo, ou ainda carne cozida de ovino ou caprino, sem acompanhamento, o quarto ensopado de borrego ou cabrito, sobremesa de queijo e azeitonas e vinho à vontade, em Monsanto. As *Sopas*, conhecidas em geral como *Sopas do Espírito Santo*, podem tomar nomes específicos em razão do momento em que são oferecidas, como *Caldo* ou *Sopa da meia-noite* ou *Sopas da manhã*, mas a constituição é basicamente a mesma.

Figura 16 – Preparação das Sopas do Espírito Santo



Fonte: acervo da autora

Figura 17 – Cozido



Fonte: Acervo da autora

Quadro 23 – Pratos de carne

TERMO	DEFINIÇÃO	OUTRAS INFORMAÇÕES
ALCATRA	Nos Açores, prato tradicional da Terceira, obrigatório na ementa das <i>Funções</i> do Espírito Santo (JSB, p. 23). Guisado de carne de vaca, característico da Terceira, que constitui um dos pratos principais da <i>Função</i> do Espírito Santo (MBS, p. 22).	<i>Ó meu nobre imperador/ isto assim não tem jeito/ mandai vir a alcatra assada/ Com seu molhinho bem feito</i> – Terceira (JSB, p. 23).
CAÇOILA	Nos Açores, estufado de carne de vaca temperado com toucinho, cebola, vinagre e especiarias, preparado no forno em caçoilas de barro (MBS, p. 50).	Prato obrigatório nos jantares do Espírito Santo, no Faial e no Pico (MBS, p. 50). Servido no jantar do dia da matança (JSB, p. 133).

CAÇOILHA	Nos Açores, outro termo para <i>Caçoila</i> .	
CALDO DA MEIA-NOITE	Nos Açores, distribuição de sopas na noite da véspera ou na madrugada do dia de Império (JSB, p. 139). É distribuído à meia-noite do sábado que precede a coroação – Santa Maria (MBS, p. 51).	
CARNE DE CAÇOILA	Nos Açores, outro termo para <i>Caçoila</i> .	
COZIDO	Nos Açores, prato indispensável na <i>Função</i> , constituído por postas de carne de vaca ou de galinha, sangue, fígado, toucinho, repolho e por vezes batatas, servida com grandes pedaços de pão – Terceira (MBS, p. 74).	
MARANHOS	Outro termo para <i>Maranhos</i> – Beira Baixa	
MOLHA	Nos Açores, guisado de carne, feito nas ilhas centrais (JL1, p. 25).	
MOLHE	Nos Açores, outro termo para <i>Molha</i> .	
MOLHINHOS	Nos Açores, espécie de enchido feito com os miúdos da ovelha ou de cabra que, depois de temperados com alho, sal, cominhos, hortelã, malagueta e vinagre, são enrolados num pequeno retângulo do bucho, atado com as próprias tripas. Os molhinhos são tradicionalmente feitos pelas festas do Espírito Santo – Pico (JSB, p. 372).	
SOPA DA MANHÃ	Nos Açores, sopa de carne distribuída aos irmãos, vizinhos e pobres, na manhã do domingo da coroação – Santa Maria (MBS, p. 164).	
SOPA DA MEIA-NOITE	Nos Açores, outro termo para <i>Caldo da meia-noite</i> .	
SOPA DO ESPÍRITO SANTO	Nos Açores, prato obrigatório na <i>Função</i> do E. S. [...] caldo de carne temperado com sal, louro, hortelã, pau de cravo, pimenta e molho de alcatra. Leva pão [...] repolho. É cozinhada em grandes	<i>Ó meu nobre Imperador/ Sois pessoa de nobreza/ Mandai vir a vossa sopa/ Para honrar a nossa mesa – Terceira (JSB, p. 523).</i> <i>Ora toma, do manjar toma,/ o</i>

	caldeirões ao ar livre, sobre trempes de ferro ou simples pedras (MBS, p. 165).	<i>manjar foi boa sopa./ ela estava bem adubada/ ficou o gosto na boca</i> – Flores (MBS, p. 165).

5.1.3.3.2 O queijo

Apesar da variedade de queijos produzidos no continente como no arquipélago, só se obteve um termo referente a queijo associado à festa, o *Queijo do capelão*. Mais uma vez se retoma aqui a ideia das primícias, no ritual de preparação de um queijo com o leite obtido em um dia pelo conjunto de todos os participantes. No Ladoeiro, em Portugal Continental, encontrou-se *Travia* que, com vinho e tremoços, eram os únicos alimentos consumidos no jantar do Espírito Santo, na primeira metade do século XX. A *Travia*, produzida por pastores, era produto raro e muito apreciado, consumido por vezes com açúcar. O festeiro encomendava com antecedência a *Travia*, paga em gêneros como feijão.

Quadro 24 – Queijo

TERMO	DEFINIÇÃO	OUTRAS INFORMAÇÕES
QUEIJO DO CAPELÃO	Nos Açores, grande queijo, oferecido pelos lavradores de Santa Maria, na época do E. S., ao padre de sua freguesia, fabricado com a produção conjunta do leite de um dia (JSB, p. 460).	
TRAVIA	Em Portugal Continental requeijão com soro – Monsanto (VFB, p. 363).	Espécie de requeijão obtido a partir da massa do queijo que sai através dos orifícios do cincho, durante a pressão da massa para feitura do queijo, fervida com um pouco de leite. Jaime Lopes Dias informa que era costume fazer uma cruz sobre a <i>travia</i> e dizer: “Deus de acrescente e as almas do céu para sempre” (FH, p. 84).

5.1.3.3.3 O vinho

As referências ao vinho servido nas festas estão mais centradas na quantidade do que na variedade. O vinho (Fig. 18) é mencionado em todas as descrições da festa, nos Açores ou no continente e, frequentemente, foi alvo de proibições em razão dos abusos que decorriam do excesso de bebida. No entanto, apenas nos Açores é mencionado um tipo especial de vinho, o *Vinho de cheiro*, que acompanha os jantares e as distribuições de biscoitos.

Figura 18 – Vinho de cheiro



Fonte: Acervo da autora

Quadro 25 – Vinho

TERMO	DEFINIÇÃO	OUTRAS INFORMAÇÕES
VINHO DE CHEIRO	Nos Açores, vinho produzido a partir da uva-de-cheiro (JSB, p. 585).	<i>Este vinho de cheiro/ atural da Terceira/bebe-se bem co'a alcatra/que é sua irmã verdadeira (MBS, p. 186).</i> <i>Da cepa nasce o ramo/ Do ramo nasce o cacho/ E deste vinho de cheiro/ às vezes nasce um borracho – S. Miguel (JSB, p. 585).</i> Vinho muito aromático proveniente de uva de casta Isabel, que só por volta de 1870 terá sido introduzido nos Açores e é hoje elemento obrigatório na ementa da <i>Função</i> (MBS, p. 186).

5.1.3.4 As prestações alimentares no Maranhão

No Maranhão – São Luís e Alcântara – a festa também se caracteriza pela oferta de refeições numerosas, das quais as mais importantes são realizadas no dia principal da festa, depois da missa de coroação, e compreendem almoços, jantares e lanches, em geral oferecidos inicialmente aos integrantes da corte imperial, constituída por crianças, e às caixeiros, para se estender depois a todos os presentes. A mesa é farta e variada mas não apresenta pratos específicos da festa. O cardápio é aquele usualmente encontrada em festas, na região – tortas de camarão e carne, frango desfiado, carne de boi e porco, vatapá, macarrão, arroz, farofa, salada e refrigerantes. Em geral o almoço é acompanhado com já mencionei anteriormente,

por música animada – pagode ou, mais recentemente, radiola de reggae – e há consumo de bebidas alcoólicas, vendidas ou oferecidas ao público.

Vieira Filho menciona, para este momento, a oferta de um outro tipo de refeição: “Finda a louvação é servida aos presentes que confraternizaram com os impérios farta mesa de ‘doces de espécie, pastilhas e licor de jenipapo’.” (1977, p. 48), confirmada pela informação obtida na Casa de Nagô de que, dependendo da hora de retorno da missa, pode haver um lanche, antes do almoço.

Merecem destaque as mesas de doces caprichosamente montadas para exibir bolos confeitados e lembrancinhas.

Ferretti afirma:

Uma festa do Divino considerada boa costuma ter, no mínimo, seis mesas de doces, [...]. (2005, p. 25).

Cada membro do império fica responsável por uma mesa da festa e há uma verdadeira disputa para ter a mesa mais bonita. Na mesa há sempre um bolo confeitado de 10 a 20 libras, nas cores das roupas do membro do Império correspondente, e lembrancinhas nas mesmas cores, que serão depois distribuídas. As mesas, envoltas por cortinados, para evitar moscas, ficam expostas durante dois ou três dias.

Dona Maria Farias, uma das caixeiros do Divino, em entrevista realizada em 26/05/94, comenta que “É a fartura da festa, porque festa de Espírito Santo tem que ser farta, tem é que ter muita comida, comida e doce ‘pra’ todo mundo, é assim” (GOUVEIA, 1997, p. 97).

Lima enumera os doces:

[...] pudim, pão-de-ló, queijadinha, broa, bolo de tapioca, mãe-benta e pastilhas, onde a imaginação dos artistas coloca chinelinhas, garças, coelhos, corações e cestas de cartolina, feitas a caprichos, pintalgadas de orvalho brilhante e pó de ouro e os célebres “doces de espécie”, especialidade de Alcântara, receitas transmitidas de geração a geração, simples ou duplos, no feitio de folhas, cestos, maxixes, quiabos, bichos, etc., etc. São formas de massa de trigo, ovos e manteiga que recebem o saboroso recheio de inigualável doce-de-coco.”(1988, p. 29).

Um outro momento de oferta de refeições acontece no dia do *Carimbó das caixeiros*, realizado após o término da festa, cumpridas as obrigações rituais, e que é um momento de descontração e diversão, com comida e bebida para os que trabalharam durante a festa. Cerveja e feijoada são comuns, mas na casa das Minas é tradicional servir arroz de toucinho com camarão, prato regional.

Como se vê, a fartura e a variedade caracterizam as refeições. Na casa das Minas mantém-se ainda a tradição de oferecer *Esmolas* a pessoas pobres previamente selecionadas. A Esmola consiste em cestas básicas e, por vezes, um envelope com dinheiro, e é entregue à entrada da Casa, no momento do retorno da missa.

Em que pese a importâncias das refeições e o ritual minucioso que as acompanha, os pratos servidos, mencionados pelos autores consultados e observados *in loco*, não constituem pratos característicos ou específicos da festa, à exceção do doce de espécie.

Há, assim, uma diferença marcante no que diz respeito à terminologia da culinária da festa do Divino Espírito Santo, principalmente entre os Açores e o Maranhão. Enquanto nos Açores existe uma profusão de pratos, obrigatoriamente, e muitas vezes exclusivamente, preparados para a festa, no Maranhão apenas o *Doce de espécie* é típico desse período, embora atualmente possa ser consumido o ano inteiro, na forma simplificada de uma flor estilizada a que dão o nome de dália. Quanto a esse doce, assim denominado provavelmente por ter um forte componente de especiarias, não se conseguiu obter qualquer explicação para o termo, por parte de quem os confecciona.

5.1.4 Insígnias e vestuário

5.1.4.1 O vestuário

A festa do Divino, no Açores como no Maranhão, é constituída por grupos distintos: o grupo do *Imperador* e/ou *Imperatriz* e sua corte, e o grupo dos que conduzem a festa com os cânticos e os instrumentos rituais – os *Foliões* nos Açores, e as *Caixeiras* no Maranhão. Nos Açores a corte, na maior parte dos casos, não tem uma indumentária específica embora se observe o capricho na escolha das roupas para a festa, terno e gravata para os homens, vestidos finos para as mulheres, enquanto que no Maranhão há um figurino específico que busca representar uma corte imperial do passado. Apesar do luxo das peças, não há uma terminologia própria, merecendo registro apenas a designação do manto (Fig. 19) por *Capote*.

Figura 19 – Capotes ou mantos



Fonte: Acervo da autora

Acontece o oposto no que se refere às *Caixeiras* e aos *Foliões*. No Maranhão, não há uma indumentária específica para as caixeiras, embora elas possam estabelecer uma cor única ou um modelo único de vestido, muitas vezes com tecido ofertado pela casa que faz a festa. Os foliões, até um passado recente, apresentavam, em algumas ilhas, uma indumentária específica, a *Opa* (Fig. 20), em São Miguel acompanhada da *Mitra*, um tipo de chapéu com forte influência religiosa na forma e na designação.

Figura 20 – Opas e Mitras



Fonte: SIMÕES, 1987, p. 96

Selecionei, neste campo, os termos referentes a peças do vestuário ou objetos que representam ou identificam os personagens da festa, ou seus participantes. Essas roupas e objetos podem ser exclusivos de um único elemento, como a *Coroa*, a *Espada*, o *Cetro*, que são as insígnias imperiais, podem ser peças de vestuário ou objetos que são utilizados por mais de um membro da corte imperial e identificam sua função na festa, como panos usados enrolados no braço dos *Briadores*, denominados de *Fruteiros*, toalhas ou lenços, usados no pescoço ou em diagonal sobre o peito, ou ainda pequenos objetos ou adereços que identificam

os participantes que pagam promessas, como as *Medalhas*, ramos de flores, *Arreliques* ou cravo, dependendo da região.

O que pude observar é que a riqueza e diversidade das peças de vestuário, no Maranhão principalmente, não encontra correspondente em unidades terminológicas específicas da festa, embora as roupas sejam um elemento importante e dispendioso para compor o cenário. Tendo sempre em mente que os elementos humanos da festa podem ser divididos em dois grandes grupos – o dos que constituem ou assessoram e acompanham a corte imperial, presentes nas festas portuguesas como nas maranhenses, e o dos que efetivamente comandam o ritual, *Foliões* em Portugal e *Caixeiras* no Maranhão – observei que *Imperadores*, *Imperatrizes* e *Mordomos*, no Maranhão, usam trajes de tecidos caros, com rendas e bordados, adereços como tiaras, colares, brincos e pulseiras, penteados elaborados, o que dificulta a mobilidade, mas contribui, por essa razão, para dar um aspecto mais solene aos deslocamentos da corte.

Os *Imperadores* e *Mordomos* usam roupas inspiradas nas representações dos reis dos séculos XVI e XVII, por vezes com elementos que identificam a associação direta com o rei inspirador, como é o caso do Imperador da festa realizada pelo Terreiro de Iemanjá na Liberdade, bairro de São Luís – Maranhão, em que a festa está associada ao culto ao rei e santo francês Luís IX. Nesta festa, a decoração é predominantemente em azul, vermelho e branco, cores da bandeira francesa – republicana (!) – e um dos elementos decorativos mais frequentes é a flor de lis dourada, essa sim, um símbolo da monarquia francesa. As roupas do Imperador seguem o modelo que se presume ter sido aquele utilizado pelo rei homenageado.

5.1.4.1.1 Luxo nas vestes, entre o sagrado e o profano

Quadro 26 – Vestuário

TERMO	DEFINIÇÃO	OUTRAS INFORMAÇÕES
CAPOTE	No Maranhão, manto de veludo rebordado, que faz parte das Posses do Império, isto é, faz parte do conjunto de objetos que simbolizam o poder imperial (FSR, p. 95).	“ <i>Oh meu nobre imperador/ Menino de boa sorte/ Pela sua gentileza/ Me entregue o seu <capote></i> ” (MB, p. 172).
ENSINHAS	Nos Açores, a opa vermelha de chita encarnada que constitui o traje dos Foliões – São Miguel (MBS, p. 88).	
MAROTO	Nos Açores, lenço de linho,	<i>Na ponta deste maroto/ O teu</i>

	bordado a matiz, que as esposas da Terceira bordavam para oferecer aos namorados e que eles ostentavam vaidosamente sob a gola da jaqueta caindo em bico pelas costas, nos arraiais, nos <i>bodos</i> , nas <i>iluminações</i> e nas touradas à corda (JSB, p. 353).	<i>nome está bordado;/ Dentro do meu coração/ Tenho-te a ti retratado</i> (JSB, p. 353); <i>Menino, se quer saber/ Como é que se namora,/ O maroto na algibeira/ Com as pontinhas de fora</i> (JSB, p. 445).
MITRA	Nos Açores, uma das insígnias (chapéu) dos foliões de S. Miguel (MBS, p. 132).	
OPA	Nos Açores, “ensina” dos Foliões [...] de tecido branco enramado a vermelho, ou de tecido vermelho enramado a branco [...] (MBS, p. 137). No sul da Beira Interior, Portugal Continental, antigamente a opa, vermelha ou branca, era usada por quem carregava a imagem no cortejo.	
OPA DE RAMAGEM	Nos Açores, outro termo para <i>Opa</i> .	

Em Penedo, Portugal Continental, onde ainda se festeja o Espírito Santo, Soares (1982, p. 318) descreve o traje do Imperador, uma criança de 7 anos, como é costume no lugar e nas festas maranhenses, em que o adulto é representado na festa por uma criança: “[...] o seu traje à Luís XIII, espadim, estoque, e respectiva coroa”. A autora comenta a mudança dos hábitos de vestuário e descreve um conjunto antigo de vestes, guardado na igreja. O Imperador usava roupas de “seda azul-clara, com largos folhos de renda e remates de guarnições douradas [...] Consta mais de calção até o joelho e manto orlado de franja a imitar ouro. [...] Faz parte ainda da indumentária meia branca de renda, sotoposta ao folho do calção, e sapato abotinado, geralmente branco (SOARES, 1982, p. 327).

Atualmente, segundo a mesma autora, privilegia-se o veludo, em tons fortes de azul ou vermelho, manto debruado de arminho ou galão dourado, blusão com punhos bordados ou com rendas e calção com larga renda branca caindo sobre o joelho. Este traje assemelha-se bastante ao utilizado pelos Imperadores nas festas do Divino de terreiros de São Luís. Distingue-se apenas pelo uso de um gorro, também de veludo, em Penedo.

Em Marmeleite, Portugal Continental, em vez de *Imperador*, o *Rei* era o personagem mais importante, e usava uma *Opa* encarnada. O uso de *Opas* vermelhas,

eventualmente brancas, pelo *Mordomo* ou por quem carregava a imagem, nas procissões, é frequentemente mencionado nas descrições das festas nas Beiras.

5.1.4.2 As Insígnias

As *Insígnias*, ou *Posses reais*, como são conhecidas, apresentam vários elementos comuns em todas as festas das localidades pesquisadas, como o *Cetro*, a *Coroa*, a *Espada* e a *Salva*. À exceção da última, todas identificam o *Imperador* e a *Coroa* identifica também a *Imperatriz*. Outros elementos, nem todos coincidentes, são mencionados pelas caixeiras nos cânticos de entrega das *Posses Reais* ao *Imperador* do ano seguinte, como: pombinhos, fita, luvas, cadeira, capote, tapete, vela e castiçal. Nesses cânticos, como anunciam a mudança de funções, hierarquicamente predeterminadas, incluem-se também as posses dos mordomos, como chapéus e tiaras.

Quadro 27 – Insígnias

TERMO	DEFINIÇÃO	OUTRAS INFORMAÇÕES
ALFAIAS DO ESPRITO SANTO	Nos Açores, cada uma das insígnias do Espírito Santo [...] (JSB, p. 55).	
ALMOFADÃO	No Maranhão, almofada grande, que faz parte das Posses Reais, isto é, faz parte do conjunto de objetos que simbolizam o poder imperial (FSR, p. 85).	“ <i>Meu Divino Espírito Santo/ Vossa tribuna vai fechar/ Entregue o <almofadão>/ Tapete e vela e castiçal</i> ” (MB, p. 174). “Tapete, vela e castiçal”, embora neste cântico sejam apresentados como parte das Posses Reais, são objetos não mencionados em outros cânticos, não lhes sendo atribuído valor simbólico.
ARRELIQUES	Nos Açores, pedaço de fita com legendas, de seda (de 6 a 8 cm), de cor viva, que se prega nas lapelas e no peito dos vestidos por ocasião das festas religiosas, pelas pessoas que fazem promessas – São Jorge, Flores, Pico e Terceira (MBS, p. 31); (JSB, p. 81).	
BANDEJA	Nos Açores, também chamada <i>Salva</i> , é um suporte de pé alto, feito de prata, destinado a	

	receber a <i>Coroa</i> do Espírito Santo quando está depositada ou para o seu transporte (JSB, p. 98).	
BASTÃO	Em Portugal Continental, “[...] pau a fingir de bastão, pintado de encarnado e revestido de folhagem verde, com uma queijada espetada no topo” (MMS, p. 275).	Este bastão era transportado pelo <i>Rei</i> , em Marmeleite, que o apresentava aos fiéis; estes depositavam moedas de ouro ou prata e recebiam da <i>Rainha</i> uma queijada, de tamanho e qualidade proporcionais à doação (MMS, p. 275).
CASOLA	Nos Açores, <i>quadrado de varas</i> dentro do qual vai o <i>Imperador</i> no cortejo da <i>Coroação</i> . A <i>Casola</i> é constituída por quatro varas dispostas em quadrado, seguras nos ângulos por quatro homens que se colocam de modo a formarem um quadrado na horizontal (MBS, p. 57).	
CEPTRO	Nos Açores, variante ortográfica de <i>Cetro</i> , nos Açores é descrito como um pequeno bastão de prata, de 35 a 40 cm de comprimento, composto de um punho liso ou gravado e de uma haste lavrada, encimado por uma esfera na qual assenta uma pomba de asas abertas. O punho é ornamentado com um laço de seda branca (MBS, p. 61).	<i>Ó ceptro, divino ceptro,/ Ó coroa, divina coroa,/ Vós no mundo sois pombinha/ No céu divina pessoa – Terceira</i> (MBS, p. 62).
CETRO	No Maranhão, bastão de prata que faz parte das Posses do Império, isto é, faz parte do conjunto de objetos que simbolizam o poder imperial (FSR, p. 96).	“ <i>Arreda povo arreda/ Deixa os impérios passar/ Passa o <etro>, passa a croa/ Passa o império real</i> ” (PGA, p. 54).
CETRO REAL	No Maranhão, Outro termo para <i>Cetro</i> (FSR, p. 97).	“ <i>Entrega Imperador/ Este lindo <etro real>/ Que usou na sua mão/ Divino celestial</i> ” (MB, p. 172).
COROA	No Maranhão, Objeto em metal para ser colocado na cabeça do Imperador e que faz parte das Posses do Império, isto é, faz parte do conjunto de objetos que simbolizam o poder imperial, e que representam o Espírito Santo (FSR, p. 97).	“ <i>Se rasgou o véu do tempo/ Veio o pombo e veio a <Coroa>/ Vamos todas festejar/ Essa prenda de Lisboa</i> ” (MB, 149). “ <i>Arreda povo arreda/ Deixa os impérios passar/ Passa o etro, passa a <croa>/ Passa</i>

		<i>o império real</i> ” (PGA, p. 54). A coroa, na festa, tem dupla significação: sobre a cabeça do Imperador é o símbolo do poder imperial a ele atribuído; carregada sobre uma salva ou exposta no altar da tribuna, é uma das representações simbólicas do Divino Espírito Santo e é então mais comumente designada por Santa Croa.
COROA DO ESPRITO SANTO	Nos Açores, coroa imperial de prata ou de casquinha, encimada por um orbe de prata dourada sobre o qual assenta uma pomba de asas abertas. É acompanhada pelo <i>Cetro</i> e pela <i>Salva</i> e assim compõem as <i>Insígnias</i> do Império (JSB, p. 191).	<i>Lá vem o Espírito Santo/ Ele lá vem ao ilhéu!/ Traz a coroa na cabeça,/ que vem coroadado do céu.</i> – São Jorge (MBS, p. 68).
EMBLEMAS	Nos Açores, termo usado em algumas ilhas para designar as <i>Insígnias</i> (MBS, p. 87).	
ENXOTA-PORCOS	Nos Açores, vara usada nos cortejos do Espírito Santo para manter a ordem no seu andamento (JSB, p. 241).	
ESPADA	No Maranhão, arma fictícia que faz parte das Posses Reais ou do Império, isto é, faz parte do conjunto de objetos que simbolizam o poder imperial (FSR, p. 104).	<i>“Receba esta <espada>/ De todo o seu coração/ Quem mandou foi Santa Croa/ Eu entregar em vossas mãos”</i> (MB, p. 169).
ESPADIM	Nos Açores, pequena espada transportada no cortejo pelo <i>Condestável</i> . Em São Jorge, sempre levado por uma criança (MBS, p. 89).	
ESPADIM REAL	Designação dada ao <i>Espadim</i> em Penedo, Portugal Continental (MMS, p. 326).	
ESTÓ	Nos Açores, outra designação para <i>Estoque</i> (MBS, p. 89).	
ESTOQUE	Nos Açores, <i>espadim</i> de ferro ou latão que constituía uma das <i>Insígnias</i> das festas do Espírito Santo – São Miguel. Hoje em desuso nos Açores (MBS, p. 89). Outra designação para o cetro em Penedo, Portugal Continental	

	(MMS, p. 328).	
FAIM	Outra designação dada ao espadim em Penedo, Portugal Continental (MMS, p. 326).	
FERRAMENTA	Outra designação para insígnias, usada no Ladoeiro, Portugal Continental (FH, p. 113).	
FITA	No Maranhão, faixa de tecido que faz parte das Posses Reais ou do Império, isto é, faz parte do conjunto de objetos que simbolizam o poder imperial (FSR, p. 106).	“A Crôa do Espírito Santo/ É uma prenda bonita/ Ela é quem mandou entregar/ A você bendita <fita>” (MB, p. 169).
FRUTEIRO	1 – Nos Açores, guardanapo grande de cesta; 2 – Nos Açores, toalha de renda de dimensões variadas que se aplica na ornamentação de compartimentos e nos altares do Espírito Santo (JSB, p. 286); 3 – Nos Açores, espécie de toalha que é usada enrolada no braço dos Briadores (JL2, p. 44).	
INSÍGNIAS	Nos Açores, outro termo para <i>Insígnias do Espírito Santo</i> .	
INSÍGNIAS DO ESPÍRITO SANTO	Nos Açores, conjunto dos elementos do culto do Espírito Santo, usados nos diversos momentos da <i>Função</i> [...] (MBS, p. 114).	
MÃOZINHA DO SENHOR ESPRITO SANTO	Nos Açores, nome que em alguns lugares se dá ao ceptro do Espírito Santo (JSB, p. 349).	
MEDALHA	Pequeno objeto decorativo, bento, confeccionado com canotilhos, palhetas, lantejoulas, contas, papel de seda frisado, laços de fita e um minúsculo registro do Espírito Santo, com motivos em geral fitomórficos. Feita para ser usada pelo Imperador e pelos principais membros da corte, em Penedo, Portugal Continental (MMS, p. 331).	
PRATO	Nos Açores, outro termo para <i>Bandeja, Taça</i> ou <i>Salva</i> .	
POSSES REAIS	No Maranhão, conjunto de objetos rituais e da indumentária que simbolizam o poder imperial	“O repasse das < posses reais> é um momento solene e de profunda emoção” (PGA,

	como coroa, cetro, fita, espada, almofadão (FSR, p. 119).	p. 36).
QUADRA	Nos Açores, outra designação para <i>Casola</i> (JSB, p. 457).	
QUADRO	Nos Açores, outra designação para <i>Casola</i> (JSB, p. 457).	
QUADRO DE VARAS	Nos Açores, outra designação para <i>Casola</i> – Santa Maria (MBS, p. 152).	
QUADRADO DE VARAS	Nos Açores, designação mais frequente para <i>Casola</i> (MBS, p. 152).	
RAMO	Nos Açores, vara especial, encimada por decoração floral, usado nas festas do Espírito Santo – São Jorge (JSB, p. 469).	
SALVA	Outro termo para <i>Bandeja</i> , <i>Prato</i> ou <i>Taça</i> , é a mais utilizada no Maranhão.	O devoto, ao dar o óbulo, beija respeitosamente a pombinha ou coloca a salva sobre a cabeça para que fique abençoado. (VIEIRA FILHO, 1974, p. 56).
TAÇA	Nos Açores, outro termo para <i>Bandeja</i> , <i>Salva</i> e <i>Taça</i> .	
TERÇADO	Insígnia usada pelo Imperador de Eiras, Portugal Continental (DFS, p. 16).	
TOALHAS	Nos Açores, toalha rendada que o <i>Trinchante</i> e as pessoas que distribuem o <i>Bodo</i> levam a tiracolo. Estas toalhas eram engomadas, orladas de folhos e rendas [...] (MBS, p. 175); [...] o trinchante e o mestre-sala envergam ainda uma toalha branca caída sobre o peito [...] os pagens da mesa [...] Além do fruteiro, usam ainda como insígnia uma toalha branca a tiracolo (JL2, p. 44); Insígnia do Imperador de Eiras, Portugal Continental, de linho, que pode ser substituída por uma faixa ou mesmo um lenço de mulher (DFS, p. 11).	
VARA	Nos Açores, pau comprido e cilíndrico que os <i>Irmãos</i> do Espírito Santo transportam durante as coroações [...] podem também seguir ligadas umas às	

	outras a formar quadrados – as <i>Quadras</i> – dentro dos quais vão aqueles que transportam as insígnias (JSB, p. 573).	
VARA BRANCA	Nos Açores, outra designação para <i>Varas do Espírito Santo</i> (JSB, p. 573).	
VARAS DO ESPRITO SANTO	Nos Açores, varas de madeira polida presentes nos cortejos, geralmente em número de 12, medindo cerca de 1, 5 metros de comprimento e, em algumas ilhas, encimadas por um suporte no qual é possível colocar uma vela, acesa no momento da coroação (JSB, p. 573).	
VARA DO MORDOMO	Nos Açores, vara que o <i>Mordomo</i> leva nas festas do Espírito Santo – São Jorge (JSB, p. 574).	

Insígnias características das festas açorianas são as *Varas*, transportadas individualmente ou reunidas formando *Quadros* - ou *Quadros de varas*, ou *Quadrados de varas* ou ainda *Casolas* (Fig. 21) - que delimitam os espaços do *Imperador* e da *Imperatriz*, e daqueles que transportam as *Insígnias*, nos *Cortejos*. São essas insígnias que identificam também os *Briadores*, os *Mordomos* e os convidados. A *Vara* pode variar em número, aspecto e destinação. Embora tenha sido sempre “símbolo de governança, tendo sido usada por corregedores, juízes, vereadores e pelos temidos almotacés, os inspetores camarários de pesos e medidas que fixavam o preço dos gêneros” (BARCELOS, 2008, p. 573, nota de rodapé 2371), ao que tudo indica representa, na festa, as canas verdes mencionadas por Frei Manuel da Esperança, em 1666, descrevendo a festa em Alenquer (BARCELOS, 2008, p. 573).

Figura 21 – Casola



Fonte: FERNANDES; FERNANDES, 2006 p. 477

As Varas podem ser decoradas com fitas brancas e vermelhas ou com sete fitas de cores diferentes, representando os sete dons do Espírito Santo: Sabedoria, azul-claro; Entendimento, prata; Conselho, verde; Fortaleza, vermelho; Ciência, amarelo; Piedade, azul escuro, Temor de Deus, roxo.

Podem também ser pintadas, e a cor varia de ilha para ilha: envernizadas ou vermelhas em São Miguel e Santa Maria, vermelhas ou brancas com a ponteira azul na Terceira, brancas no Corvo e, nas Flores, brancas ou pintadas de verde com as extremidades em azul escuro. Em São Jorge, em geral, são doze varas, simbolizando os doze apóstolos, oito vermelhas e quatro verdes, estas últimas representando os quatro evangelistas. Não há também um número único de *Varas* em todos os locais. Podem ser doze, todas iguais, pode haver uma maior – também conhecida como *Enxota-porcos* – destinada a quem for designado para manter o cortejo organizado ou, como observei na Terceira, pode haver um número reduzido de varas brancas – quatro ou seis – com vela no topo e decoradas com flores e laços de fita, destinadas aos parentes ou a pessoas que se queira distinguir, e um número maior e indefinido de varas vermelhas com uma pomba pintada a branco, destinadas a convidados.

Nos Açores, como disse antes, quatro dessas varas têm uma utilização prática, pois compõem a *Casola*, uma formação em quadrado no plano horizontal, transportada nos cortejos por Irmãos do Espírito Santo, que mantêm unidas as extremidades de duas varas, formando um ângulo reto. No interior desse espaço vão os membros da corte que transportam as *Insígnias* (Fig. 22) imperiais – *Salva*, *Coroa* e *Cetro*.

Figura 22 – Insígnias



Fonte: Acervo da autora

Em Portugal Continental, em algumas localidades da Beira Interior, a *Vara* é transportada pelo *Rei* e o *Cetro* pelo *Juiz*. Pode ocorrer também a presença de duas pequenas varas que terminam em ramalhetes de flores, transportadas por homens que acompanham o porta-bandeira. Apenas na Zebreira as varas têm uma função no ritual, a de auxiliar a entrada da bandeira na casa onde está guardada e na igreja, evitando que toque no chão ou nas paredes.

Outro costume das festas portuguesas é a identificação dos participantes sem função na festa, por meio de fitas – os *Arreliques* –, pequenos ramos de flores naturais ou de papel, cravos ou outros objetos artesanais, como as *Medalhas*.

Em Tomar, podem ser adquiridos pequenos ramos de flores de papel, idênticas às que são utilizadas para a decoração das ruas da cidade, e que compreendem também uma haste de trigo e um pão minúsculo.

Em algumas localidades das Beiras, a perda desses objetos pode dar ensejo a uma punição ou multa.

5.1.5 Instrumentos e outras referências musicais

O campo conceitual dos instrumentos e de outros elementos relacionados à música está diretamente ligado a um dos grupos fundamentais que constituem a estrutura da festa e aos instrumentos que utilizam, como mencionei anteriormente. Esse grupo compreende os *Foliões* nos Açores e Portugal Continental e as *Caixeiras* no Maranhão, pois estes componentes, embora apresentem algumas divergências – possivelmente a maior delas a composição estritamente masculina dos primeiros, e feminina das segundas – têm em comum serem os verdadeiros e principais responsáveis pela condução e preservação do ritual e, conseqüentemente, pelo sucesso e preservação da festa do Divino Espírito Santo.

Os foliões açorianos apresentam uma variedade maior de instrumentos, acompanhando o *Tambor* com o *Pandeiro*: “Espécie de pandeireta, em alguns lugares sem peles, com um aro metálico ou de madeira, sendo as soalhas feitas às vezes com moedas antigas de cobre [...]” (BARCELOS, 2008, p. 404); a *Viola*, *Viola de dois corações* ou *Viola de arame*: “Instrumento musical [...] composto por um braço e uma caixa de ressonância com duas aberturas em forma de corações. É um dos instrumentos usados pelos Foliões de São Miguel” (SIMÕES, 1987, p. 186); os *Pratos* ou *Testos*: “[...] Címbalos feitos de latão ou ferro, presos no centro por uma correia de cabedal onde se enfiam os dedos médios, o da mão esquerda sempre fixo, o da direita o percutor [...]” (BARCELOS, 2008, p. 449).

Também em Portugal Continental se encontram, eventualmente, outros instrumentos musicais, como o adufe. Em qualquer das localidades estudadas, no entanto, observei a predominância de instrumentos de percussão, em primeiro lugar, ou de quaisquer outros tipos de marcadores de ritmo.

Simões (1986, p. 27) classifica, do ponto de vista instrumental, as Folias, nos Açores, em dois tipos tradicionais de formações diferentes: o de S. Miguel, mais antigo, que se repete na Terceira, Graciosa, São Jorge, Pico e Faial, composta por *Tambor* e *Pandeiro* além do porta-bandeira, que pode também ser um músico. O autor registra a explicação sobre a simbologia dessa composição, obtida em Água de Alto, S. Miguel:

Quando ali se usava esta Folia, se entendia que o tambor simboliza o trovão que soou quando o Senhor veio ao mundo; o “pandeiro”, o anjo que toca a trombeta (do Apocalipse?); e a bandeira, os relâmpagos e os raios (SIMÕES, 1986, p. 27).

O segundo tipo é o da *Folia* de Santa Maria, composta por um *Tambor*, conhecido como *Tamborinho* e por *Testos*, no lugar do *Pandeiro*, além do Porta-bandeira.

Nas Flores e no Corvo, as duas formações se conjugam, compreendendo, *Tambor*, *Pandeiro* e *Testos*.

Estas formações podem sofrer pequenas variações em algumas localidades, com um tambor e dois cantadores, um tambor e um cantador ou dois tambores, um dos quais é o cantador. Do século XVII, há registros de Folias compostas por tambor e pandeiros, como é o caso da Folia no convento de freiras de S. João, na Horta, já mencionada neste trabalho, composta por cinco “Folians”, freiras, com estandarte, tambor e pandeiros.

Atualmente essas formações tradicionais vêm sendo alteradas e gerando, conseqüentemente, alterações do repertório musical. A mais frequente é o desaparecimento do *Tambor* e a inclusão, junto ao *Pandeiro*, de *Viola*, *Violão* ou *Guitarra*, nessa ordem de frequência, *Rabeca* e *Ferrinhos*. Simões (1986, p. 27) menciona ainda uma *Folia* que acompanhava o *Cortejo dos Gueixos*, composta por *Rabeca*, *Viola* ou *Violão* e por vezes, *Acordeão*, e acompanhada por *Trincadeiras*, espécie de castanholas, tocadas por homens que executavam uma dança arcaica.

Quadro 28 – Instrumentos musicais

TERMO	DEFINIÇÃO	OUTRAS INFORMAÇÕES
ACORDEANO	Nos Açores, designação dada ao acordeão ou <i>coriano</i> – Flores, instrumento musical por vezes	

	utilizado pelos <i>Foliões</i> (JBS, p. 42).	
BAIXÃO	No Maranhão, linha melódica de apoio, com voz mais grave, que corresponde à terça paralela inferior, cantada em ritmo compassado (FSR, p. 88).	“Ai, meu Divino Espírito Santo/ Ai, me dê voz, me dê <baixão>/ Ai é pra eu cantar pra nós/ Ai de gosto e satisfação” (MB, p. 148).
BAQUETAS	Nome dado em Portugal às varetas com que são percutidos os tambores (EVO, p. 28).	
CAIXA	No Maranhão, tambor de madeira revestido de couro nas duas extremidades, com armação de metal e cordas, pintado de cores vivas e percutido por varetas (FSR, p. 93).	“Senhora [nome da caixeira]/ A <caixa> estou lhe entregando/ Porque eu sei que tu és/ caixeira do Espírito Santo” (PGA, p. 76).
CHIM-CHIM	Em Portugal Continental, nome dado aos testos nas antigas folias beiroas (EVO, p. 28).	
CHOCALHO	Nos Açores, aro de pandeireta sem pele, com moedas ou pedaços de latão que tilintam quando se agitam. Instrumento utilizado pelos <i>Foliões</i> no Faial (MBS, p. 65).	
FERRINHOS	Em Portugal, triângulo de metal percutido com vareta também de metal.	
GAMBITOS	No Maranhão, outra designação para <i>Vaquetas</i> ou <i>Vanquetas</i> (FSR, p. 107).	“o sagrado ali aparece como seu depositário: [...] as caixas e as vaquetas, vanquetas ou <gambitos> com que elas são percutidas [...]” (MB, p. 33).
PANDEIRO	Nos Açores e em Portugal Continental, espécie de pandeireta, em alguns lugares sem peles, com um aro metálico ou de madeira, sendo as soalhas feitas às vezes com moedas antigas de cobre [...] é utilizado nas Folias do Espírito Santo em várias ilhas e corresponde aos trinchos que antigamente se usavam nas Folias da Beira Baixa (JSB, p. 404).	
PANDEIRO DE CHOCALHAR	Nos Açores, nome que se dá no Faial ao pandeiro das festas do Espírito Santo (JSB, p. 404).	

PÉ QUEBRADO	No Maranhão, verso errado ou sem rima (FSR, p. 118).	<i>“Minhas amigas foliôa/ Me dão um pinto pelado/ Que é pra eu dar pra essa caixeira/ que cantou um <pé quebrado>”</i> (MB, p. 180).
PRATOS	Nos Açores, outro tipo de testos, usados nas ilhas das Flores e do Corvo, de tamanho igual, feitos de folha metálica batida (MBS, p. 173). Címbalos feitos de latão ou ferro, presos no centro por uma correia de cabedal onde se enfiavam os dedos médios, o da mão esquerda quase sempre fixo, o da direita o percutor [...] (JSB, p. 449).	
SISTROS	Nos Açores, antigo instrumento músico, de origem oriental, constituído por um pequeno aro de metal atravessado por hastes metálicas que, agitadas, produzem um som agudo e prolongado. É usado por alguns <i>foliões</i> (MBS, p. 164).	
TAMBOR	Nos Açores, caixa de forma cilíndrica, com dois fundos de pele tensa, sobre um dos quais se toca com baquetas. Instrumento musical usado, em algumas ilhas, pelos <i>Foliões</i> (MBS, p. 172).	
TAMBOR DA FOLIA	Nos Açores, outra designação para Tambor do Espírito Santo (JSB, p. 532).	
TAMBOR DO ESPÍRITO SANTO	Nos Açores, tambor da Folia do Espírito Santo, de tamanho médio e com bordões de corda macia na pele inferior, tocado na pele superior com duas baquetas (JSB, p. 532).	
TAMBORINHO	Nos Açores, designação do tambor, em Santa Maria (EVO, p. 27).	
TAROLA	Nos Açores, tambor usado nas festividades do Espírito Santo, de pequena altura e de timbre mais agreste do que o do tambor normal, tendo várias cordas de fio rijo colocadas em contacto com a pele inferior, responsáveis	

	por esse timbre quando vibram em contacto com ela – Flores, São Miguel (JSB, p. 535).	
TESTOS	Nos Açores, instrumento musical, os testos de Santa Maria são constituídos por duas peças de metal de tamanho desigual: de 15 centímetros de diâmetro o maior e 10 centímetros de diâmetro o menor. Prendem-se às mãos por correias (MBS, 173). Podem ser de ferro ou de bronze (JSB, p. 543).	
TRINCADEIRAS	Nos Açores, espécie de castanholas, bivalves, feitas de madeira de buxo, pau-preto ou laranjeira [...] podem ser <i>machas</i> , de concavidade interior mais fundo e com som mais grave, ou <i>fêmas</i> , menos fundas, e com som mais agudo [...] <i>presas com cordões de cor rematados com pompons de vária tonalidade</i> (JSB, p. 563).	<i>Minha sogra lapareira/De ténica a sarnicar/ Parece uma trincadeira/ Num arrudo repnicar</i> (JSB, p. 563).
TRINCHOS	Nos Açores, outra designação para Sistro (MBS, p. 164).	
VAQUETAS	No Maranhão, varetas com que são percutidas as caixas (FSR, p. 128).	<i>“o sagrado ali aparece como seu depositário: [...] as caixas e as <vaquetas>, vanquetas ou gambitos com que elas são percutidas [...]”</i> (MB, p. 33).
VANQUETAS	No Maranhão, outro termo para <i>Gambitos</i> ou <i>Vaquetas</i> (FSR, p. 128).	
VIOLA	Nos Açores, instrumento músico [...], composto por um braço e uma caixa de ressonância com duas aberturas em forma de corações. É encordada com cordas de arame de diferentes diâmetros. É um dos instrumentos usados pelos <i>Foliões</i> de São Miguel (MBS, p. 186).	
VIOLA DA TERRA	Nos Açores, outra designação para Viola (JSB, p. 586).	
VIOLA DE ARAME	Nos Açores, outra designação para Viola (MBS, p. 186).	<i>A viola está dezendo/ – Anda para mim ó querida/ Vem-me ajudar a passar/ estes dois</i>

		<i>dias de vida</i> (JSB, p. 587).
VIOLA DE DOIS CORAÇÕES	Nos Açores, outra designação para Viola (MBS, p. 186).	
VIOLÃO	Nos Açores, instrumento músico semelhante à viola francesa ou guitarra clássica, de fabrico artesanal nas ilhas, quase sempre ligeiramente mais largo e de caixa menos profunda (JSB, p. 588).	

Nas descrições das festas do Espírito Santo, são mencionados ainda, com menos regularidade, outros instrumentos, como a guitarra, a rabeca, o harmónio e os ferrinhos, mas estes instrumentos não aparecem descritos nos livros consultados e sua presença é eventual.

Nas fotos que pude consultar, a presença de violas ou vilões, acordeons e rabecas ocorre sempre nos Foliões de São Miguel, que são em número maior do que os das outras *Folias* e ainda os que mantêm a tradição das *Opas* e *Mitras* como vestuário.

Além das variantes para *Viola*, mencionadas para a composição das *Folias* em alguns lugares, ainda encontrei as seguintes designações para violas utilizadas nos Açores, embora não obrigatoriamente nas *Folias*: Viola boieira, Viola da terceira, Viola de seis parcelas, Viola inteira, Viola requinta (BARCELOS, 2008, p.587) e as registradas por Oliveira (1986, p.33), Viola braguesa, Viola amarantina, Viola beiroa, Viola campaniça, Viola toeira.

Mais recentemente, a tendência é a substituição das antigas e tradicionais *Folias* por orquestras compostas por *Viola de arame*, *Rabeca*, *Clarinete* e *Bombardino*, ou mesmo por filarmônicas que acompanham os cortejos e animam os arraiais.

5.1.5.1 Tambores e Caixas marcam o ritmo da festa

Os *Tambores* das folias portuguesas não apresentam nenhum aspecto particular que os configure como algo além de instrumentos musicais. Como as *Caixas* maranhenses, são instrumentos musicais de percussão, do tipo membranofone, que produzem som quando percutidas por baquetas, conhecidas como *Varetas*, *Vaquetas*, *Vanquetas* ou *Gambitos*.

No Maranhão, no entanto, as *Caixas* (Fig. 23) são, muitas vezes, o único instrumento musical do ritual e têm uma importância que transcende sua função.

Figura 23 – Caixas



Fonte: Acervo da autora

A caixeira Dona Maria Farias, em 26/05/94, explicou que “As caixas são muito importantes porque com elas que as caixeiras fazem as saudações aos impérios e a louvação ao Divino, ao santo homenageado, e é tudo com caixa”. (GOUVEIA, 1997, p. 96).

Nem todas as caixeiras possuem caixas. Algumas utilizam os instrumentos da casa que promove a festa. Quando os instrumentos são próprios, em geral, são construídos pela própria caixeira ou por seus familiares ou amigos. Raramente são comprados. Constrói-se em geral uma relação de identidade e afetividade com o instrumento. As caixas também são batizadas “com toalha, velas, água benta e padrinhos” (FERRETTI, 1995, p. 172) e recebem nomes como Açucena, Florzinha, Prenda do Ano, Soberana (BARBOSA, 2005, p. 39). A importância dada às caixas e o caráter de humanidade a elas atribuído pode ser avaliado por este relato de Barbosa:

Uma cena interessante: uma caixeira-régia, Dona Marcelina, chegava para uma festa, e a porta principal da casa ainda estava fechada. Lá dentro montavam os tronos. E ela bateu na porta, dizendo: ‘Abram esta porta! Minha caixa não entra pela porta dos fundos!’ (2005, p. 44).

5.1.6 Locais e Tempos da festa

A festa do Espírito Santo ou do Divino atrai um grande número de participantes, com funções bem definidas, além daqueles que acompanham a festa por devoção. Além disso, os símbolos e insígnias que a complementam exigem lugares para guarda e exposição. Assim, os locais em que ocorrem as atividades da festa são numerosos e diferenciados, de acordo com sua função.

Em São Luís, são os terreiros ou, mais raramente, os espaços das Irmandades que abrigam objetos e momentos do ritual, com o apoio maior ou menor das igrejas e órgãos públicos.

Em Alcântara, por se tratar, possivelmente, da festa mais importante da cidade, há um imóvel específico para os rituais que não ocorrem nas ruas ou na igreja.

Em Portugal, mais particularmente nas Beiras, proliferam as capelas do Espírito Santo, que abrigavam insígnias e recebiam os devotos, mas que atualmente vêm sendo progressivamente destinadas à realização de velórios, uma vez que a festa está desaparecendo gradativamente.

Nos Açores há espaços diversificados para a festa, mas são os Impérios, pequenas construções de extrema beleza arquitetônica, que caracterizam a força e originalidade da festa nas Ilhas.

5.1.6.1 Locais da festa – das Alcofas aos Impérios

O levantamento dos termos referentes aos locais da festa revelou-se um dos campos mais produtivos, o que atesta a importâncias da festa.

Estes locais compreendem espaços que existem, com características semelhantes, em várias localidades e ainda aqueles que são encontrados apenas em lugares definidos, em função de aspectos e hábitos particulares. Estes espaços podem ser de grandes dimensões ou muito pequenos, como os nichos que se podem encontrar nos campos.

Quadro 29 – Locais da festa

TERMO	DEFINIÇÃO	OUTRAS INFORMAÇÕES
AÇOUGUE	Nos Açores, local anexo às <i>Casas do Espírito Santo</i> , onde são esartejadas as rezes e onde se preparam as <i>Pensões</i> de carne a distribuir durante a festa do Espírito Santo (MBS, p. 21).	
ALCOFA	Nos Açores, nome que nas Flores se dá a um nicho feito num lugar no campo, destinado a guardar a <i>Coroa</i> do Espírito Santo enquanto se está abatendo o gado na sexta-feira de Espírito Santo (JSB, p. 53).	

ALPENDRE	Nos Açores, <i>teatro</i> de alvenaria de construção simples, com a configuração de um alpendre, que se encontra junto das igrejas ou das ermidas e onde, após a <i>coroação</i> , o <i>trinchante</i> corta e distribui o <i>pão de mesa</i> e a <i>rosca</i> (MBS, p. 24); Outro termo para <i>Império</i> .	
ALTAR	No Maranhão, armação em degraus, revestida de tecido e decorada com flores, colocada na parte central do salão principal, para expor as insígnias (FSR, p. 86).	“Já chegou Espírito Santo/ Que viemos festejar/ Perante suas caixeiros/ Ele pousou no <altar>” (PGA, p. 20).
ALTAR DO ESPRITO SANTO	Nos Açores, pequena mesa sobre a qual é colocada uma estrutura de madeira com 4 degraus, tudo coberto por toalhas brancas, destinado a ser instalada a <i>Coroa do Espírito Santo</i> nas casas particulares (JSB, p. 60).	
ALTARINHO	Nos Açores, outra designação para <i>Altar do Espírito Santo</i> (JSB, p. 60)	
ARRAMADA	Nos Açores, termo significativo do local onde, no Faial e no Pico, se realiza o arraial festivo do Espírito Santo. Aí se expõe o <i>Emblema divino</i> e se realiza a distribuição do budo aos pobres (MBS, p. 30). Outro termo para <i>Império</i> .	Nome hoje usado apenas nas freguesias rurais. Proveio em consequência de, nos primitivos tempos de tal devoção, se armarem na via pública caramanchões cobertos de ramos verdes – <i>Ramadas</i> ou <i>Arramadas</i> – para exposição do emblema divino, a <i>Coroa</i> . <i>Presentemente já não se armam arramadas porque há capelinhas feitas de alvenaria exclusivamente destinadas a esse fim</i> (MBS, p. 30).
BARRACA	Nos Açores, tasca improvisada por altura das festas populares, do Espírito Santo, destinada a vender petiscos e bebidas (JSB, p. 100).	
CADAFALSO	Nos Açores, designação atribuída ao <i>Teatro</i> , ou <i>Império</i> , na ilhas de S. Jorge, Pico ou Faial (MBS, p. 50);	

	Outro termo para <i>Império</i> .	
CAMARIM	Nos Açores, pequena capela, idêntica à feita para o Santíssimo Sacramento, que encima o altar de seis degraus, em forma de trono (AAF, p. 114).	
CASAS DA VILA	Nos Açores, no Topo (S. Jorge) existem as <i>Casas da vila</i> , edifícios de dois pisos situados junto do Império, dos quais cada compartimento pertence a uma família da periferia que o utiliza para assistir às festas do Espírito Santo (MBS, p. 56).	
CASA DE-ALTO-E-BAIXO	Nos Açores, outra designação para as <i>Casas da vila</i> (JSB, p. 162).	
CASA DE FUNÇÃO	Nos Açores, casa onde se celebram as cerimônias tradicionais da festa do Espírito Santo (JSB, p. 162).	[...] cheiram a rosas silvestres e ao feno que juncam as casas de função (JSB, p. 162).
CASA DO DIVINO	No Maranhão, casa-museu, em Alcântara, para realização da festa e para exposições temáticas permanentes (FSR, p. 96).	Em Alcântara, “[...] <i>casa para o Império, adquirida pela Empresa Maranhense de Turismo – MARATUR, e que o povo chama a <‘casa do Divino’>, e onde o ano inteiro há exposição de tronos, altares e mesas de doce</i> ” (CL, p. 22).
CASA DO ESPRITO SANTO	Nos Açores, expressão utilizada nas Flores e no Corvo para designar o <i>Império</i> (MBS, p. 56). Outro termo para <i>Império</i> .	Também chamado de <i>Império do Espírito Santo</i> , é uma espécie de ermida, às vezes de grande dimensão, onde é feita a festa do Espírito Santo. O seu interior consiste geralmente em uma única divisão, com um altar numa das extremidades, edificado em forma de trono, onde é colocada a <i>Coroa</i> e as restantes insígnias do Espírito Santo. A sua frontaria é decorada por uma Coroa de Espírito Santo em pedra lavrada. Algumas Casas do Espírito Santo possuem uma sineira, cujos sinos são tocados pela rapaziada ao sair e ao chegar dos cortejos (JSB, p. 162).

CASA-DO-MEIO	Nos Açores, outra designação para <i>Meio da casa</i> (JSB, p. 162).	
CASAS DE VER A FESTA	Nos Açores, conjunto de casas situadas na proximidade imediata da Casa do Espírito Santo e do Império, que eram utilizadas exclusivamente na altura das festas de Pentecostes e da Trindade, encontrando-se desocupadas durante o resto do ano. (JSB, p. 163).	
CASINHA DO ESPRITO SANTO	Nos Açores, outro termo para <i>Império</i> .	
COPA	Nos Açores, outro termo para <i>Império</i> .	
COPEIRA	Nos Açores, casa de depósito próxima da igreja, também chamada <i>Teatro</i> , <i>Triato</i> ou <i>Cadafalso</i> – São Jorge; Espécie de ermida onde se faz o jantar do Espírito Santo, também chamado de <i>Império</i> – Flores (JSB, p. 189); Outro termo para <i>Império</i> .	
CORETO	Nos Açores, estrutura constituída por uma armação de metal com uma base em madeira, armada e desarmada para as festas pelos Mordomos de Pentecostes e da Trindade, respectivamente, que, em alguns lugares, é utilizado para a apresentação das filarmônicas (MEDINA, 2007, p. 13).	
CORTE	Nos Açores, outra designação para <i>Tribunal</i> , quando o Império estiver presente (MB, p. 28). <i>Tribuna</i> , depois da instalação do Império (FSR, p. 99).	“Esse mesmo espaço/ da tribuna/ se chamará [...] <Corte>, quando este //o Império// estiver presente”. (MB, p. 28).
DESPENSA	Nos Açores, casa onde se guardam os pães, o vinho, a carne, destinados ao <i>Bodo</i> e aos <i>Serviços</i> – São Miguel; Uma casa anexa ao <i>Império</i> , com acesso pelo interior ou completamente independente,	A despensa está profundamente adornada com ramaria e flores (naturais e artificiais) e nela figura a <i>Bandeirinha</i> – São Miguel [...] nas paredes das Despensas, quer exterior, quer interior, aparecem com

	na qual se arrecadam o pão, a carne, o vinho e demais gêneros a utilizar nas festividades do Espírito Santo – Terceira (MBS, p. 82); Quarto na casa do Mordomo onde, sobre um trono, é exposta a <i>Pombinha</i> , luzes e flores e onde se guardam as ofertas do Espírito Santo – São Miguel (JSB, p. 216).	frequência desenhos simbólicos ou caricaturais com alusões ao “ <i>bodo</i> de pão e vinho” – Terceira (MBS, p. 82).
DISPENSA	Nos Açores, outra designação para <i>Despensa</i> (MMS, p. 311).	
ENRAMADA	Nos Açores, outro termo para <i>Império</i> .	
IMPÉRIO	Nos Açores, designando inicialmente as festividades, significa atualmente também a pequena construção de alvenaria, ou de madeira, onde se realiza parte das cerimônias das Festas do Espírito Santo, e na qual, durante esse período, se expõem as insígnias (MBS, p. 109);	Dicionarizado nesta acepção como “ <i>Bras. Pop. Coreto</i> armado ao lado das igrejas por ocasião das festas do Espírito Santo” (ABH, p. 751).
IMPÉRIO DO ESPÍRITO SANTO	Nos Açores, outro termo para <i>Império</i> .	
JARDIM	Nos Açores, sala do <i>Trono</i> , na casa do <i>Imperador</i> – Santa Maria (MBS, p. 119).	
MEIO-DA-CASA	Nos Açores, [...] sala de entrada que é sempre a divisão mais espaçosa. É nela que se arma o trono, na casa do <i>Imperador</i> (MBS, p. 130).	
QUARTO DA IMPERATRIZ	Nos Açores, pequena divisão suplementar da <i>Copeira</i> onde se instala a <i>Imperatriz</i> durante o <i>dia de Império</i> – Santa Maria (JSB, p. 458).	
QUARTO DO ESPRITO SANTO	Nos Açores, divisão principal da casa, profusamente enfeitada de flores, onde é montado num altar num de seus cantos para ser instalada a <i>Coroa</i> do Espírito Santo – Santa Maria (JSB, p. 458).	
RAMADA	Nos Açores, outro termo para	<i>O nosso Imperador/ Vem</i>

	<i>Império.</i>	<i>chegando à ramada/ Traz a Coroa no Prato/ Vem todo cheio de graça</i> (JSB, p. 468).
SALA	Nos Açores, nome que antigamente se dava ao espaço do <i>Meio-da-casa</i> destinado ao <i>Balho</i> , pelas festas do Espírito Santo, quando a <i>Coroa</i> estava numa casa particular (JSB, p. 498).	
SALÃO	No Maranhão, <i>Tribuna</i> , <i>Tribunal</i> , <i>Trono</i> , designação dada em algumas casas de culto (FSR, p. 122).	<i>“Vinde meu senhor São Pedro/ Que por vós estou chamando/ Venha me abrir o <salão>/ Do Divino Espírito Santo”</i> (PGA, p. 19).
TEATRO	Nos Açores, império de madeira, desmontável, ornamentado com faias e colchas de tear, no qual se arma o altar em que ficam expostas as insígnias (MBS, p. 172); Outro termo para <i>Império</i> .	O Padre Joaquim Real (<i>Espírito Santo na Ilha de Santa Maria</i>) descreve assim o Teatro de Santa Maria: <i>Pequeno e simples alpendre onde se distribui o pão da mesa e a rosca. Alguns impérios não têm este alpendre mas sim um Theatro, movel, de madeira que só serve no dia da função e que, acabada esta se desarma.</i> Em todas as ilhas os Teatros ou Impérios eram, no início do povoamento, feitos de madeira e desmontáveis, só montados na altura das festas do Espírito Santo. Só a partir de meados do séc. XIX começaram a ser construídos em alvenaria, com a ajuda da riqueza trazida pelos emigrantes (JSB, p. 537).
TRABANACLE	Nos Açores, corruptela de tabernáculo que designa o <i>Altar</i> do Espírito Santo (MBS, p. 174); Estrado com pés que serve de <i>Altar</i> do Espírito Santo nas casas de campo (JSB, p. 555).	
TRABANACO	Nos Açores, outra designação para <i>Trabanacle</i> (JSB, p. 555).	

TRIATO	Nos Açores, outro termo para <i>Império</i> .	[...] nome que antigamente se dava aos Impérios do Espírito Santo, pequenos edifícios com traça arquitectónica de capelas ou ermidas, edificados a dois ou três metros do chão, quase sempre no centro da freguesia e destinados a guardar e expor as insígnias: a <i>Coroa</i> , o <i>Cetro</i> e a <i>Bandeira</i> . Estes edifícios surgiram no final do século XIX, a substituir as primitivas construções que eram feitas de madeira, uma espécie de estrado, desmontável: O “ <i>Triato</i> ” mais rudimentar, não era mais do que um simples estrado de madeira ornamentado com faias e colchas de tear, no qual armavam um altar em que ficavam expostas a coroa e a bandeira, durante os dias de festividade (João Ilhéu – <i>Notas Etnográficas</i>) –(JSB, p. 561).
TREATRO	Nos Açores, pequena construção destinada ao culto do Espírito Santo, constituída por um volume quadrangular, coberto de telha, normalmente aberto nos lados e na frontaria onde a cobertura é sustentada por pilares (JSB, p. 560). Outro termo para <i>Império</i> .	
TRIATRO	Nos Açores, outro termo para <i>Império</i> .	
TRIBUNA	1. No Maranhão, salão decorado onde ficam expostas as insígnias e onde ficam sentados os membros do Império. 2. No Maranhão, armação em degraus com cadeiras, ao fundo do salão (FSR, p. 127).	“ <i>Vem chegando Espírito Santo/ Voando daquela altura/ Entrando no tribunal/ para abrir sua <tribuna></i> ” (PGA, p. 19). Esse mesmo espaço /da tribuna/ se chamará Tribunal, quando nele se montarem os tronos do Império, e Corte, quando este já estiver presente. (MB, p. 28).
TRIBUNAL	Nos Açores, outra designação para Tribuna, [...] quando nele se montarem os tronos do Império (MB, p. 28).	“ <i>O meu nobre Imperador/ É criança, qué brincá/ Vamos fazer um brinquedo/ Debaixo do <tribuná></i> ” (DVF2, p. 44).

TRONO	Nos Açores, altar em escada, de forma piramidal, protegido por um docel de rendas brancas, decorado com luzes e flores, que se ergue em casa do Imperador, no <i>meio da casa</i> , e sobre o qual são colocadas as <i>insígnias</i> do Divino: <i>coroa</i> e <i>ceptro</i> (MBS, p. 177). Outro termo para <i>Altar</i> .	

5.1.6.2 Tempos do Espírito Santo

Com etimologia registrada também por Houaiss (2007), que apresenta a evolução ao longo dos séculos – “lat. *imperium*, ãi ‘autoridade, ordem, comando’; ver *imper-* e *para-*; f. 229rind. Sxiii *emperio*, Sxiii *empeiro*, Sxiv *império*” – o termo Império remete a “comando, autoridade, predomínio”, ou a “nação cujo soberano é um Imperador XIV”(CUNHA, 1986, p. 427). É nesta última acepção que o termo designa o exercício do poder durante a festa pelos membros sorteados a cada ano.

Em dicionário regional e no glossário da festa, para os Açores, foram encontrados outros significados, o de festividades: “Festividades do Espírito Santo em cada uma das sete domingos. Actualmente os Impérios prolongam-se, nalgumas ilhas, até outubro” (SIMÕES, 1987, p. 109), e “As festividades do Espírito Santo durante os domingos do tempo pascal ou fora desse tempo” (BARCELOS, 2008, p. 308).

Pode ainda designar as irmandades: “Nas ilhas das Flores e do Corvo, o termo Império designa também as *Irmandades*” (SIMÕES, 1987, p. 109).

No Maranhão, foi registrado apenas um significado, coincidente com o registrado em dicionários gerais. Vale registrar, no entanto, as variantes encontradas pontualmente, como o termo no plural que pode designar a corte imperial e o conjunto dos seus componentes, em “*deixa os impérios passar*” (PACHECO, GOUVEIA, ABREU, 2005, p. 54), que se refere a um Imperador e sua corte; ou ainda a designação de “*império*” como sinônimo de “*Imperador*”, como se vê no depoimento de Dona Celeste – festeira da Casa das Minas, o mais antigo e tradicional terreiro de São Luís, que oferece o cargo de juiz ao antigo Imperador porque “*ele já não tem mais aquela capacidade de ser um Império*” (MARANHÃO, 1997, p. 124).

5.1.6.2.1 Uma festa em muitos momentos

Os termos referentes ao tempo da festa e aos diferentes momentos dessa festa aparecem com frequência em outros campos conceituais deste trabalho, por apresentarem mais de um significado. Muitos desses termos designam um mesmo momento específico que apresenta variações diatópicas. Dos termos que indicam o tempo do Espírito Santo merece atenção especial o termo *Império* que apresenta mais de um significado, razão pela qual está presente em mais de um campo conceitual.

No que diz respeito aos diferentes Impérios, optei por incluí-los também neste campo, por representarem, em razão de suas especificidades, momentos diversificados do ritual geral da festa. As razões de sua realização implicam, em geral, em momentos diferentes daqueles em que se faz a festa tradicional, ela própria também podendo ser deslocada temporalmente para épocas diferentes da prevista no calendário litúrgico.

Alguns dos impérios têm registros muito antigos, como o Império de Crianças:

Embora alguns autores os [os Impérios de Crianças] considerem de origem recente, a existência de antigos Impérios com dominante infantil noutras ilhas dos Açores (Pico) e a existência de Impérios de Crianças no continente (Penedo, p. ex.), levavam-nos a considerá-los como tradicionais e, eventualmente, ligados simbolicamente à Festa do Bispo Inocente (SIMÕES, 1987, p. 112).

O Império de Mulheres não é exclusivo do Convento de São João, na Horta:

Há também notícia de se realizarem, em 1665, festas do Espírito Santo no convento das freiras de Santo André, em Vila Franca do Campo (São Miguel). Festa conventual que terá dado início, ou reforço, aos Impérios de São Miguel, graças à acção do conde da Ribeira Grande, conforme o atesta documento do tombo da Igreja de São Pedro, da Ribeira Seca – Ribeira Grande (SIMÕES, 1987, p. 113).

Quadro 30 – Tempos do Espírito Santo

TERMO	DEFINIÇÃO	OUTRAS INFORMAÇÕES
BODOS	Nos Açores, momentos dos festejos do Espírito Santo durante os quais se distribuem <i>bodos</i> (MBS, p. 40).	<i>Ora dai o vosso bodo/ Dai-o de bom coração,/ O Senhor Espírito Santo/ Vos dará bom galardão</i> – Flores (MBS, p. 40).
DIA DA POMBINHA	Nos Açores, outra designação para Dia do Bodo (JSB, p. 322).	
DIA DO BEZERRO	Nos Açores, nome que, na Terceira, se dá à sexta-feira da matação do gado, nas festas do Espírito Santo (JSB, p. 221).	
DIA DO BODO	Nos Açores, segunda-feira de Espírito Santo a seguir a Pentecostes (JSB, p. 322).	
DIA DO BODO DAS FATIAS	Nos Açores, segunda-feira seguinte ao <i>jantar do Espírito Santo</i> , dia em que, do pão que sobrou do Bodo, se fazem grossas fatias, que se distribuem pelos presentes (JSB, p. 221).	
DOMINGAS	Nos Açores, os sete domingos que decorrem do domingo <i>in albis</i> ao domingo da Trindade e nos quais se realizam as coroações (MBS, p. 830).	
DOMINGO DA FATIA	Nos Açores, nome que se dá a cada domingo que vai desde a Páscoa até à Trindade, pelo costume de se distribuírem nesse dia grandes fatias de pão (JSB, p. 225).	
DOMINGO DA FESTA	Nos Açores, nome que se dá ao Domingo de Pentecostes (JSB, p. 224).	
DOMINGO DA POMBINHA	Nos Açores, nome vulgarmente dado ao Domingo de Pascoela (JSB, p. 224).	
DOMINGO DE BODO	Nos Açores, o domingo de Pentecostes (1º Domingo de Espírito Santo) e o da Trindade (2º Domingo) em que os <i>Impérios</i> dão o seu <i>Bodo</i> (JSB, p. 225).	
DOMINGO DE PENTECOSTES	Um dos domingos da festa (1º Domingo de Espírito Santo).	<i>“[...] Festa, que vai de sábado de aleluia até o Domingo do Espírito Santo, <Domingo de</i>

		<i>Pentecostes>, que é o dia grande da Festa” (CMFI, p. 97).</i>
DOMINGO DO ESPÍRITO SANTO	No Maranhão, Domingo de Pentecostes, quando se celebra a manifestação do Espírito Santo aos apóstolos (FSR, p. 103).	<i>“[...] Festa, que vai de sábado de aleluia até o <Domingo do Espírito Santo>, Domingo de Pentecostes, que é o dia grande da Festa” (CMFI, p. 97).</i>
DOMINGO DO MEIO	No Maranhão, Domingo anterior ao domingo de Pentecostes (FSR, p. 103).	<i>“Então, é domingo, o <‘domingo-do-meio’>, situado entre a Quinta-feira da Ascensão e o Domingo de Pentecostes”. (CL, p. 31).</i>
FERMENTOS	Em Portugal Continental, nome dado à semana em que se acendiam os fornos para assar os pães para o bodo, em Eiras, oito dias antes de Pentecostes (MMS, p. 19).	
FESTA DA POMBINHA	Nos Açores, festa realizada em São Miguel no sábado, domingo e segunda-feira de Pascoela, em que vai apenas uma pomba de prata com a Bandeira, sem a presença da Coroa do Espírito Santo (JSB, p. 272).	Tem uma origem distante, em 1673, aquando duma epidemia que subitamente desapareceu com os sons do tambor da <i>Folia</i> ao percorrer as ruas; nessa altura foi cantada uma missa em ação de graças a este milagre, tendo sido vista a entrar na igreja uma pomba que assistiu até ao fim da celebração, tendo pousado no púlpito e na capela, saindo por uma fresta quando tudo acabou. Isto deu origem a uma missa cantada anual, também chamada <i>Festa da Pombinha</i> (JSB, p. 272).
FESTA DO BEZERRO	Nos Açores, manifestação das Festas do Espírito Santo da Ilha Terceira em que um ou mais bezerros, enfeitados de flores e fitas de papel, percorrem o povoado ao som de música profana e são obrigados a ajoelhar em frente ao trono onde se ostenta a <i>Coroa</i> do Espírito Santo para lhe tocarem com o Ceptro na testa antes de serem abatidos (JSB, p. 272).	
FESTA DO	Designação usualmente utilizada	

DIVINO	para a festa do Espírito Santo, no Maranhão.	
FESTA DO ESPRITO SANTO	É a festa mais característica de todo o arquipélago [dos Açores], que se realiza do domingo da Pascoela ao domingo da Trindade e que, embora apresente variantes diferentes nas diversas ilhas, tem um fundo comum em todas elas (JSB, p. 272).	Falando do Espírito Santo, Nemésio escreve: <i>As festas do Espírito Santo enchem a Primavera das ilhas de um movimento fantástico, como se homens e mulheres, imitando os campos, florissem</i> (JSB, p. 273).
FESTA GRANDE	Nos Açores, nome que se dá no Corvo à festa do Espírito Santo feita na segunda semana de Julho, onde nesse tempo estão presentes muitos emigrantes que vêm de férias (JSB, p. 274).	
FESTA NOVA	Nos Açores, festa do Domingo da Trindade – São Jorge (MBS, p. 93).	
FESTA VELHA	Nos Açores, festa do Espírito Santo no Domingo de Pentecostes – São Jorge (JSB, p. 274).	
FUNÇÃO	Nos Açores, conjunto dos actos que constituem a festa do Espírito Santo, em cada uma das semanas em que se realiza (MBS, p. 99); <i>Jantar</i> da festa de Espírito Santo, oferecido pelo <i>Imperador</i> e ao qual presidem os <i>Foliões</i> (JSB, p. 287).	
FUNÇÃO FORA DO TEMPO	Nos Açores, <i>função</i> feita fora do tempo habitual das <i>funções</i> – do Pentecostes à Trindade – geralmente promovida por emigrantes (JSB, p. 287).	
GASTOS	Nos Açores, conjunto de cerimônias e festejos em honra e louvor do Espírito Santo – aqui há o <i>Gasto de Pentecostes</i> e o <i>Gasto de Trindade</i> – São Jorge. Semelhante ao <i>Jantar do Espírito Santo</i> , mas de maior dimensão (JSB, p. 294).	
IMPÉRIO	Nos Açores, festividades do Espírito Santo em cada uma das seteomingas (MBS, p. 109).	Actualmente, os Impérios prolongam-se, nalgumas ilhas, até Outubro (MBS, p. 109).
IMPÉRIO DA	Nos Açores, nome dado a alguns	

CARIDADE	Impérios do Espírito Santo (JSB, p. 308).	
IMPÉRIO DE CRIANÇAS	Nos Açores, Império realizado em Santa Maria, no qual participam apenas crianças. Estes Impérios realizam-se pelo São João e pelo São Pedro (MBS, p. 112).	<i>Em Valverde começaram/ Conforme velhas lembranças, e sempre depois ficaram/ Os impérios de crianças – Santa Maria (MBS, p. 112).</i>
IMPÉRIO DE MULHERES	Nos Açores, Império realizado pelas freiras do Convento de São João, na Horta [...]. Em 1824 estes Impérios ainda eram famosos (MBS, p. 113).	<i>Se qu'reis saber quem coroa/ Hoje aqui, neste convento,/ é a Virgem, Mãe de Deus,/ que p'ra tudo é um portento// Nossa Senhora do Carmo,/ Senhora das maravilhas,/ Se no Céu vos louvam Anjos,/ Cá na terra as vossas filhas – Faial (MBS, p. 113).</i>
IMPÉRIO DE DEFUNTO	Nos Açores, quando uma pessoa morre sem ter cumprido uma promessa de fazer a festa do Espírito Santo é um familiar que assume essa função (JSB, p. 309).	
IMPÉRIO DE HERDEIROS	Nos Açores, outro termo para <i>Império de defunto</i> .	
IMPÉRIO DE S. JOÃO	Nos Açores, nome que em Santa Maria se dá a um Império do Espírito Santo, criado na segunda metade do século passado, que faz a festa no dia de São João (JSB, p. 309).	
IMPÉRIO DOS NOBRES	Nos Açores, na Ilha do Faial, em 24 de abril de 1672, por ter o povo sobrevivido a uma violenta erupção vulcânica [...] nasceu o Império dos Nobres, que tomou a si a obrigação de distribuir esmolas todos os anos (JSB, p. 308).	
IMPÉRIO DOS VELHACOS	Nos Açores, nome que também é dado à Ceia dos Ajudantes, pelo facto de os Ajudantes estarem libertos das responsabilidades do Império e poderem beber vinho à vontade (JSB, p. 309).	
IMPÉRIOS DO MONTE	Nos Açores, Impérios das freguesias rurais – Terceira (JSB, p. 373).	
JANTARES	Nos Açores, com exceção da Ilha de São Jorge, nas outras	<i>Viva o nosso mordomo/ que tão abundantemente/ Mandou</i>

	ilhas Jantar é sinônimo de Função (MBS, p. 119).	<i>fazer o jantar/ para toda esta gente</i> – Graciosa (MBS, p. 119).
JANTAR DO ESPRITO SANTO	Nos Açores, <i>Jantar</i> que o <i>Imperador</i> oferece aos convidados no domingo em que se realiza a coroação (JSB, p. 317).	
OITAVA	Nos Açores, segunda-feira a seguir ao Domingo de Espírito Santo (JSB, p. 392).	
QUINTA-FEIRA DOS BRINDEIROS	Nos Açores, nome que se dá em Santa Maria à quinta-feira de Ascensão, assim chamada por ser o dia da festa do Espírito Santo em que se distribui a cada um dos empregados e pelos <i>Irmãos</i> um pequeno pão chamado <i>brindeiro</i> (JSB, p. 463).	
SEXTA-FEIRA DE GUEIXOS	Nos Açores, sexta-feira do Espírito Santo, dia da <i>matação</i> do gado (JSB, p. 516).	
SOPAS DO ESPÍRITO SANTO	Nos Açores, refeição colectiva, iniciada com a Sopa do Espírito Santo [...] (JSB, p. 524).	
SOPAS DO IMPÉRIO	Nos Açores, outra designação para <i>Sopas do Espírito Santo</i> (JSB, p. 524).	
SOPAS DO SENHOR ESPÍRITO SANTO	Nos Açores, outra designação para <i>Sopas do Espírito Santo</i> (JSB, p. 524).	
TEMPO DOS IMPÉRIOS	Nos Açores, período de tempo consagrado aos Impérios do Espírito Santo, evocando também, nas verbalizações das pessoas, uma fase demarcada do ciclo anual, onde são efectuadas as arrumações, as limpezas e a caiação das casas, o regresso do gado às pastagens, etc. (JSB, p. 538).	
VODA	Nos Açores, nome que nas Flores antigamente se dava às festas do Espírito Santo (JSB, p. 591).	<i>Voda</i> é forma arcaica de <i>boda</i> (JSB, p. 591).

5.1.7 Outros objetos acessórios e de decoração

Uma festa com a complexidade de rituais a serem cumpridos minuciosamente e com a originalidade e peculiaridades que caracterizam a festa do Divino, exige uma grande quantidade de objetos específicos para o cumprimento das inúmeras etapas e ações desse ritual.

Optei por designar como objetos acessórios aqueles que são regularmente utilizados para o cumprimento das exigências da festa, mas não possuem valor simbólico evidente, diferentemente daqueles utilizados como insígnias, por exemplo.

Dentro deste campo, destacam-se duas grandes áreas, em que é grande o número e variedade de objetos. São as áreas da culinária e a relacionada com os carros de bois utilizados na festa nos Açores.

A área da culinária revelou ser muito mais produtiva em Portugal, nas áreas pesquisadas, do que no Maranhão, o que se justifica pela existência de grande variedade de pratos obrigatoriamente servidos e característicos da festa, o que no Maranhão só acontece para o doce de espécie. Prato como a tradicional Alcatra açoriana só pode ser preparada em condições que compreendem temperos e procedimentos, mas também recipientes e instrumentos específicos.

Da mesma forma o hábito de utilizar carros de bois, decorados, para transporte de víveres durante a festa e para servirem de apoio às famílias que se deslocam de seus locais de residência para os locais onde se realiza a festa, deu origem a uma terminologia própria.

5.1.7.1 Objetos acessórios

Este foi um dos campos em que não foi possível estabelecer comparações, pela inexistência, nas obras consultadas sobre a festa no Maranhão, de menção a objetos utilizados especificamente para a execução de algum aspecto da festa. Em Portugal Continental e nos Açores, como há um grande número de pratos da culinária associados à festa, há também alguns objetos específicos para a elaboração desses pratos. Esse foi o domínio mais produtivo. Termos como *baixela*, *caldeira*, *cepo*, *jardineira*, *tabuleiros*, *toalhas*, *tochas*, também ocorrem no português falado no Maranhão, mas têm por vezes significados diferentes e não apresentam relação com a festa.

Quadro 31 – Objetos acessórios

TERMO	DEFINIÇÃO	OUTRAS INFORMAÇÕES
AÇAFATES	Nos Açores, cestas de vime, enfeitadas com flores, em que são colocadas as três dúzias de vésperas de responsabilidade de cada família (AAF, p. 237).	
AGUILHADA ENCONTEIRADA	Nos Açores, aguilhada com conteira, apenas usada pelas festas do Espírito Santo, durante a <i>Bezerrada</i> (JSB, p. 48).	
ALGUIDAR DE ALCATRA	Nos Açores, [recipiente] onde se cozinha a alcatra, feito de barro escuro, não vidrado, tendo apenas essa função (JSB, p. 87).	Antes de ser usado pela primeira vez, deve cozer cascas de batatas, de cebola e folhas de couve, para retirar o gosto ao barro. Há muitas maneiras de preparar pela 1ª vez o alguidar da alcatra. [...] deixá-lo ficar uma semana cheio de água, que se muda duas vezes, com um molho de hortelã e cinco dentes de alho esmagados, uma cebola aos quartos e duas folhas de louro [...] (JSB, p. 57).
ASADOS	Em Portugal Continental, potes de barro, com duas asas, onde era cozinhada, com arroz e couve, e em fogueira ao ar livre, a carne dos animais sacrificados (MMS, p. 271).	
BAIXELA	Em Portugal Continental, designação dada ao conjunto de tijelas e pratos, tinha outrora desenhada no fundo, a azul ou em cor-de-vinho, a pomba simbólica [em Penedo] (MMS, p. 338).	
CABOUCA	Nos Açores, recipiente de barro com que, em Santa Maria, se transportam as sopas do Espírito Santo (JSB, p. 131).	
CABOUÇO	Nos Açores, outra designação para cabouca (JSB, p. 131).	
CAÇOILA	Nos Açores, recipiente de barro em que se prepara um prato com o mesmo nome (MBS, p. 50).	
CALDEIRA	Em Portugal Continental, grandes panelas para o cozinhado	

	preparado para a festa, em Penedo (MMS, p. 338).	
CANGAS DO BODO	Nos Açores, cangas entalhadas e ornamentadas, utilizadas nos <i>Carros do Espírito Santo</i> – Terceira (MBS, p. 51).	Os bois trazem ao pescoço largas coleiras de couro lavrado com chocalhos cuidadosamente areados, as cangas adornadas com entalhados abertos a canivete, de caprichosos desenhos onde, de um e de outro lado da infalível cruz implantada no vértice de um triângulo, se acumulam os símbolos pagãos do <i>Sino-saimão</i> simples ou duplo, as rosáceas sexifólias, os corações que setas atravessadas pungem, ou se ligam dois a dois numa intensão amorosa (MBS, p. 51).
CANGA LAVRADA	Nos Açores, outra designação para Canga do bodo (JSB, p. 148).	Para o seu fabrico eram usadas madeiras fáceis de trabalhar tal como a de amoreira e a de nogueira, sendo esculpidas com trinchas, goivas, gravinhos e com a própria navalha de bolso (JSB, p. 148).
CARGOS	Em Portugal Continental, cestos com pão para o bodo, bolos para o leilão ou para oferta (MMS, p. 327).	
CARROS DE BANDEIRAS	Nos Açores, carros adornados com ramos verdes e lenços de cores variadas, à maneira de bandeiras, que são utilizados nas vésperas do <i>bodo</i> para transportar os gêneros a ele destinados (MBS, p. 52).	
CARRO DE FAIAS	Nos Açores, carros de bois usados no Pico para a recolha de louro e faia destinados à arramada; Outra designação para <i>Carros do Espírito Santo</i> (MBS, p. 52);	Quando regressam à freguesia são precedidos de um animado cortejo (MBS, p. 52).
CARRO DE GUINCHO	Nos Açores, outra designação para <i>Carro do Espírito Santo</i> (JSB, p. 160)	Como qualquer carro de bois chiava ao andar donde lhe veio o nome de carro de guincho. Em algumas ilhas, nomeadamente na Terceira, as posturas municipais proibiam esse barulho dentro das

		cidades, embora sempre se manteve tolerâncias para os carros do Espírito Santo, pela grande força da tradição (JSB, p. 160).
CARRO DE ROMARIA	Nos Açores, outra designação para <i>Carro de toldo</i>, <i>Carro do Bodo</i> e <i>Carro do Espírito Santo</i> (JSB, p. 160).	Tinha este nome pelo facto de ser nele que as pessoas se transportavam para as romarias [...] (JSB, p. 160).
CARRO DE TOLDO	Nos Açores, carros de bois a que se aplica uma sebe de vime [...] formando o suporte de um toldo que é recoberto por uma colcha de tear branca. O carro é guarnecido com laços de fita. No interior do carro coloca-se um colchão coberto por uma manta, no qual as mulheres se sentam para assistir ao Bodo – Terceira (MBS, p. 53); Outra designação para <i>Carro de romaria</i>, <i>Carro do Bodo</i> e <i>Carro do Espírito Santo</i> (JSB, p. 160).	
CARRO DO BODO	Nos Açores, outra designação para <i>Carro de toldo</i>, <i>Carro de romaria</i> e <i>Carro do Espírito Santo</i> (JSB, p. 160).	
CARROS DO ESPÍRITO SANTO	Nos Açores, carros de bois destinados ao transporte do vinho, do trigo e da carne destinados ao Bodo. São enfeitados com mastros e bandeiras brancas e vermelhas, listadas ou bi-partidas. Os bois levam a canga do bodo ornamentada com flores artificiais multicolores (MBS, p. 54); Outra designação para <i>Carro de toldo</i>, <i>Carro de romaria</i> e <i>Carro do Bodo</i> (JSB, p. 160).	
CEPO DE PICAR CARNE	Nos Açores, instrumento utilizado para cortar a carne para a festa do Espírito Santo.	Antigamente, nas Flores, antes de serem construídos os açougues, as <i>Casas de Espírito Santo</i> possuíam um cepo de madeira que era posto em cima de uma pedra que sobressaía do sobrado, no lado oposto ao altar, e servia, como o nome indica, para picar a carne durante a noite da sexta-feira da festa do Espírito Santo (JSB, p. 169).

CHAVÃO	Nos Açores, espécie de molde, sinete ou carimbo, gravado em madeira, usado para decorar os bolos de véspera. Os motivos ornamentais do <i>chavão</i> são a <i>coroa</i> , a <i>pomba</i> , a cruz da Ordem de Cristo, a flor – São Jorge (MBS, p. 63).	
CHAVELHA	Nos Açores, ornamento dos Carros do Espírito Santo usado especialmente em São Miguel, consistindo num grande elemento decorativo, montado numa estrutura de madeira de forma circular, com enfeites de flores, naturais e artificiais, de cores variadas, figurando elementos da emblemática do Espírito Santo (coroas, pombas, triângulos) ou da simbologia tradicional: hexagrama, pentagrama (pentagonal ou estrelado), suástica, trigramma estrelado, etc. (MBS, p. 64).	A designação deste elemento decorativo deve resultar do facto de ser fixado sobre a chavelha do carro de bois (MBS, p. 64).
FRASCO	Nos Açores, recipiente de vidro escuro, com a forma de uma pirâmide truncada e invertida, munido de um pequeníssimo gargalo. O frasco destinava-se ao vinho utilizado nas cerimônias do Espírito Santo (MBS, p. 97).	<i>Temos carne e pão na mesa,/ Até pasmo e perco o tino,/ só nos falta, cavaleiro,/ Frascos, garrafas de vinho</i> – São Jorge (MBS, p. 97).
IMPERIAIS	Nos Açores, braços da coroa imperial (AAF, p. 117).	
JARDINEIRA	Nos Açores, cada uma das pequenas mesas postas no <i>quarto de estado</i> durante a permanência da <i>Coroa</i> do Espírito Santo, para colocar o pão, os doces, um pedaço de carne e vinho – São Miguel (JSB, p. 316).	O <i>Quarto de estado</i> é um quarto de casal só utilizado em ocasiões especiais, como uma visita importante ou uma doença.
JARRO DE VINHO	Nos Açores, recipiente de barro cozido e vidrado, com as insígnias do <i>Divino</i> , utilizado nos <i>bodos</i> para servir o vinho (MBS, p. 119).	
SEBE DO BODO	Nos Açores, sebe de vime formando o suporte de um toldo [...] (MBS, p. 53).	
SETIAL	Nos Açores, espécie de altar onde se coloca a <i>Coroa do Espírito Santo</i> (JSB, p. 515).	

SOTIAL	Nos Açores, armação destinada a sustentar as coroas do Espírito Santo, durante as festividades (MBS, p. 166).	
TABULEIROS	Em Portugal Continental, cestos de bojo revestido por ricas toalhas bordadas e arrendadas que são transportados à cabeça, em Domingo do Espírito Santo, por duas ou três filas de raparigas, outrora exclusivamente de branco, e desde 1887, pelo menos, com longas fitas coloridas a tiracolo e à cintura [em Tomar] (MMS, p. 265).	
TACHOS DE COBRE E ARAME	Em Portugal Continental, utensílios utilizados para preparação dos ingredientes, para a refeição das festas do Espírito Santo, em Penedo (MMS, p. 338).	
TOALHAS	Nos Açores, toalha rendada que o <i>Trinchante</i> e as pessoas que distribuem o <i>bodo</i> levam a tiracolo (MBS, p. 175).	
TOCHAS	Nos Açores, rolos de cera benta que ardem nas <i>mudanças</i> (MBS, p. 175).	

5.1.7.2 Elementos de decoração

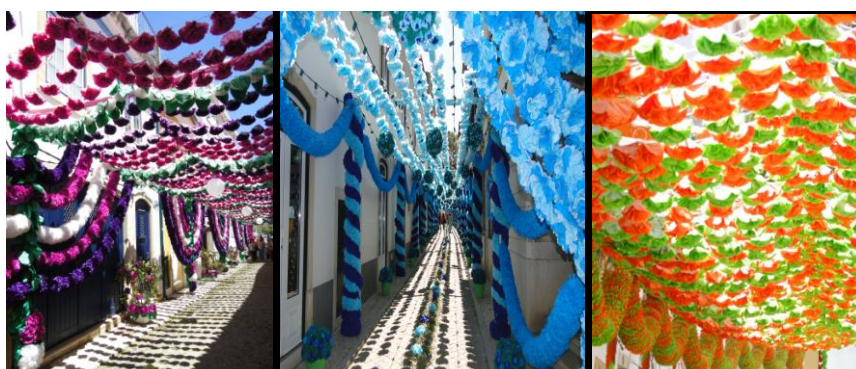
A festa do Divino Espírito Santo, em todos os lugares considerados para este trabalho, caracteriza-se também pela decoração exuberante, excessiva por vezes no número de detalhes, o que justifica a avaliação de Ferretti de que se trata de uma festa barroca, como outras festas brasileiras caracterizadas pelo luxo da decoração. O autor comenta, a propósito desta e de outras festas brasileiras:

O excesso na decoração dos interiores das igrejas barrocas contrasta com a singeleza das formas exteriores dos templos. Da mesma forma, o excesso e o luxo de algumas festas populares, muitas vezes, contrasta vivamente com a pobreza do ambiente onde essas festas são realizadas (2007, p. 4).

Estas observações aplicam-se perfeitamente à festa do Divino realizada pelos terreiros. A simplicidade do ambiente contrasta com a decoração minuciosa e elaborada. Em geral é para a festa do Divino que os terreiros, com parte dos recursos angariados, promovem pequenas reformas e pinturas que servem de fundo aos elementos decorativos que frequentemente são mantidos o ano inteiro, e só renovados na festa seguinte.

São decorados, em Portugal, o altar, as varas, os bois, as ruas por onde passam os cortejos – com destaque, neste aspecto para a decoração da Festa dos Tabuleiros em Tomar (Figs. 24, 25, 26) – e no Maranhão a tribuna, os salões dos terreiros onde ocorre a festa, o mastro, as inúmeras mesas de doces. São feitas ainda lembrancinhas temáticas, para distribuição aos convidados mais importantes.

Figuras 24, 25, 26 – Decoração das ruas em Tomar



Fonte: Acervo da autora

Um aspecto comum na decoração da festa nos Açores e no Maranhão, especialmente, é a predominância do papel como material básico. Com papel crepom se

fazem as flores, elemento predominante da decoração, com papel de seda bandeirinhas para decoração das salas, e ainda lanternas em celofane e lustres magníficos de papel de seda, característicos de Alcântara. Esta predominância do papel sobre outros materiais aparece nas descrições feitas pelos estudiosos da festa.

Vieira Filho descreve:

Meninotas risonhas, flores mal despertadas para o grave mistério da vida, trauteiam estribilhos populares e recortam com mãos macias de fada mil enfeites de papel de seda. Arabescos caprichosos, rendilhados que lembram labores espanhóis, pequeno e sugestivo capítulo de uma arte que aos poucos vai desaparecendo sem protesto (1954, p. 42).

Lima também menciona esse material: “recebem abajures e correntes de papel de seda e crepom, dosséis de listras e acolchoados, salpicados de estrelas de malacacheta e luzes coloridas” (1988, p. 29).

Ferretti enumera as providências necessárias para a realização da festa:

Uma festa do Divino considerada boa costuma ter, no mínimo, seis mesas de doces, cada uma com duas ou três dúzias de enfeites ou lembranças que serão distribuídas aos amigos e colaboradores. [...] São necessários ainda cortinas, toalhas, almofadas, bandeiras e móveis especiais para as mesas de doces, para a tribuna do império e o altar, além da colocação de fios, lâmpadas e pintura do local em que será realizada a festa e, às vezes, de toda a casa, preparação de enfeites de papel ou plástico para decorar o altar, o salão das mesas e o quintal ou o lugar do mastro (2005, p. 25).

Também nos termos referentes aos elementos da decoração, basicamente designações de flores, o componente de papel é mencionado. Estas flores de papel são principalmente importantes na festa dos Tabuleiros em Tomar, quando não só os tabuleiros, mas toda a cidade, por assim dizer, se cobre de coloridas e variadas flores de papel que revestem fachadas, atravessam ruas em arcos e guirlandas, sobem como trepadeiras pelas paredes, recobrem o chão em tapetes e criam um mundo colorido e fantástico de grande beleza.

Quadro 32 – Decoração

TERMO	DEFINIÇÃO	OUTRAS INFORMAÇÕES
BONA	Em Portugal Continental, flores de papel, de forma circular ou estrelada, que se colam com alcatrão no pelo do bezerro (MBS, p. 42).	
BONINAS	Em Portugal Continental, nome dado a várias espécies de flores, de plantas da família das Asteraceae (JSB, p.	Na Terceira, as boninas são muito usadas para enfeitar os bezerros, na sexta-feira do

	118).	Espírito Santo: <i>Os bezerros enfeitados/ De boninas amarelas/ eu também quero saúdar/ as meninas das ginelas</i> (JSB, p. 118).
FLORES-DE-MOSTEIRO	Em Portugal Continental, flores artificiais com que se enfeita a casa que tem a <i>Coroa</i> do Espírito Santo (JSB, p. 278).	
FLORZINHAS DO SACRÁRIO	Em Portugal Continental, flores secas de arbustos que, postas num recipiente com azeite, o absorvem e mantêm uma pequena chama durante toda a noite destinada a iluminar a Sagrada Família ou a <i>Coroa</i> do Espírito Santo (JSB, p. 278).	

O que pude observar, no que diz respeito a este campo, é que a quantidade, variedade e importância dos elementos decorativos não está de acordo com o número de termos que os designam.

A decoração é um fator importante para o sucesso da festa, fator dispendioso e que ocupa, por muito tempo, muitos dos devotos e dos que pagam promessa. É também um elemento minuciosamente planejado pelo festeiro e seguido rigorosamente pelos executores, mas os termos raramente apresentam uma particularidade que os associe estritamente à festa.

5.1.8 Participantes e/ou funções

5.1.8.1 Multiplicidade de participantes, diversidade de funções

Este campo foi, de todos, o que se revelou mais produtivo, tanto no que diz respeito ao número de termos encontrados em Portugal e no Maranhão como no que se refere ao número de termos que podem ser comparados.

Este número elevado de termos designando participantes ou funções exercidas atesta a importância e o interesse manifestado por dela participar e revela, de certa forma, as proporções que ela vem assumindo ano após ano.

Estes participantes, cada um com uma função na festa, podem ser esquematicamente divididos em dois grandes grupos: o do Império e o da Folia. Como os nomes já sugerem há, nessa divisão, componentes que se opõem ao mesmo tempo em que se completam – o sagrado e o profano. Ao Império, aqui mencionado como o grupo de

participantes que compõem a corte imperial, está reservada a representação das relações da festa com a Igreja que lhe deu origem. São os membros dessa corte imperial que vão à igreja para a sacralização da tomada de poder, são eles que portam ou transportam os símbolos sagrados do Divino. Especialmente no Maranhão o vestuário e a pompa do trono contribuem para esta ideia do intocável, do superior, do mais elevado e conseqüentemente mais próximo ao Espírito Santo.

O outro grupo, o da Folia, está associado mais diretamente ao profano, com a música, as danças, o vestuário simples e o bater de tambores/caixas.

Curiosamente, e subvertendo as expectativas mais óbvias, o poder não está nas mãos do Império, mas nas da Folia, que aqui deve ser entendida como o grupo de foliões de Portugal e o grupo das caixeiras no Maranhão. Os outros participantes, cujo número e variedade de funções podem variar, complementam ou assessoram um dos dois grupos.

Neste campo, encontramos também uma maior variedade de possibilidades de comparação, com termos iguais com sentidos iguais, termos iguais com significados diferentes, termos diferentes com o mesmo significado. Alguns desses termos estão caindo em desuso, porque sua função deixou de ser exercida, com é o caso do *Vicente*, enquanto outros estão sendo multiplicados em razão da demanda para exercê-los, como é o caso dos *Mordomos*, durante muito tempo restritos a *Mordomo Régio* e *Mordomo-Mor*, com seus correspondentes femininos e hoje ampliados para *Celeste*, *De Linha*, entre outros.

Quadro 33 – Participantes e funções

TERMO	DEFINIÇÃO	OUTRAS INFORMAÇÕES
AGARRADORES	Nos Açores, <i>serventes</i> encarregados de convidar as pessoas que passam nas proximidades do Império, para que vão <i>comer umas sopas</i> em louvor do Senhor Espírito Santo – Santa Maria (MBS, p. 21).	
AGUADEIRO	Nos Açores, o elemento do <i>peçoal do Império</i> encarregado do transporte da água e da lenha para a <i>copeira</i> (MBS, p. 21).	
AGUEIRO	Nos Açores, presumivelmente outra designação para <i>Aguadeiro</i> (JL2, p. 45).	
AIA	No Maranhão, adolescente do	“[...] (para a Imperatriz são 2

	sexo feminino, membro do séquito da Imperatriz (FSR, p. 85).	<aias> e 1 vassalo) [...]” (CL, p. 27).
AJUDANTE	Nos Açores, os indivíduos (dois) que, colocados um a cada lado do cavaleiro, o acompanham nos Domingos de Pentecostes e da Santíssima Trindade, coadjuvando no serviço do Império – São Jorge (MBS, p. 21). Designação genérica para um grupo de participantes com funções variadas.	“[...] um conjunto de doze a quinze ajudantes designados de acordo com as tarefas que lhes estão cometidas em dia de Império [...] Deste grupo fazem parte o <i>ajudante de imperador</i> , o <i>ajudante de trinchante</i> , o <i>copeiro do vinho</i> – também conhecido por <i>ajudante de copeiro</i> – sete a dez <i>ajudantes de copeira</i> , quatro a seis <i>ajudantes de portais</i> , um <i>ajudante da porta da copeira</i> e um <i>ajudante da porta da igreja</i> ” (JL2, p. 45).
ALFERES DA BANDEIRA	Nos Açores, a pessoa que leva a <i>bandeira</i> do Espírito Santo no cortejo da coroação. O termo é usado em todas as ilhas (MBS, p. 24).	<i>Ao alferes da bandeira,/ Do estandarte real,/ Deus lhe dê sempre vitória/ em reinos de Portugal</i> – São Jorge (MBS, p. 24).
AMASSADEIRA	Nos Açores, mulher que amassa o pão nas festas do Espírito Santo (JSB, p. 64).	
ANDADOR	Nos Açores, mancebo que, nas festas do Espírito Santo, anda a distribuir pratos de doce pelos presentes – São Jorge (JSB, p. 68); Outra designação para cavaleiros, passeadores – São Jorge (MBS, p. 29).	
APANHADOR	Nos Açores, outro termo para Ajudante.	
ARMADOR DO IMPÉRIO	Nos Açores, o Irmão ao qual coube a sorte de armar e enfeitar o Império, quando este é de madeira e desmontável. Nos de alvenaria não há armador – São Miguel (MBS, p. 29).	
ARMADOR DO TEATRO	Nos Açores, outra designação para <i>armador do Império</i> (MBS, p. 29).	
AUTORIZADO	Nos Açores, aquele que tem autorizo, autoridade (JSB, p. 87).	<i>E quem é autorizado,/ Seja quem for a pessoa,/ Cumpra o que lhe é mandado,/ aceitando a santa coroa</i> – São Miguel (JSB, p. 87).
AUTORIZO	Nos Açores, pessoa de	

	consideração convidada pelo <i>Imperador</i> para assistir, ou participar, nas festividades do <i>Espírito Santo</i> (MBS, p. 31).	
BANDEIREIRA	No Maranhão, adolescentes encarregadas de transportar pequenas bandeiras brancas ou vermelhas durante a recolha de esmolos (FSR, p. 90).	“Era a Folia do Divino, constituída de 3 caixeiros (tocadoras de tambor), 3 <bandeireiras> (porta-bandeiras), 1 bandeireiro [...]” (CL, p. 22).
BANDEIREIRO	No Maranhão, participante da festa encarregado de levar a bandeira de Pentecostes (FSR, p. 90).	“<Bandeireiro>, <bandeireiro>/ Cumpra com sua obrigação/ Chame todos os impérios/ Reúna seu batalhão” (PGA, p. 31).
BANDEIRINHA	No Maranhão, crianças ou adolescentes do sexo feminino, que carregam uma pequena bandeira e acompanham as evoluções da caixa (FSR, p. 90).	“Nessa época a caixa tudo tinha companheira que era uma <bandeirinha>” (CMFI, p. 116). “Estas nossas <bandeirinha>/ Agora eu vou falar/ Carregou suas bandeira/ Vai ficar no seu lugar” (MB, p. 174).
BANDELEIRO	No Maranhão, outro termo para <i>Bandeireiro</i> (FSR, p. 91).	“<Bandeireiro>, <bandeireiro>/ Arreúna vossa gente/ A bandeira encarnada/ É a primeira da frente” (PGA, p. 58).
BARULHO DO DIVINO	No Maranhão, grupo de participantes encarregado de pedir e recolher donativos.	No Maranhão, “[...] muito antes da festa, percorre as ruas de Alcântara o chamado <‘barulho’ do Divino>, bando precatório para angariar donativos” (DVF2, p. 4).
BATALHÃO	No Maranhão, conjunto de todos os que participam da festa (FSR, p. 91).	“Bandeireiro, bandeireiro/ Cumpra com sua obrigação/ Chame todos os impérios/ Reúna seu <batalhão>” (PGA, p. 31). Na festa do Bumba-meu-boi, <i>Batalhão</i> designa também o grupo dos participantes.
BEREADORES	Nos Açores, outra designação para Briador (MBS, p. 38).	
BRIADOR	Nos Açores, [...] em número de três, são os elementos do <i>peçoal do Império</i> que, precedidos pela <i>folia</i> , acompanham o <i>Império</i> na mudança para a copeira, na <i>coroação</i> , na condução das ofertas para o <i>teatro</i> e na distribuição das <i>pensões</i> e <i>serviços</i> aos irmãos – Santa	

	Maria (MBS, p. 43).	
BRIANÇA	Nos Açores, conjunto de todos os <i>dignitários</i> e convidados presentes à cerimônia da <i>Descorção</i> – Terceira (MBS, p. 44).	<i>Meu nobre pagem da coroa,/ Vai o ouro p'ra balança,/ Dai-me a pombinha a beijar/ e a toda a sua "briança" – Terceira (MBS, p. 44).</i>
CABEÇA	Nos Açores, aquele que, nalgumas freguesias rurais de São Jorge, se ocupa da parte das festas de Pentecostes e da Trindade que não compete ao <i>Imperador</i> : aquisição do vinho e tremoços, recolha dos bolos e distribuição destas ofertas (MBS, p. 49).	
CABEÇA DA FOLIA	Nos Açores, o folião que dirige a folia, iniciando as cantigas que os restantes repetem de dois em dois versos (MBS, p. 49).	
CABEÇA DE PELOIRO	Nos Açores, o <i>mordomo</i> sorteado para assumir os encargos do <i>Império</i> no domingo de Pentecostes – São Jorge (MBS, p. 49).	
CABEÇAS DE IRMANDADE	Nos Açores, nas ilhas das Flores e do Corvo, as festas do Espírito Santo são realizadas a expensas das <i>irmandades</i> , também chamadas <i>Impérios</i> , e geralmente dirigidas por duas pessoas que recebem a designação de <i>cabeças de irmandade</i> (MBS, p. 50).	
CABEÇA DO PELOURO	Nos Açores, outra designação para Cabeça de peloiro (JSB, p. 130).	
CABEÇANTE	Nos Açores, outra designação para <i>Cabeça</i> – Flores (JSB, p. 130)	
CABECEANTE	Nos Açores, outra designação para <i>Cabeça</i> – Flores (JSB, p. 130)	
CAIXEIRA	No Maranhão, tocadora de caixa, que orienta a organização do ritual (FSR, p. 93).	<i>"<Caixeira> queira saber/ Que cor tem Espírito Santo/ Tem os pés, bico encarnado/ Seu corpinho todo branco" (DVF, p. 6). "Canta <Caixeira> daqui/ canta <Caixeira> de lá/ Canta <Caixeira> do meio/ Eu também</i>

		<i>quero cantar</i> ” (MB, p. 187).
CAIXEIRA-MOR	No Maranhão, segunda caixeira, em grau de importância (FSR, p. 94).	“ <i>Salvação que tu ganhaste/ Mas não foi para ti só/ Pra repartir com as caixeiras/ Primeiro a <caixeira-mor></i> ” (PGA, p. 45). NOTA ENCICLOPÉDICA: “[...] <i>em Alcântara o maior cargo é o de <caixeira-mor>, e a segunda é que é a caixeira-régia.</i> ” (MB, p. 44).
CAIXEIRA-RÉGIA	No Maranhão, caixeira mais importante, que conduz as outras caixeiras e também o ritual da festa (FSR, p. 94).	“ <i>Divino veio do céu/ Voando sobre a floresta/ Senhora <caixeira-régia>/ Estou lhe entregando a festa</i> ” (PGA, p. 19).
CANTADORES	Nos Açores, grupo especial de pessoas que, antigamente, cantavam a alvorada, com acompanhamento de violas e rabecas – Santa Maria (MBS, p. 51).	
CAVALEIRO	Nos Açores, aquele que, nos domingos de Pentecostes e da Trindade, conduz a <i>bandeira</i> e, acompanhado dos <i>ajudantes</i> , serve no Império. Nas restantes <i>domingas</i> , o <i>cavaleiro</i> conduz a <i>bandeira</i> e serve o <i>jantar</i> – São Jorge (MBS, p. 58).	<i>Ponde a mesa, cavaleiro,/ Com fé, e com devoção,/ Servi o Espírito Santo/ Sempre com bom coração</i> – São Jorge (MBS, p. 58).
CONDESTÁVEL	Nos Açores, outra designação para <i>Pagem do estoque</i> (MBS, p. 66).	
CONFRARIA	Nos Açores, designação atribuída em S. Miguel às Irmandades do Espírito Santo, muito embora o termo Irmandade seja também utilizado, na mesma acepção, na referida ilha (MBS, p. 66).	
COPEIRO	Nos Açores, aquele que dirige os trabalhos na Copeira e que tem a seu cargo a distribuição do vinho – Santa Maria (MBS, p. 67). Outra designação para <i>Trinchante</i> e <i>Viador</i> (JSB, p. 189).	
COROEIRO	Nos Açores, [...] o portador da coroa (HENRIQUES, 1997, p.53).	“O coroeiro é o mais importante, manda em tudo”; “O coroeiro deve ser como o capitão de um barco, deve manter-se sempre até

		o fim de todos os trabalhos”. (HENRIQUES, 1997, p.53).
COZINHEIRA	Nos Açores, outra designação para <i>Mestra</i> (MBS, p. 75).	<i>Viva então as cozinheiras/ Que estiveram a cozinhar,/ Que tão belo e saboroso/ Fizeram este jantar</i> – Graciosa (MBS, p. 75).
CRIADORES	Nos Açores, os lavradores que, graciosamente e por devoção, tratam, durante o ano, dos gueixos que serão abatidos para as festas do Império (MBS, p. 75).	
DAMA	No Maranhão, outro termo para <i>Aia</i> .	“ <i>Costuma haver [...] algumas vezes vassalos, aias ou <damas>, que são adolescentes.</i> ” (SFF2, p. 174).
DAMA-DE-HONOR	Nos Açores, cada uma das raparigas adolescentes, vestida de branco, que leva a <i>Coroa</i> do Espírito Santo (JSB, p. 203).	
DEPOSITÁRIO	Nos Açores, aquele que recebe as quotas pagas pelos outros irmãos (MBS, p. 81).	O <i>Depositário</i> ou <i>Despenseiro</i> tem à sua responsabilidade os bens da <i>Irmandade</i> , organiza as festas do <i>Império</i> e assegura a sua escrita, prestando contas no último dia da respectiva festividade (MBS, p. 81).
DESPENSEIRO	Nos Açores, outra designação para <i>depositário</i> (MBS, p. 81).	
EQUIPAGEM	Nos Açores, pessoal do governo do Império: <i>Imperador</i> , <i>Imperatriz</i> , <i>Trinchante</i> ou <i>Presidente</i> , <i>Foliões</i> , <i>Briadores</i> , <i>Menino da Mesa</i> e <i>Copeiro</i> – Santa Maria (MBS, p. 88).	
ESCARRILHADOR	Nos Açores, outra designação para <i>Trinchante da carne</i> (JL1, p. 51).	
ESCOTEIRO	No Maranhão, participante que “tira jóia” sem o acompanhamento do toque de caixas (FSR, p. 103).	“ <i>Por isso é que quem tira a jóia sem a caixa, que dá-se o nome de <escoteiro>, eles tira às vezes melhor jóia de que quem tá com a caixa</i> ” (MB, p. 64). O termo <i>Escoteiro</i> é utilizada também, no Maranhão, para designar arroz sem qualquer acompanhamento - <i>arroz escoteiro</i> .
ESTADO-MAIOR	No Maranhão, outro termo	“ <i><Estado Maior>/ Saia para</i>

	para <i>Batalhão</i> .	<i>fora/ É o saque da bandeira/ Estado vamos embora</i> ” (MB, p. 156).
FESTEIRO	No Maranhão, participante responsável pela festa (FSR, p. 106).	“ <i>Oh Divino Nosso Pai/ Da Glória Celestial/ A todos os seus <festeiro>/ Vós queira abençoar</i> ” (MB, p. 178).
FOGUISTA	Nos Açores, [...] tem a seu cargo o lançamento das <i>roqueiras</i> , ou foguetes, no decurso dos festejos (JL2, p. 45).	
FOLIA	Nos Açores, grupo de foliões que dançam e cantam nas festas do Espírito Santo (MBS, p. 94).	
FOLIÃ	Nos Açores, participante dos Impérios de Mulheres.	
FOLIÃNS	Nos Açores, outro termo para <i>Foliãs</i> .	
FOLIA DO DIVINO	No Maranhão, bando precatório que percorre o interior do estado, para angariar fundos (FSR, p. 107).	“[...] <i>cortejo de pessoas que percorria léguas e léguas de estrada, recolhendo esmolas para a festa. Era a <Folia do Divino>[...]</i> ” (CL, p. 22).
FOLIOA	No Maranhão, <i>caixeiras</i> , segundo fórmula de tratamento por elas utilizada para se autodesignarem (FSR, p. 107).	“ <i>Minha amiga < folioa>/ Me diga que horas são/ Se já deu Ave Maria/ Eu quero tomar benção</i> ” (PGA, p. 51).
FOLIÕES	Nos Açores, cada um dos participantes [...] que formam o conjunto – a <i>folia</i> – e que funcionam como os “mestres de cerimônia” do culto do Espírito Santo (MBS, p. 96); No Maranhão, cada um dos membros de um “grupo precatório constituído por homens que cantam, tocam e pedem doações de toda espécie (dinheiro, joias, alimentos, gado) para o festejo do Divino” (RAMOS; BEZERRA, 2012, p. 2)	<i>Meu nobre Senhor,/ A carta está lida;/ Os nossos foliões/ Dão-na despedida</i> – São Jorge (MBS, p. 96).
IMPANATRIZ	Nos Açores, outra designação para Imperatriz (MBS, p. 107).	<i>Boas sopas nos vieram,/ Por certo são bem gostosas,/ As nossas impanatrizes/ São por certo primeras</i> – Faial (MBS, p. 107).
IMPATRIZ	Nos Açores, outra designação	

	para Imperatriz (MBS, p. 107).	
IMPENATRIZ	Nos Açores, outra designação para Imperatriz (MBS, p. 107).	<i>Ó tão nobre impenatriz/ mê copinho d'aguardente/ não há fidalgo na Corte/ que vos ponha pé em frente – Santa Maria (MBS, p. 107).</i>
IMPERADOR	No Maranhão, principal representante masculino do Império do Divino, responsável pelas despesas da festa (FSR, p. 107);	<i>“Me fizeram uma gaiola/ Essa mesma se quebrou/ Por ordem do Espírito Santo/ também do <Imperador>” (MB, p. 193); “O meu nobre <imperador>/ Olhos de estrela do norte/ O Divino Espírito Santo/ Queira lhe dar boa sorte” (DVF2, p. 7); Meu nobre imperador/ Meus parabéns vos dou/ Que Deus vos mandou do céu/ Um anjo que vos coroou – Santa Maria (MBS, p. 108).</i>
IMPERADOR DO TRONO	No Maranhão, <i>Imperador</i> , geralmente uma criança, que pode representar o <i>Imperador-Festeiro</i> , e ocupar o espaço da tribuna (FSR, p. 108).	<i>“O Imperador-Festeiro é representado pelo <‘Imperador do Trono’> (geralmente seu filho, neto ou aparentado), um menino fardado de branco, com alamares, ou botões, dourados, manto vermelho e coroa”. (CL, p. 27).</i>
IMPERADOR-FESTEIRO	No Maranhão, <i>Imperador</i> , geralmente um adulto, designado para a festa e que pode ser representado pelo Imperador do Trono (FSR, p. 108).	
IMPERADOR FORA DE TEMPO	Em Portugal, <i>Imperador</i> por solicitação do interessado, para pagamento de promessa e não contemplado pelo sorteio dos pelouros (MEDINA, 2007, p. 79).	
IMPERATRIZ	No Maranhão, principal representante feminino do Império, responsável por parte das despesas da festa (FSR, p. 109); Noas Açores, a mulher do <i>Imperador</i> , à qual cumpre receber os convidados, fazendo as honras da casa, e acompanhar o Imperador no <i>Cortejo</i> , na <i>Coroação</i> e nos	<i>“Minha nobre <imperatriz>/ olhos de pedra redonda/ É a pedra mais bonita/ aonde o mar camba as ondas” (DVF2, p. 8).</i>

	demais actos das festividades (MBS, p. 107).	
IMPERATRIZ DE PROMESSA	No Maranhão, função exercida em substituição ou concomitantemente à de rainha, em certas casas de culto, para pagamento de promessa, quando já existe uma rainha ou imperatriz por hierarquia.	
IMPÉRIO	Nos Açores, as Irmandades do Espírito Santo (JSB, p. 308). No Maranhão, designação dada ao conjunto dos membros da corte, composto pelo Imperador e/ou Imperatriz, Mordomos e Mordomas (FSR, p. 109);	<i>“Arreda povo arreda,/ Deixa <Império> passar/ ele vai pra sua ermida/ Pra fazer pelo sinal.”</i> (MB, p. 56). O termo no plural designa a corte imperial e o conjunto dos seus componentes, como em <i>“deixa os impérios passar”</i> (PGA, p. 54), que se refere a um Imperador e sua corte; a designação de <i>Império</i> pode ser usada como sinónimo de <i>Imperador</i> , como se vê no depoimento de Dona Celeste, que oferece o cargo de juiz ao antigo Imperador porque <i>“ele já não tem mais aquela capacidade de ser um Império”</i> (CMFI, p. 124).
IMPÉRIO REAL	No Maranhão, outro termo para Império.	<i>“Arreda povo arreda/ Deixa os impérios passar/ Passa o cetro, passa a croa/ Passa o <império real>”</i> (PGA, p. 54).
IRMANDADE	Nos Açores, organização cooperativa, de formação livre, que integra todos os homens, mulheres e crianças que nela se <i>“assentem como irmãos”</i> e à qual cabe a realização das festas do Espírito Santo (MBS, p. 115).	
IRMÃO	Nos Açores, aquele que concorre para a constituição de uma <i>irmandade</i> ou nela é recebido como membro (MBS, p. 115).	
IRMÃO CARGA A PÉ	Nos Açores, irmãos que contribuem para a festa com doze pães de trigo, denominada pensão – São Miguel (MBS, p. 115).	

IRMÃO DE CARNE	Nos Açores, membros da Irmandade encarregados da partilha da carne, estendendo os pedaços sobre uma esteira de cana roca (AAF, p. 278).	
IRMÃO DE DEVOÇÃO	Nos Açores, irmãos que não se sujeitam a exercer cargos na Irmandade – Terceira (MBS, p. 115).	
IRMÃO DE PELOURO	Nos Açores, irmãos que desejem exercer cargos na Irmandade – Terceira (MBS, p. 115).	
IRMÃO DE SORTE CORTADA	Nos Açores, outra designação para irmão carga a pé – São Miguel (MBS, p. 115).	
IRMÃO DE SORTE DE VASO	Nos Açores, irmãos rifados a quem incumbe servir de Mordomos ou pagar doze pães para a festa – Terceira (MBS, p. 115).	
IRMÃO ESMOLER	Nos Açores, o irmão que, por promessa, oferece as <i>rosquilhas de serviço</i> , juntamente com algum dinheiro – Terceira (MBS, p. 115).	
IRMÃO-INTEIRO	Nos Açores, nome dado a cada irmão do Espírito Santo que contribuía com 50 pães, no tempo em que se cultivava o trigo na Ilha – Flores (JSB, p. 313).	
IRMÃOZINHOS	Nos Açores, pedintes convidados a partilhar a refeição com indivíduos de largas posses, nas refeições comunitárias em Penedo (MMS, p. 339).	
IZELADOR	Nos Açores, aquele que é encarregado de zelar pelo dinheiro das ofertas do Espírito Santo – Faial (JSB, p. 314).	Corruptela de <i>zelador</i> , por prótese (JSB, p. 314).
JUIZ	1. No Maranhão, adulto, homem ou mulher, que responde pelas tarefas relativas ao cargo de Imperador ou Imperatriz representado pelas crianças; 2. Função honrosa e	“[...] <i>ele //o Imperador do ano anterior// já não vai mais ser assim importante [...] ele continua na festa como festeiro, lá em casa eu coloco ele como <juiz> da festa [...]</i> ” (CMFI, p. 124).

	permanente, atribuída aos Imperadores anteriores, para manter sua participação na festa (FSR, p. 110).	“Ao adulto se denomina <juiz> ou <juíza>, e à criança que o representa, Imperador ou Imperatriz” (MB, p. 208).
JUIZ CONSERVADOR	Nos Açores, aquele que é encarregado de receber e distribuir as <i>vésperas</i> no Império – São Jorge (MBS, p. 119).	
MASCARADOS	Nos Açores, na véspera do dia da <i>coroação</i> , quando os carros de louro e de faias, destinados às <i>arramadas</i> , regressam à freguesia são precedidos por um cortejo à frente do qual aparecem (ou apareciam) dois mascarados representando pretos fazendo momices e afastando o rapazio com verdascas de marmeleiro. Estes mascarados são seguidos de outros dois – um velho e uma velha – fazendo momices – Pico (MBS, p. 127).	Existem também danças de mascarados em freguesia do Faial (MBS, p. 127).
MATADOR	Em Portugal Continental, o responsável pelo abate ritual dos gueixos (MMS, p. 325).	
MEIO-IRMÃO	Nos Açores, aquele que, quando se cultivava o trigo na Ilha, contribuía com 25 pães para a festa do Império (JSB, p. 359).	
MEIO-MORDOMO	Nos Açores, outra designação para <i>Meio-Irmão</i> (JSB, p. 359).	
MENINO DA MESA	Nos Açores, é uma criança que algumas vezes coroa na igreja, ou na ermida, em representação do <i>Imperador</i> – Santa Maria (MBS, p. 130).	
MESTRA	Nos Açores, a mulher que dirige todos os serviços da cozinha, para o bodo e para o <i>jantar</i> (MBS, p. 130).	
MESTRA-DA- FUNÇÃO	Nos Açores, outra designação para <i>Mestra</i> (JSB, p. 362).	
MESTRE DA FOLIA	Nos Açores, outra designação para <i>Cabeça de Folia</i> (MBS, p. 130).	
MESTRE DOS FOLIÕES	Nos Açores, nome do <i>Folião</i> que toca o tambor e que inicia	

	os cânticos (JSB, p. 363).	
MESTRE-SÁ	Nos Açores, Outra designação pra <i>Mestre-Sala</i> (MBS, p. 130).	
MESTRE-SALA	Nos Açores, chama-se ao dignitário do <i>Império</i> que, sempre precedido da <i>Folia</i> , acompanha o cortejo e a coroação e leva as oferendas ao teatro e as pensões e serviços aos irmãos – Santa Maria (MBS, p. 131). No Maranhão, adulto responsável pelo cumprimento das orientações das caixeiros (FSR, p. 114);	“ <i>Grita o <Mestre-Sala> – Viva o Espírito Santo do Paço!</i> ” CL, 30. “ <i>O Senhor seu <Mestre-Sala>/ Eu com vós quero falar/ Me sente o Mordomo-Régio/ Nesta corte Imperial</i> ” (MB, p. 170). Em Santa Maria usa como insígnia uma vara vermelha de dois metros de comprimento, um lenço de cores sobre os ombros e uma braceira semelhante à do trinchante (MBS, p. 131).
MESTRE-SALA-MOR	No Maranhão, em Alcântara, as escolhas do <i>Império</i> são feitas e anunciadas pelo Mestre-Sala, que é denominado Mestre-Sala-Mor. (FSR, p. 114)	“ <i>Em Alcântara [...] as escolhas são feitas previamente [...] por promessas ou por escolhas e acordos do <Mestre-Sala-Mor></i> ” (CL, p. 31).
MORDOMA	Nos Açores, as ajudantes da Mestra (MBS, p. 132). No Maranhão, membro da corte imperial, a primeira, em ordem de importância, depois de Imperador/Imperatriz (FSR, p. 114).	A nobre mordoma/ tem a roupa armada,/ esperando a prenda/ que é tão desejada – São Jorge (MBS, p. 132); O Divino Espírito Santo/ Ele aqui vai a correr;/ Vai ajudar as mordomas; que têm muito que fazer – São Jorge (MBS, p. 132).
MORDOMO	Nos Açores, os irmãos aos quais, por sorteio, saiu algum dos cargos a desempenhar nas festas do ano seguinte (MBS, p. 133). No Maranhão, membro da corte imperial, o primeiro, em ordem de importância, depois de Imperador/Imperatriz (FSR, p. 114);	“ <i>Meus Impérios e <mordomo>/ Vamos na missa do dia/ vamos ver cantar os anjos/ Na capela de Maria</i> ” (MB, p. 156). Em Alcântara, o Mordomo-Baixo é o segundo mordomo em ordem de importância, depois do Mordomo-Régio (FSR, p. 114).
MORDOMO/A-BAIXO/A	No Maranhão, uma das designações criadas para diferenciar os vários mordomos que compõem a corte.	“ <i>Cada festeiro (Imperador, Mordomo-Régio e <Mordomos-Baixos>) tem seu séquito</i> ”. (CL, p. 27). “ <i>[...] os <Mordomos-Baixos>, com seus séquitos, paletós um tanto fora de moda, gravatas pretas, luvas brancas</i> ” (CL, p.

		35).
MORDOMO/A-CELESTE	No Maranhão, uma das designações criadas para diferenciar os vários mordomos que compõem a corte.	<i>“Cada casa propõe variações como: Mordomos de Linha, <Celestes>, Reais e muitas outras, o que determina a duração do caminho que as crianças percorrerão /para chegar a imperador/”</i> (MB, p. 206).
MORDOMO/A DE LINHA	No Maranhão, uma das designações criadas para diferenciar os vários mordomos que compõem a corte.	
MORDOMO DO FOGO	Nos Açores, indivíduo que, nas festas do Espírito Santo, tem a seu cuidado a aquisição dos foguetes e do fogo de artifício para a festa desse ano (JSB, p. 374).	
MORDOMO DO JANTAR	Nos Açores, outra designação para <i>Cavaleiro</i> – São Jorge (MBS, p. 133).	
MORDOMO/A-MOR	No Maranhão, segundo/a Mordomo/a em ordem de importância, depois do Mordomo-Régio (FSR, p. 110).	<i>“Recebei os dois pombinhos/ Pombinho de privilégio/ Pra mão da <Mordoma-Mor>/ para a mão da Mordoma-Régia”</i> . (MB, p. 171). Na Casa das Minas, “A preparação das crianças para chegar a ser Império, são cinco anos, quer dizer, ela primeiro começa pela terceira, Terceira-Mor, no outro ano ela é Segunda-Mor, no terceiro ano ela é Primeira-Mor [...]” (CMFI, p. 125).
MORDOMO/A-REAL	No Maranhão, uma das designações criadas para diferenciar os vários mordomos que compõem a corte.	<i>“Meu nobre Mordomo-Mor/ A você vou entregar/ Esta bonita fita/ Pra ser <Mordomo Real>”</i> (MB, p. 172).
MORDOMO/A-RÉGIO/A	No Maranhão, membro da corte imperial mais importante, depois do Imperador (FSR, p. 116).	<i>“Pombo branco avoou/ Todo cheio de privilégio/ Foi voando e foi dizendo/ Viva os <Mordomos-Régios>”</i> (MB, p. 149).
MORDOMO/A-RÉGIO/A DO TRONO	No Maranhão, criança que representa o Imperador escolhido, no ritual (FSR, p.	<i>“O Mordomo-Régio é representado pelo ‘<Mordomo-Régio do Trono>’, de farda</i>

	116).	<i>branca, manto curto, chapéu de dois bicos, verde, orlado de arminho [...]” (CL, p. 27).</i>
MORDOMO DO VINHO	Nos Açores, cada um dos três ou quatro mancebos nomeados para tomar conta do vinho e dos tremoços nas festas do Espírito Santo (JSB, p. 374).	
NOBRE IMPERADOR	Nos Açores, nome que em Santa Maria se dá ao Imperador das festas do Espírito Santo (JSB, p. 386).	
PADEIRA	Nos Açores, mulher que coze o pão nas festas do Espírito Santo (JSB, p. 400).	
PADRINHOS DO MASTRO	No Maranhão, participantes da festa responsáveis pela obtenção do mastro e por sua decoração (FSR, p. 117).	<i>“Vinde os <padrinho do Mastro>/ agora eu quero falar/ Para receber seu afilhado/ Para o ano batizar” (MB, p. 174).</i>
PAGEM DA COROA	Nos Açores, o dignitário do Império ao qual compete levar a <i>coroa</i> na <i>salva</i> durante o cortejo da <i>coroação</i> (MBS, p. 141).	
PAGEM DO COXIM	Nos Açores, o encarregado de levar à igreja a almofada onde ajoelha o <i>Imperador</i> (MBS, p. 141).	
PAGEM DO ESTOQUE	Nos Açores, mordomo que acompanhava o Imperador até à igreja; – São Miguel (MBS, p. 141).	[...] logo após a coroação, empunhava o espadim e, com ele erguido, seguia no cortejo a seu lado – São Miguel (MBS, p. 141).
PÁS DA MESA	Nos Açores, provável corruptela de pares ou pagens da mesa, são duas crianças, em geral filhos do casal Imperador /Imperatriz (JL1, p. 15).	
PASSARINHO	No Maranhão, designação dada à pessoa presa, no ritual da <i>prisão</i> , até pagar a <i>prenda</i> ou <i>jóia</i> (FSR, p. 118).	<i>“<Passarinho> tu tá preso/ No galho do limoeiro/ Se tu quiser que te solte/ Puxa pelo teu dinheiro” (MB, p. 193).</i>
PASSEIADORES	Nos Açores, outra designação para <i>andadores</i> , <i>cavaleiros</i> (MBS, p. 142).	
PAZ	Nos Açores, <i>Irmão</i> do Espírito Santo, abaixo do <i>Tabuleiro</i> e com ele nomeado para ajudar o <i>Imperador</i> (JSB, p. 417).	
PORTA-BANDEIRA	No Maranhão, outro termo para <i>Bandeira</i> .	<i>“Era a Folia do Divino, constituída de 3 caixeiros</i>

		(tocadoras de tambor), 3 bandeiras (<porta-bandeiras>), 1 bandeiro [...]" (CL, p. 22).
PRESIDENTE	Nos Açores, outra designação para <i>Trinchante</i> – Santa Maria (MBS, p. 145).	<i>Aceita nobre presidente/ tão importantes flores,/ Para dares expediente/ Por todos os espectadores – Santa Maria</i> (MBS, p. 145).
PRIMEIRO/A-MOR	No Maranhão, mordomo/a no terceiro ano de participação na festa, na Casa das Minas (FSR, p. 120).	<i>A preparação das crianças para chegar a ser Império, são cinco anos, quer dizer, ela primeiro começa pela terceira, Terceira-Mor, no outro ano ela é Segunda-Mor, no terceiro ano ela é <Primeira-Mor> [...]"</i> . (CMFI, p. 125).
PROCURADOR	Nos Açores, na Terceira, quando no mesmo domingo há mais do que um <i>Mordomo</i> , chama-se <i>Procurador</i> ao Mordomo principal que é aquele que leva a <i>Coroa</i> (MBS, p. 146).	
QUARTO-IRMÃO	Nos Açores, aquele que, quando se cultivava o trigo na Ilha, contribuía com 12 pães para a festa do Império (JSB, p. 359).	
QUARTO-MORDOMO	Nos Açores, outra designação para <i>Quarto-Irmão</i> (JSB, p. 359).	
RAINHA DA FESTA	Nos Açores, cada uma das meninas que, nas festas do Espírito Santo, é encarregada de transportar a <i>Coroa</i> – Flores (JSB, p. 467).	
REI(S)	No Maranhão, <i>Imperador</i> , assim designado em algumas casas de culto (FSR, p. 121).	<i>"De manhã o sol é <reis>/ Meio-dia é rei croado/ Às quatro horas ele é morto/ Às seis horas sepultado."</i> (PGA, p. 52). A designação de <i>Reis</i> , no plural, para um único indivíduo, foi registrada por Meyer (2001), referindo-se a Carlos Magno, imperador francês, <i>reis</i> do Congo.
RAINHA	No Maranhão, acompanhante do <i>Rei(s)</i> , nos terreiros em que este substitui o Imperador, ou	

	em que ambos estão representados.	
REINADO	No Maranhão, em casa em que se opta por rei e rainha, para designar a corte; equivalente a Império.	
REI DA COROA	Nos Açores, a pessoa que nas tardes dos domingos e dias santos, dos meses de outubro a dezembro, acompanha os <i>Cabeças de Irmandade</i> , conduzindo a <i>coroa</i> , em cortejo destinado a anotar a quantia com que cada habitante quer contribuir para o <i>Império</i> e quanto pão dará – Flores e Corvo (MBS, p. 156).	<i>O Senhor Espírito Santo/ Foi feito em Lisboa./ Digam todos que viva/ o nobre Rei da coroa – Flores (MBS, p. 156).</i>
ROLADOR	Nos Açores, ajudante dos Imperadores, quando estes efetuam um peditório geral (MEDINA, 2007, p. 19)	
SEGUNDO/A-MOR	No Maranhão, mordomo/a em sua segunda participação na festa, na Casa das Minas (FSR, p. 124).	<i>“[...] para chegar a ser Império, são cinco anos [...] ela começa pela terceira. Terceira-Mor, no outro ano ela é <Segunda-Mor> [...]” (CMFI, p. 125).</i>
SENHORES DAS VARAS	Nos Açores, quatro dos mais distintos convidados, aos quais era concedida a honra de formar o <i>Quadrado de varas</i> – São Miguel (MBS, p. 164).	
SERVENTES	Nos Açores, aquele que serve à mesa na copeira, nas festas do Espírito Santo – Santa Maria (JSB, p. 515).	
SÉQUITO DO TRONO	No Maranhão, conjunto dos membros e acompanhantes do <i>Império</i> , nos cortejos (FSR, p. 124).	<i>“Sai o povo, forma-se o cortejo. Os <séquitos do trono> chegados ao adro, reúnem-se à porta do templo, do Imperador à mais humilde das caixeiros [...]” (CL, p. 28).</i>
SOCIEDADE DOS DEZ	Nos Açores, nome que em S. Jorge se dava aos dez indivíduos encarregados de fazer o <i>Bodo do Espírito Santo</i> (JSB, p. 520).	
TABULEIRO	Nos Açores, <i>Irmão</i> do Espírito Santo nomeado para ajudar o <i>Imperador</i> no dia da festa – Faial (JSB, p. 530).	

TAMBOR	Nos Açores, aquele que toca o tambor nas <i>Folias</i> do Espírito Santo (JSB, p. 532).	
TERCEIRO/A MOR	No Maranhão, <i>Mordomo/a</i> no primeiro ano de participação na festa, na Casa das Minas (FSR, p. 125).	“[...] para chegar a ser <i>Império</i> , são cinco anos, quer dizer, ela primeiro começa pela terceira. <Terceira-Mor> [...]” (CMFI, p. 125).
TESOIREIRO	Nos Açores, um dos cabeças da <i>Irmandade</i> que toma conta das receitas e das despesas (JSB, p. 543).	
TESOUREIRO	No Maranhão, o mesmo que <i>Tesoireiro</i> . Participante responsável pela derrubada do mastro (FSR, p. 125).	“<Tesoureiro>, <tesoureiro>/ Ponha a tesoura na mão/ Tem cuidado tesoureiro/ não deixa cair no chão” (PGA, p. 57).
TRAMELEQUE	Nos Açores, ajudante do gaitero, exímio rufador e solista de tambor, nas antigas festas do Espírito Santo, em Penedo (MMS, p. 320).	
TRÊS MISTÉRIOS	No Maranhão, três crianças vestidas de anjos que representam a Fé, a Esperança e a Caridade (FSR, p. 125).	“ <i>Meu Divino Espírito Santo/ que está sentado no altar/ Me sentai os <três mistérios>/ Da Santíssima Trindade</i> ” (MB, p. 159).
TRINCHANTE	Nos Açores, o que leva a <i>Coroa</i> na ida do Espírito Santo para a igreja e na volta traz a <i>Salva</i> onde a <i>Coroa</i> ia pousada, quando o <i>Imperador</i> leva a <i>Coroa</i> na cabeça [...] é assim chamado por ser quem trincha a carne para o jantar da festa (JSB, p. 562); Primeira dignidade da equipagem [...] Ocupa na hierarquia do <i>Império</i> , o lugar imediatamente a seguir ao <i>Imperador</i> – Santa Maria (MBS, p. 175). Outra designação para <i>Copeiro</i> e <i>Viador</i> (JSB, p. 189).	Tem como distintivo um lenço de seda arramado, caído sobre os ombros e atado em nó à volta do pescoço; uma larga braçadeira guarnecida de elementos coloridos, de forma circular, que fazem pensar nas <i>mandalas</i> ; no exercício de suas funções (trincar as <i>Flores do Espírito Santo</i>) usa uma espécie de toalha rendada sobre o ombro esquerdo (MBS, p. 175).
TRINCHANTE DA CARNE	Nos Açores, [...] é assim chamado por ser quem trincha a carne para o jantar da festa (JSB, p. 562).	
VAIDOR	Nos Açores, outra designação para <i>Vedor</i> (MBS, p. 183).	Corruptela de <i>vedor</i> (JSB, p. 572).

VARIANÇA	Nos Açores, conjunto dos procuradores e <i>Irmãos</i> que, com as <i>Varas</i> na mão, constitui o acompanhamento da <i>Coroa</i> na <i>Coroação</i> – Terceira (MBS, p. 184).	
VASSALO	No Maranhão, membros do <i>Séquito do Império</i> (FSR, p. 128).	“[...] dois <vassalos> do Reino, também fantasiados, de roupas cinzentas e faixas verde-amarelas atravessadas ao peito” (CL, p. 35).
VEDOR	Nos Açores, outra designação para <i>Pagem da Coroa</i> (MBS, p. 141).	
VELHO DO BANDO	Nos Açores, velho andrajoso que comenta ironicamente as quadras recitadas pelo <i>Cavaleiro</i> – São Jorge (MBS, p. 38).	
VEREADORES	Nos Açores, outra designação para <i>Briadores</i> (MBS, p. 184).	
VIADOR	Nos Açores, outra designação para <i>Trinchante</i> ou <i>Copeiro</i> em algumas freguesias da Terceira (MBS, p. 186).	
VICENTE	No Maranhão, acompanhante da <i>Folia do Divino</i> , encarregado de recolher as esmolas em dinheiro (FSR, p. 128).	“E ainda o ‘<Vicente>’ assim chamado o menino que recolhia as esmolas em dinheiro, quer fosse Pedro, Paulo ou Simão.” (CL, p. 23).

5.1.8.2 A Folia e o Império

5.1.8.2.1 A Folia – a brincadeira e o conjunto dos brincantes

Aspectos semelhantes, entre as festas nos Açores e no Maranhão, são as circunstâncias da condução do ritual da festa, por grupos de participantes que têm em comum algumas características: são conhecedores profundos do ritual, entoam cânticos orientadores das etapas da festa e acompanham esses cânticos com instrumentos musicais, predominantemente marcadores de ritmo.

Nos Açores esses participantes são designados pelo termo *folia*, um grupo de *foliões* que dançam e cantam nas festas do Espírito Santo – o termo designa ainda as canções tocadas e cantadas pelos *Foliões* (SIMÕES, 1987, p. 94) – sendo *foliãs* o termo que designa

as participantes dos hoje raros *Impérios de Mulheres* (SIMÕES, 1987, p. 95). Referindo-se ao Mosteiro de S. João, na Horta, João Ilhéu (*Notas Etnográficas*) escreveu: *A coroação era organizada no interior do convento, [...] levando à frente as 'Folians', ao todo cinco, uma tocando tambor, outra levando a bandeira e mais três tocando pandeiro*. Gabriel de Almeida em *Fastos açorianos*, de 1889, refere que ainda em 1824 havia esta prática” (BARCELOS, 2008, p. 280).

O termo *Folia* – e seus derivados – está associado, atualmente, no Maranhão, às brincadeiras carnavalescas, mas designava a atividade também conhecida como festa ou *Barulhos do Espírito Santo* – bando precatório que percorria as ruas angariando donativos para as festividades,

constituído por duas ou três **caixeiras** – batedoras de caixas de rufo – uma menina levando numa salva de prata a coroa e uma pombinha do Divino, uma outra com uma bandeira vermelha e alguns acompanhantes ocasionais. O devoto, ao dar o óbulo, beija respeitosamente a pombinha ou coloca a salva sobre a cabeça para que fique abençoado. (VIEIRA FILHO, 1974, p. 56).

Carlos de Lima refere-se à *Folia do Divino* como um grupo que saía para recolher esmolas, composto por

três caixeiras (tocadoras de tambor), três bandeireiras (porta-bandeiras), um bandeireiro, dois cidadãos de confiança, carregadores para o transporte das ofertas de toda espécie e que incluíam galinhas, perus, patos, cofos de farinha, etc. E ainda o “Vicente”, assim chamado o menino que recolhia as esmolas em dinheiro, quer fosse Pedro, Paulo ou Simão. (1988, p. 22).

A semelhança entre as funções desses grupos é um dos elementos que comprova a origem açoriana da festa. As *Caixeiras*, assim denominadas em razão do instrumento único que tocam, tratam-se entre si de *foliãs* ou *folioas* e, embora sejam consideradas indispensáveis, tem-se conhecimento da existência de localidades, no Maranhão, em que a função é exercida por homens, conhecidos por *foliões*, que atuam em ritos fúnebres, na região dos cocaís (GONÇALVES; OLIVEIRA, 2003, p. 179).

É o caso dos Foliões da Divindade, assim descritos:

A folia, isto é, o grupo de foliões da Divindade é formado unicamente por homens. São oito ao todo, além do Imperador. Esse grupo precatório está organizado em pares que se revezam em suas funções. Para os instrumentos – uma caixa e um violino – há dois foliões que se alternam no violino e outros dois que se alternam no toque da caixa. Para o canto, há dois foliões chamados *foliões de primeira* e outros dois chamados *foliões de segunda*. O *folião de primeira* é aquele que improvisa os primeiros versos para que o *folião de segunda* dê sequência ao canto, ou melhor, à cantoria como eles o denominam (RAMOS; BEZERRA, 2012, p.1).

Encontrei, apenas em Serra, a designação desses grupos pelo termo de “farrancho”:

Os farranchos percorrem cidades e vilas arrecadando a esmola para o dia magno da festa. As caixas batucam forte e as “caixeiras” entoam suas cantigas peculiares, dançando em volta da coroa, enquanto a bandeira larga e vermelha abençoa a casa que acolheu o farrancho (1941, p. 60).

Nos Açores, a composição da *Folia* pode variar ao longo do arquipélago. Leal (1994, p. 169) propõe uma classificação em três grandes tipos, além da que se encontra na Ilha de Santa Maria: a das ilhas do grupo central – Terceira, São Jorge, Pico, Graciosa e Faial e parte oriental da ilha de São Miguel; a da Ilha de São Miguel e a das ilhas das Flores e Corvo. A diferença entre esses modelos deve-se principalmente ao tipo de instrumentos, mas pode ocorrer também no de participantes. Na ilhas do grupo central há um tambor e um pandeiro, eventualmente substituído por outro tambor, e um porta-bandeira; em São Miguel pandeiro, viola, rebeca e ferrinhos e nas Flores e no Corvo, tambor, testos e dois cantadores, um dos quais é porta-bandeira. Este último modelo é o mais próximo do que ocorre na Ilha de Santa Maria, que conta com três foliões: o Mestre que dirige e toca tambor, um tocador de testos e o porta-bandeira.

5.1.8.2.2 Foliões, Foliãs e Caixeiras folioas

O termo *Foliões* (Fig. 27) designa três ou quatro indivíduos que formam um conjunto – a *Folia* – e que funcionam como os “mestres de cerimônia” do culto do Espírito Santo (SIMÕES, 1987), como aparece no seguinte trecho de um cântico dos Açores: “*Meu nobre Senhor,/ A carta está lida;/ Os nossos foliões/ Dão-na despedida*”. (São Jorge)/ (SIMÕES, 1987, p. 96).

Figura 27 – Foliões na Ilha Terceira



Fonte: Acervo da autora

Além do sentido genérico de festa, permanece o sentido de *Folia* e de seus derivados para designar aqueles que fazem a festa, como se pode observar nos trechos de cânticos aqui apresentados, em que aparecem as variações *foliõa* e *folioa* do termo *foliã*, para designar as caixeiros que são as responsáveis pelo bom andamento da festa, no Maranhão: “Ó minha amiga *foliõa*/ Preste bem atenção/ Se não me der o meu sangue/ Eu daqui não saio não”. (BARBOSA, 2006, p. 57) e “Minha amiga *folioa*/ Me diga que horas são/ Se já deu Ave Maria/ Eu quero tomar benção” (PACHECO, GOUVEIA E ABREU, 2005, p.51).

Vale registrar a forma *folians* em texto de Silva Ribeiro, do século XVII, citado por Ernesto Veiga de Oliveira, em trabalho sobre instrumentos musicais açorianos:

E também na Horta, curiosamente, no convento de freiras de S. João, à frente do cortejo que dava a volta aos claustros e entrava na igreja, figuravam cinco “Folians”, uma com a bandeira, outra com o tambor e as demais com pandeiros (OLIVEIRA, 1986, p. 25).

Leal (1984, p. 17) registra a existência, em tempos mais antigos, ou, como dizem os açorianos, *nalgum tempo*, de um cancioneiro feminino, constituído basicamente por canções de trabalho ou de cunho religioso, entoadas durante o ritual de preparação dos pães para a festa, ritual este hoje reduzido ao peneirar da farinha e à cozedura do pão, mas que anteriormente compreendia um número maior de etapas que envolviam a passagem de grão a farinha, por exemplo. “Embora de acento sobretudo vocal, era frequente estas canções fazerem-se acompanhar pelo rufar do tambor da folia tocado por uma mulher” (LEAL, 1984, p. 17). Esta descrição inevitavelmente remete à figura da caixeira. O autor menciona ainda que também eram entoadas cantigas quando se mantinha o hábito das mulheres fazerem visitas entre elas, durante o período em que o pão era assado, quando pequenos roubos eram cometidos, para testar a atenção das responsáveis e que lembra o Roubo dos Impérios, já que em ambos os casos, trata-se de roubos acordados e sem prejuízo para qualquer das partes.

Estes hábitos faziam parte de um universo feminino, que mantém essas características ainda hoje e cuja invasão por homens era ficticiamente punida com “banhos” de farinha.

Vale mencionar também a coincidência de funções entre as figuras do *mestre* ou *cabeça de folia* e da *caixeira-régia*, em São Luís, ou *caixeira-mor*, em Alcântara, como menciona Barbosa (2006, p. 44): “[...] em Alcântara o maior cargo é o de caixeira-mor, e a segunda é que é a caixeira-régia”.

5.1.8.2.3 O Império – uma corte numerosa e variada

O termo Império, no contexto da festa, é polissêmico, pertencendo em razão disso a vários campos conceituais: pode ser o tempo da festa, o Tempo dos Impérios, pode ser o local a ela reservado, a pequena construção em forma de capela, característica da Ilha Terceira, mas encontrada em outras ilhas. Pode ser ainda o conjunto das etapas rituais da festa ou o conjunto dos festeiros que a realizam. Pode ser, mais estritamente, a Irmandade, o conjunto dos membros que compõem a corte imperial e, de forma ainda mais estrita e mais raramente utilizada, o próprio Imperador.

Para Dona Maria Farias, caixeira do Divino, em entrevista do dia 26/05/94, a tribuna e os impérios “é a representação da família real: o rei, a rainha, seus vassalos. É a corte que chegou no Brasil e aí se monta o trono para eles se assentar” (GOUVEIA, 1997, p. 96).

Mãe Elzita, em entrevista concedida, em 26/10/96, à mesma pesquisadora explica:

A festa do Divino é uma festa de católicos, por isso tem missa, tem ladainha onde se ouve os santos, agora o reinado aqui “pra” nós é o de Vó Missã, muita gente diz que é das origens da festa, de onde ela veio, mas para nós que fazemos pelo astro, esse reinado marca as entidades, porque aqui nós temos entidades princesas, nobres, então elas é que sentam no trono. Nós fazemos a ligação das duas coisas: o católico e o astral (GOUVEIA, 1997, p.47).

A constituição do Império pode sofrer algumas variações de acordo com a casa. No terreiro da Fé em Deus, por exemplo, fala-se em “reinado”, constituído pela *Rainha*, a *Dama*, podendo ocorrer, concomitantemente, uma *Imperatriz de promessa* se assim determinar a entidade. Paralelamente haverá um *Rei(s)*, um *Vassalo* que pode ser denominado eventualmente de *Imperador* (GOUVEIA, 1997, p.75), o *Juiz*, que representa a ordem, no âmbito da festa, e o *Bandeireiro real*, que constituem a “corte principal”. Além destes componentes, nesse terreiro, existem ainda seis *Bandeirinhas*, oito *Anjos* e três anjos que representam a *Fé*, a *Esperança* e a *Caridade*, vestidos nas cores verde, branco e rosa. Estes componentes, excetuando-se a presença do *Rei(s)* e da *Rainha* repetem-se nos outros terreiros e em Alcântara, com pequenas variações. As principais variações são a substituição das designações de *Império*, *Imperador* e *Imperatriz* por *Reinado*, *Rei(s)* e *Rainha*; a composição do Império por casais, como *Imperador* e *Imperatriz*, *Mordomos* e *Mordomas*; a alternância entre *Imperador* e *Imperatriz*; o número de *Mordomos/Mordomas*; a composição numérica e de funções diversificadas do restante da corte imperial, com *Bandeireiros*, *Aias*, *Damas*,

Vassalos, Fé, Esperança e Caridade, Anjinhos, Caixeiras e Bandeirinhas, para mencionar os mais frequentes.

Ferretti informa:

Em algumas casas como no terreiro de Jorge de Itacy, o Divino é representado por reis e não por imperadores. É uma homenagem a São Luís, rei de França, patrono da cidade, comemorado a 25 de agosto. Louva também D. Luís, o príncipe Luís XIII, rei menino na época da fundação da cidade e um dos encantados nobres ou gentis, cultuados na Mina do Maranhão (1995, p. 179).

Mãe Elzita explica:

É por causa da corrente de cada ano, lá na outra casa era reis e rainha, aqui a gente já tem reis, rainha e algumas vezes a corrente dá para o império, pode sair um imperador, uma imperatriz até por promessa, que não tá nem sabendo o significado da casa, quer dizer que é uma coisa que vem sem que eles saibam, tudo é em função da corrente da entidade que vai estar na frente da festa, por exemplo, digamos que este ano vai reinar “Rainha Rosa” então ela vai reinar no trono de Sant’Anna, tem uma rainha pra reinar por ela, quer dizer que a criança tá recebendo aquela formação daquele reinado, Surrupirinha vem e dá as ordens, se é reis ou rainha, imperador ou imperatriz, agora aqui dá mais reino, fora um ano ou outro que pode reinar o imperador (GOUVEIA, 1997, p. 85).

Ferretti lembra ainda que o “império e a coroa trazem a lembrança da história do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de França, tão presentes no imaginário popular como na literatura erudita em nosso país” (FERRETTI, 1995, p. 180).

Araújo também menciona esta relação:

Duas festas dão oportunidade para o povo se lembrar da ascendência que o clero tinha sobre as casas governantes: só a ele competia aclamar os reis e coroar os imperadores. Aquela por ocasião da Coroação do Rei do Congo (Guaratinguetá e Cunha) e esta, na festa do Divino. Embora considerada modalidade externa da festa de Pentecostes, o momento culminante se dá quando o padre tira da cabeça do “imperador velho” a coroa para colocá-la na do “imperador novo.”, Revive assim o estatuído para Carlos Magno no *Pontificalle romanum*. No passado a Coroação do Rei do Congo era festa típica de negros e a do Divino, a dos brancos. Havia uma forma de acomodação social para as duas classes: um rei para os escravos e um imperador para os senhores. O rei dos pretos era aclamado e o imperador escolhido por sorteio, ambos porém eram coroados, fugindo do que havia em Portugal: o rei aclamado e o imperador coroado (1964, p. 37).

Também nos Açores, a composição do Império muda de acordo com a localidade. Em termos gerais e excluía a Folia, de que falei anteriormente, a composição é a seguinte, por Ilha:

Santa Maria: Imperador e Imperatriz, Trinchante ou Presidente, 3 Briadores, um dos quais é o Mestre-sá, Menino ou Menina da mesa, Copeiro, Cozinheiro e Cozinheiras, Serventes e Aguadeiro (FERNANDES; FERNANDES, 2006, p. 287); pode haver ainda Ajudantes de imperador, de Trinchante e de Copeiro, dos Portais e de Porta-de-igreja, mas em

algumas freguesias o número de ajudantes é menor, o Ajudante de imperador acumula a função de Foguista e pode ser designado por Agarrador ou Apanhador e o Trinchante da carne é denominado Escarrilhador (LEAL, 1984, p. 51);

São Miguel: Depositário, Mordomos, Imperador, Irmão da Coroa, Criadores (FERNANDES; FERNANDES, 2006, p. 302) Alferes (Bandeira), Vedor (Coroa), Condestável ou Pagem do Estoque (Espada), Pagem do Coxim (Almofada), Mordomos, Imperador, Irmão da Coroa, Criadores, Dispenseiro ou Depositário (LEAL, 1994, p. 184);

Terceira: Imperador, Mestra, Marchante, Criador, Mordomos, Procuradores (LEAL, 1994, p. 171);

Graciosa: Imperador (LEAL, 1994, p. 176), não tendo obtido outras informações;

São Jorge: Imperador, Alferes da bandeira, 5 Andadores, Passeadores ou Cavaleiros, Mordomo ou Cavaleiro, Condestável, Trinchante (FERNANDES; FERNANDES, 2006, p. 312);

Pico: Mordomo (FERNANDES; FERNANDES, 2006, p. 320);

Faial: Imperador ou Mordomo (LEAL, 1994, p. 181).

Flores: Cabeças, Imperador, Mordomo, Tesoureiro, Rei da Coroa, Alferes da Bandeira, Cozinheiras (FERNANDES; FERNANDES, 2006, p. 324) Cabeças ou Cabeceantes;

Corvo: Rei, Mordomos ou Cabeças; (FERNANDES; FERNANDES, 2006, p. 328) Rei da Coroa, Alferes da Bandeira (LEAL, 1994, p. 188).

Nenhum dos livros consultados apresentou de forma sistemática e consensual a composição dos Impérios (Fig. 28). Observei que nem sempre as funções estão claramente definidas e uma mesma designação pode referir-se a funções diferentes. Esta indefinição é mais frequente entre Imperador e Mordomo e nos equivalentes a este último.

Figura 28 – Império no Maranhão



Fonte: Acervo do Projeto ALiMA

Em Alcântara, há uma alternância, a cada ano, entre Imperador (Fig. 29) e Imperatriz, de que decorre também a existência de Mordomo-Régio ou Mordoma-Régia. Havia sempre um total de 12, seis mordomos e seis mordomas, computando-se a uma dessas somas, de acordo com o ano, o mordomo-régio ou a mordoma-régia, o que totaliza 13 festeiros, mas nem sempre é possível fechar esse número, em razão dos tempos difíceis e das grandes despesas que a festa exige. São indispensáveis o Imperador, que tem assegurada a casa para o festejo, de propriedade do governo, conhecida como Casa do Divino, e o Mordomo-Régio. As cores do Império são fixas: vermelho para o Imperador, verde para o Mordomo-Régio e azul-claro ou rosa para os outros.

Figura 29 – Imperador saindo da igreja



Fonte: Acervo da autora

No Maranhão, a *Imperatriz de promessa*, mencionada por Gouveia (1997, p. 74), ocorre na festa quando, já havendo um *Rainha* ou *Imperatriz*, conforme o uso do terreiro, escolhida pelos métodos habituais, surge uma emergência, como a necessidade do pagamento de uma promessa feita em outro local, que não existe mais. Havendo a concordância da entidade espiritual que orienta a festa, as duas compartilham a função sob a designação de *Rainha* e *Imperatriz* de promessa. Embora não haja registro da designação equivalente para homens, possivelmente ela existirá, caso a promessa a cumprir seja feita por um rapaz. Essa função equivale à de *Imperador* fora de tempo, encontrada apenas na forma masculina nos Açores.

O termo *Rainha* pode estar ainda associado a outras funções na festa, como a das *Rainhas da coroa*, que transportam as coroas nos cortejos. Embora não tenham sido

consideradas para este trabalho, as festas realizadas nos estados Unidos e no Canadá, para preservar uma tradição que está associada a uma afirmação de identidade açoriana, reservam um importante papel às *Rainhas* que transportam as coroas em cortejos, as quais são suntuosamente vestidas e ostentam capas ou mantos que constituem objeto de rivalidade e já foram registrados fotograficamente em livros a eles dedicados especificamente, pelo trabalho de bordado artesanal refinado e original.

5.1.9 O Espírito Santo e seus símbolos

As designações para o Espírito Santo e as fórmulas de tratamento utilizadas para invocá-lo são muito semelhantes em todos os locais considerados para este trabalho. As fórmulas mais frequentes são as apresentadas a seguir.

5.1.9.1 O Espírito Santo

Quadro 34 – Espírito Santo

TERMO	DEFINIÇÃO	OUTRAS INFORMAÇÕES
DIVINO	Nos Açores, termo que designa o Espírito Santo nas divisas (“Glória ao Divino”) e nos emblemas do seu culto (MBS, p. 83). No Maranhão, termo equivalente a Espírito Santo, terceira pessoa da Santíssima Trindade, dogma da igreja católica, centro da devoção que motiva a festa (FSR, p. 104).	“ <i>Levantamos Oliveira/ Com grande satisfação/ <Divino> subiu ao céu/ alegrando o coração</i> ” (PGA, p. 24). “ <i>Ide Vós, meu Divino/ Vossa Santa Coroa./ Graças sejam dadas/ À vossa pessoa</i> ” (MBS, p. 83).
DIVINO ESPÍRITO SANTO	No Maranhão, outro termo para <i>Espírito Santo</i> .	“ <i>Meu <Divino Espírito Santo>/ Onde vós tava escondido/ Lá no céu atrás das nuvens/ Seja bem aparecido</i> ” (PGA, p. 20).
DIVINO REI DA GLÓRIA	No Maranhão, outro termo para <i>Espírito Santo</i> .	“ <i>Foi agora que eu cheguei/ No pino das 12 horas/ Vou salvar Espírito Santo/ O < Divino rei da glória></i> ” (MB, p. 142).
ESPÍRITO SANTO	No Maranhão, terceira pessoa da Santíssima Trindade, dogma da igreja católica, centro da	“ <i>Já chegou <Espírito Santo>/ Que viemos festejar/ Perante suas caixas/ Ele pousou no</i>

	devoção que motiva a festa(FSR, p. 104).	altar” (PGA, p. 20).
SENHOR ESPIRITO SANTO	Nos Açores, outra designação para o Espírito Santo (JSB, p. 252).	<i>O Senhor Espirito Santo/ Lá da casa da Ribeira./ Leva a peste, fome e guerra/ Dos campos da Ilha Terceira</i> (JSB, p. 252).
SENHOR ESPRITO SANTO	Nome que quase sempre se trata o Espírito Santo [nos Açores] (JSB, p. 511).	

5.1.9.2 Símbolos

Para este trabalho, optei por considerar como símbolos apenas os objetos que representam, de alguma forma, o Espírito Santo, diferenciando-os, assim, das insígnias que, como expliquei anteriormente, são os objetos que identificam participantes e funções na festa.

O Espírito Santo é representado, recorrentemente, por uma pomba branca ou por línguas de fogo, mas no âmbito da festa a representação por línguas de fogo é pouco frequente e, quando ocorre, é como elemento decorativo de segunda importância. Na festa, o Espírito Santo é simbolizado pela pomba, pela coroa, pelo mastro e pela bandeira. Esta simbolização ocorre não só na representação iconográfica como é assim mencionada nos cânticos e é evidenciada pelo respeito a esses objetos simbólicos durante o ritual das festas.

Na maior parte dos casos há coincidência entre os símbolos em todos os locais pesquisados bem como nas designações, que apresentam pequena variação. A exceção é o *Mastro*, que apresenta esse valor simbólico apenas nas festas maranhenses.

5.1.9.2.1 A Bandeira

Um símbolo coincidente é a Bandeira, especialmente a Bandeira vermelha que representa o Espírito Santo.

Quadro 35 – Símbolos: Bandeira

TERMO	DEFINIÇÃO	OUTRAS INFORMAÇÕES
BANDEIRA	No Maranhão, pedaço de tecido de seda adamacada de forma quadrangular com cerca de 5 palmos de lado, orlada de uma franja dourada.	<i>“Lá vai o pombo avoando/ Oi por cima da laranjeira/ Foi voando e foi dizendo/ Oi viva o Mastro e a <bandeira>”</i> (MB, p. 149).
BANDEIRA	Nos Açores, uma das	

BRANCA DO ESPÍRITO SANTO	bandeiras da festa do Espírito Santo, em alguns lugares também chamada <i>Bandeira dos Foliões</i> , com bordado semelhante à <i>Bandeira da Coroa</i> (JSB, p. 97).	
BANDEIRA DA COROA	Nos Açores, outra designação para <i>Bandeira do Espírito Santo</i> (JSB, p. 97).	
BANDEIRA DO ALFERES	Nos Açores, outra designação para <i>Bandeira do Espírito Santo</i> (JSB, p. 97).	
BANDEIRA DO ESPÍRITO/ESPRITO SANTO	Nos Açores, uma das insígnias do Espírito Santo feita de seda adamascada vermelha, de forma quadrangular com cerca de 5 palmos de lado, orlada de uma franja dourada, com uma pomba no centro, bordada em relevo (JSB, p. 97). No Maranhão, bandeira principal, vermelha, em geral bordada com um motivo de pomba, usada durante os cortejos e na tribuna (FSR, p. 89);	“ <i>Eu sou bandeira vermelha/ Bandeira de todo o ano/ Eu sou bandeira vermelha/ <Bandeira do Espírito Santo></i> ” (PGA, p. 67).
BANDEIRA DOS FOLIÕES	Nos Açores, outra designação para bandeira branca do Espírito Santo (JSB, p. 97).	
BANDEIRA REAL	No Maranhão, outro termo para <i>Bandeira do Espírito Santo</i> (FSR, p. 90).	“ <i>Ô Bandeireiro, Bandeireiro/ Que é da <Bandeira real>/ Ai convidai os seus Impérios/ Pra levar pro Tribunal</i> ” (MB, p. 163).
BANDEIRA VERMELHA DO ESPÍRITO SANTO	Nos Açores, outra designação para <i>Bandeira do Espírito Santo</i> (JSB, p. 97).	
BANDEIRINHA	Nos Açores, pequena bandeira que, em geral, não ultrapassa os setenta e cinco centímetros de lado e se destina a figurar na <i>despensa</i> . Tal como a <i>Bandeira</i> , é feita de damasco vermelho tendo no centro a pomba de seda branca, bordada a retrós ou a fio de ouro [...] a <i>Bandeirinha</i> , dobrada em triângulo, está presa a uma vara de madeira	

	envernizada (MBS, p. 38).	
MANTO DIVINO	Nos Açores, nome que em alguns lugares também se dá à Bandeira do Espírito Santo (JSB, p. 349).	
POMBINHA	Nos Açores, outra designação para Bandeirinha – São Miguel (MBS, p. 38).	<i>A pombinha vai voar/ a esta hora do dia/ sei que ela vai poisar/ Numa outra moradia// E, depois de ela poisar,/ Esta pombinha tão rica,/ Em cima do seu altar, Hão-de ver como ela fica.// a folia veio parar/ Nesta tão nobre casinha/ Ela agora vai buscar/ a vossa casa a pombinha – São Miguel (MBS, p. 145).</i>
SANTO-VÉU	Nos Açores, nome que em alguns lugares também se dá à Bandeira do Espírito Santo (JSB, p. 502).	
VÉU DO DIVINO ESPRITO SANTO	Nos Açores, outra designação pra Bandeira do Espírito Santo (JSB, p. 583).	

No ritual da festa são utilizadas várias *Bandeiras*, como a pequena bandeira no topo do mastro, o *Mastaréu* ou *Mastarel*, ou as *Bandeiras* transportadas pelas *Bandeireiras* em evoluções que acompanham as das *Caixeiras*. Mas a bandeira principal é a que simboliza o próprio Divino, a *Bandeira vermelha do Espírito Santo* (Fig. 30) ou *Bandeira Real*, como explica Dona Maria Farias, caixeira do Divino, entrevistada em 26/05/94, que diz que a *Bandeira Real* “[...] é a guia da festa, por isso vem na frente de tudo (GOUVEIA, 1997, p. 96)..

Figura 30 – Bandeira



Fonte: Acervo da autora

Quem carrega é o *Alferes da bandeira*, ele vem com ela puxando a procissão, guiando os impérios. Ele traz a corte para o seu trono”. (GOUVEIA, 1997, p. 96).

5.1.9.2.2 A Coroa

A *Coroa* é possivelmente o símbolo que congrega, da melhor forma, a união do sagrado e do profano na festa e concretiza o caráter subversivo já anteriormente comentado. Segundo Gonçalves e Contins:

[...] a coroa do Espírito Santo não se limita a “representar” o Espírito Santo; ela não é apenas a substituição de uma entidade ausente [...]. Na verdade, ela torna presente o Espírito Santo, mantendo assim com os seres humanos uma relação de “mistério” (por oposição à “transparência”), uma vez que estão em contato universos muito diferentes: a ordem cósmica, a ordem social e os indivíduos. Encarnação visível de um mundo invisível, ela não é apenas uma aparência cuja forma seria valorizada em detrimento do invisível; ela é a presença mesma do espírito Santo com seus poderes e virtudes. Isso ocorre não apenas no contexto da festa, mas igualmente no período não festivo, quando a coroa pode, por exemplo, ser levada em visita à casa de algum irmão que esteja doente. (2009, p.25).

Talvez por essa razão, o material com o qual esta coroa é confeccionada é tão importante. Em Alcântara a coroa é de prata maciça e fica sob a guarda da igreja, sendo entregue ao Imperador enquanto durar a festa.

Nos Açores, onde a festa também conheceu momentos de perseguição religiosa, pelo seu caráter alegre e associação a cantigas e danças profanas, uma das exigências para sua realização era a de que as insígnias – *Coroa* (Fig. 31), *Cetro* e *Salva*, fossem de prata maciça, considerando-se um desrespeito o uso de materiais menos nobres.

Figura 31 – Coroa



Fonte: Acervo da autora

A importância da coroa na festa é assim explicada por Dona Maria Farias, caixeira do Divino, em entrevista do dia 26/05/94. Para ela, a justificativa é histórica, em que pese uma certa imprecisão de dados: “É a significação da realeza, porque a festa é de reis. O rei de Portugal tinha cetro e coroa e a festa começou com D. Pedro I, que chegou no Brasil. Assim é que é.” (GOUVEIA, 1997, p. 96).

Ferretti (1995, p. 180) lembra a possível associação da festa com a figura lendária do imperador Carlos Magno, imperador francês canonizado na Idade Média, que viveu no século IX e cuja gesta, ampliada e transformada em romance, influenciou fortemente a cultura popular brasileira, em manifestações como marujadas, congadas e outras festas em que ocorrem lutas entre mouros e cristãos, e episódios históricos traumáticos com a tragédia de Canudos e o movimento messiânico do Contestado. Essa influência justificaria a importância do ato sagrado da coroação para a festa, por exemplo.

Quadro 36 – Símbolos: Coroa

TERMO	DEFINIÇÃO	OUTRAS INFORMAÇÕES
COROA/ CROA	No Maranhão, objeto em metal para ser colocado na cabeça do Imperador e que faz parte das Posses do Império, isto é, faz parte do conjunto de objetos que simbolizam o poder imperial, e que representam o Espírito Santo (FSR, p. 97). Símbolo do Paráclito, uma das insígnias do Espírito Santo, uma coroa de prata, encimada por uma pomba (JSB, p. 190).	“Se rasgou o véu do tempo/ Veio o pombo e veio a <coroa>/ Vamos todas festejar/ Essa prenda de Lisboa” (MB, p. 149). “Arreda povo arreda/ Deixa os impérios passar/ Passa o cetro, passa a <croa>/ Passa o império real” (PGA, p. 54). A coroa, na festa, tem dupla significação: sobre a cabeça do Imperador é o símbolo do poder imperial a ele atribuído; carregada sobre uma salva ou exposta no altar da tribuna, é uma das representações simbólicas do Divino Espírito Santo e é então mais comumente designada por Santa Croa, no Maranhão
COROA/ CROA DE/O ESPRITO SANTO	Nos Açores, coroa imperial, de prata ou de casquinha, encimada por um orbe de prata dourada sobre o qual assenta uma pomba de asas abertas (JSB, p. 191). No Maranhão, outro termo para	“Ôi nas horas de Deus nas horas/ Nas horas de Deus eu canto/ Eu vou salvar linda Coroa/ Coroa de Espírito Santo>” (MB, p. 187).

	<i>coroa</i> (FSR, p. 98).	
COROA/ CROA DO DIVINO	No Maranhão, outro termo para <i>coroa</i> (FSR, p. 98).	“ <i>Caixeira tu não me deixa/ Não me deixe aqui sozinha/ Não sou eu quem tá pedindo/ É a <Croa do Divino></i> ” (MB, p. 199).
COROA/ CROA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO	No Maranhão, outro termo para <i>Coroa</i> (FSR, p. 98).	“ <i>Ai a <croa do Divino Espírito Santo>/ Ai é bonita é formosa/ Ai mais bonita ela fica/ Ai quando se enfeita de rosa</i> ” (MB, p. 148).
COROA/ CROA DIVINA	No Maranhão, outro termo para <i>Coroa</i> (FSR, p. 98).	“ <i>Essa batalha real/ Nós havemos de vencer/ com a mesma <Croa Divina>/ Ela há de nos valer</i> ” (MB, p. 185).
COROA/ CROA VERDADEIRA	No Maranhão, outro termo para <i>coroa</i> (FSR, p. 98).	“ <i>Ai eu canto pra cá eu canto/ Ai eu canto o mundo inteiro/ Ai eu canto pra Espírito Santo/ E pra <coroa verdadeira></i> ” (MB, p. 186).
DIVINA COROA/ CROA	No Maranhão, outro termo para <i>coroa</i> (FSR, p. 101).	“ <i>Eu quero subir ao céu/ Pelo fio de retrós/ Vou buscar Espírito Santo, <divina croa>/ Pra fazer festa pra nós</i> ” (PGA, p. 70).
DIVINA SANTA COROA/ CROA	No Maranhão, outro termo para <i>coroa</i> (FSR, p. 101).	“ <i>(Solo) Ai para apresentar/ apresentar <Divina Santa coroa></i> ” (MB, p. 195).
SANTA COROA/ C´ROA	No Maranhão, outro termo para <i>coroa</i> (FSR, p. 123).	“ <i>Vinde, minha <Santa c´roa>/ vinde flô deliciosa/ nós por vós tamo esperando/ Oh! Angélica mimosa.</i> ” (CL, p. 25).
SANTA COROA/ CROA DIVINA	No Maranhão, outro termo para <i>coroa</i> (FSR, p. 123).	“ <i>Esta batalha real/ Nós havemos de vencer/ A <santa croa divina>/ É que há de nos valer</i> ” (PGA, p. 74).

5.1.9.2.3 O Mastro

Dos símbolos da festa, o *Mastro* (Fig. 32) é aquele que, embora exista, noutra forma e concepção, também em Portugal, apresenta seu valor simbólico apenas no Maranhão, onde se personifica, sendo ritualmente batizado e recebendo nome próprio, adequado à época da festa.

Figura 32 – Mastro



Fonte: Acervo da autora

O *Mastro* é conhecido também pelo nome de *Oliveira*, ou *Manuel da* (ou *de*) *Oliveira* ou ainda por *João* ou *Manuel da Vera cruz*. Na casa de Nagô é chamado de *Arvoredo* antes do batismo e depois de *Oliveira*. Em geral, no topo fica afixada uma pequena bandeira com a imagem da Pomba do Divino, o chamado *Mastarel* ou *Mastaréu*, também apadrinhado por alguém e ao qual está preso um bolo de tapioca, para, segundo alguns dos participantes, dar de comer aos pombos e outros pássaros que aí venham a pousar, mantendo-se assim, até para eles, a tradição de fartura de alimentos que caracteriza a festa do Divino; para outros para que sob a ação do sol e da chuva se desmanche e se espalhe, anunciando fartura. Na casa de Nagô, no momento do levantamento do mastro, são jogados aos assistentes, do alto da casa ou de árvores, bolinhos de tapioca e bombons.

Há uma forte simbologia de fundo bíblico na escolha das cores – azul do céu e de Maria, vermelho das fogueiras juninas – ou dos nomes, com referência aos nomes de Jesus – Emanuel – ou de seu primo, João Batista, ou ainda na referência à oliveira, árvore sagrada desde que ali pousou a pomba, depois do Dilúvio, e também associada ao sofrimento de Jesus no Horto das Oliveiras. Apesar das marcas religiosas de fundo católico, sempre mencionadas e sempre presentes, os momentos de Buscamento do mastro e de seu Levantamento são pretexto para brincadeiras e ditos de duplo sentido, uma vez mais associando devoção e brincadeira, que decorrem durante o cortejo animado e acompanhado por bandas de música especialmente contratadas para esses momentos.

O Levantamento do mastro exige força, habilidade e responsabilidade para que sejam evitados acidentes ou erros que empanem o brilho da festa. Em Alcântara “conduzido por uma vintena de atletas escuros, cavalgam-no todas as crianças presentes, de 8 a 10 anos”

(LIMA, 1988, p.26). O peso das crianças, associado ao do mastro se, por um lado, dificulta o trabalho de quem o transporta, por outro lado também valoriza o esforço, a penitência, para o pagamento da promessa.

Como afirmam Pacheco, Gouveia e Abreu,

O levantamento do mastro é um momento de grande expectativa, tensão e euforia. São preparadas três ou mais tesouras (dois grandes pedaços de madeira em forma de cruz, amarrados ao meio com cordas de armar rede), que ajudam a distribuir o peso do mastro. Para levantá-lo, nele são amarradas quatro grandes cordas, puxadas ao mesmo tempo por vários homens. Nessa hora, muitas pessoas rezam e fazem pedidos para que nada dê errado. Quando o mastro se encontra totalmente erguido, são disparados foguetes, todos batem muitas palmas e alguns, mais emotivos, chegam a chorar (PACHECO, GOUVEIA, ABREU, 2005, p. 24).

Comenta Dona Zézé:

Eu me emociono muito no levantamento do mastro, antes dele ser o “Oliveira” ele é só um pedaço de madeira, mas depois de batizado ele vira uma árvore sagrada onde o Divino se assentou, já que tem a bandeira lá em cima. Então a gente levanta ele, a gente fica com tanta ansiedade que o mastro vai chegar lá em cima, levantar a festa, e a gente pedindo pra que ele não caia, com fé, a gente aqui canta “Nossa Senhora da Guia”, quer dizer, eu acredito que é pelas nossas orações, pela forma de cantar, de tocar as caixas com amor que os homens conseguem levantar sem derrubar, a gente pede aqui e o Divino abençoa os homens lá e tudo dá certo (PACHECO, GOUVEIA, ABREU, 2005, p.26).

Para Dona Maria Farias, caixeira do Divino, em entrevista do dia 26/05/94, o mastro “[...] é como se fosse a árvore sagrada em que o Divino se assentou e, por isso, lá em cima tem o mastarel com a pomba que significa paz, proteção, benção”. (GOUVEIA, 1997, p. 96).

Entretanto, as explicações sobre a simbologia do Mastro são variadas. Pai Euclides compara o mastro a um pelourinho “o símbolo da sujeição, onde se amarravam e chicoteavam escravos” (FERRETTI, 2009, p. 168), Dona Celeste afirma que simboliza a árvore onde a pomba pousou quando baixaram as águas do Dilúvio.

Segundo Ferretti, uma das funções do mastro é assinalar a casa que promove a festa, ou ainda representar a autoridade de quem organiza a festa.

Carvalho retoma essa ideia quando diz que:

O Mastro estabelece o balizamento do território sagrado no cenário de uma rua, ou de um bairro, de uma cidade. Quando no mastro tremula a bandeira com a Pomba, está a dizer para o mundo: “aqui é o espaço do Divino, espaço forte, espaço real” (CARVALHO, 2008, p. 11).

Ainda Ferretti observa a frequência de “alusões e brincadeiras relacionadas com a introdução ou a retirada ressaltando o caráter fálico do mastro” (1985, p. 163).

A presença de mastros é recorrente em festas populares, na forma de paus-de-sebo, mâts-de-cocagne, mastros para as danças de fitas, entre outras. Câmara Cascudo registra o depoimento de Claude D'Abbeville que menciona costume de índios do Maranhão que, por recomendação do pajé para afastar maus ares, tinham o hábito de “fincar à entrada de suas aldeias, um madeiro alto, com um pedaço de pau atravessado por cima; aí penduram quantidade de pequenos escudos feitos de folhas de palmeira” (2002, p. 47).

Quadro 37 – Símbolos: Mastro

TERMO	DEFINIÇÃO	OUTRAS INFORMAÇÕES
ARVOREDO	No Maranhão, outro termo para <i>Mastro</i> .	Na Casa de Nagô, o mastro é chamado de <i>Arvoredo</i> até ser batizado e receber o nome de <i>Oliveira</i> .
DIVINO DE OLIVEIRA	No Maranhão, outro termo para <i>Mastro</i> (FSR, p. 102).	“ <i>Receba minha senhora/ Esta formosa Bandeira/ Pra batizar o Mastaréu/ do <Divino de Oliveira></i> ” (MB, p. 174).
JOÃO DA VERA CRUZ	No Maranhão, <i>Mastro</i> , assim designado por batismo, quando a festa acontece em junho (FSR, p. 110).	“ <i>Quando a festa cai em junho, mês de São João, sua cor é branca e vermelha, sendo batizado de <João da Vera Cruz></i> ” (SFF2, p. 183).
MANOEL DA VERA CRUZ	No Maranhão, <i>Mastro</i> , assim designado por batismo, quando a festa ocorre em maio (FSR, p. 111).	“ <i>Ofereço este bendito/ A <Manoel da Vera Cruz>/ Padre, Filho e Espírito Santo/ Para sempre amém Jesus</i> ” (MB, p. 177).
MASTRO	No Maranhão, tronco de árvore com seis metros ou mais de comprimento, decorado ou pintado, que é fincado em frente à casa onde se realiza a festa, ou em praça pública (FSR, p. 112).	“ <i>Lá vai o pombo voando/ Oi por cima da laranjeira/ Foi voando e foi dizendo/ Oi viva o <Mastro> e a bandeira</i> ”. (MB, p. 149).
MASTRO BENTO	No Maranhão, outro termo para <i>Mastro</i> (FSR, p. 112).	“ <i>To salvando Esprito Santo/ Em cima daquela bola/ Também salvo <Mastro Bento>/ Que tá do lado de fora</i> ” (MB, p. 138).
MASTRO DA ALELUIA	Nos Açores, é o nome que na Terceira se dá a um mastro, muitas vezes entalado no buraco de uma velha mó de pedra enterrada no chão para esse mesmo efeito, em que é içada, todo os domingos das sete	

	semanas do Espírito Santo, a Bandeira do <i>Império</i> (JSB, p. 356).	
MASTRO DE ESPÍRITO SANTO	No Maranhão, outro termo para <i>Mastro</i> (FSR, p. 113).	“ <i>balanceia, balanceia/ Quero ver balancear/ O <mastro de Espírito Santo>/ Em pé ele já está</i> ” (PGA, p. 56).
MASTRO DE OLIVEIRA	No Maranhão, outro termo para <i>Mastro</i> (FSR, p. 113).	“ <i>Filho da Virgem Maria/ É Jesus anunciado/ Num <Mastro de Oliveira>/ Foi morrer crucificado</i> ” (MB, p. 138).
MASTRO DO DIVINO	No Maranhão, outro termo para <i>Mastro</i> (FSR, p. 113).	“ <i>Euclides, da Casa de Fanti-Ashanti, comparou o <mastro do Divino> com o pelourinho [...]</i> ” (SFF1, p. 184).
MASTRO GRANDE	Nos Açores, outro termo para <i>Mastro da Aleluia</i> (JSB, p. 356).	
MASTRO REAL	No Maranhão, outro termo para <i>Mastro da Aleluia</i> (CL, p. 127).	
OLIVEIRA	No Maranhão, <i>Mastro</i> , assim designado em algumas casas de culto (FSR, p. 117).	“ <i>Te batizo, <Oliveira>/ Com toda a tua formosura/ Não te dou os santos óleos/ porque não és criatura</i> ”. (PGA, p. 24).
TORRE DE JERUSALÉM	No Maranhão, <i>Mastro</i> , assim designado em alguns cânticos (FSR, p. 126).	“ <i>Eu de longe avistei/ <Torre de Jerusalém>/ Quem tem boa vista vê/ O primor que a torre tem</i> ” (MB, p. 158).

5.1.9.2.4 A Pomba

A figura do pombo branco, representando o Espírito Santo, está presente nos bordados das bandeiras, na decoração da tribuna, no topo da Coroa e do Cetro, nas lembrancinhas que decoram as mesas e nos bolos decorados, além de figurar em múltiplas formas e versões nas mãos dos mordomos durante os Cortejos (Fig. 33).

Dona Maria Farias, Caixeira do Divino, em entrevista do dia 26/05/94, afirma que a pomba “[...] representa o Espírito Santo que desceu do Céu no batismo de Jesus por São João e depois abençoou os apóstolos dele e continua abençoando a gente até hoje” (GOUVEIA, 1997, p. 96).

Figura 33 – Pomba



Fonte: Acervo da autora

Em Alcântara, os mordomos recebem pombas, em tamanho natural, de gesso ou madeira.

Barbosa registra o caso curioso da fala de uma caixeira que interpreta o dogma da Santíssima Trindade, afirmando que “seu *encantado* é o ‘pombo que voa’ ou ‘pombo roxo’, que forma uma trindade com o ‘pombo branco’ e o ‘pombo pedrês’, na compreensão da encantaria maranhense” (2005, p. 37).

Quadro 38 – Símbolos: Pomba

TERMO	DEFINIÇÃO	OUTRAS INFORMAÇÕES
FOGAÇA	Nos Açores, outra designação para <i>Pomba do Espírito Santo</i> , cujo uso é justificado por indicar também a força do fogo divino (AAF, p. 176).	
POMBA DO oESPÍRITO SANTO	Nos Açores, símbolo do Espírito Santo, colocado nos <i>Ceptros</i> , nas <i>Coroas</i> e na extremidade superior das Bandeiras do Espírito Santo (JSB, p. 443).	
POMBA DO IMPÉRIO	Nos Açores, outra designação para <i>Pomba do Espírito Santo</i> (JSB, p. 443).	
POMBINHO	No Maranhão, outro termo para Pombo (FSR, p. 119).	“Quando o mastro for acima/ Eu quero ser a primeira/ Eu quero pegar nas asas/ Do <pombinho> verdadeiro”.

		(PGA, p. 57).
POMBO/A	No Maranhão, representação simbólica do Espírito Santo, na forma de uma ave, a pomba (FSR, p. 118).	“ <i>Lá vai o <pombo> avoando/ Por cima da gameleira/ O meu nobre Imperador/ Se despeça das caixeiros</i> ” (MB, p. 169).
POMBO BRANCO	No Maranhão, outro termo para Pombo (FSR, p. 119).	“ <i>Cantemos, mana, Cantemos/ Cantemos nós todas três/ Cantemos pro <pombo branco>/ Filho do pombo pedrês</i> ” (MB, p. 39).

5.2 Diversidade e Unidade dos Termos Comparados – Análise Socioterminológica

A citação que segue, embora longa e de autoria de um religioso que adverte que não é linguista, parece anunciar o que os dados analisados apresentam. Um número consideravelmente grande de palavras que são do domínio dos devotos ou dos festeiros do Espírito Santo, mas que pouco ou nada significam para quem não teve a oportunidade de participar ou de estudar a festa.

E se ensaiássemos alguns étimos que nenhum “estrangeiro” conhece? Que sabem os estranhos de *folia, foliões, mordomia, irmandade, “criança coroada”, coroa, ceptro, Paráclito, Pomba, bandeira encarnada, alferes, pajem, vereadores, varas, palmitos, imperador, impérios, sete semanas do Espírito Santo, teatro, bodo, voto, serviços, alfenim, espécies, despesa, rosquilhas, massa sovada, função, coroação, bobos da corte, opas de ramagem, trinchante, insígnias, pajem da coroa, parede do “meio da casa”, trono, camarim de sanefas, dia do bezerro, boninas e fitas de papel, cantoria, esmolos de quilo, Veni Creator, magnificat, tempo do Espírito Santo, Divino?!...*

Com paciência, quase todas estas palavras se encontram, peregrinas, em glossários lusos. Mas a sua significação ritual escapa por inteiro aos que nunca tiveram a o privilégio de visitar a alma açoriana. E se entrássemos no templo dos gestos, ainda mais desconcertante seria a nossa surpresa. Ninguém como o povo dos Açores, “conhecedor do Espírito Santo”, entende o seu sentido íntimo. Mesmo que rudemente o exprima em palavras. Mas não venham com desculpas...

...não é por causa da pronúncia açoriana que as palavras não são entendidas. É por comportarem uma densidade histórica e religiosa que se tornam de difícil acesso a estranhos. Mesmo que muito eruditos. (CÔNEGO DR. ANTÓNIO REGO – “Correio do Norte – Capelas” *apud* FERNANDES; FERNANDES, 2006, p. 100).

Embora o texto se refira estritamente à festa açoriana, tudo se aplica aos outros locais selecionados para pesquisa. Não é efetivamente a pronúncia que as torna estranhas. De Portugal aos Açores e destes ao Maranhão, nem o espaço geográfico, nem o tempo nem as pronúncias impediram que os termos fossem entendidos, adaptados, mantidos nas novas versões da festa.

Em maior ou menor proporção, em quase todos os campos definidos como essenciais para a festa, encontrei termos semelhantes, equivalentes ou iguais. Alguns campos foram mais produtivos do que outros. Destacam-se, entre os mais produtivos, o das etapas da festa e o dos participantes. Considero que essa proximidade é causa e consequência da facilidade de reconhecimento da festa em qualquer lugar, embora o aprofundamento da pesquisa tenha revelado diferenças, que se devem não apenas às diferentes condições de localização – com destaque para geografia física, clima, agricultura, pecuária – como as das épocas em que a festa se realiza e os contextos social, cultural e religioso em que se insere.

Essas mesmas razões tiveram como resultado a pouca produtividade de alguns campos como o da culinária e o do vestuário, por exemplo.

5.2.1 Cânticos, Danças, Saudações, Provérbios e Expressões Populares

5.2.1.1 Termos para comparação: muitos cânticos, poucas designações em comum

Encontrei trinta e oito termos assim distribuídos: dezessete de Portugal e vinte e um do Maranhão, ou seja, mais precisamente, trinta e sete, se excluído o termo comum. A rigor, apenas o termo *Alvorada* é comum, mas incluí o termo *Bendito* e suas variantes pela semelhança das circunstâncias de uso. Diferentemente da maioria dos outros campos, o número de termos encontrados é maior no Maranhão, mas, se levarmos em conta que algumas das designações são variantes de outro termo, obtive quinze tipos de cânticos em Portugal e catorze no Maranhão, um número, assim, muito equilibrado. Ainda sobre o Maranhão, os termos referentes aos cânticos entoados durante a festa do Divino representam aproximadamente dez por cento dos termos que compõem o glossário da festa. Vale mencionar que se trata aqui apenas dos cânticos recorrentes e indispensáveis ao ritual, pois levantei outras designações eventuais, relacionadas em outro espaço deste trabalho, que se reportam de forma mais minuciosa a cada momento exato desse ritual.

Neste campo, dois dos termos encontrados em Portugal e seis daqueles encontrados no Maranhão apresentaram variantes do tipo lexical, segundo a classificação de Faulstich (1996), que utilizaremos para análise. Vale ressaltar que, neste campo, há apenas três casos de sinonímia – *Alvorada Dobrada* e *Alvoradinha*, *Santana* e *Senhora Santana* e *Três Pancadas* e *Espírito Santo Dobrado*. Assim foram registrados doze tipos de cânticos diferentes.

Em sua maioria os termos distinguem-se por se referirem a particularidades do ritmo – *Corrido, Dobrado, Compassado, Três Pancadas* – ou por sua associação de sentido a momentos do ritual da festa – *Hino da Missa, Viva o Hino, Toque de reza e Salva*. Merece destaque o cântico denominado *Alvorada*, cujo significado leva a associá-lo a um determinado momento do dia, o amanhecer, quando na verdade é entoado em vários momentos do dia.

Os termos encontrados, embora numerosos, apresentam raras coincidências e, mesmo estas, com algumas alterações na forma de designá-las, embora se refiram a cânticos muito semelhantes entre si. Comparando as designações, e excluindo aquelas que designam cânticos religiosos, como os hinos e benditos, que são entoados também em outras festas, só se obteve um termo comum às festas em Portugal e no Maranhão – a *Alvorada* – embora apresentem variações específicas, diferentes segundo as localidades. Considerei também o termo *Bendito*, que ocorre em sintagmas nominais diferentes em Portugal e no Maranhão, mas com significação muito próxima: *Bendito e Louvado* e *Bendito* ou *Bendito de Hortelã*, respectivamente.

Nos Açores, observa-se a diminuição gradual da participação dos foliões, muitas vezes substituídos por filarmônicas, reduzindo o papel dos cânticos a mero acompanhamento musical das festas.

Quadro 39 – Termos em comparação - Cânticos

AÇORES E PORTUGAL CONTINENTAL	MARANHÃO – ILHA DE SÃO LUÍS E ALCÂNTARA
ALVA POMBA	
ALVORADA	ALVORADA
	ALVORADA DOBRADA/ ALVORADINHA
ALVORADA DA DESPEDIDA	
ALVORADA DA ENTRADA	
ALVORADA FOLIADA/ ALVORADA PULADA	
BELA AURORA	
BENDITO E LOUVADO	BENDITO/ BENDITO DE HORTELÃ
CANTIGAS DE POMBINHA	
CANTORIA	
	DANÇA DAS CAIXEIRAS
	ESPÍRITO SANTO COMPASSADO
	ESPÍRITO SANTO CORRIDO/ ESPÍRITO SANTO SINGELO
	ESPÍRITO SANTO DOBRADO/

	ESPÍRITO SANTO TRÊS PANCADAS/ TRÊS PANCADAS
FALSETE	
GLÓRIA	
	HINO DA MISSA/ VIVA O HINO
HINO DE LOUVOR AO ESPRITO SANTO/ HINO DO ESPRITO SANTO	
	NOSSA SENHORA DA GUIA/ TOQUE DE SUSPENDER O MASTRO
RAMO-FEITO	
ROMANCE	
	SALVA
SALVE RAINHA DOBRADA	
	SANTANA/ SENHORA SANTANA
	TOQUE DE REZA
	TOQUE DO TRESPASSE DAS POSSES

Como se vê, de trinta e oito termos foi possível estabelecer um paralelo apenas entre as designações de dois cânticos.

5.2.1.1.1 Alvoradas do amanhecer ao entardecer

O quadro seguinte apresenta informações sobre o termo *Alvorada*, em suas várias modalidades e com suas variantes; a *Alvorada* faz parte da terminologia da festa em todas as localidades estudadas, com níveis de importância diferentes.

Todos os dicionários gerais registram o termo *Alvorada* na acepção de momento do amanhecer do dia. As variantes, de tipo lexical, não constam nos dicionários gerais. O número destas variantes, constituídas como termos compostos, que estão dicionarizados é muito pequeno e só ocorreram em dicionário regional. Os dicionários consultados, que apresentam significados equivalentes, referem-se ao toque de tambores ou outros instrumentos em dias festivos ou para despertar os soldados no quartel; o que apresentou significado diferente, mencionou apenas o despertar no quartel. Dos dicionários especializados, apenas o dos falares dos Açores registrou o termo tal como ele é utilizado no contexto da festa. Apesar da sua importância nas festas beirãs e maranhenses não está presente em nenhuma das outras obras consultadas. Os dicionários etimológicos registram o significado inicial de “branco, alvo”, também relacionado ao momento do amanhecer. Vale ressaltar que a única designação do cântico de que não consta o termo *Alvorada*, ou seja, *Bela*

O termo *Alvorada*, nos Açores como no Maranhão, designa, principalmente, um tipo de cântico. Nos Açores, segundo Barcelos (2008, p. 62), as alvoradas atualmente são cantadas sempre à noite, mas em outros tempos eram cantadas ou *deitadas* como se costuma dizer na região, ao amanhecer do dia, costume que certamente lhes originou a designação, mas que é mantido apenas na localidade de Lajes das Flores, na Ilha das Flores. É o cântico mais importante e a designação mais recorrente dos cânticos da festa, mas nos Açores não designa apenas os cânticos da Festa do Espírito Santo. A *Alvorada de São Pedro* é o nome dado ao costume da ilha de São Miguel de, ao raiar do dia de S. João, ao som de vários instrumentos musicais, convocar os participantes da *Cavalhada* que se realiza no dia de São Pedro.

Apresentam uma forma e uma temática que remontam a um tipo de texto de cunho narrativo e de gosto popular: “Canções tocadas pelos ‘foliões’ nas *Mudanças* ou nos cortejos da *Coroação*, que se assemelham ou retomam antigos romances. Nas Flores e no Corvo chamam-lhe, também, *Folias*.” (SIMÕES, 1987, p. 28). Barcelos (2008, p. 62) explica que o canto preparatório entoado nas ruas é que se chama *Romance* e antecede a *Alvorada* propriamente dita.

Veja-se a *Alvorada* recolhida por F. Azevedo Chaves, em 1903, na Ilha das Flores, em que se percebem as marcas desses antigos romances:

(Para ser cantada pelas ruas nas mudanças do Espírito Santo, em peditórios da Irmandade, etc.)

Passou pela minha porta / Às minhas terras foi caçar, / Matou-me as minhas pombinhas, / Que eu tinha no meu pomar // Matou-m’as de uma em uma, / Juntou-m’as de par em par, / Matou-me as mais bonitas, / Para mais penas me dar. // Fui eu ter com El-Rei, / Que m’as mandasse pagar, / El-Rei por eu ser mulher / Não me quis escutar. // El- Rei que não faz justiça, / Não devia governar, / Nem comer pão do Alentejo / Nem com a Rainha falar, / D’esta sorte se castiga / A quem não sabe reinar (SIMÕES, 1987, p.28).

No Maranhão, diferentemente, a *Alvorada* é assim caracterizada, segundo Dona Celeste, da Casa das Minas:

A *Alvorada* é um toque principal, porque se toca de madrugada, na noite da festa, se toca meio-dia, se toca seis horas da tarde, e se toca na hora que vai visitar os impérios. Só os impérios é que toca com *Alvorada*. Então, tem que tocar sempre a *Alvorada*. Todas as vezes em que começar a tocar, os dias que não é dia da festa, que chega seis horas ou meio-dia, tem que ter esse toque de *Alvorada*. *Alvorada* completa, porque toca a *Alvorada*, depois ela tem um “dobro” no meio, que se chama *Alvoradinha*, mas no mesmo toque (PACHECO, GOUVEIA, ABREU, 2005, p. 50).

Os versos das Alvoradas podem ser transmitidos de geração a geração ou resultarem de improvisações feitas pelas caixeiras:

O cantar das Alvoradas/ É um cantar excelente/ Acordai quem está dormindo/ Alegrai quem está doente// [...] Vou cantar as Alvoradas/ Não sei que Alvorada eu canto/ Vou cantar Alvoradinha/ Do Divino Espírito Santo (PACHECO, GOUVEIA, ABREU, 2005, p.52).

No Maranhão, apesar do nome, a Alvorada deve ser cantada, diariamente, às seis da manhã, ou ao meio-dia ou ainda às seis da tarde, e os versos, frequentemente, fazem menção aos momentos em que devem ser tocados esses cânticos, como se pode observar nos trechos aqui selecionados:

[...] / Se alevanta folioa / Que já é chegada a hora / Vem ouvir tocar Alvorada / Na capela da Vitória // Alvorada é tão bonita / Quando vem rompendo o dia / Deus vos salve Espírito Santo / Filho da Virgem Maria / [...] (PACHECO, GOUVEIA, ABREU, 2005, p. 52).

Foi agora que eu cheguei / No pino das 12 horas / Vou salvar Espírito Santo / O Divino Rei da glória // Já bateu as 12 horas / Hora de Cristo rezar / Maria estende o tapete / Pros anjos ajoelhar (BARBOSA, 2006, p. 114).

Alvorada é tão bonita / Quando vai findando o dia / Os anjos tão de joelho / Nos pés da Virgem Maria / [...] / São seis hora são seis hora / Hora de Cristo rezar / Vamos se pôr de joelhos / Pra fazer pelo sinal / [...] (BARBOSA, 2006, p. 142).

A Alvorada é logo seguida pelo cântico denominado *Santana*, cuja função é assim definida por Dona Celeste:

Depois da Alvorada, o que acompanha é Senhora Santana. Toda vez que se reza Alvorada, se reza Senhora Santana. É o toque que leva os impérios para a mesa, a cerimônia da comida dos impérios se toca Santana. Depois que tem uma ladainha que se reza, se oferece, se toca também Senhora Santana (PACHECO, GOUVEIA, ABREU, 2005, p.52).

No cântico da Senhora Santana faz-se menção a seu parentesco com Maria e Jesus e há referências à mesa dos impérios, como nestes versos de Dona Jacy: “*Deus te salve mesa posta/ Ela é de tradição/ Pra servir todos império/ Do Divino Espírito Santo*” (PACHECO, GOUVEIA, ABREU, 2005, p.54). Ou estes outros: “*Santana é a maior santa/ Que no mundo tenho visto/ Ela é mãe da mãe de Deus/ É a avó de Jesus Cristo*” (PACHECO, GOUVEIA, ABREU, 2005, p.55).

Um aspecto interessante é que, no Maranhão, as alvoradas são entoadas por mulheres, sendo muito rara a participação masculina. Nos Açores ocorre o contrário e merece registro o comentário, a esse respeito, de Barcelos:

Tal como os cantos do Alentejo, são cantados apenas por vozes graves, masculinas, com linhas melódicas diversas, tendo em comum a lentidão de suas notas e a

presença de numerosos ornamentos de ligação entre si (lembrando a música árabe antiga), acompanhado ritmicamente pelo tambor e pelos pratos [...] (2008, p. 62).

E, em nota de rodapé, o autor acrescenta:

Lembro-me de, na minha juventude ouvir uma Alvorada em que uma mulher presente, familiar de um dos Foliões, cantou em coro com eles algumas das cantigas e sentir que, com a sua voz feminina, toda a gravidade do cântico se ter perdido (BARCELOS, 2008, p. 62, Nota de rodapé 185).

5.2.1.1.2 Benditos

Uma segunda coincidência de termos ocorre nos sintagmas que designam os cânticos Bendito e Louvado e Bendito de Hortelã, também designado simplesmente por Bendito. Mesmo a forma mais simples – *Bendito* – não aparece em todos os dicionários consultados, incluindo os etimológicos, mas a explicação de sua origem é fornecida pelos dicionários gerais, que registram que a primeira palavra do cântico passou a denominá-lo.

Quadro 41 – Benditos

AÇORES E PORTUGAL CONTINENTAL					MARANHÃO – ILHA DE SÃO LUÍS E ALCÂNTARA				
1 – BENDITO E LOUVADO 2 – BENDITO					3 – BENDITO DE HORTELÃ				
PRESENÇA EM DICIONÁRIOS									
1,2,3 – TND.					3 – Cântico para o Fechamento da Tribuna (FSR, p. 92); 1,2 – TND.				
GERAIS					ESPECÍFICOS				
ABH	AMS	AH	JS	DPE	JCS	DVF	JSB	VFB	LCC
TDSE	TDSD	TDSE	TND	TDSE	TND	TND	TND	TND	TDSE
2	2	2	1,2,3	2	1,2,3	1,2,3	1,2,3	1,2,3	2
TND	TND	TND		TND					TND
1,3	1,3	1,3		1,3					1,3
ETIMOLOGIA									
AGC – TDSD									
AN – TND									
JPM – TDSD									
SIGNIFICADOS DICIONÁRIOS GERAIS									
PORTUGUESES					BRASILEIROS				
2 - Cântico litúrgico que começa por esta palavra (DPE, p. 233).					2 – Oração que principia por esta palavra (ABH, p. 198).				

	2 – Cântico que se inicia por aquela palavra (AH).
DICIONÁRIOS ESPECIALIZADOS	
2 – Canto religioso com que são acompanhadas as procissões e, outrora, as visitas do Santíssimo. Denomina o gênero o uso da palavra <i>bendito</i> , iniciando o canto, uníssono (LCC, p. 61).	
OUTRAS INFORMAÇÕES	
- O Dicionário da Língua Portuguesa, de Antonio de Moraes Silva, registra apenas a forma Bendito, como Abençoado (AMS, p. 333);	

Alguns termos ocorrem em Portugal e no Brasil, não especialmente no Maranhão, com a mesma significação, mas com ligação diferente em relação à festa do Espírito Santo. É o caso, por exemplo, de *cantoria*, definida por Cascudo (2001, p. 109) como “[...] disputa poética cantada, o desafio dos cantadores do Nordeste brasileiro.” e por Simões (1987, p. 51) também como “[...] cantigas ao desafio [...]”, mas o autor acrescenta “[...] executadas no âmbito espacial e temporal das festas do *Império* [...]”.

Em outros casos embora se observe uma similitude entre os termos e entre os momentos de execução dos cânticos, o que levaria a acreditar em correspondência entre eles, verifica-se que há motivações diferentes para a sua execução, como é o caso do *Hino da Missa*, no Maranhão e do *Hino do Espírito Santo*, dos Açores que, embora entoados na missa, têm objetivos diferentes, o primeiro é um cântico de agradecimento específico ao padre e o segundo um hino de louvor ao Divino.

Ocorre também a presença de palavras polissêmicas, como *salva* que, no Maranhão, ocorre na festa com dois significados, como cântico de saudação – *Meu Divino Espírito Santo/ Imperador em vossa igualha/ Mais a sua imperatriz/ Para ouvir a Vossa salva*, como este gravado pelas caixeiros da família Menezes (CAIXEIRAS, 2011) – e como prato sobre o qual é transportada a coroa: *Em cima daquela mesa/ tem uma salva redonda/ Em cima da mesa é crôa/ Em cima da crôa é pomba* (BARBOSA, 2006, p. 38). Em Portugal, embora os dicionários gerais registrem os dois significados, no âmbito da festa o termo é utilizado apenas com o significado de objeto ritual.

Por último, volto a mencionar o curioso nome do cântico entoado para o fechamento da tribuna, o *Bendito de Hortelã*, para o qual não se encontrou explicação ou associação de ideias que o justificasse, embora a referência a hortelã apareça também em antigos cânticos beirões, mas com o sentido restrito de planta.

Nos Açores e em Portugal Continental, os cânticos são em geral de cunho religioso, excetuando-se as *Alvoradas*, termo genérico para todos os outros cânticos específicos da festa do Espírito Santo

5.2.1.2 Danças

5.2.1.2.1. Termos para comparação: dança-se no Maranhão, balha-se nos Açores

Da comparação entre termos não obtive nenhum termo comum, e obtive um número muito maior de danças em Portugal – vinte e quatro– do que no Maranhão – cinco. Em Portugal, apenas três termos apresentam variantes: *Balho* com variantes de tipo fonológico – *Balho* e *Bailho* – ou lexical - *Balho* direito, *Balho* à antiga e *Balho* antigo -; *Chamarrita* e *Chamarrita zaragateira* e *Pezinho*, *Pezinho do balho* e *Pezinho dos Bezerros*, mas essas variantes nem sempre representam sinônimos perfeitos, podem ser, em alguns casos, indicativas de pequenas variações na forma de condução da dança.

No Maranhão, não encontrei denominação específica para as evoluções das caixeiras, apenas para a dança que é realizada após a festa, para diversão das caixeiras, após cumpridas as obrigações da festa, e que apresentou cinco variantes lexicais.

Quadro 42 – Termos para comparação - Danças

AÇORES E PORTUGAL CONTINENTAL	MARANHÃO – ILHA DE SÃO LUÍS E ALCÂNTARA
ALVORADA PULADA	
	BAMBAÊ/ CARIMBÓ DAS CAIXEIRAS/ CARIMBÓ DE VELHA/ CARIMBÓ DE VELHO/ DANÇA DAS CAIXEIRAS
BALHO/ BAILHO/ BALHO DIREITO/ BALHO À ANTIGA/ BALHO ANTIGO	
BRAVO	
CASACO	
CHARAMBA	
CHAMARRITA/ CHAMARRITA ZARAGATEIRA	
FOLGAS	

FOLIAR	
LIRA	
MEU BEM	
OLHOS PRETOS	
PEZINHO/ PEZINHO DO BALHO/ PEZINHO DOS BEZERROS	
PRAIA	
SAPATEIA	
SAUDADE	
TIRANA	
VACAS	

Nos Açores, mais precisamente na ilha das Flores, um tipo de *Alvorada* - a *Alvorada Foliada*, ou *Pulada* – é acompanhada de dança ou é *balhada*, como se diz na região. Esta dança, descrita por Fernandes e Fernandes (2006, p.123), era razão de divertimento e riso, por oferecer o espetáculo cômico de dançarinos pulando em um pé só. A dança podia acompanhar ainda as *Alvoradas* tradicionais que ocorriam, em tempos mais antigos, de madrugada e hoje acontecem em vários momentos do dia.

Fernandes e Fernandes assim descrevem essa dança:

[...] tradicionais, constantes e lentos movimentos circulares, no meio da sala [...] com invulgar fineza e elevado expoente de respeito, que nunca voltam as costas para o principal símbolo das festas do Espírito Santo – a coroa bendita (2006, p.120).

Essa descrição, no entanto, corresponde aos movimentos executados pelas caixeiras maranhenses durante, por exemplo, a *Alvorada* de saudação ao mastro, ou no salão, diante da corte imperial. É claramente uma dança cerimonial, respeitosa e ritualisticamente precisa. Da mesma forma se observa, no decorrer da missa de coroação, o comportamento respeitoso das caixeiras e a repetição da movimentação observada nos Açores. Neste caso, as caixeiras ou depõem as caixas na entrada da igreja ou, quando lhes é permitido tocar no recinto, saem de frente para o altar, sem voltar as costas ao sacrário. Henriques (1996, p. 207) registra também que em Segura, localidade próxima a Idanha-a-Nova, Portugal Continental, durante o jantar festivo ninguém pode voltar as costas à bandeira, nem mesmo aqueles que estão servindo a mesa. O mesmo autor registra que “No passado, ainda muito recente, no momento da entrega de cada insígnia o velho festeiro e o novo abraçavam-se e ambos pegando no testemunho ‘davam duas ou três voltas’” e à medida que entregavam os objetos rituais, diziam pequenas quadras como esta: *Beija aqui este pauzinho/ E beija também o*

manto/ Estima os dois meu amiguinho/ E o Divino Espírito Santo (HENRIQUES, 1996, p. 87).

A respeito destas danças rituais, Barcelos comenta que:

[...] na Terceira, antigamente os Foliões também chegaram a ser pagos pelas Câmaras Municipais e tinham, além de anunciar, orientar e dirigir todas as cerimônias inerentes à festividade do Espírito Santo, a missão de acompanhar várias procissões, nomeadamente a de Corpus Christi, bailarem na capela-mor das igrejas durante a coroação dos imperadores e tomarem parte em outros folguedos profanos (2008, p. 280).

Há, portanto, uma diferença entre as danças cerimoniais, em geral curtas e consistindo em pequeno número de evoluções em círculo, que não são terminologicamente definidas, e aquelas que ocorrem para divertimento dos participantes e que podem, nesse caso, compreender um número considerável de designações específicas, como no caso dos balhos açorianos.

Em Portugal Continental, Soares (1982, p. 332) afirma que “Das *danças, folias, chacotas, invenções*, doutros lugares e doutras eras, em movimentadas composições coreográficas saídas da múltipla e pujante fantasia popular, não existe já qualquer sinal”. Desses termos, *dança* e *folia* referem-se a danças realizadas no Carnaval e nas Festas do Espírito Santo, respectivamente, e *chacota* é uma dança antiga, acompanhada de canto, realizada no dia de Espírito Santo em localidade da Beira, por mulheres jovens, vestidas de branco, depois de andarem pelas ruas ou darem voltas à capela. A dança era acompanhada por adufes e realejos ou harmônios. O termo aplica-se ainda a quadras usadas nos cantos das Janeiras e de Reis, no Algarve e no Alentejo.

Em Proença-a-Nova, também em Portugal Continental, havia um costume curioso, o de um grupo de mulheres que abriam a porta da capela, possivelmente rezavam alguma oração e, depois, vinham dançar e cantar do lado de fora, acompanhadas por adufes, que chamavam de pandeiros, e por castanholas (HENRIQUES, 1996, p. 180).

Não há coincidência de termos para designação das danças, entre aquelas, numerosas, realizadas nas festas em Portugal, especialmente nos Açores, e as poucas que fazem parte da festa no Maranhão.

Encontrei, no entanto, uma cantiga, cujos versos mencionam o termo *sapateia*, incitando a caixeira a dançar. São os seguintes versos de uma Dança das Caixeiros:

Caixeira minha caixeira/ Do Divino Espírito Santo/ Quero ver você cantar/ / Para ver se é um encanto// Esta dança que eu danço/ É uma grande beleza/ A festa do Espírito Santo/ É uma grande fortaleza// Caixeira me dá seu nome/ Eu quero te dar o meu/ O meu nome é lelé (quem canta)/ Também sou filha de Deus// Ai hoje eu

cheguei cansada/ De cansada me assentei/ Me encontrei com essas Caixeiros /Agora descansarei// Sapateia, sapateia/ Sapateia no tesouro/ Na barra do seu vestido/ Brilha prata e brilha ouro// Caixeira que tá dançando/ Ainda não te conhecia/ Agora que te conheço/ Não te esqueço noite e dia// Caixeira que tá dançando/ Passe a mão no seu pescoço/ Cante pra Espírito Santo/ Com muito prazer e gosto// Caixeira que tá dançando/ Passe a mão no seu cabelo/ Que do céu já vem caindo/ Pinguinho de água de cheiro (BARBOSA, 2006, p. 200).

Embora, como mencionei acima, não haja coincidência de termos, verifiquei que muitas das danças têm letras de caráter jocoso, o que também se verifica nas letras das músicas cantadas na *Dança das Caixeiros* e, principalmente no *Carimbó de velhas*, muitas delas de duplo sentido, como se vê nos exemplos a seguir:

Dei dinheiro ao Manoel/ Comprar um sapato branco/ Ele levou o meu dinheiro/ Me trouxe um par de tamanco // Paga ou não paga/ Meu dinheiro/ Paga ou não paga/ Meu dinheiro.
Eu tava na minha casa/ Quando mandaram me chamar/ Eu tava com a vela acesa/ Pra meter no castiçal.
Na minha casa tem um pé de jurubeba/ Na minha casa tem um pé de jurubeba/ Ô se tu quer, pega!/ Ô se tu quer, pega!// Na minha casa tem um pé de ariri/ Na minha casa tem um pé de ariri/ Ô se tu qué, tá aqui!/ Ô se tu qué, tá aqui!
Eu tava na beira da praia/ Botando a rolinha pra beber/ Eu tava na beira da praia/ Botando os meus olhos pra te ver (BARBOSA, 2006, p. 201-203).

5.2.2 Ciclo da festa

5.2.2.1 A diversidade e a unidade na comparação dos termos do ciclo da festa

Na comparação dos termos deste campo conceitual, um dos que apresenta maior número de termos, simples e compostos, observei pouca coincidência de termos, mas um considerável número de referências a aspectos do ciclo que evidenciavam sua semelhança em Portugal e no Maranhão.

De aproximadamente cento e vinte três termos, nomes simples ou sintagmas nominais, onze são exatamente os mesmos em Portugal e no Maranhão, o que totaliza, na verdade, cento e doze termos diferentes. Assim, temos oitenta e um termos em Portugal, dos quais catorze apresentam variantes que somam quarenta e nove termos, e quarenta e dois no Maranhão, dos quais onze termos apresentam um total de vinte e oito variantes. Desses termos, são raros os casos em que os termos coincidem, na verdade os que encontrei referem-se principalmente a etapas equivalentes, com denominações que podem coincidir ou apresentarem-se como variantes. São termos coincidentes os que seguem abaixo, mas todos eles apresentam outras variantes, não coincidentes, em pelo menos uma das localidades:

- *Coroação, Coroar/Croar;*

- Esmola;
- Cortejo, Procissão;
- Missa da coroação;
- Peloiro, pelouro, piloiro, piloro.

É interessante observar que em alguns casos há coincidência inclusive das variantes fonológicas, como em *coroar* e *pelouro*.

Há, no entanto, um número maior de coincidências entre etapas do ciclo da festa, do que entre os termos que as designam. Obtive nove etapas coincidentes, embora com algumas com designações diferentes.

Quadro 43 – Termos para comparação – Ciclo da festa

AÇORES E PORTUGAL CONTINENTAL	MARANHÃO – ILHA DE SÃO LUÍS E ALCÂNTARA
	ABERTURA DA TRIBUNA
ABERTURA DA MESA	
ABRIR A BANDEIRA	
	ALMOÇO DOS IMPÉRIOS
ALUMIAÇÃO/ ILUMINAÇÃO	
	AMARRAÇÃO AO MASTRO/ PRISÃO
ARMAR CANTIGA	
ARREMATAÇÃO DAS OFERENDAS	
ASSENTAR A IRMANDADE	
ASSENTAR POR IRMÃO	
BANDO	
	BATISMO DAS CAIXAS
	BATIZADO DO MASTRO/ BATISMO DO MASTRO
BEZERRADA / FOLIA DOS BEZERROS/ MOSTRA DOS GUEIXOS/ PASSEIO DOS GUEIXOS	SUBIDA DO BOI
BRINDAR A MESA	
	BUSCAMENTO DO MASTRO
BUSCAR O SENHOR ESPRITO SANTO	
CANTORIA DO TERÇO/ ENTOADA	
CERIMÔNIA DO PÃO DA VITÓRIA	
COROAÇÃO/ COROAR/ CROAR	COROAÇÃO/ COROAR/ CROAR

CORRER A MIGALHA/ ESMOLA/ LEILÃO DA PERNA DO ANDOR/ PEDITÓRIO/ PENSÃO/ RAMO	CIGANAGEM/ ESMOLA/ JÓIA/ PRENDA/ TIRAR JÓIA/
CORRIDA	
CORRER IMPÉRIOS/ CORRER OS BODOS	BUSCAR A SANTA COROA / VISITA AOS IMPÉRIOS
CORTEJO/ CORTEJO DAS COROAS/ PROCISSÃO	CORTEJO/ PROCISSÃO
DEITAR ALVORADA	
	DERRUBADA DO MASTRO/ QUEDA DO MASTRO
DESCANTAR / DESCANTAR À COROA	
DESCOROAÇÃO/ MUDANÇA/ MUDANÇA DA COROA/ MUDANÇA DO ESPRITO SANTO/ PASSAGEM DA COROA	ENTREGA DAS POSSES/ PASSAMENTO DAS POSSES/ REPASSE DAS POSSES REAIS
DESPENDER A SORTE	
DISPENDER O BODO	
DISPOR A COROA	
DISTRIBUIR ESMOLAS	
	ENTERRO DOS OSSOS/ LAVA-PRATOS
ENFENAR	
	FECHAMENTO DA TRIBUNA
FOLIAR	
IR AO IMPÉRIO	
IR BUSCAR O REPIQUE	
LEVANTAR A COROA	
LEVANTAR DA MESA	
LEVAR DE VISITA	
MATAÇÃO DO GADO/ MATANÇA DOS GUEIXOS	MATANÇA/ MATUTAGEM
MISSA DA COROAÇÃO/ MISSA DAS SOPAS	MISSA DA COROAÇÃO
MUDANÇA DA BANDEIRA	
NOIVADO	
EXTRAÇÃO DOS PELOUROS PELOIRO/ PELOURO/ PILOIRO/ PILORO/ RODA/ SORTEIO/	PELOIRO/ PELOURO/ PILOIRO/ PILORO

SORTES/ SORTES DA COROA/ TIRAR AS SORTES/ TIRAR OS PELOIROS	
PROCISSÃO DAS ÁGUAS	
PROCISSÃO DOS ABALOS	
QUEBRAR O IMPÉRIO	
	ROUBAR ALVORADA
	ROUBO DO IMPÉRIO
ROL DAS CABOUCAS/ ROL DAS SOPAS	
SAIR O ESPRITO SANTO	
	SALVAR
	SERRA O PAU/ SERRA-TOCO
SERVIÇO DO IMPERADOR	
SERVIR A COROA/ SERVIR O ESPRITO SANTO	
SOLDADA DO SANTO	
	TIRAR LICENÇA
TERÇO	
VISITA AO MORDOMO	

5.2.2.1.1 Festa de bois, bezerros ou gueixos

A primeira etapa que selecionei para análise é a que se refere ao costume de promover o desfile ou a corrida dos bois oferecidos para abate e consumo durante a festa, e o momento mesmo desse abate, muitas vezes obedecendo a rituais precisos, como a simulação de devoção ao Espírito Santo pelos animais, forçados a ajoelhar e “beijar” o cetro, por exemplo.

No que diz respeito à *Bezerrada* ou *Folia dos Bezerros* açoriana, é um ritual que compreende dois momentos; a exibição dos animais destinados ao sacrifício (Fig. 34) e o próprio sacrifício.

Figura 34 – Bezerra enfeitado com flores de papel ou Bonas



Fonte: FERNANDES; FERNANDES, 2006, p. 519

O emprego de *folia* para designar mais essa atividade está bem de acordo com a ideia associada ao termo de festejar, tanto em Portugal como no Maranhão, embora a sua utilização não seja exatamente a mesma, como se verá.

No Maranhão, a *Subida do boi* pode designar esses dois momentos, mas efetivamente corresponde à *Mostra* ou *Passeio dos gueixos* açoriana, momento em que os animais, enfeitados com flores de papel, desfilam e são apreciados pelo público participante. Lima refere-se a este primeiro momento da seguinte forma:

Na sexta-feira à tarde, percorre as ruas um boi brabo, com os chifres enfeitados de flores e ramagens, sustido por longas cordas e rapazes fortes, acompanhado das caixeiros e que se destina, segundo parece, tão-somente a assustar os transeuntes. Se teve alguma conotação sagrada, perdeu-a completamente, reduzido a mera expressão lúdica. Em todo caso, não deixa de representar o sacrificado, a vítima da imolação, pois, na manhã seguinte, será sacrificado. (LIMA, 1988, p. 32).

A descrição lembra a Tourada à Corda realizada na Ilha Terceira, nos Açores.

Quadro 44 – Bezerrada e variantes

AÇORES E PORTUGAL CONTINENTAL	MARANHÃO – ILHA DE SÃO LUÍS E ALCÂNTARA
1 BEZERRADA 2 FOLIA DOS BEZERROS 3 MOSTRA DOS GUEIXOS 4 PASSEIO DOS GUEIXOS	5 SUBIDA DO BOI
PRESENÇA EM DICIONÁRIOS	
1,2 – A bezerrada (Terceira) ou Folia dos bezerros, consiste no passeio dos gueixos que vão ser abatidos (MBS, p. 39); 3,4 – Cerimônia semelhante à Bezerrada, embora com menos pompa, que se realiza	5 - Brincadeira que consiste em acompanhar, em cortejo pelas ruas da cidade, os bois (FSR, p. 125); 1,2,3,4 – TND.

em São Miguel, na quinta-feira que precede a coroação (MBS, p. 143); 5 – TND.									
GERAIS					ESPECÍFICOS				
ABH	AMS	AH	JS	DPE	JCS	DVF	JSB	VFB	LCC
TND 1,2,3 4,5	TND 1,2,3 4,5	TDSD 1 TND 2,3,4,5	TND 1,2,3, 4,5	TDSD 1 TND 2,3,4,5	TND 1,2,3, 4,5	TND 1,2,3, 4,5	TDRF 1,2 TND 3,4,5	TND 1,2,3, 4,5	TND 1,2,3, 4,5
ETIMOLOGIA									
JPM – TND									
AN – TND									
AGC – TND									
SIGNIFICADOS DICIONÁRIOS GERAIS									
PORTUGUESES					BRASILEIROS				
Não encontrados									
DICIONÁRIOS ESPECIALIZADOS									
Apenas um dicionário específico apresentou significado compatível com o da festa para duas das designações encontradas: <i>Bezerrada e Folia dos bezerros</i> – Desfile das rezes destinadas ao abate, nas festas do Espírito Santo [...]. Na Terceira também se chama <i>Folia dos Bezerros</i> (JSB, p. 108).									
OUTRAS INFORMAÇÕES									
Não encontradas									

Os termos obtidos, embora não coincidentes, referem-se, claramente, ao mesmo tipo de atividade, se consideradas as descrições encontradas. Nos termos encontrados nos Açores o bezerro é predominantemente designado por gueixo/a, cujo significado, nesta acepção, não é conhecido no Maranhão.

5.2.2.1.2 A coroação, momento culminante da festa

A segunda etapa selecionada constitui o momento mais importante da vertente sagrada da festa (Fig. 35).

Figura 35 – Coroação



Fonte: Acervo da autora

Acontece na igreja e é marcada por profundo respeito e pompa. No Maranhão, atualmente, a igreja aceita mais facilmente a participação das caixeiras no ritual, mas em um passado não muito remoto elas eram proibidas de entrar e, quando o faziam, eram obrigadas a deixar as caixas na entrada, do lado de fora da igreja. Em missa recentemente observada na igreja de Santaninha, as caixeiras participaram acompanhando os cânticos com as caixas e fazendo evoluções, com o cuidado de nunca virar as costas ao altar.

Um aspecto interessante é o uso, nos Açores, do termo *coroar* com valor de passiva, ou seja, quem é coroado, diz de si próprio que coroou, como se vê em trechos das Estórias coletadas por Costa;

[...] É assim que as pessoas quando se vêem aflitas com doença... com coisas que acontecem, pedem ao Senhor Espírito Santo para as ajudar e como recompensa coroam, fazem um jantar... como os meninos sabem, e é assim a devoção do Espírito Santo, cá na freguesia (Estória 229) (COSTA, 2008, p. 45);

A minha mãe, quando coroámos, tinha muitos filhos para criar. Ela costumava sempre dizer: Senhor Espírito Santo, dentro do meu coração, fora do meu portão. Aconteceu que ela tirou pelouro e coroou e o meu irmão para castigo ficou quase a morrer. O meu irmão começou a melhorar e no mesmo ano ela tirou pelouro novamente e voltou a coroar. A doença do meu irmão foi sempre tida como um castigo por a minha mãe dizer a tal conversa (Estória 252) (COSTA, 2008, p. 133); Uma senhora teve um genro envenenado (que foi para Angra) os médicos puseram-no no quarto de preparação para morrer... (ele dava saltos que se desprendia da cama). Assim que a mãe e a sogra prometeram ao Divino Espírito Santo que ele ia coroar, a mulher quando o foi ver, ele já estava a recuperar (Estória 17) (COSTA, 2008, p. 135);

[...] Nessa altura era eu ainda muito criança a minha mãe contava-me que um senhor, José Martins Rodrigues, tinha ido também levantar um pelouro (.../...) porque tinha feito a promessa de coroar dois domingos ao Senhor Espírito Santo, levantar dois pelouros [...] (Estória 228) (COSTA, 2008, p. 135).

Outro aspecto interessante é o uso comum, em Portugal e no Maranhão, das variantes *coroar* e *croar* como se pode ver neste trecho de cântico: *Domingo de Espírito*

Santo/ Teve um grande paladar/ Logo no entrar da missa/ quando o padre vai croar (BARBOSA, 2006, p. 156).

Quadro 45 – Coroação

AÇORES E PORTUGAL CONTINENTAL					MARANHÃO – ILHA DE SÃO LUÍS E ALCÂNTARA				
1 – COROAÇÃO 2 – COROAR 3 – CROAR					1 – COROAÇÃO 2 – COROAR 3 – CROAR				
PRESENÇA EM DICIONÁRIOS									
1 – O m. q. coroar (MBS, 70); 2– Termo utilizado para indicar o acto, e o momento, da <i>coroação</i> no qual a <i>coroa</i> é colocada na cabeça do <i>Imperador</i> ou da criança que o substitui nessa solene ocasião (MBS, p. 171); 3 – TND.					2 – Ritual de coroação do Imperador e/ou Imperatriz, realizado pelo padre durante a missa (FSR, p. 99); 1,3 – TND.				
GERAIS					ESPECÍFICOS				
ABH	AMS	AH	JS	DPE	JCS	DVF	JSB	VFB	LCC
TDSE 1,2 TND 3	TDSE 1,2 TND 3	TDSE 1,2 TND 3	TDSE 1,2 TND 3	TDSE 1,2 TND 3	TND 1,2,3	TND 1,2,3	TDRF 1,2 TND 3	TDSD 2 TND 1,3	TND 1,2,3
ETIMOLOGIA									
AGC – 1- Do lat. <i>coronatio-onis</i> (p. 218); 2- Do lat. <i>coronare</i> (p. 218).									
AN – 1 – TND; 2 – TND.									
JPM – 1- Do lat. <i>coronatione</i> , “acto de coroar”, se não mesmo der. do v. <i>coroar</i> (p. 234); 2- Do lat. <i>coronare</i> , “coroar, ornar com coroa(s)” (p. 234).									
SIGNIFICADOS DICIONÁRIOS GERAIS									
PORTUGUESES					BRASILEIROS				
1- Acto de coroar (JS, p. 275); 2- Cingir de coroa a cabeça de (JS, p. 275).					1- Ato ou efeito de coroar (ABH, p. 387); 2- Pôr coroa em, cingir com coroa (ABH, p. 387).				
1- Acto de coroar (DPE, p. 443); 2- Pôr coroa em (DPE, p. 443).					1- Acto de coroar, ou de ser coroado (AMS, p. 545); 2- Cingir, pôr coroa a alguém, de flores ou insígnia real (AMS, p. 546).				
					1- Rito, cerimônia formal em que se coroa				

	(alguém), ger. o soberano de um país (AH); 2- aclamar solenemente como soberano ou pontífice (AH).
DICIONÁRIOS ESPECIALIZADOS	
1- O mesmo que <i>coroar</i> e <i>ser coroado</i> ; indica o acto no qual a Coroa é colocada na cabeça do Imperador ou da criança que o substitui nessa solene ocasião (JSB, p. 191); 2- O mesmo que <i>ser coroado</i> , nas festas do Espírito Santo (JSB, p. 191).	
OUTRAS INFORMAÇÕES	
Não encontradas	

O termo *Coroar*, e seus derivados, apresenta uma variante fonológica muito frequente nos textos consultados tanto no português europeu como no português brasileiro. Em trabalho anterior (ROCHA, 2010a) analisei as formas *Croa* e *Croar*, que subvertem a tendência, da língua falada, de recuperar o esquema da sílaba canônica CV, o que se observa na realização de *adivogado* em vez de *advogado* ou *psicólogo* em vez de *psicólogo* no português brasileiro e de *mare* em vez de *mar* ou *cantare*, em vez de *cantar*, no português europeu. No entanto, no português europeu é comum a supressão do segmento vogal, o que não ocorre no português brasileiro, nem é um aspecto evidente do dialeto maranhense. Levando em conta que as variantes *Croa* e *Croar* se aproximavam da realização mais comum desse termo no português europeu e ainda que variações fonético-fonológicas podem dar origem a novas lexias e a novos termos, busquei identificar relações semânticas das duas formas com os dois tipos de coroas, presentes na festa, a coroa imperial, objeto físico e a coroa do Divino, objeto simbólico.

O que pude observar, em 36 cânticos que registravam pelo menos uma das variantes, foi a predominância da variante *Croa* sobre *Coroa*, o que se confirmou na fala das caixeiras. Além disso, observei que a variante *Croa* refere-se predominantemente ao símbolo, frequentemente designada como *Santa Croa* ou *Croa do Divino*, enquanto que *Coroa* refere-se principalmente ao objeto que o imperador usa. Em cânticos em que as duas variantes coexistem no texto também se percebe essa diferença de emprego.

Os sentidos diversificados de *Coroa* e *Croa* são ainda mais evidentes no cântico seguinte, de Dona Kabeka, Caixeira-Régia da Casa Fanti-Ashanti, que solicita ao Imperador a devolução das insígnias e outros pertences do Império – cadeira, capote, coroa, espada e cetro – que serão entregues ao próximo imperador: “O meu nobre Imperador/ Minha linda Santa Crôa/ Quero que você me entregue/ A sua linda coroa” (BARBOSA, 2006, p. 168). No mesmo cântico a coroa é entregue ao Mordomo-Régio, que será o futuro Imperador: “Receba

essa Coroa/ Meu nobre Mordomo-Régio” e, na quarta estrofe seguinte, há nova menção à coroa do Divino, uma vez mais como “A Crôa do Espírito Santo” (BARBOSA, 2006, p. 168).

Embora os resultados obtidos apontem para a confirmação da hipótese de que a variante *Croa*, no contexto da festa no Maranhão, tende a designar especificamente a coroa do Divino, em seu aspecto simbólico, optei por registrá-la como variante e não como um segundo termo, com significação própria.

5.2.2.1.3 Da “esmola” ao “tirar jóia”, a arrecadação de bens para a festa

A terceira etapa selecionada, na verdade, não corresponde a um único momento, mas a uma série de ações destinadas a angariar fundos – dinheiro ou gêneros, que constituem a *esmola*, também conhecida como *pensão* em Portugal – por vezes apresentando diferenças quanto ao *modus operandi* ou quanto ao objetivo.

A *ciganagem* maranhense corresponde ao ato de *correr a migalha*, tendo como objetivo comum a coleta de pequenas ofertas, principalmente de gêneros alimentícios de pequeno valor, como temperos e frutas. No Maranhão, a coleta é feita principalmente entre vizinhos, por jovens e adolescentes, e o produto é utilizado na preparação das refeições que serão oferecidas. Nos Açores, o produto é leiloado para angariar fundos para a festa.

Ao *peditório* corresponde a *jóia*, ou tirar *jóia*. Em comum, a forma de conduzir a coleta, em ambos os casos, geralmente, por um grupo de mulheres – mulheres e moças nos Açores, caixeiras e bandeireiras, ou seja, também mulheres e moças no Maranhão.

A etimologia dos termos esclarece um pouco mais o uso do termo *prenda*, já que existe uma relação entre seu significado histórico de “refém” e seu emprego atual, o de pagamento para a libertação de um refém, o *passarinho*.

Ainda no Maranhão, podem incluir-se como forma indireta de recolha de ofertas o *Roubo do Império*, pois a recuperação das roupas e objetos rituais é, em geral, acompanhada pela oferta de gêneros ou bebidas.

Quadro 46 – Esmola e variantes

AÇORES E PORTUGAL CONTINENTAL	MARANHÃO – ILHA DE SÃO LUÍS E ALCÂNTARA
1-ESMOLA, 2- CORRER A MIGALHA, 3-LEILÃO DA PERNA DO ANDOR, 4- PEDITÓRIO,	1 - ESMOLA, 7 - CIGANAGEM, 8 - JÓIA, 9 - PRENDA,

2 – TND; 3 – TND; 4 – TND; 5 – Do lat. <i>pensione</i> , pesada, pagamento (p. 389); 6 – TDSD; 7 – TND; 8 – Do fr. <i>joie</i> , alegria [...] do lat. <i>gaudia</i> , gozos [...] e uma jóia é objeto que causa sempre alegria a quem o ganha [...] (p. 284); 9 – De <i>prender</i> , [...] do lat. <i>pignera</i> [...] plural de <i>pignus</i> , através das formas arcaicas <i>pindra</i> , <i>pendra</i> [...] (p. 414); 10 – TND.	
AGC – 1 – ‘óbolo, auxílio, amparo’ [...] do lat. <i>eleemosyna</i> > <i>elmosna</i> > <i>esmolna</i> > <i>esmonla</i> > <i>esmolla</i> > <i>esmola</i> (p. 320); 2 – TND; 3 – TND; 4 – TND; 5 – ‘renda anual ou mensal paga a alguém’, ‘foro. ‘tributo’[...] Do lat. <i>pensio-onis</i> (p. 593); 6 – TDSD; 8 – ‘artefato de matéria preciosa usado em geral como ornamento’ [...] Do a. fr. <i>joie</i> , derivado regressivo de <i>joiel</i> (atual <i>joyau</i>) e, este do lat. <i>jocalis</i> ‘aquilo que alegra’ de <i>jocus</i> , ‘jogo’ (p. 456). 9 – “penhor” XIII; ‘donativo’ 1813. Do cast. <i>prenda</i> , (ant. <i>pendra</i> , primitivamente <i>pegnora</i>) deriv. do lat. <i>pignora</i> , pl. de <i>pignus-oris</i> (p. 631); 10 – TND.	
SIGNIFICADOS DICIONÁRIOS GERAIS	
PORTUGUESES	BRASILEIROS
A grande maioria dos registros encontrados nos dicionários gerais portugueses como brasileiros mantém uma relação com o significado dos termos na festa, uma vez que trata de formas de oferta de bens, mas não menciona a festa, nem particularidades a ela relacionadas.	
DICIONÁRIOS ESPECIALIZADOS	
-Apenas o Dicionário de Falares dos Açores registra, com o significado que encontrei nas descrições da festa, os termos <i>Esmola</i> , <i>Correr a migalha</i> e <i>Pensão</i> , este último como sinônimo de <i>Esmola</i> . - Câmara Cascudo registra brinquedo de prendas, em que, tal como acontece na festa do Divino, as prendas “[...] multas por um engano, erro, omissão [...]” (LCC, p. 531).	
OUTRAS INFORMAÇÕES	
Não encontradas	

Apenas um termo coincidente foi encontrado, mas há que observar que, apesar da diversidade de termos, todos eles apresentam uma ligação de sentido com a contribuição de bens, espontânea ou não, para a festa.

O termo *Correr a migalha*, por exemplo, sugere o tipo de contribuição esperado, pequenos valores ou pequenas quantidades de gêneros, migalhas, portanto.

Da mesma maneira *Ciganagem* sugere a perambulação dos voluntários para esse tipo de pedido, associando-a aos hábitos dos ciganos de andarem de porta em porta, de cidade em cidade.

Jóia e *Tirar jóia*, derivados do francês *joie*, alegria, são indiretamente explicados por Nascentes (1952, p. 456) quando sugere que a associação se deve ao fato de que receber uma jóia é sempre motivo de alegria, o que também ocorreria ao terem as caixeiras seus pedidos atendidos. Parece mais aceitável essa explicação do que acreditar que seria usual receberem jóias como contribuições, ao percorrerem o interior do estado para angariar recursos. Vale lembrar que o termo *Jóia* também é usado para designar uma contribuição regular como pagar jóia para ingresso em um clube, por exemplo.

Finalmente *Prenda*, etimologicamente relacionado a *refém*, aplica-se perfeitamente à situação, já que se trata de contribuição dada pelo *Passarinho*, preso ao mastro, ou seja, refém das caixeiras, para sua libertação. Na brincadeira registrada por Cascudo (2002, p. 531), a prenda também representa uma multa a ser paga.

5.2.2.1.4 A troca de cortesias entre os membros do Império

A etapa a seguir analisada corresponde a um momento do ritual comum a Portugal e ao Maranhão, a troca de visitas entre Impérios ou entre Mordomos e Imperador. As visitas são sempre pretexto para oferecimento de refeições, mais ou menos elaboradas, dependendo das circunstâncias ou do poder aquisitivo dos responsáveis por cada festa. Vale lembrar que, no Maranhão, há apenas um imperador por ano/festa, enquanto que, especialmente nos Açores, pode haver um imperador assim denominado ou por função equivalente, a cada semana do *Tempo dos Impérios*.

Uma forma diferente de visita, se assim se pode chamar, é o Roubo da Alvorada, hoje caída em desuso. Pai Euclides recorda:

As caixeiras se arrumavam, pegavam a bandeira real e iam procurar saber onde tinha outro mastro enterrado, aí elas iam caladinhas, sem fazer o menor barulho, chegando lá rufavam as caixas e cantavam – isso se chamava roubar alvorada, então nesse dia era uma festa. A dona da festa que estava sendo roubada ia tratar todos aqueles visitantes, providenciava logo uma coisa, era cafezinho, doce, licor [...] e vice-versa, essa festa que foi roubada ela ia roubar em outra ou até nessa mesma que roubou. (PACHECO, GOUVEIA, ABREU, 2005, p. 40).

Quadro 47 – Correr impérios e variantes

AÇORES E PORTUGAL CONTINENTAL					MARANHÃO – ILHA DE SÃO LUÍS E ALCÂNTARA				
1 CORRER IMPÉRIOS, 2 CORRER OS BODOS					3 BUSCAR A SANTA COROA, 4 VISITA AOS IMPÉRIOS				
PRESENÇA EM DICIONÁRIOS									
1 – Visita a todos os Impérios que, na mesma ilha, se realizam em cada domingo (MBS, p. 72); 2 – M. q. Correr os Impérios (MBS, p. 72) 3,4 – TND.					3 – Ritual de visita entre impérios de casas diferentes (FSR, p. 93); 4 – visitas feitas pelos Mordomos ao Imperador e deste aos Mordomos, com todos os membros do Império e participantes da festa, organizados em cortejo (FSR, p. 129); 1,2 – TND.				
GERAIS					ESPECÍFICOS				
ABH	AMS	AH	JS	DPE	JCS	DVF	JSB	VFB	LCC
TND	TND	TND	TND	TND	TND	TND	TDRF	TND	TND
1,2	1,2	1,2	1,2	1,2	1,2	1,2	1	1,2	1,2
3,4	3,4	3,4	3,4	3,4	3,4	3,4	TND 2,3,4	3,4	3,4
ETIMOLOGIA									
AGC – TND									
AN – TND									
JPM – TND									
SIGNIFICADOS DICIONÁRIOS GERAIS									
PORTUGUESES					BRASILEIROS				
Não encontrados									
DICIONÁRIOS ESPECIALIZADOS									
Apenas o Dicionário de Falares dos Açores registra <i>Correr os impérios</i> , no sentido aqui buscado (JSB, p. 192)									
OUTRAS INFORMAÇÕES									
<i>Correr</i> com o sentido de visitar, está registrado em dois dicionários gerais: Percorrer , visitar (ABH, 390); Visitar (AMS, p. 549).									

Não há termos iguais, apenas significados equivalentes, explicados pelo uso menos frequente de *Correr* como visitar, o que efetivamente descreve as atividades de *Correr os impérios* ou *Correr os bodos*.

5.2.2.1.5 Cortejos e procissões

Os termos seguintes referem-se a um dos momentos mais frequentes e semelhantes das festas, o dos *Cortejos* ou *Procissões* que se formam para acompanhar a corte

imperial em seus deslocamentos, com maior ou menor pompa, de acordo com o objetivo desse deslocamento (Fig. 36). O *Cortejo* mais importante é o que ocorre no dia principal da festa, tanto na ida quanto no retorno da missa. Embora este cortejo ou procissão não apresente grandes diferenças em relação a cortejos ou procissões realizados em outros eventos, ainda assim tem características originais, como a presença das insígnias e, nos Açores, a marcação dos espaços com as *Casolas* ou *Quadrados de varas*.

Figura 36 – Cortejo em Alcântara



Fonte: Acervo do Projeto ALiMA

Em Tomar o *Cortejo dos tabuleiros* (Fig. 37) decorados com pães e flores que dão nome à festa são precedidos por alas de pessoas de destaque de cada freguesia participante, carregando em almofadas decoradas as coroas destas freguesias, anunciadas pelas respectivas bandeiras ou estandartes.

Figura 37 – Cortejo em Tomar



Fonte: Acervo da autora

Quadro 48 – Cortejos e Procissões

AÇORES E PORTUGAL CONTINENTAL					MARANHÃO – ILHA DE SÃO LUÍS E ALCÂNTARA				
1 CORTEJO 2 PROCISSÃO 3 CORTEJO DAS COROAS					1 CORTEJO 2 PROCISSÃO				
PRESENÇA EM DICIONÁRIOS									
1 – Marcha procissional em direção à igreja ou à ermida onde se realiza a <i>coroação</i> [...] a marcha de regresso à casa do Imperador, a qual finaliza com a Descorção (MBS, p.73); 2,3 – TND.					1 – Percurso, organizado, da igreja à casa da festa, depois da missa, com a presença do Império (FSR, p. 99); 2 – M. q. Cortejo (FSR, p. 121); 3 – TND.				
GERAIS					ESPECÍFICOS				
ABH	AMS	AH	JS	DPE	JCS	DVF	JSB	VFB	LCC
TDSE 1,2 TND 3	TDSE 1,2 TND 3	TDSE 1,2 TND 3	TDSE 1,2 TND 3	TDSE 1,2 TND 3	TND 1,2,3	TND 1,2,3	TDSE 2 TND 1,3	TND 1,2,3	TND 1,3 2
ETIMOLOGIA									
JPM – 1 – Do it. <i>corteggio</i> (p. 237); 2 – Do lat. <i>processione</i> , “acto de avançar, de ir para a frente; saída solene; procissão” (p. 435); 3 – TND.									
AN – 1 – Do it. <i>corteggio</i> , escolta de honra a qual lembra uma corte principesca (p. 138); 2 – Do lat. <i>processione</i> , marcha para diante (p. 417); 3 – TND.									
AGC – 1 – TDSD; 2, 3 – TND.									
SIGNIFICADOS DICIONÁRIOS GERAIS									
PORTUGUESES					BRASILEIROS				
1 [...] Comitiva pomposa; séquito. Acompanhamento. Procissão (JS, p. 278); 2 cortejo solene, de caracter religioso, e acompanhado de cantos e de rezas (JS, p. 919)					1 Procissão, acompanhamento (ABH, p. 392); 2 Qualquer acompanhamento ou cortejo; séquito, cortejo (ABH, p. 1150).				
1 Acompanhamento que se faz a alguém por cerimônia; séquito; procissão; desfile; comitiva pomposa (DPE, p. 448); 2 marcha solene de caráter religioso; cortejo; préstito; série longa de pessoas que passam ou afluem com o mesmo fim					1 Gente que acompanha a pé, a cavallo, em coches ou carruagens para fazer a corte a quem vem em acto de pompa, e solenidade (AMS, p. 554); 2 pessoas ordenadas, que vão como em procissão em numeroso cortejo (AMS, p.				

(DPE, p. 1359).	601).
1 reunião de pessoas em procissão, em razão de algum acontecimento formal; séquito (AH).	2 qualquer grupo de pessoas caminhando em coluna; cortejo, séquito (AH).
DICIONÁRIOS ESPECIALIZADOS	
- O Dicionário de Falares dos Açores registra apenas o termo <i>procissão</i> , mas em expressões que nomeiam algumas procissões específicas, realizadas com a presença de elementos da festa, as <i>Coroas</i> , em pagamento de promessas, como é o caso da <i>Procissão das Águas</i> , na ilha Terceira e a <i>Procissão dos Abalos</i> , no dia 31 de maio, também na Ilha Terceira (JSB, p. 452); - o Dicionário do Folclore registra <i>procissão</i> , fazendo o histórico das procissões no Brasil e descrevendo algumas delas mas sem mencionar nenhuma relacionada com a festa do Divino (LCC, p. 537).	
OUTRAS INFORMAÇÕES	
Não encontradas	

Os termos *Cortejo* e *Procissão* confundem-se no contexto da festa do Divino, muito embora o segundo desses termos esteja mais diretamente relacionado com o aspecto sagrado da festa. Estranhamente, em que pese a importância da festa no Brasil e embora Cascudo registre um longo verbete sobre ela, não há menção no verbete específico às procissões e cortejos do Divino, aspectos essenciais da festa.

5.2.2.1.6 “Descorção”, a festa chega ao fim

Essa etapa da festa, que corresponde à transmissão de poderes do imperador em exercício ao imperador que o sucederá, não apresenta termos iguais, embora o sentido seja claro e coincidente. No âmbito da festa, há equivalência de sentido entre *Mudança*, *Entrega*, *Passagem* e *Repasse*, pois o ato de descoroar, ou *Descorção*, não é o mero despojamento das insígnias, mas a garantia da continuidade da festa, já que o imperador “morto, deposto” indica, pela entrega das insígnias, o imperador “posto”. A cerimônia é semelhante e os cânticos que a acompanham são minuciosos e complexos.

O termo *Descorção*, que designa um momento fundamental da festa e é semanticamente compreensível, não está dicionarizado. Apesar da inexistência de registro do termo integral, em dicionários gerais encontrei, para o primeiro elemento dos outros termos, definições que apontam para a ideia de troca, cessão ou substituição. No entanto *passamento* está associado à ideia de morte e *entrega*, por vezes, à de traição.

5.2.2.1.7 A cerimônia de abate dos bois

Com exceção de *Matutagem*, termo para o qual não se encontrou explicação, uma vez que o registro em dicionários aponta para significados sem relação, mesmo indireta, com a festa, todos os outros termos são reveladores sobre a etapa da festa a que se referem.

A *Matança* dos bois exige também o cumprimento de rituais, anunciados pelas caixeiras no Maranhão. Nos Açores, a cerimônia de abate é precedida por um cortejo em que os bois destinados ao sacrifício se apresentam decorados com flores e fitas de papel – as *Bonas*. Por vezes, os bois são conduzidos de forma a fazerem uma volta em torno da capela, em outros locais apresenta-se-lhes o cetro, que é encostado à boca do animal para simular um beijo, em outras ainda o boi ou gueixo é forçado a ajoelhar-se diante do símbolo do Divino Espírito Santo. Há muitos relatos de animais que agiram assim espontaneamente e muitos outros que relatam as consequências de não se seguir à risca o ritual ou de substituir o animal prometido por outro.

Quadro 50 – Matação do gado e variantes

AÇORES E PORTUGAL CONTINENTAL					MARANHÃO – ILHA DE SÃO LUÍS E ALCÂNTARA				
1 - MATAÇÃO DO GADO 2 - MATANÇA DOS GUEIXOS					3 - MATANÇA 4 – MATUTAGEM				
PRESENÇA EM DICIONÁRIOS									
2 – Abate dos gueixos destinados ao bodo (MBS, p. 128); 1,3,4 – TND.					3 – M. q. <i>Matutagem</i> (FSR, p. 113); 4 – Ritual de morte e esquartejamento do boi que será servido como alimento durante a festa [...] (FSR, p. 113); 1,2 – TND.				
GERAIS					ESPECÍFICOS				
ABH	AMS	AH	JS	DPE	JCS	DVF	JSB	VFB	LCC
TDSE	TDSE	TDSD	TDSE	TDSE	TND	TDSD	TDRF	TDSD	TND
3	3	4	3	3	1,2,	3	1	3	1,2,3,4

TND 1,2,4	TND 1,2,4	TDSE 3 TND 1,2	TND 1,2,4	TND 1,2,4	3,4	TND 1,2,4	TND 2,3,4	TND 1,2,4	
ETIMOLOGIA									
JPM – 1, 2, 4 – TND; 3 – De matar (p. 76).									
AN – 1, 2, 3, 4 – TND									
AGC – 1, 2, 4 – TND; 3 – De matar, “tirar violentamente a vida” (p. 506).									
SIGNIFICADOS DICIONÁRIOS GERAIS									
PORTUGUESES					BRASILEIROS				
3 – [...] Acção de abater gado para consumo público (DPE, p. 1086).					3 – [...] Abatimento de reses para consumo (ABH, p. 903).				
3 – Acto de abater reses para consumo (JS, p. 715).					3 – [...] acto ou accção de matar caça. Gado, etc [...] matança de gado para sustento (AMS, p. 322)				
					3 – ato de abater gado para consumo; o seu efeito (AH).				
DICIONÁRIOS ESPECIALIZADOS									
1 – Abate das reses para a festa do Espírito Santo, sempre ao ar livre e na sexta-feira anterior ao domingo da festa (JSB, p. 356).									
OUTRAS INFORMAÇÕES									
Gueixo/a é a designação dada ao/à novilho/a. “Amarrada ao pau da bandeira”designava a cria da gueixa que aleitava pela primeira vez e que era, por essa razão, tradicionalmente oferecida ao Divino (AAF, P. 279).									

5.2.2.1.8 A missa, momento maior da vertente sagrada da festa

A missa é o momento culminante da festa, quando profano e sagrado se confundem e é sacralizado o poder exercido pelo povo, representado pelo Imperador. Nos Açores, onde as prestações alimentares são variadas e importantes, um dos termos para designar a missa em que ocorre a coroação faz referência à mais importante dessas prestações, as *Sopas do Espírito Santo*.

Quadro 51 – Missa da coroação

AÇORES E PORTUGAL CONTINENTAL					MARANHÃO – ILHA DE SÃO LUÍS E ALCÂNTARA				
1 - MISSA DA COROAÇÃO 2 - MISSA DAS SOPAS					1 - MISSA DA COROAÇÃO				
PRESENÇA EM DICIONÁRIOS									
2 – Missa cantada que precede a Coroação (MBS, p. 132); 1 – TND.					1,2 – TND.				
GERAIS					ESPECÍFICOS				
ABH	AMS	AH	JS	DPE	JCS	DVF	JSB	VFB	LCC
TND 1,2	TND 1,2	TND 1,2	TND 1,2	TND 1,2	TND 1,2	TND 1,2	TDRF 1,2	TND 1,2	TND 1,2
ETIMOLOGIA									
JPM – (1, 2) – TND									
AN – (1, 2) – TND									
AGC – (1, 2) – TND									
SIGNIFICADOS DICIONÁRIOS GERAIS									
PORTUGUESES					BRASILEIROS				
Não encontrados									
DICIONÁRIOS ESPECIALIZADOS									
Apenas o Dicionário de falares dos Açores registra os dois termos compostos, com o sentido que têm na festa, o de missa onde há a coroação ou de missa cantada que antecede a coroação.									
OUTRAS INFORMAÇÕES									
Não encontradas									

Apesar de *Missa* pertencer ao léxico geral da língua, os termos *Missa da coroação* ou *Missa das sopas* designam um tipo de celebração que é atinente às festas do Divino e que apresenta um ritual específico, em que elementos sagrados e profanos se confundem. Por essa razão optei por incluir esses termos para comparação.

5.2.2.1.9 A festa acabou, viva a festa

A última etapa selecionada para comparação de termos apresenta maior número de variantes em Portugal do que no Maranhão. Obtive variantes lexicais e fonológicas. Vale ressaltar que as variantes fonológicas, obtidas a partir das transcrições grafemáticas que constam em várias das obras consultadas, como já destaquei anteriormente, são as mesmas, nas duas áreas geográficas.

Esta etapa do ritual da festa é a definição do(s) imperador(es) do ano seguinte. Todas as variantes encontradas se referem ao mesmo tipo de ritual, a retirada de pequenos papéis onde consta o nome de cada candidato (Fig. 38), para um cargo que pode ser único, como acontece para o *Imperador/a Imperatriz* no Maranhão, ou múltiplo, como em alguns casos nos Açores, onde há um *Imperador* para cada semana da festa.

Figura 38 – Peloiro



Fonte: Acervo da autora

A única forma diferente de definição desses cargos que encontrei ocorre em Portugal Continental, em algumas localidades da Beira, em que se usa o sistema denominado *Roda*, sistema de convite às casas, seguindo uma orientação geográfica que parte da igreja, o que garante a todos os moradores a oportunidade de servirem o *Império*. Este convite leva em conta algumas outras exigências, como idade ou estado civil. Assim, o termo *Roda* não é uma variante de *Pelouro*, mas um termo que designa uma outra forma de escolha dos responsáveis pela festa, razão pela qual optei por incluí-lo.

Embora os dicionários gerais consultados registrem *Peloiro/Pelouro* como bola de cera, é evidente a relação de sentido – sorteio de alguém – quando se verifica o uso dessa bola de cera e o emprego do termo no âmbito da festa.

Quadro 52 – Peloiro e variantes

AÇORES E PORTUGAL CONTINENTAL	MARANHÃO – ILHA DE SÃO LUÍS E ALCÂNTARA
1 – PELOIRO 2 – PELOURO 3 – PILOIRO	1 – PELOIRO 2 – PELOURO 3 – PILOIRO

4 – PILORO 5 – RODA 6 – SORTEIO 7 – SORTE(S) 8 – SORTES DA COROA 9 – TIRAR AS SORTES 10 – TIRAR OS PELOIROS					4 – PILORO				
PRESENÇA EM DICIONÁRIOS									
1,7,9,10 – Sorteio daqueles que no ano seguinte serão Imperadores nas domingas do Espírito Santo (MBS, p. 174); 2,3,4,5,6,8 – TND.					2,4 – Relação dos nomes dos festeiros do ano seguinte, escolhidos ou sorteados, e divulgados no último dia da festa (FSR, p. 118); 1,3,5,6,7,8,9,10 – TND.				
GERAIS					ESPECÍFICOS				
ABH	AMS	AH	JS	DPE	JCS	DVF	JSB	VFB	LCC
TDSE	TDSE	TDSE	TDSE	TDSD	TDSE	TND	TDRF	TDSD	TDSD
1,2,6, 7,9	1,2,6, 7,9	1,2,6 TDSD	1,6 TDSD	1,2,4, 5,7	2 TND	1,2,3, 4,5,6,	1,2,7 9,10	5, TDSE	7 TND
TDSD	TDSD	5,7 TND	5 TND	TDSE	1,3,4, 5,6,7	7,8, 9,10	TDSD	6,7 TND	1,2,3, 4,5,6,
4,5 TND	5 TND	3,4,8 9,10	2,3,4, 7,8, 9,10	6,9 TND	8,9,10		5 TND	1,2,3, 4,8, 9,10	8,9,10
3,8,10	3,4,8,10			3,8,10			3,4,6,8		
ETIMOLOGIA									
JPM – (1, 3, 8, 9, 10) – TND; 2 – Esta palavra, de origem ainda não esclarecida, talvez se relacione com péla (p. 334); 4 – TDSD - do gr. pylorós, “guarda de porta, porteiro; que vigia, que protege (p. 364); 5 – Do lat. rota (p. 109); 6 – De sorte (p. 228); 7 – D lat. sorte “cada um dos objetos que se punham na urna para depois tirar à sorte [...] tiragem à sorte, sorte; resultado dessa tiragem; [...]” (p. 227).									
AN – (1, 3, 6, 7, 8, 9, 10) – TND; 2 – TDSD – de um lat.opiloriu, de pela, com significado de bala de espingarda ou mosquete (p. 389); 4 – TDSD - do gr. pylorós, guarda da porta, porteiro (p. 398); 5 – TDSD - Do lat. rota (p. 446).									
AGC – (1, 3, 4, 8, 9, 10) – TND; 2 – TDSD - De péla “bola, especialmente a de borracha, usda para jogar ou brincar”(p. 591); 5 – TDSD – Do lat. roda (p. 687); 6, 7 – TDSD – Do lat. sors, sortis (p. 736).									
SIGNIFICADOS DICIONÁRIOS GERAIS									
PORTUGUESES					BRASILEIROS				

1 – Bola de cera dentro da qual se metia um papel com o voto do eleitor (JS, p. 856);	1,2 – Bola de cera na qual se incluía um papel com o voto do eleitor (ABH, p. 1070)
	1,2 – Bola de cera, dentro da qual ia nomeado em um escripto o que havia de servir de juiz ordinário, ou vereador, os quaes se elegiam cada três annos (AMS, p. 509).
	1,2 – Bola de cera em que se collocava o voto de cada eleitor (AH).
DICIONÁRIOS ESPECIALIZADOS	
JSB – Registra cinco variantes, definindo como bilhete do sorteio do Espírito Santo (p. 424). JCS – Registra Pellouro , como “[...] bola de cera em que se collocava o nome do eleito” (p. 213)	
OUTRAS INFORMAÇÕES	
Não encontradas	

O termo *Pelouro* e suas variantes, coincidentes em Portugal e no Maranhão, na sua maioria, são resultado de uma transformação semântica que evoluiu do objeto em que se colocava o voto de cada eleitor para o ato do sorteio e depois para os eleitos ou sorteados e, com *Tirar os pelouros*, aproxima-se esse termo dos outros, que mencionam mais diretamente o ato de sortear – *Sorteio*, *Sortes*, *Sortes da Coroa*, *Tirar as sortes*.

Apenas Vieira Filho (1958), pesquisador maranhense, não registra nenhum dos termos, embora seu emprego seja comum, principalmente na festa em Alcântara.

5.2.3 Culinária

A terminologia referente à culinária da festa, como disse anteriormente, apresentou grande número de termos e variantes em Portugal Continental e especialmente nos Açores, cento e quarenta, mas um pequeno número de termos no Maranhão, apenas quatro, e, conseqüentemente, pouca convergência. Vale lembrar que essa constatação não implica afirmar que as refeições oferecidas nas festas maranhenses são constituídas por menos alimentos, ou por número inferior de pratos, apenas não há menção a pratos especificamente associados à festa. Obtive cento e quarenta e dois termos, excluídos dois termos comuns, o que faz deste campo um dos mais produtivos. Destes termos, muitos são variantes geográficas, como é o caso das designações dos pães consumidos durante a festa. A variedade desses pães é muito grande. Levantei vinte e seis designações, mas seis termos apresentam variantes cujo número vai de dois a nove termos, por vezes com indicação da ilha onde essa

designação é usual, como *Massa sovada*, também denominada de *Massa da noite* ou de *São Miguel* na Ilha de São Jorge, *Massa de leite* no Faial e *Massa de ovo* na Ilha das Flores e ainda *Massa adubada*, *Cevada*, *Pão adubado* e *Pão doce*.

Para *Brindeiros* encontrei nove designações, para *Biscoitos* oito, para *Bolos* onze e para *Rosquilhas* oito. As descrições desses doces nem sempre permite identificar se se trata de uma variante terminológica ou de um outro doce. Em *Outros doces* inclui também um condimento, a *Erva-santa* e suas duas variante, por se tratar de um componente importante e característico da região. Uma sub-divisão deste item que também é muito produtiva é a que se refere às designações das prestações alimentares nos Açores, com quarenta e quatro termos, dos quais pelo menos vinte e quatro têm indicação da ilha ou da freguesia onde são empregados.

No Maranhão, embora as prestações alimentares sejam momentos importantes e frequentes, não há designações próprias, são designadas como almoços, jantares, merendas, sem outra indicação que os diferencie de refeições comuns em festas.

Este campo é um dos que apresentam maior número de variantes geográficas e é também um dos que apresentam maior disparidade na distribuição geográfica, entre Portugal e Maranhão. Desses cento e quarenta e dois termos, a rigor, além dos termos comuns *Alfeni* e *Alfenim*, apenas um tem variante equivalente no Maranhão, a *Espécia* ou *Espécie* açoriana a que corresponde o *Doce de espécie* maranhense.

5.2.3.1 *Alcatra, Alfenim e Espécie – termos comuns da culinária das festas*

Selecionei três termos que estão presentes na terminologia da festa em Portugal e que ocorrem também no Maranhão, embora nem sempre no contexto da festa: *Alcatra*, *Alfenim* e *Espécie/Espécia* ou *Doce de espécie*.

5.2.3.1.1 *Alcatra*

O termo *Alcatra* está presente no léxico dos Açores como no do Maranhão, mas apenas nos Açores ele está relacionado à festa. No Maranhão, designa um corte da carne bovina. Nos Açores é um prato tradicional da ilha Terceira, obrigatório na ementa das festas do Espírito Santo (Fig. 39).

Dos termos selecionados, este é o que apresenta menos pontos de convergência, exceto, possivelmente, pelo fato comum de se incluírem principalmente na rubrica Culinária.

No dicionário regional e no glossário da festa consultados, ambos dos Açores, o termo tem sempre estreita relação com a festa.

Figura 39 – Alcatra açoriana



Fonte: Acervo da autora

Quadro 53 – Alcatra

AÇORES E PORTUGAL CONTINENTAL					MARANHÃO – ILHA DE SÃO LUÍS E ALCÂNTARA				
1 – ALCATRA					1 – ALCATRA				
PRESENÇA EM DICIONÁRIOS									
1 – Guisado de carne de vaca, característico da Terceira, que constitui um dos pratos principais da <i>função</i> do Espírito Santo (MBS, p. 22).					1 – TND. Por não ter relação com a festa, não consta do Glossário da festa do Divino Espírito Santo no Maranhão.				
GERAIS					ESPECÍFICOS				
ABH	AMS	AH	JS	DPE	JCS	DVF	JSB	VFB	LCC
TDSD	TDSD	TDSD	TDSD	TDSD	TDSD	TND	TDRF	TND	TND
ETIMOLOGIA									
JPM – do árabe al-qaTrâ , “pedaço, parcela, talhada” (Pedro de Alcalá); gota”(p. 181).									
AN – Do ár. <i>alkatra</i> , pedaço (p. 16).									
AGC – “peça de carne de rês’ XVI do árabe al-qatra” (p. 27).									
SIGNIFICADOS DICIONÁRIOS GERAIS									
PORTUGUESES					BRASILEIROS				
- Região do corpo de um bovídeo, onde termina o fio do lombo; - Ancas (de uma rês) (DPE, p. 71).					- Peça da carne da rês, onde termina o fio do lombo, e em que se pegam os rins. Lugar onde termina o fio do lombo do boi. - A anca dos bovídios (ABH, p. 63).				

- Lugar, onde termina o fio do lombo do boi ou vacca. Pernas Traseiras ou ancas do boi (JS, p. 35).	- ([...] parte do espinhaço da rez) a parte onde acaba o fio do lombo do boi, ou vacca, e em que estão pegados os rins (AMS, p. 126).
	- No gado vacum, ponto onde finda o lombo, à altura dos rins, e que tem por base os ossos ilíacos; o quarto traseiro das reses - Peso de carne bovina de primeira, de forma alongada e fibras relativamente curtas e macias, que se extrai da parte superior da anca da rês (AH).
DICIONÁRIOS ESPECIALIZADOS	
- Prato tradicional da Terceira, obrigatório na ementa das Funções do Espírito Santo (JSB, p. 53).	
OUTRAS INFORMAÇÕES	
Segundo João Lacerda, filho do ilustre músico e compositor Francisco de Lacerda, citado por Augusto Gomes, a receita de <i>alcatra</i> terá sido trazida pelo 1º regimento dos Castelhanos, que tinha estado aquartelado em Alcântara, daí o ser conhecida pelo <i>pitéu dos de Alcântara</i> , caindo na corruptela <i>alcatra</i> . Outra versão da sua origem tem por base a rota das especiarias – sabendo-se que <i>alcatra</i> , em árabe <i>al qatrâ</i> , significa ‘parcela’, ‘pedaço’, ‘talhada’ e que as palavras portuguesas antecederam do prefixo [al] são de origem árabe, fácil se torna relacioná-las com a cozinha árabe. Acresce ainda o pormenor de ser cozinhada em alguidar de barro, costume ainda hoje seguido por aquele povo. Havendo variadas maneiras de cozinhar a <i>alcatra</i> , diferindo de uma freguesia para outra, todas têm em comum o recipiente de barro, o vinho em quantidade e ser cozinhada no forno, de preferência aquecido a lenha. Na Terceira é presença obrigatória nas Funções do Espírito Santo (JBS, p. 53). Andar nas alcatras. Bras. Montar em pelo.	
Dois dicionários registram um significado chulo, para <i>alcatra</i> , como nádegas (ABH, p. 63 e AH) Bater a alcatra na terra ingrata. Bras. RS. Pop.V. morrer” (ABH, p. 63).	

Todos os dicionários consultados apresentam a definição de *alcatra* como parte da carne do boi ou da vaca. Apenas os dicionários regionais dos Açores mencionam o prato da culinária regional, elemento indispensável da festa em algumas localidades do arquipélago, o que caracteriza o termo como pertencente à terminologia da festa.

5.2.3.1.2 Alfenim

Quanto a *Alfenim*, o termo tem o mesmo sentido no Maranhão, mas não está associado diretamente à festa, enquanto que, nos Açores, é um doce com frequência oferecido para pagamento de promessas, em razão de sua maleabilidade, que permite que seja moldado em formatos diversos, de acordo com o objetivo da promessa feita e da graça alcançada.

Assim, é possível encontrar alfenins em forma humana ou de cabeças, pernas, braços, mãos, barcos, casas, que são oferecidos como *ex-votos* e, em geral, levados a sorteio para angariar fundos (Fig. 40). Costa, na Estória 176, descreve as circunstâncias de uma promessa concretizada em alfenim (em itálico no original):

– *Tinha uma neta minha que lhe aconteceu qualquer coisa que eu não me lembro e eu apeguei-me com o Senhor Espírito Santo se ela ficasse boa e ela ficou. Até agora vou levar todos os anos uma menina de alfenim ao Senhor Espírito Santo* (COSTA, 2008, p. 141).

Entretanto, Vieira Filho descrevendo a azáfama nas cozinhas e ressaltando a presença negra na festa, registra, na década de 50 do século passado, a presença do alfenim nas festas do Divino: “Doceiras negras, rechonchudas e luzidias, de excelente paladar, capricham no fabrico de alfinins, capelas, suspiros, não-me-toques, papos de anjo, amêndoas, pudins deliciosos, bolo inglês, um mundo de gulodices.” (1954, p. 6).

Algumas variantes foram obtidas: *alfenim*, *alfeni* são frequentes nos Açores, mas Mendes, no artigo *Memórias e saudades de um Império do Espírito* (2013) rememora a “doçura do alfinino da sua infância”. Em Portugal Continental diz-se também *alfenique*. No Maranhão obtive também *alfeni* e *alfenim*, registrado por Vieira Filho como *alfinim*, quando descreve os doces da festa, embora não inclua o termo em sua obra sobre a linguagem popular do Maranhão.

Figura 40 – Alfenim



Fonte: Acervo da autora

No Dicionário de Fala das Beiras (2010) registra-se <i>alfenim</i> na segunda acepção encontrada em outros dicionários, de pessoa delicada e franzina e apresenta-se uma outra entrada, identificando-o apenas como sinônimo de <i>flor de alfenim</i> (VFB, p. 32). Expressões populares: Branquinho como pomba de alfenim – o mesmo que alvo; És um alfenim, boca da minh'alma – dito de rapazes nas preliminares do namoro; Sogra, nem de alfenim é gostosa – provérbio da Terceira.
1 - Fig. Pessoa delicada, melindrosa (ABH, p. 67).
1 - Homem delicado (AMS, p. 131)
1 - Derivação: sentido figurado. Pessoa delicada, mole, franzina ou efeminada;
1 - Derivação: sentido figurado. Indivíduo elegante; casquilho, janota (AH).
1 - (fig.) pessoa extremamente delicada (DPE, p. 76).
1 - Fig. Pessoa delicada, melindrosa. Peralta (JS, p. 37).

5.2.3.1.3 Espécie, espécie ou doce de espécie

Espécie (Fig. 41), *Espécie* ou *Doce de espécie* apresentam evidente semelhança, confirmada quando se obtém a significação nas duas localidades.

Figura 41 – Doce de espécie maranhense



Fonte: LIMA, 1998, p. 65

Quadro 55 – Espécie e variantes

AÇORES E PORTUGAL CONTINENTAL	MARANHÃO – ILHA DE SÃO LUÍS E ALCÂNTARA
1 – ESPÉCIE(S) 2 – ESPÉCIA 3 – BICHO DOCE	4 – DOCE DE ESPÉCIE
PRESENÇA EM DICIONÁRIOS	
2 – Massa preparada com farelo de trigo escaldado [...] com a espécie confeccionam-se pequenas rosquilhas e pequenos bolos zoomórficos (MBS, p. 89); 1,3,4 – TND.	1,2,3 – TND. 4 – Doce em forma de animais e plantas, feito com massa de trigo e doce de coco, tradicionalmente oferecido a todos os que visitam Alcântara durante a festa do Divino (FSR, p. 102).
GERAIS	ESPECÍFICOS

ABH	AMS	AH	JS	DPE	JCS	DVF	JSB	VFB	LCC
TDSE 1,2 TND 3	TDSE 1,2 TND 3	TDSE 1,2 TND 3	TDSE 1 TND 2,3	TDSE 1 TND 2,3	TDSE 1,2 TND 3	TND 1,2,3	TDRF 1,3 TND 2	TDSE 1,2 TND 3	TND 1,2,3
ETIMOLOGIA									
JPM – do lat. <i>specie</i> [...] em época tardia, objeto, mercadoria; especiaria, droga, ingrediente (p. 462).									
AN – TDSD									
AGC – do latim tardio <i>specialitas-atis</i> – especiaria – ‘qualquer droga aromática’ (p. 322).									
SIGNIFICADOS									
DICIONÁRIOS GERAIS									
PORTUGUESES					BRASILEIROS				
					1- m.q. <i>especiaria</i> 2 - m.q. <i>espécie</i> ; - m.q. <i>especiaria</i> (AH).				
DICIONÁRIOS ESPECIALIZADOS									
- Pequeno bolo, em forma de ferradura, exclusivo da ilha de S. Jorge, que se faz não só por altura destas festas [do Espírito Santo] como por todas as festas particulares e públicas. Também há quem lhes chame bicho doce (JSB, p. 250).									
OUTRAS INFORMAÇÕES									
1 - Há registro de <i>broas de espécie</i> (AMS, p. 362), como variante de espécie, descrita como as que são feitas com ovos e amêndoa.									
1 - Há registro também da presença de espécie ou espécia na Gândara, na região das Beiras (VFB, p. 186).									
1 - Uso: informal, pejorativo - mulher que se prostitui;									
1 - Uso: informal, pejorativo - prostituta que sustenta um homem (AH).									

Os dicionários gerais registram *Espécie* e *Espécia*, mas sempre como outro termo para especiaria. Apenas as obras específicas sobre os Açores mencionam o doce. Domingos Vieira Filho, estudioso maranhense, menciona e descreve o doce de espécie, mas não inclui o termo no trabalho sobre a linguagem popular maranhense.

O aspecto geral, em qualquer dos locais, é o de um doce pequeno, feito com uma base de massa de trigo, e um recheio de doce de farelo de pão torrado ou de coco, com fortes porções de especiarias, com o qual se modelam pequenos bolos com formato de animais, flores e que são cobertos ou decorados com tiras, da mesma massa da base. Foi possível obter duas receitas da *Espécia/Espécie* açoriana e uma do *Doce de espécie* maranhense. Segundo Simões, a *Espécia* é:

Massa preparada com farelo de trigo escaldado, cozido no forno em pequenos pães, depois de esmagado e moído, sendo a farinha resultante passada pela peneira fina; a esta junta-se uma quarta parte de farinha de trigo. A massa preparada com esta mistura é temperada com melaço de cana, canela, pimenta e noz moscada. Depois de tendida, é enfeitada com tiras de massa de farinha de trigo sem fermento. Com a

espécie, confeccionam-se pequenas rosquilhas e pequenos bolos zoomórficos. (Faial) (1987, p. 89).

Soares registra a seguinte receita de espécie, para utilização na confecção de fartes recheados com espécie:

[...] um quilo de açúcar, um litro de água, uma casca inteira de limão, dois paus de canela, uma colher de sopa de erva-doce, raspa de noz moscada. Fervem-se estes ingredientes até que o açúcar atinja um leve ponto de pasta, altura em que a massa se bate e é passada por uma coada para retirar os paus de canela e os resíduos da erva-doce e do limão. Lança-se esta pasta dentro de um alguidar com farinha de pão de sêmea torrada, bem peneirada e fina, mistura-se-lhe pimenta branca, amassa-se e deixa-se repousar, a fim de poderem modelar-se os fartes com a figuração de pombas de leque, vacas, cães e outras formas zoomórficas. Cobre-se este recheio com massa-tenra, a que se dá o jeito das formas modeladas. Cozem-se estes bolos no forno, em tabuleiros, cabendo especial cuidado à temperatura, a fim de não rebentarem nem rosarem em demasia (1982, p. 309).

A designação de *bicho doce* deve-se, possivelmente, ao formato predominantemente zoomórfico dos doces tradicionais.

No Maranhão, as doceiras desconhecem a origem do termo, possivelmente uma variante da *espécie* açoriana, cujo nome indica a presença, na composição, das chamadas especiarias – canela, pimenta, noz moscada. As explicações aventadas, engenhosas e criativas, revelam desconhecimento da provável origem açoriana tanto da designação como do próprio doce, adaptado aos produtos disponíveis no Maranhão, como coco.

Foram ouvidas caixeiras do Divino, que trabalham na preparação dos doces, e que assim se manifestaram:

D. Maria (Alcântara, 1/6/2006) – “Aí a gente corta as rodinhas, aí a gente vai... passa manteiga no frande, aí a massa já tá pronta, a gente vai enchendo, vai ajeitando, botando os cabinhos, enfeitando, fica bonitinho. (...) de coco, açúcar, manteiga, eles colocam, né? (...) e bota pra ferver, dá o ponto, para ela ficá cozido o coco. (...) (a decoração) é, é, é na mão. (Por que se chama de espécie?) de espécie, aí, esse negócio é por causa do jeito, né... de fazer. Aí eles faz o coração, faz a dália...é do jeito, hen, hein, faz folha...”.

Maria José Lobato Rosa (Alcântara, 12/6/2003) – “Doce de espécie, a gente pode fazer do jeito que a gente quiser. A espécie é porque tem vários, várias espécies que a gente pode fazer”.

A receita que se obteve apresenta alguns pontos comuns no preparo dos doces, sendo a diferença fundamental serem recheados com doce de coco:

Massa:
250g de farinha de trigo
1 xícara de chá de água com 1 pitada de sal

2 colheres de sopa de manteiga

Amassa-se bem e deixa-se descansar um pouco. Abre-se a massa bem fina e fazem-se, então, os doces nos diversos feitios (coração, jacaré, jabuti, etc.). Enchem-se com doce de coco, cobrem-se com tirinhas da massa e levam-se ao forno para assar. (LIMA, 1998, p. 65).

Os dicionários consultados não registram o termo na rubrica culinária, mas com outras acepções, consideradas também na etimologia.

Também foi consultada obra de Vieira Filho (1958) sobre a linguagem popular do Maranhão que não registra o termo, apesar de incluir elementos da culinária e da festa do Divino, como é mais conhecida no Maranhão.

É interessante observar o que a língua, em suas imbricadas relações com a cultura, nos revela sobre as comunidades que festejam o Espírito Santo, tomando apenas como parâmetro a terminologia da culinária da festa.

Inicialmente, deve-se considerar que as comunidades que apresentaram um conjunto definido e recorrente de pratos típicos vivem em relativo isolamento, uma vez que se trata de um conjunto de ilhas distantes dos continentes europeu e americano e com acesso limitado entre elas, dadas as condições climáticas e marítimas nem sempre favoráveis. Os pratos foram, assim, elaborados com base no que a terra disponibilizava e contava-se então com cereais, uvas e carne, já que o regime agrário esteve baseado em agricultura sem rega e criação de gado (LEAL, 1994, p. 25).

A forte religiosidade e as condições adversas – erupções vulcânicas, terremotos – favoreciam a religiosidade e contribuíram para que se contasse com a doação de gado e mantimentos para a festa.

No Maranhão, especialmente em São Luís, a festa foi absorvida pelas comunidades de terreiros, constituídas inicialmente, em sua maioria, por descendentes de escravos, de baixo poder econômico, o que não permitia as despesas decorrentes de refeições muitas vezes com número de participantes ilimitado, baseada em carne, produto ainda hoje dispendioso. Possivelmente por essa razão, o cardápio da festa não é fechado, adequando-se os pratos aos tipos de ofertas recebidas.

Da mesma maneira, foi adaptado às condições locais o *doce de espécie*, nos Açores uma vez mais de pão, sob outra forma, e com grande variedade de especiarias, no Maranhão com coco, que exige menor variedade de condimentos por ter um sabor marcante. É, pois, a língua, analisadas as denominações da culinária da festa, que nos descreve aqueles que a realizam e sob que condições o fazem.

5.2.4 Insígnias e vestuário

Este campo conceitual apresentou cinquenta termos. A parte referente ao vestuário, com apenas seis termos, dos quais um no Maranhão, não apresentou termos comuns, já que as designações das peças de roupa utilizadas pelos participantes, embora luxuosas e seguindo sempre um mesmo padrão, não têm designação específica para a festa, no Maranhão. Da mesma forma, em Portugal, são raras as designações de elementos do vestuário que estejam associados à festa. No que diz respeito às insígnias, levantei quarenta e e quatro termos, trinta e seis em Portugal e Açores e nove no Maranhão. Desses termos, vinte e três referem-se a cinco elementos comuns: *Insígnias* com seis variantes, *Cetro* com quatro, *Coroa* com dois, *Espada* com sete e *Salva* com quatro. Três desses termos são exatamente iguais.

5.2.4.1 Cetro, Coroa, Espada, Insígnias e Salva – termos comuns das insígnias da festa

Na comparação dos termos deste campo conceitual, encontrei quatro coincidências em termos que designam os objetos mais importantes na identificação dos principais participantes da festa – *Cetro*, *Coroa*, *Espada* e *Salva* – e em um termo que designa, de forma generalizada, o conjunto desses objetos – *Insígnias*.

Quadro 56 – Termos para comparação – vestuário e insígnias

AÇORES E PORTUGAL CONTINENTAL	MARANHÃO – ILHA DE SÃO LUÍS E ALCÂNTARA
	ALMOFADÃO
	CAPOTE
ARRELIQUE	
CASOLA/ QUADRA/ QUADRO/ QUADRO DE VARAS/ QUADRADO DE VARAS	
CEPTRO/ MÃOZINHA DO SENHOR ESPRITO SANTO	CETRO/ CETRO REAL
COROA/ COROA DO ESPRITO SANTO	COROA
ESPADA/ ESPADIM/ ESPADIM REAL/ ESTÓ/	ESPADA

ESTOQUE/ FAIM/ TERÇADO	
	FITA
FRUTEIRO	
INSÍGNIAS DO ESPÍRITO SANTO/ ALFAIAS DO ESPRITO SANTO/ EMBLEMAS/ FERRAMENTA	INSÍGNIAS/ POSSES REAIS
MAROTO	
MEDALHA	
MITRA	
OPA/ OPA DE RAMAGEM ENSINHAS	
SALVA/ TAÇA/ BANDEJA/ PRATO	SALVA
TOALHAS	
VARA/ VARA BRANCA/ VARAS DO ESPRITO SANTO/ VARA DO MORDOMO/ ENXOTA-PORCOS/ BASTÃO/ RAMO	

As insígnias mais importantes são as mesmas em Portugal e no Maranhão, embora possam apresentar variantes diferentes.

A *Coroa* e o *Cetro* são objetos claramente identificados e associados ao exercício do poder temporal. Para Dona Maria Farias, caixeira do Divino, em entrevista do dia 26/05/94, a justificativa é histórica, em que pese uma certa imprecisão de dados: “É a significação da realeza, porque a festa é de reis. O rei de Portugal tinha cetro e coroa e a festa começou com D. Pedro I, que chegou no Brasil. Assim é que é.” (GOUVEIA, 1997, p. 96).

5.2.4.1.1 O Cetro

O cetro, um pequeno bastão composto por um punho liso e uma haste lavrada, decorado com um laço de fita branca, simboliza o poder temporal e aparece no mundo militar e judicial, de onde lhe vem o nome de mão ou mãozinha de justiça, adaptado, no contexto do Divino, para *Mãozinha do Senhor Espírito Santo*.

OUTRAS INFORMAÇÕES

Não passava outrora de bastão de apoio usado pelos reis e generais e que se tornou insígnia de comando [...] (AN, p. 110).

Não há divergências quanto ao significado ou etimologia do termo, mas às menções à sua presença na festa; embora designe uma das insígnias mais importantes, só é registrado pelos dicionários regionais dos Açores e pelo glossário do Maranhão.

Sua função no ritual da festa está de acordo com seu significado, que é o de elemento que identifica quem exerce o poder.

5.2.4.1.2 A Coroa

Coroa é um dos termos que estão presentes em dois campos conceituais, o das Insígnias e Vestuário e o dos Símbolos. O que observei, no que diz respeito a este termo, é que há uma distinção entre o objeto que coroa o Imperador, identificando a sua posição na festa, ou seja, um objeto concreto de valor efetivo, e a coroa como símbolo, de valor abstrato e representativo do Divino Espírito Santo. Nos cânticos, o termo *Coroa* apresenta inúmeras variantes, que apresento no campo conceitual dos símbolos. Barcelos (2008, p. 191) menciona o antigo costume de levar as coroas em procissão, implorando a misericórdia divina “[...] sempre que havia um cataclismo, p. ex., o *rebentar fogo* de um vulcão [...]”, o que revela o poder milagroso atribuído a esse objeto, como a muitos outros elementos da festa – o pão, o sangue dos bezerros sacrificados para a festa, entre outros.

A coroa, em Portugal e especialmente nos Açores, é obrigatoriamente de prata. Nos Açores, onde a festa conheceu momentos de perseguição religiosa, pelo seu caráter alegre e associação a cantigas e danças profanas, uma das exigências para sua realização era a de que as insígnias – coroa, cetro e salva – fossem de prata maciça, considerando-se um desrespeito o uso de materiais menos nobres. Em Alcântara a coroa é também de prata maciça e fica sob a guarda da igreja, sendo entregue ao Imperador enquanto durar a festa.

Quanto ao formato da coroa, as primeiras coroas, cuja fabricação foi autorizada e incentivada pelo rei D. Dinis para que os nobres coroassem seus pobres, teve como modelo a coroa real, que consistia em “uma aro de prata terminando à maneira de coroa ducal e tendo na frente engastado um medalhão com o emblema da Santíssima Trindade” (BARCELOS, 2008, p. 191). Esta coroa passou a chamar-se do Espírito Santo.

SIGNIFICADOS DICIONÁRIOS GERAIS	
PORTUGUESES	BRASILEIROS
- Diadema, insígnia de soberania: <i>coroa imperial</i> (JS, p. 274).	- Ornato circular com que se cinge a cabeça (ABH, p. 387)
- Adorno circular feito de metal precioso e pedrarias para colocar na cabeça dos reis, como símbolo de soberania (DPE, p. 443).	- Adorno de folhagem, flores, metaes, pedrarias etc., com que se cinge a cabeça. Ornamento de fôrma especial, que distingue cada uma das varias categorias sociaes: corôa imperial [...] (AMS, p. 545, v. 1).
	- Ornamento de formato circular usado sobre a cabeça como insígnia de soberania ou nobreza, como emblema de vitória etc. Exs.: <i>c. imperial</i> ; <i>c. de lauréis</i> (AH).
DICIONÁRIOS ESPECIALIZADOS	
- Símbolo do paráclito, uma das insígnias do Espírito Santo, uma coroa de prata, encimada por uma pomba (JSB, p. 190); 2 - Coroa imperial, de prata ou de casquinha, encimada por um orbe de prata dourada sobre o qual assenta uma pomba de asas abertas (JSB, p. 191).	
OUTRAS INFORMAÇÕES	
Não encontradas	

Também o termo *Coroa* não apresenta variação de significados e seu uso está em consonância com o seu significado no léxico geral da língua.

Da mesma forma, apenas as obras que tratam dos falares regionais ou da terminologia da festa registram a sua função no ritual.

5.2.4.1.3 A Espada

Neste caso, foram levantados vários termos diferentes, mas com significados próximos, sempre para uma mesma função. Vale lembrar que embora os dicionários, sem divergências relevantes, apresentem descrições que possibilitam identificar esses diferentes tipos de armas, não foi possível perceber uma preocupação em denominar o objeto em conformidade com a descrição que os dicionários apresentam. Isto se deve, possivelmente, ao fato de que as armas designadas têm todas em comum serem de aparato, sem nenhum objetivo de luta, caso em que o tamanho e formato da lâmina seria fundamental. Dessa forma, possivelmente, conservou-se no falar de cada localidade, a designação da primeira espada ou equivalente e manteve-se a designação embora nem sempre tenha sido preservado o objeto ou substituído por um do mesmo tipo.

Quadro 59 – Espada e variantes

AÇORES E PORTUGAL CONTINENTAL					MARANHÃO – ILHA DE SÃO LUÍS E ALCÂNTARA				
1 – ESPADA 2 – ESPADIM 3 – ESPADIM REAL 4 – ESTÓ 5 – ESTOQUE 6 – FAIM 7 – TERÇADO					1 – ESPADA				
PRESENÇA EM DICIONÁRIOS									
2 – Pequena espada transportada no cortejo pelo condestável – São Jorge; 4 – O mesmo que Estoque; 5 – Espadim de ferro ou latão [...] (MBS, p. 89); 1,3,6,7 – TND					1 - Arma fictícia que faz parte das Posses Reais ou do Império, isto é, faz parte do conjunto de objetos que simbolizam o poder imperial (FSR, p. 104); 2,3,4,5,6,7 – TND.				
GERAIS					ESPECÍFICOS				
ABH	MAS	AH	JS	DPE	JCS	DVF	JSB	VFB	LCC
TDSE 1,2 5,6,7 TND 3,4	TDSE 1,2 5,6,7 TND 3,4	TDSE 1,5, 6,7 TND 2,3,4,	TDSE 1,2 5,7 TND 3,4,6	TDSE 1,2 5,6,7 TND 3,4,	TDSD 2 TDSE 5 TND 1,3,4, 6,7	TND 1,2,3, 4,5,6, 7	TDSD 2,5 TDSE 6 TND 1,3, 4,7	TND 1,2,3, 4,5,6, 7	TDSD 1 TND 2,3,4 5,6,7
ETIMOLOGIA									
JPM – 1 - Do gr. <i>spathe</i> “pedaço de madeira largo e chato de que se serviam os tecelões para ajustar o tecido” (p. 458); 2 – “De espada + im – [...] na acepção de pequena espada” (p. 459); 5– Do ant. fr, <i>estoc</i> , “pau, pique, estaca; espada comprida e direita” (p. 490); 6 – Origem obscura (p. 12); 7 – De <i>terço</i> , pois o seu tamanho era o de dois terços da espada (p. 291).									
AN – 1 – Do gr. <i>spathe</i> , espada de lâmina alargada na ponta, pelo lat. <i>spatha</i> , espada (p. 189);. 5 – Do al. <i>stocken</i> , fincar; ou do fr. ant. <i>estoc</i> , de <i>estoquier</i> , <i>estochier</i> (p. 199).									
AGC – 1 – Arma branca, formada de uma lâmina comprida e pontiaguda, de um ou dois gumes. Do lat. <i>spatha-ae</i> , deriv.do gr. <i>spathe</i> (p. 320); 5 – Espécie de espada comprida, com lâmina triangular ou quadrangular, que só fere de ponta. Do fr. ant. <i>stoc</i> , deriv. do frâncico <i>stok</i> (p. 332); 6 – Espadim. Origem obscura (p. 347); 7 – Espada curta. De <i>terço</i> , pois o seu tamanho era o de dois terços da espada (p. 765).									
SIGNIFICADOS DICIONÁRIOS GERAIS									
PORTUGUESES					BRASILEIROS				

1- Arma ofensiva, mais ou menos longa e ponteaguda, que ordinariamente se traz suspensa da cintura (JS, p. 425); 2 - Pequena espada , que faz parte do uniforme de certos funcionários públicos (JS, p. 426); 5 - Arma branca, comprida e direita, de forma prismática, e que fere só com a ponta (JS, 449); 7 - Espada, curta e larga (JS, p. 1113); 3,4,6,7 – TND.	1 - Arma branca, formada de uma lâmina comprida e pontiaguda, de um ou dois gumes (ABH, p. 566); 2 - Pequena espada; faina (ABH, p. 566); 5 - Espécie de espada, comprida e reta, com lâmina triangular ou quadrangular, que só fere de ponta (ABH, p. p. 587); 6 - Espadim (ABH, p. 609); 7 - Espada de folha curta (ABH, p. 1379).
1 - Arma branca constituída por uma lâmina de ferro ou de aço, comprida, perfurante, com dois gumes, punho e guardas, geralmente transportada numa bainha à cintura (DPE, p. 680). 2 - Espada curta e estreita, geralmente aparatosa (DPE, p. 680). 5 - Punhal estreito e comprido (DPE, p. 704). 6 - Ferro pontiagudo que remata as lanças e outras armas de cabo (DPE, p. 735). 7 - Espada de folha curta, recta e larga (DPE, p. 1621).	1 - Arma, que consta de lamina, ou folha com ponta, e gumes, e de copos, ou qualquer empunhadura, por onde se aperta na mão (AMS, p. 825, v.1). 2 - Pequena espada de lamina delgada com os copos ornamentados, que faz parte do uniforme de muitos funcionários públicos; espécie de florete; faim (AMS, p. 826, v.1). 5 - espada mais ou menos comprida, direita, de folha, ou lamina estreita, de três ou quatro quinas, e que fere só de ponta (AMS, p. 853, v.1). 6 - Espadim hasteado (AMS, p. 9, v.2). 7 - Espada curta, e larga (AMS, p. 887, v.2)
	1 - Arma branca de lâmina comprida, ger. pontiaguda, dotada de um ou dois gumes, e um pequeno cabo pelo qual é empunhada 5 - Espada reta e pontiaguda, com folha triangular ou quadrangular e fio não cortante [Somente a ponta causa ferimentos.] 6 - Ferro pontiagudo de lança ou de outras armas de cabo - Pequena espada; espadim 7 - Espada curta e larga; traçado (AH).
DICIONÁRIOS ESPECÍFICOS	
Sem registro	
OUTRAS INFORMAÇÕES	
Não encontradas	

Dos termos levantados, apenas *Estó* não apresentou registro em nenhum dos dicionários consultados, o que faz crer que se trate de uma variante fonológica de *Estoque*.

5.2.4.1.4 Insígnias

O termo designa o conjunto de objetos que identifica o *Império* e/ou o *Imperador*. São recorrentes a *Salva*, sobre a qual se coloca a *Coroa* e o *Cetro*. Já a *Espada* é transportada pelo próprio *Imperador* e embora se trate de uma insígnia, aparenta ser do conjunto das peças de vestuário. Embora o uso tenha consagrado *Emblemas* como sinônimo de *Insígnias*, Simões (1987, p. 114) defende que *Emblemas* “[...] têm um sentido figural enquanto aquelas [Insígnias] têm realidade material [...]”.

Quadro 60 – Insígnias e variantes

AÇORES E PORTUGAL CONTINENTAL					MARANHÃO – ILHA DE SÃO LUÍS E ALCÂNTARA				
1 – INSÍGNIAS DO ESPÍRITO SANTO 2 – ALFAIAS DO ESPRITO SANTO 3 – EMBLEMAS 4 – FERRAMENTA					1 – INSÍGNIAS 5 – POSSES REAIS				
PRESENÇA EM DICIONÁRIOS									
1 – Conjunto dos elementos do culto do Espírito Santo, usados nos diversos momentos da <i>função</i> : a <i>coroa</i> , o <i>cepro</i> , as <i>bandeiras</i> , o <i>espadim</i> , as <i>varas</i> , as <i>toalhas</i> rendadas, as <i>braçadeiras</i> , etc. (MBS, p. 114); 3 – O termo é usado nalgumas ilhas como sinônimo de insígnias (p. 87); 2,4,5 - TND					5 – Conjunto de objetos rituais e da indumentária que simbolizam o poder imperial como coroa, cetro, fita, espada, almofadão (FSR, p. 119); 1,2,3,4 – TND.				
GERAIS					ESPECÍFICOS				
ABH	MAS	AH	JS	DPE	JCS	DVF	JSB	VFB	LCC
TDSE 1,3,4 TND 2,5	TDSE 1,3,4 TND 2,5	TDSE 1,3,4 TND 2,5	TDSE 1,3,4 TND 2,5	TDSE 1,3,4 TND 2,5	TDSD 1 TND 2,3, 4,5	TND 1,2,3, 4,5	TDRF 2, TND 1,3, 4,5	TDSD 1,4 TND 2,3,5	TND 1,2,3 4,5
ETIMOLOGIA									
JPM – Do lat. insígnia, pl. de insigne, “marca, sinal, insígnia de função” (p. 305).									
AN – Do lat. <i>insignia</i> , coisas que assinalam (p. 278).									
AGC – Sinal distintivo de dignidade, de posto, etc. símbolo, emblema. Do lat. <i>insígnia</i> , pl. de <i>insigne-is</i> - em <i>signo</i> (p. 721).									
SIGNIFICADOS DICIONÁRIOS GERAIS									
PORTUGUESES					BRASILEIROS				
1 - Signal distintivo de uma dignidade, de um cargo, de uma corporação; emblema					1 - Sinal distintivo de uma função, de dignidade, de posto, de comando, de				

AGC – Do lat. <i>salvare</i> (p. 701).	
SIGNIFICADOS DICIONÁRIOS GERAIS	
PORTUGUESES	BRASILEIROS
1 – Espécie de bandeja: <i>salva de prata</i> (JS, p. 1027).	1 – Tipo de bandeja redonda e pequena (ABH, p. 1275).
1 – Bandeja de prata (DPE, p. 1501).	1 – Peça de serviço de vidro, prata, ou outro metal; espécie de prato sustentado em um, ou mais pés, sobre que se traz a taça, copo, etc. (MAS, p.763, v. 2).
	1 – Espécie de bandeja ou prato em que se trazem taças, copos etc. (AH).
DICIONÁRIOS ESPECIALIZADOS	
- Taça de prata lavrada, com pé, onde assenta a <i>Coroa</i> do espírito Santo, também chamada <i>bandeja</i> ou <i>prato</i> (JSB, p. 500)	
OUTRAS INFORMAÇÕES	
1 – Originariamente era a prova que se fazia da comida e da bebida que iam ser servidas ao rei e grão-senhores para salvá-los de possível envenenamento: o prato em que eram servidas tomou o nome de <i>salva</i> (ABH, p. 1275).	

O termo *Salva*, que designa também um tipo de cântico de saudação, foi pesquisado aqui apenas no seu significado de objeto sobre o qual fica a Coroa e o Cetro, em alguns momentos do ritual. As outras designações – *Bandeja*, *Prato* e *Taça* – pertencem também ao léxico geral da língua, com o mesmo sentido.

5.2.5 Instrumentos e outras referências musicais

O campo dos instrumentos musicais foi um que apresentou menor número de termos – vinte e oito – dos quais seis apresentam de duas a seis variantes. Tanto a variedade de instrumentos como a de variantes terminológicas é muito maior em Portugal, com vinte e dois termos, especialmente nos Açores, do que no Maranhão, com apenas seis termos e onde o instrumento tradicional e típico, característico da festa, é a *Caixa*.

Dos termos referentes a música que selecionei, apenas dois não designam instrumentos ou complementos de instrumentos musicais – *Baixão* e *Pé quebrado* – ambos utilizados pelas caixeiras maranhenses, para mencionar um tom dos cânticos e um verso mal construído, respectivamente.

5.2.5.1 Tambores e Caixas

Os termos para comparação são pouco numerosos e apenas dois devem ser destacados. Ainda assim, é importante observar que se trata de uma segunda forma de equivalência, sempre no âmbito da festa, ou seja, termos diferentes para o mesmo objeto em *Tambor/Caixa* e suas variantes e em *Baqueta/Gambito* e suas variantes.

Vale ressaltar que o número maior de variantes ocorre nos termos *Tambor* e *Pandeiro*, os mais frequentes nas *Folias*, e ainda no termo *Viola*.

Quadro 62 – Termos para comparação – instrumentos musicais

AÇORES E PORTUGAL CONTINENTAL	MARANHÃO – ILHA DE SÃO LUÍS E ALCÂNTARA
ACORDEANO	
	BAIXÃO
BAQUETAS	GAMBITOS/ VAQUETAS/ VANQUETAS
CHIM-CHIM/ PRATOS/ TESTOS	
CHOCALHO	
FERRINHOS	
PANDEIRO/ PANDEIRO DE CHOCALHAR	
	PÉ QUEBRADO
SISTROS/ TRINCHOS	
TAMBOR/ TAMBOR DA FOLIA/ TAMBOR DO ESPÍRITO SANTO/ TAMBORINHO/ TAROLA	CAIXA
TRINCADEIRAS	
VIOLA/ VIOLA DA TERRA/ VIOLA DE ARAME/ VIOLA DE DOIS CORAÇÕES	
VIOLÃO	

Considerarei *Tambor* e *Caixa* como termos equivalentes no ritual da festa, embora possa haver uma diferenciação técnica entre estes dois instrumentos.

Quadro 63 – Tambores e Caixas

AÇORES E PORTUGAL CONTINENTAL					MARANHÃO – ILHA DE SÃO LUÍS E ALCÂNTARA				
1 – TAMBOR 2 – TAMBOR DA FOLIA 3 – TAMBOR DO ESPÍRITO SANTO 4 – TAMBORINHO 5 – TAROLA					6 – CAIXA				
PRESENÇA EM DICIONÁRIOS									
1 – Caixa de forma cilíndrica, com dois fundos de pele tensa, sobre um dos quais se toca com baquetas. Instrumento musical usado, em algumas ilhas, pelos Foliões (MBS, p. 171); 2,3,4,5,6 – TND.					6 – Tambor de madeira revestido de couro nas duas extremidades, com armação de metal e cordas, pintado de cores vivas e percutido por varetas (FSR, p. 93); 1,2,3,4,5 – TND.				
GERAIS					ESPECÍFICOS				
ABH	AMS	AH	JS	DPE	JCS	DVF	JSB	VFB	LCC
TDSE	TDSE	TDSD	TDSE	TDSD	TND	TDSD	TDSD	TND	TND
1,5,6	1,5,6	6	1	5	1,2,3	6	1	1,2,3	1,2,3
TND	TND	TDSE	TND	TDSE	4,5,6	TND	TDRF	4,5,6	4,5,6
2,3,4	2,3,4	1,5	2,3,	1,6		1,2,3,	2,3,5		
		TND	4,5,6	TND		4,5	TND		
		2,3,4		2,3,4			4,6		
ETIMOLOGIA									
JPM – 1 – Do ár. <i>tambur</i> , propriamente “guitarra”, mas esta palavra sofreu, segundo parece, contaminação semântica do persa <i>tabir</i> , “tambor”, que entrou em árabe. A aparência formal deste acabou por influenciar o outro impondo-lhe o seu sentido. (p. 265); (2, 3, 4, 5) – TND; 6 – TDSD – Do lat; <i>capsa</i> “caixa para livros, para papéis; caixa , cofre para conservar frutas”, pelo prov. <i>caissa</i> , ou pelo cat. <i>Caixa</i> , em resultado de relações comerciais (p. 26).									
AN – 1 - [...] Lokotsch [...] deriva do persa <i>dānbārā</i> , cítara, através do ár. <i>tanbur</i> , que significa o mesmo; Dozy [...] étimo celta; [...] Eguilaz [...] lat. <i>tympanu</i> , gr. <i>tympanon</i> ; Dalgado [...] sânscrito <i>tambula</i> , através do persa <i>tambul</i> e do ár. <i>attambul</i> (p. 484); (2, 3, 4, 5) – TND; 6 – TDSD – Do gr. <i>kapsa</i> pelo lat. <i>capsa</i> e pelo prov. <i>caissa</i> (p. 87;)									
AGC – 1 – Do ár; at-tanbûr – instrumento de percussão (p. 753)									
SIGNIFICADOS DICIONÁRIOS GERAIS									
PORTUGUESES					BRASILEIROS				
1 – Caixa cylíndrica, cujos fundos são formados por pelles tensas, sobre uma das quaes se batecom duas baquetas para tirar sons (JS, p. 1090);					1 – qualquer dos instrumentos de percussão, com uma ou duas membranas esticadas, as quais, percutidas, produzem sons indeterminados (ABH, p. 1362);				

6 – Cilindro de tambor (JS, p. 171)	5 – O m.q. tarol – tambor intermediário entre a caixa clara soprano e a contralto [...] (ABH, p. 1367); 6 – Designação comum a vários instrumentos de percussão do gênero tambor (ABH, p. 253).
1 – Instrumento de percussão com uma membrana (de pele ou de plástico) esticada sobre um corpo oco cilíndrico de madeira, metal ou outro material, e que se percute com baquetas (DPE, p. 1599); 6 – Instrumento tocado com duas baquetas em posição horizontal, possuindo geralmente um ou mais bordões sobre a pele inferior (DPE, p. 281).	1 – Instrumento de percussão, ger. de forma cilíndrica, revestido por uma ou duas membranas nas extremidades que, quando tocado com as mãos ou baquetas, produz som de acordo com o seu tamanho e a sua afinação (p.ex., atabaque, caixa, zabumba etc.); 5 – O m. q. <i>tarol</i> : pequena caixa-clara que se percute com duas baquetas (AH).
DICIONÁRIOS ESPECIALIZADOS	
JSB – Registra 2 e 3 (p. 532) como sinônimos e 5 (p. 535) como equivalente, mas de dimensões e timbre diferentes; 1 é definido com o tocador e não como o instrumento, embora registre: “Aquele que toca o <u>tambor</u> (grifo meu) nas <i>Folias do Espírito Santo</i> ”(p. 532);	
OUTRAS INFORMAÇÕES	
6 – O Dicionário Prático Ilustrado registra, entre outras designações, caixa-tarola, informando que se trata do mesmo que TAROLA, mas não registra esse verbete específico (JS, p. 171).	

Todos os dicionários etimológicos mencionam a origem árabe do termo e registram o sentido original, que é o de outros tipos de instrumentos musicais, a guitarra árabe ou a cítara persa. A etimologia explica a evolução do sentido pela contaminação pelo persa *tabir*, que entrou no árabe com a forma *tanbur* po *at-tambûr*.

5.2.5.2 Para os Tambores, Baquetas, para as Caixas, vaquetas

O segundo termo deste campo refere-se a um objeto que está em estreita relação com o anterior, já que se trata das varetas com as quais se toca o tambor ou caixa.

Quadro 64 – Baquetas e vaquetas

AÇORES E PORTUGAL CONTINENTAL	MARANHÃO – ILHA DE SÃO LUÍS E ALCÂNTARA
1 – BAQUETAS	2 – VAQUETAS 3 – GAMBITOS 4 – VANQUETAS
PRESENÇA EM DICIONÁRIOS	

1,2,3,4 – TND.					2,3,4 – Varetas com que são percutidas as caixas (mas. 107 e 128); 1 – TND.				
GERAIS					ESPECÍFICOS				
ABH	AMS	AH	JS	DPE	JCS	DVF	JSB	VFB	LCC
TDSD	TDSD	TDSD	TDSD	TDSD	TND	TND	TND	TND	TND
2	2	2,3	3	3	1,2,	1,2,	1,2,	1,2,	1,2,
TDSE	TDSE	TDSE	TDSE	TDSE	3,4	3,4	3,4	3,4	3,4
1,3	1,3	1	1,2	1,2					
TND	TND	TND	TND	TND					
4	4	4	4	4					
ETIMOLOGIA									
JPM – 1 – Do it. <i>bacchetta</i> , de <i>bacchetto</i> , este do lat. vulgar <i>baccus</i> “bastão, maçã” (p. 388); 2 – Vara. Será, realmente, alteração de <i>baqueta</i> (p. 376); 3 – Talvez do it. <i>gambito</i> ; 4 – TND.									
AN – 1 – Do it. <i>Bacchetta</i> (p. 62); 2 – (vara); Alteração de <i>baqueta</i> (p. 519); 3 – Do it. <i>gambetto</i> , sancadilha (p. 234); 4 – TND.									
AGC – 1 – Do it. <i>bacchéta</i> , de <i>bacchéto</i> , deriv. do lat. vulg. <i>baccus</i> ‘bastão, maçã’ (p. 97).									
SIGNIFICADOS DICIONÁRIOS GERAIS									
PORTUGUESES					BRASILEIROS				
1 – Pequena vara com que se toca tambor (JS, p.127); 2 – O m. q. <i>baqueta</i> (JS, p. 1180).					1 – Pequena vara de madeira com que se percutem os tambores (ABH, 183); 3 – Variante de <i>baqueta</i> (ABH, p. 1454).				
1 – Vareta de madeira com que se percutem o tambor, o timbale, etc. (DPE, p. 217); 2 – O m. q. <i>baqueta</i> (DPE, p. 1710);					1, 3 – Pequena vara de pau delgada e torneada, mais grossa em uma extremidade, com que se tocam os tambores; diz-se também vaquetas e toca-se com duas ao mesmo tempo (AMS, p. 316)				
					1 – vareta curta de madeira us. Para percutir tambores e afins (AH).				
DICIONÁRIOS ESPECIALIZADOS									
Sem registro									
OUTRAS INFORMAÇÕES									
Machado (1989, p.122), no verbete <i>gambito</i> , faz menção a <i>gambeto</i> , como forma divergente e remete a <i>cambito</i> , em português; o Dicionário Porto Editora (2008) apresenta <i>gambeta</i> e <i>gambito</i> (p. 820) como trapaça no jogo ou finta e <i>gambeta</i> (p. 820) e <i>cambito</i> (p. 297) como perna e perna fina, respectivamente, de onde se pode fazer uma associação de imagens e ideias.									

A etimologia das variantes obtidas explica a sua escolha para designar o objeto, já que se trata de pequenos bastões delgados e curtos. A consulta a dicionários gerais parece

apontar para *Vanquetas* como variante fonológica, uma vez que o termo não está dicionarizado. Já *Gambitos* está presente em todos os dicionários gerais consultados, mas sempre com sentido diferente.

5.2.6 *Locais e Tempos da festa*

Neste campo conceitual, que apresenta dois aspectos, o dos locais e o dos tempos da festa, levantei oitenta e oito termos, equilibradamente distribuídos: quarenta e quatro para os *Locais* e quarenta e quatro para os *Tempos* da festa. Dos termos referentes a *Locais*, trinta e sete são encontrados em Portugal Continental e Açores e sete no Maranhão, com apenas um termo comum. Destes termos, cinco apresentam um número de variantes que vai de duas a catorze. Essas variantes são sempre mais numerosas em Portugal do que no Maranhão. No que se refere aos *Tempos* da festa quarenta termos são portugueses e quatro maranhenses, sem qualquer termo comum. Para a seleção dos termos para comparação levei em conta o significado equivalente, já que são raras as formas iguais nas localidades definidas.

5.2.6.1 *Os Impérios açorianos*

Um dos termos com maior número de variantes deste campo conceitual é o de *Império* (Fig. 42) com significado de construção arquitetônica. As variantes podem ser lexicais – como em *Casa do Espírito Santo* e *Império* – ou fonológicas – como em *Teatro*, *Triato*, *Treatro* ou *Triatro*.

Figura 42 – Império de São Sebastião – Ilha Terceira



Fonte: Acervo da autora

Este mesmo termo está presente em outros campos conceituais, com outros significados. No âmbito deste campo, o termo tem acepções registradas por dois dicionários gerais: Ferreira (2004) – “Bras. Pop. Coreto armado ao lado das igrejas por ocasião das festas do Espírito Santo” – e por Houaiss:

(Regionalismo: Açores, Madeira, Brasil) recinto (coreto, capela ou ermida de madeira ou de pedra) onde se expõe a coroa do Espírito Santo no Domingo de Pentecostes; arraial por ocasião dessas festividades; (Derivação: por metonímia. Regionalismo: Açores) o conjunto de festejos em honra do Divino Espírito Santo (2007).

No que se refere a Império como espaço de realização da festa é, segundo Barcelos:

Capela ou ermida, no início do povoamento feita de madeira, montada na altura da festa, onde se expunha a Coroa e os restantes emblemas, e se realizava parte da Festa do Espírito Santo. Comum a todas as ilhas, actualmente é um pequeno edifício, com arquitectura distinta, em torno do qual se realizam as actividades do culto do Espírito Santo. Aliás a sua arquitectura varia de ilha para ilha, desde um simples telheiro no tardo das igrejas, na ilha de Santa Maria, até capelas vistosamente ornadas e encimadas pela Coroa imperial, na Ilha Terceira. O aparecimento dos Impérios como edifícios permanentes em alvenaria data da última metade do século XIX, provavelmente em resultado do retorno de dinheiro dos emigrantes do Brasil e da América (2008, p. 308).

Ou, para Simões:

Designando inicialmente as festividades, significa hoje também a pequena construção de alvenaria, ou de madeira, onde se realiza parte das cerimónias das festas do Espírito Santo e na qual, durante esse período, se expõem as *insígnias* – (SIMÕES, 1987, p.109).

Na acepção de construção, são registradas por Simões outras designações, diferentes segundo as ilhas onde são encontrados os impérios e ainda segundo a época em que foram encontradas essas designações:

Os *impérios* de Santa Maria – *alpendres* – são construções simples de alvenaria; em São Jorge usam-se, como *Impérios*, armações de madeira e vidro, assim como construções de alvenaria, de tipologia semelhante à da Terceira; no Faial e no Pico usaram-se inicialmente *arramadas* mas hoje estão generalizadas as pequenas construções de alvenaria que se assemelham a pequenas ermidas; nas Flores e no Corvo as *Casas do Espírito Santo* são simples construções de alvenaria, sem tipologia definida, apenas assinaladas com o emblema do E. S.; Na Graciosa encontram-se ainda alpendres de alvenaria, mas, também, edifícios do *Império* semelhantes aos da Ilha Terceira; em São Miguel a par dos *teatros* de madeira [...] encontram-se *Impérios* de alvenaria que não revelam uniformidade tipológica. Na Terceira o Império atinge uma uniformidade estrutural (1987, p. 109).

Verifica-se que houve uma evolução do tipo de construção no sentido de uma progressiva solidez da estrutura utilizada para abrigo das insígnias e para algumas etapas da festa; de improvisadas arramadas, “caramanchões cobertos de ramos verdes” (SIMÕES, 1987, p. 30) o espaço passa a ser construído em madeira ou madeira e vidro – *Teatros*, *Triatos*, *Treatros* ou *Triatros* – para finalmente serem feitos de alvenaria em construções simples – os *Alpendres* e *Casas do Espírito Santo* – ou rebuscadas como os *Impérios* da Ilha Terceira.

Outro termo curioso é *Cadafalso*, utilizada em três ilhas – São Jorge, Pico e Faial. Registrado por Cunha como:

orig. estrado, andaime XVI, *cadafallsso* XV, *cadafayses* pl XIV; ext. tablado ou estrado erguido em lugar público, para sobre ele se executarem condenados XVIII”, do cat. *Cadafal* ou *cadafalc* derivado do prov. *Cadafalcs* e, este, do latim vulgar *catafalicum*, resultante do cruzamento de *catasta* ‘estrado onde os escravos eram postos à venda’ “leito de ferro destinado a torturas” com *fala* “torre de madeira” (1986, p.134).

O termo é mais conhecido e dicionarizado na acepção de “patíbulo”, ou de “tablado, andaime, estrado, erguido em lugar público, para nelle se exporem ou executarem os condemnados” (SÉGUIER, 1931, p. 169). Mas é certamente pela circunstância de se tratar, nessa acepção, de um tablado elevado, um estrado ou um palanque que, por associação, são assim também designados os impérios, primitivamente construídos como estrados de madeira. Dos dicionários gerais consultados, Houaiss registra o termo como “(Regionalismo: Açores) construção na qual se realizam as comemorações de Pentecostes” (2007), e Silva (1890, p.377) registra, além do significado de “patíbulo”, a seguinte significação a que corresponde o emprego do termo no âmbito da festa: “[...] Estrado levantado do chão, tablado para se ver melhor o que n’elle se executa, que é alguma acção pública, solemne, como momos, entremezes, danças, a coroação de um rei, etc.”. Está registrado no dicionário regional (BARCELOS, 2008) e no glossário (SIMÕES, 1987) consultados:

Como o termo *Império* como construção arquitetônica não tem equivalente na festa maranhense, deixei de analisá-lo mais profundamente, embora o número e o tipo de variantes justifiquem um estudo acurado.

5.2.6.2 Altares, Casas de função/do Divino, Casa-do-meio/Salão e suas variantes – termos comuns

Observei que alguns termos possuem grande número de variantes, que podem ser de natureza diatópica, uma vez que a festa é realizada pelas várias freguesias das nove ilhas

do arquipélago, ou de natureza diacrônica, apresentando a adequação aos diferentes modelos que evoluíram ao longo dos tempos, de espaços rústicos e provisórios para construções elaboradas e definitivas.

Quadro 65 – Termos para comparação – Locais da festa

AÇORES E PORTUGAL CONTINENTAL	MARANHÃO – ILHA DE SÃO LUÍS E ALCÂNTARA
AÇOUGUE	
ALCOFA	
ALPENDRE/ ARRAMADA/ CADAFAISO/ CASA DO ESPRITO SANTO/ CASINHA DO ESPRITO SANTO/ COPA/ COPEIRA/ ENRAMADA/ IMPÉRIO/ IMPÉRIO DO E.S/ TEATRO/ TREATRO/ TRIATO/ TRIATRO/ RAMADA	
ALTAR DO ESPRITO SANTO/ ALTARINHO/ TRABANACLE/ TRABANACO/ TRONO	ALTAR/ TRONO
BARRACA	
CAMARIM	
CASAS DA VILA/ CASA DE-ALTO-E-BAIXO/ CASAS DE VER A FESTA	
CASA DE FUNÇÃO	CASA DO DIVINO
CORETO	
DESPENSA/ DISPENSA	
QUARTO DA IMPERATRIZ	
QUARTO DO ESPRITO SANTO	
CASA-DO-MEIO/ MEIO DA CASA/ JARDIM/ SALA	SALÃO/ TRIBUNA/ TRIBUNAL/ CORTE/

A simples observação do quadro acima aponta para a importância e amplitude da festa, uma vez que os espaços a ela destinados são numerosos e variados. Embora haja pouca coincidência de termos e um número relevantemente maior de espaços nos Açores, é preciso destacar que isso não determina uma amplitude ou importância menor das festas maranhenses, que contam permanentemente, por exemplo, com os espaços dos terreiros.

Vale destacar o termo Casas da Vila e suas variantes, que designam espaços que podem ser de apenas um quarto ou de um andar inteiro que as famílias de outras freguesias ocupam para acompanhar a festa.

5.2.6.2.1 Altares, Tronos, Trabanacles – mais uma vez entre o sagrado e o profano

Dos termos selecionados para comparação, o primeiro deste campo conceitual refere-se ao espaço reservado para exposição das insígnias, em tudo semelhante em Portugal e no Maranhão. As designações comuns – *Altar* e *Trono* (Fig. 43) – remetem ao aspecto final deste espaço e à sua função prática.

Figura 43 – Altar no Maranhão



Fonte: Acervo do Projeto ALiMA

Nos Açores, além das variantes derivadas de *altar* – *altar do Espírito Santo* (Fig. 44) e *altarinho*, esta última sugerindo mais uma designação afetiva do que uma referência a tamanho – ocorre ainda o termo *trabanacle* ou *trabanaco*, corruptelas de tabernáculo, o local em que fica o cálice da eucaristia, sem dúvida em razão da semelhança estrutural, mas

também pelo valor sagrado que as insígnias têm, uma vez que simbolizam o próprio Espírito Santo.

Figura 44 – Altar nos Açores



Fonte: Acervo da autora

Quadro 66 – Altar e variantes

AÇORES E PORTUGAL CONTINENTAL					MARANHÃO – ILHA DE SÃO LUÍS E ALCÂNTARA				
1 – ALTAR 2 – ALTAR DO ESPRITO SANTO 3 – ALTARINHO 4 – TRABANACLE 5 – TRABANACO 6 – TRONO					1 – ALTAR 6 – TRONO				
PRESENÇA EM DICIONÁRIOS									
1 – <i>Altar</i> em forma de escada, de forma piramidal, protegido por um docel de rendas brancas, decorado com luzes e flores, que se ergue em casa do <i>Imperador</i> , no <i>meio da casa</i> , e sobre o qual são colocadas as <i>insígnias</i> do Divino: <i>coroa e ceptro</i> (MBS, p. 177); 4 – Corruptela de tabernáculo, que designa o altar do Espírito Santo(MBS, p. 174); 5 – O m. q. <i>trono</i> (MBS, p.27) 2,3,6 – TND.					1 – Armação em degraus, revestida de tecido e decorada com flores, colocada na parte central do salão principal, para expor as insígnias (FRS, p.86); 2,3,4,5,6 – TND.				
GERAIS					ESPECÍFICOS				
ABH	AMS	AH	JS	DPE	JCS	DVF	JSB	VFB	LCC
TDSD	TDSE	TDSD	TDSD	TDSD	TND	TND	TDSD	TDSD	TND
1,6	1,6	1,6	1,6	1	1,2,3,	1,2,3,	1	1	1,2,3
TND	TND	TND	TND	TDSE	4,5,6	4,5,6	TDRF	TND	4,5,6
2,3	2,3,	2,3	2,3	6			2,3,4,	2,3,4	
4,5	4,5	4,5	4,5	TND			5,6	5,6,	

				2,3, 4,5					
ETIMOLOGIA									
JPM – 1 – Do lat. <i>altare</i> (p. 215); 6 – Do gr. <i>thrónos</i> , ‘assento elevado; espécie de cadeira alta [...]’ (p. 344).									
AN – 1 – Do lat. <i>altare</i> (p.23); 6 - Do gr. <i>thrónos</i> , assento (real), pelo lat. <i>thronu</i> (p. 510).									
AGC – 1 – ‘Mesa onde se oficiam alguns cultos religiosos’ [...] do lat. <i>altare-is</i> , de <i>altus</i> (p. 35); 6 – ‘sólio elevado em que os soberanos se assentam nas ocasiões solenes [...] Do lat. <i>thronus</i> ’ (p. 793).									
SIGNIFICADOS DICIONÁRIOS GERAIS									
PORTUGUESES					BRASILEIROS				
6 – Espécie de escadaria sobranceira ao altar-mor no cimo da qual se expõe a Eucaristia (DPE, p. 1680).					1 – Oratório, ou capella que se levanta nas casas particulares por ocasião de festa, ou em câmara ardente, e na rua ou no campo, para celebração de algum acto religioso e solemne (AMS, p. 145); 6 – Throno – Nos templos catholicos, serie de degraus, colocados acima do altar, terminando n’um camarim com seu espaldar e docel, em que se expõe a Hostia Consagrada, ou o Santo Lenho, ou alguma imagem a que a Igreja rende culto (AMS, p. 806).				
DICIONÁRIOS ESPECIALIZADOS									
JSB – Registra 2 (p. 60) e 6 (p. 565) em verbetes específicos e menciona 1 e 3 (p. 565) nesses verbetes, todos com o mesmo significado.									
OUTRAS INFORMAÇÕES									
Não encontradas									

Todos os outros dicionários gerais consultados registram altar como mesa de culto ou sacrifício e trono como assento para soberanos. Em que pese a aparente divergência de sentido entre *Altar* e *Trono*, confirmada pela consulta a dicionários gerais, que registram os termos com significados diferentes ou, no máximo, equivalentes, da etimologia e descrição dos termos foi possível depreender uma convergência de formas – em degraus – e de função – a de servir à exposição das insígnias.

Considerarei, assim, haver relação de sentido nas definições que mencionavam a forma em degraus ou a função de exposição.

5.2.6.2.3 Casa-do-meio e Salão e suas variantes

O terceiro termo e suas variantes também têm como ponto comum o significado, relacionado ao uso, e não a forma. O Dicionário dos Falares dos Açores (BARCELOS, 2008, p. 498), registra *Sala* como “Nome que antigamente se dava ao espaço do *meio-da-casa* destinado ao *balho*, pelas festas do Espírito Santo, quando a Coroa estava numa casa particular”; registra também *Salão*, como “Sala de estar”. Há, assim, uma relação de significado entre estes termos açorianos e o termo salão da festa maranhense. Optei, no entanto, por selecionar apenas aqueles em que a definição fosse claramente expressa, evidenciando a direta relação entre eles. Lopes (2006, p. 43) menciona o emprego de três outros termos relacionados, em pontos do continente: “Quarto da prenda” na Meia Via, “Quarto da coroa” na Árgea/Olaia e “Casa da coroa” em Carregueiros/Tomar.

Quadro 68 – Salão e variantes

AÇORES E PORTUGAL CONTINENTAL					MARANHÃO – ILHA DE SÃO LUÍS E ALCÂNTARA				
1 – CASA-DO-MEIO 2 – MEIO-DA-CASA 3 – JARDIM					4 – SALÃO 5 – TRIBUNA 6 – TRIBUNAL 7 – CORTE				
PRESENÇA EM DICIONÁRIOS									
2 – Chama-se <i>meio da casa</i> à sala de entrada que é sempre divisão mais espaçosa. É nela que se arma o <i>trono</i> , na casa do <i>Imperador</i> (MBS, p. 130); 1,3,4,5,6,7 – TND.					4 – Tribuna, trono, tribunal, designação dada em algumas casa de culto (FSR, p. 123); 5 – Salão decorado onde ficam as insignias e onde ficam sentados os membros do Império; Armação em degraus com cadeiras ao fundo do salão (FSR, p. 127); 6 – O m. q. Tribuna (FSR, p. 128); 7 – Tribuna, depois da instalação do Império (FSR, p. 99); 1,2,3 – TND.				
GERAIS					ESPECÍFICOS				
ABH	AMS	AH	JS	DPE	JCS	DVF	JSB	VFB	LCC
TDSD 3,4,5, 6,7 TND 1,2	TDSD 3,5, 6,7 TDSE 4 TND 1.2	TDSD 3,4,5, 6,7 TND 1,2	TDSD 3,6,7 TDSE 4,5 TND 1,2	TDSD 3,6,7 TDSE 4,5 TND 1,2	TDSD 7 TND 1,2,3, 4,5,6	TND 1,2,3, 4,5 6,7	TDSD 7 TDSE 4 TDRF 1,2 TND	TDSD 4,7 TND 1,2,3, 5,6	TND 1,2,3, 4,5 6,7

						3,5,6		
ETIMOLOGIA								
JPM – 3 - Do fr. <i>jardin</i> , na Idade Média <i>gart, jart</i> [...] (p. 343); 4 – Sala grande. Do fr. <i>salon</i> , que, por sua vez, provém do it. <i>salone</i> , aumentativo de sala (p. 143); 5 – Do baixo lat <i>tribuna</i> , “púlpito do tribunal” (p. 336); 6 – Do lat. <i>tribunale</i> , “tribunal, estrado em semi-círculo onde se sentavam os magistrados [...] camarote do pretor [...] <i>fig.</i> , altura, elevação” (p. 336); 7 – Do lat. <i>cohorte</i> (p. 237).								
AN – 3 – Do fr. <i>jardin</i> , de origem germânica (p. 283); 4 – Do fr. <i>salon</i> , pequena sala, passando de diminutivo a aumentativo (p. 454); 5 – Do b. lat <i>tribuna</i> , de <i>tribunal</i> , por apócope (p. 507); 6 – Do lat. <i>tribunal</i> (p. 505); 7 – Do lat. <i>cohorte</i> , <i>chorte</i> , capoeira, depois quinta [...], fazenda [...] A <i>corte</i> sucedeu <i>curte</i> , residência rural de um fidalgo franco e também sua casa [...] e o tribunal de justiça que sentenciava em nome dele (p. 138).								
AGC – 3 – ‘terreno onde se cultivam plantas ornamentais’ Do fr. <i>jardin</i> , do antigo <i>jart</i> , derivado do frâncico <i>gard</i> (p. 453); 4 – ‘o compartimento principal duma casa [...]’. Do fr. <i>salon</i> , do it. <i>Salone</i> (p. 699); 5 – ‘púlpito’ [...] Do fr. <i>tribune</i> (p. 788); 6 – ‘cadeira de juiz ou magistrado’. Do lat. <i>tribunal-is</i> (p. 788); 7 – ‘palácio real’ [...] Do lat. vulg. <i>cors cortis</i> (cláss. <i>cohors</i>) (p. 221).								
SIGNIFICADOS								
DICIONÁRIOS GERAIS								
PORTUGUESES					BRASILEIROS			
4 – Sala grande (JS, p. 1024); 5 – Nos lugares de reunião, lugar alto e reservado para as pessoas privilegiadas (JS, p. 1152);					5 – Lugar reservado para autoridades e pessoas importantes por ocasião de reunião pública [...] Arquivancada (ABH, p. 1418). 7 – Bras. Denominação dada aos tribunais (ABH, p. 392).			
4 – Sala grande; Recinto próprio para exposição de obras de arte, para espetáculos, bailes, etc. (DPE, p. 1497); 5 – lugar alto e reservado a pessoas privilegiadas, durante uma cerimônia ou sessão (DPE, p. 1669).					4 – Sala grande destinada geralmente a bailes, reuniões, etc. (AMS, p. 760);			
DICIONÁRIOS ESPECIALIZADOS								
Sem registro								
OUTRAS INFORMAÇÕES								
Não encontradas								

Os termos pesquisados, sob uma análise preliminar, não revelam referir-se a um mesmo espaço ou a espaços semelhantes, o que é aparentemente confirmado pela consulta a dicionários gerais que registram significados diferentes ou equivalentes. No entanto, têm em

comum tratarem-se de espaços amplos e reservados a pessoas importantes, o que define bem o uso dos espaços designados pelos termos obtidos. É possível que associações de ideias tenham contribuído para a adoção de algumas das variantes; é o caso, por exemplo, de *Tribuna* e *Tribunal* (Fig. 45) com arquibancada, púlpito, lugar em que ficam em evidência as pessoas importantes.

Figura 45 – Tribuna ou tribunal



Fonte: Acervo da autora

O termo *Corte* pode ter assumido esse significado por associação com *Tribunal*, uma vez que esse é um dos significados registrados em dicionários, como brasileirismo: “Denominação dada aos tribunais” (FERREIRA, 1975 p. 392).

5.2.6.3 Tempos do Espírito Santo

Dos 44 termos levantados, encontrei apenas equivalência de sentidos em dois, referentes ao dia principal da festa, com três variantes em Portugal e duas no Maranhão, e à festa propriamente dita, designada no Maranhão sempre como Festa do Divino e com 17 variantes em Portugal, embora muitas dessas variantes designem as várias modalidades e finalidades que a festa pode apresentar.

Alguns outros termos designam momentos que podem ocorrer também no Maranhão, sem designação especial que os identifique.

5.2.6.3.1 Festa do Divino Espírito Santo e seu dia principal – termos para comparação

No Maranhão, levantei apenas três momentos com denominações específicas, uma das quais – *Domingo de Pentecostes* – com a variante *Domingo do Espírito Santo*. Em Portugal, especialmente nos Açores, há um número maior de momentos com denominação específica, em razão de terem sido incorporados à festa outras manifestações decorrentes de milagres ou fenômenos curiosos ou inexplicáveis como a presença de uma pomba na missa de agradecimento pelo fim de uma epidemia, ocorrida no século XVII, ou ainda por terem sido incorporados outros rituais, como a distribuição das sobras do pão, em fatias. Dos 44 termos levantados apenas quatro são usados no Maranhão, e nenhum deles ocorre com a mesma forma em Portugal.

Quadro 69 – Termos para comparação – Tempos do Espírito Santo

AÇORES E PORTUGAL CONTINENTAL	MARANHÃO – ILHA DE SÃO LUÍS E ALCÂNTARA
BODO	
DIA DO BEZERRO/ FESTA DO BEZERRO/ SEXTA-FEIRA DE GUEIXOS	
DIA DO BODO/ DIA DA POMBINHA/ DOMINGO DA POMBINHA/ FESTA DA POMBINHA	
DIA DO BODO DAS FATIAS	
DOMINGO DA FATIA	
DOMINGO DA FESTA/ DOMINGO DE BODO/ FESTA VELHA	DOMINGO DE PENTECOSTES/ DOMINGO DO ESPÍRITO SANTO
	DOMINGO DO MEIO
FERMENTOS	
FESTA DO ESPRITO SANTO/ DOMINGAS / FESTA NOVA/ FUNÇÃO/ IMPÉRIO/ IMPÉRIO DA CARIDADE/ IMPÉRIO DE CRIANÇAS/ IMPÉRIO DE MULHERES/ IMPÉRIO DE DEFUNTO/ IMPÉRIO DE HERDEIROS/ IMPÉRIO DE S. JOÃO/ IMPÉRIO DOS NOBRES/	FESTA DO DIVINO

IMPÉRIO DOS VELHACOS/ IMPÉRIOS DO MONTE/ JANTARES/ TEMPO DOS IMPÉRIOS/ VODA	
FUNÇÃO FORA DO TEMPO/ FESTA GRANDE	
GASTOS/ JANTAR DO ESPRITO SANTO/ SOPAS DO ESPÍRITO SANTO/ SOPAS DO IMPÉRIO/ SOPAS DO SENHOR ESPÍRITO SANTO	
OITAVA	
QUINTA-FEIRA DOS BRINDEIROS	

Como se pode observar, há pouca convergência de termos, embora haja equivalência entre o tempo do Divino em Portugal e no Maranhão e apesar das mudanças ocorridas em relação ao período dos festejos. Observei também que o número de designações é muito mais rico, assim como o número de variantes dessas designações, em Portugal e, especialmente, nos Açores, do que no Maranhão, onde só há designação própria para os dias que o calendário católico assim estabeleceu. Em geral, as descrições da festa mencionam apenas a ordem dos dias – primeiro, segundo etc. – ou os dias da semana em que correm as etapas da festa, em relação aos domingos, que servem de pontos de referência.

Apesar da festa ser realizada o ano todo, em diferentes locais, não há uma indicação de que isso constitua uma exceção ou uma irregularidade, como acontece nos Açores em que é designada por *Função fora do tempo*.

A respeito do termo *Função*, que não é utilizado no contexto da festa, no Maranhão, vale lembrar que está, no entanto, presente na expressão: “Vai começar a função” que indica que uma festa, ou uma movimentação já esperada vai começar.

5.2.6.3.2 O Domingo, dia da festa

Como se vê no quadro abaixo, no Maranhão conservou-se apenas a designação definida pela Igreja católica, enquanto que, especialmente nos Açores, foram criadas variantes mais diretamente associadas à festa.

Quadro 70 – Domingo da festa ou de Pentecostes

AÇORES E PORTUGAL CONTINENTAL					MARANHÃO – ILHA DE SÃO LUÍS E ALCÂNTARA				
1 – DOMINGO DA FESTA 2 – DOMINGO DE BODO 3 – FESTA VELHA					4 – DOMINGO DE PENTECOSTES 5 – DOMINGO DO ESPÍRITO SANTO				
PRESENÇA EM DICIONÁRIOS									
1,2,3,4,5 – TND					4,5 – Domingo em que se festeja a manifestação do Espírito Santo aos apóstolos (FSR, p. 103); 1,2,3 – TND.				
GERAIS					ESPECÍFICOS				
ABH	AMS	AH	JS	DPE	JCS	DVF	JSB	VFB	LCC
TND 1,2,3, 4,5	TND 1,2,3, 4,5	TND 1,2,3, 4,5	TND 1,2,3, 4,5	TND 1,2,3, 4,5	TND 1,2,3, 4,5	TND 1,2,3, 4,5	TDRF 1,2, 3,4 TND 5	TND 1,2,3, 4,5	TND 1,2,3, 4,5
ETIMOLOGIA									
JPM – TND									
AN – TND									
AGC – TND									
SIGNIFICADOS DICIONÁRIOS GERAIS									
PORTUGUESES					BRASILEIROS				
Não encontrados									
DICIONÁRIOS ESPECIALIZADOS									
1,2,3,4 – Festa do Espírito Santo no Domingo de Pentecostes (JSB, p. 224, p. 225 e p.274).									
OUTRAS INFORMAÇÕES									
Não encontradas									

5.2.6.3.3 A Festa do Divino Espírito Santo

O segundo termo selecionado, que designa a festa propriamente dita, também apresenta um grande número de variantes apenas em Portugal, especialmente nos Açores. Optei por incluir as diferentes designações de *Império* no campo do tempo por constituírem, cada uma dessas designações, um tempo próprio, muitas vezes sem relação com o calendário litúrgico, em razão das especificidades, objetivos e causas de cada uma.

É o caso, por exemplo do *Império de Crianças*, de Santa Maria, que acontece no período dos festejos de São João e São Pedro, ou da *Festa Grande* que acontece em julho, no período em que os imigrados retornam às ilhas para as férias.

As *Festas Nova e Velha* referem-se aos *Impérios* realizados nos domingos da Trindade e de Pentecostes, respectivamente; portanto, em momentos diferentes

Os *Impérios de defunto* ou *de herdeiros* referem-se menos ao momento de realização e mais à circunstância de serem o pagamento de promessas de alguém já falecido. No caso do *Império dos Velhacos*, refere-se a um outro momento, a uma festa destinada aos ajudantes que trabalharam durante a festa principal e só depois podem comemorar, bebendo à vontade, como fazem as caixeiras maranhenses no *Carimbó de velha*.

No Maranhão, embora possível, raramente se faz menção à festa designando-a de forma mais completa, como Festa do Divino Espírito Santo. É tradicionalmente conhecida como Festa do Divino e é assim divulgada inclusive pelos meios de comunicação.

Quadro 71 – Festa do Espírito Santo e variantes

AÇORES E PORTUGAL CONTINENTAL	MARANHÃO – ILHA DE SÃO LUÍS E ALCÂNTARA
1 – FESTA DO ESPRITO SANTO 2 – DOMINGAS 3 – FESTA NOVA 4 – FUNÇÃO 5 – IMPÉRIO 6 – IMPÉRIO DA CARIDADE 7 – IMPÉRIO DE CRIANÇAS 8 – IMPÉRIO DE MULHERES 9 – IMPÉRIO DE DEFUNTO 10 – IMPÉRIO DE HERDEIROS 11 – IMPÉRIO DE S. JOÃO 12 – IMPÉRIO DOS NOBRES 13 – IMPÉRIO DOS VELHACOS 14 – IMPÉRIOS DO MONTE 15 – JANTARES 16 – TEMPO DOS IMPÉRIOS 17 – VODA	18– FESTA DO DIVINO
PRESENÇA EM DICIONÁRIOS	
1,6,9,10,11, 13,14,16,17,18 – TND 2 – Os sete domingos que decorrem do domingo <i>in albis</i> ao domingo da Trindade e nos quais se realizam as coroações (MBS, p. 83); 3 – Festa do Domingo da Trindade (MBS, p. 93); 4 – Conjunto dos actos que constituem a festa do Espírito Santo, em cada uma das semanas em que se realizam Festividades do Espírito Santo em cada uma das sete	1,2,3,4,5,6,7,8,9,10,11,12,13,14,15,16,17,18 – TND.

<i>domingas</i> [...] (MBS, p. 99); 5 – Festividades do Espírito Santo em cada uma das sete <i>domingas</i> [...] (MBS, p. 109); 7 – <i>Império</i> realizado em Santa Maria, do qual participam apenas crianças (MBS, p. 112); 8 – <i>Império</i> realizado pelas freiras do Convento de São João, na Horta (MBS, p. 113); 12 – Impérios promovidos a expensas das casas nobres e abastadas e que surgiram, em geral, antes da constituição das Irmandades (MBS, p. 114); 15 – Sinônimo de função (MBS, p. 119);									
GERAIS					ESPECÍFICOS				
ABH	AMS	AH	JS	DPE	JCS	DVF	JSB	VFB	LCC
TDSE	TDSD	TDSD	TDSD	TDSD	TDSD	TND	TDRF	TDSD	TDSD
2,4,5,	5,15	5,15	5,15	5,15	15	1,2,3,	1,2,3,	15	15
15	TDSE	TDSE	TDSE	TDSE	TDSE	4,5,6,	4,5,6,	TND	TDSE
TND	2,4,17	2,4	2,4	2,4	17	7,8,9,	9,11,	1,2,3,	4
1,3,6	TND	TND	TND	TND	TND	10,11,	12,13,	4,5,6,	TDRF
7,8,9	1,3,6,	1,3,6,	1,3,6,	1,3,6,	1,2,3,	12,13	16,17	7,8,9,	18
10,11,	7,8,9,	7,8,9,	7,8,9,	7,8,9,	4,5,6,	14,15,	TND	10,11,	TND
12,13	10,11,	10,11,	10,11,	10,11,	7,8,9,	16,17,	7,8,10,	12,13	1,2,3,
14,16,	12,13,	12,13,	12,13,	12,13,	10,11,	18	14,15,	14,16,	5,6,7,
17,18	14,16,	14,16,	14,16,	14,16,	12,13,		18	17,18	8,9,10,
	18	17, 18	17,18	17,18	14,16,				11,12,
					18				13,14,
									16,17
ETIMOLOGIA									
JPM –									
5 – Do lat. <i>imperiu</i> “ordem; poder de dar ordens, autoridade, ordem” [...] O “sentido de romaria, festas onde as cerimônias religiosas se misturavam com divertimentos profanos” [...] (p. 272);									
15 – Do lat. <i>jantare</i> (que existia ao lado de <i>jentare</i>) [...] (p. 341).									
AMS –									
5 – Do lat. <i>imperiu</i> , comando, depois um vasto estado [...] (p. 274);									
15 – Do lat. <i>jentar</i> , almoçar (p. 283).									
AGC –									
5 – ‘comando, autoridade, predomínio’ [...]. Do lat. <i>imperium</i> (p. 427);									
15 – ‘tomar a refeição da noite’ [...] Do lat. vulg. <i>jantare</i> (clássico <i>jentare</i>) (p. 453).									
SIGNIFICADOS									
DICIONÁRIOS GERAIS									
PORTUGUESES					BRASILEIROS				
4 – Solenidade, festa (JS, p. 510);					4 – Solenidade, festividade (ABH, p. 664);				
4 – Festividade; funçanata; espetáculo (DPE, p. 805);					4 – Festa ou festim em casa, ou nos templos (AMS, p. 70);				
					17 – Festas (AMS, p. 219).				
					4 – Reunião social; solenidade, festa (AH)				

DICIONÁRIOS ESPECIALIZADOS	
17 – Registrado com o sentido de “Boda, casamento” (JCS, p. 288), ou seja, com o sentido de festa.	
4 – Antiga denominação das festividades religiosas e também das familiares, como batizados, casamentos e aniversários [...] Usa-se também esse termo para designar festa ou festim em casa ou nos templos [...] (LCC, p. 253);	
1,2,3,4,5,16,17 – Registrados como designando a festa ou as festas do Espírito Santo (JSB, págs. 272, 224, 274, 287, 308, 538, 591);	
6,9,11,12,13 – Registrados como impérios com alguma particularidade, por exemplo: ser realizado para cumprimento de promessa de um falecido, por acontecer no dia de São João ou por ser realizada para os ajudantes (JSB, págs. 308, 309).	
OUTRAS INFORMAÇÕES	
Câmara Cascudo (2001, p. 198) faz um longo verbete sob o termo-entrada DIVINO, em que descreve e historia a festa, sem mencionar a sua importância nos Açores. No Brasil refere-se à sua implantação no Brasil, relaciona festas, principalmente em São Paulo, Rio de Janeiro e Goiás. Apresenta várias obras e autores sobre o assunto, incluindo a obra de Domingos Vieira Filho, autor maranhense, embora não mencione a festa no Maranhão. Registra várias denominações para a festa: Império do Divino, Festa do Espírito Santo, Festa do Coração, Folia do Divino.	

Como se vê, também neste campo o número de variantes é mais complexo e numeroso em Portugal do que no Maranhão, talvez pela antiguidade de sua realização e pela multiplicidade de adaptações necessárias para sua realização em tantos locais e por razões tão diferentes. Vale lembrar que, embora seja sempre uma festa de pagamento de promessas, é mais frequente a promessa individual no Maranhão, enquanto que são comuns as promessas coletivas nos Açores, por exemplo. Os eventos que levaram ao pagamento dessas promessas são, em geral, tragédias que se podem repetir a qualquer momento, dadas as condições geográficas e climáticas das ilhas. Além disso, apesar da grande extensão territorial do Maranhão, restringimos nossa pesquisa a São Luís e Alcântara e levantamos termos de todas as ilhas que estão a distâncias muito variáveis entre si.

5.2.7 Outros objetos acessórios e de decoração

Levantei trinta e sete termos, todos referentes a Portugal o que inviabilizou a comparação entre os termos deste campo conceitual.

Dos trinta e sete termos encontrados, apenas quatro referem-se mais diretamente à decoração. Dos trinta e três referentes a objetos acessórios, dezesseis estão mais ou menos diretamente ligados à culinária, na preparação dos pratos – como *Alguidar de alcatra*, *Asados*, *Caçoila*, *Caldeira*, *Cepo de picar carne*, *Tachos de cobre e arame* – no transporte e serviço –

como *Cabouca* ou *Cabouco*, *Cargos*, *Frasco*, *Jardineira*, *Jarro de vinho* e *Tabuleiros* – ou na decoração, como *Chavão*.

Os referentes aos carros designam os tipos de carros segundo a sua utilização, como *Carros de bandeiras* e *Carros de faias* e os *Carros do Espírito Santo*, que são aqueles, que decorados, servem ao transporte de alimentos. Este último termo apresenta quatro variantes – *de guincho*, *de romaria*, *de toldo* (Fig. 46) e *do bodo* – e a ele estão relacionados outros termos que designam os elementos decorativos, como *Cangas do bodo* ou *lavrada*, *Chavelha* e *Sebe do bodo*. Somente seis termos se referem a objetos não relacionados à culinária, ou aos carros.

Figura 46 – Carro de toldo



Fonte: MEDINA, 2007, p. 63

Vale mencionar que, nos verbetes dos termos dicionarizados, é frequente mencionarem que se trata de objetos de uso restrito às festas do Espírito Santo.

5.2.8 Participantes e/ou funções

Este campo conceitual foi o que apresentou o maior número de termos, cento e nove em Portugal e cinquenta no Maranhão. No entanto, como sete se repetem nas duas localidades consideradas com, exatamente, a mesma forma e sentido, considero que totalizam cento e cinquenta e dois termos, considerado o termo *Império* em duplicidade, ambas as formas em Portugal, já que apresenta significados diferentes, como o conjunto dos elementos que constituem a corte e como sinônimo de *Irmandade*. Também o termo *Tesoureiro*, que aparece em Portugal e no Maranhão, apresenta forma igual e sentido diferente. Desses termos, vinte e sete apresentam de duas a dezesseis variantes, em sua maioria lexicais, mas pude

observar ainda uma variante gráfica – *Foliã(s)/ Foliã(n)s* e alguns casos em que a origem da variante parece indicar variação fonológica, como em *Bandeireiro/Bandeleiro*, *Bereadores/Briadores/Vereadores*, *Briança/Variança*, *Cabeçante/Cabeceante* e *Imperatriz/Imperatriz/Impanatriz/Imparatriz*. Outros casos menos comuns são a redução por apócope, como em *Mestre-sá/Mestre-sala*, ou *Pás (Pagens) da mesa*. Um caso isolado é a transformação de um nome próprio – *Vicente* – em substantivo comum, designando aquele encarregado da recolha de dinheiro, qualquer que seja o seu nome próprio. Dos cento e quarenta e nove termos, oito ocorrem tanto no Maranhão como em Portugal, com pelo menos uma variante exatamente igual, um dos quais com sentido diferente – *Tesoureiro* - mas foi possível selecionar dez termos, com suas variantes, para comparação.

Como mencionei anteriormente, este campo foi aquele em que foi possível estabelecer o maior número de comparações, embora nem sempre à mesma função correspondam exatamente os mesmo termos. A dificuldade maior está no fato de que muitas vezes as funções de um único participante, em uma localidade, são exercidas por vários em outras, ou seja, pode haver uma concentração de funções designadas por um só termo como por vários termos.

Ocorre também uma multiplicação de termos com pequenas variações, como é o caso dos irmãos e dos mordomos. Essas designações, no caso dos irmãos, são explicadas por suas funções na festa ou pelo grau e tipo de contribuição para a festa. No caso dos mordomos, à exceção do mordomo-régio, não foi possível obter explicações para essas designações. Muitos termos apresentam variantes de natureza diatópica, em função de seu emprego em ilhas diferentes ou em freguesias diferentes dentro de uma mesma ilha. Além disso, algumas funções são exercidas apenas em localidades determinadas, com é o caso do *Armador do Império* ou do *Teatro*, para citar apenas um exemplo, função que existe apenas quando o Império é de madeira e desmontável.

5.2.8.1 Termos em comparação: da corte e da folia

Os termos referentes aos participantes e suas funções na festa podem ser agrupados em duas grandes categorias: os que estão diretamente ligados à corte imperial, ou seja, aqueles que a representam e a servem, e aqueles que comandam a festa por meio dos cânticos e do toque dos tambores ou caixas. Apesar do grande número de componentes associados à corte, o poder maior, especialmente no Maranhão, está na mão das *Caixeiros* que

dirigem o ritual. Sua importância é tão grande e reconhecida que elas já foram apelidadas de “esposas do Divino” ou “sacerdotisas da festa”.

Quadro 72 – Termos para comparação - Corte e Folia

AÇORES E PORTUGAL CONTINENTAL	MARANHÃO – ILHA DE SÃO LUÍS E ALCÂNTARA
AGARRADORES/ APANHADORES/ SERVENTES	
AGUADEIRO/ AGUEIRO	
	AIA/ DAMA
AJUDANTE	
ALFERES DA BANDEIRA	BANDEIREIRA/ PORTA-BANDEIRA/ BANDEIREIRO/ BANDELEIRO
AMASSADEIRA	
ANDADOR/ CAVALEIRO/ PASSEIADOR/ MORDOMO DO JANTAR	
ARMADOR DO IMPÉRIO/ ARMADOR DO TEATRO	
AUTORIZADO/ AUTORIZO	
	BANDEIRINHA
BEREADORES/ BRIADORES/ VEREADORES	
CABEÇA/ CABEÇA DE IRMANDADE/ CABEÇANTE/ CABECEANTE	FESTEIRO/ JUIZ
CABEÇA DE PELOIRO/ CABEÇA DO PELOURO	
CANTADORES	
CONDESTÁVEL/ PAGEM DO ESTOQUE	
COPEIRO/ TRINCHANTE/ VIADOR/ PRESIDENTE	
COZINHEIRA/ MESTRA/	

MESTRA DA FUNÇÃO	
CRIADOR	
DAMA-DE-HONOR/ RAINHA DA FESTA	
DEPOSITÁRIO/ DESPENSEIRO	
ESCARRILHADOR/ TRINCHANTE DA CARNE	
	ESCOTEIRO
FOLIA	BARULHO DO DIVINO/ FOLIA DO DIVINO
FOLIÃ/ FOLIÃNS/ FOLIÕES/ TAMBOR/ CABEÇA-DA-FOLIA/ MESTRE DA FOLIA/ MESTRE DOS FOLIÕES/ TRAMELEQUE	FOLIOA/ FOLIÕES/ CAIXEIRA/ CAIXEIRA-MOR/ CAIXEIRA-RÉGIA
IMPERADOR/ COROEIRO/ IMPERADOR FORA DE TEMPO/ NOBRE IMPERADOR	IMPERADOR/ IMPERADOR DO TRONO/ IMPERADOR FESTEIRO/ REI(S)
IMPERATRIZ / IMPANATRIZ/ IMPARATRIZ/ IMPENATRIZ	IMPERATRIZ/ IMPERATRIZ DE PROMESSA/ RAINHA
IMPÉRIO/ BRIANÇA/ VARIANÇA/ EQUIPAGEM	IMPÉRIO/ IMPÉRIO REAL/ BATALHÃO/ ESTADO-MAIOR/ REINADO/ SÉQUITO DO TRONO
IMPÉRIO/ CONFRARIA/ IRMANDADE/ SOCIEDADE DOS DEZ	
IRMÃO/ IRMÃO CARGA A PÉ/ IRMÃO DE CARNE/ IRMÃO DE DEVOÇÃO/ IRMÃO DE PELOURO/ IRMÃO DE SORTE CORTADA/ IRMÃO DE SORTE DE VASO/ IRMÃO ESMOLER/ IRMÃO-INTEIRO/ IRMÃOZINHOS/ MEIO-IRMÃO/ MEIO-MORDOMO/ PAZ/	

QUARTO IRMÃO/ QUARTO MORDOMO/ TABULEIRO	
IZELADOR	
JUIZ CONSERVADOR	
MASCARADOS	
MATADOR	
MENINO DA MESA	
MESTRE SÁ/ MESTRE SALA	MESTRE-SALA/ MESTRE-SALA-MOR
MORDOMA	MORDOMA
MORDOMO/ FOGUISTA/ PROCURADOR / MEIO MORDOMO/ MORDOMO DO FOGO/ MORDOMO DO VINHO	MORDOMO/ MORDOMO BAIXO/ MORDOMO CELESTE/ MORDOMO DE LINHA/ MORDOMO MOR/ MORDOMO REAL/ MORDOMO RÉGIO/ MORDOMO RÉGIO DO TRONO/ PRIMEIRO/A-MOR/ SEGUNDO/A-MOR/ TERCEIRO/A MOR
PADEIRA	
	PADRINHOS DO MASTRO
PÁS DA MESA	
PAGEM DA COROA/ REI DA COROA/ VEDOR/ VAIDOR	
PAGEM DO COXIM	
	PASSARINHO
ROLADOR	
SENHORES DAS VARAS	
TESOIREIRO/ TESOUREIRO	
	TESOUREIRO
	TRÊS MISTÉRIOS
	VASSALO
VELHO DO BANDO	
	VICENTE

5.2.8.1.1 Do alferes civil ao imperador que vem do povo – subversão de valores em uma corte imperial

A festa apresenta uma corte, por vezes, como acontece no Maranhão, luxuosamente vestida, organizada segundo um protocolo rigoroso e solene. Apresenta também um grupo de músicos e cantadores exclusivamente de homens em alguns locais e exclusivamente de mulheres em outro. Nesta composição em grupos e nas atribuições de cada grupo subvertem-se valores instituídos. Primeiramente a corte é formada por gente do povo e, além disso, por crianças. Depois, é o grupo dos cantadores e músicos quem orienta, decide e organiza o ritual, que deve ser seguido rigorosamente pela corte. E por último, no Maranhão, estado de uma região conhecida por um arraigado machismo, são as mulheres que comandam todo o desenvolvimento da festa.

Uma análise dos termos levantados revela a diferente situação da mulher nas festas. Em Portugal, os termos que as contemplam estão sempre associados à cozinha – amassadeira, padeira, cozinheira, entre outros. A figura da *imperatriz* é meramente a de esposa do Imperador, sem exercício do poder, ou a de figura decorativa em cortejos. No Maranhão as mulheres exercem os papéis principais, o de *imperatriz*, sem que isto esteja associado a vínculo matrimonial com o *imperador*, ainda mais porque em geral são funções exercidas por crianças, ou o de *caixeira*, a efetiva líder da festa. Em Alcântara, há mesmo uma alternância entre *imperadores* e *imperatrizes*.

5.2.8.1.2 Múltiplas designações para o que leva a bandeira

Os dicionários etimológicos e gerais consultados não registram o termo *alferes da bandeira*, mas concordam no significado de *alferes* como porta-bandeira. O termo *alferes da bandeira* seria, assim, uma redundância devida, possivelmente, a ter-se perdido o significado inicial para designar, mais recentemente, em Portugal, por exemplo, um posto da hierarquia militar.

Quadro 73 – Alferes da bandeira, Bandeireiro e variantes

AÇORES E PORTUGAL CONTINENTAL					MARANHÃO – ILHA DE SÃO LUÍS E ALCÂNTARA				
1 – ALFERES DA BANDEIRA					2 – BANDEIREIRA 3 – PORTA-BANDEIRA 4 – BANDEIREIRO 5 – BANDELEIRO				
PRESENÇA EM DICIONÁRIOS									
1 – A pessoa que leva a <i>bandeira</i> do Espírito Santo no cortejo da <i>coroação</i> (MBS, p. 24); 2,3,4,5 – TND.					2,3 – Adolescentes encarregadas de transportar pequenas bandeiras brancas ou vermelhas durante a recolha de esmolas (FSR, p. 90); 4,5 – Participante da festa, encarregado de levar a bandeira de Pentecostes (FSR, p. 90); 1 – TND.				
GERAIS					ESPECÍFICOS				
ABH	AMS	AH	JS	DPE	JCS	DVF	JSB	VFB	LCC
TDSD 2,3	TDSE 1,3	TDSD 2	TDSD 4	TDSE 3	TND 1,2,3,	TND 1,2,3,	TDRF 1	TND 1,2,3,	TDSD 3
TDSE 1,4	TND 2,4,5	TDSE 1,3	TDSE 1,3	TND 1,2,4,	4,5	4,5	TND 2,3,	4,5	TND 1,2,
TND 5		TND 4,5	TND 2,5	5			4,5		4,5
ETIMOLOGIA									
JPM – 1 – Do ár. <i>al-fars</i> , “cavaleiro, escudeiro”. Era costume confiar o estandarte real ao ginete mais dextro (p. 192); 2,3,4,5 – TND.									
AN – 1 – Do ár. <i>alfaris</i> , cavaleiro [...] porta-bandeira (p.17); 2,3,4,5 – TND.									
AGC – 1 – ‘ <i>orig.</i> cavaleiro árabe e, mais tarde, o que conduzia a bandeira nos combates’[...] Do ár, <i>al-faris</i> ‘cavaleiro’ (p. 29); 2,3,4,5 – TND.									
SIGNIFICADOS DICIONÁRIOS GERAIS									
PORTUGUESES					BRASILEIROS				
1 – <i>Ant.</i> Porta-bandeira (JS, p.37); 3 – Oficial, que leva a bandeira (JS, p. 900).					1 – Porta-bandeira (ABH, p. 67); 4 – Pessoa que leva uma bandeira em solenidade ou desfile (ABH, p. 1127).				
3 – Militar que leva uma bandeira durante uma cerimônia (DPE, p. 1334).					1 – Oficial militar, que antigamente levava o pendão, a bandeira, o estandarte (AMS, p. 131); 4 – O soldado, ou official, que no regimento leva a bandeira (AMS, p. 569);				
					1 - <i>Diacronismo: antigo.</i> Porta-bandeira				

	(AH); 3 - Indivíduo que carrega uma bandeira ou estandarte em desfile, parada, procissão etc.; porta-estandarte (AH).
DICIONÁRIOS ESPECIALIZADOS	
1 Aquele que leva o estandarte de seda vermelha do Espírito Santo, geralmente um rapaz nomeado previamente, bem vestido e, de preferência, calçado e com gravata. (JSB, p. 56);	
OUTRAS INFORMAÇÕES	
1 – Câmara Cascudo (2001, p. 45) menciona a presença e função de um alferes na festa do Divino: “Na Folia do Divino, um alferes conduz a bandeira do Divino, acompanhando o peditório das esmolos para a festa”;	
3 – O mesmo autor registra PORTA-BANDEIRA (p. 527), apenas na acepção de portadora de estandarte de escola de samba;	
1 – A Bandeira branca dos Foliões “[e levada por um moço qualquer, escolhido na altura entre os que se chegam como voluntários, vestido vulgarmente e, noutros tempos, quase sempre descalço [...]] No Brasil, onde também se faz a festa do Espírito Santo, o Alferes da Bandeira é a figura mais importante da Folia, no passado incumbido de angariar as esmolos para a festa (JSB, p. 56).	

Todas as designações, dessa forma, estão diretamente relacionadas à função principal exercida na festa, a de transportar a bandeira. Embora alguns autores registrem o termo Alferes da bandeira, como ocorrendo no Brasil, no Maranhão não encontrei essa forma, sendo mais frequentes os termos Bandeiro e Bandeiro.

5.2.8.1.3 O dono da festa – cabeça ou festeiro

O termo *Cabeça* e suas variantes derivadas – *Cabeça de irmandade*, *Cabeçante* e *Cabeceante* –aponta para o participante que comanda, chefia a festa, da mesma forma que, como popularmente se diz, a cabeça comanda o corpo. O termo *festeiro* indica aquele que realiza, que é responsável pela festa. O termo *juiz*, cuja etimologia em todos os dicionários consultados, remete a árbitro, é utilizado, possivelmente, porque sua significação original de árbitro pode ser tomada como relacionada ao poder de decisão e ao respeito que aquele que comanda a festa possui.

Apesar do depoimento de Dona Celeste – festeira da Casa das Minas – que afirmava oferecer o cargo de juiz ao antigo Imperador porque “*ele já não tem mais aquela capacidade de ser um Império*” (MARANHÃO, 1997a, p. 124), quando este relutava em abandonar o antigo cargo, o que presume não ser um cargo permanente ou obrigatório, e apesar de muitos terreiros não apresentarem essa função ou lhe atribuírem uma outra, a de responsável pela ordem e bom comportamento, como no terreiro da Fé em Deus, o Juiz é

6 – Do lat. <i>judice</i> -, “juiz, árbitro em qualquer assunto” (p. 354); 2,3,4 – TND.	
AN – 1 – Do lat. <i>capitia</i> , pertencente à cabeça (p. 84); 2,3,4,5– TND 6 – Do lat. <i>judice</i> , (p. 285).	
AGC – 1 – ‘a parte superior do corpo dos animais bípedes e a anterior dos outros animais, onde se situam os olhos, o nariz, a boca, os ouvidos e importantes centros nervosos’ Do lat. vulg. <i>capitia</i> (cláss. <i>Caput</i>) (p. 131); 5 – De <i>festa</i> (p. 355); 6 – Do lat. <i>judex-icis</i> ‘aquele que diz o direito’ (p. 457); 2,3,4 – TND	
SIGNIFICADOS DICIONÁRIOS GERAIS	
PORTUGUESES	BRASILEIROS
1 – Chefe (JS, p. 165); 5 – Aquelle que faz ou dirige a festa (JS, p. 485);	1 – O chefe; o dirigente; o líder (ABH, p. 240); 5 – Aquele que faz ou dirige uma festa (ABH, p. 626); 6 – Diretor de uma festa ou solenidade (ABH, p.810).
1 – Chefe, dirigente (DPE, p. 277); 5 – Indivíduo que promove ou dirige uma festa (DPE, p. 756); 6 – Presidente de irmandade, confraria, festa, etc. (DPE, p. 991).	1 – Pessoa principal, motor em algum feito (AMS, p. 370); 5 – Pessoa que faz a festa á sua custa , ou concorre para ella (AMS, p. 30); 6 – <i>Juiz de uma irmandade</i> ; o presidente d’ella: - <i>de uma função</i> , ou <i>festa de igreja</i> (AMS, p. 226).
	1 – figura preeminente em qualquer associação ou grupo de seres humanos ou de animais; líder (AH); 5 – que ou quem realiza, organiza festa(s), e freq. a(s) custeia (AH).
DICIONÁRIOS ESPECIALIZADOS	
1 – O mandão, o chefe (VFB, p. 89); 1 – [...] Símbolo de direção [...] (LCC, p. 86); 1,2,3,4 – Indivíduo que está à frente de cada Irmandade do Espírito Santo, sendo escolhido pelo povo, com critérios que variam de local para local (JSB, p. 129).	
OUTRAS INFORMAÇÕES	
1 – Veste de mulher [...], capa [...] abertura superior de túnica [...] cabresto [...] espaldar de cama [...] parte do arado – em várias épocas, em francês antigo e medieval, italiano, antigo provençal, gascão e provençal (JPM, p. 9)	
6 – Ou <i>Juiz da festa</i> , pessoa, que dirige uma solennidade religiosa e que ordinariamente faz as despesas (JS, p. 636).	
1,2,3,4 – <i>Cabeça de Irmandade</i> e <i>Cabeçante</i> nas Flores e em São Jorge, <i>Cabeceante</i> nas Flores (JSB, págs. 129 e 130).	
6 – Presidente da Confraria ou Irmandade dos Pescadores, na Ilha Terceira (JSB, p. 318).	

Optei por incluir o termo *juiz* neste quadro comparativo porque observei que, dependendo da região e das circunstâncias da festa, algumas designações se confundem, como é o caso de *imperador*, *juiz* e *rei* ou *reis* – como é designado em algumas casas de culto, apesar de referir-se a um indivíduo apenas. Nas localidades em que a coroação foi preservada, a distinção é clara, o *imperador* ou o *rei* são os participantes mais importantes, os que detêm o poder temporal e são responsáveis pela preservação do ritual sagrado, em consequência do rito solene da *coroação*. Onde não se manteve o ritual da *coroação*, as figuras do *imperador* ou do *rei* foram substituídas pela do *juiz*, autoridade máxima da festa. As outras designações eventuais remetem às suas responsabilidades – *tesoureiro*, por ser o financiador da festa, *presidente*, por sua função de chefe, e *coroeiro* por ser responsável pela condução da coroa nos cortejos.

O termo *Juiz conservador*, que pode ser encontrado na Ilha de São Jorge, designa uma função específica, a do responsável pela distribuição de *Vésperas*, um tipo de biscoito tradicional nas festas dessa ilha.

5.2.8.1.4 A Folia ou Barulho do Divino

O termo refere-se a um grupo de participantes da festa que tocava e dançava animadamente, o que equivale às definições encontradas nos dicionários gerais e está coerente com a etimologia encontrada. Nos Açores, a prática destas danças e cantos é mencionada como estando em vias de desaparecimento, substituída, em geral, por filarmônicas. De fato, tive oportunidade de observar uma *Folia* que abriu, como atração cultural, um Congresso sobre a Festa do Espírito Santo, realizada em Angra do Heroísmo, na Ilha Terceira, Açores, mas os cortejos que pude observar, na mesma ilha, eram acompanhados por filarmônicas. No Maranhão, onde a *Folia* ou *Barulho do Divino* acumulava a função de angariar fundos, foram encontrados apenas referências à sua existência em tempos passados. O seu desaparecimento é atribuído às dificuldades que a violência do mundo moderno interpõe, uma vez que esses grupos percorriam, muitas vezes a pé, grandes distâncias entre as povoações do interior do Maranhão, sem outra proteção do que a do próprio Divino. Estão, apesar disso, muito presentes na memória dos devotos.

Quadro 75 – Folia e variantes

AÇORES E PORTUGAL CONTINENTAL					MARANHÃO – ILHA DE SÃO LUÍS E ALCÂNTARA				
1 – FOLIA					2 – BARULHO DO DIVINO 3 – FOLIA DO DIVINO				
PRESENÇA EM DICIONÁRIOS									
1 – Grupo de foliões que dançam e cantam nas festas do Espírito Santo (MBS, p. 94); 2,3 – TND.					2,3 – Bando precatório que percorre o interior do estado, para angariar fundos (FSR, p. 107); 1 - TND				
GERAIS					ESPECÍFICOS				
ABH	AMS	AH	JS	DPE	JCS	DVF	JSB	VFB	LCC
TDRF	TDSE	TDRF	TDSE	TDSE	TND	TND	TDRF	TND	TDRE
1	1	1	1	1	1,2,3	1,2,3	1	1,2,3	1,2
TND	TND	TND	TND	TND			TND		TND
2,3	2,3	2,3	2,3	2,3			2,3		3
ETIMOLOGIA									
JPM – 1 – Do fr. <i>folie</i> (p. 70); 2,3 – TND.									
AN – 1 – Do fr. <i>folie</i> , loucura. [...] O fr. <i>folie</i> prende-se remotamente ao lat. <i>folle</i> , fole, coisa que está sempre em movimento de vaivém. O louco vive numa contínua agitação no gênero mais comum de loucura. O folião é uma espécie de louco. No português antigo aparece com o sentido de <i>loucura</i> [...] (p. 221); 2,3 – TND									
AGC – 1 – ‘dança rápida ao som do pandeiro’ ‘folgança ruidosa, pândega’. Do fr. <i>folie</i> (p. 363); 2 3 – TND.									
SIGNIFICADOS DICIONÁRIOS GERAIS									
PORTUGUESES					BRASILEIROS				
					1 – <i>Lus.</i> Nas Beiras, procissão de homens que cantam em louvor do Espírito Santo; <i>Bras.</i> Grupo de rapazolas, vestidos de branco, que pedem esmolas para a festa do Espírito Santo, ou dos Reis, e cantam ao som de violões, cavaquinho, pandeiro, pistom e tantã (ABH, p. 645).				
1 – Dança rápida e animada ao som de pandeiro ou adufe; espetáculo festivo; brincadeira ruidosa; festa animada (DPE, p. 779).					1 – Dança rápida ao som de pandeiro ou adufe, entre várias pessoas, cantando (AMS, p. 48).				
					1 – grupo de rapazes que, vestidos de branco, vão de casa em casa para pedir esmolas para a festa dos Reis Magos ou do Espírito Santo, cantando ao som de violões, cavaquinhos, pistons, pandeiros e tam-tans (AH);				

DICIONÁRIOS ESPECIALIZADOS
Sem registro.
OUTRAS INFORMAÇÕES
1 – Antigamente, na Terceira, vestiam uma opa vermelha e dançavam – <i>foliavam</i> – junto do altar-mor, o que foi proibido pelas Constituições do Bispado. Em muitos lugares, onde se organizam filarmônicas, as <i>Folias</i> ‘não tendo razão de ser’ extinguem-se. (JSB, p. 280).

5.2.8.1.5 Foliões e Caixeiras comandam a festa

Apesar de poucos termos iguais, há um paralelo muito claro entre as funções que esses termos designam, especialmente no que diz respeito aos *Foliões* e às *Caixeiras*, grupos de homens, nos Açores e na Beira e, em geral, de mulheres no Maranhão que, por meio de cânticos e do toque de *Tambores* ou *Caixas*, orientam o ritual da festa. Se o termo *Caixeira*, em função do instrumento que tocam, substituiu o termo *Foliã*, esta designação permanece na forma da variante *Folioa*, que é recorrentemente encontrada nos versos que elas cantam para se dirigirem a suas companheiras – *minha amiga folioa*.

Já o termo *Folião/ foliões* é também utilizado no Maranhão para designar os *Foliões da Divindade*, que atuam em alguns municípios do interior do Maranhão, para louvar o Espírito Santo e entoar cânticos encomendados por familiares de pessoas já falecidas, para pagamento de promessas, junto aos túmulos. Apesar de se tratar de uma outra atividade, mantém relação com o espírito da festa, uma vez que tem o mesmo tipo de motivação, o pagamento de promessas, e o mesmo objetivo, o louvor ao Espírito Santo.

Quadro 76 – Foliões e Caixeiras

AÇORES E PORTUGAL CONTINENTAL	MARANHÃO – ILHA DE SÃO LUÍS E ALCÂNTARA
1 – FOLIÃ, 2 – FOLIÃNS 3 – FOLIÃO/ÕES 4 – TAMBOR 5 – CABEÇA-DA-FOLIA 6 – MESTRE DA FOLIA 7 – MESTRE DOS FOLIÕES 8 – TRAMELEQUE	3 – FOLIÃO/FOLIÕES 9 – FOLIOA 10 – CAIXEIRA 11 – CAIXEIRA-MOR 12 – CAIXEIRA-RÉGIA
PRESENÇA EM DICIONÁRIOS	
3 – Três ou quatro indivíduos que formam um conjunto – a folia – e que funcionam como os “mestres de cerimônia” do culto do Espírito Santo (MBS, p. 96); 5,6 – o folião que dirige a folia, iniciando	9 – Caixeiras, segundo fórmula por elas utilizada para se autodesignarem (FSR, p. 107); 10 – Tocadora de caixa, que orienta a organização do ritual (FSR, p. 94);

10 – Registrado como: “Tocadora de caixa no festejo do Divino Espírito Santo” (DVF, p. 26);

OUTRAS INFORMAÇÕES

É num desempenho gratuito, por gosto e por devoção, que os Foliões praticam os seus actos, embora antigamente, como refere o P. Manuel de Azevedo da Cunha (*Festas do Espírito Santo na Ilha de S. Jorge*) em S. Jorge, fossem nomeados pela Câmara, recebendo um salário de 160 réis por ano e sendo obrigados a acompanhar os vereadores à igreja nas festas de El-Rei (JSB, p. 281). Em nome de rodapé o autor acrescenta: “Na Terceira, antigamente os *Foliões* também chegaram a ser pagos pelas Câmaras Municipais e tinham, além de anunciar, orientar e dirigir todas as cerimônias inerentes à festividade do Espírito Santo, a missão de acompanhar várias procissões, nomeadamente a de Corpus Christi, bailarem na capela-mor das igrejas durante a coroação dos imperadores e tomarem parte em outros folguedos profanos” (JSB, p. 280).

4 – “O tambor, que constituía o principal elemento da folia, era o que ‘botava’ a cantiga improvisada, depois repetida pelos outros” (PAVÃO, J. Almeida, em *Aspectos Populares Micaelenses no Povoamento e na Linguagem apud JSB*, p.532).

5,6,7 – A designação de *Cabeça da folia* ocorre nas Ilhas do Corvo, das Flores e na Terceira e a de *Mestre da folia* na Graciosa (JSB, p. 130) e Mestre dos Foliões também nas Flores, onde designa o que toca o tambor e inicia os versos (JSB, p. 363).

Há um paralelo evidente entre os termos utilizados, que ocorre não só no termo primitivo como naqueles dele derivados, em razão das funções dos componentes da *folia*, exercidos em geral, no Maranhão, pelas *caixeiras* (Fig. 47), que somente entre si se denominam *foliãs* ou *folioas*. Ao líder do grupo cabem as designações de *cabeça* ou *mestre*, variantes diatópicas, como registra Barcelos (2008, p. 130) a que equivalem as de *mor* ou *régia*. O termo *Tambor* está associado ao instrumento que o participante da *Folia* toca, o que lhe confere ascendência sobre os outros. O termo *Trameleque* é menos recorrente e restrito a uma região de Portugal Continental.

Figura 47 – Caixeiras



Fonte: Acervo do Projeto ALiMA

1 – Do lat. <i>imperatore</i> , “o que comanda, chefe, senhor [...]” (p. 271); 2,3,4,5 – TND; 6 – Do lat. <i>rege</i> “rei, soberano, monarca, [...]”; em geral, soberano, chefe, senhor [...] ”(p. 67).	
AN – 1 - Do lat. <i>imperatore</i> , o que comanda (p. 274); 2,3,4,5 – TND; 6 – Do lat. <i>rege</i> (p. 438).	
AGC – 1 – Do lat. <i>imperator-oris</i> (p. 427); 2,3,4,5 – TND; 6 – ‘soberano que rege ou governa um estado monárquico’. Do lat. <i>rex-regis</i> (p. 672).	
SIGNIFICADOS DICIONÁRIOS GERAIS	
PORTUGUESES	BRASILEIROS
1 – Soberano de um império (JS, p. 586); 6 – Chefe soberano de certos estados [...] Pessoa que exerce autoridade absoluta (JS, p.975).	1 – Aquele que impera, rege um império (ABH, p. 750); 6 – Pessoa que detém poder absoluto (ABH, p.1220).
1 – Soberano de um império; aquele que rege com autoridade suprema (DPE, p. 921); 6 – Soberano e um reino; monarca [...] fig. O mais notável entre outros; figura principal (DPE, p. 1441).	1 – [...] soberano que rege um império (AMS, p. 157); 6 – O soberano de um reino (AMS, p. 685).
	1 – aquele que impera, reina, governa; soberano ou monarca supremo de um império (AH); 6 – aquele que detém o poder absoluto ou grande parcela de poder (AH).
DICIONÁRIOS ESPECIALIZADOS	
1 – Aquele que <i>coroa</i> (é <i>coroad</i>) na <i>dominga</i> que lhe está destinada pelo sorteio do ano anterior, em que lhe <i>saiu o Espírito Santo</i> , e que promove as suas festas, a partir de sua casa e em ligação ao <i>Império</i> . É a mais alta dignidade da hierarquia do <i>Império</i> (JSB, p. 308). 1 – Registrado como Imperador do Divino, remetendo a Divino (LCC, p. 280).	
OUTRAS INFORMAÇÕES	
1 – [...] a partir dessa altura [da coroação como Imperador] o tempo será contado, naquela família e comunidade, pelo ano daquela coroação [...] Em alguns lugares chama-se <i>Imperador</i> ao <i>Rei da Coroa</i> , aquele que transporta a <i>Coroa</i> do Espírito Santo nos cortejos (JSB, p. 308).	
2 – Nome que em Santa Maria se dá ao <i>Imperador</i> das festas do Espírito Santo (JSB, p. 386).	

Os termos levantados sobre a função de Imperador estão em consonância com as definições encontradas nos dicionários gerais e com a etimologia, mas, apesar da popularidade da festa e de sua recorrência em quase todo o território português e em quase

todas as regiões brasileiras, apenas dois dicionários especializados se referem ao seu emprego no contexto da festa.

Em São Luís, embora raramente, podem coexistir, em uma mesma festa, o *Rei/Reis* e o *Imperador*, desde que assim o determine ou autorize a entidade que comanda a festa. Isso ocorre, em geral, quando surge uma necessidade urgente de pagamento de promessa não prevista, quando todos os cargos já estão definidos e distribuídos. Este cargo será denominado de *Rei/Reis* onde já houver um *Imperador* e vice-versa. Neste caso, corresponde, na motivação, ao *Imperador fora de tempo* dos Açores.

O termo *Nobre Imperador* substitui, muito frequentemente, a simples designação de *Imperador*, o que revela o extremo respeito que marca as relações na festa.

5.2.8.1.7 Imperatriz

Os termos encontrados são, todos, variantes fonológicas do termo *Imperatriz*. Contrariamente ao pequeno número de variantes encontradas, a função da *Imperatriz* pode ser muito variada, dependendo da localidade. Em Portugal Continental, onde até mesmo a Coroação caiu em desuso, não há menção a *Imperatriz*. Nos Açores o termo refere-se apenas à esposa de quem exerce a função de *Imperador*, cabendo-lhe apenas acompanhá-lo e apoiá-lo, mas por vezes ficando reservada a ela a parte mais cansativa da festa. No Maranhão, há duas situações diversas: em Alcântara há uma alternância entre *Imperador* e *Imperatriz*, sem diferença no ritual, nas obrigações e na pompa de que a festa se reveste. Nos terreiros de São Luís que selecionamos, as funções importantes são representadas por casais, *Imperador/Imperatriz*, *Mordomos/ Mordomas*. Em alguns desses terreiros a *Imperatriz* pode ser substituída por uma *Rainha*, quando houver um *Rei* ou *Reis*, mantidas, no entanto, as obrigações e etapas rituais.

Quadro 78 – Imperatriz e variantes

AÇORES E PORTUGAL CONTINENTAL	MARANHÃO – ILHA DE SÃO LUÍS E ALCÂNTARA
1 – IMPERATRIZ 2 – IMPANATRIZ 3 – IMPARATRIZ 4 – IMPENATRIZ	1 – IMPERATRIZ 5 – IMPERATRIZ DE PROMESSA
PRESENÇA EM DICIONÁRIOS	
1,2,3,4 – A mulher do <i>Imperador</i> [...] No <i>Império de Mulheres</i> , a Imperatriz assume	1 – Principal representante feminino do Império, responsável por parte das

o papel central correspondente ao do Imperador (MBS, p. 107). 5 – TND					despesas da festa (FSR, p. 109); 2,3,4,5 – TND.				
GERAIS					ESPECÍFICOS				
ABH	AMS	AH	JS	DPE	JCS	DVF	JSB	VFB	LCC
TDSE	TDSE	TDSE	TDSE	TDSE	TND	TND	TDRF	TND	TND
1	1	1	1	1	1,2,	1,2,	1	1,2,	1,2,
TND	TND	TND	TND	TND	3,4,5	3,4,5	TND	3,4,5	3,4,5
2,3,4,5	2,3,4,5	2,3,4,5	2,3,4,5	2,3,4,5			2,3,4,5		
ETIMOLOGIA									
JPM – 1 – <i>Emperadriz, enperadriz</i> , XIII (p. 427); 2,3,4,5 – TND.									
AN – 1,2,3,4,5 – TND.									
AGC – 1 – do lat. <i>imperatrice</i> (p. 272); 2,3,4,5 – TND.									
SIGNIFICADOS DICIONÁRIOS GERAIS									
PORTUGUESES					BRASILEIROS				
1 – Mulher que governa um império [...] Espôsa de imperador (JS, p. 586).					1 – Esposa do imperador; Soberana de um império (ABH, p. 750).				
1 – Soberana de um império (DPE, p. 921).					1 – A mulher do imperador; A que por si mesma tem a soberania e atribuições próprias do imperador (AMS, p. 157);				
					1 – mulher que governa um império; mulher de imperador (AH).				
DICIONÁRIOS ESPECIALIZADOS									
1 – Esposa do Imperador das festas do Espírito Santo, operando como o seu principal organizador e oficiante (JSB, p. 308).									
OUTRAS INFORMAÇÕES									
Não encontradas									

No Maranhão os dois termos encontrados não são intercambiáveis, já que a *Imperatriz de promessa* pode existir em substituição ou concomitantemente, para pagamento de promessa, quando já existe uma *Rainha* ou *Imperatriz* por hierarquia. Não encontrei menção ao correspondente masculino, que seria Imperador de Promessa.

5.2.8.3.8 O Império

O termo *Império* ocorre em dois contextos diferentes, um dos quais como equivalente a *Irmandade*, que não tem correspondente no Maranhão. No contexto aqui apresentado refere-se ao conjunto dos participantes da festa, ou seja, do *Imperador* ou seu

2,3,5,7,8 – TND.	
AGC – 1 – Do lat. <i>imperium</i> ‘comando, autoridade, predomínio’ ‘nação cujo soberano é um imperador’ (p. 427); 4 – Do fr. <i>équipage</i> (p. 311); 6 – ‘Corpo de tropa’ Do fr. <i>bataillon</i> , deriv. do it. <i>battaglione</i> (p.101). 2,3,5,7,8 – TND.	
SIGNIFICADOS DICIONÁRIOS GERAIS	
PORTUGUESES	BRASILEIROS
6 – Grande quantidade de pessoas (JS, p. 431); 7 – O conjunto das individualidades mais consideráveis de um grupo, de um partido (JS, p. 439).	4 – Comitiva, séquito (ABH, p. 547); 7 – <i>Fig.</i> O conjunto das pessoas mais eminentes de um grupo, de uma classe, de uma profissão (ABH, p.578);
4 – Comitiva, séquito (DPE, p. 653); 6 – grande quantidade de gente (DPE, p. 226);	4 – O trem, comitiva, acompanhamento, carruagem, cáfilas, de que se acompanha o exército, alguma pessoa ou os navios (AMS, p. 800); 6 – Grande numero de pessoas que vão juntas (AMS, p. 325).
	4 – grande número de pessoas (AH); 7 – cortejo de uma personalidade eminente (AH).
DICIONÁRIOS ESPECIALIZADOS	
1 – As Irmandades do Espírito Santo (JSB, p. 308). 2 – Conjunto de dignitários e convidados para uma <i>Função</i> do Espírito Santo (JSB, p. 123). 3 – Acompanhamento da <i>Coroa</i> na <i>coroação</i> do Espírito Santo em que os homens levam <i>Varas</i> nas mãos (JSB, p. 575). 4 – Nome que, em Santa Maria, se dá ao pessoal de governo do Império (JSB, p. 241).	
OUTRAS INFORMAÇÕES	
1 – Designa também o pequeno edifício em torno do qual se realizam as festividades e a própria festa do Espírito Santo (JSB, p. 308).	

As variantes encontradas para Império apresentam duas tendências diferentes de acordo com a localidade. Ou apontam para o domínio da organização administrativa ou, mais precisamente, das instituições públicas de governo, como parecem indicar *Briança*, ou *Variança*, muito provavelmente derivadas de *Vereança* ou ainda *Equipagem* que os dicionários gerais registram como comitiva ou séquito, ou seja, em qualquer dos casos, como os altos dignitários que acompanham uma personalidade de governo.

Os termos equivalentes, no Maranhão, com este mesmo sentido, estão no entanto mais ligados ao domínio do exército ou da guerra, com termos como *Batalhão* e *Estado-maior*.

AN – TND.	
AGC – TND.	
SIGNIFICADOS DICIONÁRIOS GERAIS	
PORTUGUESES	BRASILEIROS
2 – Official mor, que na casa real dirige as cerimônias das recepções e de outras solenidades (JS, p. 730).	2 – Diretor ou principal de um baile público ou de um desfile festivo, como ranchos, maracatus, etc. (ABH, p. 922).
2 – Indivíduo encarregado de dirigir um baile público ou uma cerimônia (DPE< p. 1108).	2 – O que nos banquetes reaes, e saraus regula os assentos das pessoas, segundo as precedencias, e preeminencias, ou graduações (AMS, p. 345).
	2 – indivíduo que dirige um baile público (AH).
DICIONÁRIOS ESPECIALIZADOS	
1,2 – <i>Ajudante do Imperador</i> , nas festas do Espírito Santo, que tem a função de dirigir o cortejo que precede o transporte dos <i>pães de mesa</i> e das <i>roscas</i> , para o <i>teatro</i> (JSB, p. 363).	
OUTRAS INFORMAÇÕES	
1 – Dos três, é um dos <i>Briadores</i> , aquele que tem sobre suas ordens os outros dois (JSB, p. 363).	

O significado do *Mestre-sala* para a festa está em consonância com o significado registrado em dicionários gerais. Vale lembrar que a figura do *Mestre-sala* com funções e importância equivalentes, ocorre nos desfiles tradicionais das escolas de samba, no Carnaval quando acompanha e orienta a porta-bandeira, que desfila com o símbolo maior da escola e, semelhantemente, é um dos raros participantes que assume uma responsabilidade individual pelo sucesso do desfile.

Em todos os dicionários que registram o termo essa ascendência sobre outros participantes, com maior ou menor abrangência, é mencionada. A variante encontrada nos Açores – *Mestre-sá* – não apresenta nenhum acréscimo de sentido, ao que tudo indica é uma variante fonológica, por apócope. No Maranhão, o termo *Mestre-sala-mor* é a variante usada em Alcântara.

5.2.8.1.10 Mordoma – do trono à cozinha

A inclusão de *Mordoma* separadamente deve-se à particularidade de designar funções diferentes, dependendo do lugar onde a festa se realiza. No Maranhão, a *Mordoma* é o equivalente feminino do *Mordomo* e, conseqüentemente, cabe-lhe a mesma função de acompanhar o Imperador e a Imperatriz, com lugar de destaque na corte por se tratar da figura

imediatamente inferior em importância. Nos Açores, onde também ocorre o termo, é figura secundária, ajudante da *Mestra*, que é a responsável pela cozinha.

Quadro 81 – Mordoma

AÇORES E PORTUGAL CONTINENTAL					MARANHÃO – ILHA DE SÃO LUÍS E ALCÂNTARA				
1 – MORDOMA					1 – MORDOMA				
PRESENÇA EM DICIONÁRIOS									
1 – As ajudantes da <i>Mestra</i> (MBS, p.132).					1 – Membro da corte imperial, o primeiro, em ordem de importância, depois do imperador (FSR, p. 114).				
GERAIS					ESPECÍFICOS				
ABH	AMS	AH	JS	DPE	JCS	DVF	JSB	VFB	LCC
TND	TDSE	TND	TND	TND	TND	TND	TDRF	TND	TND
1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
ETIMOLOGIA									
JPM – TND.									
NA – TND.									
AGC – TND.									
SIGNIFICADOS DICIONÁRIOS GERAIS									
PORTUGUESES					BRASILEIROS				
					1 – A mulher, que administra alguma mordomia: v.g. de confraria (AMS, p. 375).				
DICIONÁRIOS ESPECIALIZADOS									
1 – Mulher que trabalha na preparação das festas do Espírito Santo, como ajudante da <i>Mestra</i> (JSB, p. 374).									
OUTRAS INFORMAÇÕES									
Não encontradas									

O termo *Mordoma* é, possivelmente, um dos mais reveladores sobre a importância desigual das mulheres na festa. Nos Açores e Portugal Continental as mulheres, ainda que sem função designada por termo específico, são essenciais na preparação da festa, presentes e indispensáveis na decoração, na preparação dos pratos, no serviço das mesas das refeições, mas pouco participam das solenidades e rituais festivos. Cabe-lhes apenas um papel figurativo, quando são casadas com algum dos Imperadores. Em raras situações participam dos cortejos, como é o caso das *Rainhas da festa*, na Ilha das Flores, que transportam as *Coroas* nos *Cortejos*.

No Maranhão têm importância igual à do *Imperador*, podendo inclusive substituí-lo, como ocorre em anos alternados em Alcântara, bem com em alguns terreiros. Em geral, no Maranhão, o *Império* é constituído por casais, *Imperador/Imperatriz*, *Mordomo/Mordoma*, com importância, posição e destaque equivalentes.

5.2.8.1.11 Mordomo – o longo percurso para ser Imperador

A figura do *Mordomo* é uma das mais recorrentes na festa, em qualquer das localidades selecionadas. Nos Açores, no levantamento realizado para definir a composição do Império nas Ilhas, o termo *Mordomo* não aparece apenas em São Miguel e Graciosa. Como os livros consultados não apresentam de forma sistemática essa composição, é possível que a função exista e não tenha sido mencionada. Outra dificuldade para definir *Mordomo* é a multiplicidade de funções que este pode exercer, chegando em várias ilhas a confundir-se com o *Imperador*. Também pode equivaler a *Andador*, *Passeador* ou *Cavaleiro*.

Mordomo e *Mordomo Real* são termos equivalentes e genéricos para qualquer tipo de *Mordomo* (Fig. 48). No Maranhão, em alguns dos locais pesquisados, observei uma multiplicação de *Mordomos*, com pequenas diferenças nas designações complementares – *Baixo*, *de Linha*, *Celeste* – sem que tenha sido possível identificar o autor ou a razão da escolha dessas designações. A demanda pelo cargo é muito grande, o que justifica, possivelmente, a criação desses novos tipos de mordomia. Por outro lado, a hierarquia na passagem de um cargo a outro é rigorosa, como se pode observar na distinção entre *Primeiro*, *Segundo* e *Terceiro-mor*, para em seguida, chegaram a *Mordomo Régio* ou *Mordomo-Mor* termos que são equivalentes e cujo emprego para designar o mais importante dentre eles depende da casa que realiza a festa.

O *Mordomo Régio do Trono* é, como no caso do *Imperador do Trono*, a criança que representa o adulto escolhido para o cargo, vestido com roupas luxuosas e ocupando lugar privilegiado junto ao imperador.

Figura 48 – Mordomo



Fonte: Acervo da autora

Em Portugal, a presença de *Mordomos* também é frequente e suas funções são variadas. Embora seja uma das figuras mais importantes da corte imperial, não encontrei referências a indumentária ou insígnias que o identifiquem.

Algumas das funções que pode exercer estão claramente expressas na própria designação – *Mordomo do Fogo* para o que se encarrega dos fogos de artifício, foguetes e roqueiras, *Mordomo do Vinho*, o responsável pelo abastecimento de vinho para a festa. O número de Mordomos pode variar, mas não há uma hierarquia que possa ser identificada pelo termo, embora o *Procurador* seja o mais importante, quando há mais de um. As designações de *Meio* ou *Quarto*, não se referem à importância do *Mordomo*, mas aos valores em pães com que contribuíram para a festa.

Quadro 82 – Mordomo e variantes

AÇORES E PORTUGAL CONTINENTAL	MARANHÃO – ILHA DE SÃO LUÍS E ALCÂNTARA
1 – MORDOMO 2 – PROCURADOR 3 – MEIO MORDOMO 4 – QUARTO MORDOMO 5 – MORDOMO DO FOGO 6 – MORDOMO DO VINHO	1 – MORDOMO 7 – MORDOMO BAIXO 8 – MORDOMO CELESTE 9 – MORDOMO DE LINHA 10 – MORDOMO MOR 11 – MORDOMO REAL 12 – MORDOMO RÉGIO 13 – MORDOMO RÉGIO DO TRONO 14 – PRIMEIRO/A-MOR 15 – SEGUNDO/A-MOR 16 – TERCEIRO/A MOR

SIGNIFICADOS DICIONÁRIOS GERAIS	
PORTUGUESES	BRASILEIROS
1 – [...] O encarregado de preparar e dirigir uma festa de igreja. Aquelle que administra bens de confrarias ou irmandades (JS, p. 756);	1 – Administrador dos bens de uma casa, de uma irmandade, de uma confraria, etc. (ABH, p. 951).
	1 – O que administra os bens de alguma irmandade, ou confraria, e os aparatos das festas, etc. (AMS, p. 375).
	1 – Pessoa que administra os bens de uma irmandade ou qualquer outro estabelecimento (AH).
DICIONÁRIOS ESPECIALIZADOS	
1 – Um dos <i>Irmãos</i> escolhidos ou eleitos para realizarem as festas (<i>Bodos</i>) nos domingos de Pentecostes e da Santíssima Trindade (JSB, p. 374). 2 – Mordomo principal, que leva a <i>Coroa</i> e toma conta do dinheiro nos Bodos dos domingos de Pentecostes e da Santíssima Trindade (JSB, p. 453). 3,4 – Era aquele que, no tempo que se cultivava o trigo na ilha, contribuía com 25 pães para a festa do <i>Império</i> . [...] o que apenas dava 12 chamava-se <i>Quarto-mordomo</i> (JSB, p. 359). 5 – O responsável pela aquisição dos foguetes e dos fogos de artifício das festas do Espírito Santo (JSB, p. 374). 6 – Cada um dos responsáveis por tomar conta do vinho e dos tremoços das festas do Espírito Santo (JSB, p. 374).	
OUTRAS INFORMAÇÕES	
Os termos <i>Meio-irmão</i> e <i>Quarto-irmão</i> , utilizados para identificar o valor da contribuição em pães, são substituídos, em algumas freguesias, por <i>Meio-Mordomo</i> e <i>Quarto-mordomo</i> , com o mesmo significado. Nesse contexto <i>Mordomo</i> ou <i>Irmão-inteiro</i> designam aquele que contribui com 50 pães (JSB, p. 359).	

Os termos registrados pelos dicionários gerais e a etimologia estão em consonância com o papel atual dos mordomos, encarregados de prestar serviços específicos ou de acompanhar os imperadores, como servidores do Império e imediatamente inferiores na hierarquia, o que explica também o luxo das vestimentas que se pode admirar nas festas maranhenses.

No Açores o exercício da função presume tarefas a cumprir ou obrigações, o que não ocorre no Maranhão, onde os mordomos, na realidade, cumprem, a cada ano, um ritual de preparação para o cargo maior de Imperador.

5.2.8.1.12 Trinchantes, passarinhos, múltiplos irmãos, tesoureiros e tesoireiros também fazem a festa do Divino

Alguns termos isolados, que não têm correspondente que permita comparação, merecem, ainda assim, comentário.

É caso de *Trinchante*, cujo nome se deve ao exercício de uma função importante nos Açores, a de cortar a carne para a festa, mas que, além disso, tem um papel em algumas freguesias, pois é ele quem transporta a coroa, no cortejo, na ida para a igreja e a salva em que esta estava colocada, no retorno.

Simões (1987, p.175), atesta sua importância informando que o *Trinchante* ocupa o primeiro lugar da corte imperial ou *Equipagem* e, na ilha de Santa Maria, o segundo lugar na hierarquia do *Império*. Sua presença é assinalada por usar uma larga braçadeira guarnecida de elementos coloridos, de forma circular, que fazem pensar nas *mandalas*; no exercício de suas funções (trincar as *Flores do Espírito Santo*) usa uma espécie de toalha rendada sobre o ombro esquerdo. Sua posição na hierarquia seria equivalente no Maranhão à do *Mordomo-Régio*, embora esta última seja mais uma participação figurativa do que exercício efetivo de uma função.

Um número grande de termos é constituído a partir do termo *Irmandade* ou tem relação com ele. Nos Açores, frequentemente, a festa é realizada por *Irmandades*, associações constituídas para esse fim. Os componentes dessas irmandades são designados de acordo com as funções, o grau de envolvimento e a importância de sua contribuição para a *Irmandade*. São os *Irmãos*, que podem ser: *Irmão carga a pé* ou *Irmão de sorte cortada*, que estavam obrigados a servir a *Irmandade* e a oferecer 12 pães para a festa; *Irmão de devoção*, que não exercia cargos; *Irmão de pelouro*, que era candidato a exercer cargos; *Irmão de sorte de vaso*, rifado para servir e oferecer 12 pães; *Irmão esmoler*, que oferecia rosquilhas de serviço e dinheiro; *Irmão-inteiro*, *Meio-irmão* ou *Meio-mordomo* e *Quarto irmão* ou *Quarto mordomo*, que ofereciam 50, 25 ou 12 pães, respectivamente, para a festa; *Tabuleiro* e *Paz*, designados para ajudar o *Imperador* durante a festa e nessa ordem de importância.

No Maranhão, há ainda o *Passarinho*, que designa a pessoa simbolicamente presa pelas caixeiros e que é obrigada a contribuir com dinheiro para a festa, para então ser libertada. Dado o caráter lúdico dessa prática, a escolha do termo é interessante, pois anula de certa forma a pretensa violência associada à prisão, atenuada pelo caráter jocoso e até carinhoso, pela escolha da imagem do pássaro preso na gaiola para representar a situação do refém, como se desse forma o tranquilizasse quanto às intenções dos que o aprisionaram.

Um segundo termo que merece atenção é *Escoteiro*, empregado também no Maranhão, que designa aquele participante que recolhe, sozinho, doações para a festa, sem acompanhamento do toque das caixas, como é usual. Houaiss registra esse sentido como um regionalismo do Nordeste e acrescenta outros sentidos, como aquele que anda desacompanhado, sozinho; aquele que viaja sem bagagem ou que não tem mistura; puro. É com este último sentido que o termo é empregado correntemente no Maranhão, referindo-se a arroz consumido sem acompanhamento.

Finalmente os termos *Tesoireiro* e *Tesoureiro* que, embora se apresentem como variantes fonológicas, ocorrem em locais e em circunstâncias diferenciadas e, conseqüentemente, com significados diferentes. O *Tesoireiro/Tesoureiro* da festa em Portugal é aquele encarregado do controle das receitas e das despesas e a designação está associada à ideia de tesouro, os bens angariados.

No Maranhão, o *Tesoureiro* é o responsável pela derrubada do mastro e o termo refere-se a tesoura, uma armação de madeira utilizada como instrumento que apoiar a subida e a derrubada do mastro.

5.2.9 O *Espírito Santo* e seus símbolos

Este campo, constituído por quarenta e oito termos, compreende duas grandes sub-divisões, uma que se refere à entidade simbolizada, com seis termos, e outra aos elementos que o representem ou simbolizam: *Bandeira*, com treze termos, excluído um termo comum, dos quais três do Maranhão; *Coroa*, com dez, excluídos dois termos comuns, com nove do Maranhão; *Mastro*, com treze, excluído um comum, onze do Maranhão e *Pomba*, com seis, excluído um comum, com três do Maranhão.

Observei um aspecto comum a todas as designações do *Espírito Santo*, o respeito, que determina a sua designação sempre acompanhada por uma fórmula respeitosa de tratamento – *Senhor* – ou de um adjetivo que determina claramente a sua condição de ente superior – *Divino*. A fórmula de tratamento é mais frequente nos Açores e em Portugal Continental e o adjetivo é mais comum no Maranhão, onde é frequentemente utilizado como um sinônimo para *Espírito Santo*.

Henriques (1997, p. 177) registra que, em Proença-a-Nova, Portugal Continental, a designação mais frequente para o *Espírito Santo* é *Divino Espírito Santo*, mas também são ouvidas, embora com menos frequência O Altíssimo, O Divino, O Misericordioso ou O Bendito.

As designações, mesmo algumas delas apresentando frequências maiores ou menores por local considerado, não justificam um quadro comparativo, já que todas são conhecidas e identificadas em qualquer desses locais. No entanto, observei que nos cânticos, principalmente aqueles entoados pelas caixeiras, o Espírito Santo pode ser evocado por outras expressões, como as que seguem, todas coletadas por Barbosa, (2006):

Espírito Santo, Filho da Virgem Maria (p. 141);
 Santo Soberano (p. 149);
 Rosa de Todo Dia, Roseira de Todo Ano (p.149);
 Senhor Deus (p.150);
 Santo da Minha Paixão, Cadeado do Meu Peito, Chave do Meu Coração (p. 150);
 Meu Espírito Santo Pé de Prata, Bico de Ouro (p. 184);
 Espírito Santo da Humanidade (p. 185);
 Divino Consolador (pgs. 178,151);
 Divino Nosso Pai da Glória Celestial (p. 178);
 Divino Soberano (p. 178);
 Meu Divino Redentor (p.178);
 Meu Espírito Santo [...] Meu Jardim de Flores (p. 177);
 Divino Celestial (p. 172);
 Divino Rei da Glória (p. 171);
 Divino Redentor [...] Nosso Deus, Nosso Pai e Nosso Senhor (p. 171);
 Meu Deus Espírito Santo (p. 171);
 Divino Sacramento (p.158);
 Meu Pai de Consolação (p. 151);
 Meu Divino Espírito Santo Salvador da Humanidade (p. 151);
 Divino Espírito Santo, Santo de Grande Valor (p. 151).

Observei que a grande maioria dos 20 sintagmas levantados apresenta o termo Divino – dez ocorrências – ou a expressão Espírito Santo – sete ocorrências, às vezes combinadas, como em *Meu Divino Espírito Santo Salvador da Humanidade* e *Divino Espírito Santo, Santo de Grande Valor*.

Nas expressões ressalta-se o poder e a bondade do Espírito Santo – *Soberano, Rei da Glória, Redentor, Pai de Consolação, Salvador da Humanidade* –, faz-se associação a coisas belas e positivas como as flores – *Rosa de Todo Dia, Roseira de Todo Ano, Meu Jardim de Flores* – mas outras associações mais curiosas remetem à representação iconográfica da pomba – *Meu Espírito Santo Pé de Prata, Bico de Ouro* – ou revelam a dificuldade em definir a diferença entre cada um dos elementos da Trindade - *Espírito Santo Filho da Virgem Maria, Meu Divino Espírito Santo Salvador da Humanidade, Senhor Deus, Meu Deus Espírito Santo* – percebendo-se a confusão com Jesus Cristo e com Deus, os dois outros componentes da Santíssima Trindade. Esta confusão não é exclusiva dos cânticos das caixeiras maranhenses. Equívocos desse tipo ocorrem em outros locais e devem-se

possivelmente ao caráter abstrato do Espírito Santo, em oposição àqueles mais reconhecíveis e concretos do Pai e do Filho.

5.2.9.1 A Bandeira

O termo *Bandeira* não se refere a um único tipo de bandeira. Além do termo genérico comum, há três tipos de bandeiras principalmente nos Açores, e apenas um tipo no Maranhão, onde ocorre ainda uma espécie de pequeno estandarte, no topo do *Mastro*, denominado *Mastaréu* ou *Mastarel*.

Quadro 83 – Termos para comparação - Bandeira

AÇORES E PORTUGAL CONTINENTAL	MARANHÃO – ILHA DE SÃO LUÍS E ALCÂNTARA
BANDEIRA	BANDEIRA
BANDEIRA BRANCA DO ESPÍRITO SANTO/ BANDEIRA DOS FOLIÕES	
BANDEIRA DA COROA/ BANDEIRA DO ALFERES/ BANDEIRA VERMELHA DO ESPÍRITO SANTO./ MANTO DIVINO/ SANTO-VÉU/ VÉU DO DIVINO ESPRITO SANTO	BANDEIRA DO ESPÍRITO SANTO/ BANDEIRA REAL
BANDEIRINHA/ POMBINHA	

Entre os termos levantados em Portugal Continental e Açores e no Maranhão não há igualdade, embora haja equivalência de sentidos, no que diz respeito à *Bandeira* principal, a *Bandeira do Espírito Santo*, vermelha. O número de designações é menor no Maranhão, mas, com exceção da designação genérica e aplicável a qualquer tipo de bandeira e os termos que se referem à pequena bandeira que assinala a despensa, nos Açores, – Bandeirinha e Pombinha – todos os termos são sintagmas nominais, o que também se percebe na designação do próprio Divino e na dos elementos que o simbolizam. De certa forma, a variedade e a complexidade dessas denominações atesta o respeito e a valorização desses símbolos e do simbolizado, como se a simples nomeação revelasse uma intimidade desrespeitosa com a entidade cultuada e suas representações. As fórmulas, de certa forma, substituem aquelas

DICIONÁRIOS GERAIS	
PORTUGUESES	BRASILEIROS
1 – Pano de uma ou mais cores, que, preso no alto de uma haste, pode desenrolar-se fluctuando, e serve de distintivo de uma nação ou corporação (JS, p. 123).	1 – Pedaco de pano, com uma ou mais cores, às vezes com legendas, que se hasteia num pau, e é distintivo de nação, corporação, partido, etc. (ABH, p. 182).
1 – Pano, geralmente rectangular, de uma ou mais cores, com ou sem emblema, que serve de distintivo a uma nação, agremiação, sociedade, corporação, etc. (DPE, p. 215).	1 – Panno quasi sempre rectangular de uma ou mais cores, ás vezes com emblemas e legendas, que serve de distintivo de uma nação, corporação, partido, etc. (AMS, p. 314).
	1 – peça, ger. de pano rectangular, com as cores e emblema de uma nação, estado, instituição religiosa, agremiação política, recreativa ou desportiva etc. (AH).
DICIONÁRIOS ESPECIALIZADOS	
2,3,4,5,6,7 – Bandeira do Espírito Santo (JSB, págs. 97, 349, 502 e 583).	
OUTRAS INFORMAÇÕES	
Câmara Cascudo (2001, p. 45) descreve os diferentes tipos de bandeiras e comenta o uso por irmandades e corporações.	

As designações que fogem ao padrão estrutural mais comum, ou seja, um termo composto ou um sintagma nominal que parte do termo genérico *Bandeira* a que é acrescentado um ou mais de um elemento identificador e restritivo, têm em comum um aspecto coincidente no que diz respeito ao significado. Tanto *Manto* (*Divino*), como *Véu* (*Santo* ou do *Divino Espírito Santo*) remetem a uma ideia de proteção e/ou de algo que serve para evitar a revelação, como se coubesse à *Bandeira* a associação da simbologia à ocultação do mistério que representa o próprio Espírito Santo.

5.2.9.2 A coroa

Todos os dez termos levantados são variantes mais ou menos complexas do termo *Coroa*, quase sempre constituídas pelo termo e um ou mais adjetivos. Este termo ocorre também em outro campo conceitual para designar uma das *Insígnias* do *Imperador*.

Quadro 85 – Termos para comparação - Coroa

AÇORES E PORTUGAL CONTINENTAL	MARANHÃO – ILHA DE SÃO LUÍS E ALCÂNTARA
COROA/CROA/ COROA/ CROA DE/O ESPRITO SANTO/ COROA/CROA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO	COROA/ CROA/ COROA/ CROA DE/O ESPRITO SANTO/ COROA/ CROA DO DIVINO/ COROA/ CROA DIVINA/ COROA/ CROA VERDADEIRA/ DIVINA COROA/ CROA/ DIVINA SANTA COROA/ CROA/ SANTA C'ROA/ C'ROA/ SANTA COROA/ CROA DIVINA

O número de variantes e sua complexidade é muito mais marcante nos termos encontrados no Maranhão do que naqueles levantados em textos referentes a outros locais. Inclui este termo como uma das representações simbólicas do Espírito Santo, em razão dos cânticos em que por vezes o simbolizado e o símbolo se confundem, como se observa na designação de Santa e de Divina, como é designado o próprio Espírito Santo.

Quadro 86 – Coroa e variantes

AÇORES E PORTUGAL CONTINENTAL	MARANHÃO – ILHA DE SÃO LUÍS E ALCÂNTARA
1 – COROA, CROA 2 – COROA DO ESPRITO SANTO	1 – COROA/ CROA 3 – COROA/ CROA DE ESPRITO SANTO 4 – COROA/ CROA DO DIVINO 5 – COROA/ CROA DIVINA 6 – COROA/ CROA VERDADEIRA 7 - DIVINA COROA/CROA 8 - DIVINA SANTA COROA/CROA 9 - SANTA COROA/ CROA 10 - SANTA COROA/ CROA DIVINA
PRESENÇA EM DICIONÁRIOS	
1,2 – Uma das insígnias do Império. A coroa imperial é de prata lavrada, apresentando na parte anterior do aro, em relevo, a pomba de asas abertas (MBS, p. 68); 3,4,5,6,7,8,9,10 – TND.	1,3,4,5,6,7,8,9,10 – Objeto em metal para ser colocado na cabeça do imperador e que faz parte do conjunto de objetos que simbolizam o poder imperial, e que representam o Espírito Santo (FSR, p. 97); 2 - TND.
GERAIS	
ESPECÍFICOS	
ABH AMS AH JS DPE	JCS DVF JSB VFB LCC

TDSE 1 TND 2,3,4, 5,6,7, 8,9,10	TDSE 1 TND 2,3,4, 5,6,7, 8,9,10	TDSE 1 TND 2,3,4, 5,6,7, 8,9,10	TDSE 1 TND 2,3,4, 5,6,7, 8,9,10	TDSE 1 TND 2,3,4, 5,6,7, 8,9,10	TDSD 1 TND 2,3,4, 5,6,7,8, 9,10	TND 1,2,3, 4,5,6, 7,8, 9,10	TDRF 1,2 TND 3,4,5, 6,7,8, 9,10	TDSD 1 TND 2,3,4, 5,6,7,8, 9,10	TND 1,2,3, 4,5,6, 7,8, 9,10
ETIMOLOGIA									
JPM – 1 – [...] Pelo lat. <i>corona</i> “coroa; <i>fig.</i> círculo [...]” (p. 234); 2,3,4,5,6,7,8,9,10 – TND.									
AN – 1 – do lat. <i>corona</i> , de origem grega (p. 137); 2,3,4,5,6,7,8,9,10 – TND.									
AGc – 1 – ‘ornato circular com que se cinge a cabeça’ ‘o símbolo do poder ou da autoridade real’ Do lat. <i>corona</i> , deriv. do grego <i>korone</i> (p. 218); 2,3,4,5,6,7,8,9,10 – TND.									
SIGNIFICADOS DICIONÁRIOS GERAIS									
PORTUGUESES					BRASILEIROS				
1 – Diadema, insígnia de soberania (JS, p. 274).					1 – Ornato circular com que se cinge a cabeça (ABH, p. 387).				
1 – Adorno circular feito de metal precioso e pedrarias para colocar na cabeça dos reis, como símbolo de soberania (DPE, p. 443).					1 – Adorno de folhagem, flores, metaes, pedrarias etc., com que se cinge a cabeça (AMS, p. 545).				
					1 – Ornamento de formato circular us. sobre a cabeça como insígnia de soberania ou nobreza, como emblema de vitória etc. (AH).				
DICIONÁRIOS ESPECIALIZADOS									
1, 2 – Símbolo do Paráclito, uma das insígnias do Espírito Santo, uma coroa de prata, encimada por uma pomba (JSB, p. 190).									
OUTRAS INFORMAÇÕES									
Não encontradas									

Os termos comparados apresentaram pouca concordância, apesar da estrutura de formação idêntica, sempre a partir de um termo comum, mas adjetivado diferentemente. Vale relembrar o que se disse anteriormente, no que diz respeito à coincidência de formas das variantes fonológicas *Coroa/Croa*, que ocorrem em todas as variantes levantadas, independentemente da localidade de uso.

5.2.9.3 O Mastro

Tal como se viu no símbolo da *Coroa*, também, no que diz respeito ao *Mastro*, os termos que o designam são mais numerosos no Maranhão, o que se justifica, já que a importância simbólica, em Portugal e Açores, tem peso diferente daquela no Maranhão.

Levantei onze termos no Maranhão e apenas três em Portugal e nos Açores, com apenas um em comum, o de designação genérica.

Esta diferença também é evidente no tipo de termos, que no Maranhão compreendem variantes lexicais constituídas a partir do termo *Mastro*, como em Portugal e Açores – *Mastro*, *Mastro da Aleluia*, *Mastro Grande*, *Mastro Bento*, *Mastro de Espírito Santo*, *Mastro de Oliveira*, *Mastro do Divino*, *Mastro Real* – e ainda nomes próprios e termos referentes à origem – *Arvoredo*, *Oliveira*, *Divino de Oliveira* – ou que façam referência a sua semelhança com elementos bíblicos – *Torre de Jerusalém*.

Mas, de todas as designações, possivelmente as mais reveladoras da sua importância no contexto da festa maranhense são aquelas que representam um nome próprio, como João da Vera Cruz e Manuel da Vera Cruz, com o qual são batizados em cerimônia em tudo idêntica a um batizado católico, com velas, padrinhos, cânticos e orações específicos. Nestas duas designações há duas associações possíveis: a da madeira do mastro com a madeira da cruz verdadeira, em que Cristo foi crucificado; e a dos nomes de João, primo de Jesus e responsável pelo seu batismo no rio Jordão, designação esta utilizada no mês em que se festeja esse santo. Já o nome Manuel, empregado quando a festa é realizada em maio, retoma o nome do próprio Cristo, Emanuel. Aqui também se percebe a indefinição entre duas das Pessoas da Santíssima Trindade: o símbolo do Espírito Santo e o nome do Filho de Deus.

Quadro 87 – Termos para comparação - Mastro

AÇORES E PORTUGAL CONTINENTAL	MARANHÃO – ILHA DE SÃO LUÍS E ALCÂNTARA
MASTRO/ MASTRO DA ALELUIA/ MASTRO GRANDE	MASTRO/ DIVINO DE OLIVEIRA/ JOÃO DA VERA CRUZ/ MANOEL DA VERA CRUZ/ MASTRO BENTO/ MASTRO DE ESPÍRITO SANTO/ MASTRO DE OLIVEIRA/ MASTRO DO DIVINO/ MASTRO REAL/ OLIVEIRA/ TORRE DE JERUSALÉM

O número de designações está também adequado ao nível de importância que o Mastro apresenta segundo as localidades consideradas para este trabalho. Nos Açores e em Portugal Continental o *Mastro* tem importância secundária, servindo apenas para a condução da bandeira e sem outro valor agregado. No Maranhão, o *Mastro* é o centro das atenções e embora se mantenha, de certa forma, a sua função, com o *Mastaréu*, a desproporção de tamanho entre este último e o *Mastro* que o sustenta são evidências dos níveis de importância que ocupam na festa.

Quadro 88 – Mastro e variantes

AÇORES E PORTUGAL CONTINENTAL	MARANHÃO – ILHA DE SÃO LUÍS E ALCÂNTARA
1 – MASTRO 2 – MASTRO DA ALELUIA 3 – MASTRO GRANDE 4 – MASTRO REAL	1 – MASTRO 5 – DIVINO DE OLIVEIRA 6 – JOÃO DA VERA CRUZ 7 – MANOEL DA VERA CRUZ 8 – MASTRO BENTO 9 – MASTRO DE ESPÍRITO SANTO 10 – MASTRO DE OLIVEIRA 11 – MASTRO DO DIVINO 12 – OLIVEIRA 13 – TORRE DE JERUSALÉM
PRESENÇA EM DICIONÁRIOS	
1,2,3,4 – Mastro colocado junto do império e no topo do qual se encontra içada, durante as sete semanas de Espírito Santo, a bandeira do império ou da Irmandade (CL, p. 128);	1,5,8,9,10,11,12,13 – tronco de árvore, com seis metros ou mais de comprimento, decorado ou pintado, que é fincado em frente à casa onde se realiza a festa, ou em praça pública (FSR, p.112); 6 – Mastro, assim designado por batismo, quando

Câmara Cascudo (2001, p. 373) descreve o mastro, historia seu uso em várias festas, o que destaca a semelhança com o Mastro da festa do Divino, embora esta festa não seja mencionada.

Em comum entre os termos, e em concordância com os dicionários gerais consultados e a etimologia, estão os seguintes pontos: o fato de se referirem a objetos com a mesma semelhança de estrutura material, um tronco alto; o objetivo prático, o de sinalizar o espaço onde se realiza a festa; e a função principal, a de servir de suporte a outro símbolo, a *Bandeira*. Não há, no entanto, equiparação com o valor simbólico e por vezes quase mágico do mastro maranhense, que, em alguns terreiros, é cortado e distribuído como amuleto. Em Portugal Continental, no entanto, embora sem essa importância simbólica, é objeto de respeito, por vezes manuseado com cuidado para evitar falhas que possam trazer consequências negativas para os participantes, o local da festa ou a própria festa.

5.2.9.4 A Pomba

Com exceção da designação de *Fogaça*, pouco frequente e que se utiliza também para designar um tipo de doce, há neste elemento simbólico um equilíbrio entre o número de designações e também nos seus processos de formação. É também o que apresenta uma quantidade relativamente pequena de variantes.

Quadro 89 – Pomba

AÇORES E PORTUGAL CONTINENTAL					MARANHÃO – ILHA DE SÃO LUÍS E ALCÂNTARA				
1 – POMBO/A 2 – POMBA DO ESPÍRITO SANTO 3 – POMBA DO IMPÉRIO 4 – FOGAÇA					1 – POMBO/A 5 – POMBINHO/A 6 – POMBO BRANCO				
PRESENÇA EM DICIONÁRIOS									
1,2,3,5,6 – TND.					1,5,6 – Representação simbólica do Espírito Santo, na forma de uma ave, a pomba (FSR, p.118); 2,3,4 – TND				
GERAIS					ESPECÍFICOS				
ABH	AMS	AH	JS	DPE	JCS	DVF	JSB	VFB	LCC
TDSD 4,5 TDSE 1	TDSD 4,5 TDSE 1	TDSD 4,5 TDSE 1	TDSD 4,5 TDSE 1	TDSD 4,5 TDSE 1	TDSD 4 TND 1,2,3	TND 1,2,3, 4,5,6	TDSD 1,5 TDRF 2,3	TDSD 1,5 TND 1,2,3	TND 1,2,3, 4,5,6

TND 2,3,6	TND 2,3,6	TND 2,3,6	TND 2,3,6	TND 2,3,6	5,6		TND 4,6	4,6	
ETIMOLOGIA									
JPM – 1 – Do lat. <i>palumbu</i> (que existia ao lado de <i>palumbis</i>) “pombo bravo” (p. 397); 4 – TDSD; 2,3,5 6 – TND.									
AMS – 1 – Do lat. <i>palumbu</i> , pombo bravo (p. 410); 2,3,4,5 6 – TND.									
AGC– 1 – ‘Designação comum a todas as aves columbiformes, da fam. dos columbídeos’ do lat. <i>colomba –ae</i> (p. 621); 4 – TDSD; 2,3,5 6 – TND.									
SIGNIFICADOS DICIONÁRIOS GERAIS									
PORTUGUESES					BRASILEIROS				
1 – Fêmea do pombo (JS, p. 895).					1 – Designação comum a todas as aves columbiformes, da família dos columbídeos [...] (ABH, p. 1119).				
1 – Fêmea do pombo (DPE, p. 1329); Ave da família do columbídeos [...] (DPE, p. 1329).					1 – A fêmea do pombo (AMS, p. 45).				
					1 – Design. comum a várias aves columbiformes da fam. dos columbídeos, com ampla distribuição no mundo, granívoras, que possuem bico com a base coberta por uma cera, plumagem macia e rica em pó e pés ger. vermelhos (AH).				
DICIONÁRIOS ESPECIALIZADOS									
2,3 – Símbolo do Espírito Santo, colocado nos <i>ceptros</i> , nas <i>coroas</i> e na extremidade superior das Bandeiras do Espírito Santo (JSB, p. 443).									
OUTRAS INFORMAÇÕES									
O termo Pombinha pode significar: - emblema do Espírito Santo; nome que em São Miguel se dá a uma pequena bandeira das festas do Espírito Santo que figura na despesa (JSB, p. 443).									

Este símbolo pode ser designado no masculino ou no feminino sem que tenha sido possível identificar a predominância entre uma das formas ou algum tipo de influência regional. É um dos símbolos mais frequentemente encontrados, em vários materiais, estando presente em outros objetos simbólicos, como no topo da *Coroa*, na forma de uma pequena escultura em prata, no topo do *Mastro*, pintado no *Mastaréu*, e também pintado na *Bandeira*. Além disso, nos cortejos, são transportadas representações da *Pomba*, pintada ou branca, em

gesso, madeira, e outros materiais, além de estar presente nos *Altars*, também sob múltiplas formas, tamanhos e materiais.

O levantamento dos termos e sua organização por campos conceituais e, depois em quadros comparativos, facilitou a visualização e, conseqüentemente, possibilitou a percepção de algumas marcas na terminologia da festa. Uma delas é o número elevado de termos que apresentam variantes; uma outra é a predominância de variantes lexicais sobre as fonologias e principalmente sobre as morfossintáticas e ainda a presença quase exclusiva de variantes diatópicas, o que está em consonância com a realidade das festas, que ocorrem em múltiplos espaços, com distâncias entre eles predominantemente grandes.

Outros termos ainda mereceriam comentários, mas a riqueza e amplitude do universo terminológico da Festa do Divino tornariam este trabalho excessivamente longo e mesmo a organização em campos conceituais apresentaria uma fragmentação progressivamente maior.

Acredito que a continuação da pesquisa em outros locais, sejam eles outros terreiros, outros municípios maranhenses e outras festas no Brasil poderá revelar outros termos, motivações e relações com as festas em Portugal.

CONCLUSÃO

*O Divino se despede
Nesta hora de alegria
Se despede e vai deixando
Esta rica companhia
Caixeiras do Divino*

O objetivo geral deste trabalho foi comparar a terminologia da festa do Divino Espírito Santo em Portugal – Açores e região das Beiras – e no Maranhão – São Luís e Alcântara.

Para realizá-lo, algumas etapas se fizeram necessárias: coletar os termos da festa do Divino Espírito Santo nesses locais, selecioná-los, organizá-los e classificá-los em campos conceituais, e finalmente analisar esses termos, e as possíveis semelhanças e diferenças entre os termos que designam os mesmos elementos da festa em espaços diferentes.

A pesquisa realizada buscou comparar as variantes terminológicas utilizadas durante as diferentes etapas das Festas do Divino Espírito Santo em freguesias de diferentes ilhas dos Açores, com ênfase naquelas sobre as quais foi possível encontrar mais farta documentação, em Portugal Continental, na região das Beiras, e no Maranhão, em Alcântara e em alguns terreiros de São Luís.

Parti do princípio de que se trata do estudo do vocabulário de um campo de conhecimento especializado e, mais precisamente, de suas possíveis variações. Considerando que a socioterminologia tem como objeto de estudo os usos especializados da língua sob uma postura descritiva, admitindo a variação linguística, optei por fundamentar a pesquisa segundo a perspectiva socioterminológica, concordando com Strehler, quando afirma que: “[...] um trabalho terminológico não pode deixar de lado o aspecto variacionista, a não ser sob pena de guardar um valor limitado para um meio profissional limitado” (STREHLER, 1995).

A fundamentação teórica de base socioterminológica visava também a identificar a existência de diferenças terminológicas em razão das orientações religiosas diferentes, uma vez que as festas em Portugal Continental, nos Açores e em Alcântara são realizadas pelas comunidades e irmandades locais, por vezes com apoio e participação da Igreja Católica, e em São Luís é, predominantemente, realizada pelos terreiros. Em que pese os registros da festa, junto ao Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho, datados de 2006, a que tive acesso, serem feitos em nome de um festeiro e não das casas de culto – com exceção da casa de Nagô, da Casa das Minas e da Casa Fanti-Ashanti – na verdade muitos dos nomes dos festeiros são os dos chefes dos terreiros que realizam a festa, e os endereços são os das casas

de culto pelas quais são responsáveis. No entanto, não encontrei elementos que determinem a existência de uma diferença em razão da orientação religiosa. Certamente contribui para isso o caráter essencialmente católico da festa, mesmo a realizada nos terreiros.

A Festa do Divino é uma festa católica mas, em São Luís, é também uma festa que faz parte do ciclo de festas das casas de culto afro, especialmente as de tambor de mina. Esse sincretismo peculiar foi entendido, por alguns estudiosos, como uma relação entre o Espírito Santo e Ifá ou Fáf, que representa o destino entre os nagôs (COSTA, 1983, p. 361) ou entre o Divino e Oxalá (BASTIDE, 1973, p. 161), ambos citados por Ferretti (1995, p. 185), possivelmente porque a quebra eventual de qualquer detalhe do ritual pode ser vista como prenúncio do que o futuro trará. Em nenhum dos cânticos consultados ou dos depoimentos obtidos obtive, no entanto, referência a esta relação.

A pesquisa foi essencialmente documental, embora tenha tido a oportunidade de acompanhar várias festas em Portugal, nas Beiras, nos Açores e no Maranhão. Tive oportunidade também de conversar com participantes da festa, mas as grandes distâncias dos locais em que as festas se realizam e a indisponibilidade daqueles que a conhecem nos momentos em que pude estar presente, exatamente por coincidirem com a realização das festas, além das restrições de tempo, já que, apesar de ser possível observar festas o ano inteiro, há uma época em que se concentram várias, especialmente as mais tradicionais, contribuíram para a decisão de privilegiar o levantamento dos termos a partir de documentos, sempre tendo em mente a preocupação de coletar dados entre segmentos diferenciados, o que significa, em termos práticos, que utilizei documentos elaborados por estudiosos com as suas opiniões e visões, mas também documentos que registravam entrevistas com os participantes da festa, em que a festa era descrita sob a ótica do devoto.

Assim, se a voz de antropólogos foi considerada, também o foram as vozes dos mestres-salas, festeiros, caixeiras, antigos imperadores e devotos, em documentos que muito frequentemente ilustravam essa outra visão com cânticos ou trechos dos cânticos que são os pilares de orientação do ritual da festa.

Os termos foram obtidos nesses depoimentos escritos e nesses cânticos, em livros, revistas, artigos e trabalhos acadêmicos que os transcrevem sistematicamente e em menções feitas por outros personagens da festa, cujos depoimentos estão registrados nas obras selecionadas para servirem como documentos básicos.

Além da decisão de privilegiar a pesquisa documental, precisei resolver outras questões, como a seleção de campos conceituais e a decisão de mantê-los, ainda que se revelassem pouco produtivos para a análise comparativa, como foi o caso do campo da

culinária, extremamente rico em Portugal e Açores, com aproximadamente cento e quarenta termos e variantes, e reduzido, no Maranhão, a um termo específico da festa e mais dois que possibilitaram ser comparados. Apesar da disparidade, considere que era revelador da cultura e hábitos das regiões e mereciam, portanto, ser mantidos.

Uma outra dificuldade foi a organização do campo conceitual dos Participantes e Funções. Embora tenha obtido, neste campo, um dos maiores números de termos para comparação, este número ainda é proporcionalmente pequeno, menos de dez por cento do total de termos do campo. A maior dificuldade que este campo apresenta é a grande variedade de termos para uma mesma função básica e a indefinição dessas funções, que podem ser exercidas em uma localidade por um ou mais determinados participantes e por outro ou outros, em outra localidade, todos eles podendo acumular, além disso, outras funções, nem sempre as mesmas. Decidi agrupá-los apenas quando houvesse uma semelhança forte entre essas funções, ainda que designadas por termos diferentes.

Ao iniciar este trabalho, havia alguns questionamentos a orientar a pesquisa: o primeiro deles dizia respeito ao interesse em verificar se a terminologia da festa do Divino Espírito Santo em Portugal – Açores e região das Beiras – e no Maranhão – São Luís e Alcântara – apresentava diferenças que as individualizassem. Em seguida, outra questão se interpunha: se as possíveis diferenças entre a terminologia da festa em Portugal e no Maranhão estariam relacionadas aos espaços geográficos ou à orientação religiosa decorrente da presença africana na festa realizada no Maranhão.

Parti da hipótese de que havia, predominantemente, semelhanças na linguagem da Festa do Divino em Portugal – nos Açores e nas Beiras – e no Maranhão – São Luís e Alcântara. Esta hipótese, no entanto, não se confirmou inteiramente. As festas apresentam, nos seus rituais, muitos e fundamentais pontos em comum que contribuem para uma afirmação inquestionável de que há uma relação estreita entre elas, apesar de apresentarem rituais com níveis de rebuscamento na elaboração do ritual e no aparato visual muito diversificadas. No entanto, no que diz respeito à terminologia da festa, há grandes diferenças que são evidentes desde a quantidade até à diversidade na distribuição por campos conceituais. Assim, obtive setecentos e cinquenta e cinco termos, incluídos os trinta e seis termos comuns. Se considerados por área geográfica, obtive quinhentos e setenta e quatro termos nas áreas de Portugal Continental e Açores e cento e oitenta e um no Maranhão. Apesar de ter obtido apenas trinta e seis coincidências exatas de termos, comparei quarenta termos e suas variantes, o que totalizou por volta de duzentos e quarenta termos, em razão da equivalência evidente de significado.

A distribuição por campos conceituais é muito irregular. Dos nove campos organizados, apenas um não apresentou termos no Maranhão, o dos Objetos Acessórios e Decoração. Apesar da decoração rica e complexa não há, no Maranhão, termos específicos que definam seus elementos e os identifiquem com a festa. Os campos da Culinária e dos Instrumentos Musicais foram muito pouco produtivos, pelas mesmas razões.

Apesar da abundância e variedades de pratos e da importância da música para o ritual, as designações são feitas com elementos do léxico geral da língua, sem uma ligação direta com a festa, com raras exceções. Diferentemente, em Portugal e, especialmente, nos Açores, os pratos específicos da festa são numerosos e alguns deles expressam, na própria designação, essa relação.

Os campos que se revelaram mais produtivos e representativos em todas as áreas geográficas foram aqueles realmente essenciais e caracterizadores: o do ciclo da festa e o dos participantes.

Uma segunda hipótese era a de que as diferenças entre as terminologias decorrem essencialmente em razão dos diferentes espaços geográficos e condições culturais diferentes. Essa hipótese foi confirmada. O principal fator de variação, especialmente nos Açores, é o espaço geográfico e seus decorrentes culturais. A grande maioria das variantes encontradas é descrita como sendo a forma corrente em um espaço determinado, que pode ser uma das ilhas do arquipélago dos Açores ou uma das freguesias do mesmo arquipélago ou de Portugal Continental. Assim obtive, expressamente identificados, trinta e cinco termos da Ilha Terceira, vinte e cinco da ilha de São Miguel, trinta e oito da Ilha de Santa Maria, nove da Ilha do Pico, treze da ilha do Faial, vinte e oito da Ilha das Flores, seis da Ilha do Corvo, seis da Ilha Graciosa, trinta e nove para a Ilha de São Jorge e trinta e um da região das Beiras em Portugal Continental.

No Maranhão, é mais difícil identificar essa origem para as variantes encontradas, além do número de variantes ser muito menor. O número cada vez mais reduzido de caixeiras habilitadas e experientes, as condutoras do ritual da festa, tanto em Alcântara como em São Luís, e, nesta última cidade, frequentemente, a presença das mesmas caixeiras em várias festas, contribui certamente para essa relativa homogeneização dos termos.

Vale lembrar que, além das distâncias entre o arquipélago e o Continente, e mesmo entre as ilhas, ser muito grande, as condições climáticas e os deslocamentos unicamente por barco ou avião, também condicionados às condições do clima, favorecem o isolamento e, conseqüentemente, uma evolução dos hábitos, costumes, tradições e falares com marcas próprias.

Em Portugal Continental essas barreiras não são tão importantes, mas as distâncias ainda são maiores do que aquelas que separam, por exemplo, Alcântara e São Luís.

Apesar de considerar que também as distâncias no tempo possam ter influído na quantidade e tipo de variantes encontradas, não foi possível identificá-las por esse critério. Em alguns casos, há menção ao desaparecimento de certos rituais mas, nos casos em que obtive a informação de que uma determinada etapa do ritual tinha desaparecido, o mesmo não se podia dizer do termo, já que ele permanecia na memória e nos registros. Apenas os termos *Vacas*, nome de uma dança, *Enfenar*, hábito de jogar plantas no chão da sala da festa, e *Estoque*, um tipo de espada, foram mencionados como usados antigamente ou como hábito ou objeto em desuso. Além disso, constatei que elementos dados como desaparecidos por alguns autores, como o *Roubo do Império*, ainda são realizados, e pude assistir, recentemente, a um *Roubo do Império* realizado no bairro da Liberdade, em São Luís.

A tendência atual de revitalização e incentivo à retomada de tradições culturais perdidas ou em vias de desaparecimento também contribui para que a festa, algumas de suas etapas e, conseqüentemente, os termos que as designam, que se julga estarem em desuso, sejam recuperados. É o caso, por exemplo de algumas festas da Beira, como em Tentúgal, que voltou a realizar um cortejo do Espírito Santo, depois de muitas décadas.

Uma última hipótese aventava que haveria uma presença africana na linguagem da Festa do Divino no Maranhão, em relação de importância assimétrica, mais forte para o rito do que para a terminologia da festa. Esta hipótese também não se confirmou. Na verdade, não identifiquei nenhum termo de origem africana. Apesar de muitos cânticos dos terreiros de São Luís serem em línguas africanas, muitas delas reconhecidas por falantes e estudiosos, os cânticos da festa do Divino são em português e fortemente marcados pela influência católica.

Apenas na culinária encontrei pratos com origem e denominação africanas, mas deixei de considerá-los por não estarem relacionados diretamente à festa. São pratos do cotidiano alimentar maranhense ou, em alguns casos, pratos mais trabalhosos e dispendiosos mas que são, em geral, servidos em qualquer outra festa. Típico da festa, no Maranhão, apenas o *Doce de espécie*, cuja origem é açoriana.

O universo terminológico da festa do Divino revelou-se rico e original, o que se comprova pela quantidade substancial de termos não dicionarizados, ou dicionarizados com acepção diferente. A predominância de termos não dicionarizados atesta, salvo melhor juízo, a classificação da linguagem da festa como uma terminologia própria, constituída seja por termos criados com fins específicos para a descrição ou realização da festa, seja por itens do léxico geral da língua que, no âmbito da festa, assumiram novos significados.

Foi possível identificar algumas peculiaridades desse universo linguístico, que passo a comentar.

Do ponto de vista da dicionarização, observei que, dos quarenta termos comparados, que somaram, com suas variantes, por volta de duzentos e quarenta termos, de cem a duzentos e vinte não estão dicionarizados em algum dos dicionários consultados. Os termos dicionarizados apresentam predominantemente acepção equivalente ou diferente, mas não igual. Levantei cento e vinte e quatro termos com significado referente à festa, mas apenas seis em três diferentes dicionários especializados, dois em dicionários gerais e todos os outros no dicionário dos falares dos Açores. Vale observar que a obra consultada sobre a linguagem popular do Maranhão registra poucos termos referentes à festa do Divino.

O número elevado de termos para os cânticos comprova a importância destes para o ritual. Da mesma forma, considerando-se a frequência de cânticos utilizados para contextualizar os termos, podem-se confirmar as afirmações dos estudiosos sobre o papel fundamental das caixeiras e de seus cânticos para a condução e preservação da festa.

Do ponto de vista da classe gramatical, observei que há uma predominância marcada de substantivos e sintagmas nominais. O número de verbos e sintagmas verbais é muito pequeno e está quase restrito ao campo conceitual do ciclo da festa. Os raros adjetivos encontrados são usados com valor de substantivo. O número de substantivos, no total, é maior do que o de sintagmas nominais, mas em campos como o do ciclo da festa, da culinária e o do Espírito Santos e seus símbolos predominam os sintagmas, que contribuem para a distinção entre os termos da festa e o léxico geral da língua. Vale lembrar que, embora o *corpus* do trabalho tenha sido coletado em documentos escritos sobre a festa, estes documentos resultaram, principalmente, do registro de depoimentos ou cânticos da festa, portanto de situações reais de uso, o que caracteriza a importância da nomeação dos elementos da festa.

Muitas outras facetas poderão ser estudadas sobre a Festa do Divino, e o resultado desta pesquisa, espero, poderá abrir outras possibilidades que deem continuidade aos estudos linguísticos e suas relações com os aspectos culturais. Muitos termos merecem estudo aprofundado, além dos que aqui comparei, muitos locais apresentam versões diferentes da festa, o que certamente ampliará o universo linguístico da festa.

Ao final deste trabalho espero ter cumprido seus objetivos e contribuído para o aprofundamento dos estudos sobre a festa, especialmente no que diz respeito aos conhecimentos linguísticos e de oferecer subsídios para outros estudos de âmbito lexicográfico e terminológico. Dessa forma, espero colaborar para um melhor conhecimento

do português falado no Maranhão, na perspectiva dos estudos léxico-semânticos realizados pelo Projeto Atlas Lingüístico do Maranhão-ALiMA – filiado ao Projeto Atlas Lingüístico do Brasil-ALiB – na vertente do ALiMA: Manifestações Culturais de Raízes Africanas.

À guisa de conclusão, retomo a imagem da Festa do Espírito Santo nos Açores, quando os carros de bois, conhecidos como *Carros de toldo* – em razão das coberturas bordadas e rendadas que exibem – vindos das freguesias vizinhas, se instalam nas praças para participar da festa e assim contribuem para preservá-la e embelezá-la. Da mesma forma, espero que o “carro de toldo” dos estudos linguísticos evolua para um espaço definido, e se estabeleça com estrutura firme e definitiva, como são as *Casas-da-vila* ou *Casas de alto e baixo* açorianas, cuja função é abrigar em cada andar, as famílias que se deslocam para a festa. Que os estudos linguísticos também participem, sob uma nova abordagem, da preservação desta manifestação cultural.

REFERÊNCIAS

- ABBEVILLE, C. d'. **História da missão dos padres capuchinhos na Ilha do Maranhão e terras circunvizinhas**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1975.
- ABREU, M. **O império do Divino**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: FAPESP, 1999.
- _____. Cultura popular e relações de poder nas comemorações do Divino Espírito Santo no Rio de Janeiro do século XIX. In: CARVALHO, L. (Org.). **Divino toque do Maranhão**. Rio de Janeiro: IPHAN; CNFCP, 2005. pp. 7-21.
- ALVES, I. M. Questões epistemológicas e metodológicas em terminologia. In: CARVALHO, N. M. de; SILVA, M. E. B. (Orgs.) **Lexicologia, lexicografia e terminologia: questões conexas**. ENCONTRO NACIONAL DO GT DE LEXICOLOGIA, LEXICOGRAFIA E TERMINOLOGIA DA ANPOLL, 1., 1998, Recife. **Anais...** Recife: UFPE, 1998. pp. 95-106.
- ANDRADE, M. M. de. Lexicologia, terminologia: definições, finalidades, conceitos operacionais. In: OLIVEIRA, A. M. P. P. de; ISQUERDO, A. N. (Orgs.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. 2.ed. Campo Grande: UFMS, 2001, pp. 191-200.
- ANTUNES, I. A língua e a identidade cultural de um povo. In: VALENTE, A. **Identidade portuguesa e identidade: marcas culturais**. Rio de Janeiro: Caetés, 2007. pp. 93-102.
- ARAGÃO, M. do S. S. de. Do baianês ao piauiês: a onda de dicionários regionais nordestinos. **Revista do GELNE**, Fortaleza, v.2, n.1, pp.53-59, 2000.
- ARAÚJO, A. M. de. **Folclore Nacional: festas, bailados, mitos e lendas**. São Paulo: Melhoramentos, 1964.
- ATAÍDE, L. B. L. de. **Etnografia, Arte e Vida Antiga nos Açores**. Coimbra: Biblioteca Geral da Universidade, 1973.
- AUBERT, F. H. Língua como estrutura e como fato histórico-social: consequências para a terminologia. In: ALVES, I. M. (Org.). **A constituição da normalização terminológica no Brasil**. São Paulo: FFLCH/CITRAT, 1996. pp.11-15.
- AUGER, P. Implantabilité et acceptabilité terminologiques: les aspects linguistiques d'une socioterminologie de la langue du travail. **Terminologies Nouvelles**, Quebec; n. 12, pp. 47-57, 1994.
- AYMERICH, J. F. **La variació terminològica: anàlisi de la variació denominativa en textos de diferent grau d'especialització de l'àrea de medi ambient**. 2002. 569 p. Tese (Doctorat en Variació en el Llenguatge) – Universitat de Barcelona, Barcelona, 2002.
- AZEVEDO, P. A. d'. As festas dos imperadores. **Revista Lusitana**. Lisboa, n. 4, pp. 140-142, 1896.

AZEVEDO, P. de. Costumes e Festas Populares dos Séculos XV e XVI. **Revista Lusitana**, Lisboa, v.15, pp. 112-144,1912.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1992.

BARBOSA, M. O Divino, as caixeiros e o futuro ninguém sabe o que será. *In*: CARVALHO, L. (Org.). **Divino toque do Maranhão**. Rio de Janeiro: IPHAN;CNFCP, 2005. pp. 33-47.

_____. **Umas mulheres que dão no couro**. São Paulo: Empório de Produções & Comunicação, 2006. Inclui 1 DVD.

BARBOSA, M. A.. **Léxico, produção e criatividade**: processos de neologismo. São Paulo: Global, 1981.

_____. Lexicologia, lexicografia, terminologia, terminografia: identidade científica, objeto, métodos, campos de atuação. *In*: SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE TERMINOLOGIA, 2., ENCONTRO BRASILEIRO DE TERMINOLOGIA, 1., 1990, Brasília. **Anais...**, Brasília: IBICT, 1990. pp. 152-158.

_____. Dicionário de língua, vocabulários técnico-científicos, glossários: estatutos semântico-sintático das unidades-padrão. *In*: SEMINÁRIO DO GEL, 41.,1994. Ribeirão Preto. **Anais...**, São Paulo: v. 1. 1994, pp. 289-294.

BARCELOS, J. M. S. de. **Dicionário de falares dos Açores**: vocabulário regional de todas as ilhas. Coimbra: Almedina, 2008.

BARITÉ, M. **Diccionario de organización y representación del conocimiento**: clasificación, indización, terminología. Uruguai: Universidad de la republica Oriental del Uruguay, 2000. Disponível em: <<http://www.eubca.edu.uy/diccionario/diccion.htm>>. Acesso em: 15 ago. 2008.

BARROS, V. F. **Dicionário de falares das Beiras**. Lisboa: Âncora Editora; Edições Colibri, 2010.

BARTHES, R. **S/Z**. Paris: Éditions du Seuil, 1970.

BASTIDE, R. Contribuição ao estudo do sincretismo católico-fetichista. *In*: **Estudos Afro-Brasileiros**. São Paulo: Perspectiva, 1973, pp. 159-191.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2000.

BIDERMAN, M. T. C. **Teoria linguística**: linguística quantitativa e computacional. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

_____. As ciências do léxico. *In*: OLIVEIRA, A. M. P. P. de. ISQUERDO, A. N. (Orgs.). **As ciências do Léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. 2. ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2001, pp.13-22.

BORBUJO, A. S. Terminología y socioterminología. *In*: REAL, E.; JIMENEZ, D.; PUJANTE, D.; CORTIJO, A. (Eds.). **Écrire, traduire et représenter la fête**. València: Universitat de València, 2001, pp. 657-664.

BOULANGER, J.-C. Une lecture socioculturelle de la terminologie. *In*: GAUDIN, F.; ASSAL, A. (Ed.) Terminologie et sociolinguistique. **Cahiers de Linguistique Sociale**, Rouen: Université de Rouen, n. 18, pp. 13-30, 1991.

BOUTIN-QUESNEL, R. *et al.* **Vocabulaire systématique de la terminologie**. Québec: Office de la langue française, 1990.

BUESCU, M. L. C. **Monsanto**: etnografia e linguagem. Lisboa: Editorial Presença, 1984.

CABRÉ CASTELLVI, M. T. **La terminología**: teoría, metodología, aplicaciones. Barcelona: Antártida. 1993.

_____. La terminología hoy: concepciones, tendências e aplicaciones. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 24, n. 3., pp. 289-298., 1995.

_____. La Terminología, una disciplina en evolución: pasado, presente y algunos elementos de futuro. **Revista Debate Terminológico**, n. 1-3, 2005. Disponível em <<http://www.riterm.net/revista/n1/cabre.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2012.

CAIXEIRAS da Família Menezes. **O Divino Som**. Dirigido por Paulo Dias e produzido pela associação Cultural Cachuera! São Paulo: estúdio Salaviva- espaço Cachuera!, fev/mar 2011. 1 CD.

CAMARA CASCUDO, L. da. **Dicionário do Folclore**. São Paulo: Global, 2001.

_____. **Antologia do folclore brasileiro**. v. 1. São Paulo: Global, 2002.

CÂMARA JUNIOR, J. M. Língua e cultura. *In*: _____. **Dispersos**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004, pp. 265-293.

CAMPOS, A. de. **Portugal Pitoresco**. Coimbra: [s. n.], 1879.

CARDOSO, A. L. M. **Vocabulário do bumba-meu-boi do Maranhão**: uma abordagem lexicográfica e terminológica. 209 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

CARVALHO, M. M. de. Divino Espírito (re)ligando Portugal/Brasil no imaginário religioso popular. *In*: CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA: mundos sociais, saberes e práticas, 6. Lisboa. **Palestras...** Lisboa: [s. n.], 2008. Disponível em: <www.aps.pt/vicongresso/pdfs/188.pdf>. Acesso em: 8 mar. 2013.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.

CLAS, A. A pesquisa terminológica e a formulação de parâmetros em função das necessidades dos usuários. *In*: ISQUERDO, M. A.; KRIEGER, M. da G. (Orgs.). **As ciências**

do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia. v. 2, Campo Grande: Editora da UFMS, 2004. pp. 223-238.

CORREIA, M.; LEMOS, L. S. P. de. **Inovação lexical em português.** Lisboa: Edições Colibri; Associação de Professores de Português, 2009.

CORTESÃO, J. **Os factores democráticos na formação de Portugal.** Lisboa: Portugália Editora, 1966.

COSERIU, E. Fundamentos e tarefas de sócio e etnolinguística. In: CONGRESSO NACIONAL DE SÓCIO E ETNOLINGÜÍSTICA, 1., 1987, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: UFPB, 1987, p.17.

COSTA, Pe. V. C. da. (S. J.). **Umbanda. Os Seres Superiores e os Orixás/Santos.** São Paulo: Loyola, 1983. 2v.

COSTA, A. de M. **O léxico do vestuário da década de 80.** 2004. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2004.

COSTA, A. **O culto do Espírito Santo.** Lisboa: Ésquilo, 2008.

COUTO, M.. **Três fantasmas mudos para um orador luso-afônico.** In: VALENTE, A. (Org.). *Língua portuguesa e identidade: marcas culturais.* Rio de Janeiro: Caetés, 2007. pp. 11-22.

CUNHA, A. G. da. **Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

CUNHA, D. R. da. **História Eclesiástica da Igreja de Lisboa.** v. 1. Lisboa: [s. n.], 1642.

DIAS, J. L. **Etnografia da Beira.** v. 8. Lisboa: [s. n.], 1953.

DICIONÁRIOS da língua portuguesa. Revisão e atualização: Departamento de dicionários da Porto Editora. Porto: Porto Editora, 2008.

DIKI-KIDIRI, M. La terminología cultural: fundamentos de una verdadera localización. In: SIMPOSIO IBEROAMERICANO DE TERMINOLOGÍA [RITERM], 8., 2002, Cartagena das Índias. **Atas...**, Cartagena de Índias, [s. n.], 2002. Disponível em: <<http://www.riterm.net/actes/8simposio/indice02.htm>>. Acesso em: 10 nov. 2008.

DIVINO de Alcântara, O: a festa do Divino Espírito Santo em Alcântara-Maranhão. Direção: Murilo Santos. Produção: Maranhão – Secretaria de Cultura; Coordenadoria de Ação e Difusão Cultural; Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho; Comissão Maranhense de Folclore. 1997. 1 DVD.

DUBOIS, J. et al. **Dicionário de linguística.** São Paulo: Cultrix, 2001.

DUBUC, R. **Manuel pratique de terminologie.** Montréal: LINGUATECH; Paris: Conseil International de la Langue Française, 1978.

_____. **Manuel pratique de terminologie**. Montréal: Linguattech, 1992.

EM NOME do Espírito Santo. Dirigido por Carlos Brandão Lucas. Vídeo patrocinado pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros. Lisboa: Fundação Camões, 2000. 1 DVD.

EM NOME do Divino: Brasil. Dirigido por Carlos Brandão Lucas. Vídeo patrocinado pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros. Lisboa: Fundação Camões, 2002. 1 DVD.

ESPÍRITO SANTO, M. **Origens orientais da religião popular portuguesa**: seguido de ensaio sobre toponímia antiga. Lisboa: Assírio & Alvim, 1988.

_____. **A religião popular portuguesa**. Lisboa: Assírio & Alvim, 1990.

FAULSTICH, E.. Socioterminologia: mais que um método de pesquisa, uma disciplina. **Revista Ciência da Informação**: Revista da SBPC, São Paulo. v. 24, n. 3, 1995.

_____. Variantes terminológicas: princípios linguísticos de análise e método de recolha. RÉFLEXIONS MÉTHODOLOGIQUES SUR LE TRAVAIL EN TERMINOLOGIE ET EM TERMINOTIQUE DANS LES LANGUES LATINES. REALITER, 1996, Nice, **Actes...** Nice: Université de Nice-Sophie Antipolis, 1996. pp. 15-20. Disponível em: <<http://www.realiter.net/nice/faulstich.htm>> Acesso em: 8 nov. 2008.

_____. Entre a sincronia e a diacronia: variação terminológica no código e na língua. **SIMPOSIO IBEROAMERICANO DE TERMINOLOGÍA-RITERM**, 6., 1998, Havana. **Actas...** Havana, [s. n.], 1998. Disponível em: <<http://www.unb.br/il/liv.enilde/base/artigo.htm>>. Acesso em: 10 nov. 2012.

_____. E. Príncipes formels et fonctionnels de la variation en terminologie. **Terminology**, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing CO, v. 5, n.1, p. 93-106, 1998/1999.

_____. A Socioterminologia na Comunicação Científica e Técnica. **Revista Ciência e Cultura**: Revista da SBPC, São Paulo. v.58, n.2, p. 27-31, abr/jun. 2006. Disponível em: <<http://www.unb.br/il/liv.enilde/base/artigo.htm>>. Acesso em : 10 nov. 2008.

FERNANDES, A. A.; FERNANDES, M. **Espírito Santo em festa**. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2006.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

FERREIRA, J. de M. M.. **Divino Maranhão 2012**: homenagem aos 400 anos de São Luís. Disponível em: <http://www.cultura.ma.gov.br/portal/sede/index.php?page=noticia_exte nd&loc=scp&id=23>. Acesso em: 27 jul. 2012.

FERREIRA, J. R. **Alcântara e o Império do Divino**: pedras e tronos decadentes. 1998. 152 p. Monografia (Graduação em História) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 1998.

FERRETTI, M. M. R. **Desceu na guma**. São Luís: SIOGE, 1993.

FERRETTI, S. F. **Querebentan de Zomadonu**: etnografia da Casa das Minas. São Luís: EDUFMA, 1985.

_____. **Repensando o sincretismo**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; São Luís: FAPEMA, 1995.

_____. Festa do Divino no Tambor de Mina: estudo de ritos e símbolos na religião e na cultura popular. Sessão Temática: Les religions afro-américaines aujourd'hui: permanences et transformations. CONFÉRENCE DE LA SOCIÉTÉ INTERNATIONALE DE SOCIOLOGIE DES RELIGIONS, 25. 1999. Université Catholique de Leuven, Bélgica. 26-30 julho 1999. **Palestras...** Disponível em: <http://www.gpmina.ufma.br/pastas/doc/Festa%20do%20Divino%20no%20Tambor%20de%20Mina.pdf>. Acesso em 3 set. 2013.

_____. Festa do Divino no Maranhão. In: CARVALHO, L. (Org.). **Divino toque do Maranhão**. Rio de Janeiro: IPHAN/CNFCP, 2005. pp. 23-31.

_____. Festas religiosas populares em terreiros de culto afro. In: BRAGA, S. G. **Cultura Popular, Patrimônio Imaterial e Cidades**. Manaus: EDUA/FAPEAM, 2007, pp. 77-97.

_____. Querebentã de Zomadônu: etnografia da Casa das Minas do Maranhão. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

FESTA do Divino em Alcântara, A. Dirigido por Murilo Santos. Produção: Sacada Produções. Vídeo Patrocinado pelo Governo do Estado do Maranhão. São Luís: Sacada produções, 1 DVD.

FESTA na aldeia do Penedo: Disponível em: <<http://coutinho-afonso.blogspot.com.br/2010/06/festa-na-aldeia-do-penedo.html>>. Acesso em: 9 maio 2012.

FESTAS da Santíssima Trindade. Disponível em: <<http://www.cm-batalha.pt/turismo-e-lazer/eventos>>. Acesso em: 9 maio 2012.

FINATTO, M. J. B.. A definição terminológica do dicionário TERMISUL: expressões linguísticas de relações conceituais complexas. In: OLIVEIRA, A. M. P. P. de; ISQUERDO, A. N. (Orgs.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. 2.ed. Campo Grande: UFMS, 2001, pp. 211-223.

_____. Termos, textos e textos com termos: novos enfoques dos estudos terminológicos de perspectiva linguística. In: ISQUERDO, A. N.; KRIEGER, M. da G. (Orgs.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. v.2. Campo Grande: UFMS, 2004, pp. 341-357.

GAMBIER, Y. Présupposés de la terminologie: vers une remise en cause. **Cahiers de linguistique sociale**. n. 18, pp. 31-58., 1991.

GAUDIN, F. **Pour une socioterminologie**. Rouen: Publications Université de Rouen, 1993.

_____. **Socioterminologie**: une approche sociolinguistique de la terminologie. Bruxelles : Duculot, 2003.

GONÇALVES, J.; OLIVEIRA, L.. Os foliões da Divindade no cemitério dos Caldeirões. *In*: NUNES, Izaurina de Azevedo. (Org.). **Olhar, memória e reflexões sobre a gente do Maranhão**. São Luís: Comissão Maranhense de Folclore, 2003, pp. 179-184.

GONÇALVES, J. R. S.; CONTINS, M.. A escassez e a fartura: categorias cosmológicas e subjetividade nas festas do Divino Espírito Santo entre imigrantes açorianos no Rio de Janeiro. *In*: CAVALCANTI, M. L. V. de C.; GONÇALVES, J. R. S. (Orgs.). **As festas e os dias: ritos e sociabilidade festivas**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2009, pp. 11-35.

GOUVEIA, C. **“O Reinado de Vó Missã”**: estudo da festa do Divino em um terreiro de mina em São Luís. 1997. 105 p. Monografia (Graduação em Ciências Sociais). Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 1997.

_____. **As esposas do Divino**: poder e prestígio feminino nas festas do Divino em terreiros de tambor de mina em São Luís do Maranhão. 2001. 156 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2001.

HAENSCH, G. et al. **La lexicografia**: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica. Madrid: Gredos, 1982.

HENRIQUES, F. A Festa do Espírito Santo no Ladoeiro e no Sul da Beira Interior. **Açafa**, Vila Velha de Ródão, n. 1, 1996.

HOUAISS, A; VILLAR, M. de S. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss; Editora Objetiva, 2007.

HUMBLEY, J. Terminologie et néologie. Le français et son enseignement: évolutions et mutations. **Dialogues et cultures**. Bruxelles, n. 42. pp. 23-28, 1998.

_____.; CANDEL, D. Oralisation de sigles en aéronautique. **Linx**, Paris: Université Paris X-Nanterre; n.30., pp. 133-151., 1994.

ILHAS Atlânticas e o Brasil, As. Dirigido por Carlos Brandão Lucas. Vídeo patrocinado pelo Centro de Estudos da História do Atlântico. Funchal: CEHA, 2000. 1 DVD.

ISO 1087. **Terminologie et vocabulaire**. Génève: Organisation Internationale de Terminologie, 1990.

KRIEGER, M. da G. Terminologia revisitada. **DELTA**, [S.l.], v. 16, n. 2, pp. 209-228., 2000.

_____. ; FINATTO, M. J. B. **Introdução à terminologia**: teoria & prática. São Paulo: Contexto, 2004.

LACROIX, M. de L. L. **A Fundação Francesa de São Luís e seus Mitos**. São Luís: Lithograf, 2002.

LEAL, J. **Etnografia dos Impérios de Santa Bárbara** (Santa Maria, Açores). Lisboa: Instituto Português do Património Cultural, 1984.

_____. **As festas do Espírito Santo nos Açores**: um estudo de antropologia social. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1994.

LENDA dos degolados de Montemor-o-Velho, A. Disponível em: <<http://mosteirodeseica.com/artigos/>>. Acesso em: 20 jun. 2012.

LÉVI-STRAUSS, C. **Antropologia estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

LEWANDOWSKI, T. **Diccionario de lingüística**. Madrid: Cátedra, 1986.

LIMA, C. de. **A Festa do Divino Espírito Santo em Alcântara** (Maranhão). Brasília: Fundação Nacional Pró-Memória; Grupo de Trabalho de Alcântara, 1988.

_____. Reportagem-viagem ao Divino Espírito Santo dos Açores. **Boletim da Comissão Maranhense de Folclore**, São Luís; n.24., pp. 14-16., dez. 2002.

_____; LIMA; Z. M. C. **O Divino Espírito Santo**. Disponível em: <http://www.portaldodivino.com/textos_2008/texto2.htm>. Acesso em: 21 maio 2013.

LIMA, Z. M. C. Pecados da gula: comeres e beberes das gentes do Maranhão. São Luís, CBPC, 1998.

_____. **Rezas, benzimentos e orações**. São Luís: [s. n.], 2008.

LOPES, A. As Festas do Divino Espírito Santo no Continente. **Jornal a Página da educação**, [S.l.], ano 15, n. 155, Abr. 2006, p. 43. Disponível em <<http://www.apagina.pt/arquivo/ImprimirArquivo.asp?ID=4568>>. Acesso em: 24 abr. 2009.

MACHADO, J. P. **Dicionário etimológico da Língua portuguesa**. Lisboa: Livros Horizonte, 1989.

MARANHÃO. Secretaria de Estado da cultura. Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho. **Memória de velhos, depoimentos**: uma contribuição à memória oral da cultura popular maranhense. v. 1. São Luís: LITHOGRAF, 1997a.

MARANHÃO. Secretaria de Estado da cultura. Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho. **Memória de velhos. depoimentos**: uma contribuição à memória oral da cultura popular maranhense. v.4. São Luís: LITHOGRAF, 1997b.

MARQUES, A. **Terra enfeitada e rica**. São Luís: Imparcial, 1941.

MAUSS, M. **Ensaaios de Sociologia**. São Paulo: Perspectiva, 1981.

MEDINA, J. M. M. **O ciclo do Espírito Santo**. Angra do Heroísmo: Nova Gráfica Ltda, 2007.

MENDES, H. F.. **Do Espírito Santo à Trindade**: um programa social de cristianismo inculturado. Porto: Universidade Católica Portuguesa, 2006.

_____. **Memórias e saudades de um Império do Espírito.** Disponível em: http://www.adiaspora.com/_port/ola/evento/2006/helder.htm Acesso em: 2 set. 2013.

MEYER, M. Tem mouro na costa ou Carlos Magno “Reis ”do Congo. *In*: _____. **Caminhos do imaginário no Brasil.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, pp. 147-158, 2001.

MONTEIRO, Z. **Freguesia de Eiras recria domingo Cortejo do Imperador.** Disponível em: http://www.odespertar.com/jornal/index.php?option=com_content&view=article&id=1346:freguesia-de-eiras-recria-domingo-cortejo-do-imperador-&catid=20:coimbra&Itemid=127>. Acesso: 8 maio 2012.

NASCENTES, A. **Dicionário etimológico da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1952. 2. v.

OLIVEIRA, E. V. de. **Instrumentos musicais populares dos Açores.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian – Serviço de música, 1986.

OLIVEIRA, F. de. **Grammatica da lingoagem portuguesa.** 3. ed. Lisboa: Edição de José Fernandes Júnior, 1933.

PACHECO G.; GOUVEIA, C.; ABREU, M. C. **Caixeiros do Divino Espírito Santo do Maranhão.** Rio de Janeiro: Associação Cultural Caburé, 2005. Inclui 2 CDs sonoros.

PAGLIARO, A. **A Vida do Sinal.** 2. ed., Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.

PENEDO – Divino Espírito Santo, 7 semanas após a Páscoa. Disponível em: <http://www.jf-colares.pt/index.htm?no=303014,077>>. Acesso em: 9 maio 2012.

PICOCHÉ, J. **Précis de lexicologie française: l'étude et l'enseignement du vocabulaire.** Paris: Natan, 1977.

PIRES, A. T.. Investigações etnográficas. 4., **Revista Lusitana**, v. 11, Lisboa, p.63-78, 1908.

_____. A função do Espírito Santo na Villa de Sant'ago de Cassem. **Revista Lusitana**, v. 17, Lisboa, pp. 190-192, 1914.

PORTAL do Divino. Disponível em: <http://www.portaldodivino.com/index1.htm>>. Acesso em: 9 maio 2012.

RAMOS, C. de M. de A.; BEZERRA, J. de R. M. Foliões da Divindade: a quebra da tradição maranhense. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE AS FESTAS DO DIVINO ESPÍRITO SANTO, 5., 2012. Angra do Heroísmo. **Palestras...** Angra do Heroísmo, [s. n.], 2012.

RIBEIRO, L. da S. Notas sobre a vida rural na Ilha Terceira. **Revista Lusitana**, v. 31. Lisboa, pp. 73-93, 1934.

ROCHA, M. de F. S. A cultura do arroz no Baixo Mondego e na Baixada Maranhense: considerações sobre o léxico. In: RAMOS, C. de M. de A.; ROCHA, M. de F. S.; BEZERRA, J. de R. M. (Orgs.). **A diversidade do português falado no Maranhão**: o Atlas Linguístico do Maranhão em foco. São Luís: Edufma, 2006. pp. 33-56.

_____. A coroa do rei/ a crôa do Divino: variação lexical nos cânticos e depoimentos sobre a festa do Divino Espírito Santo no Maranhão. In: RAMOS, C. de M. de A.; BEZERRA, J. de R. M.; ROCHA, M. de F. S. **O português falado no Maranhão**: múltiplos olhares. São Luís: EDUFMA, 2010a. pp. 120-131.

_____. A festa do Divino Espírito Santo: uma proposta de glossário. In: LEURQUIN, E. V. F.; BEZERRA, J. R. M.; SOARES, M. E. **Linguagens, Discurso e Formação de Professores**. Fortaleza: UFC Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2010b.

ROMANS: Du temps des malheurs au temps des reconstructions (Du milieu du XVI^e au XVII^e siècle) Disponível em: <<http://valeursdhistoire.free.fr/fichierspdf/lienspege10/moderne/romansXVIeXVIIeconfoct2006.pdf>>. Acesso em: 5 jun. 2012.

SANTOS, J. L. dos. **identidade**. São Paulo: brasiliense, 2003.

SANTOS, P. B. dos. **Alcântara**: a sociologia da festa do Divino. São Luís: FIPES, 1980.

SAPIR, E. **Linguística como ciência**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1961.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. 20. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

SILVA, G. M. de O.; SCHERRE, M. M. P. (Orgs.). **Padrões sociolinguísticos**: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; UFRJ, 1996.

SÉGUIER, J. de. **Dicionário Prático Ilustrado**: Novo dicionário encyclopédico luso-brasileiro. Porto: Livraria Chardron, 1931.

SERRA, A. **Terra enfeitada e rica**. São Luís: Imparcial, 1941.

SIMÕES, M. B. **Roteiro lexical do culto e festas do Espírito Santo nos Açores**. Lisboa: ICALP, 1987.

SILVA, A. de M.. **Dicionario da Lingua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Empreza Litteraria Fluminense, 1890. 2 v.

SILVA, J. de C. **Dicionário da Língua Portuguesa Medieval**. Londrina: EDUEL, 2007.

SOARES, M. M. Os impérios populares. In: **Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa**. Lisboa, pp. 251-368, 1982.

SOUSA, D. F. F. de. **A festa do imperador de Eiras e o culto do Espírito Santo**. Coimbra: INATEL (delegação de Coimbra), 1994.

STREHLER, R. G. A socioterminologia como base para a elaboração de glossários. **Ciência da Informação**, Brasília; v. 24, n.3, pp. 70-77, 1995.

TRASK, R. L. **Dicionário de linguagem e linguística**. São Paulo: Contexto, 2004.

ULLMAN, S. **Semântica**: uma introdução à ciência do significado. 5. ed. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.

VASCONCELOS, A. Glossário da terminologia do caranguejo: uma perspectiva socioterminológica. In: RAZKY, A. (Org.) **Estudos geo-sociolinguísticos no Estado do Pará**. Belém, pp. 143-154, 2003.

VICTAL, J. M. O. *et al.* **Festa dos tabuleiros**. Tomar: Intermagia, 2011.

VIEIRA FILHO, D. A Festa do Divino Espírito Santo. Separata de **Revista da Academia Maranhense de Letras**, v. 9, São Luís, pp. 39-46, 1954.

_____. **A linguagem popular do Maranhão**. 2. ed. São Luís do Maranhão: Tipogravura Teixeira, 1958.

_____. Folclore do Maranhão: Festa do Divino Espírito Santo. **Revista Maranhense de Cultura**, ano1, n.1, São Luís: FUNC, pp.55-58, jan-jun 1974.

_____. Outras manifestações: Festa do Divino Espírito Santo. In: _____. **Folclore brasileiro: Maranhão**. Rio de Janeiro: MEC/FUNARTE, pp. 47-49, 1977.

VILELA, M. **Estudos de lexicologia do português**. Coimbra: Almedina, 1994.

_____. **Metáforas do nosso tempo**. Coimbra: Almedina, 2002.

WAGNER, R.-L. **Les vocabulaires français**: définitions – les dictionnaires. Paris: Didier, 1967.

APÊNDICE A – UM BALHO NA TERCEIRA EM 1842

NOME	DESCRIÇÃO	EXEMPLOS DE VERSOS
CHARAMBA	Em ala sete mancebos [...] Defronte d'elles forma-se outra fileira também de oito lindas donzellas, escolhidas d'entre as mais delicadas e airosas [...] movendo-se pausadamente as duas filas defronte uma da outra [...] cumprimentando o seu par [...] e depois as damas também por sua ordem.	Estribilho: <i>Ó linda Jonia,/ Ó bella Marcia.</i>
S. MIGUEL	[...] vão bailando á roda entresachados os mancebos e donzellas, em quanto se canta meia cantiga para um, e para o outro em quanto se canta o resto. Esta moda já é um pouco mais alegre [...].	<i>S. Miguel tem quatro pontas/ Todas viradas ao oeste/ A affeição que em ti pus/ Foi feitiço que me deste.</i>
S. MACAIO	Moda mais alegre e rapida, e também á roda, e meia cantiga cantada passa-se adiante do bailar com o seguinte parceiro [...].	<i>S. Macaio deu á costa/ Deu á costa riverou/ Todos os mais se salvaram/ Só o S. Macaio ficou.</i> <i>S. Macaio deu á Costa/ Na costa da Figueirinha/ Onde o pobre do S. Macaio/ Ia lavar a morrinha.</i>
TIRANA	[...] a voz toma um tom lastimoso e irado [...] e em quanto se canta [...] o pé bate no chão [...].	<i>Ó tira...tira...tirana/ Tirana das flores brancas/ Ó das flores brancas/ Ó das flores brancas/ Eu não sei mostrar carinhos/ A quem me mostra carrancas/ Ó lê carrancas/ Ó lê carrancas.</i>
PESINHO	[...] e tornam a pôr defronte um do outro [...] cantam [...] unindo os pés, mas cantado [...] meio estribilho dão volta mui ligeira e não sem muita graça; por que se enfunam as saias das nossas damas, que vão logo pôr outra vez o pesinho cantando a outra	Estribilho: <i>Ponha aqui o seu pesinho/ Ponha aqui ao pé do meu ...</i> <i>Que tirado o seu pesinho/ Cada um fica com o seu.</i>

	parte.	
SÓ TU		Estribilho: <i>Só tu, meu lindo bem, só tu.</i>
S. GONÇALO		<i>Encontrei o S. Gonçalo/ À ladeira do Pisão/ Escanchado n'uma mula/ Sem freio, nem cabeção.</i> <i>Encontrei o S. Gonçalo/ À ladeira das três voltas/ Estava posto a chorar/ Sem poder calçar as botas.</i> <i>S. Gonçalo já é velho/ Já é velho não tem dentes/ Já lhe morreu a velhinha / Que lha dava papas quentes.</i> <i>S. Gonçalo já é velho/ Já é velho e maganão/ Quando passa pelas moças/ Arrefia e aperta a mão.</i> <i>S. Gonçalo do Amarante/ Das velhas casamenteiro/ Porque não casaes as moças/ Que aquiandam no terreiro.</i>
CONSTÂNCIA	Modinha	<i>Constancia, minha constância/ Não sei que de ti será/ São acasos da ventura/ São voltas que o mundo dá.</i> <i>Constância não me deixes/ Que eu nunca te deixarei/ Nem por quanto o mundo tem/ Deixar-te, nunca farei.</i> <i>A constância em que eu vivo/ Não a sabes conhecer/ Se tu me fores leal/ Serei firme até morrer.</i>
...	Moda	<i>Dá-me os teus braços/ Agora, agora/ Dá-me os teus braços/ Que eu vou-me embora.</i>
BRAVO	Cantiga	<i>Ai do Bravo/ Senhora Annica/ Se seu gallo canta/ O meu repenica.</i>
CÁ SEI	[...] em duas alas como na charamba, mas quando o homem canta, todos vão em	

	avançada á fileira das damas que recúa e foge com igual presteza, e quando alguma destas canta todas acometem a linha dos homens que da mesma sorte se retira.	
CARACOL	[...] caminhando á roda, pegadas as mãos, uma na cintura outra por cima do hombro, com muita presteza.	<i>Ai caracol/ Que eu bem to dizia/ Que papas á noite/ Faziam azia.</i> <i>Ai caracol/ Meu caracolinho/ Dá-me um abraço/ Que eu dou-te um beijinho.</i> <i>Ai caracol/ Meu doce alimento/ Que eu sempre te trago/ No meu pensamento.</i> <i>Ai caracol/ Meu caracolaço/ Dá-me um beijinho/ Que eu dou-te um abraço.</i>
MANGERICÃO	Também á roda, e passando adiante, a meia cantiga cantada, com toda a velocidade [...].	Estrilho: <i>Do verde limão/ E do manjericão.</i> <i>A flor do manjericão/ Não abre se não de noite/ Só por não dar a saber/ O seu segredo a outrem.</i> <i>A flor do manjericão/ Caia toda sobre mim/ Se tenho outro amor/ Se não a ti, serafim.</i>
PANDEIRINHO	[...] em roda ligeira e pulada [...].	Estrilho: <i>Bate pandeirinho/ Bate pandeiró/ Bate bem batido/ De uma banda só.</i> <i>Bate pandeirinho/ Bate prenda amada/ De uma banda tudo/ E de outra nada.</i> <i>Bate pandeirinho/ Torna a rebater/ Que esta moda nova/ Não me hade esquecer.</i>
LADRÃO	[...] se executa á roda com muita rapidez, dando ora a mão direita, ora a esquerda até chegarem aos seus logares d'onde começam uns a fazer voltas e cadeias com os braços no ar a modo de arcos	<i>Ó ladrão, ladrão/ Ó ladrão maldito/ Tu fallas e negas/ O que me tens dito.</i> <i>Se eu fora ladrão/ Como vossê é/ Nas cousas alheias/ Dera-lhe com o pé.</i>

	por baixo dos quaes passam outros pegados pela mão, que logo fazem o mesmo e assim por diante, sempre andando á roda, e com outras passagens, cantando quem primeiro ergue a voz. E ás vezes muitos a um tempo, versos pequeninos	<i>Mathias Leal/ Feito de breu/ Posto á janela/ Parece um judeu.</i> <i>Mathias leal/ Tem uma atafona/ Onde moe a mula/ Mais a sua dona.</i> <i>Mathias Leal/ Está mui penoso/ Que a filha mais velha/ Caza com um tinioso.</i>
AS MENINAS	[...] vão correndo á roda, e com tamanha rapidez, voltando-se, ora para um, ora para outro, que quase não há tempo de se dar pela mudança.	<i>Os teus olhos tem meninas/ Teus olhos meninas tem/ As meninas dos teus olhos/ Ás minhas não querem bem.</i> <i>Os teus olhos tem meninas/ Teus olhos meninas tem/ Ás meninas dos teus olhos/ É que as minhas querem bem.</i>
SAUDADE	Modinha O baile é á roda [...] voltados meia cantiga para um par, e meia cantiga para outro; mas com passo vagaroso e pausado [...] parando e curvando se para a terra enquanto se canta [...].	<i>Ó tiranna saudade/ Vem a mim tira-me a vida/ Que a prenda a quem eu amava/ Está de todo perdida.</i>
SUSPIROS-SUSPIROS	Modinha [...] á roda e pulada com rapidez [...].	
BONJARDIM	Modinha [...] á roda e pulada com rapidez [...]	
PATUSCO	Modinha [...] á roda e pulada com rapidez [...]	<i>Tape isso, ó Mané, tape isso/ Tape isso que ele lá vem/ Fugiram, tiveram medo/ Meteram-se em Santarem.</i>
HESPANHOLA ou FANDANGO		
CACHUCHA	[...] á roda, com muitos gestos, meneios e requebros, cantando versos pequeninos [...]	<i>Amar não é crime/ Os deuses amaram/ Um tão doce exemplo/ Os deuses deixaram.</i> <i>Maria cachucha/ Com quem dormes tu/ Eu durmo sosinha/ Sem medo nenhum.</i> <i>Amar não é crime/ É lei da</i>

		<i>razão/ É lei que domina/ Quem tem coração. Maria cachucha/ Com quem dormes tu/ Eu durmo sosinha/ Sem medo nenhum. Amar não é crime/ É lei natural/ É lei que domina/ A todo mortal. Maria cachucha/ Com quem dormes tu/ Eu durmo sosinha/ Sem medo nenhum.</i>
OS LINDOS AMORES	[...] também á roda, cantando o estribilho no meio e fim da cantiga	<i>O amor quer ser rogado/ Eu nunca roguei ninguém/ Ai que lindos amores que eu tenho/ Que os que tinha ja lá vão/ Arrenego do amor/ Que a poder de rogos vem/ Ai que lindos amores que eu tenho/ Meu bemsinho já lá vou. Amores ao longe, ao longe/ Que ao perto quem quer os tem/ Ai que lindos amores que eu tenho / Que os que tinha ja lá vão/ Quanto mais ao longe , ao longe/ Tanto mais se querem bem/ Ai que lindos amores que eu tenho/ Meu bemsinho ja aqui vem.</i>
A BELLA PASTORINHA	[...] á roda [...]	<i>Uma bella pastorinha/ Cativa meu coração/ Morro de amores por ella / Será minha perdição. O meu bem quer ser de todos/ Ó meu bem/ E quer que eu seja só seu/ Ó meu bem/ Seja la de quem quiser/ Ó meu bem/ Quem deus quiser será meu/ Ó meu bem.</i>
CHAMARRITA		<i>Chama-Rita tri-ló-ló/ Faz a cama e dorme só/ Chama- Rita, Chama-Rita/ Não lhe toques, que ele grita. Chama-Rita foi ás Flores/ Só por vêr os seus amores/ Chama-Rita foi e veio./</i>

		<i>Pelo caminho do meio. Chama-Rita vai e vem/ Sem se lhe dar com ninguém/ Chama-Rita agora, agora/ Dá-me a mão vamos embora.</i>
SAPATEIA	[...] Ora vão em roda grande todos pegados pelas mãos, uma na cintura, outra no ombro; ora soltos caminham dando, a esquerda depois a direita, umas vezes fazem cadeiAs de dous, trocando as mãos e formando uma especie de arco com os braços, e passando a parceira por baixo, dão ambos uma volta e ficam defronte um do outro, e assim por diante; outras vezes dividem-se em duas rodas e cada uma dellas faz o mesmo que faria se fosse um baile diferente; depois pondo-se em duas fileiras, cada um dos pares pegados pelas mãos corre a ocupar o lugar do outro, que vai tomar o seu, alternando-se todos desse modo, e a final passam ás cadeias de quatro, e então não vemos senão braços no ar, formando arcos para passarem por baixo outros pares e assim seguida e alternadamente os mais.	<i>Despedida, despedida/ Despedida quero dar/ Estes senhores e senhoras / Bem me podem perdoar. Despedida, despedida/ Despedida vou eu dar/ Quando te fores embora/ Contigo me has-de levar. Despedida, despedida/ Despedida torno a dar/ Tenho pae e tenho mãe/ Eu não te posso levar. Eu não te posso levar?/ Despedida torno a dar/ Vida sem ti não é vida/ Vida sem ti é acabar. Estava no meu cantinho/ Não bolia com ninguém/ Vossê foi quem me chamou/ Ande lá queira- me bem. Tu és minhas delícias/ O meu bem, o meu prazer/ Outra ventura não quero/ Hei de amar-te até morrer. Em te vê eu vejo a Deus/ Não sei se pecco, se não/ Trago a Deus no meu peito/ E a ti no meu coração.</i>

ANEXO A – POEMA SATÍRICO DE FR. JOSÉ DE SANTA RITA DURÃO

Exhaustos festiva meos aticare miolos Musa venhat, faunique pedem satyrique movendo Tu quoque, Mondego pernas lavare sueta, Gens lavadeira, fave, quotque branqueare meadas, Vel roupa lavarem solent, ubi limpidus errat Eirarum rius: cellis quicumque vagantur, Tobinique patres, et qui varapalibus altis Seu cabras, seu forte boves, picare soletis, Hórrida Cyclopum soboles, et quanta Cozelhis Suja tricana morat nostris. Rustica sceptrum canam, atque modo farfante labregum, Eirense de gente ortum, quo multa cavallis Turba villanorum Cellas intrare cad'anno Costumat... Jam magno numero ecce ruens batina per agros Rapaziada furens, timidi post terga villani Seixadas, murrosque jacit: quis cospit in illum, Quisve picat burram, puxatque hinc inde casacam. At sedet in magno nutans camponius heros Caesar equo, vultumque gerit, quem cuncta ruendo Gens ridet, gaudetque, socos seu dando punhadas. Ille tamem serius magno imperialis honore Majestatis abito mulo, quem praeit in alto, Monstrum ingens, inmane, rude atque horribile visu. Turba dein buris venit montata per agros Non mofina quidem: rijus plus rupe moleirus, Dura manus cavorum, nigro asperrima victu, Quique boves pastare solent, pecudesque cabrasque, Quos Vilarinus alit, genuit quos terra Vilellae, Gens alhibus quae farta broas mamare septenas Quotidie potuere, copos vasareque centum Est locus augustus postus sub limine chori, Quo solet adstanti non raro freira fallare, Et flores, cartasve foras emittere, vel, si Quis daret, accipere: hic Caesar villanus adibat, Hic abadessa, suis circum rodeata puellis, Augusto factura sahit pia mater honorem. Tum falam ibi audire solet, Caesaerque fallare. Stringitur hic miser, et, magna calcante caterva, Cuncta canalha premens vix jam non amagat euntem Caesarem. Eum religant (quid non potuere rapazes!), Ac longum cabeleira atant exinde rabixum Meiarum liguis, quas tum puxantibus illis, Ut cabeleira caiat, caiat carapuça, corona, Atque nihil, nisi calva, fiquet... Tum fugit a Eiras quaerit, sua regna, villanus	Ó Musa gaiata, vem aticar-me os miolos cansados Dansem faunos e sátiros E também tu, Mondego, que costumavas lavar As pernas da raça lavadeira Protege quantas costumavas branquear as meadas ou lavar a roupa, O puro rio de Eiras e ainda os que vadiam por Celas, Antepassados dos de Tobim, e os habituados a picar Com compridos varapaus as cabras ou os bois, Esses rebentos sinistros dos Ciclopes E toda a suja tricana que vive na nossa Cozelhas. Eu canto o poder rústico e o amanhã das favas dos campónios, Descendentes da raça dos eirenses E a grande multidão dos vilões a cavalo, Que costuma anualmente entrar em Celas. Eis que um grande número de rapaziada impaciente Se precipita pelos campos com uma batina, sobre as costas de um tímido vilão A quem se dão seixadas e murros: um cospe-lhe para cima, Outro pica-lhe a burra e puxa-lhe o casaco. Mas o campónio abanado, sentado como um grande herói, Como César a cavalo, mantém o porte. O povo amontoado acorre, ri e regozija-se, dando socos e punhadas. Ele porém impávido com a grande honra imperial Sai majestoso da mula, que avança à frente, Monstro enorme, descomunal, grosseiro e hediondo à vista. Uma multidão irrompe, montada em burros pelos campos, E nada mofina: com o seu moleiro mais rijo que um rochedo, Com a mão endurecida de ceifar para o repasto negro e grosseiro Que os bois costumavam comer. As ovelhas e as cabras Que Vilarino alimentou e criou em terras de Vilela, O povo desses sítios que pode mamar sete broas por cabeça E esvaziar centenas de copos. Há um canto estreito à entrada do coro, Onde, como frequentemente se testemunhou, era costume Uma freira falar E enviarem-se flores ou cartas, mandarem-se ou receberem-se. Aí se dirigiu o César vilão, Ali estava a abadessa, rodeada das suas meninas, Que saía, com uma mão piedosa, a dar as honras a Augusto. Pois aí se acostumara César a ouvir a fala e a falar. Aí o desgraçado é apertado e pisado pelo enorme ajuntamento, A canalha amontoada apertada e por pouco não esmaga O imperador que desfila. Prendem-no atrás (o que não podem os rapazes!) A seguir, atam-lhe à cabeleira um longo rabo de meias ligadas, Para que quando as puxarem caia a cabeleira, caia a carapuça, Caia a coroa, E nada fique, a não ser a careca... Então o vilão foge e procura Eiras e a sua realeza.